

Nietzsche

A vontade de poder

CONTRAPONTO

Nietzsche

A vontade de poder

CONTRAPONTO



Friedrich Nietzsche

A VONTADE DE PODER

TRADUÇÃO DO ORIGINAL ALEMÃO E NOTAS

*Marcos Sinésio Pereira Fernandes
Francisco José Dias de Moraes*

APRESENTAÇÃO

Gilvan Fogel

CONTRAPONTO

© desta edição, Contraponto Editora Ltda.

CONTRAPONTO EDITORA LTDA.

Av. Franklin Roosevelt, 23 / 1405

Rio de Janeiro, RJ - CEP 22292-970

Telefax: (21) 2544-0206 / 2215-6148

Site: www.contrapontoeditora.com.br

E-mail: contato@contrapontoeditora.com.br

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 5.988,
de 14.12.1973. É proibida a reprodução total ou parcial, por
quaisquer meios, sem autorização, por escrito, da editora.

1^a reimpressão: março de 2011

Tiragem: 2.000 exemplares

Revisão de originais

César Benjamin

Revisão tipográfica

Tereza da Rocha

Projeto gráfico

Regina Ferraz

Texto revisado segundo o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Os tradutores agradecem o apoio do

Laboratório Ousia de Estudos em Filosofia Clássica

do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ).

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N581v Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900

A vontade de poder / Friedrich Nietzsche ; tradução do original alemão e notas Marcos

Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes ; apresentação Gilvan Fogel. -

Rio de Janeiro : Contraponto, 2008.

Tradução de: Wille zur macht

ISBN 978-85-85910-96-9

1. Filosofia alemã. I. Título.

08-0504

CDD 193

CDU 1(43)

Sumário

Apresentação

Sobre a tradução

A VONTADE DE PODER

Prefácio

PRIMEIRO LIVRO: O NIILISMO EUROPEU

Como plano

I. Niilismo

1. Niilismo como consequência da interpretação de valor da existência até hoje
2. Causas mais distantes do niilismo
3. O movimento niilista como expressão da décadence
4. A crise: niilismo e pensamento do retorno

II. Para a história do niilismo europeu

- a) O obscurantismo moderno
- b) Os últimos séculos
- c) Sinais de fortalecimento

SEGUNDO LIVRO: CRÍTICA DOS MAIS ALTOS VALORES ATÉ HOJE

I. Crítica da religião

1. Do surgimento da religião
2. Sobre a história do cristianismo
3. O ideal cristão

II. Crítica da moral

1. Origem das estimações morais

2. O rebanho
3. Do moralismo universal
4. Como se leva a virtude à dominação
5. O ideal moral
 - A. Da crítica do ideal
 - B. Crítica do “homem bom”, do santo etc.
 - C. Da difamação das assim chamadas más propriedades
 - D. Crítica das palavras melhoramento, aperfeiçoamento, elevação
6. Consideração final para a crítica da moral

III. Crítica da filosofia

1. Considerações gerais
2. Para a crítica da filosofia grega
3. Verdade e erro dos filósofos
4. Consideração conclusiva para a crítica da filosofia

TERCEIRO LIVRO: PRINCÍPIO DE UMA NOVA VALORAÇÃO

- I. A vontade de poder como conhecimento
 - a) Método de investigação
 - b) O ponto de partida da teoria do conhecimento
 - c) A crença no “Eu”. Sujeito
 - d) Biologia da pulsão do conhecimento. Perspectivismo
 - e) Surgimento de razão e lógica
 - f) Consciência
 - g) Juízo. Verdadeiro - falso
 - h) Contra o causalismo
 - i) Coisa em si e manifestação
 - j) A necessidade metafísica
 - k) Valor biológico do conhecimento
 - l) Ciência

II. A vontade de poder na natureza

1. A interpretação de mundo mecanicista
2. A vontade de poder como vida
 - a) O processo orgânico
 - b) O homem
3. Teoria da vontade de poder e dos valores

III. A vontade de poder como sociedade e indivíduo

1. Sociedade e Estado
2. O indivíduo

IV. A vontade de poder como arte

QUARTO LIVRO: CULTURA E CULTIVO

I. Hierarquia

1. A doutrina da hierarquia
2. Os fortes e os fracos
3. O homem nobre
4. Os senhores da Terra
5. O grande homem
6. O homem superior como legislador do futuro

II. Dionisos

III. O eterno retorno

APRESENTAÇÃO

Gilvan Fogel¹

1. *A vontade de poder - tentativa de uma transvaloração de todos os valores* são textos e não uma obra de Friedrich Nietzsche.

Por *obra*, habitualmente, se entende e se subentende uma exposição sistemática, isto é, a apresentação de um tema, de um problema, de maneira articulada e *bem composta (sistema)*, seguindo um fio condutor, uma certa ideia ou concepção orientadora. A rigor, ainda que a concepção “vontade de poder” atravesse e conduza, quer explícita, quer implicitamente, todos os textos, *A vontade de poder - tentativa de uma transvaloração de todos os valores* não é isso - a saber, uma obra em sentido habitual ou canônico. Antes, trata-se de um apanhado de textos, de uma coletânea de anotações e de fragmentos, com base no vasto acervo póstumo [*Nachlass*] de Nietzsche, principalmente no que diz respeito às anotações do filósofo nos cadernos (uma incrível quantidade deles!) escritos na década de 1880, que foi a sua última década produtiva.

A primeira edição desta coletânea de textos surgiu em 1901, logo após a morte do filósofo (1900), com 483 fragmentos. Uma segunda edição, de 1906, com 1.067 fragmentos, constitui a versão mais conhecida e divulgada, que serviu de base para a presente tradução.

Tal coletânea foi organizada por Elizabeth Forster-Nietzsche (livros 2 e 4), irmã do filósofo, e por Peter Gast (livros 1 e 3), dileto amigo, segundo um plano de Nietzsche, datado de 17 de março de 1887. Há outros planos, diferentes esboços de Nietzsche, visando à organização de uma tal obra (*A vontade de poder - tentativa de uma transvaloração de todos os valores*) que,

por diversas circunstâncias, principalmente relacionadas à saúde, jamais veio à luz.²

Elisabeth Nietzsche e Peter Gast, apoiados no referido plano, subdividindo-o em capítulos segundo critérios próprios, ainda que com acenos nos escritos, tomado a divisão proposta no plano escolhido em quatro livros e servindo-se do acervo póstumo existente, foram *enchendo* esse esqueleto, *preenchendo*, *encorpando* e *engordando* esses livros, no caso da edição de 1906, com textos que, de acordo com o assunto, o teor ou a natureza deles, se mostravam oportunos para se *enquadrar* nos títulos-temas dos referidos livros do plano que estava sendo seguido. Não se sabe, evidentemente, se Nietzsche levaria a cabo a realização de uma tal obra planejada, qual seria o plano a seguir, se algum existente ou outro que viesse a ser concebido. Evidentemente, caso o fizesse, a disposição, a organização dos textos, assim como os próprios textos jamais seriam esta ou estes. Daí tratar-se, sim, de *textos* de Nietzsche, mas não de uma *obra* de Nietzsche.

É preciso que se enfatize: os textos são autênticos. Todos são da cunhagem, da lavra de Nietzsche. Não foram, como já se disse e se insinuou, distorcidos ou adulterados pelos organizadores. Não. Seu ordenamento e sua publicação, porém, não seguiram rigorosos critérios crítico-filológicos. Confrontados com a edição crítica, hoje disponível, se vê tratar-se de textos genuínos, ainda que, aqui ou ali, com pequenos erros e pequenos cortes, lacunas, não por alguma pretensa má-fé, mas por deslizes naturais de uma publicação que não segue normas crítico-filológicas próprias da acribologia científica. Isso é decisivo: os textos são autênticos e constituem uma rica coletânea de fragmentos da última década produtiva de Nietzsche. Uma tal coletânea, em versão integral, com os 1.067 fragmentos, era desconhecida por nós, no Brasil, em tradução para nossa língua. Hoje, na edição crítica, inicialmente organizada por G. Colli e M. Montinari, depois seguida por W.

Müller-Lauter e K. Pestalozzi, em Walter de Gruyter, Berlim, os textos estão diluídos no corpo da edição, de acordo com a ordem cronológica de suas respectivas redações.

Que não se leiam, pois, estes textos com o espírito e o intuito de aí descobrir alguma *sistematização* da obra e do pensamento de Nietzsche. Os textos não seguem, não obedecem a nenhum *plano*, ainda que em rigorosa unidade e consonância com o pensamento maduro de Nietzsche. É preciso, portanto, que vejamos tal *obra* como uma rica antologia de textos nietzschianos tardios. Diria Nietzsche, *dardos, flechas* lançadas contra nós, a nós...

Que dardos! Que flechas!

2. Vida, desde *O nascimento da tragédia*, sempre ocupou o centro do pensamento de Nietzsche. Vida, que em princípio não se refere a nenhum fenômeno da ordem do biológico, fala do que o grego, sob a designação de *psyché*, de modo amplo e geral, caracterizou como movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo. Assim também se assinala *começo* [*arché*], que não começa e não pode começar. Esta visão ou experiência caracteriza igualmente *círculo*, isto é, *inserção*. Inserção como estrutura de começo, de *arché*, *de vida*. Portanto, nada *fora* - além ou aquém. Princípio de si mesmo; princípio que não principia, começo que não começa. Então, irrupção súbita, gratuita, e isso, de novo, perfaz círculo, circularidade ou inserção.

Pois bem, essa estruturação ou fenômeno, que fala da experiência grega de *arché*, Nietzsche, mais ou menos a partir do *Zarathustra*, passa a denominar *vontade de poder* – *Wille zur Macht*. Esta noção, para Nietzsche, dá maior clareza, maior inteligibilidade à vida. Por que vontade? Por que poder? O que propriamente quer dizer isso?

Vontade, que não é nenhum poder da subjetividade humana, nada de decisão ou arbítrio de alguma faculdade subjetiva do homem, se refere,

antes, à *transcendência* que caracteriza a inserção, que perfaz o círculo que é vida, que é *arché*. Assim, vontade fala da espontaneidade do irromper da vida, de seu livre movimento de *autoexposição* ou *aparição*. Espontaneamente, gratuitamente, vida é acontecimento de vir à luz, fazer-se visível e, assim, *crescer*, isto é, agravar-se, intensificar-se. E isso mesmo é *poder*, à medida que é realização e, então, assim, impõe-se, impera, vige e vale. É força – *esta* força – concretizada. Vida é vontade de poder, quer dizer, desde nada, a partir de nada, movimento livre (gratuito, sem porquê, sem causa) *de, para [zur]* *aparição* e, então, assim, imposição, vigência – poder. Vida, enquanto e como vontade de poder, é a fala do extraordinário, do *milagre* que o grego experimentou como o elementar de ser-aparecer. Sim, isto, a vida, é o elementar ou *o elemento* – o *medium*. A tendência, ou melhor, o espontâneo desse aparecer, portanto o próprio de vida e de vontade, é *crescer*. Não crescer no sentido somativo, aglutinante, avolumando-se e agigantando-se (engordando!), mas crescer como se agravar, *se intensificar* e, assim, de algum modo, ganhar clareza, nitidez e lucidez na sua própria história [*Geschichte*], isto é, no seu próprio destino ou envio histórico, pois é *isso* que, verdadeiramente e em última instância, está em questão. Então, nesse sentido, é envio, destino e crescimento, isto é, intensificação de poder. Esse crescimento, essa clareza ou evidência de destino ou de envio histórico pode e até precisa ser também o crescimento e a intensificação do obscuro, da sombra, do insondável. Portanto, nenhuma veleidade faustiana ou nada de vontade cartesiana de *representação* clara e distinta. Esse crescimento, essa intensificação própria de vida, de vida ascendente, se caracteriza por um fazer-se ou tornar-se cada vez mais econômico, mais *simples*, e isso se mostra exemplarmente na arte, na criação artística, enfim, na obra de arte.

3. A década de 1880, na vida de Nietzsche, constitui o período de maior lucidez, de maior intensidade de seu pensamento - de maior poder. É quando seu pensamento está mais afinado com a gravidade de sua tarefa e mais afiado para sua consecução. Essa lucidez coincide com a cunhagem do pensamento vida como vontade de poder. À luz desse conceito, dessa “psicologia e morfologia da vida”, como ele mesmo denomina, Nietzsche, ou melhor, *esse conceito* vai medir-se, isto é, confrontar-se, discutir com a tradição filosófica do Ocidente. Em questão está a própria filosofia, a metafísica, o saber radical, de princípio e de fundamento. Enfim, em questão está *a ciência, die Wissenschaft*, na designação quase pomposa do idealismo alemão, ou seja, o saber (metafísica, ontologia), de modo geral. Este saber, em geral, aparece encarnado em seus grandes domínios: o conhecimento, a lógica, a moral, a teologia (cristianismo), a política, a arte. Em questão estarão conceitos orientadores como substância, verdade, causalidade, fundamento, sujeito, eu, consciência, representação, movimento, repouso, um, múltiplo, todo, parte, aparência, essência, teleologia, história etc.

Desde vontade de poder, como um pensamento fundamental, então, um saber de princípio, esses conceitos básicos da tradição, *inclusive a própria vontade de poder*, no jogo da confrontação, são vivissecionados e, assim, atravessados, perpassados – superados. Superar não é eliminar, excluir. Não se trata de eliminação histórica, de anulação e exclusão de tradição. Ao contrário, é assunção, incorporação. Superar fala, sim, de ultrapassar, de um ir sobre, para além e, *assim*, incorporar tais conceitos desde um outro horizonte, a partir de um outro *registro*, a saber, princípio, vida, visto (ou vista) enquanto e como vontade de poder e, claro, tudo que isso implica.

Superação, ultrapassamento da metafísica é uma conquista histórica do homem ocidental europeu, do tipo do humanismo greco-cristão, a partir da qual ele se transporta ou se transpõe, como dito, para um novo registro.

Melhor, reconquista um velho, um velhíssimo e antiquíssimo modo de ser: a própria vida como vontade de poder, que constitui um tônus, uma tensão vital, na qual e desde a qual a *tendência para substância, a vontade de verdade* é ultrapassada, superada, ou seja, é buscada, mesmo realizada e também sempre perdida, largada, abandonada, *esquecida* em favor do nada do fundo ou do fundamento e como sendo justamente isso e, assim, a realização do próprio sentido da vida, da existência, sem nenhum sentido. Inútil, no sentido de sem sentido (!) ou sem finalidade alguma para além ou aquém da própria circularidade (finitude) da vida. Vontade de poder é o caminho trilhado por Nietzsche para essa conquista, para a conquista de um, *desse* fracasso. Tal conquista, a desse fracasso constitutivo, é doadas ao homem, à humanidade ocidental, sob a forma de “*Übermensch*”, o *supra-homem, o para-além-do-homem*. No pensamento de Nietzsche, isso corresponde à *categoría criança*.

Nos textos enfeixados sob o título *A vontade de poder – tentativa de uma transvaloração de todos os valores* é preciso também se ouvir, se subouvir, a cada passo, a pergunta de Zaratustra: “Quem deve ser o senhor da Terra?” *Terra* é um outro nome para dizer o acontecimento gratuito, essencialmente finito, sem porquê, sem para quê, da vida. E: “Quem deve ser o senhor da Terra?” Não é o homem insurgido, rebelado, o tipo do ressentimento e da vingança, o homem da vontade escrava, hoje, o homem da racionalidade técnica e da tecnociência, mas a real resposta de Zaratustra soa: *senhor da Terra há de ser aquele que obedece ao sentido da Terra*. O sentido da Terra é vontade de poder, isto é, livre e espontâneo crescimento-intensificação do acontecimento vida. Desde nada, para nada, inutilmente. A obra de arte, por exemplo.

A tradução destes 1.067 fragmentos, que põe à nossa disposição um riquíssimo material do espólio de Nietzsche, é muito oportuna e ficamos

gratos a ela.

Petrópolis, 7 de janeiro de 2008

1 Doutor em filosofia pela Karl-Ruprecht Universitat, Heidelberg, Alemanha, e professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de *Da solidão perfeita* (Petrópolis, Vozes, 1998) e *Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche* (São Paulo / Ijuí, Discurso Editorial / Editora Unijuí, 2003).

2 Esse plano, de 17 de março de 1887, encontra-se em *Kritische Gesamtausgabe, Herausg. Von Giorgio Colli u. Mazzino Montinari, Walter de Gruyter*, Berlim, 1974, viii-1, 7 [64]; quanto a outro plano, ver, por exemplo, op. cit., 6 [26]. E também, como último plano, op. cit., 1972, viii-3, 18 [17].

SOBRE A TRADUÇÃO

Marcos Sinésio Pereira Fernandes

Francisco José Dias de Moraes

Nietzsche nunca chegou a escrever um livro chamado *A vontade de poder*. No entanto, todos os aforismos que este livro contém foram, sem dúvida, escritos por ele. O que, de fato, não é de autoria desse pensador é a ordenação dos aforismos sob os respectivos títulos que dividem a obra. Isso é o resultado de uma compilação efetuada por sua irmã Elizabeth Förster-Nietzsche e por um discípulo e amigo, Peter Gast, que, juntos, publicaram a obra duas vezes, uma em 1906, nos volumes IX e X da “Edição de bolso” das *Obras de Nietzsche*, outra em 1911, nos volumes XV e XVI da “Grande edição in oitavo”. A décima terceira edição da Kroner, a partir da qual traduzimos, baseia-se nos aforismos selecionados para essas duas edições. Além disso, cada aforismo foi comparado com o texto dos *Fragmentos póstumos*, estabelecido por Giorgio Colli e Mazzino Montinari na *Kritische Gesamtausgabe* (edição crítica das obras completas de Nietzsche) a partir dos manuscritos do próprio Nietzsche. Todavia, sabe-se hoje, por intermédio de cartas e de anotações pessoais de Nietzsche, que este contava realmente publicar um livro, com o título *A vontade de poder*, que conteria a súmula de toda a sua filosofia, e para o qual o seu *Zaratustra* serviria de preâmbulo. É o que podemos constatar no seguinte trecho da carta escrita a Franz Overbeck no dia 7 de abril de 1884:

Nos últimos meses tenho promovido os meus conhecimentos de “história do mundo”, com arrebatamento, ainda que com muitos resultados terríveis. Não lhe mostrei uma vez a carta de Jacob Burckhardt, que me esfregou no nariz a “história do mundo”? Caso vá para Sils-Maria no verão, pretendo empreender uma revisão de minha metafísica e de meus pontos de vista

epistemológicos. Passo a passo, tenho agora que atravessar uma série de disciplinas, pois me decidi, daqui para diante, empregar os próximos cinco anos ao acabamento de minha “filosofia”, para a qual construí uma antecâmara com o meu *Zaratustra*.

Nos *Fragments póstumos*, editados por Giorgio Colli e Mazzino Montinari na *Kritische Studienausgabe* (que aqui será sempre a nossa referência, quanto à carta e aos fragmentos), apresentam-se vários títulos que deveriam ser antepostos a esta obra capital. Pela primeira vez vemos a menção de *A vontade de poder* no fragmento póstumo 1 [35], *outono de 1885-primavera de 1886*:

A vontade de poder

A tentativa de uma nova interpretação de todo acontecer
de
Friedrich Nietzsche

No fragmento póstumo 2 [100], *outono de 1885-outono de 1886*, podemos ler nova alusão ao título:

A vontade de poder
Tentativa
de uma transvaloração de todos os valores
Em quatro livros.

Primeiro livro: o perigo dos perigos (apresentação do niilismo) (como *da necessária consequência das valorações de até agora*).

Segundo livro: crítica dos valores (da lógica etc.).

Terceiro livro: o problema do legislador (nisso, a história da solidão). *Como os homens têm de ser constituídos para avaliar de maneira inversa?*
Homens, que têm todas as propriedades da alma moderna, mas são fortes o bastante para transformá-la em saúde pura.

Quarto livro: o martelo seu³ meio para a sua tarefa

Foi segundo um plano elaborado por Nietzsche para essa obra, em 1887, que sua irmã e Peter Gast compuseram o livro *A vontade de poder*, compilando e ordenando, de maneira muitas vezes arbitrária, os fragmentos em torno da data em que o filósofo manifestou a intenção de elaborar a sua obra mestra, na carta que citamos acima, até a época de seu colapso em Turim. Podemos encontrar na *Kritische Studienausgabe* esse plano de 1887 como o fragmento póstumo 7 [64], *final de 1886-primavera de 1887*:

[trecho perdido] *de todos os valores*

Primeiro livro

O niilismo europeu

Segundo livro

Crítica dos valores superiores

Terceiro livro

Princípio de um novo estabelecimento de valor

Quarto livro

Disciplinamento e cultivo

Esboçado no 17 de março de 1887, Nizza.⁴

Até o plano da obra, portanto, é do próprio Nietzsche. Somente a escolha e a ordenação dos aforismos é que se devem a Elizabeth Forster-Nietzsche e a Peter Gast – o que não deixa de ter importantes determinações no sentido da obra. Quanto à irmã de Nietzsche, seja por má-fé, seja por falta de cuidado filosófico, trocou palavras e corrompeu alguns trechos do original.

Felizmente, a edição crítica em que nos baseamos, a décima terceira edição da Kroner, corrige essas distorções mediante a comparação de cada aforismo com o texto dos *Fragmentos póstumos* estabelecido por Giorgio Colli e Mazzino Montinari a partir dos manuscritos do próprio Nietzsche, que foram a fonte original. Por exemplo, no aforismo 25, em que, em vez de “*Nonchalance*” [despreocupação], que constava no manuscrito original de Nietzsche, a sua irmã havia posto “*Radikalismus*” [radicalismo]; ou no aforismo 109, onde, no lugar de “*der Menschen*” [dos homens], constava “*der Kleinlichen*” [dos pequenos]; ou no aforismo 619, onde, no lugar de “*innerer Wille*” [vontade íntima], constava “*innere Welt*” [mundo íntimo]. Mas Peter Gast, por ter gozado de grande intimidade com Nietzsche, respalda, em particular, o valor da organização da obra. Durante o inverno de 1875-1876, Peter Gast (apelido de Heinrich Koselitz) transferiu sua moradia, junto com o amigo Heinrich Widemann, de Leipzig para a Basileia, só para assistir aos cursos de Nietzsche, depois de ter lido alguns de seus textos, especialmente *O nascimento da tragédia*. A partir de então, a relação entre ele e Nietzsche estreitou-se cada vez mais, até o ponto daquele ter se tornado uma espécie de secretário deste: com efeito, trechos inteiros da obra de Nietzsche foram ditados a Peter Gast, que também discutia com o pensador o sentido íntimo dessa obra. A relação entre os dois perdurou até o colapso mental de Nietzsche, em Turim, em 3 de janeiro de 1889. Por isso afirmamos acima que a autoridade de Peter Gast é o arrimo mais significativo para conferir valor à organização dos aforismos. Quanto à intervenção de ambos os organizadores de *A vontade de poder*, informamos ainda que constam entre colchetes os acréscimos e adições que Peter Gast e Elizabeth Förster-Nietzsche fazem ao longo de toda a obra.

A vontade de poder, tal como saiu na edição crítica da Kroner em que nos baseamos (a décima terceira), divide-se em quatro livros: 1. O niilismo

europeu, 2. Crítica dos mais altos valores até hoje, 3. Princípio de uma nova valoração e 4. Cultura e cultivo [*Zucht und Züchtung*]. Uma vez esclarecida a origem do livro, não vemos razão para modificar a ordem dos fragmentos, ou para integrar novos fragmentos, como fizeram outras traduções da obra. Essas modificações, ao nosso ver, só conseguiram criar mais dificuldades para a identificação dos fragmentos, pelo fato de a ordem e, consequentemente, a numeração dos aforismos serem então modificadas, variando completamente de uma edição para outra.

Além do respaldo histórico, que tentamos resumir, não vamos nos eximir da responsabilidade de dar o nosso testemunho em favor da força expressiva que esta seleção e organização dos *Fragmentos póstumos* tem para explicitar o pensamento de Nietzsche. O desenvolvimento da obra que aqui traduzimos oferece um conjunto capaz de descortinar toda a amplitude e o enraizamento do pensamento mais maduro do filósofo.

Queremos ainda tratar de uma questão que concerne diretamente a uma orientação que tomamos nos primeiros passos desta tradução. Optamos, como se pode constatar, por traduzir o título por *A vontade de poder*. Essa opção, porém, não se fez sem hesitação, sem cisma, sem muita meditação. Ficamos tentados, particularmente, por outra opção: *A vontade de potência*. Na verdade, essa foi a nossa primeira preferência. Os obstáculos apresentaramse no decorrer da tradução: teríamos que forçar muitas passagens que clamavam para que “*Macht*”, do título alemão da obra [*Der Wille zur Macht*], fosse traduzida pela nossa palavra “poder” – e não “potência”. Pusemo-nos a refletir e compreendemos que, afinal, tudo o que queríamos dizer, se traduzíssemos a palavra alemã por “potência”, não se perderia se a opção fosse “poder”. A decisão se fortaleceu quando consideramos que a anteposição de um prefácio poderia muito bem cumprir o papel de chamar atenção para a importância do que está em jogo nessas

palavras e o que cabe conservar para manter uma correspondência essencial com o pensamento de Nietzsche.

Cremos que o centro gravitacional do título é a palavra “vontade”. O pensamento de Nietzsche herdou essa palavra do de Schopenhauer e, secundariamente, do de Kant. Ela é o elo que liga Nietzsche a toda tradição filosófica, em seu assumir e repudiar. Por isso, convém que primeiro nos debrucemos sobre ela para ganharmos o foco das palavras que Nietzsche achou por bem antepor à obra que deveria ser a súmula do seu pensamento.

O original alemão *Der Wille zur Macht* diz algo como “A vontade direcionada e voltada para o poder”. Este é o sentido conferido pela preposição “zu” (“para”). “A vontade de poder” diz, portanto, a vontade, o modo de ser, que se estrutura em consonância com o poder. Mas o que quer dizer poder? Poder não é aqui, como facilmente se poderia pensar, o poder já instituído e estabelecido, como o poder político, de modo que “vontade de poder” estaria a dizer algo como “desejo cobiçoso de poder”. “Vontade de poder” é, antes, a vontade em que o próprio poder é poder, em sua força de possibilização. Todo empenho vigoroso e pleno de si é uma vontade que, por si mesma e desde si mesma, manifesta poder e é poder. Nós dizemos: “querer é poder”.

O que há na vontade, à primeira vista, é uma transição. Vontade é a transição humana mais engajada do próprio empenho do homem em seu dirigir-se, dispor-se, orientar-se. Trata-se também de vontade oculta, reprimida, inconsciente, subconsciente, pervertida etc. Em todos os casos, afirmamos, está em jogo o empenho mais autêntico do homem, de acordo com Nietzsche. Dizemos, comumente, vontade de alguma coisa. Com isso estamos indicando: a vontade liga e empenha o homem sempre com referência a “alguma coisa”. Trata-se aqui do “objeto” da vontade. Vontade é sempre falta de... alguma coisa. Vontade é constitutivamente falta. Por isso

foi proclamado: superior à vontade é sempre a satisfação, a completeza, o contentamento - o conter-se como completeza: a identidade: o ser. Mas, depois de todo contentamento, de toda completeza, renasce, como a Fênix das cinzas, sempre de novo: vontade – eis a mensagem que nos traz o pensamento de Nietzsche. A identidade da vontade, o voltar a si – o buscar-se eterno constitutivo de vontade – é um empenho eterno, é a eterna tensão da falta, da transição, do devir: seu vigor, sua força, sua potência, seu poder estão concentrados nessa ausência que a faz, justamente, vontade como cerne essencial de todas as coisas, como abertura essencial de todo o universo para o eterno trans-formarse. A ligação consigo mesma da vontade, a sua “identidade” (no que contrasta com a ontologia, com o pensamento do ser, do que é o mesmo consigo mesmo: contrastando com o que é a unidade, a completude, a plenitude), faz-se de modo que vontade seja um eterno lançar-se para si mesma, seja um pro-mover-se eterno, um pro-jeto que porta em sua inerência um nada propulsor, nada que é falta constitutiva da própria essência anelante da vontade. Sendo assim, a vontade cada vez, em cada criação sua, desvencilha-se das determinações e regularidades de cada ente e lança-se para si, para permanecer sempre vontade, como o fundo e sentido último de todas as coisas. Por isso a força de atração e repulsão de todas as coisas, por isso a dança dos planetas, estrelas e do que chamamos de átomos: por isso a abertura de toda a realidade para, sempre renovadamente, combinar-se, transformar-se: por isso a vigência eterna do devir. Em *O nascimento da tragédia*, quando o pessimismo de Schopenhauer não havia sido ultrapassado por Nietzsche, esse caráter da vontade resultava em que a pura vontade era o puro anelo, a pura necessidade, a pura dor. Por isso, nesta obra, Nietzsche menciona um Uno-originário (*Ur-Eine*) de pura dor: que exige a ilusão, a representação, o mundo fenomênico e, sobretudo, a arte para extravasar-se de sua dor, para

exorcizar a pura angústia, o puro anelo no exteriorizar-se da aparência, do fenômeno. Esse pensamento de Nietzsche já permitia uma crítica à ciência, uma crítica a toda vontade de verdade: pois a verdade é aqui o propriamente insuportável: é o núcleo de toda dor da vontade, que nos faz necessária a ilusão: como a vista foge de olhar o sol, a própria fonte do que lhe faz ver, desviando-se e apaziguando-se no que é iluminado.

Com o desdobramento do pensamento de Nietzsche até o surgimento da vontade de poder como cerne de toda realidade, a necessidade da vontade, o anelo, foi descobrindo-se como a sua força, a sua tonicidade, o seu máximo poder. A dinâmica da vontade passa a ser vontade de poder: a vontade lança-se de toda criação sua para sempre novamente reconquistar a sua tonicidade, a qual é intensificada justamente no encontro de resistência ao poder da vontade: na resistência ao vigor inerente ao movimento criativo encontra-se a falta que tensiona, intensifica a vontade. O açambarcamento de forças, o vencer resistências, o apropriar-se do sentido de todas as forças resistentes é a intensificação da potência, do poder inerente à própria dinâmica da vontade, que, mesmo quando esmaece, prepara o seu renascimento a partir da própria intensidade de sua angústia, de sua falta: que só poderá ser assumida pela afirmação, pela transformação da falta, do nada em tonicidade do querer. A completeza e a permanência, por outro lado, são perdas do vigor da vontade, que é sempre um pro-jeto, um lançar-se. A última palavra da realidade é dada ao devir, segundo o pensamento de Nietzsche. Potência é a tensão do arco do querer – que envolve essencialmente falta, constituída pela resistência. Poder é a possibilidade de realização que sempre pressupõe essa tensão e o suportar dessa tensão para assunção do criativo – que uma vez no Ocidente, na aurora da filosofia, foi chamado de *physis*.

Que isso nos baste como comentário do título da obra de que aqui nos ocupamos de traduzir. De resto, os aforismos falam por si mesmos.

3 “Seu” refere-se a “homens”, cuja menção consta no final do conteúdo explicitado do terceiro livro.
[N.T.]

4 Cidade do litoral da Provença, região no Sul da França. [N.T.]

A VONTADE DE PODER

PREFÁCIO

1

Grandes coisas exigem que nos calemos a seu respeito ou que falemos com grandeza: grandeza quer dizer: com inocência, – cinicamente.

2

O que conto é a história dos dois próximos séculos. Descrevo o que vem, o que não pode mais vir de outro modo: *o advento do niilismo*. Essa história pode já agora ser contada: pois aqui obra a própria necessidade. Esse futuro pronuncia-se em cem sinais, esse destino anuncia-se por toda parte; para essa música do futuro, todos os ouvidos estão afinados. Toda a nossa cultura europeia move-se já, desde há muito, com a tortura de uma tensão, que cresce de década a década, como se estivesse encaminhando-se para uma catástrofe: inquieta, violenta, precipitada: como uma correnteza que anseia por chegar *ao fim* e que não mais se lembra, tem medo de lembrar-se.

3

– Aquele que aqui toma a palavra, por outro lado, não fez até agora nada mais senão *lembrar-se*: como um filósofo e eremita por instinto, que encontrou vantagem no ficar à parte, de fora, na paciência, na procrastinação [*Verzogerung*], no fato de ter ficado para trás; como um espírito-ousado-experimentador, que alguma vez errou por cada labirinto do futuro; como um espírito-de-pássaro-vaticinador [*Wahrsagevogel-Geist*] que *olha para trás* quando conta o que virá; como o primeiro niilista consumado da Europa, que, todavia, já viveu, ele mesmo, o niilismo em si até o fim, – que o tem atrás de si, abaixo de si, fora de si...

4

Que não haja disputas sobre o sentido do título com o qual este evangelho-do-futuro quer ser chamado. “A *vontade de poder*. Tentativa de uma transvaloração de todos os valores” - com essa fórmula expresso um *contramovimento*, no que toca ao princípio e à tarefa: um movimento que substituirá em algum futuro aquele niilismo consumado; mas que, todavia, o pressupõe, lógica e psicologicamente, que tão somente pode vir *sobre ele e a partir dele [auf ihn und aus ihm]*. Por que o advento do niilismo é doravante *necessário* ? Porque nossos valores até agora são aqueles mesmos que o acarretam como a sua última consequência; porque o niilismo é a lógica de nossos grandes valores e ideais pensada até o fim, - porque nós primeiro tivemos que vivenciar o niilismo para descobrir, ver por trás o que era propriamente o *valor* desses “valores”... Teremos necessidade, algum dia, de novos valores...

PRIMEIRO LIVRO

O NIILISMO EUROPEU

O NIILISMO EUROPEU

1

[COMO PLANO]

O niilismo está à porta: de onde nos vem esse mais inquietante de todos os hóspedes? –

1. Ponto de partida: é um *erro* apontar para “calamidades sociais” [“*soziale Notstande*”] ou para “degeneração fisiológica” ou até para corrupção como *causa* do niilismo. Esta é a época mais honesta, mais compassiva. Miséria, miséria mental, corporal, intelectual não são capazes em si, absolutamente, de produzir niilismo, isto é, a recusa radical de valor, de sentido, de desejabilidade [*Wünschbarkeit*]. Essas misérias sempre permitem interpretações inteiramente diversas. Mas sim: em uma *interpretação plenamente determinada*, na cristã-moral, finca-se [*steckt*] o niilismo.

2. A derrocada do cristianismo – em sua *moral* (que é insubstituível –) que se volta contra o Deus cristão (o sentido da veracidade, desenvolvido em alto grau pelo cristianismo, tem nojo da falsidade e da hipocrisia de toda interpretação cristã de mundo e da história. Recuo do “Deus é a verdade” para a crença fanática do “Tudo é falso”. Budismo da *ação*...).

3. Ceticismo em matéria de moral é o decisivo. A derrocada da interpretação *moral* de mundo, que não tem mais nenhuma *sanção* depois de ter tentado refugiar-se no além: termina em niilismo. “Nada tem sentido algum” (a inexequibilidade de uma interpretação de mundo à qual foi dedicada monstruosa força – desperta a desconfiança de que *todas* as interpretações de mundo sejam falsas –) traço budista, nostalgia e ânsia [*Sehnsucht*] pelo nada. (O budismo indiano *não* tem um desenvolvimento

fundamentalmente moral por trás de si; por isso nele somente o niilismo é a moral insuperável: existência como castigo e existência como erro, combinadas; o erro, portanto, como castigo - uma avaliação moral). As tentativas filosóficas de superar o “Deus moral” (Hegel, panteísmo). Superação do ideal popular: o sábio. O santo. O poeta. Antagonismo entre “verdadeiro”, “belo” e “bom” – –

4. Contra a “falta de sentido”, de um lado, e contra os juízos morais, de outro: em que medida toda ciência e toda filosofia estiveram até agora sob juízos morais? E se com isso não compramos junto a inimizade à ciência? Ou a anticientificidade? Crítica do spinozismo. Os juízos de valor cristãos remanescentes por toda parte, nos sistemas socialistas e positivistas. Falta uma *crítica da moral cristã*.

5. As consequências niilistas da atual ciência da natureza (junto com suas tentativas de escafeder-se no além). De sua empresa *segue-se* finalmente uma autodecomposição, uma virada contra *si*, uma anticientificidade. Desde Copérnico o homem rolou para fora do centro, para uma incógnita [*Seit Kopernikus rollt der Mensch aus dem Zentrum ins x*].

6. As consequências niilistas da maneira de pensar política e econômicopopular, na qual todos os “princípios” acabam pertencendo ao domínio do espetáculo: o hálito de mediocridade, de mesquinharia, de falta de probidade etc. O nacionalismo, o anarquismo e outros castigos. Faltam a classe e o homem *redentores*, os justificadores –

7. As consequências niilistas da história e do “historiador *prático*”, ou seja, o romântico. A situação da arte: absoluta *não* originalidade de sua posição no mundo moderno. Sua obscuridade. O pretenso caráter olímpico de Goethe.

8. A arte e a preparação do niilismo. Romantismo (o desfecho dos *Nibelungos*⁵ de Wagner).

5 Famosa tetralogia composta por Richard Wagner (1813-1883), intitulada *O anel dos Nibelungos* e que contém as seguintes peças, em ordem sucessiva: “O ouro do Reno”, “A valquíria”, “Siegfried” e “O crepúsculo dos deuses”. No final dessa última peça, o rio Reno submerge todos os personagens, como desfecho da tetralogia. [N.T.]

I. NIILISMO

[1. *Nihilismo como consequência da interpretação de valor da existência até hoje*]

2

Que significa niilismo? – Que os valores supremos desvalorizem-se. Falta o fim; falta a resposta ao “Por quê?”

3

O niilismo *radical* é a convicção de uma absoluta inconsistência da existência quando se [trata] daqueles valores que se reconhecem como os mais altos, adicionado o *entendimento* de que nós não temos o mínimo direito de acrescentar um além ou um em-si das coisas que seja “divino” ou moral de carne e osso [*leibhafte*].

Esse entendimento é uma consequência da “veracidade” acrescida: portanto, ele mesmo é consequência da crença na moral.

4

Que vantagens ofereceu a hipótese moral cristã?

1. Ela empresta ao homem um *valor* absoluto, em contraposição à sua pequenez e contingência na torrente do devir e do passar;
2. serve aos advogados de Deus, à medida que ela deixou ao mundo, apesar do sofrimento e do mal, o caráter de perfeição, – computada aquela “liberdade” – o mal apareceu cheio de *sentido*;
3. pôs um saber sobre valores absolutos no homem e deu-lhe, por conseguinte, justamente *conhecimento adequado* do mais importante;

4. preveniu que o homem se desprezasse como homem, que tomasse partido contra a vida, que desesperasse do conhecer: ela foi um meio de *conservação*.

In summa: a moral foi o grande *antídoto* contra o *niilismo* prático e teorético.

5

Mas entre as forças que a moral acresceu estava a *veracidade*: esta volta-se finalmente contra a moral, descobre sua *teleologia*, seu modo de considerar *interessado* – e agora o *entendimento* [*Einsicht*] atua [*wirkt*] nessa mentira encarnada há muito, da qual se desespera de livrar-se, como estimulante. Constatamos agora necessidades em nós, implantadas pela interpretação moral desde há muito, que nos aparecem como necessidades do não verdadeiro: por outro lado, aquelas necessidades nas quais o valor parece estar [*zu hangen scheint*] nos fazem suportar viver. Esse antagonismo – *não valorizar* [*schatzen*] o que conhecemos, e *não mais poder valorizar* o que gostaríamos de nos impingir como mentira [*was wir uns vorlügen mochten*]: – resulta em um processo de dissolução.

6

Esta é a antinomia:

Enquanto acreditamos na moral, *condenamos* a existência.

7

Os valores superiores, a serviço dos quais o homem *devia* viver, quando aqueles dispunham deste com muito peso e implicavam alto custo: – esses *valores sociais* foram erguidos sobre o homem com o objetivo de *fortalecer seu tom*, como se fossem mandamentos de Deus, como “realidade”, como mundo “verdadeiro”, como esperança e mundo *futuro*. Agora, quando a origem mesquinha desses valores torna-se clara, o todo nos parece, com isso, desvalorizado, “sem sentido” – mas isso é somente um *estado intermediário*.

A consequência *niilista* (a crença na ausência de valor) como resultado da valoração moral: – *o egoístico frustrou-se em nós*⁶ (mesmo depois do entendimento da impossibilidade do não egoístico); – *o necessário frustrou-se em nós*⁷ (mesmo depois do entendimento da impossibilidade de um *liberum arbitrium* e de uma “liberdade inteligível”). Vemos que não alcançamos a esfera na qual depusemos os nossos valores – com isso, a outra esfera, na qual vivemos, ainda não ganhou, *de modo algum*, em valorização: ao contrário, estamos cansados porque perdemos o nosso principal impulso [*Antrieb*]. “Em vão, até agora!”

O pessimismo como forma prévia do niilismo.

O pessimismo como robustez – em quê? Na energia de sua lógica, como anarquismo e niilismo, como analítica.

Pessimismo como decadênci – em quê? Como enterneциamento, como sensitividade cosmopolita, como “*tout comprendre-*”⁸ e historicismo.

– *A tensão crítica:* os extremos põem-se em primeiro plano [*kommen zum Vorschein*] e predominam.

A lógica do pessimismo até o último niilismo: o que pulsa [treibt] aí? – conceito da *ausência de valor, da falta de sentido*: em que medida valorações morais estão por trás de todos os outros altos valores.

– Resultado: *os juízos de valor morais são condenações, negações; moral é o dar as costas à existência por parte da vontade...*

[DESMORONAMENTO DOS VALORES COSMOLÓGICOS]

1.

O *niilismo* como *estado psicológico* terá de se declarar primeiro quando procurarmos em todo acontecimento um “sentido” que não há aí: assim, quem procura perde finalmente o ânimo. Nihilismo é então o tornar-se consciente do grande e duradouro *desperdício* de força, o tormento do “em vão”, a insegurança, a falta de oportunidade de recuperar-se de qualquer modo, de ainda repousar sobre alguma coisa – a vergonha de si mesmo, como de alguém que se tivesse enganado durante muito tempo... Aquele sentido poderia ter existido: a “completeza” de um supremo cânon moral em cada acontecer, a ordenação moral do mundo; ou o incremento do amor e da harmonia na interação dos entes; ou a aproximação de um estado de felicidade universal; ou mesmo o partir para um estado de nadificação universal – um fim ainda é sempre um sentido. O comum a todas essas espécies de representação é que um algo, por meio do processo mesmo, deve ser *alcançado*: – e agora comprehende-se que, com o devir, *nada* se alcança, *nada* é alcançado... Portanto, a desilusão com um pretenso *fim do devir* como causa do nihilismo: seja com relação a um fim bem determinado, seja, generalizadamente, o entendimento [*Einsicht*] da insuficiência de todas as hipóteses de fim até hoje, que concernem a todo “desenvolvimento” (– o homem *não* mais colaborador, quanto menos o centro do devir).

O nihilismo como estado psicológico declara-se, *em segundo lugar*, quando se postulou uma *totalidade*, uma *sistematização*, uma *organização* em todo acontecimento e sob todo acontecimento: de modo que a alma sequiosa de admiração e de veneração sacie-se na representação de conjunto de uma suprema forma de governo e de domínio (– se for a alma de um lógico, então, para reconciliar-se com tudo, já é suficiente a absoluta correção das consequências e a dialética realista [*Realdialektik*]...). Uma espécie de unidade, qualquer forma do “monismo”: em consequência dessa crença, o homem com o sentimento profundo de uma conexão com e dependência de um todo infinitamente superior a ele, um modo da divindade... “O bem do universal exige a entrega do indivíduo”... mas, olhe aí, não existe nenhum tal

universal! No fundo, o homem perdeu a crença em seu valor se, por meio dele, não age um todo infinitamente valioso: isto é, ele concebeu um tal fim para poder acreditar em seu valor.

O niilismo como estado psicológico tem ainda uma *terceira* e *última* forma. Dados estes dois *entendimentos* [*Einsichten*]: que, com o devir, nada deve ser alcançado e que, sob o devir, não impera [*waltet*] nenhuma grande unidade na qual o indivíduo deve submergir completamente como em um elemento de um supremo valor: resta então, como *subterfúgio*, condenar todo esse mundo do devir e inventar um mundo que fica além do mesmo como *verdadeiro* mundo. Mas, tão logo o homem descobre como esse mundo é estruturado somente por necessidades psicológicas e como ele não tem direito algum de fazer isso, surge então a última forma de niilismo, que inclui em si a *descrença em um mundo metafísico*, – que interdita a crença em um mundo *verdadeiro*. Desse ponto de vista, admite-se a realidade do devir como *única* realidade, interdita-se toda espécie de via de escape para o mundo do além e para falsas divindades - mas *não se suporta este mundo, que já não se está disposto a negar...*

– No fundo, o que aconteceu? O sentimento de *desvalorização* foi alcançado quando se compreendeu que o caráter total da existência não pode ser interpretado nem com o conceito de “fim”, nem com o de “*unidade*”, nem com o de verdade. Com isso não se chega a nada e não se obtém coisa alguma; falta a unidade que tudo abarca na multiplicidade do acontecer: o caráter da existência não é “verdadeiro”, é *falso...* não se tem, pura e simplesmente, nenhuma razão mais para iludir-se com um mundo verdadeiro...

Em resumo: *extirpamos* de nós as categorias “fim”, “*unidade*”, “ser”, com as quais incutimos um valor no mundo – e então o mundo aparece como *sem valor...*

Posto que reconhecemos em que medida, com essas *três* categorias, o mundo não pode mais ser *interpretado*, e que, de acordo com esse entendimento [*Einsicht*], o mundo, para nós, começa a tornar-se sem valor: então temos de indagar *de onde* provém a nossa crença nessas três categorias – tentemos, se não é possível,⁹ rescindir a crença *nelas*. Quando tivermos desvalorizado essas três categorias, então a prova de sua inaplicabilidade ao Todo não será mais nenhuma razão *para desvalorizar o Todo*.

Resultado: *a crença nas categorias da razão* é a causa do niilismo, – nós medíamos o valor do mundo em categorias *que diziam respeito a um mundo puramente fictício*.

Resultado-conclusão: *todos* os valores com os quais nós, até agora, em primeira instância, procuramos tornar o mundo avaliável para nós e por fim, justamente por isso, o *desvalorizamos*, quando se tornaram inadequados – todos esses valores, computados psicologicamente, são resultados de determinadas perspectivas da utilidade para a sustentação e o incremento de configurações de domínio humanas: e só falsamente foram *projetadas* na essência das coisas. Trata-se sempre ainda da *ingenuidade hiperbólica* do homem: o [colocar]-se, ele mesmo, como sentido e critério de valor das coisas.

O niilismo apresenta um estado intermediário patológico (patológica é a descomunal generalização, a conclusão de não haver mais *nenhum* sentido *absolutamente* [*der Schluss auf gar kemen Sinn*]): seja pelo fato de que as forças produtivas ainda não estejam fortes o bastante: seja porque a decadência ainda vacila e ainda não inventou os seus remédios [*Hilfsmittel*].

Pressuposição dessa hipótese: – não existe *nenhuma verdade-*; não há nenhuma propriedade absoluta das coisas, nenhuma “coisa em si”. – *Isso mesmo é um niilismo, e deveras o mais extremo.* Ele desloca o valor das coisas

para um âmbito no qual a esse valor não corresponde nem pode ter correspondido *nenhuma* realidade, mas que é somente um sintoma de força por parte de quem confere valor, uma simplificação para a *finalidade da vida*. [Er legt den Wert der Dinge gerade dahinein, dass diesem Werte keine Realität entspricht und entsprach, sondern nur ein Symptom von Kraft auf Seiten der Wert-Ansetzer, eine Simplifikation zum Zweck des Lebens.]

14

Os valores e suas mudanças são proporcionais ao crescimento e ao *aumento do poder* [Macht-Wachstum] de quem estabelece o valor.

A medida de *descrença*, de “liberdade de espírito” permitida como expressão do aumento do poder [Macht-Wachstum].

“Nihilismo” como ideal do supremo poderio do espírito, da vida mais transbordante: em parte destrutivo, em parte irônico.

15

Que é uma *crença*? Como ela surge? Cada crença é um *ter-por-verdadeiro*.

A forma mais extrema do nihilismo seria a de que *cada* crença, cada terpor-verdadeiro seja necessariamente falso: *pois um mundo verdadeiro não existe absolutamente*. Portanto: uma *aparência de perspectiva*, cuja origem jaz em nós (à medida que nós *temos necessidade* continuamente de um mundo mais estreito, resumido, simplificado).

– Que a medida da força seja quanto nós podemos reconhecer e confessar [*eingestehen können*] a *aparência*, a necessidade da mentira, sem sucumbir.

Em que medida, um nihilismo poderia ser uma maneira de pensar divina, como negação de um mundo verdadeiro, de um ser.

16

Se estamos “desiludidos”, não o estamos, então, a respeito da vida; mas antes pelo fato de que nossos olhos estão abertos para as “concupiscências” [“Wünschbarkeiten”] de toda espécie. Olhamos com um debochado arrufo para isso que se chama “ideal”: desprezamo-nos só pelo fato de não podermos reprimir a toda hora aquele movimento absurdo que se chama “idealismo”. A *corrupção pelo conforto* [Verwohnung] é mais forte do que a cólera do *desiludido*...

[*Em que medida, o niilismo schopenhaueriano ainda é sempre a consequência do mesmo ideal que foi criado pelo teísmo cristão.*]

O grau de segurança em relação ao mais alto grau de desejo, aos valores supremos, à suprema perfeição era tão grande que os filósofos partiam dela *a priori* como de uma *absoluta certeza*: “Deus”, em primeiro lugar [*an der Spitze*], como verdade dada. “Tornar-se semelhante a Deus”, “alçar-se até Deus” [*in Gott aufzugehen*] – durante milênios, essas foram as desejabilidades mais ingênuas e convincentes (– mas algo que convence não é por isso verdadeiro: é, simplesmente, *convincente*. Observação para asnos).

Desaprenderam a reconhecer naquela fixação de ideal também a *realidadepessoal* [*Personen-Realität*]: tornaram-se ateístas. Mas renunciaram propriamente ao ideal? – Os últimos metafísicos, no fundo, ainda sempre procuram nele a real “realidade”, a “coisa em si”, em relação à qual tudo o mais é apenas aparente. Seu dogma é o de que o nosso mundo dos fenômenos não é “verdadeiro” justamente pelo fato, por demais evidente, de que ele *não* é a expressão daquele ideal – e, no fundo, nem mesmo remonta àquele mundo metafísico como causa. O incondicionado, enquanto é aquela perfeição mais alta, não pode conferir o fundamento para todo condicionado. Schopenhauer, que desejava que isso fosse de outra maneira, precisou pensar aquele fundamento metafísico como contraposição ao ideal, como “vontade cega e má”: de tal maneira ela podia ser “o que aparece”, o

que se revela no mundo dos fenômenos. Mesmo assim, ele não abandonou aquele *absolutum* do ideal – ele saiu furtivamente... (Kant parecia necessitar da hipótese da “liberdade inteligível”, para tirar a carga de responsabilidade do *ens perfectum*¹⁰ com relação ao ser tal-ou-qual *deste* mundo, em resumo, para explicar o mal e a maldade: uma lógica escandalosa em um filósofo...)

18

O distintivo mais universal da época moderna: o homem perdeu incrivelmente em *dignidade* aos seus próprios olhos. Foi, há muito tempo, centro e herói trágico da existência; depois, ao menos esforçado para demonstrar ter parentesco com o lado decisivo e em si valioso da existência – como fazem todos os metafísicos, que querem reter a *dignidade do homem*, com a crença de que os valores morais são valores cardeais. Quem deixou Deus ir-se embora se aferra tanto mais fortemente à crença na moral.

19

Cada fixação de valor puramente *moral* (como, por exemplo, o budista) *termina com niilismo*: isso é de se esperar para a Europa! Acredita-se poder desembaraçar-se com um moralismo sem um fundo religioso: mas, para isso, é *necessário* o caminho para o niilismo. – Na religião, falta a coação para que *nos* consideremos como aqueles que estabelecem valor.

20

A pergunta do niilismo “para quê?” decorre do nosso hábito até agora, pelo qual o fim aparecia colocado, dado, exigido a partir de fora – a saber, por uma qualquer *autoridade sobre-humana*. Depois que se desaprendeu a acreditar nesta, procura-se, segundo o velho hábito, uma *outra autoridade* que *saiba falar incondicionalmente-*, que *possa ordenar* fins e tarefas. A autoridade da consciência aparece agora em primeira linha (quanto mais emancipada da teologia, tanto mais imperativa se torna a *moral*) como uma compensação pelo dano sofrido por uma autoridade *pessoal*. Ou a autoridade da *razão*. Ou o *instinto social* (o rebanho). Ou a *história* com um

espírito imanente que tem seu fim em si e à qual se *pode abandonar-se*. Deseja-se contornar a vontade, o *querer* um fim, o risco de dar um fim a si mesmo; quer-se livrar-se da responsabilidade (– aceitar-se-ia o *fatalismo*). Finalmente: *felicidade*, e, com alguma tartufice,¹¹ a *felicidade da maioria*.

Diz-se a si mesmo:

1. não é necessário absolutamente um fim determinado,
2. não é possível absolutamente prever.

Justamente agora, quando seria *necessária* a vontade em sua suprema força, ela está *a mais fraca* e com o *ânimo mais timorato* possível. *Desconfiança absoluta em relação à força organizadora da vontade para o todo*.

21

O *niilista consumado*. – O olho do niilista, *idealizado na feiura*, pratica a infidelidade contra as suas lembranças – ele as deixa cair, despencar como folhas; ele não as protege contra as descolorações cadavéricas, como se elas vertessem a astenia sobre o longínquo e o passado. E o que ele não pratica em relação a si mesmo, também não pratica em relação a todo o passado humano, – ele o deixa tombar.

22

Nihilismo. Ele é *ambíguo*

- A. Nihilismo como sinal de *poder incrementado do espírito*: como nihilismo *ativo*.
- B. Nihilismo como *decadência e recuo do poder do espírito*: o nihilismo *passivo*.

23

O *nihilismo*, um estado *normal*.

Ele pode ser um sinal de *fortaleza*: a força do espírito pode ter crescido tanto que os fins *de até* então (“convicções”, artigos de fé) tornam-se inadequados (– uma crença exprime, em geral, a coerção de condições de existência, uma submissão sob a autoridade de relações nas quais um ser [*Wesen*] medra, cresce, ganha poder...); por outro lado, um sinal de força *insuficiente* para estabelecer para si então, *produtivamente*, novamente um fim, um porquê, uma crença.

Seu *máximo* de força relativa, ele o alcança como força violenta de *destruição*: *como niilismo ativo*.

[Seu contrário seria o niilismo *cansado*, que não mais *ataca*: sua forma mais conhecida, o budismo: como niilismo *passivo*,] um sinal de fraqueza: a força do espírito pode estar fatigada, *esgotada*, de modo que os fins e os valores de até então são inadequados e não encontram mais nenhum crédito –, de modo que a síntese dos valores e dos fins (sobre a qual cada cultura forte repousa) dissolve-se, de maneira que os valores fazem guerra, isoladamente, uns aos outros: esfacelamento –, de modo que tudo o que refresca, cura, apazigua, entorpece, vem para o primeiro plano, sob diversos disfarces: religioso, ou moral, ou político, ou estético etc.

24

O niilismo não é só uma consideração [*Betrachtksamkeit*] a respeito do “em vão!” e não é só a crença de que tudo merece sucumbir: põem-se mãos à obra, *faz-se sucumbir*. Isso é, se se quer, *ilógico*: mas o niilista não acredita no ser-se forçado a ser lógico... É o estado de espíritos e vontades fortes: e para estes não é possível deixar-se ficar no não do “juízo”: – o *não da ação* provém de sua natureza. A aniquilação pelas mãos secunda a nadificação pelo juízo.

25

Para a gênese do niilista. – Só tardiamente tem-se coragem para aquilo que se sabe propriamente. Que até agora eu tenha sido radicalmente niilista, eis o que só há pouco me confessei: a energia, a *nonchalance*¹² com a qual eu, como niilista, fui adiante iludiam-me a respeito desse fato fundamental. Quando se vai ao encontro de um fim, parece impossível que “a ausência de fim em si” seja o princípio de nossa crença.

26

O pessimismo dos enérgicos: o “para quê?” depois de uma terrível luta, mesmo depois de uma vitória. Que qualquer coisa seja cem vezes mais importante do que a pergunta se nós estamos bem ou mal: instinto fundamental de todas as naturezas fortes – e, consequentemente, também a pergunta se os outros estão bem ou mal. Em resumo: que tenhamos um fim pelo qual não se vacila em levar seres *humanos* ao sacrifício, em correr perigo, em tomar sobre si todo mal e mesmo o pior de tudo: a *grande paixão*.

[2. *Causas mais distantes do niilismo*]

27

Causas do niilismo: 1. *Faltam as espécies superiores*, aquelas cuja inesgotável fertilidade e poder mantém soerguida a crença nos homens. (Pense-se no que se deve a Napoleão: quase todas as mais altas esperanças deste século.)

2. A *espécie inferior* “rebanho”, “massa”, “sociedade” desaprende a modéstia e infla as suas necessidades até elevá-las a valores *cósmicos* e *metafísicos*. Com isso, toda existência torna-se *vulgarizada*: a saber, enquanto a massa domina, tiraniza as *exceções*, de tal modo que estas perdem a crença em si mesmas e tornam-se niilistas.

Fracassaram todas as tentativas de *excogitar tipos mais elevados* (“romantismo”, o artista, o filósofo, contra a tentativa de Carlyle de atribuir-lhes os supremos valores morais).

Resistência contra tipos superiores como resultado.

Decadência e insegurança de todos os tipos superiores; a luta contra o gênio (“poesia popular” etc.). Compaixão com os mais baixos e sofredores como critério para a elevação da alma.

Falta o filósofo, o interpretador da ação, não só o reformulador [Umdichter].

28

O niilismo *incompleto*, suas formas: vivemos no meio dele.

As *tentativas de escapar do niilismo* sem transvalorar aqueles valores produzem o contrário: tornam o problema mais agudo.

29

[*As espécies de autoentorpecimento.* –] No mais íntimo: não saber, para onde sair? Vazio. – Tentativa de escapar com a embriaguez. – Embriaguez como música. – Embriaguez como crueza no gozo trágico da derrocada. – Embriaguez como entusiasmo cego por homens singulares (ou tempos) (como ódio etc.). Tentativa de trabalhar inconscientemente, como instrumento da ciência. – Abrir os olhos para os muitos pequenos gozos, por exemplo, também como conhecedor. Modéstia quanto a si mesmo. Generalizar o contentar-se consigo, torná-lo um *páthos*; a mística, o gozo voluptuoso do vazio eterno; a arte “por ela mesma” (*“le fait”*),¹³ o “puro conhecer” como narcose do nojo de si mesmo; qualquer trabalho constante, um pequeno e tolo fanatismo *qualquer*; a confusão de todos os meios, doença por desmedida geral (o desregramento [*Ausschweifung*] mata a diversão).

1. Fraqueza da vontade como resultado.

2. Extremo orgulho e humilhação de pequenas fraquezas *sentidos* em contraste.

30

Chega o tempo em que nós temos de *pagar* o termos sido cristãos durante dois milênios: perdemos o peso que nos deixava viver, – não soubemos, durante um período, para que lado nos virar. Precipitamo-nos inopinadamente em valorações opostas com a mesma medida de energia, [precisamente isso produziu uma tal *supervalorização* extrema do homem no homem.]

Agora tudo é completamente falso, “palavra”, tumulto, fraco ou exaltado:

- a) tenta-se uma espécie de *libertaçāo terrena*, mas no mesmo sentido: no triunfo conclusivo de verdade, amor, justiça: o socialismo: “igualdade da pessoa”;
- b) tenta-se, da mesma maneira, reter o *ideal-moral* como prerrogativa do não egoísta, da negação de si, da negação da vontade;
- c) tenta-se mesmo reter o “além”: mesmo que seja somente como antilógico *x* : mas, logo em seguida, o interpretam de tal modo que uma espécie de consolação metafísica no velho estilo pode ser extraída dele;
- d) tenta-se a *conduçāo divina no velho estilo*, tenta-se deduzir do acontecer a ordenação das coisas que recompensa, castiga, educa e conduz ao *melhor*.
- e) acredita-se, antes como depois, em bem e mal: de modo que se sente a vitória do bem e a aniquilação do mal como *tarefa* (– isto é inglês, típico caso do cabeça-oca John Stuart Mill);
- f) o desprezo da “naturalidade”, dos apetites, do ego: tentativa de entender mesmo a suprema espiritualidade e a arte como consequências de uma despersonalização e como *désintéressement*¹⁴;
- g) permite-se à *Igreja* intrometer-se sempre em todas as experiências essenciais e nos pontos capitais da vida do indivíduo, para lhes conferir *consagraçāo, sentido mais elevado*: temos também um “Estado cristão”, o “casamento cristão” –

Houve épocas mais pensantes e mais esmiuçadas pelo pensamento do que a nossa: épocas, por exemplo, como aquela em que surgiu Buda, quando o povo mesmo, depois de lutas entre seitas que duraram centenas de anos, encontrou-se, por fim, tão profundamente perdido nos abismos das opiniões doutrinais filosóficas; como, por um período de tempo, os povos europeus encontraram-se perdidos nas sutilezas do dogma religioso. Na melhor possibilidade, deixar-nos-emos seduzir o mínimo pela “literatura” e pela imprensa quanto a pensar grandiosamente a respeito do “espírito” de nossa época: a esse respeito demonstram [*beweisen*] melhores pontos de vista os milhões de espíritas e uma cristandade com exercícios de ginástica daquela feitura horripilante que caracteriza todas as invenções inglesas – o que é um testemunho contra si mesmo.

O pessimismo europeu ainda está no começo: ainda não tem aquela descomunal imobilidade ansiosa do olhar, no qual o nada se espelha, como a tinha outrora o olhar dos indianos; ainda há nele muito de “produzido” e não “surgido”, há pessimismo-erudito e pessimismo-poético demais; creio que boa parte disso tudo é um acréscimo premeditado, é um acréscimo inventado, é “criado”, mas não “*causa*”.

Crítica do pessimismo de até agora. – Repúdio dos pontos de vista eudemonológicos¹⁵ como redução última à pergunta: que *sentido* tem isso? Redução do obscurantismo. – Nosso pessimismo: o mundo não vale tanto quanto acreditávamos, – nossa crença mesma incrementou tanto o nosso impulso para o conhecimento que hoje *precisamos* dizer isso. Primeiro, ele vale menos com isso: assim ele é *primeiramente sentido* – somente nessa acepção é que somos pessimistas, a saber, com a vontade de confessar a nós mesmos, irrestritamente, essa transvaloração e não nos enganarmos ou salmodiarmos nada para nós à maneira antiga... [– *nur in diesem Sinne sind*

wir Pessimisten, nämlich mit dem Willen, uns rückhaltlos diese Umwertung einzugestehen und uns nichts nach alter Weise vorzuleiern, vorzulügen...]

Justamente com isso nós encontramos o *páthos* que nos impele a procurar *novos valores*. Em suma: o mundo poderia valer muito mais do que acreditávamos, – temos de remontar à *ingenuidade dos nossos ideais* e reconhecer que, talvez, para lhes dar, em consciência, a suprema interpretação, não demos à nossa existência humana sequer um valor medianamente justo.

O que foi *divinizado*? – Os instintos de valor no interior da comunidade (aquilo que lhe possibilitava perdurar).

O que foi *difamado*? Aquilo que separava os homens superiores e os mais baixos, as pulsões criadoras de abismos.

33

Causas para o *advento do pessimismo*:

1. o fato de que até agora os impulsos vitais mais poderosos e mais promissores tenham sido difamados, de modo que a vida tem uma maldição sobre si;
2. o fato de que a crescente coragem e honestidade e a mais ousada desconfiança do homem compreendam a *inseparabilidade desses instintos* em relação à vida e voltem-se contra esta;
3. o fato de que só prosperem *os mais medíocres*, que não sentem absolutamente aquele conflito, e que a espécie superior degenera e provoque contra si a imagem da degeneração – o fato de que, por outro lado, a mediocridade, apresentando-se como fim e sentido, *indigne* (– o fato de que ninguém mais possa responder a *um para quê?* –);
4. o fato de que o apequenamento, a sofribilidade [*Schmerhaftigkeit*], a inquietação, a pressa, o bulício façam contínuos progressos, – o fato de que a *presentificação* de todo esse pulsar e da assim chamada

“civilização” torne-se sempre mais fácil, o fato de que o indivíduo, diante dessa maquinaria descomunal, *desanimee submeta-se*.

34

O pessimismo moderno é uma expressão da inutilidade do mundo *moderno* – não do mundo e da existência.

35

O “predomínio do *sorimento sobre o prazer*” ou o inverso (o hedonismo): ambas as doutrinas são, elas mesmas, precursoras do niilismo...

Pois aqui, em ambos os casos, não se estabelece nenhum outro *sentido* último senão a manifestação de prazer e de dor.

Mas assim fala uma espécie de homem que não mais se atreve a estabelecer uma vontade, uma intenção, um *sentido*: – para toda espécie de homem saudável o valor da vida não se mede absolutamente com base nessas coisas secundárias.¹⁶ E um *predomínio* de dor seria possível e, *apesar disso*, uma vontade potente, um *dizer-sim* à vida; um ter-necessidade desse predomínio.

“A vida não vale a pena”; “resignação”; “por que existem as lágrimas?...” – um modo de pensar fraco e sentimental. “*Un monstre gai vaut mieux qu'un sentimental ennuyeux*.¹⁷

36

O filósofo niilista tem a convicção de que todo acontecimento é sem sentido e em vão; e não deveria haver nenhum ser sem sentido e vão. Mas, de onde vem este: não deveria? Mas, de onde se toma *este* “sentido”, *esta* medida? – O niilista acha, no fundo, que a consideração de um tal ser desolado e inútil atua de modo *inquietante*, desolador e desesperador sobre um filósofo; um tal entendimento contradiz a nossa sensibilidade mais fina como filósofos. Isso vai dar na absurda avaliação: o caráter da existência

deveria fazer gosto ao filósofo, caso ela deva ser de direito... [wenn anders es zu Recht bestehen soll...]

Então é fácil compreender que prazer e desprazer, no âmbito do acontecer, só podem ter o sentido de *meios*: resta perguntar se *poderíamos* em geral enxergar “sentido” e “fim”, se por acaso a questão da ausência de sentido ou o seu contrário não é insolúvel para nós. –

37

Desenvolvimento do *pessimismo ao niilismo*.

Desnaturalização dos *valores*. Escolástica dos valores. Os valores soltos, idealistas, em vez de dominar o fazer e dirigi-lo, voltam-se de modo condenatório *contra* ele.

Oposições postas no lugar das graduações e das hierarquias naturais. Ódio à ordenação hierárquica. As oposições são conformes a uma época plebeia, pois são mais facilmente *apreensíveis*.

O mundo condenado em face de um “verdadeiro, pleno de valor” artificialmente construído.

Finalmente: descobre-se de qual material se tinha construído o “mundo verdadeiro”: e então só resta o mundo condenado e *computa-se conjuntamente aquela suprema desilusão na conta de seu caráter condenável*.

Com isso, aí está o niilismo: guardaram-se os valores de juízo – e mais nada!

Aqui surge o *problema da força e da debilidade*:

1. Os fracos arrebentam com isso;
2. Os mais fortes destroem o que não arrebenta;
3. Os mais fortes de todos superam os valores de juízo.

Tudo isso junto constitui a época trágica.

[3. *O movimento niilista como expressão da décadence*]

Tem-se feito ultimamente um mau uso de uma palavra casual e incorreta em toda consideração: fala-se por toda parte de *pessimismo*, disputa-se em torno da questão para a qual tem de haver respostas: quem tem razão, o otimismo ou o pessimismo? Não se comprehendeu o que, todavia, se pode agarrar com as mãos: que o pessimismo não é um problema, mas um sintoma, – que o nome [tem] de ser substituído por “niilismo”, – que a questão de se o não-ser é melhor do que o ser é, ela mesma, uma doença, uma derrocada, uma idiossincrasia...

O movimento pessimista é apenas a expressão de uma *décadence* fisiológica.

A compreender: – Que toda espécie de decadência e adoecimento trabalharam em conjunto, continuamente, no todo dos juízos de valor: que nos juízos de valor que se tornaram dominantes, a *décadence* tornou-se até mesmo preponderante: que não só temos que lutar contra as consequências de toda a miséria da degeneração presente; toda *décadence* até agora é remanescente, isto é, restou *viva*. Uma tal errância-total da humanidade em relação aos seus instintos fundamentais, uma tal *décadence-total* do juízo de valor é o sinal de interrogação *par excellence*, o enigma propriamente dito que o animal “homem” propõe ao filósofo –

Conceito “décadence”. – O *detrito*, *decadência*, *excrescência* não são nada que deva ser condenado em si mesmo: são uma consequência necessária da vida, do acréscimo de vida. O fenômeno da *décadence* é tão necessário quanto qualquer ascensão e progresso da vida: não está em nossas mãos *suprimila*. A razão quer, ao contrário, que lhe seja feita justiça.

É uma vergonha para todos os criadores de sistemas socialistas que achem que possam haver circunstâncias, combinações sociais sob as quais não

medrassem o vício, a doença, o crime, a prostituição, a *necessidade*... Mas isso significa condenar a *vida*... Nenhuma sociedade é livre para permanecer jovem. Mesmo na sua melhor força ela tem que formar lixo e detritos. Quanto mais enérgica e ousadamente procede, tanto mais rica se torna em malfadados, em malformados, tanto mais próxima está da derrocada... Não se elimina a velhice com instituições. A doença também não, assim como o vício.

41

Entendimento fundamental sobre a essência da *décadence*: *o que se considerou até hoje como suas causas são suas consequências*.

Com isso modifica-se toda a perspectiva do *problema moral*.

Toda luta moral contra o vício, o luxo, o crime, mesmo contra a doença aparece como ingenuidade, como supérflua: – não existe nenhuma “melhora” – contra o *remorso*.

A *décadence* mesma não é nada que se deva combater: ela é absolutamente necessária e própria de cada povo e de cada época. O que se [deve] combater com toda a força é a passagem do contágio para as partes saudáveis do organismo.

É isso que se faz? Faz-se o *contrário*. – Justamente por isso é que há tanto esforço para o lado da *humanidade* [*Humanitat*].

Como se relacionam com essa questão *biológica* fundamental os valores *mais altos* de até hoje? A filosofia, a religião, a moral, a arte etc.

A cura: por exemplo, o *militarismo*, desde Napoleão, que via na civilização a sua inimiga natural...

42

O que se considerou até agora como *causas da degeneração* são suas *consequências*. Mas também, o que se considerou *remédio* contra a

degeneração são apenas paliativos contra certos efeitos dela: os “curados” são somente um *tipo dos degenerados*.

Consequências da décadence: o vício - o caráter vicioso; a doença - o caráter doentio; o crime - a criminalidade; o celibato - a esterilidade; a histeria - as fraquezas da vontade; o alcoolismo; o pessimismo; o anarquismo; a libertinagem (também a *espiritual*). O difamador, o sabotador, o que duvida, o destruidor.

43

Para o conceito “décadence”.

1. O ceticismo é uma consequência da decadência: tanto quanto a libertinagem do espírito.
2. A corrupção dos costumes é uma consequência da *décadence* (debilidade da vontade, necessidade de fortes meios estimulantes –).
3. Os métodos de cura, psicológicos e morais, não modificam o curso da *décadence*, eles não a detêm, são fisiologicamente *nulos* –:
Entendimento da grande *nulidade* dessas “reações” arrogantes; trata-se de formas de narcose contra certos fenômenos-consequências fatais; elas não extraem o elemento mórbido; são frequentemente tentativas heroicas de anular o homem da *décadence*, de conseguir um mínimo de sua perniciosa.
4. O niilismo não é nenhuma causa, mas somente a lógica da *décadence*.
5. O “*bem*” e o “*mal*” são somente dois tipos da *décadence*: eles se sustentam mutuamente em todos os fenômenos fundamentais.
6. A *questão social* é uma consequência da *décadence*.
7. As doenças, antes de tudo as doenças dos nervos e da cabeça, são sinais de que falta a força *defensiva* à natureza forte; precisamente a favor disso pronuncia-se a irritabilidade, de modo que *prazer* e *desprazer* tornam-se problemas de primeiro plano.

44

Tipos mais universais da décadence:

1. Escolhe-se, na *crença* de se estar escolhendo remédio, aquilo que acelera o esgotamento – aí tem lugar o cristianismo –: para nomear o caso maior do instinto em erro; – aí tem lugar também o “progresso” –:
2. Perde-se a força de *resistência* contra os estímulos, – fica-se condicionado pelos acasos: vulgarizam-se e exageram-se as vivências até o descomunal... Uma “despersonalização”, uma desagregação da vontade – aí está também toda uma espécie de moral, a altruísta, que tem na ponta da língua a compaixão: espécie na qual o essencial é a debilidade da personalidade, de modo que ela *ressoa* e vibra constantemente como uma corda superexcitada... uma extrema irritabilidade...
3. Confunde-se causa e efeito: não se entende a *décadence* como fisiológica e vê-se em suas consequências a própria causa do sentir-se-mal – aí está toda a moral religiosa.
4. Anseia-se por um estado em que não mais se sofra: a vida é sentida realmente como motivo de *males*, – avaliam-se os estados *inconscientes*, insensíveis (sono, desmaio) como incomparavelmente melhores do que os conscientes; disso resulta uma *metódica*...

45

Para a higiene dos “fracos”. – Tudo o que é feito na fraqueza malogra. Moral: não fazer nada. Mas o pior é que justamente a força para tirar o fazer de seus gonzos [*auszuhangen*], a força de *não reagir* está extremamente doente sob influência da debilidade: o pior é que nunca se age mais rápida e cegamente do que quando absolutamente não se deveria reagir...

A força de uma natureza mostra-se no aguardar e adiar de uma reação: uma certa ḡδιαφσρία¹⁸ é-lhe tão própria como é própria à debilidade a não liberdade em relação ao movimento reativo, ao repentino, à inexorabilidade da “ação”... A vontade é fraca: e a receita para prevenir coisas tolas seria ter

vontade forte e não fazer *nada*... *Contradictio*¹⁹... Uma espécie de autodestruição, o instinto de conservação está comprometido... A debilidade prejudica a si mesma... esse é o tipo da *décadence*...

De fato, encontramos uma reflexão imensa sobre práticas para provocar a *impassibilidade*. O instinto está, nessa medida, na pista certa, quando nada fazer é mais proveitoso do que fazer algo...

Todas as práticas das ordens, dos filósofos solitários, dos faquires são inspiradas no critério correto de que uma certa espécie de homem *tira o melhor proveito* quando se impede, tanto quanto possível, de agir –

Meio de facilitação: a obediência absoluta, a atividade maquinal, a separação de homens e coisas que fomentem uma decisão imediata e um agir.

46

Debilidade da vontade: tal é uma metáfora que pode induzir ao erro. Pois não há nenhuma vontade e, consequentemente, nem vontade forte nem fraca. A multiplicidade e desagregação dos impulsos, a falta de um sistema que os articule tem como resultado “vontade fraca”; a coordenação dos mesmos sob o predomínio de um único impulso tem como resultado “vontade forte”; – no primeiro caso há oscilação e falta de peso; no último, precisão e clareza da direção.

47

O que se herda não é a doença, mas sim o *caráter doentio*: a falta de força na resistência contra o perigo de imigrações nocivas etc., a força de resistência alquebrada – *expresso moralmente*: resignação e humildade diante do inimigo.

Perguntei a mim mesmo se não se podem comparar todos esses valores supremos da filosofia, da moral e da religião, até agora, com os valores dos

debilitados, dos *doentes do espírito* e dos neurastênicos: eles apresentam, de uma forma mais branda, os *mesmos males...*

O valor de todos os estados mórbidos é que eles mostram, sob uma lente de aumento, certos estados normais, os quais, como normais, dificilmente são visíveis...

Saúde e doença não são essencialmente diferentes, como acreditavam os antigos médicos e ainda hoje alguns práticos.²⁰ Deles não se deve fazer princípios distintos ou entidades que lutam pelo organismo vivo e fazem dele o seu campo de batalha. Trata-se aqui de material gasto e de palavrório, que não prestam mais para nada. De fato, entre ambas as espécies de existência há uma diferença de graduação: o exagero, a desproporção, a desarmonia dos fenômenos normais constituem o estado doentio (Claude Bernard).²¹

Tanto o *mal* pode ser considerado exagero, desarmonia, desproporção quanto o *bem* pode ser uma dieta protetora contra o perigo do exagero, da desarmonia e da desproporção.

A *debilidade hereditária* como sentimento *dominante*: causa dos valores mais elevados.

Nota bene: quer-se debilidade: por quê?... na maioria das vezes porque se é necessariamente fraco...

A *debilitação* como *tarefa*: debilitação dos apetites, dos sentimentos de prazer e desprazer, da vontade de poder, do sentimento de orgulho, do querer ter e ter mais; a *debilitação* como humildade; a debilitação como crença; a debilitação como repugnância e vergonha ante todo natural, como negação da vida, como doença e debilidade habitual... A *debilitação* como renúncia à vingança, à resistência, à inimizade e à cólera.

O *engano* no tratamento: não se quer combater a debilidade com um *système fortifiantf*,²² mas sim por meio de uma espécie de justificativa, de

moralização: isto é, por meio de uma *interpretação*...

A *confusão* de dois estados completamente diferentes: por exemplo, a *calma da força*, que é essencialmente contenção da reação, o tipo inabalável dos deuses... e a calma do esgotamento, o estado hirto até a anestesia. – Todos os procedimentos filosófico-ascéticos aspiram ao segundo, mas querem optar de fato pelo primeiro... Pois, ao estado alcançado, eles atribuem predicados tais como se um estado divino fosse alcançado.

48

O mais perigoso mal-entendido. – Há um conceito que aparentemente não permite nenhuma confusão, nenhuma ambiguidade: é o do esgotamento. Este pode ser adquirido; pode ser herdado – em todo caso, ele modifica o aspecto das coisas, o *valor das coisas*...

Em oposição àquele que a partir da plenitude que apresenta e sente e que *doa* involuntariamente às coisas, àquele que as vê mais cheias, com mais poder, mais promissoras – que em todo caso *pode* doar –, o esgotado apequena e estraga tudo o que vê, – ele *empobrece* o valor: é nocivo...

Não parece possível nenhum engano sobre isso: apesar disso, a história contém o fato terrível de que os esgotados sempre foram *confundidos* com os mais plenos – e os mais plenos com os mais nocivos.

O pobre em vida, o fraco, ainda empobrece a vida: o rico em vida, o forte, a enriquece... O primeiro é seu parasita; o segundo, seu doador de excesso... Como é possível uma confusão?...

Quando o esgotado apresenta-se com os gestos da suprema atividade e energia, quando a degeneração reclama como condição um excesso da descarga espiritual ou nervosa, então ele se *confunde* com o afortunado... Suscita medo... – O culto do *tolo* é sempre o culto do rico-em-vida, do que tem poder. O fanático, o possuído, o epilético religioso, todos os excêntricos são sentidos como tipos supremos de poder, como o *divino*.

Essa espécie de força, que suscita *medo*, tem-se, antes de tudo, como divina: é a partir daqui que a autoridade tomou o seu ponto de partida, aqui se interpretava, se ouvia, se procurava *sabedoria*... – Daqui se desenvolveu, quase por toda parte, uma vontade de “divinização”, isto é, de uma típica degeneração de espírito, corpo e nervos: uma tentativa de encontrar um caminho para essa espécie superior de ser. Tornar-se doente, tornar-se louco, provocar os sintomas da desordem - isso queria dizer tornar-se mais forte, mais sobre-humano, mais temível, mais sábio: – acreditava-se tornar-se dessa forma tão rico em poder que se podia *doar*. Por toda parte onde havia adoração procurava-se alguém que pudesse doar.

Aqui conduzia ao erro a experiência da *embriaguez*... esta *aumenta* no mais alto grau o sentimento de poder, e, por consequência, *o poder* – no grau mais elevado de poder tinha que se encontrar o mais embriagado, o extático. – Há dois pontos de partida da *embriaguez*: a supergrandiosa plenitude de vida e um estado de alimentação doentia do cérebro.

49

Esgotamento *adquirido*, não herdado: *alimentação* insuficiente, muitas vezes por ignorância em matéria de alimentação; por exemplo, nos eruditos; a *precocidade* erótica: a maldição principalmente da juventude francesa, sobretudo da parisiense: a qual sai dos liceus para entrar no mundo já estragada e conspurcada, – e não se livra nunca mais da cadeia de desprezíveis inclinações, tornando-se desprezível e irônica em relação a si própria – escravos de galera com todo refinamento -: de resto, nos casos mais frequentes, já sintoma da *décadence* racial e familiar, como toda superexcitação; o mesmo no que diz respeito ao contágio do meio -: também o ser determinável pela circunstância é próprio da *décadence* -. No alcoolismo *não* se trata do instinto, mas do hábito, da imitação estúpida, da acomodação covarde ou vã a um *régime* dominante: – Que benefício é um judeu entre os alemães! Quanto embotamento, como a cabeça é loura como

o linho, como os olhos são azuis; a falta de espírito no rosto, na palavra, na postura; o preguiçoso espreguiçar-se, a necessidade alemã de descanso, que não provém do excesso de trabalho, mas da repugnante excitação e superexcitação por bebidas alcoólicas...

50

Teoria do esgotamento: – o vício, os doentes do espírito (respectivamente, os artistas...), os criminosos, os anarquistas – essas não são as classes *oprimidas*, mas a escória de todas as sociedades de todo tipo até hoje...

Com o entendimento de que todos os nossos estamentos estão penetrados desses elementos, nós compreendemos que a *sociedade moderna* não é nenhuma “sociedade”, nenhum “corpo”, mas um conglomerado doente de *tschandalas*²³ – uma sociedade que não tem mais forças para *excretar*.

Em que medida, pelo convívio desde há séculos, o *caráter doentio* aprofundou-se muito mais:

a virtude moderna,
a espiritualidade moderna,
nossa ciência } como formas de doenças

51

[*O estado de corrupção.* –] Compreender a correspondência de todas as formas de corrupção; e não esquecer de incluir nelas a corrupção cristã (Pascal como tipo); tampouco a corrupção socialista-comunista (uma consequência da cristã) – a *suprema* concepção de sociedade dos socialistas é a *mais baixa* na hierarquia das sociedades; o “*além*”-corrupção: como se houvesse um mundo da vigência do ser [*Seienden*] fora do mundo real, do devir.

Aqui não pode haver nenhuma *conciliação*: aqui há que se exterminar, aniquilar, aqui há que se conduzir uma guerra – é necessário por toda parte ainda *extirpar* o critério de valor cristão-niilista e combatê-lo sob cada

máscara... Por exemplo, a da *sociologia* atual, a da *música* atual, a do atual *pessimismo* (– todas essas são formas do ideal de valor cristão –).

Um *ou* outro é *verdadeiro*: verdadeiro quer dizer aqui o tipo de homem ascendente...

O sacerdote, o curador de alma como formas de existência reprováveis. O conjunto da educação, até hoje, é inútil, inconsistente, sem peso, marcada pela contradição dos valores –

52

A natureza não é imoral se não tem compaixão para com os degenerados: o crescimento do mal fisiológico e moral no gênero humano é, ao contrário, a *consequência de uma moral doentia e não natural*. – A sensibilidade do maior número de homens é doentia e não natural.

A que se deve o fato de que a humanidade seja *corrupta* em relação à moral e à fisiologia? – O corpo definha, se um órgão está *alterado*... Não se pode referir o *direito do altruísmo* à fisiologia, tampouco podemos referir o direito à ajuda, à igualdade da sorte: todos esses são prêmios para os degenerados e os desencaminhados.

Não há *nenhuma solidariedade* em uma sociedade onde existam elementos estéreis, improdutivos, destrutivos, os quais, além de tudo, ainda terão descendentes mais degenerados do que eles próprios.

53

Há um efeito inconsciente, profundo e completo, da *décadence* mesmo no ideal da ciência: toda a nossa sociologia é a prova dessa sentença. Há que se lhe reprovar que ela só conhece por experiência a configuração-de-decadência da sociedade e inevitavelmente toma como norma do juízo sociológico os próprios instintos-de-decadência.

A vida *declinante* na Europa de agora formula neles²⁴ os seus ideais de sociedade: eles se parecem todos, confundindo, com o ideal de *antigas* raças

sobreviventes...

Depois, o *instinto de rebanho* – um poder que agora se tornou soberano é algo fundamentalmente diferente do instinto de uma *sociedade aristocrática*: e depende do valor das *individualidades* que têm de significar a soma... A nossa sociologia não conhece absolutamente outro instinto senão o do rebanho, isto é, o das *nulidades somadas*, – onde cada zero tem “igual direito”, onde é virtuoso ser um zero...

A valoração com a qual as diferentes formas de sociedade são hoje julgadas é absolutamente idêntica àquela que atribui à *paz* um valor mais alto do que à guerra: mas esse juízo é antibiológico, é mesmo um rebento da *décadence* da vida... A vida é uma consequência da guerra, a sociedade mesma é um instrumento [*Mittel*] para a guerra... O senhor Hebert Spencer é, como biólogo, um *décadent* – ele o é também como moralista (vê na vitória do altruísmo algo digno de admiração!!!).

54

Depois de milênios inteiros de descaminhos e confusão, tenho a *felicidade* de ter reencontrado o caminho que conduz a um sim e a um não.

Ensino o não a tudo o que debilita – que esgota.

Ensino o sim a tudo o que fortalece, que acumula força, que [justifica o sentimento de força].

Não se ensinou, até agora, nem um nem outro: tem-se ensinado virtude, abnegação, compaixão e mesmo negação da vida... Todos esses são valores dos esgotados.

Uma prolongada reflexão sobre a fisiologia do esgotamento levou-me forçosamente à questão de quanto os juízos dos esgotados teriam penetrado no mundo dos valores.

O resultado que obtive foi tão surpreendente quanto possível, mesmo para mim, que em muitos mundos estranhos já me senti em casa: encontrei todos

os juízos de valor superiores, que se assenhорaram da humanidade, ao menos da humanidade domesticada, reduzidos a juízos de gente esgotada.

Entre os nomes mais santificados extirpei as tendências destrutivas; chamou-se de Deus o que debilita, o que ensina debilidade, o que infecta de debilidade... encontrei que o “homem bom” é uma forma de autoafirmação da *décadence*.

Aquela virtude, que ainda Schopenhauer ensinou como sendo a virtude superior, a única e o fundamento de todas as virtudes: justamente aquela compaixão, reconheci ser mais perigosa do que qualquer vício. Riscar eliminando, por princípio, a seleção na espécie, a sua purificação do detrito – isso se chamou, até agora, virtude *par excellence*...

Deve-se conservar em honra a *fatalidade*: a fatalidade que diz ao fraco: sucumba...

Chamou-se *Deus* o fato de que se tenha contrariado a fatalidade, – o fato de que se tenha arruinado a humanidade e a feito apodrecer... Não se deve usar o nome de Deus inutilmente...

A raça está arruinada – não pelos seus vícios, mas por sua ignorância: ela está arruinada porque não compreendeu o esgotamento como esgotamento: as confusões fisiológicas são a causa de todo mal...

A virtude é o nosso grande mal-entendido.

Problema: como os esgotados conseguiram fazer as leis dos valores? – Perguntado de outra maneira: como chegaram ao poder aqueles que são os últimos?... Como acontece do instinto do animal-homem ser posto de cabeça para baixo?...

[4. A crise: niilismo e pensamento do retorno]

Posições extremas não são resolvidas por moderadas, mas sim, por sua vez, por extremas, mas *inversas*. E assim é a crença na absoluta imoralidade da natureza, na ausência de finalidade e de sentido do *afeto* psicologicamente necessário, quando a crença em Deus e uma ordenação essencialmente moral não são mais sustentáveis. O niilismo manifesta-se agora, *não* porque o desprazer na existência seja maior do que antes, mas porque, em geral, desconfia-se agora de um “sentido” no mal, e deveras na existência. *Uma* interpretação sucumbiu: mas, porque era tida como a interpretação, parecia que não havia nenhum sentido na existência, como se tudo fosse em *vão*.

*

Resta demonstrar que esse “em *vão!*” seja o caráter do nosso niilismo atual. A desconfiança em relação à nossa valoração anterior eleva-se até a questão: “Todos os ‘valores’ não são engodos com os quais a comédia se prolonga, sem que, todavia, aproxime-se de uma solução?” A *duração*, com um “em *vão*” sem fim e sem objetivo, é o pensamento *mais paralisante*, especialmente quando se comprehende que se é iludido e, mesmo assim, não se tem o poder de não se deixar iludir.

*

Pensemos esse pensamento em sua forma mais terrível: a existência, tal como é, sem fim nem objetivo, mas inevitavelmente retornando, sem um *finale* no nada: “o eterno retorno”.

Essa é a forma mais extrema do niilismo: o nada (o “sem sentido”) eterno!

Forma europeia do budismo: a energia do saber e da força *constrange* a uma tal crença. É a *mais científica* de todas as hipóteses possíveis. Negamos fins-conclusões: se a existência tivesse um, então deveria estar alcançado.

*

Compreende-se, nesse caso, que aqui se almeja uma oposição ao panteísmo: pois “tudo perfeito, divino, eterno” *constrange da mesma forma a*

uma crença no “eterno retorno”. Questão: com a moral, também essa posição-afirmativa panteísta não se torna impossível para todas as coisas? No fundo, somente o Deus moral é deveras superado. Há um sentido em pensar-se em um Deus “para além de bem e mal”? Seria possível um panteísmo *neste* sentido? Tiramos do processo a representação de um fim e afirmamos, *apesar disso*, o processo? – Esse seria o caso se, em cada momento, no interior daquele processo, alguma coisa fosse *alcançada* – e sempre o mesmo.

Spinoza conquistou uma tal posição afirmativa, à medida que cada momento tem uma necessidade *lógica*: e ele triunfou com o seu instinto lógico fundamental sobre uma *tal* constituição de mundo.

*

Mas o seu caso é somente um caso isolado. Cada *traço de caráter fundamental*, que jaz no fundamento de *cada* acontecer, que se exprime em cada acontecer, se ele fosse sentido por um indivíduo como *seu* traço de caráter fundamental, teria de levar esse indivíduo a abençoar, triunfante, cada momento da existência universal. Isso dependeria justamente de sentir-se esse traço de caráter fundamental como bom, valioso, com prazer.

*

Ora, a *moral* protegeu a vida diante do desespero e do salto no nada em homens e estamentos que foram subjugados e oprimidos por *homens*: pois a impotência contra os homens, *não* a impotência contra a natureza, produz o amargor mais desesperado. A moral tratou como inimigos, em geral, os detentores do poder [*Gewalthaber*], os perpetradores da violência [*Gewalttatigen*], os “senhores”, contra os quais o homem comum precisa ser protegido, *isto é, primeiramente, encorajado, fortalecido*. A moral, em seguida, ensinou a *odiar e desprezar* o mais profundamente o que é o traço fundamental de caráter de quem domina: *sua vontade de poder*. Eliminar, negar, esfacelar essa moral equivaleria a considerar o impulso mais odiado com um sentimento e uma valoração invertidos. Se o sofredor oprimido

perdesse a crença em ter *direito* ao seu desprezo à vontade de poder, então entraria no estágio do desespero sem nenhuma esperança. Esse seria o caso se esse traço fosse essencial para a vida, se acontecesse de, mesmo naquela “vontade de moral”, essa “vontade de poder” estar tão somente disfarçada, de mesmo aquele odiar e desprezar ser vontade potente. O oprimido entenderia que estava no *mesmo solo* que o opressor e que não tinha nenhum *privélio*, nenhuma *dignidade superior* diante deste.

*

Antes o *contrário*! Não há nada na vida que tenha valor fora do grau de poder – posto, justamente, que a própria vida é vontade de poder. A moral protegia os malsucedidos contra o niilismo, à medida que, a cada um, ela atribuiu um valor infinito, um valor metafísico, e o arrolou em uma ordem que não se afina com o poder mundano e a sua hierarquia: ela ensinou entrega, humildade etc. Se caducasse a crença nessa moral, então os malsucedidos não teriam mais o seu consolo – e *sucumbiriam*.

*

O *sucumbir* apresenta-se como *um dirigir-se para o fundo*, como uma seleção instintiva daquilo que se precisa *destruir*. *Sintomas* dessa autodestruição dos malsucedidos: a autoviviseção, a intoxicação, a embriaguez, o romantismo e, antes de tudo, a coação instintiva para ações com as quais se transformam em mortais os poderosos inimigos (– assim como se punisse o seu próprio carrasco), a *vontade de destruição* como vontade de um instinto ainda mais profundo, do instinto de autodestruição, da *vontade de nada*.

*

Nihilismo como sintoma de que os malsucedidos não têm mais consolo algum: de que eles destroem para serem destruídos, de que eles, liberados da moral, não têm mais nenhum motivo para “entregar-se” – de que eles se põem no terreno do princípio oposto e também, por seu turno, *querem poder*, à medida que constrangem os poderosos a serem os seus carrascos.

Essa é a forma europeia do budismo, o não-fazer, depois de toda a existência ter perdido o “sentido”.

*

A “miséria” não se tornou maior, como se poderia esperar: ao contrário! “Deus, moral, dedicação” eram remédios para níveis terrivelmente profundos de miséria: o *niilismo ativo* aparece em circunstâncias muito mais favoravelmente conformadas. Já o fato de que a moral seja sentida como superada supõe um grau suficiente de cultura espiritual; e esta, por sua vez, um relativo bem-viver. Um certo cansaço espiritual, que uma longa luta de opiniões filosóficas conduziu até o ceticismo mais desesperado *contra* a filosofia, caracteriza do mesmo modo a posição daqueles niilistas, que não é absolutamente *inferior*. Pense-se na situação em que surgiu Buda. A doutrina do eterno retorno teria pressuposições *eruditas* (como a doutrina do Buda tinha as suas, por exemplo, o conceito de causalidade etc.).

*

O que quer dizer agora “malsucedido”? Antes de tudo, algo *fisiológico*: não mais político. A mais insalubre espécie de homem na Europa (em todos os estamentos) é o terreno desse niilismo: ela sentirá a crença no eterno retorno como uma *maldição* e, uma vez que seja atingida por ela, não recuará mais diante de nenhuma ação: não o extinguir passivamente, mas *fazer* com que se extinga tudo o que nesse grau é sem sentido e sem finalidade: ainda que isso seja apenas um espasmo, um raivar cego no entendimento de que tudo, desde eternidades, existia – até mesmo este momento de niilismo e prazer na destruição. – O *valor de uma tal crise* é o fato de que ela *purifica*, força a concentração de elementos aparentados e faz com que se arruinem mutuamente; o fato de que atribua tarefas comuns a homens que têm modos de pensar opostos – trazendo à luz, também entre eles, os mais débeis, os mais inseguros, dando assim o primeiro impulso a *uma reordenação das forças* do ponto de vista da saúde: reconhecendo comandantes como comandantes, subordinados como subordinados. Naturalmente, fora de todas as ordenações sociais existentes.

*

Quais mostrar-se-ão *os mais fortes* nessas circunstâncias? Os mais moderados, aqueles que não têm *necessidade* de princípios de crença extremos, aqueles que não só reconhecem uma boa parte de acaso, de absurdo, mas antes a amam, aqueles que podem pensar o homem com uma significativa moderação do seu valor, sem por isso se apequenarem e se debilitarem: os mais ricos em saúde, que estão à altura da maioria das infelicidades e por isso não se assustam tanto diante das infelicidades – homens que *estão seguros de seu poder* e que representam com orgulho consciente a força *alcançada* pelo homem.

*

Como um tal homem pensaria o eterno retorno? –

56

[PERÍODOS DO NIILISMO EUROPEU]

O período da falta de clareza, das tentativas de toda espécie, de conservar o antigo e de não deixar o novo ir-se embora.

O período da clareza: comprehende-se que antigo e novo são oposições fundamentais: os antigos valores nascidos da vida que sucumbe, os novos da que ascende, – comprehende-se que *todos os antigos ideais* são ideais inimigos da vida (nascidos da *décadence* e determinando a *décadence*, por mais que estejam com o pomposo adorno domingueiro da moral) – nós *entendemos* o antigo e não estamos, ainda nem de longe, fortes o bastante para um novo.

O período dos três grandes afetos: do desprezo, da compaixão, da destruição.

O período da catástrofe: o advento de uma doutrina que *peneira* os homens... que leva os fracos a decisões e, da mesma maneira, os fortes –

-
- 6 Em alemão consta “*ist uns verleidet*”. [N.T.]
- 7 Idem. [N.T.]
- 8 Em francês no original: “compreender tudo”. [N.T.]
- 9 A saber: se não é possível a resposta a essa questão. [N.T.]
- 10 Em latim no original: “ente perfeito”. Refere-se ao divino. [N.T.]
- 11 De Tartufo, personagem de comédia homônima de Molière (1622-1673). Significa homem hipócrita. [N.T.]
- 12 Em francês no original: “pouco caso desocupado”, “negligência”, “indolência”. [N.T.]
- 13 Em francês no original: “o fato”. [N.T.]
- 14 Em francês no original: “desinteresse”, “abnegação”. [N.T.]
- 15 Criamos esse neologismo para traduzir melhor a palavra “*eudamonologischen*” usada por Nietzsche. “Eudemonológico” significa “o que tem a lógica da felicidade”. “*Eudaimonia*” é a transliteração de uma das palavras gregas que significam felicidade. [N.T.]
- 16 Ou seja, o prazer e a dor, mencionados acima. [N.T.]
- 17 Em francês no original: “Um monstro alegre é melhor do que um sentimental aborrecido”. [N.T.]
- 18 Em grego no original: “indiferença”. [N.T.]
- 19 Em latim no original: “contradição”. [N.T.]
- 20 Práticos eram profissionais que exerciam a profissão sem diploma, muitas vezes depois de terem feito um curso sumário. [N.T.]
- 21 Fisiologista francês (1813-1878) que demonstrou a função do pâncreas na digestão de gorduras, assim como a função glicogênica do fígado. [N.T.]
- 22 Em francês no original: “sistema fortificante”. A palavra “fortificante” está grifada. [N.T.]
- 23 *Tschandala*s são os párias da sociedade hindu, que, segundo o Código de Manu, mal devem ser tratados como seres humanos, pois são a pior escória da humanidade. Eles realizavam as atividades consideradas indignas, como a limpeza de detritos e os trabalhos que envolviam o abate de animais ou tinham como matéria-prima alguma parte de um animal. [N.T.]
- 24 Nos instintos-de-decadência citados no parágrafo anterior. [N.T.]

II. PARA A HISTÓRIA DO NIILISMO EUROPEU

[a) *O obscurantismo moderno*]

57

Meus amigos, foi duro quando éramos jovens: sofremos com a juventude como com uma doença grave. É isso que faz a época em que fomos lançados, – a época de uma grande decadência, que vai sempre se agravando, e de um esfacelamento, que, com todos os seus fracos e também com os seus melhores fortes, trabalha contra o espírito da juventude. O esfacelamento e, portanto, a incerteza são próprios desta época: nada se firma sobre pés seguros e sobre uma dura crença em si: vive-se para amanhã, pois o depois de amanhã é duvidoso. Tudo é liso e perigoso sobre a nossa estrada, e nela o gelo, que ainda nos sustenta, tornou-se muito fino: sentimos todos o respirar quente e inquietante do vento orvalhado – *para onde* ainda estamos indo, em breve ninguém mais poderá ir!

58

Se esta não é uma época da decadência e do estiolamento da força da vida, então, pelo menos, é uma época do *experimentar* irrefletido e arbitrário: – e é provável que pela superabundância de seus experimentos *malfadados* surja uma impressão de conjunto como se fosse decadência: e talvez surja a coisa mesma, a *decadência*.

59

PARA A HISTÓRIA DO OBSCURANTISMO MODERNO

Os nômades do Estado (funcionários etc.): sem “pátria” –
A derrocada da família.

“O homem bom” como sintoma de esgotamento.

Justiça como vontade de poder (disciplinamento)
Luxúria e neurose.
Música negra: – para onde foi a música restauradora?
O anarquista.
Desprezo dos homens, nojo.
A mais profunda diferenciação: se a fome ou o excesso se torna criador? A primeira produz os *ideais do romantismo*. –
A falta de naturalidade nórdica.
A necessidade de bebidas alcoólicas: os trabalhadores-“miséria”.
O niilismo filosófico.

60

O lento destaque e ascensão dos estamentos medianos e inferiores (computados espírito e corpo da espécie inferior) preludiados, ricamente, já antes da Revolução Francesa e que mesmo sem revolução teriam prosseguido do mesmo modo seu caminho, – no todo, portanto, o predomínio do rebanho sobre todos os pastores e carneiros guias – traz consigo

1. obscurecimento do espírito (– o um-estar-com-o-outro com uma *aparência* de felicidade estoica e frívola, como é próprio das culturas nobres, decresce; deixa-se que se *vejam* e se *ouçam* muitos sofrimentos, o que antes se suportava e ocultava);
2. a hipocrisia *moral* (uma espécie de querer *distinguir-se* pela moral, mas pelas virtudes do rebanho: compaixão, cuidado, moderação, que, fora do domínio do rebanho, não são reconhecidos nem significados);
3. uma quantidade *realmente grande* de compaixão e congratulação (o bem-estar nos grandes ajuntamentos, como têm todos os animais de rebanho – “senso comum”, “pátria”, tudo aquilo em que o indivíduo não é levado em consideração).

Com a sua ânsia de socorrer e prever as misérias casuais e de combater de antemão as possibilidades desagradáveis, nossa época é uma época dos *pobres*. Nossos “ricos” – estes são os mais pobres! O *objetivo* próprio de toda riqueza é *esquecer!*

Crítica do *homem moderno*: – “o homem bom”, só que corrompido e seduzido por más instituições (tiranos e sacerdotes); – a razão como autoridade; a história como superação dos erros; o futuro como progresso; – o Estado cristão, “o Deus das multidões”; – a função sexual cristã ou o casamento; – o reino da “justiça”, o culto da “humanidade”; – a “liberdade”.

A atitude *romântica* do homem moderno: – o homem nobre (Byron, Victor Hugo, George Sand); – a indignação nobre; – a santificação por meio da paixão (como “verdadeira” natureza); – a tomada de partido pelos oprimidos e malsucedidos: mote dos historiadores e dos romancistas; – os estoicos do dever; – a “abnegação” como arte e conhecimento; – o altruísmo como a forma mais mentirosa do egoísmo (utilitarismo), como o egoísmo mais sensível.

Tudo isso é século XVIII. O que, por outro lado, *não* se herdou dele: a *insouciance*,²⁵ a jovialidade, a elegância, a clareza espiritual. O andamento do espírito mudou; o gozo com fineza e clareza espirituais cedeu ao gozo com cores, harmonia, massa, realidade etc. Em resumo, é o século XVIII de Rousseau.²⁶

Contando por alto, em nossa humanidade [*Menschheit*] de hoje foi alcançado um imenso *quantum* de *humanitarismo* [*Humanität*]. Que isso, em geral, não seja sentido é uma prova a seu favor: tornamo-nos tão

sensíveis para as *pequenas misérias* que deixamos de considerar, injustamente, o que foi alcançado.

Aqui há que se descontar que há muita *décadence*: e que, visto com tais olhos, nosso mundo *tem de parecer* ruim e miserável. Mas esses olhos viram o mesmo em todas as épocas...

1. uma certa superexcitação mesmo do sentimento moral;
2. o *quantum* de amargor e obscurecimento que o pessimismo traz consigo na apreciação: - ambos juntos ajudaram o parecer *contrário* a preponderar, o de que a coisa vai *mal* com a nossa moralidade.
O fato do crédito, do mundo dos negócios inteiro, dos meios de troca, – uma imensa e branda *confiança* nos homens se expressa nisso... Para tanto contribui também
3. a libertação da ciência de intenções morais e religiosas: um sinal muito bom, mas que, na maioria das vezes, é falsamente entendido.

Tento, à minha maneira, uma justificativa da história.

64

O segundo budismo. – A *catástrofe niilista* que põe um fim à cultura indiana. – Prenúncios disso: o excesso de compaixão. A extenuação espiritual. A redução dos problemas a questões de prazer e desprazer. A glória de guerra, que suscita um contragolpe. Da mesma maneira, a delimitação nacional suscita um movimento contrário, a mais efusiva “fraternidade”. A impossibilidade de a religião continuar trabalhando com dogmas e fábulas.

65

O que hoje é mais profundamente atacado são o instinto e a vontade da *tradição* [*Tradition*]: todas as instituições que devem sua proveniência a esse instinto vão contra o gosto do espírito moderno... no fundo, ninguém pensa ou faz nada que não persiga o objetivo de arrancar pela raiz esse sentido da tradição [*Überlieferung*].²⁷ Toma-se a tradição [*Tradition*] como fatalidade; estuda-se, reconhece-se a tradição (como “herança” –), mas não se a *quer*. A

tensão de uma vontade cobrindo grandes espaços de tempo, a escolha dos estados e valorações que fazem com que se possa dispor sobre séculos do futuro – isso, justamente, é, em uma medida superlativa, antimoderno. Disso resulta que os princípios *desorganizadores* de nossa época dão o seu caráter. –

66

“Sede simples” – uma exortação dirigida a nós, complicados e incompreensíveis examinadores de rins, e que é uma simples bobagem... Sede naturais! Mas como, se se é justamente “não natural”...

67

Os meios de outrora para conseguir seres duradouros *homogêneos* por meio de longas gerações: propriedade fundiária inalienável, veneração dos antigos (origem da crença nos deuses e *heróis* como senhores ancestrais).

Agora o *estilhaçamento da propriedade fundiária* pertence à tendência contrária: um *jornal* (em vez da prece diária), estradas de ferro, telégrafo. Centralização de uma imensa quantidade de interesses diferentes em uma alma: que, *para isso*, tem de ser muito forte e capaz de transformação.

68

Por essa razão tudo se torna *espetáculo*. – Falta ao homem moderno: o *instinto seguro* (consequência de uma *duradoura e homogênea forma de atividade* de uma espécie de homem); a incapacidade de produzir algo *perfeito* é simplesmente a consequência disso: – não se pode jamais alcançar a escola como indivíduo.

Aquilo que uma moral, um código criam é o instinto profundo para o fato de que, primeiro, o *automatismo* torna possível a perfeição na vida e no criar...

Mas agora alcançamos o ponto oposto, sim, nós o *quisemos* alcançar – a mais extrema consciência, a translucidação de si do homem e da história... –

com isso estamos, na prática, o mais possível afastados da perfeição no ser, no fazer e no querer: nossos apetites, nossa vontade mesma de conhecimento é um sintoma de uma imensa *décadence*... Ansiamos pelo oposto disso que querem as *raças fortes*, as *naturezas fortes* – o conceber é um *fim*...

Que a ciência seja possível neste sentido, como hoje ela é exercida, é a prova do fato de que todos os instintos elementares, os instintos de defesa e proteção da vida, não atuam mais – não acumulamos mais, dissipamos os capitais dos antepassados, inclusive no modo como *conhecemos* –

Traço niilista

- a) nas *ciências da natureza* (“ausência de sentido” –); causalismo, mecanismo. A “regularidade” é um entreato, um resquício.
- b) Do mesmo modo na *política*: falta uma crença em seu direito, a inocência; domina a mentirada, o servilismo do momento.
- c) Do mesmo modo na *economia popular*: a sublevação da escravaria: falta de um estamento libertador, de um *justificador*, – advento do anarquismo. “Educação”?
- d) Do mesmo modo na *história*: o fatalismo, o darwinismo; malogram as últimas tentativas de interpretar intimamente razão e divindade. Sentimentalismo diante do passado; não se aguentaria nenhuma biografia! – (Aqui também o fenomenalismo: caráter como máscara; não há fatos.)
- e) Do mesmo modo na *arte*: romantismo e seu *contragolpe* (repugnância contra ideais e mentiras românticos). O último, moral, como sentido de uma maior veracidade, mas pessimista. Os “artistas” puros (indiferentes com relação ao conteúdo). (Psicologia de confessor e psicologia de puritano; duas formas do romantismo psicológico: mas inclusive ainda

o seu contragolpe: a tentativa de se posicionar de modo puramente artístico em relação ao “homem”, – também aí a avaliação *inversa ainda não é ousada!*)

70

Contra a doutrina da influência do meio e das causas exteriores: a força interior é infinitamente *superior*; muito do que parece ser influência externa é somente a sua adequação a partir do interior. Os mesmos meios podem ser interpretados e utilizados de maneira oposta: não há fatos. Um gênio *não* é esclarecido por tais condições de surgimento. –

71

A “*modernidade*” sob a metáfora da alimentação e da digestão.

A sensibilidade indizivelmente mais excitável (– sob o adorno moral de aumento da *compaixão* –) a grande quantidade de impressões disparatadas, maiores do que nunca: – o *cosmopolitismo* das comidas, literaturas, jornais, formas, gostos, mesmo paisagens etc.

O *andamento* dessa inundação é um *prestissimo*;²⁸ as impressões se apagam; as pessoas se impedem, por instinto, de ficar com algo dentro de si, *profundamente* dentro de si, de “digerir” algo;

– Resulta disso o enfraquecimento da força de digestão. Surge uma espécie de *adaptação* a essa sobrecarga de impressões: o homem desaprende de *agir*; *ele apenas reage ainda* a abalos vindos de fora. Gasta a sua força em parte na *apropriação*, em parte na *defesa*, em parte na *oposição*.

Profundo enfraquecimento da espontaneidade: – o historiador, crítico, analista, o intérprete, o observador, o colecionador, o leitor – todos talentos *reativos: toda a ciência!*

Preparação artificial de sua natureza para o “espelho”; interessado, mas como que simplesmente interessado epidermicamente; uma frieza

fundamental, um equilíbrio, uma temperatura mantida *mais baixa* logo abaixo da fina superfície sobre a qual há calor, movimento, “tempestade”, ondas.

Contraposição da mobilidade *externa* a um certo *peso profundo e um cansaço*.

72

A que pertence o nosso mundo moderno: ao esgotamento ou à ascensão?

– Sua multiplicidade e inquietação condicionada pela forma suprema do tornar-se consciente.

73

Sobrecarga de trabalho, curiosidade e compassibilidade – nossos *vícios modernos*.

74

Para a caracterização da “modernidade-”. – *Superabundante desenvolvimento das formações interme-diárias; estiolamento dos tipos; interrupção das tradições [Traditionen], das escolas; o predomínio extremo dos instintos* (preparado filosoficamente: *o inconsciente tem mais valor*) depois do manifesto *enfraquecimento da força da vontade*, do querer fim e meios.

75

Um hábil trabalhador manual ou erudito parece bem, caso tenha em sua arte o seu orgulho e olhe com suficiência e contentamento para a vida; por outro lado, nada é mais lamentável de se ver do que quando um sapateiro ou mestre-escola dá a entender, com o rosto sofredor, que nasceu para algo melhor. Não há absolutamente nada melhor do que o bem! Isso quer dizer: ter uma habilidade qualquer e a partir dela criar, *virtu*,²⁹ no sentido italiano do Renascimento.

Hoje, quando o Estado tem um absurdo ventre inchado, há em todos os campos e especialidades, além dos próprios trabalhadores, “representantes”, por exemplo, além dos eruditos, também literatos, além das camadas sofredoras do povo, também imprestáveis palradores fanfarrões, que “representam” aquele sofrimento, para não falar dos políticos de carreira [*von Berufswegen*], que se encontram muito bem e “representam”, a plenos pulmões, estados de calamidade diante de um parlamento. Nossa vida moderna é extremamente *dispendiosa* pela quantidade de pessoas intermediárias; em uma cidade antiga, por outro lado, e com eco ainda em muitas cidades da Espanha e da Itália, a pessoa mesma se apresentava e não teria dado nada a um tal representante moderno e negociante intermediário – a não ser um pontapé!

76

A preponderância dos *negociantes* e de *pessoas intermediárias*, mesmo no que há de mais espiritual: o literato, o representante, o historiador (que confunde passado e presente), o exotérico e cosmopolita, as pessoas intermediárias entre ciência da natureza e filosofia, os semiteólogos.

77

Um grande nojo provocaram-me até agora os parasitas do espírito: podem-se encontrá-los, em nossa Europa insalubre, já por toda parte, e deveras com a melhor consciência do mundo. Talvez um pouco confuso, um pouco *air pessimiste* ;³⁰ no principal, porém, voraz, sujo, espalhador de sujeira, sorrateiro, acomodado, ladrão, cheio de comichões – e inocente como todos os pequenos pecadores e micróbios. Eles vivem do fato de que outras pessoas têm espírito e o distribuem a mancheias: eles sabem como isso é próprio da essência do espírito rico, dissipar-se despreocupadamente, sem prudência mesquinha, em pleno dia e mesmo de forma esbanjadora. – Pois o espírito é um péssimo administrador doméstico e não dá nenhuma atenção para o fato de que tudo vive e se alimenta dele.

A ESPETACULOSIDADE

O espectro de cores do homem moderno e seu atrativo. Essencialmente esconderijo e fastio.

O literato.

O político (na “vertigem nacional”).

A espetaculosidade nas artes:

Falta de probidade na formação primária e na instrução (Fromentin);³¹ os românticos (falta de filosofia e de ciência e excesso de literatura); os escritores de romances (Walter Scott, mas também os monstros-nibelungos com a música mais nervosa); os líricos.

A “cientificidade”.

Virtuosos (judeus).

Os ideais populares como superados, mas ainda não *diante do povo*: o santo, o sábio, o profeta.

A *falta de disciplina do espírito moderno* sob muitos adornos morais: – As palavras pomposas são: a tolerância (pela “incapacidade para o sim e o não”); a *largeur de sympathie*³² = um terço de indiferença, um terço de curiosidade, um terço de suscetibilidade doentia à comoção; a “objetividade” = falta de pessoa, falta de vontade, incapacidade para o amor; a “liberdade” em relação às regras (romantismo); a “verdade” contra a falsidade e a mentirada (naturalismo); a “cientificidade” (o “*document humain*”),³³ em alemão, o *Kolportage-Roman* [romance-de-formação] e a adição em vez da composição; a “paixão” no lugar da desordem e da desmedida; a “profundidade” no lugar do embaralhamento, da confusão de símbolos.

Para a crítica das grandes palavras. – Sou cheio de desconfiança e de malignidade contra o que se chama de “ideal”: eis aqui o *meu pessimismo*: o ter reconhecido como os “sentimentos mais elevados” são uma fonte de calamidade, isto é, de apequenamento e de rebaixamento dos valores do homem.

- Engana-se todas as vezes quem espera um “progresso” de um ideal: a vitória do ideal sempre foi, até agora, um *movimento retrógrado*.
- Cristianismo, revolução, abolição da escravidão, direitos iguais, filantropia, amor à paz, justiça, verdade: todas essas grandes palavras só têm valor na luta, como estandarte: *não* como realidades, mas antes como palavras pomposas para algo completamente outro e deveras oposto!

81

Conhece-se a espécie de homem que se apaixonou pela sentença *tout comprendre c'est tout pardonner*³⁴ São os fracos, são antes de tudo os desiludidos: se em tudo há algo a perdoar, há também, em tudo, algo a desprezar? É a filosofia da desilusão que aqui se desenvolve de forma tão humana em compaixão, e olha com doçura.

São românticos que perderam a fé: agora querem ao menos também *assistir* como tudo corre e transcorre. Chamam isso de *l'art pour Fart*,³⁵ “objetividade” etc.

82

Sintoma principal do pessimismo: – os *diners chez Magny*,³⁶ o pessimismo russo (Tolstoi, Dostoiévski); o pessimismo estético, *l'art pour l'art*, “*description*”³⁷ (o pessimismo romântico e antirromântico); o pessimismo da teoria do conhecimento (Schopenhauer; o “fenomenalismo”); o pessimismo anarquista; a “religião da compaixão”, pré-movimento budista; o pessimismo cultural (exotismo, cosmopolitismo); o pessimismo moral: eu mesmo.

83

“Sem a fé cristã”, pensa Pascal, “vós seríeis, vós mesmos, do mesmo modo que a natureza e a história, *un monstre et un chaos.*”³⁸ Essa profecia nós cumprimos: depois que o débil e otimista século XVIII *embelezara* e *racionalizara* o homem.

Schopenhauer e Pascal: em um sentido essencial, *Schopenhauer* é o primeiro que re-toma o movimento de *Pascal: un monstre et un chaos*, por conseguinte, algo que deve, há de ser *negado...* história, natureza, o homem mesmo!

Nossa incapacidade de reconhecer a verdade é a consequência de nossa *perversão*, de nossa *decadência moral*: assim diz Pascal. E do mesmo modo, no fundo, Schopenhauer: “Quanto mais profunda a perversão da razão, tanto mais necessária a doutrina da salvação” – ou, dito schopenhaurianamente, a negação.

84

Schopenhauer como complemento [Nachschlag] (estado antes da revolução):

– compaixão, sensibilidade, arte, fraqueza da vontade, catolicismo dos apetites espirituais – isso é, *au fond*,³⁹ o bom século XVIII.

O mal-entendido fundamental de *Schopenhauer* a respeito da *vontade* (como se apetite, instinto, pulsão fossem o *essencial* na vontade) é típico: rebaixamento dos valores da vontade até o estiolamento. No mesmo sentido, ódio contra o querer; tentativa de ver no não-mais-querer, no “ser sujeito sem fim e intenção” (“no puro sujeito livre de vontade”) algo mais elevado, deveras o mais elevado, o pleno de valor. Grande sintoma do *cansaço*, ou da *debilidade da vontade*: pois esta é exatamente aquela que trata o apetite como senhor, que indica seu caminho e medida...

85

Fez-se a indigna tentativa de ver nos tipos de Wagner e Schopenhauer o mentalmente perturbado: um entendimento incomparavelmente mais

essencial seria obtido se se precisasse cientificamente o tipo da *décadence* que ambos representam.

86

Henrik Ibsen⁴⁰ tornou-se-me muito claro. Com toda a sua “vontade de verdade” não ousou libertar-se do ilusionismo moral, o qual diz “liberdade” e não quer reconhecer o que é liberdade: o segundo grau na metamorfose da “vontade de poder” pelo lado daqueles aos quais ela falta. No primeiro, exige-se justiça por parte daqueles que detêm o poder. No segundo, diz-se “liberdade”, isto é, quer-se “livrar-se” daqueles que detêm o poder. No terceiro, dizem-se “direitos iguais”, isto é, à medida que ainda não se tem a preponderância, quer-se também impedir os competidores de crescer em poder.

87

Derrocada do *protestantismo*: compreendido como teórica e historicamente insuficiente. Preponderância efetiva do catolicismo; o sentimento do protestantismo ficou tão caduco que os mais fortes movimentos antiprotestantes não mais são sentidos como tais (por exemplo, o *Parsifal* de Wagner). Toda a espiritualidade superior na França é *católica* no instinto; Bismarck compreendeu que não existe mais, absolutamente, um protestantismo.

88

O protestantismo, aquela forma espiritualmente impura e aborrecida da *décadence*, na qual a cristandade soube se conservar até agora no Norte mediocre: como algo incompleto e complexo, valioso para o conhecimento, à medida que reuniu, nas mesmas cabeças, experiências de ordem e proveniência distintas.

89

O que o espírito alemão fez do cristianismo! – E que eu fique apenas no protestantismo, quanta cerveja há no cristianismo protestante! Pode-se ainda pensar uma forma espiritualmente mais embotada, mais indolente, mais espreguiçada da crença cristã do que a de um protestante médio alemão?... Isso é o que chamo de um cristianismo modesto! Uma homeopatia do cristianismo: é assim que eu o chamo! – Lembram-me o fato de que hoje há também um protestantismo *imodesto*, aquele dos pregadores da corte e dos especuladores antisemitas: mas ninguém ainda afirmou que “paira” algum “espírito” sobre essas águas... Essa é somente uma forma mais indecorosa de cristianismo, de modo algum mais ajuizada...

90

Progresso. – Não nos iludamos! O tempo corre para diante, – gostaríamos de acreditar que também tudo o que está nele corre para diante – que o desenvolvimento é um desenvolvimento para diante... Essa é a aparência pela qual os mais refletidos são seduzidos: mas o século XIX não traz nenhum progresso em relação ao XVIII: e o espírito alemão de 1888 é um recuo em relação ao espírito alemão de 1788... A “humanidade” não avança, ela nem mesmo existe... O aspecto de conjunto é o de uma imensa oficina de experimentos, em que algo sai bem dissipado por todos os tempos e uma quantidade indizível malogra, onde falta qualquer ordem, lógica, conexão e conexidade. Como poderíamos desconhecer que o advento do cristianismo é um *movimento-décadence*?... Que a Reforma alemã é um recrudescimento da barbárie cristã?... Que a Revolução destruiu o instinto para a organização grande e a possibilidade de uma sociedade?... O homem não é nenhum progresso em relação ao animal: o enternecido pela cultura é um aborto em comparação com um árabe ou um corso; o chinês é um tipo bem-sucedido, a saber, mais durável que o europeu...

[b) Os últimos séculos]

91

O obscurantismo e a coloração pessimista chegam necessariamente ao cortejo do Iluminismo [*Aufklärung*]. Em torno de 1770, já se notava um decréscimo de jovialidade: mulheres pensavam, com aquele instinto feminino que sempre toma partido a favor da virtude, que a imoralidade fosse culpada disso. Galiani⁴¹ acertou na mosca: ele cita versos de Voltaire:⁴²

Un monstre gai vaut mieux

*Qu'un sentimental ennuyeux.*⁴³

Ora, se suponho agora estar à frente de Voltaire e mesmo de Galiani – que era algo bem mais profundo – no Iluminismo [*Aufklärung*]: como teria de ter ido longe no obscurantismo! Isso também é verdadeiro: e me precavi, em tempo oportuno, contra uma espécie de pesar, diante da estreiteza alemã e cristã e da incorreção consequente do pessimismo schopenhaueriano e leopardiano e procurei as suas formas primevas (– Ásia –). Para suportar este extremo pessimismo (como ele ressoa aqui e ali em meu *O nascimento da tragédia*) e viver só, “sem Deus e moral”, precisei inventar uma contrapartida. Talvez saiba melhor do que ninguém por que só o homem ri: só ele sofre tão profundamente a ponto de *precisar* inventar o riso. O mais infeliz e melancólico animal é, como é justo, o mais alegre.

92

Em relação à cultura alemã, sempre tive o sentimento da *derrocada*. – O fato de que eu tenha travado o primeiro conhecimento com uma espécie decadente tornou-me com frequência *injusto* em relação ao fenômeno *inteiro* da cultura europeia. – Os alemães chegam sempre tarde e atrás: eles portam algo no *fund*, por exemplo –

Dependência do exterior: por exemplo, *Kant* – *Rousseau* – Sensualistas, *Hume* – *Swedenborg*⁴⁴ –

Schopenhauer – indianos e românticos, *Voltaire*.

Wagner – o culto francês do horrível e da grande ópera, *Paris* e fuga nos estados *primordiais* (o casamento-irmão).

Lei dos *retardatários* (da província em relação a Paris, da Alemanha em relação à França).

Como justamente alemães descobriram o grego;

Quanto mais forte se desenvolve um impulso, tanto mais se torna *atrativo* para *precipitar-se* alguma vez em seu *oposto*.

93

Renascimento e Reforma. – O que prova o Renascimento? Que o reino do “indivíduo” só pode ser curto. O dispêndio é muito grande; falta a possibilidade mesma de reunir, de capitalizar, e o esgotamento acossa nos calcanhares. São tempos nos quais tudo é desperdiçado, nos quais a força mesma com a qual se junta, capitaliza, acumula riqueza sobre riqueza é desperdiçada... Mesmo os opositores de tais movimentos são forçados a uma desatinada dissipação de forças; também eles logo se tornam esgotados, gastos, desolados.

Nós temos na Reforma uma contrapartida rude e plebeia do Renascimento da Itália, originada de impulsos aparentados, somente que este precisava travestir-se de religioso no Norte que ficou para trás, que permaneceu vulgar, - aí o conceito de uma vida mais elevada não se havia ainda desprendido da vida religiosa.

Também com a Reforma o indivíduo quer liberdade; “cada um é seu próprio sacerdote”, eis apenas uma fórmula de libertinagem. Na verdade, bastava uma palavra – “liberdade evangélica” –, e todos os instintos que tinham razão para permanecer no esconderijo irromperam como cães selvagens, as necessidades mais brutais receberam coragem para si e, de repente, tudo parecia justificado... Evitava-se compreender qual liberdade se tinha em vista no fundo, fechavam-se os olhos diante de si... Mas o fato de que se fechavam os olhos e se regavam os lábios com dizeres exaltados não impedia que as mãos agissem onde se havia de agir, que o ventre se tornasse

o Deus do “livre evangelho”, que todos os prazeres da vingança e da inveja se satisfizessem com insaciável fúria...

Isso durou um momento: depois veio o esgotamento, exatamente como tinha chegado no Sul da Europa; e também aqui, por sua vez, uma espécie de esgotamento *vulgar*, um *ruere in servitium*⁴⁵ generalizado... E veio o século *indecente* da Alemanha...

94

O *cavalheiresco* como a posição de poder conquistada com luta: seu despedaçamento gradual (e em parte ascensão ao mais amplo, ao burguês). Em La Rochefoucauld⁴⁶ há a consciência das molas propulsoras propriamente ditas da nobreza do ânimo – e uma apreciação com obscurecimento cristão dessas molas propulsoras.

Progressão do *cristianismo* com a *Revolução Francesa*. O sedutor é Rousseau: ele liberta a mulher novamente, que a partir de então se torna sempre mais interessante - é apresentada *sofrendo*. Depois os escravos e *mistress Beecher-Stowe*.⁴⁷ Depois os pobres e os trabalhadores. Depois os viciados e os doentes, - tudo isso foi posto em primeiro plano (e mesmo para tornar o gênio simpático, não sabem fazer outra coisa senão apresentá-lo como o grande sofredor!). Depois veio a maldição da volúpia (Baudelaire e Schopenhauer); a mais decidida convicção de que a ambição pelo domínio é o maior vício; completa segurança em achar que moral e *désintérêt*⁴⁸ sejam conceitos idênticos, que a “felicidade geral” seja um fim digno de ambição (isto é, o reino celeste *Christi*):⁴⁹ Estamos no melhor caminho: o reino celeste dos pobres de espírito começou. Etapa intermediária: o *bourgeois*⁵⁰ (em consequência do bem-sucedido pelo dinheiro) e o trabalhador (em consequência da máquina).

Comparaçao da cultura grega com a francesa no tempo de Luís XIV. Crença decisiva em si mesmo. Um estamento de ociosos que se fazem pesar

e exercitam a superação de si. O poder da forma, vontade de formar-se. “Felicidade” como fim confesso. Muita força e energia *por trás* da essência das formas. O gozo na contemplação de uma vida que *parece tão leve*. – Os gregos pareciam, aos egípcios, *crianças*.

OS TRÊS SÉCULOS

Sua diferente sensibilidade exprime-se melhor assim:

Aristocratismo: Descartes, domínio da *razão*, testemunho da soberania da *vontade*

Feminismo: Rousseau, domínio do *sentimento*, testemunho da soberania dos *sentidos*, (enganador)

Animalismo: Schopenhauer, domínio dos *apetites*, testemunho da soberania da animalidade (mais honesto, porém obscuro)

O século XVII é *aristocrático*, ordenador, altivo em relação ao animal, rigoroso em relação ao coração, “incômodo” [“*ungemütlich*”], mesmo sem ânimo [*Gemüt*], “in-alemão”, avesso ao burlesco e ao natural, generalizador e soberano em relação ao passado: pois acredita em si. Muito animal de rapina *au fond*,⁵¹ muito hábito ascético para permanecer senhor. O século da *força de vontade*; também o da forte paixão.

O século XVIII é dominado pela *mulher*, entusiástico, rico em espírito, superficial, mas com um espírito a serviço da desejabilidade, do coração, libertino no gozo do mais espiritual, minando todas as autoridades; embriagado, jovial, claro, humano, falso diante de si, muita *canaille au fond*,⁵² social...

O século XIX é *mais animal*, subterrâneo, *mais feio*, mais realista, mais plebeu, e justamente por isso “melhor”, “mais honrado”, mais submisso diante da “realidade” de qualquer espécie, *mais verdadeiro*; mas fraco na vontade, triste e sombriamente anelante, fatalista. Nem diante da “razão” nem diante do “coração” tímido e venerador; profundamente convicto do domínio dos apetites (Schopenhauer dizia “vontade”; mas nada é mais

característico de sua filosofia do que o fato de que, nela, falta a vontade). Mesmo a moral é reduzida a um instinto (compaixão).

Auguste Comte é *continuação do século XVIII* (domínio do *coeur*⁵³ sobre *la tête*,⁵⁴ sensualismo na teoria do conhecimento, entusiasmo altruísta).

Que a *ciência* tenha se tornado soberana a esse grau é prova de que o século XIX *libertou-se* da dominação dos *ideais*. Uma certa “falta de necessidade” no desejar nos possibilita, pela primeira vez, a nossa curiosidade e o nosso rigor científicos – essa nossa espécie de virtude...

O romantismo é um *complemento* [*Nachschlag*] do século XVIII; uma espécie de desejo acumulado pelo seu entusiasmo de grande estilo (– de fato, uma boa parte de espetaculosidade e de autoengano: era a sua vontade representar a forte *natureza*, a grande paixão).

O século XIX procura instintivamente por *teorias*, com as quais ele sente justificada a sua *fatalística sujeição ao factual*. Já o sucesso de *Hegel* contra o “sensibilismo” e o idealismo romântico estava no fatalístico de sua maneira de pensar, na sua crença da maior razão ao lado dos vitoriosos, em sua justificativa do “Estado” real [*wirklich*] (no da humanidade etc.). Schopenhauer: somos algo tolo e, no melhor dos casos, mesmo algo que suprime a si mesmo. Sucesso do determinismo, da dedução genealógica do que vem antes como *conexões* absolutamente válidas, a doutrina do *milieu*⁵⁵ e da adaptação, a redução da vontade a movimentos reflexos, a negação da vontade como “causa efetiva” [*wirkliche*]; finalmente – uma verdadeira mudança de nome: vê-se tão pouca vontade, que a palavra fica *livre* para designar outra coisa.

Teorias seguintes: as doutrinas da consideração objetiva “sem vontade” como único caminho para a verdade; *também para a beleza* (– também a crença no “gênio”, para se ter um direito à *submissão*); o mecanicismo, a fixidez calculável dos processos mecânicos; o pretenso “naturalismo”,

eliminação como princípio do sujeito que seleciona, que julga, que interpreta -

Kant com a sua “razão prática”, com o seu *fanatismo-moral*, é completamente século XVIII; ainda completamente fora do movimento histórico; sem nenhum olhar para a realidade [*Wirklichkeit*] de seu tempo, por exemplo, a Revolução; intacto pela filosofia grega; fantasista do conceito de dever; sensualista, com o pendor sub-reptício dos maus hábitos dogmáticos – o *movimento de volta a Kant*, em nosso século, é um *movimento de volta ao século XVIII*: quer-se criar para si novamente um direito aos *antigos ideais* e ao antigo entusiasmo, – por isso uma teoria do conhecimento que “põe limites”, isto é, que permite *estabelecer um além da razão conforme o gosto...*

A maneira de pensar de *Hegel* não está muito distante da de *Goethe*: que se ouça Goethe sobre *Spinoza*. Vontade de divinização do todo e da vida, para encontrar *calma e felicidade* em seu contemplar e investigar; Hegel vê razão por toda parte – deve-se *entregar-se e resignar-se* diante da razão. Em Goethe, uma espécie de *fatalismo* quase *alegre e confiante*, que não revolta, que não faz esmorecer, que tenta criar uma totalidade a partir de si, na crença de que só na totalidade tudo se salva, tudo aparece como bom e justificado.

96

Período do *Iluminismo* [*Aufklärung*], – depois período da *sensitividade*. Em que medida Schopenhauer pertence à “sensitividade” (Hegel à espiritualidade).

97

O século XVII sofre do homem como de uma *soma de contradições* “*Tamas de contradictions*⁵⁶” que somos, procura descobrir o homem, *ordená-lo*,

desenterrá-lo: enquanto o século XVIII procura esquecer o que se sabe da natureza do homem para adequá-lo à sua utopia. “Superficial, mole, humano” – entusiasma-se “pelo homem” –

O século XVII procura apagar os vestígios do indivíduo, a fim de que a obra se assemelhe o máximo possível à vida. O século XVIII procura *interessar pelo autor* por meio da obra.

O século XVII procura arte na arte, um pedaço da cultura; com a arte da propaganda, o século XVIII promove reformas de natureza social e política.

A “utopia” do “homem ideal”, a deificação da natureza, a futilidade do pôr-se em cena, a subordinação à propaganda com fins sociais, o charlatanismo – tudo isso nós temos do século XVIII.

O estilo do século XVII: *propre, exact et libre*.⁵⁷

O indivíduo forte, bastando-se a si mesmo ou diante de Deus em um esforço zeloso - e aquela pressa saltitante e impertinência de autores modernos [*Autoren-Zudringlichkeit und -Zuspringlichkeit*], – todos são oposições. “Producir-se” – que se comparem com isso os eruditos de Port-Royal.⁵⁸

Alfieri⁵⁹ tinha um sentido para o *grande estilo*.

O ódio em relação ao *burlesco* (sem dignidade), a *falta de sentido natural* pertencem ao século XVII.

Contra Rousseau: o homem, *infelizmente*, deixou de ser mau o bastante; os opositores de Rousseau, que dizem “o homem é um animal de rapina”, infelizmente, não têm razão: a maldição não é a deterioração do homem, mas o seu enterneциamento e moralização; na esfera combatida mais veementemente por Rousseau estava justamente a espécie de homem *relativamente* ainda forte e bem-sucedida (- aquela que ainda tinha os grandes afetos *inquebrantados*, vontade de poder, vontade de gozo, vontade e capacidade para comandar). Precisa-se comparar o homem do século XVIII

com o homem do Renascimento (também com o do século XVII na França), para que se pressinta do que se trata: Rousseau é um sintoma do desprezo de si e da vaidade inflamada – sinais de que falta a vontade dominadora: ele moraliza e procura a causa de sua miserabilidade, como homem de rancor, nos estamentos *dominantes*.

99

[*Voltaire – Rousseau.* –] O estado de natureza é terrível, o homem é um animal de rapina; nossa civilização é um inaudito *triunfo* sobre essa natureza de animal de rapina: – assim concluiu Voltaire. Ele recebeu uma suavização, os refinamentos, as alegrias espirituais do estado civilizado; desprezava a estreiteza mesmo na forma de virtude; desprezava a falta de delicadeza mesmo nos ascetas e monges.

A *censura moral* do homem parecia preocupar Rousseau; com as palavras “injusto”, “terrível” podem-se incitar maximamente os instintos dos oprimidos, que na maior parte das vezes encontram-se sob o fascínio do *vetitum*⁶⁰ e da desgraça: *de modo que sua consciência lhes desaconselha os apetites estimulantes*. Esses emancipadores procuram, na maior parte das vezes, *uma coisa*: dar ao seu partido os acentos grandiosos e as atitudes da *natureza mais elevada*.

100

Rousseau: a regra se baseia no sentimento; a natureza como fonte de justiça; o homem chega à completeza à medida que se *aproxima da natureza* (segundo Voltaire, à medida que se *afasta da natureza*). As mesmas épocas são, para um, aquelas do progresso da *humanidade*, para outro, os tempos da ruína, da injustiça e da desigualdade.

Voltaire comprehende ainda a *humanitá*⁶¹ no sentido do Renascimento, da mesma forma a *virtú*⁶² (como “alta cultura”), e luta pela causa das *honnêtes gens de la bonne compagnie*,⁶³ pela causa do gosto, da ciência, das artes, pela causa do progresso e da civilização.

A luta deflagrou-se em torno de 1760: o cidadão genebrino e o senhor de Tourney.⁶⁴ Somente a partir daí torna-se Voltaire o homem de seu século, o filósofo, o representante da tolerância e da descrença (até então somente *un bel esprit*).⁶⁵ A inveja e o ódio ao sucesso de Rousseau impulsionaram-no adiante, “para as alturas” –

– *Pour “la canaille” un dieu rémunérateur et vengeur*⁶⁶ – Voltaire.

Crítica de ambos os pontos de vista em relação ao *valor da civilização*. Para Voltaire, *a invenção social* é a mais bela que há, e não há fim mais elevado do que sustentá-la e aperfeiçoá-la; justamente isto é a *honnêteté*:⁶⁷ respeitar os usos sociais; virtude é uma obediência a certos “preconceitos” necessários em benefício da *manutenção* da “sociedade”.

Missionário da cultura, aristocrata, representante dos estamentos dominantes e de suas valorações. Mas Rousseau permaneceu plebeu, também como *homme des lettres*:⁶⁸ isso era *inauditó*; seu desavergonhado desprezo a tudo o que não era ele mesmo.

O *doente* em Rousseau foi o mais admirado e *imitado*. (Aparentado a Lord Byron; também eriçando-se [*aufschraubend*] em atitudes sublimes, em arrufo rancoroso; sinais de “vulgaridade”; mais tarde, equilibrado por Veneza, compreendeu o que *mais facilita e é benfazejo, ... l'insouciance*.)⁶⁹

Rousseau é orgulhoso em relação àquilo que é, apesar de sua origem; mas fica fora de si quando lhe fazem lembrar-se dela...

Em Rousseau, indubitavelmente, há a destruição do espírito; em Voltaire, uma inabitual saúde e leveza. O *rancor do doente*; os tempos de sua loucura são os mesmos de seu desprezo pelo homem e de sua desconfiança.

A defesa da *Providência* por Rousseau (contra o pessimismo de Voltaire): ele *necessitava* de Deus para poder lançar a maldição contra a sociedade e a civilização; tudo tinha de ser bom em si, pois Deus o tinha criado; *somente o homem deteriorou o homem*. O “bom homem”, como o homem natural, era

pura fantasia; mas com o dogma da autoria da criação de Deus, algo verossímil e fundamentado.

Romantismo à la Rousseau: a paixão (o soberano direito da paixão); a “naturalidade”; o fascínio da loucura (a tolice computada como grandeza); a absurda futilidade do fraco; o rancor plebeu como *juiz* (“na política tomouse como líder, desde cem anos, um doente”).

Kant: torna possível para os alemães o ceticismo da teoria do conhecimento dos ingleses

1. à medida que ele interessa as necessidades morais e religiosas dos alemães pelo mesmo (: assim como, pelos mesmos motivos, os acadêmicos modernos utilizam o ceticismo como preparação para o platonismo, *vide* Agostinho; assim como Pascal utilizava até o ceticismo moral para excitar a necessidade da fé, “para justificar”);

2. à medida que o floreava e ondulava escolasticamente e, com isso, o tornava agradável à forma do gosto científico dos alemães (pois Locke e Hume em si eram por demais luminosos, por demais claros, isto é, julgados pelos instintos de valor alemães, “por demais superficiais” –).

Kant: um pequeno psicólogo e conhecedor dos homens; errando grosseiramente em relação a grandes valores históricos (Revolução Francesa). Fanático moral à la Rousseau, com subterrânea cristandade dos valores; dogmático completamente, mas com um pesado fastio nessa tendência, [chegando] até o desejo de tiranizá-la, porém, também logo depois cansado do ceticismo; ainda intacto por qualquer hálito de gosto cosmopolita e da beleza antiga... Um *procrastinador* e *intermediador*, nada original – assim como Leibniz, entre mecânica e espiritualismo, como *Goethe*, entre o gosto do século XVIII e o do “sentido histórico” (– o essencial é um sentido do exotismo), como a *música alemã*, que se situa

entre a francesa e a italiana, como *Carlos Magno intermediou, fez a transição entre o Império Romano e o nacionalismo*, – *procrastinador par excellence*.

102

Em que medida os séculos *cristãos*, com o seu pessimismo, foram séculos *mais fortes* do que o XVIII - correspondendo à idade *trágica* dos gregos –

O século XIX *em contraposição* ao século XVIII. No que há herança, - no que há retrocesso em relação ao mesmo (menos “espírito”, menos gosto), – no que há progresso sobre o mesmo (mais obscuro, mais realista, *mais forte* –).

103

O que significa isso que sentimos retrospectivamente como a *campagna romana*?⁷⁰ E as altas montanhas?

Chateaubriand,⁷¹ em 1803, em carta a M. de Fontanes, dá a primeira impressão da *campagna romana*.

O presidente De Brosse⁷² diz da *campagna romana*: “*il fallait que Romulus fut ivre, quand il songea à bâtir une ville dans un terrain aussi laid.*”⁷³

Também Delacroix⁷⁴ não gostava de Roma, ela fazia-lhe medo. Entusiasmava-se por Veneza, como Shakespeare, como Byron,⁷⁵ como George Sand.⁷⁶ A repulsa por Roma também está presente em Teófilo Gautier⁷⁷ – e em Richard Wagner.

Lamartine⁷⁸ fala de Sorrento⁷⁹ e o Posilippo⁸⁰ –

Victor Hugo⁸¹ entusiasma-se pela Espanha “*parce que aucune autre nation n'a moins emprunté à l'antiquité, parce qu'elle n'a subi aucune influence classique*”.⁸²

104

As duas grandes tentativas que foram feitas para superar o século XVIII:

Napoleão, à medida que acordava o homem, o soldado e a grande luta pelo poder – concebendo a Europa como unidade política;

Goethe, à medida que imaginava uma cultura europeia que constituía toda a herança já *alcançada* pela humanidade.

A cultura alemã deste século desperta desconfiança – na música, falta aquele elemento pleno, redentor e conectivo de Goethe –

105

A preponderância da *música* nos românticos de 1830 a 1840. Delacroix. Ingres,⁸³ um músico apaixonado (culto a Gluck,⁸⁴ Haydn, Beethoven, Mozart) dizia a seus alunos em Roma “*si je pouvais vous rendre tous musiciens, vous y gagneriez comme peintres*”⁸⁵; do mesmo modo Horace Vernet,⁸⁶ com uma especial paixão pelo *Don Juan* (como atesta Mendelssohn⁸⁷ em 1831); do mesmo modo Stendhal,⁸⁸ que diz de si mesmo: *Combien de lieues ne ferais-je pas à pied, et à combien de jours de prison ne me soumetterais-je pas pour entendre Don Juan ou le Matrimonio segreto; et je ne sais pour quelle autre chose je ferais cet effort.*⁸⁹ Na época, ele tinha 56 anos.

– As formas emprestadas, por exemplo, Brahms⁹⁰ como típico “epílogo”, do mesmo modo o protestantismo culto de Mendelssohn (uma “alma” anterior torna-se *traduzida [nachgedichtet]*...)

– as substituições morais e poéticas em Wagner, uma arte como recurso para faltas nas outras,

– o “sentido histórico”, a inspiração por meio do poetar, do contar,

– aquela típica transformação para a qual, entre os franceses, G. Flaubert, entre os alemães, Richard Wagner é o mais claro exemplo, de como a crença no amor e no futuro converte-se em anseio pelo nada, 1830 em 1850.

106

Por que a música alemã culmina na época do romantismo alemão? Por que falta Goethe na música alemã? Quanto Schiller, mais exatamente quanto “Thekla”⁹¹ há, por outro lado, em Beethoven!

- Schumann⁹² tem Eichendorff, Uhland, Heine, Hoffmann, Tieck⁹³ em si.
- Richard Wagner tem *Freischiltz*,⁹⁴ Hoffmann, Grimm,⁹⁵ a saga romântica, o catolicismo místico do instinto, o simbolismo, a “espiritualidade livre da paixão”, as intenções de Rousseau. O *Navio fantasma*⁹⁶ sabe à França, onde *le ténèbreux*⁹⁷ 1830 era o tipo sedutor.
- *Culto da música*: o romântico revolucionário da forma. Wagner resume o romântico, o alemão e o francês –

107

Em relação ao seu valor para a Alemanha e para a cultura alemã, Richard Wagner permanece depreciado, um grande ponto de interrogação, talvez uma infelicidade alemã, um destino, em todo caso: mas o que importa? Ele não é algo muito maior – do que meramente um acontecimento alemão? Até parece-me que ele pertence mais a qualquer outro lugar do que à Alemanha; nada aí está preparado para ele, o seu tipo está entre os alemães simplesmente como estrangeiro, estranho, incompreendido, incompreensível. Mas evita-se reconhecê-lo: para tanto, todos são, de muito, bonacheirões, muito quadrados, muito alemães. “*Credo quia absurdus est*”:⁹⁸ assim quer e queria, também neste caso, o espírito alemão - e assim ele acredita, entretanto, em tudo o que Wagner queria ter acreditado sobre si mesmo. O espírito alemão, em todos os tempos, sofreu da falta de *psychologicis*⁹⁹ da liberdade e da adivinhação. Hoje, quando está sob a alta pressão do patriotismo e da autoadmiração, engorda e torna-se grosseiro a olhos vistos: como poderia ele estar à altura do problema Wagner!

108

Os alemães ainda não são nada, mas tornam-se alguma coisa; portanto, ainda não têm uma cultura, – portanto, não podem ter ainda nenhuma

cultura! Essa é a minha sentença: que se possa chocar com ela quem precise.

– Não são ainda nada: isto quer dizer: eles são toda espécie de coisas. *Tornamse* algo, isto quer dizer que cessam por uma vez de ser toda espécie de coisas. Esta última afirmação é, no fundo, somente um desejo, mal chega a ser uma esperança; do modo mais feliz um desejo, com cuja orientação pode-se viver, uma causa da vontade, do trabalho, da disciplina, do cultivo, tanto quanto uma causa da contrariedade, da exigência, do prescindir, do mal-estar e deveras do azedume: em resumo, nós, alemães, *queremos* alguma coisa de nós que ainda não se queria de nós – queremos algo mais!

Que a este “alemão que se torna e ainda não é” – caiba algo de melhor do que a “formação” alemã de hoje; que tudo “que se transforma” tenha que estar encolerizado onde percebe um contentamento nesse domínio, um atrevido “pôr-se em descanso” ou o “curtir-se”: essa é a minha segunda sentença, a respeito da qual eu também ainda não mudei de opinião.

[c) Sinais de fortalecimento]

109

Princípio fundamental: há algo de decadênciа em tudo o que o homem moderno apresenta: mas, estreitamente junto à doença, estão sinais de uma força ou potencialidade da alma ainda não experimentada. *As mesmas razões que produzem o apequenamento dos já mesquinhos impulsionam os mais fortes e mais raros até os píncaros da grandeza.*

110

Entendimento de conjunto: o caráter *ambíguo* do nosso mundo *moderno*, – exatamente os mesmos sintomas poderiam apontar para a *derrocada* e para o *fortalecimento*. E os distintivos do fortalecimento, da maioria conquistada pela força poderiam ser mal-comprendidos como fraqueza em razão da depreciação (*remanescente*) do sentimento tradicional. Em resumo, o *sentimento*, como *sentimento de valor*, não está à altura do tempo.

Universalizado: o sentimento de valor está sempre atrasado, ele exprime condições de conservação e de crescimento de um tempo muito anterior: ele luta contra novas condições de existência, das quais não nasceu e que necessariamente entende mal, tolhe, desperta a desconfiança contra o novo...

111

O problema do século XIX. Se seus lados forte e fraco pertencem um ao outro? Se tudo não é talhado de uma só peça de madeira? Se a diferença de seus ideais, se as suas contradições não estão condicionadas por um objetivo superior, como algo mais elevado? – Pois a *predestinação da grandeza* poderia crescer, nessa medida, em forte tensão. O descontentamento, o niilismo *poderiam ser um bom sinal*.

112

Entendimento de conjunto. – De fato, cada grande crescimento traz consigo também um imenso *esfacelamento e perecer*: o sofrer, os sintomas do sucumbir *pertencem* aos tempos de imensos adiantamentos; cada movimento frutífero e potente da humanidade *criou consigo*, ao mesmo tempo, um movimento niilista. Em certas circunstâncias, seria o sinalizar para um crescimento que corta e que é o mais essencial de todos, para a transição a novas condições de existência, o fato de vir ao mundo a mais extrema forma do pessimismo, o *niilismo* propriamente. *Isso eu comprehendi*.

113

A

Partir de uma *dignificação* plena e corajosa de nossa humanidade de agora: – não se deixar enganar pela aparência: esta humanidade é menos “produtora de efeito”, mas dá garantias da *duração* completamente outras, seu tempo é mais vagaroso, mas o compasso é muito mais rico. A *saúde* cresce, as verdadeiras condições do corpo forte tornam-se reconhecidas e são progressivamente produzidas, o “ascetismo” *ironice*¹⁰⁰ –. O medo de

extremos, uma certa confiança no “caminho correto”, nenhum entusiasmo; um temporário acostumar-se a valores estreitos (como “pátria”, “ciência” etc.).

Todo esse quadro ainda seria, porém, sempre *dúbio*: poderia ser um movimento de vida *ascendente* - mas também um *descendente*.

B

A crença no “*progresso*” – nas esferas mais baixas da inteligência parece vida ascendente: mas isso é um autoengano;

nas esferas superiores da inteligência como vida *descendente*.

Descrição dos sintomas.

Unidade do ponto de vista: insegurança em relação ao critério do valor.

Temor de um “em vão” generalizado.

Nihilismo.

114

De fato, não temos mais tanta necessidade de um antídoto contra o *primeiro nihilismo*: a vida não é mais a tal ponto incerta, casual, sem sentido em nossa Europa. Uma tal imensa *potencialização* do *valor* do homem, do valor do mal etc. não é agora tão necessária, suportamos uma significativa *diminuição* desse valor, podemos conceder muita falta de sentido e acaso: o *poder* alcançado pelo homem permite agora uma depreciação dos meios de disciplinamento, dos quais a interpretação moral era o mais forte. “Deus” é uma hipótese extrema demais.

115

Se nossa *humanização* significa alguma coisa, se significa um verdadeiro e real *progresso*, então é porque não necessitamos mais de oposições excessivas e, de modo geral, de nenhuma oposição...

podemos amar os sentidos, nós os espiritualizamos e os tornamos artísticos em todos os graus;

temos um direito a todas as coisas que, da pior maneira, eram até hoje *mal-afamadas*.

A inversão da hierarquia. – Os piedosos falsos moedeiros, os sacerdotes, tornam-se entre nós *tschandalas*:¹⁰¹ – eles tomam o lugar dos charlatães, dos curandeiros, dos falsos moedeiros, dos encantadores; consideramo-los como corruptores da vontade, como os grandes difamadores e vingativos em relação à vida, como os *revoltados* entre os malsucedidos. Fizemos da casta dos servidores, dos sudras,¹⁰² a nossa classe média, o nosso “povo”, aquele que tem em mãos a decisão política.

Por outro lado, o *tschandala* está desde sempre acima de tudo: antes estão os pecadores de Deus, os *imoralistas*, os gastadores de toda espécie, os artistas, os judeus, a gente do teatro – no fundo, todas as classes de homens *malafamadas* –

alçamo-nos a pensamentos *honrados*, mais ainda, *determinamos* a honra sobre a Terra, a “nobreza”... – somos todos hoje os *defensores* [*Fürsprecher*] da vida – nós, *imoralistas*, somos hoje o *poder mais forte*: as outras grandes potências precisam de nós... construímos o mundo segundo a nossa imagem

–

Aplicamos o conceito de *tschandalas* aos *sacerdotes*, aos *doutrinadores do além* e à *sociedade cristã* de sua espécie, tomando de acréscimo o que é de origem igual, os pessimistas, niilistas, românticos compassivos, criminosos, viciados, - o conjunto da esfera em que o conceito “Deus” é imaginado como *salvador*...

Estamos orgulhosos com o fato de que não precisa haver mais nenhum mentiroso, nenhum difamador, nenhum desconfiado da vida...

Progresso do século XIX com relação ao XVIII – no fundo conduzimos uma guerra, nós, os *bons europeus*, contra o século XVIII –

1. “Volta à natureza” sempre mais decididamente entendida no sentido inverso ao que Rousseau entendeu; *fora do idílio e da ópera!*
2. sempre mais decididamente anti-idealista, mais objetiva, mais destemida, mais trabalhadora, mais moderada, mais desconfiada em relação às mudanças repentinhas, *antirrevolucionária*
3. sempre mais decididamente antepondo a questão da *saúde do corpo* em relação à da alma: sendo a última entendida como um estado consequente da primeira, ao menos como a precondição da saúde da alma.

118

Se alguma coisa é alcançada, então se trata de uma atitude mais inofensiva para com os sentidos, de uma posição mais alegre, mais benévola, mais goethiana em relação à sensibilidade; do mesmo modo um sentimento mais orgulhoso em relação ao conhecer: desse modo, o “puro tolo” encontra pouca credibilidade.

119

Nós “*objetivos*”. – Não é a “compaixão” [“*Mitleid*”] que *nos* abre os portões das mais longínquas e estranhas espécies de ser e de cultura; mas antes nossa acessibilidade e desenvoltura, que justamente “*não sofre junto*” [“*mit leidet*”], mas, ao contrário, regozija-se junto a centenas de coisas nas quais antes se sofria (onde se ficava indignado ou comovido, ou se olhava com inimizade e frieza). O sofrimento em todas as nuances é-nos agora interessante: com isso, *não* somos certamente os mais compassivos, mesmo se a visão do sofrimento nos abala de alto a baixo e as lágrimas correm: – nem por isso ficamos francamente dispostos a ajudar.

Nesse *voluntário* querer-observar toda espécie de miséria e de perecer tornamo-nos mais fortes e vigorosos do que foi o século XVIII; é uma prova

do nosso aumento de força (– *alimentamo-nos* dos séculos XVII e XVI...). Mas é um profundo mal-entendido conceber nosso “romantismo” como prova de nossa “alma embelezada”...

Queremos *sensations fortes*, como todos os tempos mais rudes e todas as camadas do povo as querem... Isso temos que separar bem da necessidade dos fracos de nervos e *decadents*: nos quais existe a necessidade de pimenta, mesmo de atrocidade...

Todos procuramos estados nos quais a moral burguesa *não mais toma parte na discussão*, ainda menos a sacerdotal (– temos em cada livro, em que restou o ar de párocos e teólogos, a impressão de uma *niaiserie*¹⁰³ e miséria dignas de compaixão...). A “boa sociedade” é aquela em que, no fundo, nada interessa a não ser o que é *proibido* na sociedade burguesa e causa má fama: o mesmo acontece com os livros, com a música, com a política, com a avaliação da mulher.

120

A naturalização do homem no século XIX (– o século XVIII é o da elegância, da fineza e dos *sentiments généreux*).¹⁰⁴ – *Não* de um “retorno à natureza”: pois não houve nunca uma humanidade natural. A escolástica de valores não naturais e antinaturais é a regra, é o início; à natureza o homem chega depois de uma longa luta, – não volta nunca “para trás”... A natureza: isto é, ousar ser imoral como a natureza.

Somos mais grosseiros, mais diretos, cheios de ironia contra sentimentos generosos, mesmo quando sucumbimos a eles.

Mais natural é a nossa primeira *sociedade*, aquela dos ricos, dos ociosos: caçam-se uns aos outros, o amor sexual é uma espécie de esporte no qual o casamento proporciona obstáculo e atrativo; as pessoas entretêm-se e vivem pelo divertimento; estimam-se, em primeiro lugar, as predileções do corpo, é-se curioso e ousado.

Mais natural é a nossa posição em relação ao *conhecimento*: temos a libertinagem do espírito com toda a inocência, odiamos as maneiras patéticas e hieráticas, regozijamo-nos com o mais proibido, mal conheceríamos ainda um interesse pelo conhecimento se no caminho para ele tivéssemos que nos aborrecer.

Mais natural é nossa posição em relação à *moral*. Princípios tornaramse risíveis; ninguém se permite mais falar, sem ironia, do seu “dever”. Mas apreciamos uma mentalidade solícita, bem-intencionada (– vê-se a moral no instinto e desdenha-se o resto. Além disso, alguns conceitos de pontos de honra –).

Mais natural é a nossa posição em *politicis*:¹⁰⁵ vemos problemas do poder, do *quantum* de poder em relação a um outro *quantum*. Não acreditamos em um direito que não repouse sobre o poder de impor-se, sentimos todos os direitos como conquistas.

Mais natural é nossa avaliação dos *grandes homens e coisas* : computamos a paixão como uma prerrogativa, não achamos nada grande onde não se acha incluído também um grande crime; concebemos todo ser grande como um colocar-se fora em relação à moral.

Mais natural é a nossa posição em relação à *natureza*: não a amamos mais por sua “inocência”, “razão”, “beleza”; nós a “endiabramos” e “atoleimamos” belamente. Mas, em vez de a desprezarmos por isso, sentimo-nos, desde então, mais aparentados, mais familiarizados com ela. Ela *não* aspira à virtude: e nós a respeitamos por isso.

Mais natural é nossa posição em relação à *arte*: não exigimos dela as belas aparências mentirosas etc.; domina o brutal positivismo, que constata sem comover-se.

In summa: há sinais de que o europeu do século XIX envergonha-se menos dos seus instintos; ele deu um bom passo no sentido de reconhecer

de uma vez a sua incondicional naturalidade, isto é, a sua imoralidade, *sem amargura*: ao contrário, ainda se mostra forte o bastante para sustentar também esse olhar.

Isso soa em certos ouvidos como se a *corrupção* tivesse progredido: e certo é que o homem não se aproximou da “*natureza*” de que fala Rousseau, mas antes deu um passo adiante na civilização que ele *detratava*. *Fortificamo-nos*: aproximamo-nos novamente do século XVII, nomeadamente do gosto de seu período final. (Dancourt, Lesage, Regnard).¹⁰⁶

121

[*Cultura contra civilização*. –] Os pontos altos da cultura e da civilização são diferentes: não se deve incorrer em erro em relação ao antagonismo abissal entre cultura e civilização. Os grandes momentos da cultura foram sempre, dito moralmente, tempos de corrupção; por outro lado, foram as épocas da *domesticação animalesca* do homem, voluntária e forçada (“civilização” –) os tempos de impaciência para as naturezas mais espirituais e ousadas. Civilização quer algo diverso do que quer a cultura: talvez algo inverso...

122

Contra o que advirto: não confundir os instintos de *décadence* com a *humanidade*:

os meios da civilização que desagregam e levam necessariamente à *décadence* não devem ser confundidos com a *cultura*:

a libertinagem, o princípio do “*laisser aller*”¹⁰⁷ não deve ser confundido com a *vontade de poder* (– ele é o seu princípio *contrário*).

123

O problema não resolvido que ponho novamente: o *problema da civilização*, da luta entre Rousseau e Voltaire por volta de 1760. O homem torna-se mais profundo, mais desconfiado, “mais imoral”, mais forte, mais

confiante em si mesmo – e, nessa medida, “*mais natural*” – isso é “progresso”.
—

(nisso separam-se, por meio de uma espécie de divisão do trabalho, as camadas mais malignadas e as mais ternas, domesticadas: de modo que a *realidade de conjunto* não salta aos olhos sem mais nem menos.) Pertence à *força*, ao domínio de si e à fascinação da força que essas camadas mais fortes possuam a arte de fazer sentir a sua malignidade como algo *mais elevado*. Para cada “progresso” cabe uma mudança de interpretação dos elementos fortalecidos para “bons”.

124

Que se devolva ao homem a *coragem* para os seus impulsos naturais –

Que se controle a sua própria *subestimação* (*não* a do homem como indivíduo, mas a do homem *como natureza...*)

Que se arranquem as oposições das coisas, depois de compreender que nós as pusemos lá –

Que se arranke da existência a *idiossincrasia da sociedade* (culpa, castigo, justiça, honradez, liberdade, amor etc.) –

Progresso para “*naturalidade*”: em todas as questões políticas, também nas relações entre os partidos, mesmo entre os partidos mercantis, de trabalhadores ou de empresários, trata-se de *questões de poder* – “o que se *pode?*” e, somente em seguida, “o que se *deve?*”

125

O socialismo – como a *tirania* pensada até as últimas consequências dos mais miúdos, dos mais tolos, dos mais superficiais, dos invejosos, dos setenta e cinco por cento atores – é de fato a conclusão das “ideias modernas” e de seu latente anarquismo: mas no ar morno de um bem-estar democrático afrouxa-se a capacidade de concluir, ou de se chegar de fato à *conclusão*. Vaise em frente [*Man folgt*] – mas não se conclui [*folgert*] mais.

Por isso, o socialismo é, em sua totalidade, uma desesperada coisa azeda: e nada é mais prazeroso de se ver do que a contradição entre os rostos venenosos e desesperados que têm hoje os socialistas – e de que sentimentos lamentáveis e esmagados o seu estilo presta testemunho! – e a inofensiva felicidade de ovelhas de suas esperanças e desejos. Com isso, todavia, em muitos lugares da Europa pode-se chegar a golpes de mão, a investidas: com relação ao próximo século trata-se fundamentalmente de “rumores” no corpo, aqui e ali, e a Comuna dos parisienses, que também na Alemanha tem os seus oradores de defesa, seus advogados, foi talvez somente uma indigestão mais leve, se a medirmos com o que virá. Apesar disso, haverá sempre proprietários demais para que o socialismo possa significar mais do que um acesso de doença: e esses proprietários são como um homem de uma crença: “precisa-se ter alguma coisa para *ser-se algo*”. Este, todavia, é o mais antigo e o mais saudável de todos os instintos: eu acrescentaria “precisa-se querer mais do que se tem para *tornar-se mais*”. Assim, nomeadamente, soa a doutrina que a própria vida prega a todos que vivem: a moral do desenvolvimento. Ter e querer ter mais, crescimento, em uma palavra - isso é a própria vida. Na doutrina do socialismo esconde-se mal uma “vontade de negação da vida”: há que ser homens ou raças malfadados para excogitar tal doutrina. Na realidade, eu desejaría que fosse provado por algumas grandes tentativas que em uma sociedade socialista a vida se nega, corta as suas próprias raízes. A Terra é grande o bastante, e o homem é sempre ainda inesgotável o bastante para que um tal aprendizado prático e *demonstratio ad absurdum*,¹⁰⁸ mesmo se fosse ganho e pago com um imenso investimento de vidas humanas, não merecesse parecer digno de desejo. Em todo caso, já como inquieta toupeira sob o solo de uma sociedade que rola na tolice, o socialismo poderá ser algo útil e salutar: ele retarda a “paz sobre a Terra” e toda a animação dos animais de rebanho democráticos, ele força os europeus a conservarem de reserva o espírito, a astúcia e o cuidado, a não esconjurarem completamente as virtudes viris e guerreiras, e a guardarem um resto de espírito, de clareza, de secura e de frieza do espírito, – ele protege a Europa, por enquanto, do *marasmus femininus*¹⁰⁹ que o ameaça.¹¹⁰

Os *mais propícios bloqueios e remédios* da “modernidade”:

1. *serviço militar obrigatório* universal com guerras reais [*wirklichen*], nas quais a brincadeira cessa
2. a estreiteza *nacional* (simplificando, concentrando)
3. a *alimentação* melhorada (carne)
4. a crescente *pureza* e saúde dos lugares de moradia
5. o predomínio da *fisiologia* sobre a teologia, moralística, economia e política
6. o rigor militar na exigência e administração de sua “obrigação” (não se *louva* mais...)

Alegro-me com o desenvolvimento militar da Europa, também com os estados anarquistas internos: o tempo da calma e do chinesismo, que Galiani predizia para este século, passou. A habilidade pessoal, *viril*, a agilidade do corpo recobram valor, as avaliações tornam-se mais físicas, a alimentação mais carnívora. Belos homens são novamente possíveis. A pálida palermice passou (com mandarins à cabeça, como sonhava Comte). O bárbaro é afirmado em cada um de nós, e também o animal selvagem. *justamente por isso* haverá mais transformações com os filósofos – Kant é um espantalho, perdido em um dia em qualquer época!

Ainda não achei *nenhuma* razão para desencorajamento. Quem guardou para si e soube inculcar-se uma *vontade forte*, e tem ao mesmo tempo um espírito amplo, tem chances mais propícias do que nunca. Pois a adestrabilidade do homem tornou-se muito grande nesta Europa democrática, homens que aprendem facilmente, que se adaptam facilmente, são a regra: o animal do rebanho, até mesmo muito inteligente, é preparado. Quem pode comandar encontra aqueles que *têm* de obedecer: penso, por

exemplo, em Napoleão e em Bismarck. A concorrência com uma vontade forte e *não* inteligente, que na maioria das vezes tolhe, é pequena. Quem não derruba com vontade fraca esses senhores “objetivos”, como Ranke¹¹¹ e Renan!¹¹²

129

O *Iluminismo [Aufklärung] espiritual* é um meio infalível para tornar os homens mais inseguros, com vontade mais fraca, necessitados de companhia e de apoio, em resumo: para desenvolver nos homens o animal de rebanho: razão pela qual até hoje todos os grandes artistas-governantes (Confúcio na China, o *Imperium Romanum*, Napoleão, o papado, no tempo em que este considerava como melhor o poder e não somente a plebe), onde até hoje *culminaram* os instintos dominadores, também se serviram do Iluminismo espiritual; ao menos eles faziam *dominar* (como os papas do Renascimento). O autoengano da multidão sobre esse ponto, por exemplo, em toda democracia, é extremamente valioso: o apequenamento e a governabilidade do homem são almejados como “progresso”!

130

A suprema equidade e brandura como estado do *enfraquecimento* (o Novo Testamento e a comunidade primitiva dos cristãos, - mostrando-se como completa *bêtise*¹¹³ nos ingleses Darwin e Wallace). – Vossa justiça, vossa natureza superior, leva-vos para o *suffrage universel*¹¹⁴ etc., vosso “humanitarismo” leva-vos à brandura em relação ao crime e à tolice. *Com o tempo, vós fareis triunfar, com isso, a tolice e a irresponsabilidade.* (Bem-estar e tolice – centro.)

Externamente: época de guerras monstruosas, de derrubadas, de explosões. *Internamente-*, fraqueza sempre crescente dos homens, os acontecimentos como excitantes. O parisiense como o extremo europeu.

Consequência: 1. os bárbaros, primeiro, naturalmente, sob a forma da cultura até agora; 2. os indivíduos soberanos (onde *multidões-força* bárbaras

e a ausência de grilhões cruzam-se em relação a tudo o que existiu). Época da maior tolice, brutalidade e do estado lamentável das *massas* e dos *indivíduos mais elevados*.

131

Inumeráveis indivíduos de espécie mais elevada sucumbem agora: mas *quem escapa disso* é forte como o diabo. De modo semelhante no tempo do Renascimento.

132

Esses bons europeus que somos, o que nos distingue dos homens das pátrias? – Primeiro: somos ateus e imoralistas, mas apoiamos, em primeiro lugar, as religiões e as morais do instinto de rebanho: com elas prepara-se uma espécie de homem que há de cair em nossas mãos, que há de *ansiar* pela nossa mão.

Para além de bem e mal, todavia, reclamamos a incondicional santificação da moral do rebanho.

Reservamo-nos muitas espécies de filosofia que necessitam ser ensinadas: em certas circunstâncias a pessimista, como martelo; não poderíamos prescindir talvez de um budismo europeu.

Apoiamos, com certeza, o desenvolvimento e o pleno amadurecimento da essência democrática: ela forma a fraqueza da vontade: vemos no “socialismo” um aguilhão que [protege] contra a acomodação.

Nossa posição é pelos povos. Nossas predileções; estamos atentos aos resultados dos cruzamentos.

Afastados, abastados, fortes: ironia em relação à “imprensa” e sua formação [*Bildung*]. Cuidado para que o homem de ciência não se torne um literato. Dispomos-nos com desprezo em relação a toda formação [*Bildung*] que se concilia com leitura de jornais ou mesmo com escrever em jornais.

Tomamos as nossas posições casuais (como Goethe, Stendhal), as nossas vivências como primeiro plano, e as acentuamos para que iludamos a respeito dos nossos motivos profundos. Nós mesmos *aguardamos* e evitamos pôr o nosso coração nisso. Elas nos servem como abrigos, como um viajante necessita deles e os toma - evitamos nos tornar familiares.

Temos uma *disciplina voluntatis*¹¹⁵ de vantagem diante de nossos semelhantes. Toda força aplicada no *desenvolvimento da força da vontade*, uma arte de compreender *para além* dos afetos, que nos permite portar máscaras (e também pensar de modo “supraeuropeu”, de vez em quando).

Preparação para isto: tornarmo-nos [os legisladores do futuro,] os senhores da terra, ao menos por nossos filhos. Consideração fundamental sobre os casamentos.

133

O século XX. – O *abbé*¹¹⁶ Galiani disse uma vez: *La prévoyance est la cause des guerres actuelles de l'Europe. Si l'on voulait de donner la peine de ne rien prévoir, tout le monde serait tranquille, et je ne crois pas qu'on serait plus malheureux parce qu'on ne ferait pas la guerre.*¹¹⁷ Ora, porque eu absolutamente não compartilho as opiniões antibélicas de meu falecido amigo Galiani, por isso não temo predizer algumas coisas e assim, possivelmente, suscitar com isso as causas da guerra.

Uma enorme *meditação*, depois do mais terrível terremoto: com novas questões.

134

É tempo do grande meio-dia, da mais terrível iluminação: minha espécie de pessimismo: – grande ponto de partida.

- I. Contradição fundamental entre a civilização e a elevação do homem.
- II. As valorações morais como uma história das mentiras e da arte de difamar a serviço de uma vontade de poder (da vontade dos rebanhos),

que se subleva contra os homens mais fortes.

III. As condições de toda elevação da cultura (o tornar possível uma *seleção* à custa de uma quantidade) são as condições de todo crescimento.

IV. A *plurivocidade* (multiplicidade de sentidos) do mundo como questão da *força*, que observa todas as coisas sob a *perspectiva de seu crescimento*. Os juízos de valor *moral-cristãos* como tumulto e mentirada de escravos (contra os valores aristocráticos do mundo *antigo*).

25 Em francês no original: “despreocupação”. [N.T.]

26 Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) nasceu em Genebra. A partir do ano de 1760, teve Voltaire como o maior adversário intelectual. Foi para a Inglaterra em 1766, a convite de David Hume. Morreu isolado. [N.T.]

27 Esta palavra também pode ser traduzida, de acordo com o alemao corrente, por “tradição”. [N.T.]

28 Em italiano no original: “rapidíssimo”. [N.T.]

29 Em italiano no original: aproximadamente, “virtude”. [N.T.]

30 Em francês no original: “ar pessimista”. [N.T.]

31 Eugène Fromentin (1820-1876), pintor e escultor. Pintou quadros sobre a vida dos beduínos e escreveu obras sobre os mestres da pintura flamenga. [N.T.]

32 Em francês no original: “largueza da simpatia”. [N.T.]

33 Em francês no original: “documento humano”. [N.T.]

34 Em francês no original: “compreender tudo é perdoar tudo”. [N.T.]

35 Em francês no original: “a arte pela arte”. [N.T.]

36 Em francês no original: “os jantares na casa de Magny”. [N.T.]

37 Em francês no original: “descrição”. [N.T.]

38 Em francês no original: “um monstro e um caos”. [N.T.]

39 Em francês no original: “no fundo”, “por trás de toda aparência”. [N.T.]

40 Escritor norueguês (1828-1906), autor de dramas filosóficos e com questionamentos sociais, como *Brand* (1866), *Peer Gynt* (1867), *Casa de bonecas* (1879), *O pato selvagem* (1884), *Hedda Gabler* (1890) e *Arquiteto Solness* (1892). [N.T.]

41 Abade Ferdinand Galiani (1728-1787), italiano que viveu em Paris durante muito tempo e foi amigo dos irmãos Grimm e de Diderot. Escreveu algumas obras de valor literário, entre as quais *Voltaire comentador de Corneille*. [N.T.]

42 François-Marie Arouet (1694-1778), que adotou o nome de Voltaire, nasceu e morreu em Paris, descendente de ricos burgueses. Por ter escrito versos considerados insultuosos ao Regente, foi encarcerado na Bastilha em 1726, sendo solto sob a condição de exilar-se. Passou algum tempo na Inglaterra, país que elogiou pela tolerância religiosa, cultural e política. Em 1750 aceitou um convite de Frederico II, o Grande, para viver em sua corte, em Potsdam. Voltaire dedicou-se também aos negócios e multiplicou sua fortuna. Em 1758 comprou o castelo e a fazenda de Ferney, perto de Genebra, onde instalou uma fábrica de tecidos de seda e um estabelecimento que fabricava relógios. Em 1760 começou uma grande polêmica contra Rousseau. No final da vida, foi recebido triunfalmente em Paris. [N.T.]

43 Em francês no original: aproximadamente, “um monstro divertido vale mais do que um sentimental aborrecido”. [N.T.]

44 Emanuel Swedenborg (1688-1772), cientista e filósofo sueco. No final da vida expôs uma doutrina mística segundo a qual o mundo visível era dominado por um invisível, no qual operavam anjos e demônios. [N.T.]

45 Em latim no original: aproximadamente, “correr precipitadamente para a servidão”. [N.T.]

46 François VI, Duque de La Rochefoucauld (1613-1680), escritor francês que participou da revolta da Fronda. Perdoado pelo rei, levou a vida mundana dos salões. Caracterizava-se por um certo amargor com a natureza humana, expresso na obra *Reflexões ou Sentenças e máximas morais* (1678). [N.T.]

47 Harriet Beecher-Stowe (1812-1896), que escreveu o romance *A cabana do pai Tomás*, contra a escravidão, traduzido em 37 línguas. [N.T.]

48 Em francês no original: “desinteresse”. [N.T.]

49 Em latim no original: genitivo que significa “de Cristo”. [N.T.]

50 Em francês no original: “burguês”. [N.T.]

51 Em francês no original: “no fundo”. [N.T.]

52 Em francês no original: “muita canalha no fundo”. [N.T.]

53 Em francês no original: “coração”. [N.T.]

54 Em francês no original: “a cabeça”. [N.T.]

55 Em francês no original: “meio”. [N.T.]

56 Em francês no original: “o amontoado de contradições”. [N.T.]

57 Em francês no original: “limpo, exato e livre”. [N.T.]

58 Port-Royal era o nome de uma abadia cisterciense de mulheres, fundada em 1204 no vale de Chevreuse (Yvelines). Ganhou importância quando foi reformada no século XVII, subdividindo-se em Port-Royal des Champs, que permaneceu no vale de Chevreuse, e Port-Royal de Paris, que passou a existir a partir de 1625. A abadia transformou-se em um centro de cultura religiosa. Por ela passaram Racine, Pascal, os Arnauld e outros pensadores importantes do século XVII. Alguns se dedicaram ao ensino, quando surgiram as chamadas “pequenas escolas”. Pressionado pelos jesuítas, pois Port-Royal era um reduto do jansenismo, Luís XIV promoveu perseguições aos membros da abadia a partir de 1661, até culminar, em 1709, com a expulsão das monjas e a demolição do mosteiro em 1710. [N.T.]

59 Vittorio Alfieri (1749-1803), escritor italiano consagrado principalmente à criação dramática. Criou personagens enérgicos, heroicos e afirmativos da vontade, em um estilo conciso. [N.T.]

60 Em latim no original: “interdição”. [N.T.]

61 Em italiano do tempo do Renascimento: “humanidade, natureza humana”. No italiano atual a palavra é *umanità*. [N.T.]

62 Em italiano no original: “virtude”. [N.T.]

63 Em francês no original: aproximadamente, “pessoas honestas”, “pessoas de bem”; e “a boa sociedade”, “a boa confraria”. [N.T.]

64 Aqui Nietzsche talvez tenha se enganado e queira dizer *Ferney*. [N.T.]

65 Em francês no original: aproximadamente, “um belo espírito”. [N.T.]

66 Em francês no original: “para ‘a canalha’ um deus remunerador e vingador”. [N.T.]

67 Em francês no original: “honestidade”, “boa disposição”. [N.T.]

68 Em francês no original: “homem de letras”. [N.T.]

69 Em francês no original: “a despreocupação”, “a falta de cuidado”. [N.T.]

70 Em italiano no original: “campo romano”, “área rural romana”. [N.T.]

71 François-René, Visconde de Chateaubriand (1768-1848), escritor francês. Viajou pela América e regressou no tempo em que acontecia a Revolução Francesa. Em 1792 emigrou para a Inglaterra. Voltou à França em 1800, mas acabou se desentendendo com Napoleão. Ficou conhecido por sua obra *O gênio do cristianismo* (1802). Considera-se que a sua obra-prima foi o diário intitulado *Memórias do além-túmulo* (1809-1841). Sua influência no romantismo foi grande. [N.T.]

72 Carlo de Brosse, escritor, historiador, arqueólogo e político. Foi o primeiro presidente do Parlamento da Borgonha. [N.T.]

73 Em francês no original: “Teria sido necessário que Rômulo estivesse embriagado, quando pensou em construir uma cidade em um terreno tão feio.” [N.T.]

74 Eugène Delacroix (1798-1863), pintor francês considerado um expoente da escola romântica.

75 Lord George Gordon Byron (1788-1824), protótipo do herói-escritor romântico. Participou da insurreição da Grécia contra os turcos. [N.T.]

76 George Sand (1804-1876) era uma escritora chamada Aurore Dupin (Baronesa Dudevant). Sua obra é considerada rica em inspirações sentimentais e sociais. [N.T.]

77 Poeta francês (1811-1872), partidário do romantismo, que buscou um apuro da beleza formal. [N.T.]

78 Alphonse de Lamartine (1790-1869), principal poeta romântico entre 1820 e 1830, procurou pôr a arte a serviço das ideias liberais. Foi ministro dos Negócios Estrangeiros em 1848. [N.T.]

79 Pequeno porto de cabotagem na província de Nápoles, na costa sudeste do golfo de Nápoles. Era uma cidade fortificada, e ainda hoje se podem ver suas muralhas. Fica próximo à ilha de Capri. Tem muitas e belas igrejas, entre as quais a catedral de Santo Antônio e São Luís. [N.T.]

80 Subúrbio de Nápoles. Possui a famosa gruta aberta artificialmente no tempo de Vespasiano Agripa, entre Nápoles e Pozzuoli. Lá se encontram os túmulos de Virgílio e Leopardi. [N.T.]

81 Escritor francês (1802-1885). Foi inicialmente um poeta clássico, para tornar-se depois um dos principais escritores do romantismo. Entre 1830 e 1840 conheceu a glória literária. Depois dedicou-se à política. Em 1848 foi deputado e exilou-se com o golpe de Estado de Napoleão III em 1851. Nessa fase apareceram os seus poemas satíricos. [N.T.]

82 Em francês no original: “porque nenhuma outra nação tomou emprestado menos da Antiguidade, porque ela não sofreu nenhuma influência clássica”. [N.T.]

83 Dominique Ingres (1780-1867), aluno de David, pintor romântico. [N.T.]

84 Christoph Willibald Gluck (1714-1787), cavaleiro de Gluck, compositor alemão. Reformou a ópera nos moldes franceses, afastando-se do paradigma italiano. Buscou a naturalidade, a simplicidade e a emoção. Foi uma das influências sobre Richard Wagner. [N.T.]

85 Em francês no original: “Se pudesse torná-los todos músicos, vocês ganhariam, com isso, como pintores.” [N.T.]

86 Pintor francês (1789-1863). Pintou, sobretudo, batalhas. [N.T.]

87 Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847), autor de obras musicais importantes já aos dezessete anos de idade, neto do filósofo judeu alemão Moses Mendelssohn (1729-1786), que foi defensor de um racionalismo moderado e de uma religião natural. Os Mendelssohn eram uma família rica de banqueiros judeus convertidos. [N.T.]

88 Henri Beyle (1783-1842), que adotou o nome de Stendhal em homenagem a Winckelmann, arqueólogo alemão e grande convededor da cultura grega (que nasceu na cidade alemã de Stendhal). Exilou-se na Itália após a queda do Império. Suas obras literárias mais significativas (como *A cartuxa de Parma*) foram influenciadas pelo que viveu em Milão. [N.T.]

89 Em francês no original: “Quantas léguas não percorreria eu a pé, e a quantos dias de prisão não me submeteria para ouvir *Don Juan ou le Matrimonio secreto*; e não sei por que outra coisa faria esse esforço.” [N.T.]

90 Johannes Brahms (1833-1897), conhecido por suas canções e pela música de câmara. Compôs quatro sinfonias de grande lirismo e o conhecido *Réquiem alemão* (1868). [N.T.]

91 Personagem da triologia *Wallenstein*, de Schiller. Aparece na segunda peça *Die Piccolomini* e é a princesa de Friedland, filha da Duquesa de Friedland, mulher de Wallenstein. [N.T.]

92 Robert Schumann (1810-1856), cujas obras para piano criaram um novo estilo. [N.T.]

93 Joseph, Barão de Eichendorff (1788-1857), poeta e autor de novelas, caracterizado pelo romantismo e pela inspiração religiosa. Ludwig Uhland (1787-1862), autor de poesias patrióticas e populares inspiradas em lendas suálicas. Heinrich Heine (1797-1865), alemão de ascendência judaica, autor de poesias e narrativas que criticavam o romantismo alemão. Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822), escritor e compositor alemão, autor de óperas e contos fantásticos; teve influência sobre Wagner, e a psicanálise identifica em sua literatura vestígios precursores de seu movimento. Ludwig Tieck (1773-1853), romancista e teórico da estética. Orientou o romantismo alemão no sentido do fantástico e dedicou-se a romances históricos. [N.T.]

94 Ópera de Carl Maria von Weber, que teve muita influência em Wagner, e cuja tradução seria “O franco atirador”. [N.T.]

95 Os irmãos Grimm – Jakob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) – recolheram fábulas e contos populares germânicos. Jakob Grimm foi considerado fundador da filologia alemã. [N.T.]

96 Drama lírico de Wagner, uma de suas primeiras obras (depois do seu primeiro sucesso com *Rienzi*) cujo título em alemão é *Fliegender Hollander*, que seria mais corretamente traduzido por *Holandês volante*. [N.T.]

97 Em francês no original: “o tenebroso”. [N.T.]

98 Em latim no original: “Creio porque é absurdo”. [N.T.]

99 Palavra criada por Nietzsche em latim: “psicólogos”. [N.T.]

100 Em latim no original: “ironicamente”. [N.T.]

101 Ver nota da página 49. [N.T.]

102 Última casta da sociedade hindu, composta pelos servidores em diversos níveis. Essa casta estava acima, ainda, dos *tschandalas*. [N.T.]

103 Em francês no original: aproximadamente, “tolices inocentes”. [N.T.]

104 Em francês no original: “sentimentos generosos”. [N.T.]

105 Em latim no original: “políticas”. [N.T.]

106 O primeiro é Florant Carton, *sieur D'Ancourt* (1661-1725), ator e autor dramático. Deixou comédias de costumes, entre as quais *Le Chevalier à la mode*, de 1687. O segundo é Alain René Lesage (1668-1747), escritor francês que escreveu romances como *Le Diable boiteux* (1707) e *Gil Blas Santillane* (1715), em que pinta com realismo os costumes de sua época. O terceiro é JeanFrançois Regnard (1655-1709), que levou uma vida aventurosa, foi escravo na Argélia e viajou até a Lapônia. Escreveu comédias para o teatro italiano e para o teatro francês, como *Le Joueur* (1696) e *Le Légataire universel* (1708). [N.T.]

107 Em francês no original: “deixar ir”. [N.T.]

108 Em latim no original: “demonstração pelo absurdo”. [N.T.]

109 A palavra marasmo é de origem francesa, “*marasme*” (século XVI), e significa em geral “apatia, falta de ânimo, falta de coragem; inatividade, atrofia pela inatividade etc.” A expressão latina, que consta no original, foi criada provavelmente por Nietzsche. [N.T.]

110 Que ameaça o espírito. [N.T.]

111 Leopold von Ranke (1795-1886), um dos iniciadores da ciência histórica na Alemanha no século XIX. Defendia a objetividade nas considerações históricas. Escreveu, entre muitas obras, *História da Alemanha no tempo da Reforma*. [N.T.]

112 Ernest Renan (1823-1892), escritor francês que deixou a vocação eclesiástica para dedicar-se à história das línguas e das religiões. Distinguiu-se pela fé na ciência e as convicções racionalistas. Suas principais obras são *O advento da ciência* (1890) e *História das origens do cristianismo* (18631881), cujo primeiro volume é *A vida de Jesus*. Em sua obra *Recordações da infância e da juventude* (1883) explica como perdeu a fé. [N.T.]

113 Em francês no original: “besteira”. [N.T.]

114 Em francês no original: “sufrágio universal”. [N.T.]

115 Em latim no original: “disciplina da vontade”. [N.T.]

116 Em francês no original: “abade”. [N.T.]

117 Em francês no original: “A previsão é a causa das guerras atuais da Europa. Se se quisesse fazer o sacrifício de nada prever, todo mundo estaria tranquilo e não creio que se fosse mais infeliz por deixar de fazer a guerra.” [N.T.]

SEGUNDO LIVRO

CRÍTICA DOS MAIS ALTOS VALORES ATÉ
HOJE

[I. CRÍTICA DA RELIGIÃO]

Toda beleza e sublimidade que emprestamos às coisas reais e imaginadas, quero exigir de volta como propriedade e produto do homem: como a sua mais bela apologia. O homem como poeta, como pensador, como Deus, como amor, como poder: oh, para além da sua régia generosidade, com a qual ele contemplou as coisas, a fim de *empobrecer* a si mesmo e *se sentir miserável!* Este foi até agora o seu maior altruísmo, que ele admirasse, adorasse e soubesse ocultar de si mesmo que era *ele*, precisamente, quem criava aquilo que, em seguida, punha-se a admirar.

[I. Do surgimento da religião]

135

Sobre a *origem da religião*. - Da mesma maneira que ainda hoje o homem ignorante acredita que a cólera seja a causa de que ele se zangue, o espírito a causa de que ele pense, a alma a causa de que ele sinta, em resumo, tal como também agora, ainda de maneira inconsiderada, uma massa de entidades psicológicas são postuladas, devendo ser causas, assim o homem, em um grau ainda maior de ingenuidade, esclareceu precisamente as mesmas manifestações com o auxílio de entidades psicológicas pessoais. Os estados que lhe pareciam estranhos, arrebatadores e imponentes, ele os explicou para si como obsessão e encantamento sob o poder de uma pessoa. Assim, o cristão, a espécie de homem hoje mais ingênua e retrógrada, reconduz a esperança, o repouso e o sentimento de “redenção” a uma inspiração psicológica de Deus: nele, como em um tipo essencialmente sofredor e inquieto, os sentimentos de felicidade, de entrega e de paz aparecem, de modo que lhe é mais adequado, como o *estranho*, como o que precisa de

esclarecimento. Em raças argutas, fortes e cheias de vida é o epiléptico que mais suscita a convicção de que aí está em jogo um *poder estranho*; mas também aquela ausência de liberdade [*Unfreiheit*] que lhe é aparentada, por exemplo, a do entusiasta, do poeta, do grande criminoso, das paixões como amor e vingança, serve para a invenção de poderes extra-humanos. Concretiza-se um estado em uma pessoa e afirma-se que esse estado, se ele surge em nós, é o efeito daquela pessoa. Em outras palavras: na educação psicológica de Deus, um estado, a fim de ser um efeito, é personificado como causa.

A lógica psicológica é esta: o *sentimento do poder*, se ele cobre o homem de repente, subjugando-o, - e este é precisamente o caso em todos os grandes afetos - suscita-lhe uma dúvida em sua pessoa: não ousa pensar em si como causa desse assombroso sentimento - e assim ele postula uma pessoa *mais forte*, uma divindade, para esse caso.

Em suma, a origem da religião reside nos sentimentos extremos de poder, os quais, como *estranhos*, surpreendem o homem: e tal como o doente, que sente um membro pesado demais, esquisito, e conclui que um outro homem está sobre ele, o ingênuo *homo religiosus* se cinde em *várias pessoas*. A religião é um caso de “*alteration de la personnalité*”.¹¹⁸ Uma espécie de *sentimento de temor e sobressalto* diante de si mesmo... Mas igualmente um *sentimento de felicidade e elevação* extraordinárias... Entre doentes basta o *sentimento da saúde* para que eles se acreditem em Deus, na proximidade de Deus.

Psicologia rudimentar do homem religioso: - Todas as modificações são efeitos, todos os efeitos são efeitos-da-vontade. Falta o conceito “natureza”, “lei da natureza”. A todo efeito pertence um efetivador [*Tater*]. Psicologia

rudimentar: apenas se é si mesmo, no caso: causa, quando se sabe que se quis.

Por conseguinte: os estados de poder imputam ao homem o sentimento de *não* ser a causa, de ele ser *irresponsável* em relação a eles: eles chegam sem ser queridos: logo, não somos os autores; a vontade não livre (isto é, a consciência de uma modificação em nós sem que a tenhamos desejado) necessita de uma vontade *estrangeira*.

Consequência: o homem não ousou *se* atribuir todos os seus momentos mais fortes e assombrosos, - ele os concebeu como “passivos”, como “sofridos”, como dominações -: a religião é um rebento [*Ausgeburt*] de uma dúvida sobre a unidade da pessoa, uma *altération* da personalidade -: toda a grandeza e toda a força do homem eram concebidas como *sobre-humanas*, como *estrangeiras*, o homem apequenava-se, - ele cindiu os dois lados em duas esferas: uma muito deplorável e fraca, a outra tremendamente forte e assombrosa; chamou a primeira de “homem” e a segunda de “Deus”.

Prosseguiu sempre com isso, não interpretou seus estados-morais elevados e sublimes, nos períodos de *idiossincrasia moral*, como “desejados”, como “obra” da pessoa. Cristo também cinde a sua pessoa em uma mesquinha e fraca ficção, que ele chama de homem, e em uma outra, que ele chama de Deus (salvador, redentor) -

A religião degradou o conceito de “homem”; sua extrema consequência é que tudo o que é bom, grande, verdadeiro é sobre-humano, sendo presenteado, apenas, por meio de uma graça...

Outro caminho para tirar o homem da degradação, que a demissão [*Abgang*] dos estados elevados e de força para a condição de estados estrangeiros trouxe consigo, foi a teoria do parentesco: esses estados elevados e fortes poderiam ser pelo menos interpretados como influências

de nossos antepassados, pertenceríamos uns aos outros, solidários, cresceríamos aos nossos próprios olhos enquanto agíssemos segundo uma norma familiar.

Tentativa de famílias distintas de ajustar a religião ao seu próprio sentimento. - O mesmo fazem os poetas e os videntes, eles se sentem orgulhosos, dignos e *eleitos* por estarem em semelhante trânsito, - eles valorizam o fato de não interessarem absolutamente como indivíduos e de serem meros porta-vozes (Homero).

Tomar posse, passo a passo, de seus estados elevados e orgulhosos, tomar posse de suas ações e obras. - outrora alguém acreditava honrar a si mesmo se não se soubesse responsável pelas coisas mais elevadas que fazia, o responsável era - Deus -. - A *ausência de liberdade da vontade* conferia um valor mais alto a uma ação: é que então um Deus fora feito seu autor...

138

Os sacerdotes são os atores de uma qualquer sobre-humanidade, à qual eles devem conferir evidência, quer se trate de ideais, de deuses ou de salvadores: eles encontram nisso a sua profissão, para isso eles têm o seu instinto; a fim de o tornarem tão crível quanto possível, precisam ir tão longe quanto possível na similitude; sua inteligência de ator deve adquirir junto deles *a boa consciência*, só com a ajuda desta última ela pode ser persuadida de verdade.

139

O sacerdote quer conseguir valer como *o mais elevado tipo* de homem, quer chegar a dominar, - também ainda sobre aqueles que têm o *poder* em suas mãos, quer impor que é invulnerável, inatingível... que ele seja o *poder mais forte* na comunidade, o qual não se pode, de maneira nenhuma, substituir e subestimar.

Meio: só ele é o *sábio*; só ele é o *virtuoso*; só ele tem o *supremo domínio sobre si*; só ele é, em certo sentido, Deus e remonta à divindade; só ele é o intermediário entre Deus e os *outros*; a divindade pune todo dano e todo pensamento dirigidos contra um sacerdote.

Meio: a *verdade* existe. Há apenas uma forma de obtê-la: tornar-se sacerdote. Tudo o que é *bom*, no ordenamento, na natureza e na tradição, remonta à sabedoria do sacerdote. - O livro sagrado é obra de sua sabedoria. A totalidade da natureza é apenas uma exposição do que nele está estabelecido. - Não há nenhuma outra fonte do *bem* senão o sacerdote. Qualquer outra modalidade de excelência, por exemplo: a do *guerreiro*, é de nível inferior à do sacerdote.

Consequência: se o sacerdote deve ser o tipo *superior*, então a *gradação* até a sua *virtude* deve constituir a escala de valores do homem. O *estudo acadêmico*, a *des-sensualização*, a *inatividade*, a *impassibilidade*, a *ausência de afetos*, a *solenidade*. - *Oposição*: o gênero *mais profundo* de homem.

O *sacerdote* ensinou uma espécie de moral: a fim de ser sentido, ele mesmo, como um tipo *superior*. - Ele concebe um tipo *contrário*: o *tschandala*. Torná-lo, por todos os meios, desprezível constitui o pano de fundo da ordenação por castas. - Seu extremo temor diante da *sensualidade* é, ao mesmo tempo, requerido pela *intuição* de que aqui a ordem de *castas* (quer dizer, a *ordem* em geral) acha-se ameaçada do pior modo... Toda “tendência libertária” *in puncto puncti* faz desmoronar a legislação matrimonial.

O *filósofo* como um desenvolvimento consecutivo do tipo *sacerdotal*: - ele tem a herança deste no corpo [*im Leibe*]; - é constrangido, ainda que como rival, a lutar pelo mesmo com os mesmos meios, como o sacerdote de seu tempo; - ele aspira à *autoridade suprema*.

O que confere autoridade, caso não se tenha em mãos o poder físico (nenhum exército, nenhum *poderio bélico* em geral...)? - como se obtém, nomeadamente, a autoridade *sobre* aqueles que possuem a força física e a autoridade? - eles concorrem com a veneração diante dos príncipes, diante do conquistador vitorioso, diante do sábio estadista.

Eles conseguem isso apenas enquanto despertam a crença de ter em mãos uma força mais elevada e poderosa, - Deus -. Nada há que seja forte o bastante: *precisa*-se do serviço e da intermediação do sacerdote. - Eles se colocam como um *entre* indispensável: - têm como condição de existência necessária, 1. que se creia na absoluta superioridade de seu Deus, que se creia *em seu Deus*, 2. que não haja nenhum outro acesso direto a Deus. - sozinha, a *segunda* exigência cria o conceito de “heterodoxia”; a *primeira* cria o conceito de “infiel” (quer dizer, aquele que crê em *outro Deus* -).

Crítica da mentira sagrada. - Que a mentira seja autorizada para fins piedosos, isso pertence à teoria de todo sacerdócio, - quanto isso pertence à sua *práxis* deve ser o objeto da presente investigação.

Mas também os filósofos, tão logo tencionem, com secretos desígnios sacerdotais, tomar em mãos a condução dos homens, também reivindicam para si, de imediato, um direito de mentir: Platão à frente. Superlativa é a dupla mentira desenvolvida pelos filósofos de tipo ariano dos Vedanta: dois sistemas, contraditórios em todos os pontos principais, mas revezando-se, preenchendo-se e completando-se segundo fins educativos. A mentira de um deve criar um estado no qual a verdade do outro se torne, em geral, *audível*...

Até que ponto chega a mentira piedosa dos sacerdotes e dos filósofos? - Aqui se deve perguntar quais são os seus pressupostos sobre educação, que dogmas eles precisam *inventar* para satisfazer esses pressupostos?

Em primeiro lugar, devem ter a seu favor o poder, a autoridade, a confiança irrestrita.

Em segundo lugar, devem ter em mãos a totalidade do processo natural [*Naturverlauf*], de modo que tudo o que acontece aos indivíduos apareça como condicionado por uma lei sua.

Em terceiro lugar, devem também possuir um âmbito de poder de muito maior alcance e cujo controle se subtraia aos olhos dos subordinados: o castigo eterno, o “depois-da-morte”, - e também devem possuir, como é conveniente, os meios de saber o caminho para a bem-aventurança.

Eles têm de afastar o conceito de processo natural: mas como são pessoas inteligentes e previdentes, podem então *prometer* uma profusão de efeitos, naturalmente condicionados por orações ou pela observância estrita de suas leis... - Podem inclusive *prescrever* uma série de coisas absolutamente razoáveis, - desde que não tenham de nomear a experiência, a empiria, como fonte dessa sabedoria, mas antes uma revelação, ou a consequência “dos exercícios mais duros de penitência”.

A *mentira sagrada* se aplica, portanto, em princípio, ao *fim* da ação (- o fim natural, a razão torna-se invisível, um fim-moral, uma realização da lei, um estar a serviço de Deus aparece como fim -): à *consequência* da ação (- a consequência natural é interpretada como sobrenatural e, para operar com mais segurança, prometem-se, de modo incontrolável, outras consequências sobrenaturais).

Cria-se, dessa forma, um conceito de *bem* e de *mal* que se apresenta inteiramente desligado do conceito natural “útil”, “prejudicial”, “promotor da vida”, “amesquinhador da vida” - nisso que uma *outra* vida é imaginada, ele pode até mesmo ser diretamente *hostil* ao conceito natural de bem e de mal.

Dessa maneira, cria-se finalmente a célebre “*consciência*”: uma voz interior que em cada ação *não* mede o valor da ação em relação às suas

consequências, mas antes tem em vista a intenção e a sua conformidade com a “lei”.

A mentira sagrada inventou assim um Deus que *pune e recompensa*, que aprova, em todos os detalhes, o livro de leis do sacerdote e que os envia, exatamente, como seus porta-vozes e procuradores no mundo; - um *além da vida*, no qual somente se pensa efetiva a grande máquina-punitiva, - a esse fim serve a *imortalidade da alma*; - a *consciência moral* [Gewissen] no homem, ser consciente daquilo que institui bem e mal, - que Deus em pessoa fala aqui, quando ela aconselha a conformidade com a prescrição sacerdotal; - a *moral como negação* de todo processo natural, como redução de todo acontecer a um acontecer moralmente condicionado, o efeito moral (isto é, a ideia de recompensa e punição) como o que perpassa o mundo, como uma força isolada, como *creator* de toda mudança; - a *verdade* como algo oferecido, revelado, como coincidindo com a doutrina do sacerdote: como condição, enfim, de toda salvação e felicidade, nesta e na outra vida.

Em suma: qual é o preço do *aperfeiçoamento moral*? - suspensão da *razão*, redução de todos os motivos a medo e esperança (castigo e recompensa); *dependência* de uma tutela sacerdotal, de um rigor formal, que tem a pretensão de expressar uma vontade de Deus; a implantação de uma “*consciência moral*” que coloca um falso *saber* no lugar do exame e da experimentação [Versuch]: como se já estivesse estabelecido o que se haveria de fazer e de não fazer [lassen] - uma espécie de castração daquele espírito que busca e impele para diante. Em suma, a mais horrível *mutilação* do homem que se [pode] imaginar, supostamente como “homem bom”.

Na prática, toda a razão, toda a herança de inteligência, sutileza e prudência que constitui o pressuposto do *kanon* sacerdotal é em seguida arbitrariamente reduzida a uma mera *mecânica*; - a conformidade com a lei vale já como meta, e como a meta mais elevada, - a *vida não tem mais*

*nenhum problema; - toda a concepção de mundo é emporcalhada com a ideia de punição... - com referência à vida sacerdotal apresentada como o non plus ultra de perfeição, a própria vida é repensada como uma depreciação e um emporcalhamento da vida... - o conceito de “Deus” constitui uma renúncia à vida, uma crítica, um desprezo mesmo em relação à vida... - A verdade é transformada pelo pensamento em mentira sacerdotal, o impulso para a verdade, em *estudo do que está escrito*, tendo em vista *tornar-se teólogo...**

142

*Para uma crítica do código de Manu.*¹¹⁹ - Todo o livro descansa sobre a mentira sagrada: - esse sistema terá sido inspirado pelo bem da humanidade? E essa espécie de homem, que acredita no *caráter interessado* de toda ação, estava ou não interessada em impor esse sistema? - Melhorar a humanidade - onde esse desígnio buscou inspiração? De onde se tomou emprestado o conceito de melhoramento?

- nós encontramos uma espécie de homem, a espécie *sacerdotal*, que se toma a si mesma como norma, como cume, como a mais alta expressão do tipo homem: ela toma de si mesma o conceito de “melhoramento” - ela crê em sua superioridade, ela também a *quer* realmente: a causa da mentira sagrada é a *vontade de poder* [*Wille zur Macht*]...

O erguer-se da dominação: para esse fim, a dominação de conceitos que estabelecem, no sacerdócio, um *non plus ultra* de poder - o poder por meio da mentira - em reconhecimento ao fato de que ele não é possuído nem física nem militarmente... a mentira como suplemento do poder, - um novo conceito de “verdade”.

Erra-se quando se pressupõe aqui um desenvolvimento *ingênuo e inconsciente*, uma espécie de autoengano... Os fanáticos não são os

inventores de semelhantes sistemas excogitados de opressão... Aqui trabalhou a gélida circunspecção, a mesma espécie de circunspecção que Platão possuía quando imaginava o seu “Estado”. - “Deve-se querer os meios quando se quer o fim” - todos os legisladores tinham clareza quanto a essa intuição política.

Nós temos o modelo clássico como algo especificamente *ariano*: estamos, portanto, autorizados a responsabilizar a espécie de homem mais bem-dotada e mais circumspecta pela mentira mais fundamental jamais feita... Imitouse isso quase por toda parte: a *influência ariana* arruinou todo o mundo...

143

Hoje se fala do espírito *semita* do Novo Testamento: mas o que assim se nomeia é apenas o espírito sacerdotal, - e no código ariano de uma raça mais pura, no *Manu*, essa espécie de “semitismo”, ou seja, de *espírito-de-sacerdote*, é pior do que em qualquer outra parte.

O desenvolvimento do Estado sacerdotal judeu *não* é original: ele conheceu o esquema na Babilônia, o esquema é ariano. Se esse mesmo esquema dominou mais tarde novamente na Europa, sob a preponderância do sangue germânico, então isso aconteceu segundo o espírito da raça *dominante*: um grande atavismo. A Idade Média germânica teve origem na restauração da *ordem de castas ariana*.

O maometanismo, por sua vez, aprendeu dos cristãos a utilizar o “além” como órgão-castigo.

O esquema de uma *coletividade imutável*, com sacerdotes na cúpula: o maior e mais antigo produto cultural asiático em domínio de organização - deve naturalmente ter instado à reflexão e à imitação em todos os aspectos. - Mesmo Platão: mas, antes de todos, os egípcios.

As *morais* e as *religiões* são o meio -*principal* com o qual se pode moldar o homem tanto quanto se queira: desde que se disponha de um excedente de forças criadoras e desde que seu querer possa impor-se a longos intervalos de tempo.

Como uma religião ariana *que diz sim*, o rebento da classe *dominante*, aparece: o código de Manu. (A divinização do sentimento de poder no *brâmane*: interessante que ele tenha surgido na casta-guerreira e só depois tenha se estendido ao sacerdote.)

Como uma religião semítica *que diz sim*, o rebento de uma classe *dominante*, aparece: o código de Maomé. O Antigo Testamento nas partes mais antigas. O *maometanismo* como uma religião para *homens* tem um profundo desprezo pelo sentimentalismo e pela mentira do cristianismo... uma religião para mulheres, é assim que ele a sente -

Como uma religião *que diz não*, o rebento de uma classe *oprimida*, aparece: segundo conceitos indo-arianos: o Novo Testamento - uma *religião schandala*.

Como uma religião ariana *que diz não*, que cresceu em meio às posições dominantes, aparece: o budismo.

Está na mais perfeita ordem que nós não tenhamos nenhuma religião de raças arianas *dominadas*, pois isso é uma contradição: uma raça senhorial ou está por cima ou sucumbe.

Em si mesma, uma religião nada tem a ver com a moral: mas os dois descendentes da religião judaica são ambos *essencialmente* religões morais,

as quais fornecem o regulamento sobre como se *deve* viver e, com castigos e recompensas, criam um ouvido para as suas exigências.

147

Pagão - cristão. - *Pagão* é o dizer-sim ao natural, o sentimento de inocência no que é natural, “a naturalidade”.

Cristão é o dizer-não ao natural, o sentimento de indignidade no que é natural, a antinaturalidade.

“Inocência” é, por exemplo, Petrônio; um cristão, se comparado com este caso feliz, perdeu a inocência para sempre.

Mas como também o *status cristão* deve ser, por fim, meramente um estado natural, mas que não se pode conceber como tal, “cristão” significa uma *falsificação da interpretação psicológica* que se alçou a princípio...

148

O sacerdote cristão é, desde o início, o inimigo mortal da sensibilidade: não se pode pensar nenhuma contraposição maior do que a atitude inocente, cheia de pressentimentos e festiva com a qual, por exemplo, era sentida a presença dos símbolos sexuais nos veneráveis cultos femininos de Atenas. Em todas as religiões não ascéticas, o ato da procriação é o mistério em si: uma espécie de símbolo da cumulação e do propósito misterioso do porvir (renascimento, imortalidade).

149

A fé em nós mesmos é o mais forte grilhão e o supremo golpe de açoite - e a *asa mais poderosa*. O cristianismo deveria ter instituído a inocência do homem como artigo de fé - os homens ter-se-iam tornado deuses: então se poderia ainda acreditar.

A grande *mentira* na história: como se a *corrupção* do paganismo tivesse sido o que abriu caminho para o cristianismo! Mas foi precisamente o enfraquecimento e a *moralização* do homem antigo! A reinterpretação dos instintos naturais como *vício* já se havia cumprido!

As religiões chegam ao fim na crença da moral: o Deus moral-cristão é inconsistente: consequência: “ateísmo” - como se não pudesse haver quaisquer outras espécies de deuses.

Da mesma forma, a cultura chega ao fim com a fé na moral: pois se são descobertas as condições necessárias a partir das quais ela cresce, então *querêla* não é mais possível: budismo.

Fisiologia da religião niilizante. - As religiões *niilizantes* todas juntas: *histórias de doenças sistematizadas* sob uma nomenclatura moral-religiosa.

No culto pagão há o grande *círculo anual*, e o culto gira em torno de sua interpretação. No culto cristão há circuito de *fenômenos paralisantes*, e o culto gira em torno deles...

Essa religião *niilizante* busca por toda parte para si, na Antiguidade, os *elementos de decadence* que lhe são aparentados, a saber:

- a) o partido dos *fracos e malfadados...* (a escória do mundo antigo: aquilo que ele repudiou com mais veemência...)
- b) o partido dos *moralizados* e dos *antipagãos...*
- c) o partido dos *politicamente extenuados* e indiferentes (cidadãos romanos esnobados...), os desnacionalizados, nos quais havia

permanecido um vazio

d) o partido daqueles que estão fartos, - que de bom grado colaboram em uma conspiração *subterrânea* -

154

Buda contra o “crucificado”. - No interior das religiões niilizantes ainda se pode sempre distinguir com rigor a *cristã* e a *budista*: a religião *budista* exprime um *belo poente*, uma doçura e uma suavidade consumadas, - é a gratidão a tudo o que fica para trás, com o adendo de que o amargor, a desilusão e o rancor estão ausentes -: por fim, o amor espiritual elevado, o refinamento da contradição fisiológica encontram-se por trás dela, que também descansa disso tudo: disso, porém, ela ainda possui a sua glória espiritual e a candênciia do sol poente (- proveniência das castas superiores -.)

O movimento *cristão* é um movimento de degenerescência a partir de toda sorte de elementos decadentes e desprezíveis: ele *não* exprime o ocaso de uma raça, ele é, desde o início, uma forma de agregação a partir de complexos de doenças que se buscam e se comprimem... por isso mesmo, ele *não* é nacional, *nem* condicionado por uma raça; dirige-se aos deserdados de toda parte - tem por princípio rancor contra tudo que é bem-sucedido e dominante, tem necessidade de um *símbolo* que represente a maldição sobre os bemsucedidos e dominantes... ele também se contrapõe a todo movimento *espiritual*, a toda filosofia: toma o partido dos idiotas e lança uma maldição contra o espírito. Rancor contra os homens de talento, os formados e independentes de espírito: ele adivinha neles o *bem-sucedido* e *senhorial*.

155

No budismo prepondera este pensamento: “Todo apetite, tudo o que produz sangue e paixão arrasta para a ação”, - nisso apenas se é *advertido* do mal, pois agir - isso não tem nenhum sentido. Agir prende à existência: toda existência, porém, é destituída de sentido. Eles veem no mal o impulso para algo ilógico: para a admissão de meios, dos quais nega-se o fim. Procuram um caminho para o não-ser e *por isso* se proíbem *todos* os impulsos da parte dos afetos. Por exemplo, nada de vingar-se! Nada de ser inimigo! - o hedonismo dos cansados confere aqui o supremo critério de valor. Nada está mais distante do budista do que o fanatismo judeu de um Paulo. Nada repugnaria mais o seu instinto do que essa tensão, essa ardência, essa inquietação do homem religioso, sobretudo aquela forma de sensibilidade que o cristianismo consagrou com o nome de “amor”. Antes de tudo, são as classes formadas e até mesmo superespiritualizadas que encontram no budismo a sua aritmética: uma raça desgastada e fatigada por uma guerra filosófica secular, mas não *parte inferior de toda cultura*, como os estratos a partir dos quais surgiu o cristianismo... No ideal do budismo também aparece como essencial o conseguir livrar-se da alternativa entre bem e mal: cogita-se então um estado refinado para além da moral, que coincide com a essência da perfeição, com a pressuposição de que se tenham também as boas ações como necessárias apenas provisoriamente, meramente como meio, - a saber, a fim de que se consiga livrar-se de todo agir.

Uma religião *niilizante* [como o cristianismo], nascida em conformidade com um povo tenaz-senil tendo sobrevivido a todos os instintos fortes - transferida paulatinamente para um outro meio, finalmente incutindo-se nos povos jovens, *que ainda não haviam vivido de modo algum - muito estranho!* Uma bem-aventurança final, pastoral e crepuscular pregada a bárbaros, a germanos! Como isso tudo teve de ser primeiro

germanizado, tornado bárbaro! Pregada àqueles que haviam sonhado com um *Walhall*¹²⁰ ... - que encontravam toda a felicidade na guerra! - Uma religião *supranacional* pregada em um caos, no qual *nem sequer ainda existiam nações* -

157

O meio de refutar sacerdotes e religiões é sempre apenas este: mostrar que seus erros deixaram de ser *benéficos*, - que eles prejudicam mais do que ajudam, em suma, que sua própria “prova de força” não convence mais...

[2. Sobre a história do cristianismo]

158

Não se deve confundir o cristianismo [como *realidade histórica*] com aquela raiz única que ele faz recordar com seu nome: as *demais* raízes, a partir das quais ele cresceu, foram de longe mais poderosas; é um abuso sem igual que tais formações decadentes e deformações, que se chamam “igreja cristã”, “fé cristã” e “vida cristã”, se façam distinguir com aquele nome sagrado. O que Cristo *negou*? - Tudo o que hoje se chama cristão.

159

Toda a doutrina cristã daquilo que *deve* ser crido, toda “verdade” cristã é pura mentira e engodo: precisamente o contrário daquilo que o início do movimento cristão ofereceu...

justamente aquilo que *a igreja* considera cristão é, desde o princípio, o *anticristão*: meras pessoas e coisas em lugar de símbolos, mera história [*Historie*] em lugar das coisas eternas, meras fórmulas, ritos e dogmas em lugar de uma práxis da vida. Ser cristão é a mais completa indiferença para com dogmas, cultos, sacerdotes, igreja, teologia.

A práxis do cristianismo não é nenhuma extravagância, assim como tampouco a práxis do budismo: ela é um meio de ser feliz...

160

Jesus dirige-se diretamente à situação, o “reino do céu” no coração, e encontra o meio *não* na observância da igreja judaica - ele conta mesmo como nada a realidade do judaísmo (sua urgência em conservar-se); ele é puramente *interior* - do mesmo modo, ele não se importa absolutamente com as fórmulas grosseiras em curso sobre Deus: defende-se contra toda doutrina de expiação e de reconciliação; mostra como se deve viver para sentir-se “divinizado” - e como não se chega a isso com expiações e contrições sobre os pecados: “*o pecado não conta para nada*”, eis a sua principal sentença.

Pecado, expiação, perdão, - nada disso vem ao caso... isso é judaísmo misturado, ou é pagão.

161

O *reino do céu* é um estado do coração (- das crianças, foi dito, “pois delas é o reino do céu”); nada que seja “sobre a Terra”. O reino de Deus “vem”, não de modo cronológico-histórico, não segundo o calendário, não é algo que um dia estivesse aqui e um dia antes, não: ele é antes uma “modificação de sentido no indivíduo”, algo que sempre vem e que sempre ainda não está aqui...

162

O ladrão na cruz: - quando o próprio criminoso, que padece uma morte dolorosa, sentencia: “tal como este Jesus sofre e morre sem revolta, sem hostilidade, bondoso, resignado, somente assim é o justo”, então ele diz sim ao evangelho e com isso *ele está no paraíso...*

[Jesus ordena:] Não se deve fazer frente àquele que é perverso conosco, nem por meio de ações nem mesmo no coração.

Não se deve admitir nenhum motivo para se separar de sua mulher.

Não se deve fazer nenhuma distinção [entre] estranhos e familiares, estrangeiros e naturais do país.

Não se deve ficar irritado com ninguém, não se deve menosprezar ninguém... Dai esmolas em segredo... não se deve querer ser rico. - Não se deve prestar juramento. - Não se deve julgar. - Deve-se se reconciliar, deve-se perdoar. Não orai publicamente -

A “bem-aventurança” não é uma promessa: ela está aí, caso se viva e se aja desse modo...

Ingredientes posteriores. - Toda a atitude de profetas e fazedores de milagres, a cólera, a evocação do julgamento são uma abominável corruptela (por exemplo, Marcos 6, 11: E aqueles que não vos acolherem... eu vos digo: será realmente como em Sodoma e Gomorra etc.). A “figueira” (Mateus 21, 18): Mas como ele de novo foi à cidade pela manhã, a fome o assaltou. E ele viu uma figueira no caminho, foi em direção a ela e, não encontrando nada além de folhas, disse-lhe: que jamais cresçam sobre ti frutos no futuro! E a figueira secou imediatamente.

A *doutrina de castigo e recompensa* está misturada do modo mais absurdo possível: com isso, tudo está corrompido.

Igualmente, a práxis dos primeiros *ecclesia militans*,¹²¹ do apóstolo Paulo e seu comportamento são apresentados, de maneira inteiramente

falsificadora, como *ordenados*, como fixados de *antemão*...

a ulterior glorificação da *vida* e da *doutrina* efetiva dos primeiros cristãos: como se tudo estivesse *predeterminado* desse modo... e meramente tivesse *se seguido*...

Daí o *cumprimento* da *profecia*: tudo o que está aí foi inteiramente falsificado e preparado!

166

Jesus colocou frente a frente uma vida real, uma vida na verdade e aquela vida habitual: nada está mais distante dele do que o absurdo deselegante de um “Pedro eternizado”, de uma duração-pessoal eterna. O que ele combate é o fazer-se importante da “pessoa”: como ele pode justamente querer eternizá-la?

Ele também combate a hierarquia no interior da comunidade: não promete qualquer proporção de recompensa conforme a produtividade: como ele pode ter imaginado castigo e recompensa no além!

167

[O *cristianismo* é] um prenúncio ingênuo de um *movimento pacifista* de tipo budista, no seio do rebanho propriamente dito do ressentimento... mas, por meio de Paulo, virou uma doutrina de mistérios pagã, a qual finalmente aprende a dar-se bem com toda *organização estatal*... e conduz guerras, condena, tortura, presta juramento e odeia.

Paulo parte da necessidade-de-mistérios da grande massa religiosamente excitada: ele busca uma *vítima de sacrifício*, uma fantasmagoria sangrenta que sustente o combate com as imagens do culto secreto: Deus na cruz, o beber sangue, a *unio mystica*¹²² com o “sacrificado”.

Ele busca a *existência contínua* (a existência contínua bem-aventurada e purificada de culpas da alma individual) como forma de conseguir uma

ressurreição em um nexo causal com aquele *sacrifício* (segundo o tipo de Dioniso, Mitra, Osíris).

Ele tem necessidade de trazer para o primeiro plano o conceito de *culpa* e *pecado*, *não* uma nova práxis (como Jesus mesmo mostrou e ensinou), mas antes um novo culto, uma nova fé, uma fé em uma transformação milagrosa (“redenção” pela fé).

Ele compreendeu a *grande necessidade do mundo pagão* e produziu, a partir dos fatos da vida e morte de Cristo, uma seleção inteiramente arbitrária, acentuou tudo de um modo novo, deslocou o ponto de gravidade em toda parte... *anulou*, de princípio, o cristianismo originário...

O ataque aos *sacerdotes* e aos *teólogos* desembocou, graças a Paulo, em um novo sacerdócio e em uma nova teologia - em uma classe *dominante*, em uma *Igreja*.

O ataque ao excessivo fazer-se importante da “pessoa” desembocou na fé na “pessoa eterna” (no cuidado com a “salvação eterna”), no exagero paradoxal do egoísmo pessoal.

Este é o *humor* da coisa, um humor trágico: Paulo justamente erigiu de novo, em grande estilo, aquilo que Cristo, por meio de sua vida, havia anulado. Finalmente, quando a Igreja já está pronta, ela toma até mesmo a *existência estatal* sob sua sanção...

168

- A *Igreja* é exatamente aquilo contra o que Jesus pregou - e aquilo contra o que ele ensinou seus discípulos a lutar -

169

Deus nenhum morreu por nossos pecados; nenhuma redenção por meio da fé; nenhum ressuscitar após a morte - tudo isso são falsificações do

cristianismo genuíno, pelas quais se deve responsabilizar aquele funesto cabeça arrevesada (Paulo).

A *vida exemplar* consiste no amor e na humildade; na plenitude do coração, a qual não exclui mesmo os mais baixos; na renúncia expressa ao querer-ter-razão, à defesa, à vitória no sentido do triunfo pessoal; na fé na bem-aventurança aqui, sobre a Terra, apesar da penúria [*Not*], da adversidade e da morte; no caráter conciliatório, na ausência de ira e de desdém; no não querer ser recompensado; no não se ter vinculado a ninguém; na mais espiritual ausência de tutela espiritual; em uma vida tremendamente orgulhosa sob o querer da vida pobre e servidora.

Depois que a Igreja se deixou despojar da *totalidade da práxis cristã* e sancionou expressamente a vida no Estado, justamente aquele modo de vida que Jesus havia combatido e condenado, ela teve que, de algum modo, depositar em outra parte o *sentido* do cristianismo: na *fé* em coisas indignas de crença, no ceremonial da oração, na adoração, na festa etc. Os conceitos de “pecado”, “perdão”, “castigo”, “recompensa” - tudo isso, que era inteiramente insignificante e quase havia sido *excluído* pelo primeiro cristianismo, vem agora para o primeiro plano.

Uma horrível miscelânea de filosofia grega e judaísmo; o ascetismo; o contínuo julgar e condenar; a hierarquia; -

O cristianismo transformou, desde o princípio, o simbólico em cruezas:

1. a contraposição de “vida verdadeira” e vida “falsa”: mal compreendidas como “vida deste” e “vida do outro mundo”;
2. o conceito de “vida eterna” em contraposição à vida pessoal e transitória, como “imortalidade-pessoal”;
3. a confraternização por meio do gozo comum da comida e da bebida, segundo o hábito hebraico-arábico, como “milagre da trans-

substanciação”;

4. a “ressurreição” - como ingresso em uma “vida verdadeira”, como “renascimento” - daí: uma eventualidade histórica que sucede, em algum tempo, depois da morte;
5. a doutrina do filho do homem como “filho de Deus”, a relação vital entre homem e Deus - daí: a “segunda pessoa da divindade” - justamente o que foi *removido*: a relação filial de todo homem, inclusive do mais desprezível, com Deus;
6. a salvação por meio da fé, a saber: que não há outro caminho para o ser filho de Deus senão a *práxis da vida* ensinada por Cristo - o oposto da fé em que se deve acreditar em alguma forma milagrosa de *pagamento do pecado*, que não é efetuada por meio do homem, mas antes por meio da ação de Cristo:

com isso, “Cristo na cruz” tinha de ser interpretado de modo novo. Essa morte *não* foi em si, absolutamente, a coisa mais importante... foi apenas mais um sinal de como se devia comportar-se em relação à autoridade e à lei do mundo - *não defender-se... nisso se colocou o exemplo*.

Para a psicologia de *Paulo*. - O fato decisivo é a morte de Jesus. Este continua *a ser interpretado...* Que haja uma verdade e um erro na interpretação, isso nem sequer passa pela mente dessas pessoas: um dia subiu-lhes uma sublime possibilidade à cabeça, “essa morte *poderia* significar isso e aquilo” - e imediatamente ela é isso! Prova-se uma hipótese com o sublime *impulso* que ela proporciona ao seu autor...

“A prova de força”: isto é, um pensamento é provado por seu *efeito*, - (“em seus frutos”, como diz a Bíblia ingenuamente); aquilo que entusiasma deve ser *verdadeiro* - aquilo pelo que se verte o sangue deve ser *verdadeiro* -

Aqui o repentino sentimento de poder, que um pensamento suscita em seu autor, é, por toda parte, acrescentado a esse pensamento como um *valor*: - e posto que só se sabe honrar absolutamente um pensamento qualificando-o de verdadeiro, o primeiro predicho que ele recebe para sua honra é o de ser *verdadeiro...* Como ele poderia ser efetivo de outro modo? Ele foi imaginado provindo de um poder: se este não fosse real, ele não poderia efetivar-se... Ele foi compreendido como *inspirado*: o efeito que exerce tem algo da força imponente de uma influência demoníaca -

Um pensamento ao qual um tal *décadent* não consegue opor resistência, ao qual ele sucumbe inteiramente, está “provado” *como verdadeiro!!!*

Todos esses epilépticos sagrados e videntes não possuíam um milésimo daquela integridade de autocrítica com a qual hoje um filólogo lê um texto ou examina um acontecimento histórico para verificar sua verdade... em comparação conosco, eles não passam de cretinos morais...

172

Que não interesse se *algo* é *verdadeiro*, mas antes como ele *opera* - absoluta *falta de retidão intelectual*. Tudo é bom, a mentira, a calúnia, o arranjo mais descarado, se serve para elevar aquela temperatura já elevada, - até que se “acredite” -.

Uma escola formal dos *meios de sedução* para uma fé: *desprezo*, por princípio, das esferas de onde a contradição poderia advir (- da razão, da filosofia e da sabedoria, da desconfiança, da cautela); louvor e enaltecimento descarados da doutrina, sob contínua invocação de que ela é uma dádiva de Deus - que o apóstolo não significa nada, - de que aqui não haveria nada para criticar, mas apenas para crer, para admitir; que receber uma tal doutrina de salvação seria a mais extraordinária graça e misericórdia; que a mais profunda gratidão e humildade é o estado no qual se deve receber essa doutrina...

Especulou-se amiúde sobre os ressentimentos que esses subalternos sentem contra tudo o que é honrado: o que, precisamente, os seduz é o fato de que se apresente a eles essa doutrina como contradoutrina em relação à sabedoria do mundo e ao poder do mundo. Ela persuade os deserdados e os malsucedidos de toda sorte; ela promete a bem-aventurança, a preferência, o privilégio aos mais discretos e mais humildes; ela fanatiza as cabeças pobres, pequenas e tolas para uma presunção absurda, como se eles fossem o sentido e o sal da Terra -

Tudo isso, que se diga uma vez mais, não se pode desprezar o bastante: poupamo-nos a *crítica à doutrina*; é suficiente observar os meios de que ela se serve para saber com o que estamos lidando. Ela se colocou de acordo com a *virtude*, ela monopolizou, de modo indecente, toda a *força de fascinação da virtude*... ela se pôs de acordo com o poder do paradoxo, com a necessidade de pimenta [Pfeffer] e contrassenso das civilizações mais antigas; ela desconcertou, revoltou, incitou à perseguição e à sevícia -.

Trata-se precisamente da mesma *forma de indignidade excogitada* com a qual o sacerdócio judeu estabeleceu o seu poder e a Igreja judia foi criada...

Deve-se distinguir: i. aquele calor da paixão “amor” (descansando sobre o fundo de uma sensibilidade exultante) 2. a absoluta *falta de nobreza* do cristianismo - o contínuo exagero, a verbosidade - a falta de espiritualidade fria e ironia - o caráter a-militar de todos os instintos - o preconceito sacerdotal contra o orgulho masculino, contra a sensibilidade, as ciências, as artes.

Paulo: ele busca poder *contra* o judaísmo reinante, - seu movimento é débil demais... Reavaliação do conceito de “judeu”: a “raça” é posta de lado; - mas isso significou negar o *fundamento*. O “mártir”, o “fanático”, o valor de toda fé forte...

O cristianismo é a *forma-de-decadência* do mundo antigo na mais profunda impotência, a tal ponto que os estratos e as necessidades mais doentios e insalubres chegam a predominar.

Em consequência, outros instintos devem vir para o primeiro plano, a fim de *criar* uma unidade, um poder que se defendesse - em suma, uma espécie de situação de emergência era necessária, como aquela a partir da qual os judeus haviam tomado o seu *instinto para a autopreservação...*

Para tanto, são inestimáveis as perseguições aos cristãos - a associação no perigo, a conversão das massas como único meio de pôr fim às perseguições privadas (- por conseguinte, ele toma isso a seu cargo tão facilmente quanto possível, com o conceito de “conversão”).

174

A vida *judaico-cristã*: aqui *não* preponderou o ressentimento. Somente as grandes perseguições podem ter explicitado de tal maneira a paixão - tanto a *candênciā do amor* quanto a do ódio.

Quando se veem seus entes mais queridos sacrificados pela fé, fica-se então *agressivo*; a vitória do cristianismo deve-se a seus perseguidores.

O *ascetismo* não é específico do cristianismo: Schopenhauer compreendeu mal esse ponto: o ascetismo só se enraizou no cristianismo ali onde, por toda parte, ele também existe sem cristianismo.

O cristianismo *hipocondríaco*, a tortura e o tormento do animal de consciência também só pertencem a um certo solo sobre o qual os valores cristãos deitaram raízes: não é o próprio cristianismo. O cristianismo acolheu em si todas as espécies de doenças de solos mais mórbidos: a ele poder-se-ia censurar apenas o fato de que não soube defender-se contra nenhum contágio. Mas *essa* é precisamente a sua essência: o cristianismo é um tipo da *décadence*.

A realidade sobre a qual o cristianismo pôde edificar-se foi a pequena *família judia* da diáspora, com seu ardor e sua ternura, com sua inaudita e talvez incompreendida, em todo o Império Romano, prontidão para ajudar, com seu responder uns pelos outros, com seu orgulho de “eleitos” velado e travestido em humildade, com seu mais íntimo dizer não, sem inveja, a tudo o que é superior e que, por si, possui brilho e poder. *Ter reconhecido isso como poder*, ter reconhecido esse estado *bem-aventurado* como passível de ser compartilhado, sedutor, contagiante, mesmo para os pagãos - é o gênio de Paulo: usar até esgotar o tesouro de energia latente, de felicidade sagaz, toda a experiência e maestria judia da *autoconservação comunitária* sob dominação estrangeira, inclusive a propaganda judia, para uma “Igreja judia de livre confissão” - isso ele adivinhou como sendo a sua tarefa. O que encontrou foi precisamente aquela espécie de gente *miúda* absolutamente apolítica e colocada à margem: sua arte de afirmar-se e impor-se, cultivada em uma profusão de virtudes, as quais expressam o sentido único de virtude (“meio de conservação e incremento de uma determinada espécie de homem”).

Da pequena comunidade judaica provém o princípio do *amor*: aqui há uma alma *apaixonada* que arde sob as cinzas da humildade e da miserabilidade: o grego não foi assim, nem o indiano, nem tampouco o germano. O canto de louvor ao amor, que Paulo compôs, não é nada cristão, mas antes um chamejar judaico da chama eterna semítica. Se o cristianismo fez algo essencial em perspectiva psicológica, então foi a *elevação da temperatura da alma* naquelas raças mais frias e aristocráticas, que naquele tempo estavam por cima; foi a descoberta de que a vida mais miserável pode tornar-se rica e inestimável por meio de uma elevação de temperatura...

Compreende-se que uma tal transferência *não* poderia realizar-se em relação às classes dominantes: os judeus e os cristãos tinham os maus modos contra si, - e o que é robustez e paixão da alma, isso mesmo produz repugnância e quase suscita náusea junto aos maus modos. (- Vejo esses maus modos quando leio o Novo Testamento.) Dever-se-ia ser aparentado, pela baixeza e penúria, com o tipo inferior de povo que aqui se pronuncia para sentir o atrativo... Há uma prova para se saber se se tem algo do *gosto clássico* no corpo: como nos posicionamos em relação ao Novo Testamento (cf. Tácito): quem não se revolta com ele, quem, ademais, não sente sinceramente e a fundo algo da *foeda superstição*,¹²³ algo em relação a que se recolhe a mão como para não se sujar: este não sabe o que é clássico. Deve-se sentir a “cruz” como Goethe -

176

Reação da *gente miúda*: - o amor proporciona o supremo sentimento de poder. - A conceber em que medida aqui não é o homem em geral quem fala, mas uma espécie de homem. Deve-se desentranhar isso mais de perto.

“Nós somos divinos no amor, tornamo-nos ‘crianças de Deus’, Deus nos ama e não quer absolutamente nada de nós a não ser amor”; - quer dizer: toda moral, todo fazer e obedecer não produzem aquele sentimento de poder e liberdade como o que o amor produz; - por amor não se faz nada de mau, faz-se muito mais do que se faria por obediência e virtude -

Sente-se aqui a alegria do rebanho, o sentimento de comunhão no grande e no pequeno, o sentimento vital de unidade como *soma de sensações vitais* - o ajudar e cuidar e ser útil excitam continuamente o sentimento de poder; o sucesso visível, a expressão de alegria acentuam o sentimento de poder; - o orgulho não falta, como comunidade, como cidadela de Deus, como “eleitos”. -

De fato, o homem experimenta mais uma vez uma *alteração da personalidade*: dessa vez ele chama de Deus o seu sentimento de amor. - Deve-se imaginar um despertar de semelhante sentimento, uma espécie de encanto, um discurso estranho, um “evangelho” - esta novidade foi o que não lhe permitiu atribuir a si o amor -: ele supunha que Deus se transformava diante dele e que nele havia se tornado vivo - “Deus vem para entre os homens”, o “mais próximo” foi transfigurado em um Deus (à medida que o sentimento de amor se resolve nele). *Jesus é o mais próximo*, desde que fora transformado em divindade, em causa *provocadora do sentimento de poder*.

Os crentes têm consciência de que devem infinitamente ao cristianismo e concluem, por conseguinte, que seu autor seja um personagem de primeira grandeza... Essa conclusão é falsa, mas é a conclusão típica de quem venera. Considerado objetivamente, seria possível, *em primeiro lugar*, que eles se equivocassem sobre o valor daquilo que devem ao cristianismo: convicções não servem de prova para aquilo de que se está convencido, e nas religiões, além do mais, elas fundamentam uma suspeita em contrário... *Em segundo lugar*, seria possível que o que se deve ao cristianismo não possa ser atribuído ao seu autor, mas antes precisamente à configuração acabada, ao todo, à Igreja a partir dele. O conceito de “autor” é tão ambíguo que ele próprio pode significar a mera causa ocasional para um movimento: avultou-se na multidão a figura do fundador, enquanto a Igreja crescia; mas precisamente essa óptica da veneração permite a conclusão de que esse fundador, em alguma hora, fosse algo muito incerto e não identificado, - no início... pense-se com que *liberdade*Paulo tratou o problema-pessoal Jesus, quase escamoteado - Alguém que morreu, que foi visto novamente depois

de sua morte, alguém que foi entregue à morte pelos judeus... Um mero “motivo”: *ele* então faz a música para tal motivo...

178

Um fundador de religião *pode* ser insignificante, - uma centelha e nada mais!

179

Para o problema psicológico do cristianismo. - A força motriz permanece: o ressentimento, a insurreição popular, a rebeldia dos malsucedidos. (Com o budismo é outra coisa: ele não *nasceu* a partir de um movimento de *ressentimento*. Ele combate esse mesmo movimento, pois tal movimento impele a *agir*) -

Esse partido pacifista concebe que *uma renúncia à hostilidade no pensamento e na ação* seja uma condição de diferenciação e de conservação: nesse ponto reside a dificuldade psicológica que impediu que se compreendesse o cristianismo. O impulso que o *criou* força um conflito de princípio consigo mesmo -

Apenas como *partido pacifista e da inocência* esse movimento insurreto tem uma possibilidade de êxito: ele deve triunfar por meio da extrema suavidade, docura, mansidão, seu instinto percebe isso -

Truque: negar, condenar o impulso de que se é expressão, e por meio de ação e palavra, ostentar continuamente a contrapartida desse impulso -

180

A pretensa juventude- - Engana-se quem sonha aqui com a existência de um povo jovem e ingênuo, que se distingue diante de uma cultura antiga; corre a superstição de que nesses estratos da arraia miúda, onde o cristianismo cresceu e deitou raízes, a mais profunda fonte da vida tenha

jorrado novamente: não se comprehende nada da psicologia da cristandade, quando se a toma como expressão de um reforço racial e de uma nova e ascendente juventude do povo: trata-se, bem antes, de uma típica forma de *decadence*-; o enterneecimento moral e a histeria em uma doentia mistura de população, que se tornou cansada e sem meta. Essa estranha sociedade, que se reuniu aqui em torno desse mestre da sedução do povo, pertence propriamente, toda ela, a um romance russo: todas as doenças dos nervos oferecem nelas um *randevu*... a ausência de tarefas, o instinto de que tudo esteja propriamente no fim, de que nada mais vale a pena, a satisfação em um *dolce far niente*-:¹²⁴

o poder e a certeza de futuro do instinto judeu, o monstruoso de seu querer teimoso de existência e poder, tudo isso reside em sua classe dominante; os estratos que promoveram a ascensão do jovem cristianismo são caracterizados de modo mais penetrante pela fadiga do instinto. Está-se farto: este é um aspecto - e está-se satisfeito junto a si, em si, por si - este é o outro.

O cristianismo como *judaísmo emancipado* (da mesma maneira que uma nobreza local e condicionada pela raça termina por emancipar-se desses condicionamentos e *vai buscar* elementos afins...).

1. como Igreja (comunidade) sobre o solo do Estado, como formação apolítica;
2. como vida, cultivo, práxis, arte de viver;
3. como *religião do pecado* (da falta *perante Deus* como a *única* espécie de falta, como a *única* causa de todo sofrimento em geral), com um remédio universal contra ele. Há apenas pecado perante Deus; o que se faz de errado contra os homens, sobre isso o homem não deve julgar,

nem exigir contas, a não ser que seja em nome de Deus. Igualmente todos os mandamentos (amor): tudo está atado a Deus, e pela vontade de Deus é feito aos homens. Nisso encontra-se uma alta inteligência (- a vida em grande aperto, como entre os esquimós, só é suportável com o modo de pensar o mais pacífico e o mais indulgente possível: o dogma judaicocristão dirigiu-se contra os pecados, para o bem do “pecador” -).

182

O sacerdócio judeu havia entendido apresentar tudo quanto reivindicava como um *estatuto divino*, como realização consequente a um mandamento de Deus... igualmente o que servia para *conservar Israel*, para introduzir sua *possibilidade* de existência (por exemplo, um conjunto de *obras*: circuncisão, culto sacrificial como centro da consciência nacional) não como natureza, mas, antes, como “Deus”. - *Esse processo prossegue; no interior* do judaísmo, onde a necessidade da “obra” não fora sentida (a saber, como separação contra os de fora), uma espécie de homem sacerdotal, que se comporta como a “natureza nobre” para com o aristocrata, poderia ser concebida; um caráter sacerdotal da alma, isento de castas e como que espontâneo, que então, a fim de destacar de si agudamente o seu contrário, não atribui valor às “obras”, mas antes à “mentalidade” [*Gesinnung*]¹²⁵ ...

No fundo, tratava-se novamente de *obter uma determinada espécie de alma*: tal como *uma rebelião popular no interior* de um povo sacerdotal, - um movimento pietista dos de baixo (pecadores, cobradores de impostos, mulheres, doentes). Jesus de Nazaré foi o sinal no qual eles se *reconheceram*. E, mais uma vez, a fim de poder acreditar em si mesmos, eles necessitam de uma *transfiguração teológica*: nada menos que o “filho de Deus” se faz necessário para criar neles a fé em si mesmos... Exatamente como o

sacerdócio havia falsificado toda a história de Israel, assim fez-se aqui, mais uma vez, a tentativa de *desfigurar* em geral a história da humanidade, a fim de que o cristianismo pudesse reluzir como seu acontecimento mais cardinal. Esse movimento só poderia vingar no solo do judaísmo, cujo feito principal foi entrelaçar *culpa e infelicidade*, e reduzir toda culpa à *culpa perante Deus: o cristianismo é a segunda potência disso.*

183

O simbolismo do cristianismo descansa sobre o simbolismo *judaico*, que também já havia resolvido *toda a realidade-* (história, natureza) em uma não naturalidade e irrealidade sagradas... que não mais quis ver a história efetiva -, que não mais se interessou pelo êxito natural -

184

Os judeus fazem a tentativa de impor-se depois de terem perdido suas duas castas, a dos guerreiros e a dos lavradores;

eles são, nesse sentido, os “capados” - eles têm o sacerdote - e então, logo a seguir, os *tschandalas...*

Como é fácil que se chegue com eles a uma ruptura, a uma rebelião do *tschandala*: a origem do *cristianismo*.

Pelo fato de que eles só conheciam os *guerreiros* como senhores, eles trouxeram para a sua religião a inimizade contra os *aristocratas*, contra os nobres e orgulhosos, contra o poder, contra as classes *dominantes* -: eles são pessimistas-*indignados...*

Com isso, criaram uma posição nova e importante: o sacerdote à frente dos *tschandalas* - contra as classes *aristocráticas...*

O cristianismo extraiu a última consequência desse movimento: também no sacerdócio judeu ele ainda sentiu as castas, os privilegiados, os aristocratas - isso *apagou o sacerdote* -

Cristo é o *tschandala* que recusou o sacerdote... O *tschandala* que se salvou por si mesmo...

Por isso, a Revolução *Francesa* é a filha e o prolongamento do *cristianismo*... ela é, por instinto, contra a Igreja, contra os aristocratas, contra os privilégios extremos - -

185

O “*ideal cristão*”: astúcia judia colocada em cena. Os *impulsos psicológicos fundamentais*, sua “natureza”:

- :a rebelião contra o poder espiritual dominante;
- :tentativa de transformar as virtudes sob as quais é possível a *alegria dos menos favorecidos* em ideal normativo de todos os valores, - este deve chamar-se Deus: o instinto de conservação dos estratos vitalmente mais pobres;
- :justificar a abstenção absoluta de guerra e oposição a partir do ideal, - ao mesmo tempo, a obediência;
- :o amor de um pelo outro como consequência do amor de Deus.

Truque: negar todos os *mobiles* naturais e os inverter em além espiritual... aproveitar para si até a última gota a *virtude* e sua veneração, *negá-la* pouco a pouco a todos os não cristãos.

186

O *profundo desprezo* com o qual o cristão foi tratado no mundo antigo que restou aristocrático pertence ao mesmo âmbito a que ainda hoje pertence a aversão instintiva contra os judeus: é o ódio das classes livres e conscientes de si mesmas contra os *que se comprimem* e combinam gestos tímidos e canhestros com um absurdo sentimento de dignidade própria.

O Novo Testamento é o evangelho de uma espécie de homem inteiramente *não aristocrática*; sua pretensão de ter mais valor, e de ter

mesmo todo o valor, tem algo de escandaloso, - também ainda hoje em dia.

187

Quão pouco importa o objeto! O espírito é o que faz viver! Que ar doentio e obstinado em meio a todo o palavrório excitado de “salvação”, amor, “bem-aventurança”, fé, verdade, “vida eterna”! Tome-se, em contrapartida, um verdadeiro livro *pagão*: Petrônio, por exemplo, onde no fundo nada é feito, dito, querido e estimado, que não seja pecado e pecado mortal segundo a bitola cristã e beata. E apesar disso: que bem-estar em ar mais puro, na espiritualidade superior do passo mais ligeiro, na força certa do futuro que se tornou livre e transbordante! Em todo o Novo Testamento não há sequer uma única *bouffonnerie*:¹²⁶ com isso, um livro é refutado...

188

A profunda indignidade com a qual toda vida fora da vida cristã é julgada: não lhes é suficiente imaginar seus adversários propriamente ditos como vulgares, eles não precisam de nada menos do que uma difamação integral de tudo aquilo que não são *eles mesmos*... Uma alma infame e marota dá-se perfeitamente bem com a arrogância da santidade: vejam-se os primeiros cristãos.

O futuro: eles deixam que se o *pague habilmente*... É a modalidade de *espírito mais porca* de que se tem notícia. Toda a vida de Cristo é apresentada de modo a legitimar as profecias: ele age assim a fim de que elas sejam convincentes...

189

A interpretação mentirosa das palavras, gestos e estados dos *que estão para morrer*: assim, por exemplo, confunde-se, por princípio, o temor diante da morte com o temor diante do “depois-da-morte”...

Também os *cristãos* fizeram como os judeus, e aquilo que sentiram como condição de existência e inovação colocaram na boca de seu mestre e revestiram com isso a sua vida. Ao mesmo tempo, atribuíram a ele toda a sabedoria dos provérbios -: em uma palavra, apresentaram sua vida e sua atividade reais como uma *obediência* e, por meio disso, as consagraram para sua propaganda.

Aquilo de que tudo depende vai dar em Paulo: isso é *pouco*. O outro ponto é a configuração de um tipo de santificação a partir daquilo que, para eles, vale como sagrado.

Toda “doutrina dos milagres”, incluindo a ressurreição, é uma consequência da automagnificação da comunidade: daquilo de que ela se julga a si mesma capaz ela julga, em nível superior, seu mestre capaz (e respectivamente faz derivar dele a sua própria força...).

Jamais os cristãos praticaram as ações que Jesus lhes prescreveu: e o palavrório impudente sobre “justificação por meio da fé” e sua importância suprema e única nada mais é do que a consequência do fato de que a Igreja não teve nem coragem nem vontade de aderir às *obras* que Jesus exigia.

O budista age de modo diverso do não budista; o *cristão age como todo mundo* e possui um cristianismo de cerimônias e de *humores*.

A mentira profunda e desprezível do cristianismo na Europa: nós realmente merecemos o desprezo de árabes, hindus, chineses... Ouçam-se os discursos do primeiro estadista alemão sobre o que propriamente ocupou a Europa nos últimos quarenta anos... ouça-se a linguagem do tartufo-pastor.

“Fé” ou “obras”? - Que para a “obra” e para o hábito de determinadas obras se produza uma determinada estimação, e por fim uma *mentalidade*-, é algo tão natural quanto é não natural que uma “obra” se origine de uma mera estimação. Deve-se exercitar-se *não* no reforço de sentimentos de valor, mas antes na ação; deve-se primeiro *poder* alguma coisa... O *diletantismo* cristão de Lutero. A fé é uma mnemônica [*Eselsbrücke*].¹²⁷ O fundo disso é uma profunda convicção de Lutero e de seus iguais em sua incapacidade para obras cristãs, um fato pessoal encoberto sob uma extrema desconfiança sobre se *toda e qualquer* ação não é em geral pecado e coisa do diabo: a tal ponto que o valor da existência recai sobre estados isolados e altamente tensos de *inatividade* (oração, efusão etc.). - Por fim, ele tinha razão: os instintos que ganham expressão em toda atividade dos reformadores são os mais brutais de que se tem notícia. Apenas no absoluto *apartar-se* de si, na submersão no *contrário*, apenas como *ilusão* (“fé”) a existência lhes era suportável.

193

- “O que fazer para crer?” - uma pergunta absurda. A abstenção de tudo aquilo que Cristo ordenou *fazer*, é nisso que o cristianismo peca.

É isso a vida mesquinha, mas interpretada com um olho de desdém.

194

A entrada na *verdadeira vida* - *salva-se a vida pessoal da morte à medida que se vive a vida universal* -

195

O “cristianismo” é algo fundamentalmente distinto daquilo que seu fundador fez e quis. Trata-se do grande *movimento antipagão* da Antiguidade, formulado com o auxílio da vida, da doutrina e das “palavras”

do fundador do cristianismo, mas em uma interpretação inteiramente arbitrária segundo o esquema de *necessidades fundamentalmente distintas* : traduzida para a linguagem de todas as *religiões subterrâneas* já existentes -

É a ascensão do pessimismo, enquanto Jesus quis trazer a paz e a felicidade aos cordeiros:

é, na verdade, a ascensão do pessimismo dos fracos, dos vencidos, dos sofredores, dos oprimidos.

Seu inimigo mortal é 1. *Poder* em caráter, espírito e gosto; a “mundanidade”; 2. a “felicidade” clássica, a nobre frivolidade e ceticismo, o orgulho renhido, o excêntrico desregramento e a fria autossuficiência do sábio, o refinamento grego em gestos, palavra e forma - seu inimigo mortal é o *romano*, tanto quanto o *grego*.

Tentativa do *antipaganismo* de fundar-se filosoficamente e de tornar-se possível: tempo favorável para as figuras ambíguas da cultura antiga, sobretudo para Platão, esse anti-heleno e semita de instinto... igualmente para o estoicismo, que é essencialmente obra de um semita (- a “dignidade” como rigor, lei, a virtude como grandeza, responsabilidade própria, autoridade, como suprema soberania pessoal - isso é semítico:

o estoico é um xeque árabe envolto em fraldas e conceitos gregos).

O cristianismo só cerra fileiras ao lado daquilo que já existia contra o ideal clássico, contra a religião aristocrática.

De fato, toda essa *remodelação* é uma tradução para as necessidades e para o nível de compreensão das *massas religiosas* daquele tempo: aquela massa que acreditava em Ísis, Mitra, Dioniso, na “grande mãe” e que exigia de uma religião: 1. a esperança do além, 2. a fantasmagoria sangrenta do sacrifício de animais “o mistério”, 3. o *feito* redentor, a lenda sagrada, 4. o ascetismo, a

negação do mundo, a “purificação” supersticiosa, 5. uma hierarquia, uma forma de organização coletiva.

Em suma: o cristianismo acomoda-se ao *antipaganismo* já existente e que havia deitado raízes por toda parte, aos cultos que foram combatidos por Epicuro... mais precisamente: às *religiões das massas inferiores*, das *mulheres*, dos *escravos*, das *classes não nobres*.

Temos, portanto, como *mal-entendidos*:

1. a imortalidade pessoal
2. o pretenso *outro mundo*
3. o absurdo dos conceitos de castigo e expiação no centro mesmo da interpretação da existência
4. a desdivinização do homem em lugar de sua divinização, o escancarar do abismo mais profundo, o qual apenas o milagre, só a prostração do mais profundo desprezo de si mesmo ajuda passar
5. todo o mundo da imaginação depravada e do afeto doentio, em lugar da práxis simples e afetuosa, em lugar de uma felicidade budista acessível sobre a Terra...
6. uma ordenação eclesiástica, com sacerdócio, teologia, culto, sacramentos; em uma palavra: tudo aquilo que Jesus de Nazaré *combatera*
7. o *milagre* em tudo e em todos, a superstição: a marca do judaísmo e do cristianismo mais antigo é justamente a sua má vontade contra o milagre, sua relativa *racionalidade*.

A *pressuposição psicológica*: a *falta de sabedoria e incultura*, a ignorância que desaprendeu todo pudor: imaginem-se esses santos desavergonhados em plena Atenas:

o instinto judaico de “ter-sido-escolhido”: eles monopolizam, sem mais, *todas as virtudes* e tomam o resto do mundo como seus antagonistas: um profundo traço de *vilania da alma*:

a perfeita carência de alvos efetivos, de tarefas efetivas, para as quais se fazem necessárias virtudes outras que as de beatos, - o Estado poupou-lhes esse trabalho: apesar disso, o povo despudorado age como se não tivesse necessidade do Estado.

“Desse modo vós não vos tornais como as crianças”: Ah, quão distantes estamos dessa ingenuidade psicológica!

198

O fundador do cristianismo teve de penitenciar-se por ter se dirigido ao estrato mais baixo da sociedade e da inteligência judaicas... - ele o concebeu conforme o espírito que podia compreender... é uma verdadeira vergonha ter fabricado uma história da salvação, um Deus pessoal, um redentor pessoal, uma imortalidade pessoal e ter conservado toda a mesquinharia da “pessoa” e da “história” a partir de uma doutrina que nega a realidade a tudo o que é pessoal e histórico...

A lenda da salvação em lugar do simbólico agora e sempre, do aqui e em toda parte, o milagre em lugar do símbolo psicológico.

199

Nada é menos inocente do que o Novo Testamento. Sabe-se sobre qual solo ele cresceu. Esse povo, com uma implacável vontade de si mesmo, que, depois de ter perdido toda paragem natural e de há muito ter perdido seu direito à existência, soube, contudo, impor-se, tendo sido necessário para tanto estruturar-se inteiramente sob pressuposições não naturais e puramente imaginárias (como povo eleito, como comunidade dos santos, como povo da promessa, como “Igreja”): esse povo manejou a *pia fraus*¹²⁸

com tal perfeição, com tal grau de “boa consciência”, que toda cautela é pouca quando ele prega a moral. Quando judeus declaram-se a própria inocência, então o perigo se tornou grande: deve-se sempre ter em mãos seu pequeno fundo de entendimento, de desconfiança e de maldade quando se lê o Novo Testamento.

Pessoas da mais baixa extração, em parte uma corja, os enjeitados não apenas da boa sociedade, mas também da sociedade respeitável, criados à margem até mesmo do *cheiro* da cultura, sem cultivo, sem saber, sem qualquer pressentimento daquilo que poderia haver de consciência nas coisas espirituais, mas - judeus: espertos por instinto, com todas as pressuposições supersticiosas, com a ignorância até mesmo para criar uma preferência, uma *sedução*.

200

Considero o cristianismo como a mais funesta mentira da sedução que já existiu, como a grande *mentira ímpia*: eu expulso a descendência e o eczema de seu ideal sob toda outra roupagem, repilo todo posicionamento pela metade ou mesmo por três quartos em relação a ele, - forço a guerra contra ele.

A *moralidade da gente miúda* como medida das coisas: é esta a mais repugnante degeneração que a cultura apresentou até hoje. *E esta espécie de ideal*, enquanto “Deus” continua a pairar sobre a humanidade!

201

Mesmo quando se é ainda por demais modesto na pretensão de limpeza intelectual, não se pode evitar sentir, no contato com o Novo Testamento, algo como um asco indizível: pois a impertinência desenfreada, por parte daqueles que não possuem as devidas credenciais, de querer entrar na discussão sobre os grandes problemas, a pretensão deles de ser árbitro em

tais coisas, ultrapassa todas as medidas. A descarada leviandade que se usa para falar dos problemas os mais inacessíveis (vida, mundo, Deus, finalidade da vida), como se eles não fossem nem mesmo problemas, mas coisas simples que esses pequenos beatos *soubessem!*

202

Esta foi a espécie mais funesta de megalomania que já existiu até hoje sobre a Terra: - quando esses abortos de beatos, pequenos e mentirosos, começam a monopolizar as palavras “Deus”, “juízo final”, “verdade”, “amor”, “sabedoria”, “espírito santo” e a se demarcar com isso contra “o mundo”, quando essa espécie de homem começa a *inverter os valores segundo si mesmos*, como se eles fossem o sentido, o sal, a medida e a *importância* de tudo o mais: dever-se-ia construir para eles um manicômio e não fazer mais nada. Que se os tenha *perseguido*, essa foi uma antiga estupidez em grande estilo: com isso tomou-se-lhes a sério, com isso fez-se deles uma coisa séria.

Toda a fatalidade foi possibilitada pelo fato de que já *havia no mundo* uma espécie aparentada de megalomania: a *judaica*. Depois que um dia o abismo entre os judeus e os judeus-cristãos escancarou-se, os judeus-cristãos *tiveram de* empregar, mais uma vez e para conservar-se, o procedimento de autoconservação que o instinto judaico havia inventado -; por outro lado, ela foi possibilitada pelo fato de que a filosofia moral dos gregos havia feito tudo para preparar e tornar palatável um *fanatismo moral* mesmo entre gregos e romanos... Platão, o grande abre-alas da ruína, o primeiro que quis compreender mal a natureza na moral, que já havia depreciado os deuses gregos com seu conceito de “bem”, que já era um *judeu beatificado* (- onde? No Egito?)

203

Essas pequenas virtudes de animal de rebanho não conduzem, em absoluto, à “vida eterna”: colocá-las em cena de tal maneira e colocar-se em cena juntamente com elas pode ser muito inteligente, mas, para aquele que ainda tem os olhos abertos, isso permanece, apesar de tudo, a mais risível de todas as comédias. Não se merece em absoluto um privilégio na Terra e no céu, quando se levou isso à perfeição de uma pequena e adorável moderação de ovelha; permanece-se com isso, no melhor dos casos, sempre meramente uma pequena, adorável e absurda ovelha com chifres - contanto que não se arrebente de vaidade e se escandalize por meio de atitudes típicas de juiz.

A monstruosa apoteose de cores com a qual as pequenas virtudes são aqui iluminadas - tal como um reluzir de qualidades divinas.

A intenção *natural* e a utilidade de toda virtude por princípio *silenciadas*; ela é valiosa apenas em relação a um mandamento *divino*, a um modelo divino, apenas em relação a bens espirituais e do além. (Magnífico: como se se tratasse da “salvação da alma”: mas, na verdade, era um meio de “suportar” isso aqui com o mais possível de belos sentimentos.)

204

A *lei*, a formulação fundamentalmente realista de certas condições de conservação de uma comunidade, interdita certas ações em uma determinada direção, nomeadamente à medida que elas se voltam contra a comunidade: ela *não* interdita a mentalidade a partir da qual essas ações transcorrem, - pois tem necessidade dessas mesmas ações em outra direção, a saber: contra os *inimigos* da sociedade. Então entra em cena o idealista-moral e diz: “Deus enxerga o coração: a ação, ela mesma, ainda não é nada; deve-se exterminar a mentalidade hostil a partir da qual ela emana...” Em condições normais, uma declaração como essa faz rir; em geral, só se tem ouvidos para tais coisas em casos excepcionais, nos quais uma sociedade

vive *absolutamente* afastada das urgências da luta pela existência. As pessoas deixam de lado uma mentalidade cuja *utilidade* não podem mais enxergar.

Este foi o caso, por exemplo, quando do aparecimento de Buda no interior de uma sociedade por demais pacífica e espiritualmente estafada.

Este também foi o caso no tempo da primeira comunidade cristã (também comunidade judaica), cuja pressuposição é a sociedade judaica absolutamente *apolítica*. O cristianismo só podia crescer sobre o solo do judaísmo, isto é, no interior de um povo que já havia efetuado a renúncia política e vivia uma espécie de existência parasitária no interior da ordem de coisas romana. O cristianismo representa um passo *adiante*: pode-se ainda “castrar” muito mais, - as circunstâncias permitem isso.

Expele-se da moral a *natureza* quando se diz “amai vossos inimigos”: pois então a *naturezana* lei (no instinto) “tu deves *amar* os teus próximos e *odiar* os teus inimigos” tornou-se absurda; então também o *amor ao próximo* deve primeiro ser refundado (como uma espécie de *amor a Deus*). Por toda parte introduz-se *Deus* e se exorciza a “*utilidade*”: por toda parte nega-se a *origem* propriamente dita de toda moral: a *dignidade natural*, que reside precisamente no *reconhecimento de uma moral-natureza*, é *aniquilada* desde a raiz...

De onde provém a comichão *da sedução* de um tal ideal de humanidade capado? Por que isso não repugna como nos repugna a representação do castrado?... Aqui precisamente está a resposta: a voz do castrado também *não* nos repugna, apesar da atroz mutilação que é a sua condição: ela tornou-se mais suave... Precisamente com o fato de “as partes viris” terem sido amputadas produziu-se nela um tom de voz mais feminino, que antes disso ela não possuía.

Pensem, por outro lado, na temível dureza, no perigo e na imprevisibilidade que uma vida de virtudes viris comporta - a vida de um

corso ainda hoje ou a do árabe pagão (a qual se equipara à vida do corso até nos menores detalhes: as canções poderiam ser compostas por um corso) - compreendese desse modo como justamente a espécie de homem a mais robusta foi abalada e fascinada por esse som voluptuoso da “bondade”, da “pureza”... Uns modos de pastor... um idílio... o “homem bom”: tais coisas se produzem com mais força nos tempos em que [a tragédia repica por becos e vielas].

* * *

Mas com isso nós também reconhecemos em que medida o “idealista” (- castrado-ideal) também resulta de uma realidade inteiramente *determinada* e não é apenas um delirante... Ele chegou a reconhecer que uma tal prescrição grosseira de *proibição* de determinadas ações não tinha sentido para sua espécie de realidade (pois justamente o instinto para essas ações havia *enfraquecido*, por uma grande falta de exercício e mesmo de urgência de exercício). O castrador formula uma súmula de novas condições de conservação para homens de uma espécie inteiramente determinada: nisso ele é um realista. Os *meios* para sua legislatura são idênticos aos das legislaturas antigas: o apelo a toda espécie de autoridade, a “Deus”, o emprego do conceito de “culpa e punição”, isto é, ele faz uso de todo o equipamento do ideal antigo: apenas em uma nova interpretação; a punição, por exemplo, é interiorizada (algo como um remorso).

Na prática [*praxi*] essa espécie de homem *sucumbe* tão logo desapareçam as condições excepcionais de sua existência - uma espécie de Taiti e de felicidade insular, como era a vida dos pequenos judeus na província. Seu único antagonismo *natural* é em relação ao solo no qual cresceram: têm necessidade de combatê-lo e devem deixar crescer novamente contra ele *afetos defensivos* e ofensivos: seus adversários são os partidários do antigo ideal (- essa espécie de inimizade acha-se largamente representada por Paulo

em relação ao judeu e por Lutero em relação ao ideal ascético-sacerdotal). A forma mais moderada desse antagonismo é seguramente a dos primeiros budistas: talvez em nada se tenha empregado mais trabalho do que em desencorajar e enfraquecer os sentimentos *hostis*. A luta contra o ressentimento aparece quase como a primeira tarefa do budista: somente com isso a *paz* da alma está garantida. Desprender-se, sim, mas sem nenhum rancor: isso, em todo caso, pressupõe uma humanidade que se moderou admiravelmente e tornou-se suave - santa...

* * *

A *inteligência* do *movimento de castração moral*. - Como se faz a guerra contra afetos e valorações masculinos? Não se possui nenhum meio físico violento, pode-se apenas conduzir uma guerra de astúcia, de encantamento, de mentira, em suma: “de espírito”.

Primeira receita: monopoliza-se em geral a virtude; *nega-se* o ideal antigo até o *antagonismo para com todo ideal*. Para tanto se faz preciso uma arte da calúnia.

Segunda receita: coloca-se o seu tipo como *medida de valor* em geral, de modo a projetá-lo nas coisas, atrás das coisas, atrás do destino das coisas - como Deus.

Terceira receita: coloca-se o adversário de seu ideal como o adversário de Deus, inventa-se o *direito* ao grande *páthos*, ao poder de abençoar e amaldiçoar. -

Quarta receita: deduz-se do antagonismo contra o *seu* ideal todo o sofrimento, toda a estranheza, todo o caráter terrível e fatídico da existência: - todo sofrimento segue-se como *castigo*: mesmo entre os partidários (- pois que isso aconteça é uma comprovação etc.).

Quinta receita: chega-se a ponto de desdivinizar a natureza como uma oposição ao próprio ideal: considera-se como uma grande prova de

paciência, como uma espécie de martírio, resistir tanto tempo ao natural; treina-se mesmo esse *dédain*¹²⁹ de caras e maneiras em relação a todas as “coisas naturais”.

Sexta receita: a vitória da contranatureza, do ideal do movimento de castração, a vitória do mundo da pureza, do bem, da ausência de pecado, da bem-aventurança é projetada no futuro como fim, *finale*, grande esperança, como “advento do reino de Deus”.

- Espero que ainda se possa *rir* desse alçar-se de uma pequena espécie à medida de valor absoluta das coisas...

205

O que eu absolutamente não gosto em Jesus de Nazaré ou em seu apóstolo Paulo é o fato de que eles tenham *enchido tanto a cabeça da gente miúda*, como se as suas modestas virtudes tivessem realmente alguma importância. Teve-se de pagar muito caro por isso: pois eles difamaram as qualidades mais preciosas de virtude e homem, colocaram em antagonismo a má consciência e o sentimento de dignidade própria da alma nobre, extraviaram as inclinações *corajosas, generosas, ousadas, excessivas* das almas fortes, até a autodestruição...

206

No Novo Testamento, especialmente nos evangelhos, não ouço falar absolutamente nada de “*divino*”: ouço antes uma forma *indireta* da mais abismal mania de calúnia e de aniquilação - uma das formas mais desonestas do ódio:

- *Todo* conhecimento das propriedades de uma *natureza mais elevada* está ausente. - Abuso impudente de toda espécie de honestidade burguesa; todo o tesouro de provérbios é explorado e adaptado; foi necessário um Deus para vir dizer àqueles cobradores de impostos etc. -

Não há nada mais habitual do que essa luta contra os *fariseus* com o auxílio de uma moral aparente absurda e abstrata [*unpraktischen*] - o povo teve sempre a sua diversão em semelhante *tour de force*.¹³⁰ Censura à “hipocrisia”! Vinda desta boca?! Não há nada mais habitual do que o manejo do adversário - um indício da espécie mais capciosa, por distinção ou *não...*

207

O cristianismo originário é *uma abolição do Estado*: ele interdita o juramento, o serviço militar, os tribunais, a autodefesa e a defesa de qualquer totalidade, a distinção entre nacionais e estrangeiros; inclusive a ordenação *em classes*.

O *exemplo de Cristo*: ele não resiste àqueles que lhe fazem mal; não se defende; mas ainda: “estende a outra face” (à pergunta: “tu és o Cristo?”, responde “e desde agora vós vereis [o filho do homem sentar à direita da força e chegar às nuvens do céu]”). Proíbe que seus discípulos o defendam; faz notar que poderia ter ajuda, mas não *quer*.

O cristianismo é também *uma abolição da sociedade*: favorece tudo o que ela rejeitou, brota entre os de má fama e os condenados, a partir de toda espécie de lepra, dos “pecadores”, dos “cobradores de impostos” e prostituídos, a partir do povo mais ignorante (dos “pescadores”); despreza os ricos, os eruditos, os nobres, os virtuosos, os “corretos”...

208

A guerra contra os nobres e poderosos, tal como ela foi levada a cabo no Novo Testamento, é uma guerra tal como a da raposa e com os mesmos meios: só que sempre na consagração sacerdotal e na rejeição decidida de se conhecer sua própria esperteza.

209

O evangelho: a notícia de que um acesso à felicidade está aberto aos pobres e inferiores, - que só é preciso desprender-se da instituição, da tradição e da tutela das classes superiores: nessa medida, a ascensão do cristianismo é a ascensão de uma *doutrina tipicamente socialista*.

Propriedade, aquisição, pátria, posição e patente, tribunais, polícia, Estado, Igreja, instrução, arte, índole militar: tudo isso não são senão obstáculos à felicidade, erros, enredamentos, obras do diabo, às quais o evangelho anuncia o julgamento... tudo típico de uma doutrina socialista.

No fundo, a insurreição, a explosão de uma má vontade represada contra os “senhores”, o instinto a favor disso, quanta felicidade poderia haver, depois de tanta opressão, já no sentir-se livre...

Em geral, um sintoma disso é que os estratos subalternos sejam tratados de modo tão humanitário, que eles provem já na própria língua uma felicidade proibida para eles... Não é a fome que provoca as revoluções, mas antes o fato de que o povo recebeu, *en mangeant*,¹³¹ um apetite...

210

Leia-se uma vez o Novo Testamento como um *livro de sedução*: a *virtude* é confiscada no instinto de que se possa angariar com ela a opinião pública, - na verdade, a *virtude* mais modesta de todas, a que o ideal de rebanho de ovelhas admite e nenhuma outra (incluído o pastor de ovelhas -): uma espécie de virtude pequena, terna, benévolas, solícita e satisfeita-exaltada, absolutamente sem pretensões em relação ao que está fora, - que delimita contra si “o mundo”.

A *mais absurda presunção*: como se o destino da humanidade girasse de tal maneira em torno dela, que a comunidade fosse, de um lado, o correto, e o mundo, de outro lado, fosse o falso, o para sempre condenável e repudiado. O ódio *mais absurdo* contra tudo que está no poder: mas sem

tocar nele! Uma espécie de *desprendimento íntimo* que deixa tudo como está (servidão e escravidão; saber fazer de *tudo* um meio para o serviço de Deus e da virtude).

211

O cristianismo é possível como forma de existência *estritamente privada*; ele pressupõe uma sociedade estreita, desterrada, perfeitamente apolítica, - ele pertence ao conventículo. Um “Estado cristão”, uma “política cristã” é, pelo contrário, um descaramento, uma mentira, algo como um comando militar cristão, que por fim tratasse o “Deus dos exércitos” como um comandante-em-chefe do estado-maior. Mesmo o papado não esteve jamais em condições de realizar uma política cristã...; e quando os reformadores põem em prática uma política, como Lutero, sabe-se perfeitamente que eles são seguidores de Maquiavel, exatamente como quaisquer imoralistas ou tiranos.

212

O cristianismo também é possível em cada momento... Não está preso a nenhum dos dogmas desavergonhados que se adornaram com seu nome: não necessita nem da doutrina do *Deus pessoal*, nem da doutrina do *pecado*, da *imortalidade*, da *salvação*, nem da doutrina da *fé*. Ele simplesmente não precisa de nenhuma metafísica, menos ainda do ascetismo, menos ainda de uma “ciência da natureza” cristã... [O cristianismo é uma práxis, não uma doutrina religiosa. Ele nos diz como agir, não em que devemos crer.]

Quem dissesse nos dias de hoje “eu não quero ser um soldado”, “eu não me importo com os tribunais”, “os serviços da polícia não têm qualquer utilidade para mim”, “eu não quero fazer nada que perturbe a minha paz interior: e se eu tiver de sofrer por isso, nada conservará mais a paz para mim do que o sofrimento” - este seria cristão...

Para a história do cristianismo. - Mudança constante de meio: a doutrina cristã muda com isso, continuamente, o seu *centro de gravidade*... a proteção da gente miúda e inferior... o desenvolvimento da *caritas*... o tipo “cristão” admite novamente, passo a passo, tudo o que ele negava originalmente (em cuja negação consistia -). O cristão torna-se cidadão, soldado, homem da lei, trabalhador, comerciante, erudito, teólogo, sacerdote, filósofo, fazendeiro, artista, patriota, político, “príncipe”... assume de novo todas as *atividades* que havia abjurado (- a autodefesa, o julgamento, a punição, o juramento, a distinção entre povo e povo, o desprezo, o irritar-se...). Toda a vida do cristão é por fim, precisamente, a vida *que Cristo pregou que se devia renunciar...*

A Igreja, tanto quanto o Estado moderno e o nacionalismo, pertence ao triunfo do anticristão... A Igreja é o cristianismo tornado bárbaro.

Assenhoram-se do *cristianismo*: o judaísmo (Paulo); o platonismo (Agostinho); o culto dos mistérios (doutrina da salvação, símbolo da “cruz”); o ascetismo (- inimizade contra a “natureza”, a “razão”, os “sentidos”, - Oriente...).

O cristianismo como uma *desnaturalização* da moral do animal de rebanho: sob um mal-entendido e um autoencegueiramento absolutos. A democratização é sua configuração *mais natural*, e uma configuração menos mentirosa.

Fato: os oprimidos, os rebaixados, toda a enorme massa de escravos e meioescravos *querem o poder*.

Primeiro estágio: libertam-se, - soltam-se, de início imaginariamente, reconhecem-se entre si, defendem-se.

Segundo estágio: entram em guerra, querem reconhecimento, direitos iguais, “justiça”.

Terceiro estágio: querem os privilégios (- atraem para o outro lado os representantes do poder).

Quarto estágio: querem *sozinhos* o poder e o obtêm...

No cristianismo devem-se distinguir *três elementos*: a) os oprimidos de toda espécie, b) os medíocres de toda espécie, c) os doentes e descontentes de toda espécie. Com o *primeiro* elemento, luta contra a nobreza política e seu ideal; com o *segundo* elemento, luta contra os tipos excepcionais e privilegiados de toda espécie (espirituais, sensuais -); com o *terceiro* elemento, luta contra o *instinto natural* dos saudáveis e felizes.

Quando chega a triunfar, o *segundo* elemento passa ao primeiro plano; pois então o cristianismo atrai para si os saudáveis e os felizes (como guerreiros de sua causa), assim como os poderosos (interessados na dominação das massas), - e agora é o *instinto de rebanho*, a *natureza mediana* apreciada em toda consideração, que recebe a mais alta sanção pelo cristianismo. Essa natureza mediana alcança, por fim, tão ampla consciência de si (- ganha para si a coragem -), que ela também reconhece *politicamente o poder...*

- A democracia é o cristianismo *naturalizado*: uma espécie de “regresso à natureza”, depois que a valoração contrária só pôde ser superada por meio de uma antinaturalidade extrema - Consequência: o ideal *aristocrático doravante se desnaturalizou* (“o homem superior”, “o nobre”, “o artista”, “a paixão”, “o reconhecimento” etc.); romantismo como culto do tipo excepcional, do gênio etc.

Quando também os “senhores” podem tornar-se cristãos. - Está no instinto de uma *comunidade* (estirpe, linhagem, rebanho, comuna) experimentar como *valiosos em si* os estados e os desejos graças aos quais ela deve a sua conservação, por exemplo: obediência, reciprocidade, consideração, moderação, compaixão, - e, por conseguinte, *reprimir* tudo o que estorva ou contradiz os mesmos.

Da mesma forma, está no instinto dos dominantes (indivíduos ou classes) patrocinar e distinguir as virtudes desde as quais os submetidos são *resignados e manipuláveis* (- estados e afetos que podem ser perfeitamente estranhos para eles próprios).

O *instinto de rebanho* e o *instinto dos dominadores* estão de acordo no louvor a um certo número de características e estados, - mas por razões bem distintas: o primeiro por um egoísmo imediato, o segundo por um egoísmo mediato.

A sujeição das raças senhoriais ao cristianismo decorre essencialmente do entendimento de que o cristianismo é uma *religião de rebanho*, que ensina a *obediência*: em suma, dominam-se mais facilmente os cristãos do que os não cristãos. Com essa indicação, o papa recomendou, em nossos dias, a propaganda cristã ao imperador da China.

Acrescente-se a isso que o poder de sedução do ideal cristão talvez atue mais fortemente sobre as naturezas que amam o perigo, a aventura e o contrário de si, que amam tudo *em que eles se arrisque*m, mas em que um *non plus ultra* de sensação de poder pode ser alcançado. Pense-se em Santa Teresa, em meio ao instinto heroico dos irmãos; o cristianismo manifesta-se aí como uma forma de desregramento da vontade, de força da vontade, como um quixotismo do heroísmo...

[3. *O ideal cristão*]

Guerra contra o *ideal cristão*, contra a doutrina da “bem-aventurança” e contra a salvação como meta da vida, contra a supremacia dos simples, do coração puro, dos sofredores e fracassados etc.

Quando e onde um homem digno de interesse viu algo *semelhante* àquele ideal cristão? Para tal coisa deve-se ter os olhos de um psicólogo e de um examinador de rins! - folheiem-se todos os heróis de um Plutarco.

Nossa primazia: vivemos na época de *comparação*, podemos fazer um balanço como jamais se pôde: somos a autoconsciência da história em geral... Fruímos de maneira diferente, sofremos de maneira diferente: a comparação de uma multiplicidade inaudita é a nossa atividade mais instintiva... Compreendemos tudo, vivemos tudo, não reclamamos mais nenhum sentimento de inimizade. Se nós mesmos nos saímos mal nisso, nossa curiosidade, que é transigente e quase afetuosa, arremete destemida contra as coisas mais perigosas...

“Tudo está bem” - para nós, é penoso dizer não... Sofremos quando, alguma vez, tornamo-nos suficientemente estúpidos para tomar partido contra algo... No fundo, nós, os eruditos de hoje, realizamos do melhor modo a doutrina cristã - -

Ironia contra aqueles que acreditam *ter superado* o cristianismo com a moderna ciência da natureza. Com isso, os juízos de valor cristãos *não* são em absoluto superados. “Cristo na cruz” permanece o símbolo mais sublime - sempre ainda. -

Os dois grandes movimentos niilistas: a) o budismo, b) o cristianismo: só agora o último alcançou aproximadamente condições de cultura, condições nas quais ele pode realizar sua determinação originária - um *niveau* ao qual ele *pertence...* no qual pode mostrar-se *de modo puro...*

221

Nós *produzimos* de novo o ideal cristão: resta *determinar* o seu *valor*.

1. Que valores são *negados* por esse mesmo ideal: o que contém o *ideal contrário*? - Imponência, *páthos* da distância, a grande responsabilidade, a impetuosidade, a animalidade luxuosa, os instintos guerreiros e conquistadores, a divinização da paixão, da vingança, da astúcia, da ira, da volúpia, da aventura, do conhecimento...: o ideal aristocrático é negado: beleza, sabedoria, poder, pompa e periculosidade do tipo homem: aquele que estabelece metas, o homem “futuro” (- aqui a cristandade se oferece como a *consequência final* do judaísmo -)

2. Ele é *realizável* ? - Sim, todavia condicionado climaticamente... - de modo semelhante ao ideal hindu. Falta o *trabalho...* - ele retira do povo, Estado, comunidade de cultura, jurisdição; recusa a instrução, o saber, o ensino de boas maneiras, o ganha-pão, o comércio... desliga-se de tudo o que constitui a utilidade e o valor do homem - ele o *isola* mediante uma idiossincrasia do sentimento - apolítica, antinatural, nem agressiva nem defensiva, - apenas possível no interior da vida social e estatal a mais estritamente organizada, a qual deixa esses *parasitas sagrados* pulularem às expensas gerais...

3. Ele permanece uma consequência da vontade de *prazer* - e de nada além! A “bem-aventurança” vale como algo que se prova a si mesmo, que não necessita mais de justificação, - tudo o mais (a forma de viver e de deixar viver) é apenas meio para o fim...

- Mas isso é *pensado de maneira baixa*: o temor da dor, da conspurcação, da própria ruína como um motivo suficiente para condescender com tudo... Este é um modo de pensar *miserável*... Sinal de uma raça *esgotada*... Não se deve deixar iludir (“tornai-vos como as crianças”) - as naturezas *aparentadas*: Francisco de Assis (neurótico, epiléptico, visionário, como Jesus)

222

O homem *superior* se diferencia do *inferior* no destemor e no desafio do infortúnio: é um sinal de *retrocesso* quando critérios de valor eudemonistas começam a valer como critérios superiores (- cansaço psicológico, depauperamento da vontade -). O cristianismo, com sua perspectiva de “bem-aventurança”, é uma maneira de pensar típica de uma espécie de homem sofredora e depauperada: uma força, quando plena, quer criar, sofrer, perecer: para ela, a salvação beata cristã é uma música ruim e os gestos hieráticos são um dissabor.

223

Pobreza, humildade e castidade - ideais perigosos e difamadores, mas, como venenos em certos casos de doença, um meio de salvação utilizável, por exemplo: na época do Império Romano.

Todos os ideais são perigosos, pois eles rebaixam e estigmatizam o real; todos são venenos, mas indispensáveis como meio de salvação, conforme a época.

224

Deus criou o homem feliz, ocioso, inocente e imortal: nossa vida real é uma existência falsa, decadente e pecaminosa, uma existência de castigo... O sofrimento, a guerra, o trabalho, a morte são avaliados como objeções e

pontos de interrogação contra a vida, como algo não natural, algo que não deve perdurar; contra isso se tem necessidade de remédios - e se obtêm!...

A humanidade viveu, de Adão até hoje, em uma condição anormal: Deus mesmo ofertou seu filho pelo pecado de Adão, para pôr um fim nessa condição anormal: o caráter natural da vida é uma *maldição*; Cristo restitui àquele que nele acredita a condição normal: torna-o feliz, ocioso, inocente. - Mas a terra não passou a ser fértil sem trabalho, sem dor as mulheres não dão à luz as crianças, a doença não deixou de existir: os crentes mais fervorosos encontram-se aqui tão mal quanto os mais infiéis. Que o homem esteja livre da morte e do *pecado* é uma afirmação que não admite nenhum controle, o que a Igreja afirma de modo tanto mais veemente. “Ele está livre do pecado” - não por meio de sua ação, não por meio de um rigoroso combate pessoal, mas antes *resgatado* por meio do *feito da redenção*: por conseguinte, perfeito, inocente, paradisíaco...

A vida *verdadeira* é apenas uma crença (isto é, um autoengano, uma loucura). Toda a existência lutadora, combatente, real, pleno brilho e escuridão, é apenas uma existência falsa e ruim: a missão é justamente ser *salvo* dela.

“O homem inocente, ocioso, imortal e feliz” - esta concepção da “suprema deseabilidade” é que deve ser sobretudo criticada. Por que a culpa, o trabalho, a morte, o sofrimento (*e*, dito de modo cristão, o *conhecimento...*) são *contra* a suprema deseabilidade? Os pobres conceitos cristãos de “bem-aventurança”, “inocência”, “imortalidade” - - -

Falta o excêntrico conceito de “santidade” - “Deus” e “homem” não foram cindidos um do outro. O “milagre” está ausente - não há de forma alguma aquela esfera: - a única que se considera é a esfera “espiritual” (isto é,

simbólico-psicológica) como *decadence*-: anexo ao “epicurismo”... o *paraíso*, segundo um conceito grego, também um “jardim de Epicuro”.

Em uma tal vida não há *tarefa*: - ela não *quer* nada... uma forma dos “deuses epicuristas” -: não há *razão* para se colocarem metas: para se ter filhos... tudo já foi alcançado.

226

Eles desprezaram o corpo: não o levaram em conta: mais ainda, trataram-no como inimigo. Sua loucura foi acreditar que se poderia comportar uma “bela alma” em uma disformidade de cadáver... Para tornar isso concebível também para os outros, eles precisavam postular diferentemente o conceito de “bela alma”, reavaliar os valores naturais, até que finalmente um ser pálido, doentio, fanático e idiotizado fosse sentido como uma perfeição, como “angelical ”, como apoteose, como homem superior.

227

A ignorância *in psychologicis*¹³² - o cristão não tem nenhum sistema nervoso -; o desprezo e o arbitrário querer desviar o olhar das exigências do corpo, da *descoberta* do corpo; a pressuposição de que isso seja adequado à natureza superior do homem, - *de que isso seja* necessariamente *proveitoso para a alma* - a redução por princípio de todos os sentimentos integrais do corpo a valores morais; a própria doença pensada de modo condicional por meio da moral, como se fosse um castigo ou uma provação ou também um estado de salvação, no qual o homem se aperfeiçoa mais do que ele o faria na saúde (- o pensamento de Pascal), o voluntário tornar-se doente em certas circunstâncias -

228

A que vem essa luta do cristianismo “contra a natureza”? Nós não nos deixaremos enganar por suas palavras e interpretações! É natureza contra algo que é natureza. Temor em muitos, náusea em vários, uma certa espiritualidade em outros, o amor a um ideal sem carne e apetite, o amor, nos superiores, a um “excerto da natureza” - estes querem equiparar isso ao seu ideal. Compreende-se que uma humilhação em lugar do sentimento próprio, uma cautela ansiosa diante dos apetites, a separação dos deveres habituais (com isso cria-se novamente um sentimento de nível superior), a excitação de uma luta contínua por coisas monstruosas, o hábito da efusão do sentimento - tudo isso junto termina compondo um tipo: nele predomina a *irritabilidade* de um corpo que se estiola, mas o nervosismo e sua inspiração são *interpretados* de outro modo. O *gosto* dessa espécie de natureza volta-se i. para o rebuscado, 2. para o floreio, 3. para os sentimentos extremos. - As tendências naturais, *contudo*, satisfazem-se, mas sob uma nova forma de interpretação, por exemplo, como “justificação diante de Deus”, “sentimento de redenção na graça” (- toda *sensação imperiosa de bem-estar* é assim interpretada! -), o orgulho, a voluptuosidade etc. - Problema universal: o que é feito do homem que difama o natural, que, na prática, o renega e estiola? De fato, o cristão apresenta-se como uma forma *exagerada* de autodomínio: para domar seus apetites ele parece ter necessidade de aniquilá-los ou crucificá-los.

Por uma longa cadeia de milênios o homem não se conheceu de modo psicológico: mesmo hoje, não se conhece ainda. Saber, por exemplo, que se possui um sistema nervoso (- mas nenhuma “alma”) permanece a prerrogativa dos mais instruídos. Mas o homem não suspeita, aqui, de não-saber; - deve-se ser muito humano para dizer: “não sei isso”, para permitir-se ignorâncias...

Caso sofra ou esteja de bom humor, não duvida de encontrar a razão para isso, bastando apenas que a procure. Por conseguinte, põe-se a procurá-la... Em verdade, não pode encontrar a razão, pois ele nem sequer suspeita onde teria de procurá-la... O que acontece então?... Ele toma uma *consequência* de um estado seu como sua *causa*, por exemplo: uma obra empreendida de bom humor (no fundo empreendida, porque o bom humor já o havia disposto a isso) deu bom resultado: *ecco*,¹³³ a obra é a razão para o bom humor... De fato, o bom resultado foi novamente condicionado por aquilo mesmo que condicionou o bom humor, - a saber: pela feliz coordenação de sistemas e de forças fisiológicas.

Ele se encontra mal: *por conseguinte*, não sabe lidar com um cuidado, com um escrúpulo, com uma autocrítica... - Em verdade, o homem acredita que sua indisposição seja a consequência de seu escrúpulo, de seu “pecado”, de sua “autocrítica”...

Porém, muitas vezes o estado de restabelecimento retorna depois de um profundo esgotamento e de uma profunda prostração. “Como é possível que eu seja tão livre, tão isento de preocupações? Isso é uma maravilha que só Deus pode ter feito para mim” - conclusão: “Ele perdoou os meus pecados”...

Disso resulta uma prática: para estimular as sensações de pecado, para preparar as contrições, deve-se levar o corpo a um estado doentio e nervoso. O método para isso é conhecido. Nem se suspeita quão mais simples é a lógica causal do fato - tem-se uma interpretação religiosa para a *mortificação da carne*, ela aparece como um fim em si, enquanto resulta apenas como um *meio* para tornar possível aquela indigestão doentia do arrependimento (a “*idée fixe*”¹³⁴ do pecado, a hipnotização da galinha com o risco “pecado”).

A sevícia do corpo cria o terreno para a série de “sentimentos de culpa”... isto é, um sofrimento universal que *quer ser esclarecido...*

Por outro lado, resulta igualmente a metódica da “redenção”: provocouse aquela desordem de sentimentos por meio de orações, agitações, gesticulações, juramentos, - segue-se o esgotamento, muitas vezes subitamente, muitas vezes sob uma forma epiléptica. E por trás do estado de uma profunda sonolência vem a aparência do restabelecimento - dito de modo religioso: “redenção”.

230

Outrora se conferia mais importância àqueles estados e às consequências do *esgotamento fisiológico* do que aos estados saudáveis e suas consequências, pelo fato de serem, em grande parte, súbitos, terríveis, inexplicáveis e imprevisíveis. Temia-se: postulava-se aqui um mundo *superior*. Fizeram-se o sono e o sonho, a sombra, a noite e o sobressalto natural responsáveis pelo surgimento de segundos mundos: devia-se sobretudo considerar os sintomas do esgotamento fisiológico, relacionados a isso. As antigas religiões disciplinaram inteiramente o devoto para um estado de esgotamento no qual ele *tinha* de vivenciar tais coisas... Acreditava-se ter sido introduzido em uma ordem superior, onde tudo cessa de ser conhecido. - A *aparência* de um poder superior...

231

O sono como consequência de todo esgotamento, o esgotamento como consequência de toda excitação excessiva...

A necessidade de sono, a divinização e mesmo a adoração do conceito de “sono” em todas as religiões e em todas as filosofias pessimistas -

O esgotamento é, nesse caso, um esgotamento da raça; o sono, tomado psicologicamente, é apenas uma metáfora de um *ter de repousar* muito mais profundo e duradouro... Na prática [*praxi*], é a morte que aqui, de modo tão tentador, atua sob a imagem de seu irmão: o sono...

Todo *training*¹³⁵ cristão de redenção e expiação pode ser apreendido como uma *folie circulaire*¹³⁶ arbitrariamente produzida, a qual só se deixa produzir facilmente em indivíduos já predestinados (a saber: dispostos morbidamente).

Contra o arrependimento e seu tratamento puramente psicológico. - Não se dominar uma vivência já é um sinal de *décadence*. Este re-abrir de velhas feridas, o revolver-se no autodesprezo e na contrição, é uma doença a mais, a partir da qual jamais pode surgir a “saúde da alma”, mas antes apenas uma nova forma de doença da mesma...

Esses “estados de redenção” no cristão não passam de mera mutação de um e mesmo estado doentio - interpretações da crise epiléptica sob uma fórmula determinada que *não* é dada pela ciência, mas pela ilusão religiosa.

Fica-se *bem* de uma maneira doentia, quando se está doente... Contamos agora a maior parte do aparato psicológico com o qual o cristianismo trabalhou entre as formas da histeria e da epilepsia.

Toda essa práxis de restabelecimento íntimo deve ser remetida a um fundamento *psicológico*: o “remorso”, como tal, é um obstáculo ao restabelecimento, - deve-se procurar compensar tudo por meio de novas ações, a fim de escapar o mais rápido possível da enfermidade da *autotortura*... dever-seia repudiar a prática puramente psicológica das igrejas e das seitas como prejudiciais à saúde... não é com orações e exorcismos de maus espíritos que se cura um doente: os estados de “tranquilidade” (introduzidos) que se apresentam sob tais influências estão bem longe de despertar uma confiança em sentido psicológico...

Está-se *saudável* justamente quando se troça da seriedade e do zelo com os quais uma particularidade qualquer de nossa vida nos *hipnotizou*, quando se sente algo no remorso [*Gewissensbiss*]¹³⁷ semelhante à mordida [*Biss*] de um cão em uma pedra, - quando se sente vergonha de seu arrependimento, -

A práxis até hoje, a práxis puramente religiosa e psicológica, só teve em vista uma *transformação dos sintomas*: ela declarava um homem restabelecido quando ele se prostrava diante da cruz e jurava ser um homem bom... Mas um criminoso, que, com uma seriedade segura e sombria, sustenta o seu destino e não calunia sua ação passada, tem *mais saúde da alma*... Os criminosos com os quais Dostoiévski conviveu na prisão eram, sem exceção, naturezas inquebrantáveis, - não são elas cem vezes mais dignas do que um cristão “alquebrado”?

(- Eu recomendo o tratamento do remorso com a *cura Mitchell* - -)

234

O *remorso*: sinal de que o caráter não está à altura da *ação*. Há também remorsos de *boas obras*: o inabitual delas é o que as faz sobressair em relação ao meio antigo -

235

Contra o *arrependimento*. Não estimo essa espécie de covardia com respeito à própria ação; não se deve abandonar a si mesmo em meio ao atropelo de uma ignomínia e de uma aflição inesperadas. Um extremo orgulho estaria mais bem colocado. Por fim, de que vale isso! Nenhuma ação é desfeita pelo fato de que alguém se arrependeu dela; tampouco pelo fato de que ela foi “perdoada” ou pelo fato de ela ter sido “expiada”. Seria preciso ser teólogo para acreditar em um poder capaz de expurgar a culpa: nós, imoralistas, preferimos não acreditar em “culpa”. Julgamos que cada uma das ações tem idêntico valor em sua raiz, - da mesma forma que as ações que se

voltam *contra* nós, precisamente por isso, ainda podem ser *ações universalmente desejáveis* e úteis, desde que computadas de maneira econômica. - No caso isolado, concederemos que uma ação facilmente nos teria podido ser *poupada*, - as circunstâncias apenas nos inclinaram para ela. Quem de nós, *inclinado* pelas circunstâncias, já não teria percorrido toda sorte de crimes?... Não se deve por isso dizer: “tu nunca deverias ter feito isso e aquilo”, mas apenas: “como é estranho que eu não tenha feito isso já uma centena de vezes”. - Por fim, pouquíssimas ações são ações *típicas* e abreviaturas efetivas de uma pessoa; e considerando quão pouco pessoa são os muitos, um homem raramente *caracteriza-se* por uma única ação. Ação circunstancial, de caráter meramente reflexo e epidérmico, como um disparo resultante de um estímulo, o qual sucede antes que a profundidade de nosso ser fosse tocada por ele e interrogada sobre isso. Uma cólera, um trejeito, uma facada, o que há nisso da pessoa! - Muitas vezes, a ação traz consigo uma espécie de fixidez do olhar e de não liberdade: a tal ponto que o agente é como que fascinado por sua recordação e sente-se ainda ele mesmo como um mero *instrumento* para ela. Esse distúrbio espiritual, uma forma de hipnose, é o que se deve, sobretudo, combater: uma única ação, seja qual for, é todavia, em comparação com tudo o que se fez, igualmente *nula* e pode ser descontada sem que com isso a conta se torne falsa. O justo interesse que a sociedade pode ter em computar toda a nossa existência em uma direção, como se o seu sentido fosse expelir um único ato, não deveria contaminar o próprio agente: infelizmente, é o que acontece o mais das vezes. Isso se deve ao fato de que um distúrbio espiritual se siga a toda ação com consequências inabituais, sendo mesmo indiferente se essas consequências são boas ou más. Observe-se um apaixonado ao qual coube em sorte uma promessa; um poeta a quem um teatro aplaude: eles não se

distinguem em nada, quanto ao *torpor intellectuals*, do anarquista ao qual se ataca de surpresa em sua casa com uma batida policial.

Há ações que são *indignas* de nós: ações que, tomadas como típicas, nos teriam rebaixado a um gênero inferior. Aqui se deve evitar somente este erro: *que* se as tomem como típicas. Há a espécie de ação inversa, da qual *nós* não somos dignos: exceções nascidas de uma particular abundância de felicidade e saúde, de nossa suprema maré-cheia, que uma tempestade, um acaso uma vez impeliu tão alto: tais ações e “obras” não são típicas. Não se deve jamais medir um artista pela medida de suas obras.

236

A. À medida que o cristianismo ainda hoje se apresenta necessário, está o homem ainda inculto e deplorável...

B. Em um outro ponto de vista ele não é necessário, mas antes extremamente prejudicial; mas opera atraindo e seduzindo, pois corresponde ao caráter *mórbido* de todos os estratos e de todos os tipos da humanidade atual... eles cedem à própria inclinação, quando aspiram ao modo de ser cristão - os *décadents* de toda espécie -

Deve-se aqui separar com rigor A e B. No caso A, o cristianismo é um remédio, pelo menos um meio de domesticação (- ele serve, em certas circunstâncias, para tornar doente: o que pode ser útil para romper o desregramento e a brutalidade).

No caso B, ele é um sintoma da própria doença, *aumenta a décadence*; aqui ele reage contra um sistema de tratamento *corrobante*, aqui ele é o instinto do doente *contra* aquilo que lhe é saudável -

237

Os partidos dos *sérios, dignos e circunspectos*: e seu par oposto: as feras incultas, insalubres e imprevisíveis -: um mero problema de *domesticação de*

animais: - em que o domesticador deve ser duro e temível para instilar sobressaltos em suas feras.

Todas as exigências essenciais devem ser colocadas com uma clareza brutal, isto é, exageradas milhares de vezes:

o cumprimento das exigências, ele próprio, deve ser apresentado em uma amplificação, de modo que suscite veneração, por exemplo: a dessensualização por parte dos brâmanes.

*

A guerra com a canaille¹³⁸ e o gado: uma certa domesticação é alcançada, então, de modo tão terrível quanto possível, se escancara o abismo entre esses *purificados* e *renascidos* e o resto...

Esse abismo aumenta a dignidade própria, a crença naquilo que as castas superiores apresentam deles - daí os *tschandalas*. Psicologicamente, o desprezo e seus excessos são perfeitamente corretos, a saber: exagerados ao céntuplo a fim de ser, em geral, compreendidos tal como de fato são.

238

A guerra contra os instintos *brutais* é diferente da guerra contra os instintos *doentios* -: o tornar *doente* pode ser até mesmo um meio de se triunfar sobre a brutalidade -: no cristianismo, o tratamento psicológico chega frequentemente a fazer de um bruto um animal doente e *consequentemente manso*.

A guerra contra uma natureza desregrada e rude deve ser uma guerra com meios que atuem sobre ela: os meios *supersticiosos* são indispensáveis e insubstituíveis...

239

Nossa época é, em certo sentido, *madura* (quer dizer, *décadent*), como era o tempo de Buda... Por isso é possível uma cristandade sem os dogmas absurdos (os abortos mais repugnantes do antigo hibridismo).

240

Mesmo que uma contraprova da fé cristã não possa ser apresentada, Pascal se pronunciou a respeito de uma possibilidade *terrível*: que essa fé seja verdadeira, no que considerou inteligente, no mais alto sentido, o ser cristão. É sinal de quanto o cristianismo perdeu em terribilidade aquela outra tentativa de sua justificação, segundo a qual, mesmo se ele fosse um erro, ter-seia, contudo, durante toda a vida, o grande benefício e o grande prazer desse erro: - assim, parece que essa crença deve ter conseguido manter-se em virtude justamente de seus efeitos tranquilizadores, - portanto, não pelo temor de uma possibilidade ameaçadora, mas, sobretudo, pelo temor de uma vida que perdeu o atrativo. Essa reviravolta hedonista, a prova pelo *prazer*, é um sintoma da decadência: ela substitui a prova pela *força*, a prova por aquilo que na concepção cristã é um abalo, pelo *temor*. Nessa reinterpretação, o cristianismo aproxima-se do esgotamento: as pessoas satisfazem-se com um cristianismo *opiáceo*, pois não se possui a força para buscar, combater, arriscar-se, querer ficar sozinho, nem para fazer como Pascal, ou seja, para este autodesprezo meditabundo, para a crença na indignidade humana, para a angústia do “talvez-condenados”. Mas um cristianismo, que deve sobretudo sossegar nervos doentes, *não* tem em geral *necessidade* daquele terrível desfecho de um “Deus crucificado”: razão pela qual, em silêncio e por toda parte, o budismo faz progressos na Europa.

241

O humor da cultura europeia: toma-se isso por verdadeiro, mas faz-se *aquilo*. Por exemplo, o que adiantaria toda a arte da leitura e da crítica, se a

interpretação eclesiástica da Bíblia (protestante ou católica), como de hábito, consegue manter-se!

242

Não se repara com suficiente atenção em que barbárie de conceitos nós, europeus, ainda vivemos. Chegou-se a acreditar que “a salvação da alma” depende de um livro!... E dizem-me que ainda hoje se acredita nisso.

De que serve toda a educação científica, toda a crítica e hermenêutica, se um tal contrassenso de interpretação bíblica, como o que a Igreja consegue manter, ainda não tinge de rubor o próprio corpo?

243

A considerar: em que medida a crença funesta na *Providência Divina* - esta crença a mais paralisante que já existiu para mão e razão - persiste em existir; em que medida sob as fórmulas “natureza”, “progresso”, “aperfeiçoamento”, “darwinismo”, sob a superstição de uma certa pertinência entre felicidade e virtude, entre infelicidade e culpa, sempre ainda a interpretação e a pressuposição cristãs têm a sua sobrevida. Aquela confiança absurda no curso das coisas, na “vida”, no “instinto da vida”, aquela resignação burguesa, que é a crença de que cada um deve apenas fazer a sua parte para que *tudo* saia bem - semelhantes coisas só têm sentido se se aceita uma condução das coisas *sub specie boni*¹³⁹ Mesmo ainda o *fatalismo*, nossa forma atual de sensibilidade filosófica, é uma consequência daquela crença larguíssima na disposição divina, uma consequência inconsciente: a saber, como se não dependesse em absoluto *de nós* o modo como tudo transcorre (- como se nos fosse permitido deixar tudo correr como corre: cada indivíduo é, ele mesmo, apenas um modo da realidade absoluta -).

244

É o cúmulo da falsidade psicológica do homem computar-se um ser como um início e “em si” segundo o ponto de vista estreito do que para ele justamente parece bom, sábio, potente e valioso - e, ao mesmo tempo, prescindir de *toda a causalidade*, em virtude da qual, em geral, qualquer bem, qualquer sabedoria e qualquer poder existe e tem valor. Em suma, colocar elementos de origem bem posterior e condicional como não tendo surgido de nada, mas antes como um “em si”, e quiçá inclusive como causa de todo surgimento em geral... Se partirmos da experiência de todo caso em que um homem se elevou consideravelmente sobre a medida da humanidade, veremos que todo grau elevado de poder encerra em si uma independência de bem e mal, tanto quanto de “verdadeiro” e “falso”, e não pode levar em conta nada do que quer a bondade: nós entendemos o mesmo, novamente, para todo grau elevado de sabedoria - nela, são suprimidas a bondade tanto quanto a veracidade, a justiça, a virtude e outras veleidades populares relativamente a valores. Finalmente, não é manifesto que todo grau elevado de bondade, ele mesmo, já pressupõe uma miopia e uma falta de acuidade espirituais e, do mesmo modo, a incapacidade de distinguir a uma maior distância entre verdadeiro e falso, entre útil e prejudicial? E o que dizer das consequências calamitosas (“o extermínio do mal”) que um grau maior de poder nas mãos da bondade suprema traria consigo? - De fato, observe-se apenas para que tendências o “Deus do amor” inspira seus fiéis: eles arruinam a humanidade em favor do “bem”. - Na prática, esse mesmo Deus mostrou-se, em vista da constituição efetiva do mundo, como *um Deus da suprema miopia, da infâmia e da impotência*: a partir disso, vê-se quanto valor possui a sua concepção.

Saber e sabedoria não possuem em si nenhum valor; tanto quanto bondade: deve-se sempre, primeiramente, possuir o alvo a partir do qual essas características alcançam valor ou se desvalorizam - *poderia haver um*

alvo a partir do qual um extremo saber apresentasse uma alta desvalorização (se a extrema ilusão fosse tal que dissesse respeito às pressuposições de crescimento da vida; e, igualmente, se a bondade desencorajasse e paralisasse as molas propulsoras do grande apetite)...

Dada a nossa vida humana tal como ela é, então toda “verdade”, toda “bondade”, toda “santidade”, toda “divindade”, em estilo cristão, mostrouse, até agora, como um grande perigo - mesmo agora a humanidade encontra-se em perigo de soçobrar em uma idealidade contrária à vida.

245

Pense-se no *prejuízo* que fazem todas as instituições humanas caso, em geral, seja postulada uma *esfera mais alta*, divina e eterna, a qual *sanciona* primeiramente essas instituições. Enquanto se acostumou a ver o valor nessa sanção (por exemplo: no matrimônio), *pôs-se de lado* a sua *dignidade natural*, e sob certas circunstâncias chegou-se a recusá-la... A natureza é julgada desfavoravelmente conforme se preza a contranatureza de um Deus. “Natureza” tornar-se-ia assim algo como “desprezível” e “ruim”...

A fatalidade de uma crença na *realidade das supremas qualidades morais como Deus*: com isso, todos os valores reais foram negados e apreendidos, em princípio, como *desvalores*. Desse modo, o *contranatural* subiu ao trono. Com uma lógica implacável, chegou-se a uma exigência absoluta de *negação da natureza*.

246

Pelo fato de que o cristianismo empurra para o primeiro plano a doutrina do desinteresse e do amor, ele ainda não postulou, de modo algum, o interesse da espécie como um valor mais alto do que o interesse individual. Seu efeito propriamente *histórico*, a fatalidade do efeito, permanece, ao contrário, justamente o *incremento do egoísmo*, do egoísmo individual até

um ponto extremo (- até o ponto extremo da imortalidade individual). O indivíduo isolado foi tomado, com o cristianismo, de modo tão importante, posto de modo tão absoluto, que não se podia mais *sacrificá-lo*: mas a espécie só existe por meio do sacrifício humano... Todas as “almas” seriam *iguais* perante Deus: mas esta é justamente a mais perigosa de todas as possíveis valorações! Equiparam-se os indivíduos, e assim põe-se em dúvida a espécie, favorece-se uma práxis que chega a ser a ruína da espécie: o cristianismo é o contraprincípio *oposto à seleção*. Se o degenerado e doente (“o cristão”) deve ter tanto valor quanto o saudável (“o pagão”), ou mesmo ainda mais, segundo o parecer de Pascal sobre saúde e doença, então o curso natural de desenvolvimento acha-se invertido e a *não natureza* tornou-se lei... Esse amor universal aos homens é, na prática, a *prerrogativa* de todos os sofredores, malsucedidos e degenerados: ela, de fato, arruinou e amorteceu a força, a responsabilidade, o alto dever de sacrificar homens. Segundo o esquema do critério de valor cristão, ainda restaria apenas sacrificar-se a si mesmo: mas esse *resto* de sacrifício humano, que o cristianismo concedeu e ele mesmo aconselhou, não tem mais nenhum sentido, do ponto de vista da cultura total. Para o crescimento da espécie é indiferente se um indivíduo isolado qualquer se sacrifica a si mesmo (- seja ao modo monástico ascético ou com o auxílio de crucificações, fogueiras e cadafalsos, como “mártir” do erro). A espécie tem necessidade do ocaso dos falhados, fracos e degenerados: mas o cristianismo recorre justamente a eles como potência *conservadora*, e esta faz aumentar ainda mais aquele instinto dos fracos, em si mesmo já tão potente, de se pouparem, se conservarem e de se manterem reciprocamente. O que é a “virtude” e o “amor humano” no cristianismo senão precisamente essa reciprocidade da conservação, essa solidariedade dos fracos, esse impedimento à seleção? O que é o altruísmo cristão senão o egoísmo das massas de fracos, o qual adivinha que, se todos cuidarem uns

dos outros, cada um se conservará o máximo possível?... Se não se sente uma tal mentalidade como uma extrema *imoralidade*, como um crime contra a vida, é porque se pertence à parte doente e se possuem os seus instintos... O autêntico amor humano exige o sacrifício para o máximo bem da espécie - ele é duro, ele é uma plena autossuperação, pois precisa do sacrifício humano. E esta pseudo-humanidade, que se chama cristianismo, quer justamente conseguir que *ninguém seja sacrificado...*

247

Nada seria mais útil e deveria ser mais promovido do que um consequente *niilismo da ação*. - Tal como eu, todos os fenômenos do cristianismo e do pessimismo, assim eles se manifestam: “nós estamos maduros para não ser; para nós é algo sensato não ser”. Nesse caso, essa linguagem da “razão” seria também a linguagem da *natureza seletiva*.

O que, ao contrário, se deve condenar acima de todos os conceitos é a ambígua e covarde insuficiência da religião, como a do *cristianismo*: mais claramente, da *Igreja*: a qual, em vez de encorajar à morte e ao autoaniquilamento, protege todos os falhados e doentes e faz com que eles se reproduzam -

Problema: com que recursos uma forma rigorosa do grande niilismo contagioso poderia ser obtida: uma forma tal que, com uma escrupulosidade científica, exercita e ensina a morte voluntária... (e *não* o esquálido seguir vegetando na perspectiva de uma falsa existência posterior -)

Não se pode condenar o suficiente o cristianismo, pois ele desvalorizou o *valor* de um tal movimento do grande niilismo *purificador*, que talvez estivesse em curso, mediante o pensamento da imortalidade privada e pessoal: igualmente por meio da esperança de uma ressurreição: em suma, sempre por meio de um impedimento do *niilismo da ação*, do

autoassassínio... Ele substituiu o lento autoassassínio; pouco a pouco, uma pequena, pobre, mas duradoura vida; pouco a pouco, uma vida inteiramente habitual, burguesa e mediana etc.

248

A moral-curandeira cristã. - Compaixão e desprezo sucedem-se em uma rápida alternância, e por vezes fico indignado como à vista de um crime mesquinho. Aqui o erro tornou-se dever - virtude -, a inabilidade fez-se jeito, o instinto de destruição foi sistematizado como “redenção”; aqui, de toda operação gera-se uma ferida, uma amputação dos órgãos, cuja energia é a condição prévia de todo retorno da saúde. No melhor dos casos, não se é curado, mas antes uma série de sintomas do mal é submersa em uma outra série... E este perigoso absurdo: o sistema das profanações e castrações da vida vale como sagrado, como intocável; viver a seu serviço, ser instrumentos dessa terapêutica, ser destacado *sacerdote*, torna venerado, santificado e mesmo intocável. Somente a divindade pode ser a autora dessa suprema terapêutica, a redenção só é concebível como revelação, como ação da graça, como a dádiva mais imerecida que é feita à criatura.

Primeira proposição: considera-se a saúde da alma como doença, como suspeita...

Segunda proposição: as pressuposições para uma vida forte e fluorescente, os fortes desejos e as paixões, valem como objeções contra uma vida forte e fluorescente.

Terceira proposição: tudo aquilo desde onde um perigo ameaça o homem, tudo aquilo que pode assenhorear dele e arruiná-lo, é mau e condenável, - deve ser arrancado pela raiz de sua alma.

Quarta proposição: o homem tornado inofensivo perante os outros e perante si mesmo, fraco, derrubado na humildade e na modéstia,

consciente de suas fraquezas, o “pecador” - esse é o tipo mais desejável, o qual se pode também *produzir* com algumas cirurgias da alma.

249

Contra o que eu protesto? Contra o fato de que se tome essa pequena mediocridade pacífica, esse equilíbrio de uma alma, que não conhece os grandes impulsos de grandes acúmulos de força, como algo elevado, e até mesmo como *medida do homem*.

Bacon de Verulam:¹⁴⁰ *Infirmarum virtutum apud vulgus laus est, mediarum admiratio, supremarum sensus nullus.*¹⁴¹ Mas o cristianismo pertence, como religião, ao *vulgus*; ele não dispõe de nenhum sentido para o gênero superior de *virtus*.¹⁴²

250

Vê-se que “o autêntico cristão” começa por tudo aquilo que se desaconselha ao seu instinto: o *emporcalhamento* e a colocação sob suspeita do que é belo, brilhante, rico, orgulhoso, seguro de si, conhecedor e poderoso - *in summa, de toda a cultura*: seu intuito é o de tomar dela a *boa consciência*...

251

Até agora sempre se atacou o cristianismo de maneira falsa, e não somente de maneira acanhada. Enquanto não se sentir a moral do cristianismo como um *crime capital contra a vida*, seus defensores terão pleno êxito. A pergunta sobre a mera “verdade” do cristianismo, seja no tocante à existência de seu Deus, seja com respeito à historicidade de sua lenda de nascimento, para não falar da astronomia e da ciência da natureza cristãs - é um assunto inteiramente secundário enquanto não se aludir à questão do valor da moral cristã. A moral do cristianismo *presta para* algo

ou ela não passa de uma desonra e de uma vergonha, apesar de toda a santidade da arte da sedução? Há toda sorte de tocas para o problema da verdade; e os mais fiéis podem finalmente servir-se da lógica dos mais infiéis, a fim de criar para si um direito de afirmar certas coisas como irrefutáveis - a saber, como *ultrapassando* o recurso de toda refutação (- esse artifício chama-se hoje “criticismo kantiano” -)

252

Não se deve jamais perdoar ao cristianismo o fato de que ele tenha arruinado homens como Pascal. Deve-se combater sem tréguas, no cristianismo, precisamente o seu empenho de destroçar justamente as almas mais fortes e nobres. Não se deve jamais estar em paz enquanto o ideal de homem inventado pelo cristianismo não estiver destruído a fundo [suas exigências feitas aos homens, seu não e seu sim em relação aos homens.] O resto inteiramente absurdo de fábulas, teias de aranha conceituais e teologia cristãs não nos diz coisa alguma; ele poderia ser mil vezes mais absurdo, e nós não levantaríamos um dedo contra ele. Mas combatemos aquele ideal, que com beleza doentia e sedução feminina, com dissimulada eloquência difamadora, infla todas as covardias e vaidades das almas que se tornaram cansadas - e as almas mais fortes têm as suas horas de cansaço -, como se tudo aquilo que em semelhantes estados parecesse sumamente útil e desejável, confiança, ingenuidade, modéstia, paciência, amor a seus iguais, submissão, abandono a Deus, uma espécie de renúncia de todo o seu eu, fosse também o que é em si o mais desejável e mais útil; como se o aborto de alma, pequeno e modesto, o animal mediano virtuoso e homem-ovelha de rebanho não apenas possuísse a primazia diante da espécie de homem mais forte, mais perversa, mais cobiçosa, mais altiva, mais esbanjadora, e por isso cem vezes mais posta em perigo, mas antes fornecesse francamente o ideal, a meta, a medida, a desejabilidade suprema para o homem em geral. *Esta*

edificação de um ideal foi até agora a mais monstruosa tentação à qual o homem foi exposto: pois, com ele, o ocaso ameaçou as exceções mais vigorosas e os casos mais felizes de homem, nos quais a vontade de poder e de crescimento de todo o tipo humano dá um passo adiante; com seus valores, o crescimento daqueles homens mais intensos, que por causa das suas pretensões e tarefas mais elevadas aceitam também, de bom grado, uma vida mais perigosa, devia ser agradável à raiz (expresso economicamente: aumento dos custos industriais equivale ao aumento da improbabilidade do êxito). O que nós combatemos no cristianismo? O fato de que ele quer destroçar os fortes, o fato de que ele desencoraja a sua coragem, o fato de que ele se aproveita de suas horas ruins e de seus cansaços e quer transformar a sua segurança orgulhosa em intranquilidade e miséria de consciência, o fato de que ele se presta a envenenar e adoecer os instintos nobres, até que sua força e sua vontade de poder se voltem para trás, contra eles próprios, - até que os fortes soçobrem na digressão do autodesprezo e da autossevícia: aquela espécie mais horrível de derrocada que tem em *Pascal* o seu mais célebre exemplo.

118 Em francês no original: “alteração da personalidade”. [N.T.]

119 Conjunto de escritos religiosos, morais e políticos que articulou a sociedade de castas hindu. As quatro castas eram, da mais alta hierarquicamente para as inferiores, a dos *brâmanes*, os iluminados, que eram primordialmente administradores, sábios, médicos etc., a dos *ksatryas*, que eram os guerreiros (casta de onde saíam os reis), os *varsyas*, ou casta dos comerciantes em geral, e finalmente os *sudras*, a casta dos servidores de todo tipo. Fora das castas, como uma espécie de aberração humana, estavam os *tschandalas*, ou párias, que não pertenciam a nenhuma casta e ficavam com os encargos mais depreciados pela sociedade hindu. O membro de uma casta jamais poderia mudar a sua condição pelos seus atos. Se cumprisse da melhor maneira a função da sua casta, restava a esperança de renascer em uma casta superior. [N.T.]

120 Na mitologia germânica, lugar para onde se dirigiam os que tombavam nos campos de batalha.
[N.T.]

121 Em latim no original: “militantes da igreja”. [N.T.]

122 Em latim no original: “união mística”. [N.T.]

123 Em latim no original: “repugnante escrúpulo”, “repugnante superstição”. [N.T.]

124 Em italiano no original: “doce nada fazer”. [N.T.]

125 Preferimos a palavra mentalidade porque *mens*, em latim, significa o complexo de pensamentos e sentimentos, assim como por vezes queremos dizer com “coração”. [N.T.]

126 Em francês no original: “bufonaria”, “falta de seriedade”, “zombaria”, “fanfarronice”. [N.T.]

127 Literalmente, “ponte para burros”, ou seja, a técnica de decorar, de memorizar, considerada um recurso para os asnos se appropriarem da tradição. [N.T.]

128 Expressão latina que significa algo como “mentira piedosa”, ou mentira perpetrada com boas intenções. [N.T.]

129 Em francês no original: “desdém”. [N.T.]

130 Em francês no original: “ação que exige força ou habilidade”. [N.T.]

131 Em francês no original: “ao comer”. [N.T.]

132 Expressão latina criada por Nietzsche: “em psicologia”. [N.T.]

133 Em italiano no original: “eis!”. [N.T.]

134 Em francês no original: “ideia fixa”. [N.T.]

135 Em inglês no original: “treinamento”, “exercício”. [N.T.]

136 Em francês no original: “loucura circular”, “loucura viciosa”. [N.T.]

137 A palavra que traduzimos comumente por remorso é composta, em alemão, por “*Gewissens*”, que significa “da consciência”, e “*Biss*”, que é “mordida”. O alemão lê no remorso uma “mordida ou na consciência”. O nosso “remorso” tem etimologia semelhante (como podemos ver ressoar ainda no francês, onde “*morsure*” significa “mordida”); todavia, o nosso prefixo “re-” remete ao passado; logo, “remorso” seria “o morder do que já passou”. [N.T.]

138 Em francês no original: “canalha”. [N.T.]

139 Expressão latina que significa “sob os auspícios do bem”. [N.T.]

140 Francis Bacon (1561-1626), o iniciador do empirismo inglês. [N.T.]

141 A sentença quer dizer algo como: “Ante o vulgo, virtudes fracas são louvadas, virtudes moderadas são admiradas e virtudes supremas nem são notadas.”

142 [N.T.] t Em latim no original: “força”, “força de caráter”, “virtude”. [N.T.]

[II. CRÍTICA DA MORAL]

[I. Origem das estimações morais]

253

Tentativa de pensar sobre a moral sem sucumbir ao seu fascínio, desconfiado do caráter ilusório de seus belos trejeitos e olhares.

Um mundo que nós podemos venerar, que é consoante ao nosso impulso venerador - que se *comprova* continuamente - pela condução do individual e do universal -: esta é a concepção cristã, da qual nós todos proviemos.

Por um crescimento em penetração, desconfiança, científicidade (também por um instinto de veracidade mais exigente, portanto, sob uma renovada influência cristã) *essa* interpretação tornou-se cada vez mais *interditada* para nós.

Uma alternativa mais sutil: o criticismo kantiano. O intelecto nega a si mesmo o direito tanto à interpretação naquele sentido quanto à *recusa* da interpretação naquele sentido. As pessoas contentam-se em suprir as lacunas com um *mais* de confiança e de fé, com uma renúncia a toda comprovatoriedade de sua fé, com um “ideal” superior que não se deixa conceber (Deus).

A alternativa hegeliana, que em relação a Platão é uma peça romântica e uma reação, é, ao mesmo tempo, o sintoma do sentido histórico, de uma nova *força*: o “espírito” é ele mesmo o ideal que se revela e se realiza; no “processo”, no “devir” [*Werden*] manifesta-se um incremento desse ideal, no qual acreditamos -, portanto, o ideal realiza-se, a fé dirige-se para o *porvir*, no qual pode adorar conforme a sua nobre necessidade. Em suma,

1. Deus é *para nós* incognoscível e indemonstrável - sentido profundo do movimento da teoria do conhecimento

2. Deus é demonstrável, mas como algo que devém -, e nós pertencemos a ele, precisamente com o nosso ímpeto para o ideal - sentido profundo do movimento historicista

Vê-se que *jamais* a crítica se voltou para o ideal ele mesmo, mas antes, apenas, para o problema da origem da contradição em relação ao mesmo, para o problema de por que, afinal, ele ainda não foi alcançado ou por que não é, de modo algum, demonstrável.

*

Faz a maior diferença se se sente essa situação inquietante [*Notstand*] como inquietante a partir da paixão, desde uma exigência, ou se ela é vista como problema justamente com a agudeza do pensamento e com uma certa força da imaginação histórica...

Encontramos o mesmo fenômeno à parte da consideração filosófico-religiosa: o utilitarismo (o socialismo, o democratismo) critica a origem das estimações morais, *mas acredita nelas* tanto quanto o cristão. (Ingenuidade, como se sobrasse uma moral quando falta o *Deus* que a sanciona! O “além” é absolutamente necessário, se a fé na moral deve ser mantida.)

Problema fundamental: de onde provém essa supremacia da fé ? *Da fé na moral?* (- o que também se denuncia no fato de que mesmo as condições fundamentais da vida são interpretadas falsamente em favor da moral: a despeito do conhecimento do mundo animal e vegetal. A “autoconservação”: perspectiva darwinista de reconciliação de princípios altruístas e egoístas.)

A questão da origem de nossas estimações e tábuas de valores [*Gütertafeln*] não coincide, de modo algum, com a sua crítica, como tão

frequentemente se acreditou: se bem que o entendimento de uma *pudenda origo*¹⁴³ qualquer para o sentimento traz consigo uma depreciação da coisa assim surgida e contra ela prepara uma disposição e uma atitude críticas.

De que valem as nossas estimações e tábua de valores elas mesmas? O que vem à luz em sua dominação? Para quem? Com referência a quê? - Resposta: para a vida. Mas o que é vida? Aqui, portanto, necessita-se de uma nova e mais determinada apreensão do conceito “vida”. Minha fórmula para isso soa da seguinte maneira: vida é vontade de poder.

O que significa o estimar ele mesmo? Remonta a um outro mundo, a um mundo metafísico, como ainda Kant acreditava (o qual antecede o grande movimento histórico),¹⁴⁴ ou o rejeita? Em suma: onde ele “nasceu”? Ou ele não “nasceu”? - Resposta: o estimar moralmente é uma *interpretação* [*Auslegung*], um modo de interpretar [*eine Art zu interpretieren*]. A interpretação, ela mesma, é um *sintoma* de um determinado estado fisiológico, tanto quanto de um determinado nível espiritual de juízos dominantes: Quem interpreta? - Nossos afetos.

255

Todas as virtudes são *estados* fisiológicos: nomeadamente as funções orgânicas principais, sentidas como necessárias, como boas. Todas as virtudes são *paixões* que foram refinadas e estados elevados.

Compaixão e amor pela humanidade como desenvolvimento do impulso sexual. Justiça como desenvolvimento do impulso de vingança. Virtude como prazer na resistência, vontade de poder. Honra como reconhecimento do semelhante e do equivalente.

256

Entendo por “moral” um sistema de estimações, o qual se refere às condições de vida de um ser.

Outrora se dizia de toda moral: “vós deveis reconhecê-la em seus frutos”; digo eu de toda moral: ela é um fruto, do qual eu conheço o *solo natal*.

Minha tentativa de compreender o juízo moral como um sintoma e uma linguagem cifrada, nos quais se denunciam processos de crescimento ou insucesso fisiológico, tanto quanto a consciência de condições de crescimento e conservação: uma maneira de interpretar o valor da astrologia. Preconceitos, sugeridos pelos instintos (de raças, de comunidades, de diferentes estágios, como juventude ou decrepitude etc.).

Aplicado especialmente à moral cristã-europeia: nossos juízos morais são sinais de decadência e de descrença na *vida*, uma preparação do pessimismo.

Minha sentença principal: não há nenhum fenômeno moral, mas, antes, apenas uma interpretação moral desses fenômenos. Essa interpretação é, ela própria, de origem extra-moral.

O que significa o fato de nós termos suposto uma *contradição* na existência? - Importância decisiva: por trás de todas as outras estimações estão comandando aquelas estimações morais. Caso elas faltem, pelo que nós mediríamos então? E que valor teriam então o conhecimento etc. etc.???

Entendimento: em toda estimação trata-se de uma determinada perspectiva, a saber: *conservação* do indivíduo, de uma comunidade, de uma raça, de um Estado, de uma igreja, de uma fé, de uma cultura.

- Por força do esquecer que há apenas um avaliar em perspectiva, tudo pulula de avaliações contraditórias e, *por conseguinte, de impulsos*

contraditórios em *um homem*. Isso, *no homem*, é a expressão do adoecimento, ao contrário do animal, no qual todos os instintos existentes satisfazem tarefas inteiramente determinadas.

- mas essa criatura totalmente contraditória tem em seu ser um grande método de *conhecimento*: sente muitos prós e contras - alça-se à *justiça* - ao compreender para além da avaliação de *bem e mal*.

O homem mais sábio seria o *mais rico em contradições*, aquele que tem como que um tato para todas as espécies de homem: e também [zwischeninnen] seus grandes momentos seriam *grandiosas harmonias* - o sublime *acaso* também em nós - uma espécie de movimento planetário -

260

“Querer”: o mesmo que querer um fim [*Zweck-Wollen*]. “Fim” contém uma estimação. De onde provêm as estimações? Será o fundamento uma norma rígida do “agradável e doloroso”?

Mas em inúmeros casos *fazemos* primeiro uma coisa dolorosa pelo fato de introduzirmos nossa estimação.

Magnitude das estimações morais: elas tomam parte em praticamente todas as impressões sensíveis. Por meio delas o mundo apresenta-se-nos *colorido*.

Nós introduzimos os fins e os valores: com disso, possuímos em nós uma descomunal massa *de força latente*: mas na *comparação* dos valores revelouse que um valor oposto valeu como precioso, que já existiram *muitas* tábuas de valores (portanto, que nada é “em si” valioso).

Na análise das tábuas de valores individuais, seu estabelecimento revelou-se como o estabelecimento de *condições de existência* de grupos restritos (e frequentemente de modo equivocado): para a conservação.

Na consideração do homem *de hoje* revelou-se que nós manipulamos juízos de valor *muito diferentes* e que mais nenhuma força criadora está aí

presente, - o fundamento disso: ao juízo moral falta agora “a condição da existência”. Ele é por demais supérfluo e de há muito não é tão doloroso. - Torna-se *arbitrário*. Caos.

Quem cria *o alvo* que paira sobre a humanidade e também sobre o indivíduo? Outrora, com a moral, se pretendia *conservar*: mas ninguém agora quer mais *conservar*, pelo fato de que não há nada para conservar. Há, portanto, *uma moral que busca*: que busca *dar-se* um alvo.

261

Qual é o *critério* da ação moral? 1. seu desinteresse, 2. sua validade universal etc. Mas isso é uma moral de gabinete. Devem-se estudar os povos e observar qual é, em cada caso, o critério e o que nele ganha expressão. Uma fé: “tal comportamento pertence às nossas condições de existência primordiais”. Imoral significa “o que leva a sucumbir”. Atualmente, todas essas sociedades nas quais foram encontradas tais proposições pereceram: algumas dessas proposições voltaram sempre a ser sublinhadas, pois toda nova sociedade, ao se constituir, tinha novamente necessidade delas, por exemplo: “não roubar”. Nos tempos em que o sentimento comum não podia ser exigido pela sociedade (por exemplo: Império Romano), o impulso dedicava-se à “salvação da alma”, falando de modo religioso: ou “à suprema felicidade”, dito de modo filosófico. Pois também os filósofos-morais gregos não comungavam mais com a sua πόλις [*pólis*].¹⁴⁵

262

A necessidade dos valores falsos. - Pode-se refutar um juízo, desde que se demonstre o seu caráter condicional: com isso, a necessidade de tê-lo não está suprimida. Os *valores falsos* não são extermados por razões: tão pouco quanto uma óptica distorcida no olho de um doente. Deve-se compreender

a necessidade *de que* eles existam: são uma consequência de causas que não têm nada a ver com razões.

263

Ver e assinalar o problema da moral - tal parece-me ser a nova tarefa e a coisa mais importante. Eu nego que isso tenha acontecido na filosofia moral até hoje.

264

Quão falsa, quão mentirosa foi sempre a humanidade sobre os fatos fundamentais de seu mundo interior! Não ter aqui nenhum olho, cerrar e abrir aqui a boca -

265

Faltam o saber e a consciência das voltas que o juízo moral já completou e de como, realmente, já várias vezes, “bem” e “mal” foram rebatizados no sentido mais fundamental. A uma dessas modificações fiz [referência] com o contraste “moralidade do costume” [*Sittlichkeit der Sitte*]. Também a consciência moral troca suas esferas: houve um remorso [*Gewissensbiss*] do rebanho.

266

A. *Moral como obra da imoralidade.*

1. Muitas forças e afetos imorais devem ajudar a fim de que valores morais cheguem a *dominar*.
2. O *surgimento* de valores morais é a obra de afetos e considerações imorais.

B. *Moral como obra do erro.*

C. *Moral pouco a pouco em contradição consigo mesma.*

Retaliação. - Veracidade, dúvida, ἐποχή [epoché],¹⁴⁶ julgamento. - “Imoralidade” da *fé* na moral.

Os passos:

1. domínio absoluto da moral: todos os fenômenos biológicos medidos e *julgados* segundo a moral.
2. Tentativa de identificar vida e moral (sintoma de um ceticismo amadurecido: a moral não deve mais ser sentida como antagonismo); muitos meios, inclusive um caminho transcidente.
3. *Contraposição entre vida e moral*: a moral julgada e condenada a partir da vida.

D. Até que ponto a moral era *prejudicial* à vida:

- a) ao prazer de viver, à gratidão pela vida etc.,
- b) ao embelezamento, ao enobrecimento da vida,
- c) ao conhecimento da vida,
- d) ao desdobramento da vida, pelo fato de que ele busca incompatibilizar as *supremas* manifestações da vida consigo mesma.

E. Contrapartida: sua *utilidade*, para a vida.

1. a moral como princípio de conservação de grandes totalidades, como restrição dos membros: “*o instrumento*”.
2. a moral como princípio de conservação em relação à íntima colocação em perigo do homem pelas paixões: “*a mediania*”.
3. a moral como princípio de conservação contra as influências aniquiladoras da vida de uma profunda penúria e definhamento: o “*sofredor*”.
4. a moral como contraprincípio contra a terrível explosão dos poderosos: o “*humilde*”.

Faz bem tomar em um sentido determinado, estrito, burguês, expressões como “justiça”, “injustiça” etc., como “age corretamente e não temas ninguém”: isto é, fazer o seu dever conforme um determinado esquema rudimentar, no interior do qual uma coletividade existe.

- Não façamos pouco daquilo que alguns milênios de moral cultivaram em nosso espírito!

268

Não se deve confundir dois tipos de moral: uma moral com a qual o instinto que permanece saudável defende-se contra a *decadence* que principia - e uma outra moral, com a qual precisamente essa *decadence* formula, se justifica e conduz ela mesma para baixo... A primeira cuida em ser estoica, dura, tirânica - o *estoaicismo*, ele mesmo, foi uma tal moral-travão - a outra é entusiástica, sentimental, cheia de mistérios, ela tem as mulheres e os “bons sentimentos” a seu favor [- o primeiro *cristianismo* foi uma tal moral].

269

Encarar o moralizar em conjunto como um fenômeno. Também como um *enigma*. Os fenômenos morais ocuparam-me como um enigma. Hoje eu saberia dar uma resposta: o que significa o fato de que, para mim, o bem do próximo *deve* ter um valor superior ao meu próprio bem? Mas o próximo, ele mesmo, *deve* avaliar o valor de seu bem de outro modo, a saber: para ele, é justamente o *meu* bem que se deve antepor? O que significa o “tu deves”, o qual é considerado pelo filósofo como “dado”?

O pensamento, à primeira vista extravagante, de que alguém deva considerar a ação que presta ao outro como superior, quando comparada àquela que presta a si mesmo, e este outro novamente da mesma forma etc., que só se deva chamar boa uma ação porque alguém com ela não tem em vista a si mesmo, mas antes o bem do outro, tem o seu sentido, a saber:

como instinto do senso comum, descansando sobre a avaliação de que o indivíduo, em geral, tem pouca importância, mas todos juntos têm muita, contanto que eles formem uma *sociedade*, com um sentimento comum e uma consciência comum. Portanto, uma espécie de exercício em uma determinada direção do olhar, vontade de uma óptica, a qual quer tornar impossível ver-se a si mesma.

Meu pensamento é o seguinte: faltam os fins, e *estes devem ser individuais*! Vejamos o movimento universal: todo indivíduo é sacrificado e serve como instrumento. Ande-se pela rua, contanto que não se depare senão com “escravos”. Para onde? Para quê?

270

Como é possível que alguém só tenha respeito por si com referência a valores morais, que *subordine* tudo o mais e tome por insignificante em comparação com bem, mal, aperfeiçoamento, salvação da alma etc.? Por exemplo, Henri Fréd. Amiel.¹⁴⁷ O que significa a *idiossincrasia moral*? - pergunto de modo psicológico, também de modo fisiológico, por exemplo, Pascal. Portanto, nos casos em que grandes e *outras* qualidades não faltam; também no caso de Schopenhauer, que evidentemente estimava aquilo que ele não tinha e não *podia* ter... - não é isso a consequência de uma mera *interpretação-moral* habitual de estados de dor e desprazer efetivos? não é isso uma determinada forma de *sensibilidade*, que *não comprehende* as causas de seus muitos sentimentos de desprazer, mas *acredita esclarecê-los para si com hipóteses morais*? De modo que também um bem-estar ocasional e um *sentimento de força* apareçam sempre de novo imediatamente iluminados sob a óptica da “boa consciência”, da proximidade de Deus, da consciência da *redenção*?... Portanto, o *idiossincrático-moral* possui seu próprio valor

1. seja na aproximação do tipo-virtude da sociedade: “o honesto”, “honrado”, - um estado mediano da alta respeitabilidade: *modesto* em toda capacidade, mas honesto, consciencioso, constante, estimado, experimentado em todo querer; 2. seja porque crê possuir semelhante valor, pois não há, em geral, para ele, outro modo de compreender todos os seus estados..., é desconhecido para si, interpreta-se desse modo. - Moral como o único *esquema de interpretação* no qual o homem se suporta... uma espécie de orgulho?...

271

O predomínio dos valores morais. - Consequências desse predomínio: a corrupção da psicologia etc.; a fatalidade que em toda parte se prende a ela. O que *significa* esse predomínio? Para onde está apontando? -

uma certa *urgência maior* de determinado sim e não nessa esfera - chegou-se a empregar todas as espécies de *imperativos*, a fim de fazer aparecer como firmes os valores morais: há muito eles foram comandados: - *parecem* instintivos... como comandos internos - que os valores morais sejam sentidos como *indiscutíveis* se deve ao fato de que, neles, se expressam *condições de conservação da sociedade* - a *práxis*: isso quer dizer que a *utilidade* de entender-se uns com os outros sobre os mais altos valores alcançou aqui uma espécie de sanção - vemos *todos os meios empregados*, pelos quais se paralisa nessa esfera a reflexão e crítica: - tal atitude é ainda a de Kant, para não falar daqueles que recusam como imoral qualquer “investigação” nesse terreno -

272

Meu intuito é mostrar a absoluta homogeneidade em todos os acontecimentos e o emprego das distinções morais apenas como *condicionado de modo perspectivista*; mostrar como tudo quanto foi

moralmente louvado é essencialmente idêntico a tudo que é imoral e como todo desenvolvimento da moral foi possibilitado tão somente com meios imorais e para fins imorais...; mostrar como, inversamente, tudo o que possui má fama como imoral, considerado economicamente, é o mais elevado e mais primordial, e como um desenvolvimento de uma ainda maior abundância da vida reclama também, necessariamente, o *progresso da imoralidade*... “Verdade”, o grau em que nós nos *permitimos* o entendimento desses fatos...

273

Por fim, precisa-se de muita moralidade para ser imoral dessa maneira sutil; quero servir-me de uma alegoria:

Um fisiólogo, que se interessa por uma doença, e um doente, que quer ser ajudado por ele, não têm o mesmo interesse. Admitamos, uma vez, que aquela doença seja a moral - pois se trata de uma doença -, e que nós, europeus, estamos doentes dela: que tormento sutil e que dificuldade surgirão se nós, europeus, formos também, ao mesmo tempo, o curioso observador e fisiólogo da moral! Desejaremos seriamente apenas e tão somente livrarmo-nos da moral? Quereremos isso? *Podemos* realmente fazer abstração da pergunta acerca de se nós *podemos* tal coisa? De se nós *podemos* ser “curados”? -

[2. *O rebanho*]

274

De qual vontade de poder é a moral? - O *comum* na história da Europa, desde Sócrates, é a tentativa de levar os *valores morais* à preponderância sobre todos os outros valores: de tal modo que eles não devem ser apenas condutores e juízes da vida, mas antes também 1. do conhecimento, 2. das

artes, 3. das ambições do Estado e da sociedade. “Tornar-se melhor” como única tarefa, tudo o mais é *meio* para isso (ou estorvo, trava, perigo: por conseguinte, combater até o aniquilamento...). - Um movimento semelhante na *China*. Um movimento semelhante na *Índia*.

Que significa essa vontade de poder por parte de poderes morais que, em colossais desenvolvimentos, passaram até aqui sobre a Terra?

Resposta: - *três poderes se esconderam por trás dela:* i. o instinto do *rebanho* contra os fortes e independentes 2. o instinto dos *sofredores* e malsucedidos contra os felizes 3. o instinto dos *medíocres* contra os tipos de exceção. - *Vantagem incomparável desse movimento*, quanto de crueldade, falsidade e estupidez também contribuiu nele: (pois a história do *combate da moral contra os instintos fundamentais da vida* é, ela mesma, a maior imoralidade que já existiu sobre a Terra...)

275

Pouquíssimos conseguem ver um problema nisso em que vivemos e ao qual estamos desde há muito habituados, pois o olho não está ajustado para isso: esse me parece ser o caso, sobretudo, no que diz respeito à nossa moral.

O problema “todo homem como um objeto para um outro” é motivo para as supremas distinções honoríficas: por si mesmo - não!

O problema “tu deves”: uma inclinação que não se sabe fundamentar, semelhante ao instinto sexual, *não deve cair sob a condenação dos instintos*; antes pelo contrário, ela é que deve ser a sua medida e o seu juiz!

O problema da igualdade, enquanto todos temos sede de distinção: aqui justamente, pelo contrário, devemos nos colocar as exigências de preferência a colocá-las para os outros. Isso é por demais disparatado, manifestamente insano: mas - é sentido como sagrado, como de nível superior, mal se ouve a contradição com a razão.

Sacrifício e abnegação como sinais distintivos, a obediência incondicional à moral e a fé na equiparação com todos perante esta.

O descuido e o desapreço pelo bem [Wohl] e pela vida como sinais distintivos, a completa renúncia a estabelecer valores por si mesmo, a exigência rigorosa de ver todos renunciarem ao mesmo. “O valor das ações está *determinado*: todo indivíduo encontra-se submetido a essa valoração.”

Vejamos: uma autoridade fala - quem fala? - Deve-se examinar o orgulho humano quando ele buscava essa autoridade tão alto quanto possível, a fim de encontrar-se tão pouco quanto possível humilhado sob ela. Portanto - Deus fala!

Necessitava-se de Deus como de uma sanção incondicional, que não possui nenhuma instância acima de si, como de um “imperativo categórico” - ou, à medida que se acredita na autoridade da razão, precisava-se de uma unidade-metafísica, por força da qual ele fosse lógico.

Posto agora que haja fé em Deus: coloca-se então novamente a pergunta: “*quem fala?*” - Minha resposta, tomada não da metafísica, mas antes da fisiologia animal, é: *fala o instinto de rebanho*. Ele *quer* ser senhor: daí o seu “tu deves!” - quer deixar valer o indivíduo apenas no sentido do todo, para o bem do todo; odeia os que se desprendem - vira contra estes o ódio de todos os indivíduos.

Toda a moral da Europa tem por fundamento o proveito do rebanho: a aflição dos homens mais raros e superiores está no fato de que tudo o que ela distingue chega-lhes à consciência com o sentimento de apequenamento e de difamação. As *forças* do homem atual são as causas do obscurecimento pessimista: os medíocres, como de resto o rebanho, quase não possuem questões ou consciência moral, - são alegres. Para o obscurecimento dos fortes: Schopenhauer, Pascal.

Tanto mais perigosa uma característica parece ao rebanho, tanto mais a fundo ele se acautela em relação a ela.

277

Moral da *veracidade* no rebanho. “Deves ser reconhecível e expressar o teu interior por meio de sinais claros e constantes, - do contrário, tu te tornas perigoso: e se tu és mau, pior para o rebanho é a capacidade de dissimular-te. Desprezamos os dissimulados e não reconhecíveis. - *Por conseguinte*, deves tu mesmo julgar-se reconhecível, não deves ser *oculto* para ti mesmo, não deves acreditar em tuas *mudanças*.” Portanto: a exigência de veracidade pressupõe o *ser reconhecível* e *constante* da pessoa. De fato, é coisa da educação conduzir o membro do rebanho a uma *determinada crença* sobre a essência [Wesen] do homem: *primeiro* ela *produz essa crença* e então exige, em consequência disso, “veracidade”.

278

No interior de um rebanho, de toda comunidade, portanto *inter pares*,¹⁴⁸ a *superestimação* da veracidade tem boa acolhida. Não se deixar enganar - e, *por conseguinte*, como pessoa moral, não enganar a si mesmo! Um compromisso mútuo entre iguais! Em relação ao que é *de fora*, o perigo e a precaução exigem que se *esteja vigilante diante do engano*: para tanto, como condição psicológica prévia, também se deve estar *internamente* vigilante. Desconfiança como fonte da veracidade.

279

Para a crítica das virtudes do rebanho. - A *inertia* está ativa 1. na confiança, pois desconfiança torna necessária tensão, observação, reflexão; - 2. na veneração, onde é grande a distância do poder e necessária a submissão: para não temer, busca-se amar, apreciar muito e interpretar a

diferença de poder como diferença de *valor*: de maneira que a relação *não revolte mais*; - 3. no sentido de verdade. O que é verdadeiro? Onde um esclarecimento é dado, o qual nos pede o menos possível de esforço espiritual (além do mais, mentir é muito fatigante); - 4. na simpatia. Equiparar-se, buscar sentir de forma idêntica, *admitir* um sentimento dado, tudo isso é uma facilitação: é algo passivo mantido de encontro ao ativo, o qual guarda para si o direito do juízo de valor e o aciona continuamente. Este último não dá nenhum descanso; - 5. na imparcialidade e frieza do juízo: teme-se a fadiga do afeto e, de preferência, ficase à parte, de maneira “objetiva”; - 6. na honradez: obedece-se de preferência a uma lei dada, em vez de *criar* para si uma lei, de mandar em si e nos outros. O temor de mandar - é melhor submeter-se do que reagir; - 7. na tolerância: o temor do exercício do direito, do julgar.

280

O instinto do rebanho avalia o *meio* e o *mediano* como o que há de mais alto e valioso: a posição na qual se encontra a maioria; a maneira como ela se encontra aí mesmo; com isso, é um opositor de toda hierarquia, a qual observa uma ascensão de baixo para cima, ao mesmo tempo em que considera um descenso [*Hinabsteigen*] do maior número à minoria. O rebanho sente a *exceção*, tanto a que está embaixo dele quanto a que está em cima dele, como algo infame e que se opõe a ele. Seu truque em relação às exceções de cima, aos mais fortes, mais poderosos, mais sábios, mais férteis, é persuadi-los a desempenhar o papel de vigias, pastores, guardas - a ser os seus *primeiros servidores*: com isso, ele transforma um perigo em uma utilidade. No meio, cessa o temor; aqui, não se está sozinho com nada; aqui, há pouco espaço para o mal-entendido; aqui, há igualdade; aqui, o ser próprio não é sentido como uma censura, mas antes como o ser *autêntico*;

aqui, reina a satisfação. A desconfiança dirige-se às exceções; ser exceção vale como culpa.

281

Quando nos fazemos prescrições e nos interditamos certas ações a partir do instinto comunitário, então nós vedamos, se há nisso razão, não uma modalidade de “ser”, não uma “mentalidade”, mas antes apenas uma certa direção e aplicação útil desse “ser”, dessa “mentalidade”. Mas então vem, pelo seu lado, o ideólogo da virtude, o *moralista*, e diz: “Deus vê o coração! Que importa que vos abstenhais de determinadas ações: nem por isso sois melhores!” Resposta: meu nobre senhor virtuoso e de orelhas compridas, não queremos de forma alguma ser melhores, estamos muito satisfeitos conosco, queremos apenas não nos *prejudicar* uns aos outros, - e por isso nos vedamos certas ações em uma certa atenção a nós mesmos, enquanto não sabemos honrar o bastante as mesmas ações, na suposição de que elas se refiram ao opositor da coletividade - ao senhor, por exemplo. Educamos nossos filhos tendo em vista essas ações; nós os disciplinamos até tornarem-se adultos... Caso fôssemos daquele radicalismo agradável a Deus, como recomenda a vossa absurdade sagrada, e fôssemos bastante estúpidos para condenar com aquelas ações a sua fonte, o “coração”, a “mentalidade”, isso significaria então condenar a nossa existência e, com ela, a sua mais alta pressuposição - uma mentalidade, um coração, uma paixão que nós honramos com as supremas honras. Por meio de nossos decretos, evitamos que essa mentalidade se parta de modo inóportuno e busque caminhos para si, - somos inteligentes quando damos tais leis para nós mesmos, e, com isso, também somos éticos... Não desconfiais, ao menos de longe, que sacrifício isso nos custa, quanta domesticação, autossuperação, dureza contra nós mesmos se fazem necessárias para isso? Somos veementes em nossos apetites, há instantes em que nos devoraríamos a nós mesmos... Mas a

“solidariedade” impõe sobre nós: notem, todavia, que isso é quase uma definição da eticidade.

282

A *fraqueza do animal de rebanho* produz uma moral inteiramente semelhante à que produz a fraqueza do *décadent*: elas se entendem, se *coadunam* (- as grandes religiões da *décadence* contam sempre com o apoio do rebanho). Ao animal de rebanho, em si, falta todo traço patológico, ele é mesmo inestimável; mas, incapaz de conduzir-se, precisa de um “pastor”, - os sacerdotes sabem disso... O Estado não é nem íntimo nem familiar o bastante; escapa-lhe a “condução da consciência”. Em que ponto o animal de rebanho tornou-se doente por intermédio do sacerdote? -

283

O ódio contra os *privilegiados* da alma e do corpo: rebelião das almas feias e fracassadas contra as almas belas, orgulhosas e confiantes. Seu meio: desconfiança em relação à beleza, ao orgulho, à alegria: “não há mérito algum”, “o perigo é imenso: *deve-se* tremer e sentir-se mal”, “a naturalidade é má; o direito tem repugnância à natureza, também à ‘razão’” (- a antinatureza como o mais elevado).

Novamente, foram os *sacerdotes* que exploraram esse estado e aliciaram o “povo”. “O pecador”, com quem Deus se alegra mais do que com o “justo”. *Este* é o combate contra o “paganismo” (o remorso como meio de destruir a harmonia da alma).

O ódio dos *medíocres* contra os *tipos de exceção*, do rebanho contra os independentes (o costume como “moralidade”). Virada contra o “egoísmo”: só tem valor o que é “para o outro”. “Somos todos iguais”; - contra a ambição de poder, contra os “senhores” em geral; - contra o privilégio; - contra sectários, espíritos livres, céticos; - contra a filosofia (como se é contra o

instinto instrumental e contra o instinto de ponta); na própria filosofia “o imperativo categórico”, a essência da moral “universal e presente em toda parte”.

284

Os desejos e estados *louvados*: - tranquilo, justo, módico, modesto, respeitoso, atencioso, valente, casto, honesto, fiel, crente, franco, confiante, abnegado, compassivo, solícito, consciencioso, simples, suave, justo, generoso, indulgente, obediente, desinteressado, sem inveja, bondoso, trabalhador -

Deve-se distinguir: em que medida *semelhantes características* são requeridas como *meios* para uma determinada vontade e para um determinado *fim* (frequentemente, um “mau” fim) - ou como *consequências* naturais de um afeto dominante (por exemplo, *espiritualidade*) - ou expressão de uma necessidade, quer dizer: como *condição de existência* (por exemplo, cidadão, escravo, mulher etc.).

Em suma: eles não são, todos, *sentidos como bons por si mesmos*, mas antes já sob a bitola da “sociedade”, do “rebanho” como meios para os seus fins, como necessários para as manutenções e os fomentos, ao mesmo tempo como consequência de um genuíno *instinto de rebanho* no indivíduo, portanto a serviço de um instinto, que é *fundamentalmente distinto* daqueles *estados virtuosos*: pois, em relação ao que está fora, o rebanho é *hostil, egoísta, impiedoso, totalmente despótico, desconfiado* etc.

No “*pastor*” é que vem à luz o *antagonismo*: ele deve ter as características *opostas* às do rebanho.

Inimizade mortal do rebanho à *hierarquia*: seu instinto é favorável ao *nivelador* (Cristo); em relação aos *indivíduos fortes (les souverains)*¹⁴⁹ ele é

hostil, injusto, imoderado, imodesto, insolente, brutal, covarde, mentiroso, falso, impiedoso, dissimulado, invejoso, vingativo.

285

Eis o que ensino: o rebanho busca perpetuar um tipo e se defende dos dois lados: contra os que degeneram dele (criminosos etc.) e contra os que o excedem. O rebanho tende à paralisia e à conservação, nele não há nada criativo.

Os sentimentos agradáveis, os dos bons, benévolos e justos instilados em nós (em contraposição à tensão, ao temor que produz o homem novo e grande) são os *nossos* sentimentos de igualdade e segurança pessoais: o animal de rebanho enaltece com isso a natureza do rebanho e então se sente, ele mesmo, perfeitamente bem. Esse juízo do bem-estar mascara-se com belas palavras - assim surge a “moral”.

Observe-se, porém, o *ódio do rebanho* aos verazes -

286

Que não haja equívoco sobre si mesmo! Quem escuta em si, desse modo, o imperativo moral como o entende o altruísmo pertence ao *rebanho*. Quem tem o sentimento inverso sente o perigo e o extravio em ações desinteressadas e abnegadas, não pertence ao rebanho.

287

Minha filosofia está dirigida à hierarquia: não a uma moral individualista. O sentido do rebanho deve imperar no rebanho, - mas não deve ultrapassá-lo: os condutores do rebanho precisam de uma valoração fundamentalmente distinta de suas próprias ações, o mesmo valendo para os independentes ou para os “animais de rapina” etc.

Moral como tentativa de produzir o orgulho humano. - A teoria do “livrearbítrio” é antirreligiosa. Ela quer criar para o homem um direito de poder pensar-se como causa de seus mais altos estados e ações: ela é uma forma do crescente *sentimento de orgulho*.

O homem sente o seu poder, sua “felicidade”, então diz a si mesmo: deve haver “vontade” antes desse estado, - do contrário tal estado não pertence a ele. A virtude é a tentativa de colocar um fato do querer e ter-querido como um antecedente necessário em relação a todo sentimento de felicidade forte e elevado - se a vontade de certas ações está regularmente dada na consciência, então cabe interpretar um sentimento de poder como seu efeito. - Isto é uma simples *óptica da psicologia*: sempre sob a falsa pressuposição de que aquilo que não temos como desejado na consciência não nos concerne. Toda a doutrina da responsabilidade depende dessa psicologia ingênua, de que apenas a vontade é causa e de que se deve saber ter desejado para poder acreditar-se como causa.

- *Chega o contramovimento:* o dos filósofos da moral, sempre sob o mesmo preconceito de que só se é responsável por algo que se quis. O valor do homem postulado como *um valor moral*: por conseguinte, sua moralidade deve ser uma *causa prima*; por conseguinte, deve haver um princípio no homem, uma “vontade livre” como *causa prima*. - Aqui há sempre o pensamento velado de que, se o homem não é *causa prima* como vontade, então ele é irresponsável, - por conseguinte, ele não comparece em absoluto perante o foro moral, - a virtude ou o vício seriam automáticos e maquinais...

In summa: para que o homem possa ter respeito diante de si ele deve ser capaz de ser mau.

O *jogo de cena* como uma consequência da moral do “livre-arbítrio”. - Trata-se de um passo no *desenvolvimento do sentimento de poder*, ele mesmo, também o ter causado a si mesmo os seus estados elevados - por conseguinte, concluiu-se imediatamente ter *desejado...*

Crítica: todo agir perfeito é justamente inconsciente e não mais querido, a consciência exprime um estado pessoal imperfeito e frequentemente doentio. A *perfeição pessoal como condicionada pela vontade*, como *intencionalidade [Bewusstheit]*, como razão acompanhada da dialética, é uma caricatura, uma espécie de contradição consigo mesmo... O grau de consciência torna mesmo *impossível* a perfeição... forma do *jogo de cena*.

A *hipótese-moral*, para fins de *justificação de Deus*, fazia constar: que o mal deve ser voluntário (e isso meramente para que se pudesse acreditar no *caráter voluntário do bem*) e, por outro lado: que em todo mal e sofrimento há um desígnio de salvação.

O conceito de “culpa” como *não remontando* aos fundamentos últimos da existência e o conceito de castigo como um benefício educativo, por conseguinte, como ato de um Deus *bom*.

Predomínio absoluto da valoração moral *sobre* todas as outras: não se duvidava que Deus não pudesse ser mau e que não pudesse fazer nada de prejudicial, ou seja, por perfeição pensava-se apenas em uma perfeição moral.

Que o valor de uma ação deve depender daquilo que a precedeu na *consciência* - como isso é falso! - E mediou-se em conformidade com isso a

moralidade, mesmo a criminalidade...

O valor de uma ação deve ser medido a partir de suas consequências - dizem os utilitaristas: - medi-las segundo a sua proveniência implica uma impossibilidade, a saber: a impossibilidade mesma de *conhecê-las*.

Mas conhecem-se as consequências? A cinco passos de distância, talvez. Quem pode dizer o que incita, agita e excita contra si uma ação? Como estimulante? Como uma centelha para um material explosivo?... Os utilitaristas são ingênuos... Por fim, teríamos de *saber* primeiro *o que* é útil: também aqui a sua visão só alcança cinco passos adiante... Eles não possuem nenhum conceito da grande economia, que não sabe prescindir do mal -.

Não se sabe a proveniência, não se sabem as consequências: - por conseguinte, uma ação possui, em geral, um valor?...

Resta a ação, ela mesma: seus fenômenos coadjuvantes na consciência, o sim e o não que se seguem ao seu cumprimento: o valor de uma ação reside nos fenômenos coadjuvantes subjetivos -? (- isso significaria medir o valor da música segundo o prazer ou desprazer que nos provoca... que provoca em seu *compositor*...) Sem dúvida, acompanham-na sentimentos de valor, um sentimento de poder, de coação, um sentimento de impotência, por exemplo: a liberdade, a facilidade, perguntado de outro modo: poder-se-ia reduzir o valor de uma ação ao valor fisiológico: se é uma expressão da vida integral ou tolhida? - Pode ser que se expresse nisso o seu valor *biológico*...

Portanto, se a ação não é redutível nem à sua proveniência, nem às suas consequências, nem aos seus fenômenos coadjuvantes, então o seu valor é um *x*, desconhecido...

Da *desnaturalização da moral*. Que se *separe* do homem a ação; que se vote ódio ou desprezo ao “pecado”; que se creia na existência de ações que são boas ou más em si mesmas.

Restabelecimento da “natureza”: uma ação, em si, é totalmente vazia de valor: tudo depende de quem a faz. Um mesmo e único “crime” pode ser em um caso o supremo privilégio, em outro o estigma. De fato, o egoísmo dos que julgam é que interpreta uma ação e seu agente, *respectivamente*, tendo como referência a utilidade ou o prejuízo próprios (- ou com referência à semelhança ou ao não parentesco consigo).

293

O conceito “ação condenável” traz dificuldade. Nada do que acontece em geral pode ser em si condenável: *pois se poderia não querer afastá-lo*: pois cada coisa está tão ligada com tudo o mais, que querer excluir algo significa excluir tudo. Uma ação condenável significa: um mundo condenado em geral...

E ainda: em um mundo condenado, também o condenar seria condenável... A consequência de uma maneira de pensar que tudo reprova seria uma práxis que tudo ratifica... Caso o devir seja um grande anel, então cada coisa é igualmente valiosa, eterna e necessária. - Em todas as correlações de sim e não, de preferência e rejeição, amor e ódio exprimem tão somente uma perspectiva, um interesse de determinados tipos de vida: tudo o que é, em si, pronuncia o sim.

294

Crítica dos sentimentos de valor subjetivos. - *A consciência.* Outrora se concluía: a consciência condena esta ação: logo, tal ação é condenável. De fato, a consciência condena uma ação porque a mesma foi há muito condenada. Ela tão só repete: não cria nenhum valor. - Aquilo que outrora determinou condenar certa ação *não* foi a consciência, mas antes o entendimento (ou o preconceito) referente às suas consequências... - O assentimento da consciência, a satisfação do “estar em paz consigo mesmo” é

da mesma ordem que o prazer de um artista com a sua obra - não prova absolutamente nada... O autocontentamento é tão pouco um critério de valor em relação àquilo a que se refere quanto a sua falta é um argumento que põe em xeque o valor de uma coisa. Não sabemos nem de longe o bastante para poder medir o valor de nossas ações: falta-nos para tanto, antes de tudo, a possibilidade de nos situarmos de modo objetivo em relação a elas: mesmo quando condenamos uma ação não o fazemos como juízes, mas como partidários... - Os nobres enlevos que acompanham as ações não provam nada a favor do seu valor: um artista, com o *páthos* mais elevado de todos, relativo ao estado concernente, pode trazer à luz uma simples miséria. Dever-se-ia antes dizer que esses enlevos são sedutores: eles desviam o nosso olhar e a nossa força da crítica, do escrúpulo e da suspeita de que fazemos uma *tolice*... eles nos atoleimam -

295

Somos os herdeiros da vivissecção da consciência e da autocrucificação de dois milênios: nisso está o nosso longo exercício, a nossa maestria talvez, em todo caso o nosso refinamento; nós irmanamos os pendores naturais com a má consciência.

Uma tentativa em sentido inverso seria possível: a de irmanar a má consciência e os pendores não naturais, penso nas propensões para o além, contrárias aos sentidos, ao pensamento e à natureza, em suma: os ideais até hoje, que foram todos ideais-caluniadores-do-mundo.

296

Os grandes *crimes* na *psicologia*:

1. o fato de todo *desprazer* e toda *infelicidade* terem sido falsificados com a injustiça (com o pecado) - (tirou-se da dor a inocência).

2. o fato de todo *vigoroso sentimento de prazer* (o sentir em si petulância, voluptuosidade, triunfo, orgulho, temeridade, conhecimento, autoconfiança e felicidade) ter sido estigmatizado como suspeito, como pecaminoso e como sedução.
3. o fato de os *sentimentos fracos*, as mais íntimas pusilanimidades, a falta de coragem para si mesmo terem sido ensinados como mais desejáveis, em um sentido superior, e cobertos com nomes santificados.
4. o fato de tudo o que é *grande* no homem ter sido reinterpretado como expropriação,¹⁵⁰ como sacrificar-se por algo de outro, pelos outros; o fato de, mesmo no conhecedor e no artista, a *despersonalização* ter sido fantasiada como a causa de seu conhecimento e de sua capacidade mais elevados.
5. o fato de o *amor* ter sido falsificado como abnegação (como altruísmo), quando ele é um re-unir [*Hinzu-Nehmen*] ou uma entrega devida a um excesso de personalidade. Só a pessoa *mais inteira* pode amar; os despersonalizados, os “objetivos” são os piores amantes (- pergunte-se às mulheres!). O mesmo vale para o amor a Deus, ou à “pátria”: deve-se estabelecer para si mesmo, firmemente, o egoísmo como a *ego-tização* e o altruísmo como a *alter-ação*.¹⁵¹
6. A vida como castigo, a felicidade como tentação; as paixões como algo diabólico, a autoconfiança como ímpia.

Toda essa psicologia é uma psicologia do impedimento, uma espécie de *emparedamento* por temor; por um lado, a grande massa de malsucedidos e medíocres quer com isso proteger-se dos mais fortes (- e no desenvolvimento *destruí-los...*), por outro lado, sabem santificar e honrar somente os impulsos com os quais ela medra do melhor modo possível. Comparar com o sacerdócio judeu.

Os resíduos da desvalorização da natureza mediante uma transcendência da moral: valor da *expropriação*, culto do altruísmo; crença em uma compensação no interior do jogo das consequências; crença na bondade e mesmo no “gênio”, como se tanto um como outro fossem *consequências da expropriação*; a continuação da sanção eclesiástica da vida civil; um absoluto querer entender mal a história (como obra educativa de moralização) ou um pessimismo em relação à história (- este último é uma consequência da desvalorização da natureza tanto quanto aquela *pseudo-justificação*, aquele *não-querer-ver* o que o pessimista vê...)

298

“*A moral pela moral*” - uma etapa importante na sua desnaturalização: ela aparece, ela mesma, como valor último. Nessa fase ela se impregnou com a religião: no judaísmo, por exemplo. E há igualmente uma fase em que novamente *separa de si* a religião e em que nenhum Deus lhe satisfaz “moralmente”: então ela prefere o ideal impessoal... É o caso agora.

“*A arte pela arte*” - é um princípio igualmente perigoso: com ele, leva-se uma falsa oposição às coisas, - termina em uma difamação da realidade (“idealização” *do feio*). Quando se destaca um ideal do que é real, então se desprestigia o real, se o empobrece e calunia. “*O belo pelo belo*”, “*o verdadeiro pelo verdadeiro*”, “*o bem pelo bem*” - três formas de *olhar de modo maldoso* para o real.

- *Arte, conhecimento e moral* são meios : em vez de reconhecer neles a intenção de incremento da vida, levaram-nos a uma relação de *oposição com a vida*, a “Deus”, - a algo assim como manifestações de um mundo superior, que desponta ocasionalmente por meio deste¹⁵² ...

“*Belo e feio*”, “*verdadeiro e falso*”, “*bem e mal*” - essas *separações e antagonismos* traem as condições de existência e de crescimento não do

homem em geral, mas antes de certos complexos firmes e duradouros, os quais cortam de si seus detratores. A guerra que assim se produz é qualquer coisa de essencial: como meio de separação, que fortalece o isolamento...

299

Naturalismo moralista: remetimento do valor moral supranatural, aparentemente emancipado, à sua “natureza”: isto é, à *imoralidade natural*, à “utilidade” natural etc.

Posso designar a tendência dessas considerações como um *naturalismo moralista*: minha tarefa é transportar novamente para a sua natureza o valor moral aparentemente emancipado e tornado *sem natureza* - isto é, para a sua “*imoralidade*” natural.

N.B. Comparar com a “*santidade*” judaica e sua base natural: o mesmo se passa com a *lei moral tornada soberana*, desprendida de sua *natureza* (- até como *contrária à natureza* -).

Passos da desnaturalização da moral (da assim chamada “*idealização*”): como caminho para a felicidade individual, como consequência do conhecimento, como imperativo categórico, como caminho para a santificação, como negação da vontade de viver.

A paulatina *inimizade da moral em relação à vida*.

300

A *heresia reprimida e suprimida* na moral. - Conceitos: moral-senhorial pagã, *virtu*.

301

Meu problema: Que prejuízos a humanidade teve até hoje da moral e de sua moralidade? Prejuízos no espírito etc.

Que, por fim, se recoloquem novamente bem os valores humanos na província, onde apenas eles possuem um direito de ser: como valores provincianos típicos. Muitas espécies de animais já desapareceram; caso o homem também desapareça, então nada faltaria no mundo. Deve-se ser bastante filósofo para também admirar *esse* nada (- *Nil admirari* -).¹⁵³

O homem, uma pequena e inquieta espécie de animal que - afortunadamente - tem o seu tempo; a vida sobre a Terra, em geral, não passa de um instante, de um incidente, de uma exceção sem consequências, algo que permanece insignificante para o caráter-global da Terra; a Terra ela mesma, como de resto todo astro, é um hiato entre dois nadas, um acontecimento sem plano, razão, vontade, autoconsciência, a pior espécie de necessidade: a necessidade *cega*... Contra essa consideração, algo se revolta em nós; a víbora vaidade fala-nos que “tudo isso *deve* ser falso: *pois* isso revolta... Poderia tudo isso não ser apenas uma aparência? E o homem, a despeito de tudo isso, para dizer com Kant, —”

[4. Como se leva a virtude à dominação]

[*Do ideal dos moralistas.* -] Este tratado lida com a grande *política* da virtude. Nós o destinamos ao benefício daqueles aos quais não importa aprender o modo de tornar-se virtuoso, mas antes o modo de *fazer* virtuoso, - o modo de levar a virtude à dominação. Quero até mesmo provar que para querer uma, a dominação da virtude, *não* se pode, por princípio, querer a outra; com isso, precisamente, renuncia-se a tornar-se virtuoso. Esse sacrifício é grande: mas tal objetivo talvez compense o sacrifício. E mesmo

sacrifícios ainda maiores!... Alguns dos grandes moralistas chegaram a arriscar tanto assim. Com respeito a esses, a verdade já foi conhecida e antecipada. Ela deve ser ensinada pela primeira vez com este tratado: que, simplesmente, *a dominação da virtude só se pode conseguir por meio dos mesmos meios* com os quais se consegue em geral qualquer dominação, em todo caso não *por meio* da virtude...

Este tratado lida, como se disse, com a política na virtude: ele postula um ideal dessa política, a descreve tal como ela deveria ser, se algo sobre a Terra pudesse ser perfeito. Ora, nenhum filósofo duvidará de qual é o tipo da perfeição na política: o maquiavelismo. Mas o maquiavelismo *pur, sans mélange, cru, vert, dans toute sa force, dans toute son âpreté*¹⁵⁴ é sobre-humano, divino, transcendente, jamais será alcançado pelo homem, no máximo tocado de leve... Também nessa forma mais estreita de política, na política da virtude, parece que o ideal jamais foi alcançado. Também Platão só o tocou ligeiramente. Contanto que se tenha olhos para coisas ocultas, descobrem-se, mesmo ainda nos *moralistas* mais fidedignos e conscientes (- e este é precisamente o nome para tais políticos da moral, para toda espécie de fundadores de uma nova autoridade-moral), indícios de que também eles pagaram tributo à fraqueza humana. *Todos aspiraram*, ao menos em sua hora de cansaço, à *virtude* também para si: erro primeiro e decisivo de um moralista, - que, como tal, deve ser um *imoralista da ação*. Que ele justamente *não possa parecer* isso, é outra coisa. Antes, *não* é outra coisa: uma tal autonegação (expresso moralmente: dissimulação) pertence intimamente, por princípio, ao cânone do moralista e de sua doutrina de deveres mais própria: sem ela, jamais ele chegará à sua espécie de perfeição. Liberdade em relação à moral, *também em relação à verdade*, por aquele objetivo, compensa todo sacrifício: *dominação da moral*, - *assim* soa aquele cânone. Os moralistas têm por necessária a *atitude da virtude*, também a

atitude da verdade; seu erro só começa ali onde eles *cedem* à virtude, onde perdem o domínio sobre a virtude, onde eles mesmos tornam-se *morais, verídicos*. Um grande moralista é, entre outras coisas, necessariamente um grande ator; o perigo para ele está em que sua representação se torne, inadvertidamente, natureza, uma vez que seu ideal é o de manter separados, de maneira divina, seu *esse* e seu *operart*;¹⁵⁵ tudo o que ele faz, deve fazer *sub specie boni*,¹⁵⁶ - eis o seu ideal superior, distante e exigente! Um ideal *divino!*... De fato, corre o dito de que com isso o moralista não imita ninguém menos que o próprio Deus: Deus, o maior de todos os imoralistas da ação, mas que nem por isso deixa de compreender que deve permanecer aquilo que é, o *bom* Deus...

305

Não é com a virtude, ela mesma, que se funda a dominação da virtude; com a virtude, ela mesma, renuncia-se ao poder, perde-se a vontade de poder.

306

O *triunfo* de um ideal moral é conquistado com os mesmos meios “imorais” com os quais se conquista todo triunfo: violência, mentira, calúnia e injustiça.

307

Quem sabe como nasce toda glória suspeitará inclusive da glória de que goza a virtude.

308

A moral é tão “imoral” como qualquer outra coisa sobre a Terra; a moralidade, ela mesma, é uma forma de imoralidade.

O entendimento disso traz uma grande *libertação*, a oposição é afastada das coisas, *salva-se* a integridade em todo acontecimento —

309

Há aqueles que buscam o motivo pelo qual algo é imoral: julgam-se: “isto é injusto”, acreditam então que se deveria revogá-lo e modificá-lo. Eu, pelo contrário, não me permito nenhum descanso enquanto, em uma coisa, ainda não tenho clareza da sua *imoralidade*. Tão logo eu a descubro, meu equilíbrio é restabelecido.

310

A. *Os caminhos para o poder*: introduzir a nova virtude sob o nome de uma virtude *antiga* -: despertar para ela o “interesse” (“felicidade” como a sua consequência e inversamente) -: a arte da difamação contra os seus opositores -: explorar as vantagens e os acasos para o seu enaltecimento -: fazer, de seus adeptos, fanáticos por meio do sacrifício e da separação -: a grande simbólica.

B. O poder *alcançado*: 1. meios de coação da virtude; 2. meios de sedução da virtude; 3. as etiquetas da virtude (a corte).

311

Com que meios uma virtude chega ao poder? - Precisamente com os meios de um partido político: difamação, suspeição, desgaste das virtudes de tendências contrárias que já estão no poder, troca de seus nomes, perseguição e escárnio sistemáticos: portanto *por meio de puras “imoralidades”*.

O que faz consigo mesmo um *desejo* de chegar à *virtude*? A troca de nome; a renegação por princípio de suas intenções; o exercício de compreender-se mal; a *alliance*¹⁵⁷ com virtudes já existentes e reconhecidas;

a inimizade declarada contra os seus opositores. Ganhar, se possível, a proteção de poderes sagrados; embriagar, entusiasmar; a tartufaria do idealismo; ganhar um partido que *ou* prevaleça com ele *ou* sucumba..., tornar-se *inconsciente, ingênuo...*

312

Refinou-se a crueldade em compaixão trágica, a tal ponto que ela foi *negada* como tal. Do mesmo modo, o amor sexual na forma do *amourpassion*;¹⁵⁸ a mentalidade de escravo como obediência cristã; a mesquinhez como humildade; o adoecimento do *nervus sympathicus*,¹⁵⁹ por exemplo, como pessimismo, pascalismo ou carlylismo etc.

313

Ouvir que um homem tem necessidade de *razões* para permanecer honesto nos faria duvidar dele: é certo que nós evitamos o trato com ele. A palavrinha “pois” é, em certos casos, comprometedora; por vezes as pessoas se *contradizem* por meio de um único “pois”. Logo que ouvimos, a seguir, que um tal aspirante à virtude tem necessidade de *más razões* para permanecer respeitável, isso ainda não fornece nenhuma razão para que aumentemos o nosso respeito por ele. Mas ele vai adiante, chega até nós e diz-nos na cara: “O senhor estorva a minha moralidade com a sua descrença; enquanto o senhor não acredita nas minhas *más razões*, quer dizer, em Deus, em um além punitivo, em uma liberdade do querer, o senhor *impedea* minha virtude... Moral da história: devem-se suprimir os descrentes: eles impedem a *moralização das massas.*”

314

Nossas convicções mais sagradas, nosso permanecer imutável com respeito aos valores supremos são *juízos de nossos músculos.*

A moral na valoração de raças e classes. - Considerando que *afetos* e *impulsos fundamentais* em toda raça e em toda classe exprimem algo de suas condições de existência (- ao menos das condições sob as quais, há tempos, elas se impuseram), exigir que elas sejam “virtuosas” significa

:que elas mudem o seu caráter, saiam da própria pele e apaguem o seu passado

:que elas devem cessar de se distinguir

:que elas devem se assemelhar em necessidades e pretensões - mais claramente: *que elas pereçam...*

A vontade de *uma única* moral mostra-se, portanto, na *tiranía* daquela espécie, que talhou essa moral única no corpo, sobre as outras espécies: tratase do aniquilamento ou da uniformização a favor da moral dominante (seja para não ser mais um motivo de temor para ela, seja para ser aproveitado por ela). “Abolição da escravidão” - segundo se diz, um tributo à “dignidade humana”, na verdade, a aniquilação de uma espécie fundamentalmente distinta (- solapamento de seus valores e de sua felicidade -).

Aquilo em que uma raça ou uma classe inimiga tem a sua fortaleza, isso é interpretado como a sua *pior maldade*, como o que há de pior nela: pois, com isso, ela nos prejudica (- suas “virtudes” são caluniadas e rebatizadas).

A possibilidade de que ela *nos prejudique* vale como uma *objeção* contra homem e povo: mas, do seu ponto de vista, *nós* somos para ela oportunos, pois somos aqueles de onde se pode tirar proveito.

A exigência de “humanização” (a qual, de modo inteiramente ingênuo, acredita estar de posse da fórmula “o que é o homem?”) é uma tartufaria sob a qual se busca conduzir à dominação uma espécie inteiramente determinada de homem: mais precisamente, um instinto inteiramente

determinado, o *instinto de rebanho*. - “Igualdade dos homens”: o que se *dissimula* sob a tendência de *igualar*, cada vez mais, homens na qualidade de homens.

O “*ser interessado*” com relação à moral comum (*artifício*: fazer com que os grandes desejos, que são a ambição e a avidez, sejam os protetores da virtude).

Em que medida toda espécie de *comerciantes* e cobiçosos, tudo quanto precisa dar e exigir crédito, tem *necessidade* de promover um caráter igual e uma igual ideia de valor: toda espécie de *mundo do comércio* e da *troca* obtém a virtude pela força e como que a compra *para si*.

Do mesmo modo o *Estado* e toda espécie de ambição de poder referente a funcionários e soldados; igualmente a ciência, a fim de trabalhar com confiança e economia de forças. - Igualmente o *sacerdócio*.

Aqui, portanto, a moral comum é obtida por coação, pois com ela se consegue uma vantagem; e, para levá-la ao triunfo, pratica-se guerra e violência contra a imoralidade - com que “direito”? Com nenhum direito: mas antes de acordo com o próprio instinto de conservação. As mesmas classes se servem da *imoralidade* quando ela lhes é conveniente.

A aparência hipócrita com a qual todas as *ordenações civis* são recobertas, como se fossem *produtos da moralidade*... por exemplo, o casamento; o trabalho; a profissão; a pátria; a família; a ordem; o direito. Mas como todas elas fundam-se sobre a espécie *mais medíocre* de homem, para a proteção contra os tipos de exceção e as necessidades excepcionais, então deve-se achar justo quando aqui se mente muito.

Deve-se defender a virtude contra os que a exaltam: estes são seus piores inimigos. Pois eles ensinam a virtude como um ideal *para todos*; tomam à virtude o atrativo, que lhe é característico, do raro, inimitável, excepcional e não mediano, - seu *fascínio aristocrático*. Deve-se igualmente fazer frente aos idealistas obstinados, os quais batem zelosos em todas as cacholas e têm a sua satisfação se soa oco: que ingenuidade, *exigir* algo grande e raro e averiguar a sua ausência com raiva e desprezo pelos homens! - É evidente, por exemplo, que um *casamento* vale tanto quanto aqueles que ele enlaça, isto é, que ele será, na grande maioria das vezes, algo deplorável e indecoroso: nenhum pároco, nenhum burgomestre pode fazer outra coisa a partir desse material.

A *virtude* tem contra si todos os instintos do homem mediano: é desvantajosa, tola, e, além do mais, ela isola; é aparentada à paixão e mal é acessível à razão; estraga o caráter, a cabeça, o sentido - sempre medida com a medida da qualidade mediana do homem; produz inimizade à ordem, à *mentira*, que reside dissimulada em toda ordem, instituição e realidade, - ela é o *pior fardo*, contanto que a julguemos segundo a nocividade de seus efeitos sobre os *outros*.

- Reconheço a virtude onde ela 1. não exige ser reconhecida 2. não estabelece a virtude como algo que está por toda parte, mas antes justamente outra coisa 3. *não sofre* com a ausência da virtude, mas antes, pelo contrário, considera isso como a relação de distância pela qual algo deve ser honrado na virtude: ela não se compartilha 4. não faz propaganda... 5. não dá licença a ninguém para bancar o juiz, pois é sempre uma virtude *para si* 6. faz justamente tudo o que de costume era *proibido*: virtude, tal como eu a comprehendo, é o *vetitum*¹⁶⁰ propriamente dito no interior de toda legislatura do rebanho 7. é virtude no estilo renascentista, *virtn*, virtude livre da estreiteza moral [*moralinfreie*]¹⁶¹...

Sobretudo, senhores virtuosos, não tendes nenhum privilégio em relação a nós: queremos incutir-vos a *modéstia*: um egoísmo e uma prudência mesquinhos é o que vos recomenda a vossa virtude. E se tivésseis mais força e coragem no corpo, não vos moldaríeis de tal maneira à nulidade virtuosa. Fazeis o que podeis: em parte o que deveis - aquilo a que vos constrangem vossas circunstâncias -, em parte o que vos dá prazer, em parte o que vos parece útil. Mas quando fazeis o que é tão somente conforme à vossa inclinação ou o que vossa necessidade quer de vós ou o que vos é útil, então não deveis *louvar-vos* por isso *nem permitir que vos louvem!*... Ser apenas *virtuoso* significa ser uma espécie *fundamentalmente pequena* de homem: nada deve induzir a erro sobre isso! Homens que em qualquer parte são dignos de interesse não foram jamais tais asnos da virtude: seu instinto mais íntimo, que é o de sua porção de poder, não encontrou com isso a sua conta: enquanto vossa mínima porção de poder não manifesta nada mais sábio do que a virtude. Mas vós tendes o *número* a vosso favor: e nisso mesmo que vós *tiranizais*, queremos fazer-vos a guerra...

Um *homem virtuoso* já é, por isso mesmo, uma espécie *inferior*, pois ele não é nenhuma “pessoa”. Seu valor é conseguido por ser conforme a um esquema de homem, estabelecido de uma vez por todas. Ele não tem o seu valor *à parte*; ele pode ser comparado, ele possui os seus iguais, *não* deve ser singular...

Confirais as características do homem *bom*, por que razão elas nos fazem bem? Porque nós não temos necessidade de nenhuma guerra, porque ele não nos impõe nenhuma desconfiança, nenhum cuidado, nenhuma concentração e nenhuma austeridade: nossa preguiça, nossa benevolência e

leviandade fazem um *dia desanuviado*. Esse nosso *bem-estar* é o que *projetamos para fora de nós mesmos* e colocamos na conta do homem bom como *propriedade*, como *valor*.

320

A virtude é, talvez, meramente uma forma venerável de estupidez: quem por isso poderia querer-lhe mal? E essa espécie de virtude também não sobreviveu hoje em dia. Uma espécie de simplicidade honrada de camponês, a qual, porém, é possível em todas as classes e que não se deve tratar senão com respeito e sorriso, crê ainda hoje que tudo está em boas mãos, a saber: nas “mãos de Deus”: e se eles mantêm sinceramente essa proposição com aquela segurança conformada, como se dissessem que dois e dois são quatro, então nós outros nos guardaremos de dizer o contrário. Para que perturbar *essa* tolice em estado puro? Para ensombrecer-lhes com as nossas cismas com relação a homem, povo, fim e futuro? Mesmo se o quiséssemos, não poderíamos. Eles refletem *para dentro* das coisas a sua própria e venerável bondade e estupidez (neles, sim, vive ainda o antigo Deus, *deus myops!*); nós outros - vemos algo diverso dentro das coisas: nossa natureza enigmática, nossas contradições, nossa mais profunda, dolorosa e desconfiada sabedoria.

321

Quem considera fácil a virtude não a leva muito a sério. A seriedade na virtude não é sustentável: ao obtê-la, salta-se para fora dela. Para onde? Para os demônios.

Quão inteligentes se tornaram, entretanto, todas as nossas piores tendências e impulsos! Quanta curiosidade científica os atormenta! Um puro anzol do conhecimento!

322

- Ligar o vício com algo decisivamente penoso, de tal modo que, por fim, fuga-se do vício para conseguir livrar-se do que está relacionado com ele. Este é o famoso caso do *Tannhauser*¹⁶² Tannhauser, por meio da música de Wagner, ao perder a paciência, não mais suporta nem mesmo Dona Vênus: de repente, a virtude torna-se atraente; uma donzela da Turíngia ganha apreço; e, para dizer o mais forte, ele saboreia até mesmo a melodia de Wolfram de Eschenbach¹⁶³...

323

O patronato da virtude. - Avidez, ambição, preguiça, simplicidade, temor: todos têm um interesse na causa da virtude: por isso ela é tão firme.

324

A *virtude* agora já não encontra mais nenhuma fé, sua força de atração foise; alguém deveria saber levá-la novamente ao mercado como uma forma insólita de aventura e de excesso. Ela exige muita extravagância e pouca inteligência de seus fiéis, para que não tenha hoje a consciência contra si. Sem dúvida, para os inescrupulosos e totalmente despreocupados, precisamente isso pode ser o seu novo fascínio - ela é, doravante, o que até agora ainda não foi jamais, um *vício*.

325

A *virtude* permanece o vício mais dispendioso e ela *deve* permanecer assim!

326

As *virtudes* são tão perigosas quanto os vícios, pelo fato de que as pessoas permitem que elas lhes dominem desde fora como autoridade e lei; e por não se produzi-la por si mesmo, como é direito, como legítima defesa

pessoal e necessidade, como condição de *nossa* existência e crescimento, que nós reconhecemos e admitimos, independentemente se outros crescem conosco sob condições idênticas ou distintas. Essa sentença sobre o caráter perigoso da virtude *objetiva*, daquela que é compreendida de modo impessoal, vale também para a modéstia: nela perecem muitos dos espíritos seletos. A moralidade da modéstia é o pior amolecimento para tais almas, nas quais o único sentido é que elas, em boa hora, *endureçam*.

327

Deve-se reduzir e limitar passo a passo o império da moralidade: deve-se trazer à luz os nomes dos instintos que aqui estão propriamente operando e honrá-los, depois de terem sido dissimulados há muito sob os nomes hipócritas de virtudes; deve-se desaprender, por vergonha, a vergonha diante de sua “honradez”, que fala sempre de modo imperioso e que gostaria de renegar e desmentir os instintos naturais. Há uma medida de força em quanto se pode abdicar da virtude; e dever-se-ia pensar um estado elevado no qual o conceito de “virtude” seria sentido de modo a tal ponto transformado que ele soasse como *virtu*, como virtude renascentista e virtude livre da estreiteza moral. Mas, por ora - quão distantes ainda estamos desse ideal!

A restrição do âmbito da moral: um sinal de seu progresso. Por toda parte onde ainda não se pôde pensar *de modo causal* pensou-se *moralmente*.

328

Por fim, o que alcancei? Não dissimulemos de nós mesmos este resultado sumamente espantoso: conferi à virtude um novo *fascínio*, - ela atua como algo *proibido*. Tem contra si a nossa mais fina honradez, ela foi ensalmourada no “*cum grano salis*”¹⁶⁴ do remorso científico; ela é fora de moda no cheiro e antiquada, de modo que doravante atrai finalmente os

refinados e desperta curiosidade; - em suma, opera como um vício. Somente depois que reconhecemos tudo como mentira e aparência obtivemos também novamente a licença para essa falsidade, que é a virtude, a mais bela entre todas. Não há mais nenhuma instância que possa nos interditar: só à medida que assinalamos a virtude como uma *forma da imoralidade* ela se *justifica* novamente, -ela é classificada e regulamentada em relação à sua significação fundamental, toma parte no fundo de imoralidade de toda existência, - como uma forma de luxo de primeira grandeza, a forma de vício a mais sobranceira, dispendiosa e rara. Nós a desenrugamos e desnudamos, nós a redimimos da impertinência dos muitos e a despojamos da rigidez disparatada, dos olhos vazios, do penteado engomado e da musculatura hierática.

329

Se eu, com isso, prejudiquei a virtude?... Tão pouco quanto os anarquistas prejudicaram os príncipes: estes só se sentaram novamente seguros em seus tronos a partir do momento em que foram alvejados... Pois assim foi e será sempre: não se pode tirar melhor proveito de uma coisa do que quando se a persegue e acossa com todos os cães... E foi isso o que eu fiz.

[5. *O ideal moral*]

[A. *Da crítica do ideal*]

330

Esta começa tão logo se suprima a palavra “ideal”: crítica da *desejabilidade*.

331

São pouquíssimos os que têm claro que o ponto de vista da *desejabilidade*, todo “assim deveria ser, mas não é” ou mesmo um “assim haveria de ter sido”, encerra em si uma condenação do curso integral das coisas. Pois neste não há nada isolado: a menor coisa arrasta o todo, todo o edifício do futuro está de pé sobre a pequena injustiça, e assim se condena conjuntamente o todo em cada crítica ao detalhe mais insignificante. Ora, está estabelecido que a norma moral, como admite o próprio Kant, não foi jamais plenamente cumprida e permanece suspensa sobre a realidade como uma espécie de além, sem jamais se deixar apanhar nela: assim, a moral encerra em si um juízo sobre o todo, o que, porém, permitiria perguntar: *de onde ela retira o direito para isso?* Como a parte chega aqui a bancar o juiz perante o todo? - E se, de fato, esse julgamento moral é incapacidade na realidade, como se afirmou, fosse um instinto inextirpável, não pertenceria talvez esse instinto também às tolices incorrigíveis e às incapacidades da nossa espécie? - Mas, enquanto dizemos isso, fazemos aquilo que censuramos; o ponto de vista da deseabilidade, do bancar sem autorização o juiz também pertence ao caráter do curso das coisas, assim como toda injustiça e imperfeição, - é precisamente o nosso conceito de “perfeição” que não encontra o que lhe é devido. Todo impulso que se quer satisfazer exprime a insatisfação com o presente estado de coisas: como? É talvez possível que o todo seja composto de partes puramente insuficientes, que possuam deseabilidades na cabeça? Será talvez o “curso das coisas” precisamente o “fora daqui”, o “fora da realidade!”, a eterna insatisfação ela mesma? Será talvez a deseabilidade a força propulsora ela mesma? Será ela - deus?

*

Parece-me importante que nos desembaracemos *do todo*, da unidade, de uma força qualquer, de um absoluto; não se poderia deixar de tomá-lo como uma instância suprema e de batizá-lo de “Deus”. Deve-se despedaçar o todo;

desaprender o respeito pelo todo; retomar para o mais próximo, para nós, aquilo que demos ao desconhecido e ao conjunto total.

Quando Kant, por exemplo, diz: “Duas coisas permanecem eternamente veneradas” (conclusão da “Razão prática”)¹⁶⁵ - hoje deveríamos antes dizer: “a digestão é o mais venerável”. O todo traz sempre consigo o antigo problema, - “como o mal é possível?” etc. Portanto: *não há nenhum todo, falta o grande sensorium ou inventário ou arsenal de forças.*

332

- Um homem tal como ele *deve* ser: isso nos soa tão insípido quanto: “uma árvore tal como ela deve ser”.

333

Ética: ou “filosofia da desejabilidade”. - “*Deveria* ser de outro modo”, “*deve vir a ser de outro modo*”: a insatisfação seria, portanto, o germe da ética.

Salvar-se seria, em primeiro lugar, possível quando se elege onde *não* se tem o sentimento; em segundo lugar, quando se comprehende a arrogância e a tolice: pois exigir que *algo* seja diferente do que é significa exigir que *tudo* seja diferente, - isso contém uma crítica que condena o conjunto total. *Mas o viver é, ele mesmo, uma tal exigência!*

Averiguar *o que é tal como* é parece algo indizivelmente mais elevado e mais sério do que todo “deveria ser assim”, pois este último, como crítica humana e arrogância, apresenta-se, por princípio, condenado ao ridículo. Nisso manifesta-se uma necessidade que exige que o nosso bem-estar humano corresponda a uma disposição do mundo; também a vontade faz tanto quanto possível por essa gabarolice.

Por outro lado, esta reclamação de que “deveria ser assim” só provocou aquela outra exigência pelo que é: o saber disso que é já é uma consequência daquela pergunta: “Como? Isso é possível? Por que é justamente assim?” A

admiração sobre a não correspondência entre o nosso desejo e a marcha do mundo levou até o ponto de travar conhecimento com a marcha do mundo. Talvez haja ainda outra coisa: talvez aquele “deveria ser assim” seja o nosso próprio desejo de subjugação do mundo —

334

Hoje, quando todo “o homem deve ser deste e daquele modo” coloca-nos uma pequena ironia nos lábios, quando sustentamos inteiramente que, a despeito de tudo, alguém *vem a ser* apenas aquilo que é (apesar de tudo quer dizer: educação, instrução, meio, acasos e acidentes), aprendemos a *inverter* de maneira curiosa, nas coisas da moral, a relação de causa e efeito, - talvez nada nos diferencie mais fundamentalmente dos antigos crentes da moral. Não dizemos mais, por exemplo, que “o vício seja a *causa* de que um homem também pereça fisiologicamente”; nós tampouco dizemos que “um homem prospere por meio da virtude, que ela leve a viver muito e à felicidade”. Nossa opinião é, antes, a de que vício e virtude não são nenhuma causa, mas apenas *consequências*. Alguém se torna um homem decente porque é um homem decente: isto é, porque nasceu como um capitalista de bons instintos e de relações prósperas... Chega-se pobre ao mundo, de pais que em tudo apenas dissiparam e não amealharam nada; então se é “incorrigível”, quer dizer, maduro para penitenciárias e manicômios... Hoje, sabemos não pensar mais a degenerescência moral separada da fisiológica: ela é um mero complexo de sintomas da última; [uma pessoa] é necessariamente má, assim como se é necessariamente doente... Ruim: a palavra exprime aqui certas *incapacidades* que estão ligadas fisiologicamente com o tipo da degenerescência: por exemplo, a debilidade da vontade, a insegurança e a pluralidade da “pessoa”, a impotência de suspender a reação sobre um estímulo qualquer e de “dominar-se”, a não liberdade perante toda espécie de sugestão de uma vontade estranha... Vício é uma delimitação conceitual

bastante arbitrária para reunir certas consequências da degeneração fisiológica. Uma sentença universal, como a que o cristianismo ensinava, “o homem é mau”, haveria de ser legítima se fosse legítimo tomar o tipo do degenerado como um tipo normal do homem. Mas isso talvez seja um exagero. Decerto a sentença tem uma legitimidade ali onde justamente o cristianismo prospera e está por cima: pois, com isso, está comprovado um solo mórbido, um campo para a degenerescência.

335

Não se pode ter suficiente consideração pelo homem, tão logo se observe como ele se presta a abrir caminho, suportar, servir-se das circunstâncias e derrubar adversários; em contrapartida, olhe-se para o homem no momento em que *deseja* e ele será a besta mais absurda... É como se ele precisasse de uma arena de covardia, preguiça, debilidade, sentimentalidade, submissão para o restabelecimento de suas virtudes fortes e viris: vejam-se as *desejabilidades* humanas, seus “ideais”. O homem *desejante* descansa do que há de eterno e precioso nele, de seu fazer: e descansa disso no que é fútil, absurdo, sem valor e pueril. A indigência espiritual e falta de engenho é o que mais espanta nesse animal engenhoso e rico em recursos. O “ideal” é como que a penitência que o homem paga pelo imenso dispêndio que ele deve custear em todas as tarefas reais e urgentes. A realidade se interrompe, então vem o sonho, o cansaço, a fraqueza: “o ideal” é, pura e simplesmente, uma forma de sonho, de cansaço e de fraqueza... As naturezas mais fortes e as mais impotentes igualam-se quando esse estado lhes sobrevém: elas *divinizam a interrupção* do trabalho, do combate, das paixões, da tensão, das oposições, da “*realidade*”, *in summa*... da luta pelo conhecimento, do esforço do conhecimento.

“Inocência”: assim eles chamam o estado ideal da estupidificação; “bemaventurança”: o estado ideal da preguiça; “amor”: o estado ideal do

animal de rebanho, que não quer ter mais nenhum inimigo. Com isso, alcançou-se a *ideal* tudo o que rebaixa e arruína o homem.

336

O desejo *aumenta* aquilo que se quer possuir; cresce, ele mesmo, com a não satisfação, - os *ideais supremos* são os que o desejo mais longo e mais violento criou. É o crescimento do nosso desejo pelas coisas que nos leva a atribuir-lhes um *valor sempre maior*: se os “valores morais” tornaram-se os *valores supremos*, então isso denuncia que o ideal *moral* foi *o que menos encontrou satisfação*. Nessa medida, ele *pôde valer como além de todo sofrimento*, como meio de *bem-aventurança*. A humanidade abraçou uma *nuvem* com um cio sempre crescente: ela chamou finalmente de “Deus” o seu desespero e a sua incapacidade...

337

A ingenuidade em relação às “*desejabilidades*” últimas, - enquanto não se conhece o “porquê” do homem.

338

O que é a *falsificação na moral*? - Ela pretende *saber* algo, a saber: o que é “bem” e “mal”. - Isso significa pretender saber para que o homem existe, conhecer seu alvo e sua determinação. - Significa pretender saber que o homem *possui* um alvo e uma determinação -

339

1.

É ainda muito jovem a representação arbitrária e muito obscura de que a humanidade tenha de solucionar uma tarefa conjunta, de que ela como um todo vá ao encontro de um alvo qualquer. Talvez nos livremos dela antes que

ela se converta em uma “ideia fixa”... Essa humanidade não é nenhum conjunto global: é uma multiplicidade insolúvel de processos vitais ascendentes e decrescentes - ela não tem uma juventude, em seguida uma *maturidade* e por fim uma velhice. Os estratos estão mesmo misturados e sobrepostos - em alguns milênios, ainda pode haver tipos mais jovens de homem do que os que nós podemos apontar hoje. A *decadence*-, por outro lado, pertence a todas as épocas da humanidade: por toda parte há ralé e matéria de decadência, tratase de um mesmo processo vital, o secretar das formações decadentes e que se tornaram sucata.

2.

Sob o império do preconceito cristão *essa questão nunca foi colocada*: o sentido residia na salvação da alma individual; não interessava o mais ou menos na duração da humanidade. Os melhores cristãos desejavam que houvesse um fim o mais brevemente possível: - *não havia nenhuma dúvida* sobre aquilo que se fazia necessário ao indivíduo... A tarefa que agora se apresentava para todo indivíduo apresentava-se do mesmo modo para um indivíduo futuro em um futuro qualquer: o valor, o sentido, o âmbito dos valores era firme, absoluto, eterno, uno com Deus... Aquilo que se afastava desse tipo eterno era pecaminoso, diabólico, condenado...

O peso do valor residia, para toda alma, em si mesma: salvação ou condenação! A salvação da alma *eterna!* Forma mais extremada do *voltar-se para si mesmo* [*Verselbstung*]¹⁶⁶... Para toda alma havia apenas um único aperfeiçoamento; apenas um único ideal; apenas um único caminho para a salvação... Forma mais extremada da *igualdade de direitos*, ligada a uma amplificação óptica até o absurdo da própria importância... Uma profusão de almas absurdamente importantes voltadas para si mesmas com um temor horrível...

3.

Hoje, nenhum homem acredita mais nessa presunção absurda: e nós passamos a nossa sabedoria na peneira do desprezo. Apesar disso, permanece inabalado o *habito óptico* de buscar um valor do homem na aproximação com um *ideal de homem*: no fundo mantém-se de pé tanto a perspectiva do voltarse para si mesmo quanto os *direitos iguais perante o ideal*. *In summa: acreditase saber* qual é a *última desejabilidade* em relação ao ideal do homem...

Essa crença, porém, é apenas a consequência de uma imensa *deseducação* por meio do ideal cristão: é o que a cada vez se deduz imediatamente em todo exame criterioso do “tipo ideal”. Crê-se saber, *em primeiro lugar*, que o aproximar-se de um tipo seja desejável; *em segundo lugar*, acredita-se saber de que espécie seja esse tipo; em terceiro lugar, que todo desvio desse tipo seja um retrocesso, um obstáculo, uma perda de força e de poder por parte do homem... Imaginar uma situação em que esse *homem perfeito* possuiria a seu favor a imensa maioria numérica: nossos socialistas e mesmo os senhores utilitaristas não puderam voar mais alto. - Com isso parece advir um *alvo* no desenvolvimento da humanidade: em todo caso, a fé no *progresso para o ideal* é a única forma pela qual se pensa hoje uma espécie de *alvo* na história da humanidade. *In summa: trasladou-se o advento do “reino de Deus” para o futuro, sobre a Terra, para o humano, - mas, no fundo, manteve-se a fé no antigo ideal...*

Formas mais veladas do culto do ideal-moral cristão. - O conceito brando e covarde de “natureza”, que foi introduzido pelos fanáticos da natureza (- à parte de todos os instintos para o temível, inexorável e cínico, também dos aspectos “mais belos”), uma espécie de experimento de *colher* da natureza aquela “humanidade” cristã-moral, - o conceito rousseauiano de natureza,

como se “natureza” fosse liberdade, bondade, inocência, correção, justiça e *idílio*... sempre, no fundo, *um culto da moral cristã*...

- Reunir os lugares *que* os poetas realmente veneraram, por exemplo: as altas montanhas. - O que Goethe via nelas, - por que ele venerava Spinoza -. Perfeita *ignorância* das pressuposições desse *culto*...

- O *conceito brando e covarde de “homem”* à la Comte e Stuart Mill, talvez até mesmo um objeto de culto... Trata-se sempre novamente do culto da moral cristã sob um novo nome... Os livres pensadores, por exemplo: Guyau.¹⁶⁷

- O *conceito brando e covarde de “arte”* como simpatia por todos os sofredores e malsucedidos (mesmo a *história*, por exemplo, de Thierry):¹⁶⁸ trata-se sempre novamente do culto do ideal-moral cristão.

- E até mesmo todo o *ideal socialista* nada mais é do que um grosseiro mal-entendido em relação àquele ideal-moral cristão.

A origem do ideal. Investigaçāo do solo no qual ele cresce.

A. Partir dos estados “estéticos” nos quais o mundo é *visto* mais pleno, mais redondo, *mais perfeito* -: o ideal *pagão*: nele dominando a autoafirmação (*doa-se* -). O tipo supremo: o ideal *clássico* - como expressão de um ser que é bem constituído *de todos* os instintos principais. - Nele, por sua vez, o estilo supremo: *o grande estilo*. Expressão da “vontade de poder” ela mesma (o instinto mais temido *ousa declarar-se partidário*)

B. Partir dos estados nos quais o mundo é *visto* mais vazio, mais pálido, mais emagrecido, nos quais a “espiritualização” e a ausência de sensibilidade ocupam o posto da perfeição, nos quais se evita o brutal, o diretamente animalesco e o mais próximo - *desconta-se, seleciona-se* -: o “sábio”, “o anjo”

(sacerdotal = virginal = ignorante), característica fisiológica de tais “idealistas”...

o ideal *anêmico*: em certas circunstâncias, o ideal de tais naturezas pode ser o que *representar* o primeiro ideal, o ideal pagão (: assim Goethe vê em Spinoza o seu “santo”).

C. Partir de estados nos quais sentimos o mundo mais absurdo, pior, mais miserável, mais enganoso, enquanto nós ainda desejamos ou suspeitamos nele o ideal - *nega-se, aniquila-se* -: a projeção do ideal no que é contra o natural, contra o factual e o lógico. O estado desse que assim julga (- o “empobrecimento” do mundo como uma consequência do sofrimento: *toma-se, não mais se dá* -): o *ideal antinatural*.

(O *ideatl cristão* é uma *configuração intermediária* entre o segundo e o terceiro, dominando ora com esta, ora com aquela feição.)

Os três *ideais*: A. Ou um *fortalecimento* da vida (*ideal pagão*), ou B. um *emagrecimento* da vida (*ideal anêmico*), ou C. uma *renegação* da vida (*ideal antinatural*). A “divinização” é sentida: na suprema plenitude - na escolha mais delicada - na destruição da vida e no desprezo por ela.

O tipo *consequente*. Aqui se comprehende que também o mal não é para ser odiado, que não cabe contrapor-se a ele e que também não se deve fazer guerra contra si mesmo: que não se suporta apenas o sofrimento que uma tal práxis traz consigo; que se vive totalmente nos sentimentos *positivos*; que se toma o partido do adversário em palavra e ato; que por meio de um excesso dos estados pacíficos, benévolos, conciliatórios, solícitos e afetuosos se empobrece o solo de outros estados..., que se tem necessidade de uma *práxis contínua*. *O que aqui é alcançado?* - O tipo budista ou a *vaca perfeita*.

Esse ponto de vista só é possível caso não impere nenhum fanatismo moral, ou seja, caso o mal não seja odiado por si mesmo, mas antes apenas

porque abre caminho para os estados que nos fazem mal (inquietude, trabalho, preocupação, complicação, dependência).

Tal é o ponto de vista do *budismo*: aqui não se odeia o pecado, aqui falta mesmo o conceito de “pecado”.

*

O tipo *inconsequente*: faz-se guerra contra o mal - crê-se que a guerra *pelo bem* não teria a consequência de caráter e moral que a guerra costuma trazer consigo (e em virtude da qual detesta-se a guerra como um *mal*). De fato, uma tal guerra contra o mal perverte muito mais a fundo do que qualquer inimizade de pessoa para pessoa; e intercala-se de ordinário até mesmo “a pessoa” como um adversário ao menos imaginário (o diabo, o espírito mau etc.). O comportamento hostil, a observação e espionagem contra tudo o que em nós é mau e poderia ser de uma origem má termina com a disposição a mais inquieta e torturante: de modo que agora “milagre”, recompensa, êxtase e solução no além se tornam *desejáveis*... O tipo cristão: ou *o perfeito beato*.

*

O tipo *estoico*. A firmeza, o autodomínio, a imperturbabilidade, a paz como inflexibilidade de uma longa vontade - a tranquilidade profunda, o estado defensivo, a montanha, a desconfiança belicosa - a firmeza dos princípios; a unidade de *vontade e saber*; a alta consideração diante de si. Tipo ermitão. O perfeito “touro”.

Um ideal, que se quer impor ou ainda afirmar, busca apoiar-se a) por meio de uma origem *espúria*, b) por meio de um pretenso parentesco com poderosos ideais já existentes, c) por meio do arrepião do mistério, como se

aqui se pronunciasse um poder indiscutível, d) por meio da difamação dos ideais contrários, e) por meio de uma doutrina mentirosa do *privilégio* que ele traz consigo, por exemplo: felicidade, tranquilidade da alma, paz ou também auxílio de um Deus todo-poderoso etc. - Para a psicologia do idealista: Carlyle, Schiller, Michelet.¹⁶⁹

Descobre-se uma medida totalmente defensiva e preventiva com a qual se mantém um ideal: com isso ele é *refutado*? Ele empregou os meios mediante os quais todo vivente vive e cresce, - estes são, todos eles, “imorais”.

Meu entendimento: todas as forças e impulsos graças aos quais há vida e crescimento são *atestados* mediante o seu *banimento pela moral*: moral como instinto de negação da vida. Deve-se aniquilar a moral para libertar a vida.

344

Não se conhecer a si mesmo: a esperteza dos idealistas. O idealista: um ser que tem certas razões para permanecer na escuridão em relação a si mesmo e é bastante inteligente para também permanecer na escuridão em relação a essas razões.

345

Tendência do desenvolvimento moral. Cada um deseja que nenhuma outra doutrina e afeição das coisas chegue a se impor além daquela na qual ele mesmo se sai bem. *Tendência fundamental, em consequência da fraqueza e mediocridade de todos os tempos, de enfraquecer e rebaixar os mais fortes: principal recurso do juízo moral.* O comportamento dos mais fortes em relação aos mais fracos é estigmatizado; os estados superiores do mais forte recebem designações depreciativas.

A luta dos muitos contra os poucos, dos tipos ordinários contra os raros, dos fracos contra os fortes - uma de suas mais sutis interrupções é aquela em

que os eleitos, finos, exigentes se apresentam como os fracos e repelem os meios mais grosseiros do poder -

346

1. O pretenso puro impulso de conhecer, de todos os filósofos, é comandado por suas “verdades” morais, - só em aparência ele é independente...

2. As “verdades morais”, “*deve-se agir assim*”, são meras formas de consciência de um instinto que se enche de fadiga, “entre nós age-se desse ou daquele modo”. O “ideal” deve restabelecer, fortalecer um instinto: ele lisonjeia o homem por ser obediente ali onde ele não passa de um autômato.

347

Moral como meio de sedução. - “A natureza é boa, pois um Deus bom e sábio é sua causa. A quem cabe então a responsabilidade pela ‘corrupção do homem’? A seus tiranos e sedutores, às classes dominantes - deve-se aniquilá-las” -: a lógica de *Rousseau* (comparar com a lógica de *Pascal*, que faz derivar isso do pecado original).

Compare-se com a lógica, que lhe é aparentada, de *Lutero*: em ambos os casos busca-se um subterfúgio para se introduzir uma necessidade de vingança insaciável como *uma obrigação de ordem moral-religiosa*. O ódio contra a classe regente busca *santificar-se...* (o “caráter pecaminoso de Israel”: base para o poderio dos sacerdotes).

Compare-se com a lógica, que lhe é aparentada, de *Paulo*: essas reações sempre entram em cena sob o patrocínio da causa de Deus, da causa do direito, da humanidade etc. (com relação a *Cristo*, o júbilo popular manifesta-se como causa de sua execução; um movimento, por princípio, antissacerdotal) (- mesmo nos *antisemitas* trata-se sempre da mesma

habilidade: castigar o adversário com censuras morais e reservar para si o papel da *justiça punitiva*)

348

Consequência do combate: o combatente busca transformar o adversário em seu par antagônico, - em sua representação, naturalmente. - Busca acreditar em si até o ponto de acreditar que possa ter o ânimo da “boa causa” (como se ele fosse a própria *boa causa*): como se fossem combatidos a razão, o gosto, a virtude do adversário... A fé de que ele tem necessidade como meio agressivo e defensivo mais poderoso é uma *fé em si*, a qual, porém, sabe entender-se mal como fé em Deus - jamais imaginar a vantagem e a utilidade da vitória, mas antes sempre apenas a vitória pela vitória, como “vitória de Deus” -. Toda pequena sociedade que está em combate (mesmo os indivíduos) busca persuadir-se: “*nós temos o bom gosto, o bom juízo e a virtude por nós*”... O combate força a um tal *exagero da autoestima*...

349

Qualquer que seja o *ideal bizarro* que se siga (por exemplo, como “critão” ou “espírito livre” ou “imoralista” ou como alemão do “Reich”¹⁷⁰ -), não se deve exigir que ele seja *o ideal*: pois com isso tira-se-lhe a prerrogativa e o caráter de privilégio. Deve-se tê-lo a fim de distinguir-se, *não* a fim de igualar-se.

Apesar disso, como sucede que a maioria dos idealistas faça imediatamente propaganda do seu ideal, como se não pudesse ter nenhum direito sobre ele, caso nem *todos* o reconhecessem?... Isso é o que fazem, por exemplo, todas aquelas valentes mulherzinhas que tomam a peito aprender latim e matemática. O que as força a isso? Receio que o instinto de rebanho, o temor perante o rebanho: elas lutam pela “emancipação da mulher”

porque conseguem, do modo o mais esperto possível, o seu pequeno separatismo privado, dissimulando-o sob a forma de uma *atividade generosa*, sob a bandeira do “*pelos outros*”.

É uma *esperteza* dos idealistas que eles sejam tão somente missionários e representantes de um ideal: com isso, eles se “transfiguram” aos olhos daqueles que creem em desinteresse e heroísmo. Enquanto o verdadeiro heroísmo reside no fato de que não se combata sob a bandeira do sacrifício, da abnegação e do desinteresse, mas antes que *simplesmente não se combata...* “Assim sou *eu*; assim mesmo *eu* quero ser: - e ide ao diabo vós todos!”

350

Todo ideal pressupõe *amor* e *ódio*, *veneração* e *desprezo*. O *primum mobile*¹⁷¹ ou é o sentimento positivo ou o negativo. *Ódio* e *desprezo* são, por exemplo, o *primum mobile* em todos os ideais do ressentimento.

[B. Crítica do “homem bom”, do santo etc.]

351

O *homem bom*. Ou: a *hemiplegia da virtude*. - Em todas as espécies de homens fortes e que permaneceram natureza, amor e ódio, gratidão e vingança, bondade e cólera, dizer-sim e dizer-não pertencem um ao outro. Não se é bom senão ao preço de também saber ser mau; e sem ser mau não se saberia ser bom. De onde provém aquela doença e não natureza ideológica que rejeita essa duplicidade -, que ensina como, sendo superior, ser capaz só pela metade? De onde provém a hemiplegia da virtude, que é uma invenção do homem bom? A exigência dirige-se a que o homem se castre daqueles instintos que podem torná-lo hostil, daninho, colérico, buscar vingança... A essa não natureza corresponde então aquela concepção

dualista de um ser meramente bom e de um ser meramente mau (Deus, espírito, homem), sendo que ao primeiro são somadas todas as forças, intenções e estados positivos e ao último todas as forças, intenções e estados negativos. - Uma tal maneira de avaliar crê-se, com isso, “idealista”; ela não hesita em postular uma suprema desejabilidade na concepção “do bem”. Dirigindo-se ao seu apogeu, figura, então, para si um estado no qual todo o mal se encontra anulado e no qual, em verdade, restaram apenas as criaturas boas. Portanto, ela não toma nem uma vez por constituído que aquela oposição de bem e mal se condicione reciprocamente; pelo contrário, o último deve desaparecer e o primeiro deve permanecer; um deles tem direito de ser, já o outro *não deveria absolutamente existir...* O que, nesse caso, propriamente se deseja? —

Em todos os tempos, em especial nos tempos cristãos, empregou-se muito esforço para reduzir o homem a essa *capacidade hemiplégica* e ao “bem”: ainda hoje não faltam os desvirtuados e *debilitados* pela Igreja, para os quais esse intuito coincide com a “humanização” em geral ou com a “vontade de Deus” ou com a “salvação da alma”. Coloca-se aqui, como exigência essencial, que o homem nada faça de mau; em hipótese alguma prejudique ou mesmo *queira* prejudicar... Como caminho para isso recomenda-se: a castração de toda possibilidade de inimizade, a extração de todos os instintos do ressentimento e o mal crônico da “paz da alma”.

Essa maneira de pensar, com a qual cultiva-se um determinado tipo de homem, procede de uma pressuposição absurda: toma o bem e o mal como realidades que estão em contradição entre si (*não* como conceitos de valor complementares, o que seria a verdade), aconselha que se tome o partido do bem, exige que o bem renuncie e resista ao mal até a última raiz, - *ela nega com isso realmente a vida*, a qual possui em todos os seus instintos tanto o sim quanto o não. Não que ela conceba isso: ela sonha, ao contrário,

regressar à totalidade, à unidade e à força da vida: imagina-se tudo isso como um estado de redenção, quando finalmente a própria anarquia interna, a inquietação entre dois estímulos de valores contrapostos, chega ao fim. - Talvez não tenha havido até hoje nenhuma ideologia mais perigosa, nenhum abuso maior *in psychologicis* do que essa vontade para o bem: criou-se o tipo mais repugnante, o homem *não livre*, o beato, ensinou-se que apenas enquanto se é beato se está no verdadeiro caminho para a divindade, e que somente uma vida de beato é uma vida divina...

- E mesmo aqui ainda a vida tem razão - a vida que não sabe separar o sim e o não -: de que adianta sustentar com todas as forças a guerra contra o mal, não prejudicar e não dizer não! Faz-se, contudo, a guerra e não se pode agir de outro modo! O homem bom que renunciou ao mal, possuído, como lhe parece ser desejável, por aquela hemiplegia da virtude, não cessa de modo algum de fazer a guerra, de ter inimigos, de dizer não e de agir como um não. O cristão, por exemplo, odeia os “pecados”... e o que não é para ele “pecado”? Justamente por meio daquela fé em uma oposição moral de bem e mal, o mundo ficou para ele repleto de coisas odiosas e do que se deve combater eternamente. “O bem” aparece rodeado pelo mal, sob o contínuo assalto do mal, ele aguça o seu próprio olho, descobre o mal por baixo de todos os seus pensamentos e aspirações: - então termina, como é lógico, compreendendo a natureza como mal, o homem como corrompido, o ser-bom como uma graça (quer dizer, como humanamente impossível). - *In summa: nega a vida*, entende o bem como um valor supremo que *condena a vida*... Com isso, sua ideologia de bem e mal devia, para ele, passar por refutada. Mas não se refuta uma doença... E assim ele concebe uma *outra vida!*...

No conceito de poder, seja o poder de um Deus, seja o de um homem, está sempre computada, ao mesmo tempo, a capacidade de *ser útil* e a capacidade de *prejudicar*. Assim é entre os árabes; assim é entre os hebreus. Assim é em todas as raças fortes.

É um passo funesto quando *se separa de modo dualista* a força para um da força para o outro... Com isso a moral torna-se a envenenadora da vida...

353

Para a crítica do homem bom. - Honestidade, dignidade, sentimento do dever, justiça, humanidade, honradez, retidão, boa consciência - são realmente, com essas palavras bem sonantes, propriedades por si mesmas afirmadas e aprovadas? Ou, antes, não se trata aqui de estados e propriedades indiferentes quanto ao seu valor em si e que só ganham valor colocados sob certo ponto de vista? - Residirá o valor dessas propriedades nelas mesmas ou na utilidade e vantagem que delas se seguem (que parecem seguir-se, que se espera que se sigam)?

Naturalmente, não penso aqui em uma oposição de *ego* e *alter* na apreciação: a pergunta é, antes, se as *consequências* são uma tal oposição, seja para os portadores dessas propriedades, seja para os que os cercam, sociedade, “humanidade”, em virtude da qual essas propriedades devem ter valor: ou se elas têm valor em si mesmas... Perguntando de outro modo: é a *utilidade* que manda negar, condenar e combater as propriedades contrárias (- não confiabilidade, falsidade, excentricidade, incerteza de si mesmo, inumanidade -)? O que se condensa é a essência de tais propriedades ou apenas as suas consequências? - Dito de outro modo: seria *desejável* que não existissem homens com essas segundas propriedades? - *Em todo caso é nisso que se acredita...* mas aqui finca-se o erro, a vista curta e a estreiteza do *egoísmo pequeno*.

Expresso de outro modo: seria desejável criar estados nos quais todo o privilégio estivesse do lado dos honestos - de tal maneira que as naturezas e os instintos contrários fossem desencorajados e lentamente se extinguissem?

- Isso, no fundo, é uma questão de gosto e de *estética*: seria desejável que a espécie de homem “a mais respeitável”, isto é, a mais monótona, fosse a única a se manter? Os tetragonais, os virtuosos, os pequeno-burgueses, os honestos, os retos, os “touros”?

- Abstraindo-se da enorme multidão de “outros”, o homem honesto não tem sequer uma única vez um maior direito à existência: ele não é mais necessário do que ninguém - e aqui se percebe que apenas a utilidade grosseira é que levou a honrar uma tal *virtude, insuportável*.

A deseabilidade talvez resida, justamente, do lado contrário: criar estados nos quais o “homem honesto” fosse rebaixado à modesta posição de um “instrumento útil” - como o “animal de rebanho ideal”, na melhor das hipóteses, pastor de rebanho: em suma, estados nos quais ele não mais chegasse a estar na ordem superior -: a qual exige *outras propriedades...*

354

O “homem bom” *como tirano*. - A humanidade repete sempre o mesmo erro: o erro de fazer de um meio para a vida uma *norma* para a vida, e de, em vez de encontrar a medida na suprema intensificação da vida ela mesma, no problema do crescimento e do esgotamento, empregar os *meios* de uma vida inteiramente determinada para a exclusão de todas as outras formas da vida, em suma: para a crítica e seleção da vida -: quer dizer, o homem quer finalmente os meios por eles mesmos e esquece-os como meios: a tal ponto que eles agora aparecem na consciência dele como fins e como critério dos fins...: quer dizer, uma *determinada espécie de homem* trata as suas condições de existência como condições que se devem legitimamente impor, como “verdade”, “bem”, “perfeição”: ela *tiraniza...*: é uma *forma de crença*, de

instinto, que uma espécie de homem não veja o caráter condicionado de sua própria espécie, a sua relatividade em comparação com as outras -: parece, pelo menos, que uma espécie de homem chega ao fim (povo, raça) quando ela se torna tolerante, concede direitos iguais e não pensa mais em querer ser senhor -

355

- “As pessoas boas são todas fracas: elas são boas porque não são fortes o bastante para serem más” - disse o chefe *latuka* Comorro a Baker.¹⁷²

*

“Para corações fracos não há nenhuma infelicidade” - diz-se na Rússia.

356

Modesto, diligente, benévolos, moderados: é assim que quereis o homem? o *homem bom*? Mas este me parece apenas o escravo ideal, o escravo do futuro.

357

A metamorfose da escravidão; seu disfarce sob o manto religioso; sua transfiguração pela moral.

358

O *escravo ideal* (o “homem bom”). - Quem não pode se postular como “fim” nem pode em geral postular um fim a partir de si, este dá as honras - instintivamente - à moral da *expropriação*. Tudo o persuade para ela: sua inteligência, sua experiência, sua vaidade. E mesmo a fé não passa de uma expropriação.

*

Atavismo: sentimento delicioso, o de poder obedecer por uma vez absolutamente.

*

Diligência, modéstia, bondade, moderação são outros tantos *obstáculos* ao modo de pensar soberano, à grande *inventividade*, à heroica colocação de fins, ao nobre ser-para-si.

*

Não se trata de um *ir adiante*- (- com isso se é, no melhor dos casos, pastor, isto é, o escalão superior do rebanho), mas antes de um *poder-ir-por-si*, de um *poder-ser-de-um-outro-modo*.

359

Deve-se acrescentar que tudo se amontoara como consequência da suprema idealidade moral: como quase todos os *demais valores* haviam se cristalizado em torno do ideal. Isso prova que ela foi *de há muito e intensamente desejada*, - que ela não foi alcançada: pois, do contrário, teria *desapontado* (respectivamente, teria trazido consigo uma valoração mais moderada).

O santo como a *espécie mais poderosa* de homem -: essa ideia elevou bastante o valor da perfeição moral. Deve-se levar em conta que todo o conhecimento junto esforça-se para provar que o homem *moral* é o *mais poderoso e o mais divino*. - A subjugação dos sentidos, dos desejos - tudo provocava *temor...* o antinatural manifestou-se como *sobrenatural*, como *além...*

360

Francisco de Assis: apaixonado, popular, poeta, combate contra a hierarquia das almas em favor dos mais humildes. Negação da hierarquia das almas - “todos são iguais perante Deus”.

O ideal popular: o homem bom, o altruísta, o santo, o sábio, o justo. Oh, Marco Aurélio!

361

Declarei guerra ao anêmico ideal-cristão (junto com tudo aquilo que com ele é proximamente aparentado), não com o propósito de aniquilá-lo, mas antes apenas para dar cabo de sua *tirania* e obter um lugar livre para novos ideais, para ideais *mais robustos...* A *continuação* do ideal cristão pertence às coisas mais desejáveis que existem: e já por causa dos ideais que junto a ele, e talvez por sobre ele, querem se fazer valer - eles devem possuir adversários, e adversários fortes, para se *fortalecer*. - Assim, nós, imoralistas, precisamos do *poder da moral*: nosso impulso de autoconservação quer que nossos adversários permaneçam com força, - ele só quer tornar-se *senhor sobre eles*.

[C. Da difamação das assim chamadas más propriedades]

362

O egoísmo e seu problema! O obscurantismo cristão em Larocheftoucauld, que por toda parte o deslocava [*herauszog*] e fazia com que *acreditasse diminuído* o valor das coisas e das virtudes! Eu, pelo contrário, busquei, antes de tudo, demonstrar que não *poderia* haver absolutamente nada de outro senão egoísmo, - que para os homens, nos quais o ego tornou-se fraco e frouxo, também a força do grande amor enfraqueceu, - que os maiores amantes o são, sobretudo, pela força do ego, - que o amor é uma expressão do egoísmo etc. A falsa estima visa, na verdade, ao interesse: i. daqueles aos quais serve e ajuda, o rebanho; 2. encerra uma desconfiança pessimista

contra o fundamento da vida; 3. gostaria de negar os homens mais bem-sucedidos e exuberantes; temor; 4. quer conceder direito aos subalternos contra os vitoriosos; 5. comporta uma má-fé universal e justamente nos homens mais valorosos.

363

O homem é um egoísta mediano: mesmo o mais inteligente considera o seu hábito como algo mais importante do que aquilo que lhe é vantajoso.

364

Egoísmo! Mas ninguém ainda perguntou: *qual ego?*! Mas, antes, cada um equipara arbitrariamente o ego a cada ego. Essas são as consequências da teoria típica de escravos do sufrágio universal e da “igualdade”.

365

A ação de um homem superior é indescritivelmente *múltipla* em suas motivações: com uma palavra qualquer, como “compaixão”, não se diz *absolutamente nada*. Mais essencial é o sentimento “quem sou eu? quem é o outro em relação a mim?” - juízo de valor que atua continuamente.

366

Que a história do conjunto dos fenômenos da moralidade se deixe simplificar tanto, como Schopenhauer acreditava - a saber: de modo que a *compaixão* seja reencontrada como raiz de todo movimento moral atual - a esse grau de absurdo e ingenuidade só poderia chegar um pensador que fosse despojado de todo instinto histórico e que, de maneira surpreendente, tivesse escapado àquela fortíssima instrução para a história que os alemães tiveram de aguentar de Herder a Hegel.

367

Minha “compaixão”. - Esse é um sentimento para o qual nenhum nome me satisfaz; sinto-o quando vejo um desperdício de capacidades preciosas, por exemplo: na contemplação de Lutero: quanta força e quantos problemas insípidos de campônios ermitões! (num tempo em que, na França, já era possível o ceticismo valente e jovial de um Montaigne!) Ou quando eu, por meio da influência de um estúpido acaso, vejo alguém ficar aquém daquilo que teria podido ser. Ou mesmo em um pensamento sobre a sorte da humanidade, como quando, com angústia e desprezo, observo por um momento a política europeia de hoje, a qual trabalha, em todo caso, na tessitura *de todo o futuro* do homem. Sim, o que poderia ser “do homem”, se —! Essa é a minha espécie de “compaixão”; se já não há nenhum sofredor com quem eu então sofresse.

368

A compaixão é um desperdício de sentimento, um parasita daninho da saúde moral, “não pode haver um dever de aumentar o mal no mundo”. Quando se faz o bem meramente por compaixão, então não se faz bem ao outro, mas a si mesmo. A compaixão não repousa sobre máximas, mas antes sobre afetos; é algo patológico. O sofrimento estranho nos contamina. A compaixão é uma contaminação.

369

Não há nenhum egoísmo que se detenha em si e não se propague, - não há, por consequência, absolutamente aquele egoísmo autorizado e “moralmente indiferente” de que falais.

“Fomenta-se sempre o seu eu à custa do dos outros”; “Uma vida vive sempre às expensas de outra vida” - quem não comprehende isso ainda não deu, consigo mesmo, o primeiro passo para a honestidade.

O “sujeito” é apenas uma ficção: simplesmente não existe o ego de que se fala quando se censura o egoísmo.

O “eu” (o qual *não* faz um com a administração unitária de nosso ser!) é apenas uma síntese conceitual - não há, portanto, nenhuma ação por “egoísmo”.

Como toda pulsão é ininteligente, assim a “utilidade” não é de modo algum um ponto de vista para ela. Toda pulsão, enquanto está atuante, sacrifica força e outras pulsões: ela é finalmente tolhida; caso contrário, arruinaria tudo, por puro desperdício. Portanto: o “não egoístico”, sacrificador, imprudente não é nada especial - é comum a todas as pulsões -, elas não pensam no proveito do *ego* como um todo (*pelo simples fato de que não pensam!*), agem contra o nosso benefício, contra o *ego* e, muitas vezes, *pelo* *ego* - e em ambos os casos são inocentes!

Origem dos valores morais. - O egoísmo é tão valioso quanto é fisiologicamente valioso aquele que o tem.

Cada indivíduo é ainda a linha total do desenvolvimento (e não apenas, como o [concebe] a moral, algo que começa com o nascimento): caso ele represente a ascensão da linha-homem, então o seu valor é de fato extraordinário; e o cuidado com a conservação e a proteção do seu crescimento deve ser extremo. (É o cuidado do futuro, que nele é promissor, que confere ao indivíduo bem-sucedido um tão extraordinário direito ao egoísmo.) Caso represente a linha descendente, a decadência, o adoecimento

crônico: competelhe então pouco valor: e a equidade primeira é a de que ele roube o mínimo possível de espaço, força e raio de sol ao bem-sucedido. Nesse caso, a sociedade tem por incumbência a *restrição do egoísmo* (- que por vezes revela-se absurdo, doentio e rebelde -): quer se trate de um indivíduo, quer de todo um estrato do povo que definha e degenera. Uma doutrina e religião do “amor”, da *restrição* da autoafirmação, do tolerar, suportar, ajudar, da reciprocidade em ação e palavra, pode ser de valor superior no interior de tais estratos, mesmo vista com os olhos dos dominantes: pois ela detém os sentimentos da rivalidade, do ressentimento, da inveja, que são sentimentos por demais naturais dos malsucedidos, ela diviniza para eles mesmos, sob o ideal da humildade e da obediência, o ser escravo, o ser dominado, o ser pobre, o ser doente, o estar por baixo. Daí resulta o porquê de as classes (ou raças) e indivíduos dominantes terem mantido de pé o culto ao altruísmo, o evangelho dos de baixo, o “Deus na cruz”.

A preponderância de um modo de valoração altruísta é a consequência de um instinto para o ser-falho. O juízo de valor fala aqui por razões invertidas: “eu não sou muito valioso”: um mero juízo de valor fisiológico, ainda mais claramente: o sentimento de impotência, da falta dos grandes sentimentos de poder afirmativos (nos músculos, nos nervos, nos centros do movimento). Esse juízo de valor traduz-se, sempre segundo a cultura desses estratos, em um juízo moral ou religioso (- o predomínio de juízos religiosos e morais é sempre um sinal de cultura inferior -): busca fundamentar-se em esferas a partir das quais o conceito de “valor” lhes é, em geral, conhecido. A interpretação com a qual o pecador cristão acredita entender-se é uma tentativa de *legitimar* a falta de poder e autoconfiança: prefere achar-se culpado a sentirse mal a troco de nada: empregar em geral interpretações dessa espécie é um sintoma de decadência. Nos outros casos, o malsucedido

não busca a razão desse sentir-se mal em sua “culpa” (como o cristão), mas antes na sociedade: o socialista, o anarquista, o niilista, - enquanto eles sentem sua existência como algo de que alguém deve ser *culpado*, eles são com isso os parentes mais próximos do cristão, o qual também acredita suportar melhor o sentir-se mal e falhado quando encontrou alguém a quem possa fazer *responsável* por isso. O instinto da *vingança* e do *ressentimento* manifesta-se aqui como meio de resistência, como instinto de autoconservação: tanto quanto a preferência dada à teoria e à práxis *altruistas*. O ódio ao *egoísmo*, seja ao próprio egoísmo (como entre os cristãos), seja ao egoísmo de estranhos (como entre os socialistas), resulta, desse modo, como um juízo de valor sob o predomínio da vingança; por outro lado, como uma prudência da autoconservação dos sofredores por meio do aumento de seus sentimentos de reciprocidade e solidariedade... Por fim, como já se aludiu, também aquela descarga do ressentimento no julgamento, condenação e castigo do egoísmo (do próprio ou do alheio) é ainda, nos malsucedidos, um instinto de autoconservação. *In summa*: o culto ao *altruísmo* é uma forma específica do *egoísmo*, que entra em cena regularmente sob determinadas pressuposições fisiológicas.

Quando o socialista, com uma bela indignação, exige “justiça”, “direito”, “direitos iguais”, está apenas sob a pressão de sua cultura insuficiente, a qual não sabe conceber por que ele sofre: por outro lado, ele tem prazer com isso; - se estivesse melhor, então se guardaria de gritar assim: então encontraria em outra parte o seu prazer. O mesmo vale para o cristão: ele condena, difama e amaldiçoa o mundo, - e não se exclui disso. Mas isso não é nenhuma razão para levar a sério a sua gritaria. Em ambos os casos, estamos sempre ainda entre doentes, aos quais *faz bem* gritar, para os quais a calúnia representa um alívio.

Toda sociedade possui a tendência de rebaixar os seus adversários até a *caricatura* e de deixá-los à míngua - ao menos em sua *representação*. Uma tal caricatura é, por exemplo, o nosso “*criminoso*”. No meio da ordem de valores aristocrática romana, o *judeu* foi reduzido à caricatura. Entre os artistas, o “pequeno-burguês e o *bourgeois*” é que são reduzidos à caricatura; entre devotos, os ateus; entre aristocratas, o homem do povo. Entre imoralistas, o moralista: Platão, por exemplo, foi reduzido por mim à caricatura.

375

Todas as pulsões e poderes que são *louvados* pela moral resultam para mim como sendo essencialmente *idênticos* àqueles que ela difama e repudia: por exemplo, justiça como vontade de poder, vontade de verdade como meio da vontade de poder.

376

A *interiorização* do homem. Surge a interiorização quando pulsões poderosas que, com a instituição da paz e da sociedade, já não podem ser descarregadas para o exterior buscam compensar-se para dentro, em união com a imaginação. A necessidade de inimizade, crueldade, vingança e violência dá meia-volta, “retrocede”; no querer conhecer há um cobiçar e conquistar; no artista entra em cena a força reprimida da dissimulação e do mentir; as pulsões são transfiguradas em demônios aos quais se dá combate etc.

377

A falsidade. - Todo *instinto soberano* faz dos outros seus instrumentos, sua corte e seus aduladores: não se deixa nunca nomear por seu nome *indigno*: e não tolera *outros* ditos elogiosos, nos quais não seja louvado *indiretamente*. Em torno a todo instinto soberano cristalizam-se em geral todo louvor e

toda censura em uma ordem fixa e em uma etiqueta. - Essa é *uma* das causas da falsidade.

Todo instinto que aspira ao domínio, mas que se encontra sob um jugo, necessita para si, para o apoio de sua dignidade própria e para o fortalecimento, de todos os nomes belos e de todos os valores *reconhecidos*: de modo que ele geralmente se atreve a comparecer sob o nome do “senhor” que ele combate e do qual ele quer se ver livre (por exemplo, sob o domínio dos valores cristãos, o desejo carnal ou o desejo de poder). Essa é a *outra* causa da falsidade.

Em ambos os casos *domina uma perfeita ingenuidade*: a falsidade *não* adentra a consciência. É um sinal de instinto *destroçado* quando o homem vê *separadas* a pulsão e a sua “expressão” (“a máscara”) - um sinal de autocontradição e bem pouco triunfante. A absoluta *inocência* no gesto, na palavra e no afeto, a “boa consciência” na falsidade, a segurança, com as quais as pessoas se apegam às maiores e mais excelentes palavras e posições - tudo é necessário para a vitória.

Em *outro* caso: na *extrema clarividência*, precisa-se, para vencer, de um *gênio de ator* e de um imenso cultivo do autodomínio. Por isso um sacerdote é o hipócrita *consciente* mais habilidoso; em seguida vêm os príncipes, os quais cultivam uma espécie de jogo de cena já por sua ascendência e posição. Em terceiro lugar vêm os homens de sociedade e os diplomatas. Em quarto, as mulheres.

Pensamento fundamental: a falsidade parece tão profunda, tão universal, a *vontade* é de tal maneira dirigida contra o autoconhecer-se diretamente e o chamar-pelos-nomes, que a *suspeita* de que *verdade, de que vontade de verdade* seja algo inteiramente diverso e também apenas uma *roupagem* tem *uma grande verossimilhança*. (A *necessidade de crer* é o *maior empecilho à veracidade*.)

“Não deves mentir”: exige-se veracidade. Mas o reconhecimento do que é de fato (o não-se-deixar-mentir) deu-se justamente, no mais alto grau, entre os mentirosos: eles reconheceram precisamente também a *irrealidade* dessa “veracidade” popular. Fala-se constantemente demais ou de menos: é uma ingenuidade a exigência de *se desnudar* com as palavras que se usam.

Diz-se o que se pensa, só se é “verdadeiro” *sob condições prévias*: a saber, sob a condição de ser *compreendido (interpares)*,¹⁷³ e na verdade sob a condição de ser compreendido com benevolência (*mais uma vez, inter pares*). Ante o *estranho*, nós nos ocultamos: e quem quer conseguir algo diz o que quer que outros pensem de si, mas *não* o que pensa. (O “poderoso mente sempre”.)

A grande falsificação niilista sob o abuso sagaz dos valores morais:

- a) Amor como despersonalização; e igualmente compaixão.
- b) Apenas o *intelecto despersonalizado* (“o filósofo”) conhece a *verdade*, “o ser verdadeiro e essência das coisas”.
- c) O gênio, os *grandes homens* são *grandes* porque não buscam a si mesmos nem seus negócios: o *valor* do homem *cresce* à proporção que ele se nega.
- d) A arte como obra do “puro sujeito livre de vontade”; mal-entendido a respeito da “objetividade”.
- e) *Felicidade* como fim da existência; *virtude* como meio para o fim.

A condenação pessimista da vida em Schopenhauer é uma transposição *moral* dos critérios do rebanho para a metafísica.

O “indivíduo” é absurdo; dando-se a ele, em consequência, uma origem no “em-si” (e uma significação de sua existência como extravio); os pais são

apenas uma “causa ocasional”.

Ele se vinga com o fato de que o indivíduo não foi compreendido pela ciência: o indivíduo é *toda a vida até aqui em uma linha única*, e *não* o seu *resultado*.

380

1. A *falsificação* de princípio *da história* [*Geschichte*], a fim de que ela fornecesse a *prova* para a valoração moral.

- a) Derrocada de um povo e a corrupção;
- b) Ascensão de um povo e a virtude;
- c) Ponto culminante de um povo (“sua cultura”) como consequência da elevação moral.

2. A falsificação de princípio dos *grandes homens*, dos *grandes criadores*, das *grandes épocas*:

tenciona-se que a *fé* seja o sinal distintivo dos grandes: mas a despreocupação, o ceticismo, a “imoralidade”, a licença para poder desembaraçar-se de uma crença pertencem à grandeza (César, Frederico o Grande, Napoleão, mas também Homero, Aristófanes, Leonardo, Goethe - abafa-se invariavelmente o ponto principal, a saber: a “liberdade do querer” que lhes é própria -)

381

Uma grande *mentira* na historiografia [*Historie*]: como se a *causa* da Reforma tivesse sido a *corrupção da Igreja*; ela foi apenas o pretexto, o autoengano por parte de seus agitadores - havia fortes necessidades cuja brutalidade precisava grandemente de um encobrimento espiritual.

382

Schopenhauer interpretou a alta intelectualidade como um *desprendimento* da vontade; ele não quis ver o tornar-se livre dos preconceitos morais presente no desencadeamento do grande espírito, a *imoralidade* típica do gênio; postulou artificialmente aquilo que somente

distingua com honras: o valor moral da “expropriação”, também como condição da atividade espiritual, do olhar-“objetivo”. “Verdade”, também na arte, distingue-se pela abstração da vontade...

Por meio de toda idiossincrasia moral *eu* vejo uma *valoração fundamentamente distinta*: semelhante separação absurda de “gênio” e mundo-da-vontade [*Willens-Welt*], de moral e imoral é *o que eu não conheço*. O homem moral é uma espécie inferior em relação ao homem imoral, uma espécie mais fraca; sim - ele é, segundo a moral, um tipo, só que não o seu próprio tipo; uma cópia, uma boa cópia em todo caso, - a medida do seu valor reside *fora* dele. Eu estimo o homem pelo *quantum de poder e plenitude de sua vontade*: não segundo a sua fraqueza e nulidade; considero uma filosofia que *ensina* a negação da vontade como uma doutrina do rebaixamento e da difamação...

Estimo o *poder* de uma vontade segundo quanto de resistência, dor e tortura ela suporta e sabe converter em vantagem para si; não condeno a existência pelo seu caráter mau e doloroso, mas, antes, sou pela esperança de que algum dia ela se tornará ainda pior e mais dolorosa do que tem sido até hoje...

O ponto culminante do espírito, imaginado por Schopenhauer, era chegar a conhecer que nada tem sentido, em suma, *conhecer* o que instinctivamente o homem bom já faz... Ele nega que possa haver espécies *mais elevadas* de intelecto - ele tomou o seu entendimento como um *non plus ultra*... Aqui a espiritualidade acha-se profundamente subordinada à bondade; seu valor supremo (como *arte*, por exemplo) seria preparar e aconselhar a conversão moral: domínio absoluto dos *valores morais*. -

Quero caracterizar *Kant* ao lado de Schopenhauer: nada de grego, absolutamente anti-histórico (passagem sobre a Revolução Francesa)¹⁷⁴ e

fanáticomoral (passagem de *Goethe* sobre o mal radical). Também nele a *santidade* constitui o pano de fundo...

Necessito de uma crítica do *santo*...

Valor de Hegel. “Paixão”.

Filosofia de comerciante do senhor Spencer:¹⁷⁵ perfeita ausência de um ideal, exceto aquele do homem mediano.

Instinto fundamental de todos os filósofos, historiadores e psicólogos: é preciso que tudo aquilo que é *valioso* no homem, arte, história, ciência, religião, técnica, seja comprovado como *moralmente valioso*, como *moralmente condicionado* em alvo, meio e resultado. Compreender tudo tendo como referência o valor supremo: por exemplo, a pergunta de Rousseau sobre a civilização “terá o homem se tornado melhor por meio dela?” - uma pergunta cômica, pois o contrário é evidente, e é isso precisamente o que depõe *a favor* da civilização.

383

A *moral religiosa*. - O afeto, o grande desejo, as paixões do poder, do amor, da vingança, da propriedade -: os moralistas querem riscá-los, arrancá-los, “purificar” a alma em relação a eles.

A lógica é a seguinte: os desejos provocam amiúde uma grande calamidade, - por conseguinte, eles são maus, condenáveis. O homem deve conseguir livrar-se deles: antes disso, ele não pode ser um homem *bom*...

Trata-se da mesma lógica que: “se um membro te perturba, arranca-o fora”. No caso particular da irritabilidade sexual, com respeito ao qual aquele perigoso “inocente do campo”, o fundador do cristianismo, recomendou a seus discípulos essa práxis, lamentavelmente ela não significa apenas a falta de um membro, mas antes que o caráter do homem está *castrado*... E o mesmo vale da loucura-moralista, a qual, em lugar da domesticação, exige a

extirpação das paixões. Sua conclusão é invariavelmente a seguinte: somente o homem castrado é o homem bom.

Essa maneira de pensar, estreita e perniciosa, a maneira de pensar moral, em lugar de tomar a seu serviço e *economizar* o poder das grandes fontes de força, daquela torrente tempestuosa da alma, frequentemente tão perigosa e subjugadora, quer fazê-la *secar*.

384

Superação dos afetos? - Não, caso ela deva significar o enfraquecimento e o aniquilamento dos mesmos. *Mas antes se servir deles:* para tanto pode ser preciso tiranizá-los durante muito tempo (não só como indivíduo, mas como comunidade, raça etc.). Finalmente concede-se a eles novamente uma liberdade confiante: eles nos amam como bons servidores e vão de bom grado para onde quer ir o nosso melhor.

385

A *intolerância da moral* é uma expressão da *fraqueza* do homem: ele receia sua “imoralidade”, tem de *negar* as suas pulsões mais fortes, pois ainda não sabe utilizá-las. Assim, os mais frutíferos sulcos da terra se encontram há muito sem cultivo: - falta a força que aqui poderia comandar...

386

Há homens e povos inteiramente ingênuos que acreditam que um constante *tempo bom* seja algo desejável: eles acreditam ainda hoje “*in rebus moralibus*”¹⁷⁶ que somente o “homem bom” seja algo desejável - e que o curso do desenvolvimento humano se dirige precisamente para o ponto em que somente *ele* reste (e que se *deveria* direcionar todos os desígnios para esse objetivo -). Isso é pensado de modo sumamente *não econômico* e, como foi dito, é o cúmulo da ingenuidade, nada senão uma expressão da

comodidade que o “homem bom” promove (- ele não desperta nenhum temor, autoriza o descanso, concede o que se pode tomar).

Com um olho superior deseja-se justamente, ao contrário, a *dominação* sempre crescente *do mal*, a crescente libertação do homem do atamento moral estreito e angustioso, o crescimento da força, a fim de que se possa dispor dos grandes poderes naturais e dos afetos...

387

Toda a concepção da posição das *paixões*: como se o normal e correto fosse ser guiado pela *razão* - enquanto as paixões são o anormal, perigoso, semibestial e, além disso, do ponto de vista de sua finalidade, nada mais do que *desejo de gozo*...

A paixão é aviltada 1. como se ela fosse apenas de modo *impróprio*, e não necessariamente e sempre o *mobile* 2. nisso que ela tem em vista algo que não tem nenhum valor elevado, um divertimento...

O desconhecimento de paixão e *razão*, como se esta última fosse um ser por si e não, bem antes, um estado proporcional de diferentes paixões e desejos; e como se toda paixão não possuísse em si o seu *quantum* de razão...

388

De como, sob a pressão da *moral da expropriação* ascética, justamente os afetos do amor, da bondade, da compaixão e mesmo os da justiça, da generosidade e do heroísmo tinham de ser *mal compreendidos*:

É uma *riqueza na pessoa*, a plenitude em si, o transbordamento e a entrega, o instintivo sentir-se bem e dizer sim para si, o que constitui o grande sacrifício e o grande amor: é a partir do ser próprio forte e divino que crescem esses afetos, do mesmo modo que também o querer-ser-senhor, o querer sobrepujar e a íntima convicção de ter um direito sobre tudo. Os sentimentos *contrários*, segundo a concepção comum, são antes *um único*

sentimento; e se não nos colocamos seriamente e com firmeza em nossa pele, então não podemos doar nada, não podemos estender a mão e ser amparo e apoio...

Como se pôde *reinterpretar* tanto esses instintos a ponto de o homem sentir como valioso aquilo que se contrapõe ao seu ser? Se ele abandona o seu ser a um outro ser!

Oh, e quanto à mesquinharia psicológica e à mentira que se ostentaram até hoje na Igreja e na filosofia debilitada pela Igreja!

Se o homem é completamente pecador, então ele deve apenas odiar-se. No fundo, ele também deveria tratar os semelhantes do mesmo modo; o amor pelos homens carece de uma justificação, - ela reside no fato de que *Deus o ordenou*. - Disso se segue que todos os instintos naturais do homem (para o amor etc.) pareçam-lhe, em si mesmos, ilícitos e somente recobrem novamente direito de ser após a sua *renegação* e em razão de uma obediência a Deus... Pascal, o admirável *lógico* do cristianismo, foi longe o bastante nesse sentido! Considere-se sua relação com a irmã. Parecia-lhe cristão “*não fazer-se amar*”.

389

Consideremos como custa caro um tal cânon (“um ideal”) moral. Seus inimigos são - ora, os egoístas.

A penetração melancólica da autodiminuição na Europa (Pascal, LarocheFoucauld), - o enfraquecimento interno, o desânimo e o autocorroer-se de quem não é um animal de rebanho, -

a constante acentuação das características medíocres como as mais valiosas (modéstia, ser ordeiro, a natureza instrumental), -

a má consciência misturada a tudo o que é autocrático e original:

- portanto, o desprazer: - portanto, *obscurecimento* do mundo dos que resultaram mais fortes!

- a consciência de rebanho trasladada para a filosofia e a religião: também a sua pusilanimidade.

- Deixemos fora de jogo a impossibilidade psicológica de uma ação puramente desinteressada

390

Minha conclusão é a seguinte: o homem *real* apresenta um valor extremamente mais elevado do que o homem “desejável” de qualquer ideal que existiu até hoje; todas as “desejabilidades” em relação aos homens foram digressões absurdas e perigosas com as quais uma espécie isolada de homem quis erigir como lei sobre a humanidade as *susas* condições de crescimento e conservação; toda a “desejabilidade” de tal origem, que chegou ao domínio até agora, *degradou* o valor do homem, sua força e a sua certeza do futuro; a mesquinhez e a intelectualidade estreita do homem se expõem ao máximo, ainda hoje, quando ele *deseja*; até aqui, a capacidade do homem de estabelecer valores foi pouco desenvolvida demais para satisfazer o *valor efetivo do homem*, e não meramente o seu valor “desejável”; até agora, o ideal foi a força propriamente difamadora de homem e mundo, o ar venenoso sobre a realidade, a grande *sedução para o nada...*

[D. Crítica das palavras melhoramento, aperfeiçoamento, elevação]

391

Critério segundo o qual se deve determinar o valor da estimação moral.

O fato fundamental *que se passa por alto*: contradição entre o “tornar-se moral” e a elevação e fortalecimento do tipo homem.

*Homo natura.*¹⁷⁷ A “vontade de poder”.

392

Os valores morais como *valores aparentes*, comparados com os *valores fisiológicos*.

393

A reflexão sobre o que é mais universal é sempre tardia: as “desejabilidades” últimas sobre os homens, por exemplo, jamais foram tomadas propriamente como problema pelos filósofos. O “aperfeiçoamento” do homem foi postulado ingenuamente por todos eles, como se por meio de uma intuição qualquer fôssemos alçados acima do ponto de interrogação: *por que* justamente “*melhorar*”? Em que medida é *desejável* que o homem se torne *mais virtuoso*? Ou *mais prudente*? Ou *mais feliz*? Caso não se *conheça* já, em geral, o “*por quê?*” do homem, um tal desígnio não tem sentido; e quando se quer um, - quem sabe? - talvez não se possa então querer o outro?... Será o aumento da virtude, ao mesmo tempo, compatível com o aumento da prudência e do entendimento? *Dubito*: terei muitas oportunidades para provar o contrário. Não esteve a virtude como alvo até aqui, em sentido rigoroso, realmente em contradição com o ser feliz? Ela não necessita, por outro lado, da infelicidade, da privação e do autossuplício como meios necessários? E se o *entendimento supremo* fosse o alvo, não se deveria com isso precisamente renunciar ao aumento da felicidade? E escolher o perigo, a aventura, a desconfiança, a sedução como caminho para o entendimento?... No caso em que se quer *felicidade*, deve-se então talvez se reunir aos “pobres de espírito”.

384

O engano universal e mistificação no domínio do assim chamado melhoramento moral. Não cremos que um homem se torne um outro, caso ele já não o seja: isto é, caso ele não seja uma multiplicidade de pessoas, ao menos de princípios de pessoas, como ocorre com bastante frequência.

Neste caso, consegue-se que outro papel venha para o primeiro plano, que “o homem anterior” seja ultrapassado... O que mudou foi o aspecto, não a essência... Que alguém deixe de fazer certas ações é um mero *fatum brutum* que comporta as mais diversas interpretações. Nem sequer se consegue sempre suprimir o hábito de uma certa ação, mesmo que se tenham as melhores razões para isso. Quem é um criminoso por destino e aptidão não desaprende nada, mas antes aprende sempre mais: e uma longa privação atua como um tônico sobre o seu talento... Para a sociedade, sem dúvida, interessa somente que alguém não cometa mais certas ações: para esse fim, ela o priva das condições a partir das quais ele *pode* cometer certas ações: isso é, em todo caso, mais sábio do que tentar o impossível, a saber: romper a fatalidade do seu ser, desse e daquele modo.

A Igreja - e ela não fez nada senão substituir nesse ponto a filosofia antiga e herdá-la -, partindo de uma outra medida de valor e querendo salvar uma “alma”, o “bem” de uma alma, crê uma vez na força expiadora do castigo e então na força redentora do perdão: ambas são mistificações do preconceito religioso - o castigo não expia e o perdão não redime, o feito não pode ser desfeito. Pelo fato de que alguém tenha esquecido algo, nem de longe está provado que esse algo não *exista* mais... Um fato traz as suas consequências, no homem e para além do homem, quer ele valha como castigado, “expiado”, “perdoado” e “redimido”, quer igualmente a Igreja tenha promovido a santo o seu autor. A Igreja acredita em coisas que não existem, em “almas”; ela crê em efeitos que não existem, nos efeitos de Deus; crê em estados que não existem, em pecado, em redenção, na salvação da alma; por toda parte ela se detém na superfície, nos sinais, nos gestos, nas palavras, nos emblemas para os quais fornece uma interpretação arbitrária: possui uma metodologia consumada da falsificação psicológica.

“A doença torna o homem melhor”: essa célebre afirmação, que se encontra em todos os séculos, na boca dos sábios tanto quanto na boca e no focinho do povo, dá o que pensar. Gostaríamos de poder perguntar uma vez sobre a sua validade: há talvez um nexo causal entre moral e doença em geral? O “melhoramento do homem”, considerado em linhas gerais, por exemplo, a inegável suavização, humanização e o tornar-se mais benévolos do europeu nos últimos milênios - não será, talvez, a consequência de um longo sofrimento e insucesso íntimo e inquietante, de uma carência e de um definhamento? A “doença” “tornou melhor” o europeu? Ou, perguntando de outro modo: não será a nossa moralidade - nossa moralidade moderna e afetuosa na Europa, que só se compara à moralidade dos chineses - a expressão de um *retrocesso fisiológico*?... Não se pode negar que toda passagem da história em que “o homem” mostrou-se como um tipo particularmente esplendoroso e imponente admite imediatamente um caráter eruptivo, perigoso e repentino, no qual a humanidade vai mal; e talvez tenha faltado em todos os casos, nos quais *quer parecer de outro modo*, precisamente apenas ânimo ou sutileza de aprofundar a psicologia e extrair disso também a proposição universal: “quanto mais saudável, mais forte, mais rico, mais promissor e empreendedor um homem se sente, tanto mais ‘imoral’ ele também se torna”. Um pensamento desagradável ao qual não se deve entregar inteiramente! Mas, caso se ande com ele por uns poucos e breves momentos, como então se olha admirado para o futuro! O que então nós pagaríamos de mais caro na Terra senão justamente aquilo que exigimos com todas as forças - a humanização, o “melhoramento”, a crescente “civilização” do homem? Nada seria mais dispendioso do que a virtude: com ela, por fim, ter-se-ia a Terra como um hospital: e a última palavra da sabedoria seria o “cada um é enfermeiro de alguém”. Sem dúvida, ter-se-ia então aquela tão desejada “paz na Terra”! Mas também muito pouco “prazer

de estar uns com os outros”! Pouca beleza e alegria, pouquíssimo risco e perigo! Pouquíssimas “obras” pelas quais valesse a pena viver sobre a Terra! Oh! E absolutamente mais nenhum “feito”! Todas as *grandes* obras e façanhas que permaneceram de pé e não foram varridas pelas vagas do tempo - não seriam, todas elas, entendidas, o mais profundamente, como grandes imoralidades?...

396

Os sacerdotes - e com eles os semissacerdotes, os filósofos - chamaram de verdade, em todos os tempos, uma doutrina cujo efeito *educativo* era ou parecia ser benéfico, - o efeito de “aperfeiçoar”. Com isso, eles se parecem com um curandeiro ingênuo e milagreiro popular que, pelo fato de ter experimentado um veneno como remédio, nega que o mesmo seja um veneno... “Em seus frutos deveis conhecê-las” - a saber: nossas “verdades”: este é até hoje o raciocínio típico de sacerdote. Eles mesmos desperdiçaram, de modo bastante fatídico, a sua penetração ao darem a primazia, e mesmo a decisão sobre todas as formas de demonstração, à “prova de força” (ou “por seus frutos”). “O que faz bem deve ser bom; o que é bom não pode mentir” - assim concluem inexoravelmente -: “o que dá bons frutos deve ser, por conseguinte, verdadeiro: não há outro critério da verdade”...

Onde “tornar-melhor” vale como argumento, o tornar-pior deve valer como refutação. Com isso, demonstra-se o erro como um erro, examinando-se a vida daquele que o representa: um passo em falso, um vício são o bastante para refutar... Essa espécie indecente de oposição, a de trás e de baixo, a oposição típica de cães, jamais foi extinta: os sacerdotes, sendo psicólogos, nunca acharam algo mais interessante do que se imiscuir nos segredos de seus adversários, - demonstram com isso o seu cristianismo, pelo fato de ir atrás da sujeira que há no “mundo”. E antes de tudo nos primeiros do mundo, nos “gênios”: recorde-se como sempre se pelejou

contra Goethe na Alemanha (Klopstock e Herder¹⁷⁸ anteciparam-se nisso com um “bom exemplo” - tal pai, tal filho).

397

Deve-se ser muito imoralista para *fazer moral* pela ação... Os meios dos moralistas são os meios mais terríveis já manejados; quem não tem coragem para a imoralidade da ação serve para tudo, menos para ser moralista.

A moral é uma *ménagerie*,¹⁷⁹ sua pressuposição é a de que uma barra de ferro pode ser mais útil do que a liberdade, mesmo para os que estão presos; sua outra pressuposição é a de que há domadores de feras que não temem os meios mais terríveis, - sabem manejar o ferro em brasa. Essa espécie terrível, que trava a guerra com animais selvagens, chama-se “sacerdote”.

*

O homem, encarcerado em uma jaula de ferro de erros, feito uma caricatura do homem, doente, miserável, malévolos contra si mesmo, cheio de ódio aos impulsos para a vida, cheio de desconfiança contra tudo o que é belo e ditoso na vida, é uma desgraça ambulante: esse malnascido postizo, arbitrário e *tardio*, que o sacerdote retirou do seu solo, o “pecador”: como conseguiremos *justificar*, apesar de tudo, esse fenômeno?

*

Para pensar a moral com justiça temos de colocar em seu lugar dois conceitos *zoológicos*: a *domesticação* das bestas e a *criação de uma determinada espécie*.

Os sacerdotes asseveraram em todos os tempos que eles queriam “melhorar”... Mas nós outros rimos quando um domador de feras pretende falar de seus animais “melhorados”. - A domesticação das bestas é obtida, na grande maioria dos casos, com prejuízo para as mesmas: também o homem

moralizado não é nenhum homem melhor, mas antes apenas um homem mais enfraquecido. No entanto, ele é menos prejudicial...

398

O que desejo com todas as forças tornar claro:

a) que não há pior equívoco do que confundir *domesticação* com *enfraquecimento*: o que realmente se fez...

A domesticação é, tal como a comprehendo, um meio de imensa acumulação de forças da humanidade, de modo que as gerações possam continuar a construir sobre o trabalho de seus antepassados - não apenas exteriormente, mas internamente, brotando organicamente deles naquilo que é *mais vigoroso*...

b) há um perigo extraordinário quando se acredita que a humanidade como um *todo* cresça continuamente e se torne mais forte, quando os indivíduos tornam-se frouxos, iguais, medíocres... Humanidade é uma abstração: o alvo da *domesticação*, mesmo no caso mais individual e singular, não pode ser outro senão o homem *mais forte* (- o homem não domesticado é fraco, dissipador, inconstante...).

[6. Consideração final para a crítica da moral]

399

Estas são as exigências que faço a vocês - elas podem soar muito mal aos ouvidos -: que vocês deveis sujeitar as afeições morais, elas mesmas, a uma crítica. Que deveis mandar parar o impulso do sentimento moral [*moralischen Gefühls-Impuls*], que aqui exige submissão e *não* a crítica, com a pergunta: “por que submissão?” Que deveis considerar essa exigência de um “por quê?”, de uma crítica da moral, precisamente como a vossa forma *atual* de moralidade, como a espécie mais sublime de retidão, que honra a

vós e a vosso tempo. Que a nossa honradez, a nossa vontade deve desterrar-se a si mesma para não nos enganar: “por que não?” - Diante de que foro?

400

As três *afirmações*:

O não aristocrático é o mais elevado (protesto do “homem comum”);
o contranatural é o mais elevado (protesto dos malsucedidos);
o mediano é o mais elevado (protesto do rebanho, dos “medíocres”).

Na *história [Geschichte] da moral* exprime-se, portanto, uma *vontade de poder*, por meio da qual ora os escravos e oprimidos, ora os fracassados e doentes de si, ora os medíocres tentam impor juízos de valor que lhes são mais favoráveis.

Nessa medida, o fenômeno da moral é o mais grave do ponto de vista da biologia. A moral se desenvolveu até aqui *às custas*: dos dominadores e de seus instintos específicos, dos bem-sucedidos e das naturezas *belas*, dos independentes e privilegiados em qualquer acepção.

Portanto, a moral é um *contramovimento em relação aos esforços* da natureza para conduzir a um *tipo mais elevado*. Seu efeito é: desconfiança contra a vida em geral (à medida que suas tendências são sentidas como “imorais”), - insensatez, à medida que os valores supremos são sentidos como estando em oposição aos instintos supremos - contrassenso. - Degeneração e autodestruição das “naturezas superiores”, pois nelas justamente o conflito torna-se *consciente*.

401

QUE VALORES ESTIVERAM POR CIMA ATÉ AQUI?

1. Moral como um valor supremo em todas as fases da filosofia (mesmo entre os cépticos). Resultado: este mundo não presta para nada, deve haver um “mundo verdadeiro”.

2. O que aqui determina propriamente o valor supremo? O que é propriamente a moral? O instinto da *décadence*, são os esgotados e deserdados que dessa maneira *se vingam* e se tornam *senhores*...

Prova histórica: os filósofos sempre *décadents*, sempre a serviço das religiões niilistas.

3. O instinto da *décadence*, que entra em cena como vontade de poder. Apresentação de seu sistema de meios: absoluta imoralidade dos meios.

Visão de conjunto: os valores supremos até aqui são um caso especial da vontade de poder; a moral, ela própria, é um caso especial da *imoralidade*.

*

POR QUE OS VALORES CONTRÁRIOS SEMPRE SUCUMBIRAM?

1. Como isso foi propriamente *possível*? Pergunta: por que a vida e a boa constituição fisiológica sucumbiram por toda parte? Por que não houve nenhuma filosofia do *sim*, nenhuma religião do *sim*...

Os sinais históricos de tais movimentos: a religião pagã. Dioniso contra o “crucificado”. A Renascença. A *arte*.

2. Os fortes e os fracos: os saudáveis e os doentes; a exceção e a regra. Não há dúvida sobre *quem* é o mais forte...

Aspecto de conjunto da história [Geschichte]: será o homem, com isso, uma exceção na história [Geschichte] da vida? - Objeção contra o *darwinismo*. Os meios como os fracos se conservam por cima são instintos, tornaram-se “humanidade”, são “instituições”...

3. Prova dessa dominação em nossos instintos políticos, em nossos juízos de valor sociais, em nossas artes, em nossa *ciência*.

*

Os *instintos decadentes* tornaram-se senhores dos *instintos ascendentes*... A vontade de nada assenhorou-se da vontade de viver!

- Isso é *verdadeiro*? não haverá talvez maior garantia para a vida, para a espécie, nessa vitória dos fracos e medianos? - não será isso talvez apenas um meio na movimentação geral da vida, um *tempo-retardatário*? uma defesa legítima contra algo ainda pior?

- Caso os fortes tivessem se tornado senhores em tudo, inclusive nas estimações: vejamos as consequências de como eles haveriam de pensar sobre doença, sofrimento e sacrifício! A consequência seria um *autodesprezo dos fracos*; eles buscariam desaparecer e extinguir-se. E seria isso quiçá *desejável*? - e desejaríamos realmente um mundo no qual faltasse a repercussão dos fracos, sua sutileza, consideração, espiritualidade e *flexibilidade*?...

*

Vimos duas “vontades de poder” em combate (*no caso específico: tínhamos um princípio*: dar razão àquela que até aqui foi vencida e não dar razão àquela que até aqui saiu vencedora): reconhecemos o “mundo verdadeiro” como um “mundo falso” e a moral como uma *forma da imoralidade*. Nós *não* dizemos: “o mais forte não tem razão”.

Compreendemos *aquilo* que determinou até aqui o supremo valor e *por que* ele chegou a triunfar sobre a valoração contrária -: era numericamente *mais forte*.

Purifiquemos agora, da infecção e insuficiência, a *valoração contrária*, em suma: da *degeneração* na qual nós todos a conhecemos.

Restabelecimento da natureza: libertação da estreiteza moral [*moralinfrei*].

Moral é um erro útil, dizendo mais claramente, em relação aos maiores e mais livres de preconceitos de seus promotores, uma mentira considerada necessária.

Deve-se conceder a si a verdade só até o ponto em que já se está *elevado* o suficiente para não mais ter necessidade do *reformatório do erro*. - Caso se aprecie a existência moralmente, ela *nos causa desgosto*.

Não se devem inventar falsas pessoas e dizer, por exemplo, que “a natureza é cruel”. *O que alivia* é justamente o entendimento *de que não há nenhum ser central da responsabilidade!*

Desenvolvimento da humanidade.

- A. Obter poder sobre a natureza e, *para isso*, obter um certo poder sobre si. A moral foi necessária para que o homem se impusesse no combate com a natureza e o “animal selvagem”.
- B. O poder sobre a natureza *está* conquistado, então pode-se empregar esse poder para aperfeiçoar *a si mesmo* livremente: vontade de poder como autoelevação e autofortalecimento.

Moral como *ilusão da espécie*, para incitar o indivíduo a se sacrificar ao futuro: concedendo aparentemente a ele mesmo um valor infinito, de modo que, com essa *autoconsciência*, ele tiranize e rebaixe um outro lado de sua natureza e dificilmente fique satisfeito consigo.

A mais profunda gratidão por aquilo que a moral realizou até aqui: mas ela é, *agora, apenas ainda uma pressão* que haveria de tornar-se fatalidade! *Ela mesma coage*, como honestidade, à negação da moral.

Em que medida essa autoaniquilação da moral é ainda uma parte de sua própria força. Nós, europeus, temos o sangue daqueles que morreram por sua fé; consideramos terrível e seriamente a moral, e não há nada que não

tenhamos, de algum modo, sacrificado a ela. Por outro lado: nossa sutileza espiritual foi alcançada essencialmente por meio de uma vivissecção da consciência. Não sabemos ainda o “para onde?” a que somos impelidos depois que fomos tirados, de tal modo, de nosso antigo solo. Mas esse solo mesmo criou em nós a força que nos impele para a distância, para a aventura por meio da qual fomos lançados ao ilimitado, ao não experimentado e não descoberto, - não nos resta nenhuma escolha, temos de ser conquistadores depois que não temos mais nenhuma terra onde nos sentimos em casa e que gostaríamos de “conservar”. Um *sim* velado nos impele a isso, que é mais forte do que todo o nosso não. Nossa própria *força* não nos tolera mais no antigo solo decomposto: arriscamo-nos na amplidão, *nos* balançamos nela: o mundo é ainda rico e inexplorado e mesmo sucumbir é melhor do que se tornar algo pela metade e venenoso. Nossa força mesma nos impele ao mar, onde todos os sóis até agora já se puseram: *sabemos* de um novo mundo...

143 Em latim no original: “origem infame”, “origem vergonhosa”. [N.T.]

144 Referência ao movimento historicista alemão, que surgiu na esteira de Kant, com autores como Ranke e Droysen, entre outros. Nietzsche também pode estar se referindo a Hegel e ao próprio idealismo alemão. [N.T.]

145 Em grego no original: “cidade”, “cidade-estado”. [N.T.]

146 Em grego no original: “suspensão do julgamento”. [N.T.]

147 Henri Frédéric Amiel (1821-1881), escritor suíço de língua francesa. Foi influenciado por Hegel e Schelling. Faz parte de seu legado um manuscrito autobiográfico de 17 mil páginas, publicado postumamente com o título *Diário íntimo*. [N.T.]

148 Em latim no original: “entre iguais”. [N.T.]

149 Em francês no original: “os soberanos”. [N.T.]

150 Resolvemos traduzir *Entselbstung* por expropriação, e não por renúncia, a fim de permitir a visualização de que a autorrenúncia é um movimento de abandono e distanciamento [*Ent*] em relação ao próprio [*Selbst*]. [N.T.]

151 Nietzsche cria a palavra “Verichlichung” - com ênfase no pronome pessoal “Ich” [eu] - a qual traduzimos por ego-tização, para formar o antônimo de Veranderung, que significa alteração. [N.T.]

152 ... que desponta ocasionalmente por meio deste [mundo “de cá”]. [N.T.]

153 Em latim no original: “nada admirar”. [N.T.]

154 Em francês no original: “puro, sem mistura, cru, verde, em toda a sua força, em toda a sua rudeza”. [N.T.]

155 Em latim no original: “ser” e “obrar”, “trabalhar”. [N.T.]

156 Em latim no original: “do ponto de vista do bem”. [N.T.]

157 Em francês no original: “aliança”. [N.T.]

158 Em francês no original: “amor-paixao”. [N.T.]

159 Parte do sistema nervoso vegetativo que cuida das vísceras. [N.T.]

160 Em latim no original: “proibição”, “interdito”. [N.T.]

161 Palavra cunhada por Nietzsche a partir do francês. [N.T.]

162 Nietzsche refere-se à famosa ópera de Wagner. [N.T.]

163 Trata-se de um poeta alemão (c. 1170-1220). Ele teria escrito *Parsifal*, que, por sua vez, serviu de base para o libreto da última obra de Wagner. Esse poeta é personagem do drama lírico *Tanhauser*, de Wagner, representando o maior adversário do menestrel que deu nome à obra, e disputa com este, em um torneio de canções líricas, o coração de Elisabeth (a donzela turíngia mencionada nessa passagem). [N.T.]

164 Em latim no original: “com um grao de sal”. [N.T.]

165 Nietzsche refere-se à conclusão da obra de Kant intitulada *Crítica da razão prática* e às seguintes palavras de Kant: “Duas coisas permanecem eternamente veneradas: o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim”. [N.T.]

166 Palavra criada por Nietzsche a partir de *selbst*, que significa si-mesmo, próprio. [N.T.]

167 Jean-Marie Guyau (1554-1888), poeta e filósofo. Em 1874 escreveu uma obra intitulada *Moral de Epicuro e suas relações com as doutrinas contemporâneas* que provocou profunda impressão. Escreveu também, entre outras obras, *Esboço de uma moral sem obrigação nem sanção*, *A irreligião do futuro*, *Educação e hereditariedade*. [N.T.]

168 Augustin Thierry (1795-1856), historiador francês. Escreveu *A conquista da Inglaterra pelos normandos* (1825), *Relatos dos tempos merovíngios* (1835-1840) e *Ensaio sobre a formação e os progressos do Terceiro Estado* (1853). [N.T.]

- 169 Jules Michelet (1798-1874), historiador francês que pregava ideias liberais e anticlericais. Sustentava que o povo era o instrumento de todo encadeamento histórico. Escreveu, entre outras obras, *História da Revolução Francesa* (primeiro tomo em 1847). [N.T.]
- 170 *Reich*, em alemão, significa império. Defensor do *Reich* é a alcunha específica do nacionalismo alemão que, com Bismarck, conseguiu sobrepor-se aos diversos principados autônomos. [N.T.]
- 171 Em latim no original: “primeiro movente” ou “primeiro motor”. [N.T.]
- 172 Trata-se provavelmente de Sir Samuel White Baker (1821-1893), que em 1864 descobriu o lago Alberto e combateu o tráfico de escravos no Sudão egípcio. [N.T.]
- 173 Em latim no original: “entre iguais”. [N.T.]
- 174 Ao que tudo indica, a posição de Kant sobre a Revolução Francesa, que faz Nietzsche tachá-lo de “anti-histórico”, é aquela assumida em *O conflito das faculdades*. Kant vê nesse acontecimento um “signo histórico” que demonstraria a tendência do homem para o progresso. [N.T.]
- 175 Herbert Spencer (1829-1903), filósofo inglês. Em torno de 1855, começou a publicar os seus *Princípios de psicologia*. A partir de 1860, começou a trabalhar no que chamou de “sistema de filosofia sintética”, tentando sistematizar coerentemente toda a produção científica de sua época, pautando-se pela ideia de evolução (do mais simples ao mais complexo, do mais homogêneo ao mais heterogêneo, do mais desorganizado ao mais organizado), publicando o seu *Sistema de filosofia sintética* (1860). Defendeu a tese de um absoluto incognoscível, no qual se baseiam os julgamentos humanos e que é o objeto da religião. [N.T.]
- 176 Em latim no original: “nas coisas morais”. [N.T.]
- 177 Em latim no original: “homem-natureza”. [N.T.]
- 178 Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803), poeta alemão. No final da vida entusiasmou-se pela Revolução Francesa, recebendo o título honorário de cidadão da República. Pietista luterano, levou vinte anos compondo uma epopeia, *Der Messias*, em que contava a salvação da humanidade pelo sangue de Cristo. Por outro lado, foi entusiasta do passado germânico, buscando encontrar nos mitos nórdicos uma fonte genuína de inspiração para a literatura nacional. Johann Gottfried Herder (1744-1803) foi escritor, teólogo e filósofo alemão, aluno de Kant e de Hamann em Königsberg. Foi pastor em Riga e Bückeburg, e mais tarde presidente do consistório em Weimar. Inicialmente foi líder da mocidade pré-romântica. Depois se tornou amargurado e incompreendido pelos contemporâneos. Repudiava a evolução para o classicismo de Weimar. Considerava imoral a obra de seu ex-discípulo Goethe e era contrário às ideias estéticas de Schiller. Rejeitou também o pensamento de Kant. Morreu abandonado. [N.T.]
- 179 Em francês no original: “coleção de animais raros para exposição ou estudo”. [N.T.]

[III. CRÍTICA DA FILOSOFIA]

[1. Considerações gerais]

406

Desfaçamo-nos de algumas superstições que até aqui foram usuais a respeito dos filósofos!

407

Os filósofos têm antipatia a 1. a aparência, 2. a mudança, 3. a dor, 4. a morte, 5. o corporal, os sentidos, 6. o destino e a falta de liberdade, 7. a falta de finalidade.

Acreditam em: conhecimento absoluto, conhecimento pelo conhecimento, virtude vinculada à felicidade, cognoscibilidade das ações humanas. São conduzidos por determinações de valor instintivas, nas quais se espelham estados de cultura *mais primitivos* (mais perigosos).

408

O que *faltou* aos filósofos? a) sentido histórico, b) conhecimento da fisiologia, c) um alvo voltado para o futuro. - Para fazer uma crítica sem qualquer ironia e condenação moral.

409

Os filósofos 1. tiveram desde sempre a incrível capacidade da *contradictio in adjeto*,¹⁸⁰ 2. confiaram nos conceitos de um modo tão incondicional quanto desconfiaram dos sentidos: não ponderaram que conceitos e palavras

são nossas heranças de tempos em que, nas cabeças, tudo estava muito obscuro e sem pretensões.

O que ultimamente começa a clarear para os filósofos: o fato de que eles não podem deixar que os conceitos se lhes ofereçam como presentes, não podem apenas ficar limpando-os e esclarecendo-os; têm de *fazê-los*, antes de tudo, *criá-los*, estabelecê-los e torná-los convincentes. Até agora se confiava inteiramente nos conceitos, como em um maravilhoso *dote* de algum mundo fantástico: mas eram, por fim, heranças de nossos antepassados mais distantes, tanto dos mais estúpidos quanto dos mais sensatos. Essa *piedade* em relação àquilo que se encontra previamente em nós pertence talvez ao elemento moral no conhecimento. Faz-se preciso, primeiro, um ceticismo absoluto contra todos os conceitos herdados (como talvez já o possuiu uma vez um filósofo - Platão: naturalmente, ele *ensinou o contrário*) —

410

Profundamente desconfiado em relação aos dogmas da teoria do conhecimento, preferi olhar ora desta, ora daquela janela, precavia-me de me estabelecer nelas, considerava-as prejudiciais - e por fim: é verossímil que um instrumento possa criticar a sua própria serventia?? - Onde quer que detivesse meu olhar, havia antes o fato de que em nenhuma parte um ceticismo ou dogmática da teoria do conhecimento haviam surgido sem pensamentos ocultos, - o fato de que tinham um valor de segunda ordem, tão logo se ponderava o que, no fundo, nos *constrangia* a essa posição.

Intuição fundamental: tanto Kant quanto Hegel, como também Schopenhauer - tanto a postura cética de suspensão do juízo [*skeptisch-epochistische*] quanto a historicista e também a pessimista são de origem moral. Não vi ninguém que tenha ousado uma *crítica dos sentimentos morais de valor*: e logo virei as costas às escassas tentativas de se chegar à história do surgimento desses sentimentos (como nos darwinistas ingleses e alemães). -

Como se explica a posição de Spinoza, sua negação e recusa dos juízos de valor morais? (Era *uma* consequência de sua teodiceia!)

411

Moral como suprema desvalorização. - Ou o nosso mundo é a obra e a expressão (o *modus*) de Deus: então há de ser supremamente perfeito (conclusão de Leibniz...) - e não se duvidava saber o que concernia à perfeição - nesse caso, o mal pode ser apenas *aparente* (*mais radical* em Spinoza os conceitos de bem e de mal) ou precisa ser derivado do fim supremo de Deus (- por exemplo, como consequência de um favorecimento especial de Deus, que permite escolher entre bem e mal: o privilégio de não ser um autômato; “liberdade”, com o risco de enganar-se, de escolher falsamente... por exemplo, em Simplicius no comentário a Epicteto).

Ou nosso mundo é imperfeito, o mal e a culpa são reais, são determinados, são inerentes à sua essência; então o mundo não pode ser *verdadeiro*; então o conhecimento é apenas o caminho para negá-lo, é um erro, e como erro deve ser reconhecido. Essa é a opinião de Schopenhauer sobre pressuposições kantianas. Pascal é ainda mais desesperado: ele comprehende que, então, mesmo o conhecimento deve estar corrompido e falsificado - que uma *Revelação* se faz necessária, mesmo que para se compreender o mundo como valor negativo...

412

Do hábito de autoridades incondicionais surgiu, por fim, uma necessidade profunda de autoridades incondicionais: - de maneira tão forte que mesmo em uma época crítica, como a de Kant, ela se mostrou superior à necessidade da crítica e, em certo sentido, soube tornar útil e subordinado a si todo o trabalho do entendimento crítico. - Isso provou mais uma vez a sua superioridade na geração seguinte, que foi necessariamente conduzida, pelos

seus instintos históricos, ao caráter relativo de toda autoridade, também como filosofia do desenvolvimento hegeliana, quando a história [*Historie*] rebatizada em filosofia ficou disponível e a história [*Geschichte*] foi apresentada como a progressiva revelação de si, como o sobrepujar-se das ideias morais. Desde Platão, a filosofia encontra-se sob o domínio da moral: também em seus precursores as interpretações morais estavam em jogo decisivamente (em Anaximandro, o su-cumbir de todas as coisas como castigo por sua emancipação do puro ser; em Heráclito,¹⁸¹ a regularidade dos fenômenos como testemunho a favor do caráter moral-jurídico do conjunto do devir).

413

Até agora, o curso da filosofia foi detido, na maior parte, por intenções morais sub-reptícias.

414

Tomaram-se, em todos os tempos, os “belos sentimentos” como argumentos, o “peito empinado” como o fole da divindade, a convicção como “critério da verdade”, a necessidade do opositor como um ponto de interrogação para a sabedoria: essa falsidade, essa falsificação atravessa toda a história [*Geschichte*] da filosofia. Descontados os respeitáveis porém raros célicos, não se mostra em nenhuma parte um instinto de retidão intelectual. Por fim, também Kant procurou, com toda a inocência, tornar científica essa corrupção dos pensadores com o conceito de “razão prática”: ele inventou uma razão para: os casos nos quais *não* se [precisa] preocupar com a razão: nomeadamente, quando fala a necessidade do coração, a moral, o “dever”.

415

Hegel: seu lado popular é a doutrina da guerra e dos grandes homens. O direito está com os vitoriosos: ele apresenta o progresso da humanidade. Tentativa de provar o domínio da moral a partir da história [*Geschichte*].

Kant: um império dos valores morais, subtraído a nós, invisível, efetivo [*wirklich*].

Hegel: um desenvolvimento que pode ser provado, o tornar-se visível do império moral.

Não queremos nos deixar enganar nem à maneira de Kant, nem à de Hegel: - não *cremos* mais, como eles, na moral e não temos de fundar qualquer filosofia *para que* a moral tenha razão. O criticismo e o historicismo não têm, para nós, o seu atrativo nessa possibilidade: - quais têm, pois? -

416

O significado da filosofia alemã (*Hegel*): é de se imaginar um *panteísmo* no qual o mal, o erro e o sofrimento *não* sejam sentidos como argumentos contra a divindade. *Essa grandiosa iniciativa* foi tratada de modo abusivo pelos poderes existentes (Estado etc.), como se, com isso, a razoabilidade do que está no poder fosse sancionada.

Schopenhauer aparece, por outro lado, como o homem-moral pertinaz, que por fim torna-se um *negador do mundo* para guardar a razão com a sua avaliação moral. Finalmente, torna-se “místico”.

Eu mesmo tentei uma justificativa estética: como a fealdade no mundo é possível? - Tomei a vontade de beleza, a vontade de permanecer nas *mesmas* formas, como um meio provisório de manter-me, como um remédio: fundamental, porém, pareceu-me o *que eternamente tem de destruir* ligado ao eternamente criativo na dor. Será o feio a forma de consideração das coisas sob a vontade de pôr um sentido, um sentido *novo*, no que veio a ser sem nenhum sentido: a força acumulada que consegue o criativo a sentir

tudo até então como sem consistência, como malfadado, como digno de negação, como feio? -

417

Minha primeira solução: a sabedoria dionisíaca. Prazer na aniquilação do mais nobre e na imagem de como ele chega aos poucos até a corrupção: como prazer no vindouro, no futuro, que triunfa sobre o bem que existe tal como é. Dionisíaco: identificação temporária com o princípio da vida (inclusive a voluptuosidade do mártir).

Minhas inovações. - Continuar o desenvolvimento do pessimismo: o pessimismo do intelecto; a crítica moral, dissolver o último consolo. Conhecer os sinais da decadência-, velada pela ilusão de cada agir forte; a cultura isolada, injusta, por isso forte.

1. Meu *empenho* contra a decadência e a crescente fraqueza da personalidade. Eu procurava um novo *centro*.

2. *Reconheci* a impossibilidade desse empenho!

3. *Em seguida, fui mais além na via da dissolução, - aqui encontrei novas fontes de força para indivíduos. Temos de ser destruidores!* — Reconheci o estado de *dissolução* no qual os seres individuais podem chegar à completeza como nunca - é cópia e caso particular da existência universal. Contra o sentimento paralisador da dissolução e da imperfeição universal, sustentei o *eterno retorno*.

418

Procura-se a imagem do mundo naquela filosofia em que nos sentimos mais livres; isto é, naquela em que nossa pulsão mais forte sente-se livre para agir. Assim será também comigo!

419

A filosofia alemã como um todo - Leibniz, Kant, Hegel, Schopenhauer, para nomear os grandes - é a mais fundamental espécie de *romantismo* e de nostalgia do lar que houve até agora: o anseio pelo melhor que existiu uma vez outrora. Em nenhum lugar se está em casa, anseia-se, por fim, pela volta, por onde se possa estar de alguma maneira em casa, porque somente lá se poderia estar no lar: e esse é o mundo grego! Mas todas as pontes para lá estão rompidas - *excetuados* os arco-íris dos conceitos! E eles conduzem a toda parte, a todas as terras de origem e “pátrias” que houve para as almas gregas! Claro, há de se ser muito fino, muito sutil, muito tênue para se andar sobre essas pontes! Mas que felicidade há nessa vontade de espiritualidade, quase de fantástico! Como se está longe, com isso, da “pressão e choque”, da grosseria mecanicista da ciência da natureza, da balbúrdia de feira das “ideias modernas”! Por meio dos padres da Igreja, quer-se *a volta* para os gregos, do Norte para o Sul, das fórmulas para as formas; goza-se ainda a saída da Antiguidade, ou seja, a cristandade, como um acesso àquela, como um bom pedaço do mundo antigo, como um cintilante mosaico de antigos conceitos e de antigos juízos de valor. Arabescos, floreado, rococó de abstrações escolásticas - sempre cada vez melhor, a saber, mais fino, mais sutil do que a realidade de camponeses e plebeus do norte europeu: sempre cada vez um protesto da espiritualidade superior contra a guerra de camponeses e a sublevação da plebe, que sobrepujou o gosto espiritual no Norte da Europa e que tinha no “grande homem não espiritual”, em Lutero, seu grande chefe. - Dessa perspectiva, a filosofia alemã é um pedaço da Contrarreforma, mesmo ainda do Renascimento, ao menos da vontade de Renascimento, da vontade de *prosseguir* na descoberta da Antiguidade, de desenterrar a filosofia antiga, antes de tudo os pré-socráticos - o mais soterrado de todos os templos gregos! Talvez, alguns séculos mais tarde, julgar-se-á que todo o filosofar alemão tem sua dignidade no seguinte: no

fato de ser um ganhar novamente, passo a passo, o solo antigo, e que toda pretensão de “originalidade” soa mesquinha e risível em proporção com aquela pretensão mais alta dos alemães de ter novamente atado o vínculo, que parecia rompido, com os gregos, com o tipo de “homem” mais bem-sucedido até hoje. Nos realimentamos hoje de todas aquelas formas fundamentais de interpretação de mundo que o espírito grego inventou em Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Empédocles, Demócrito e Anaxágoras - tornamo-nos a cada dia *mais gregos*, em primeiro lugar, como é justo, em conceitos e avaliações, como espectros grecizantes: mas um dia, esperamos, também com o nosso *corpo!* Nisso reside (e residiu desde sempre) minha esperança para a essência alemã!

420

Não quero converter ninguém à filosofia: é necessário, é talvez também desejável, que o filósofo seja uma planta *rara*. Nada me é mais repugnante do que a propaganda doutrinal da filosofia, como em Sêneca ou mesmo em Cícero. Filosofia tem pouco a ver com virtude. Que me seja permitido dizer: também o homem científico é algo fundamentalmente diferente do filósofo. - O que desejo é que, na Alemanha, o autêntico conceito de filósofo não sucumba totalmente. Há demasiados meios-seres de toda espécie na Alemanha que gostariam de esconder o seu ser fracasso sob tão augusto nome.

421

Preciso estabelecer o *mais difícil ideal* do filósofo. O aprendizado não faz isso! O erudito é o animal de rebanho no reino do conhecimento, o qual investiga por que lhe foi mandado ou ensinado.

422

A superstição sobre os *filósofos*: confusão com o homem de *ciência*. Como se os valores estivessem fincados nas coisas e se tivesse apenas de retê-los. Em que medida eles [os filósofos] investigam sob valores *dados* (seu ódio à aparência, ao corpo etc.). Schopenhauer em relação à moral (escárnio sobre o utilitarismo). Por fim, a confusão vai tão longe que se considera o darwinismo como filosofia: agora, este é o que domina nos homens *de ciência*. Também os franceses, como Taine,¹⁸² procuram ou pensam procurar sem já possuir o critério de valor. A submissão aos “fatos” é uma espécie de culto. De fato, eles aniquilam as estimativas existentes.

Explicação desse mal-entendido. O que manda raramente surge; falha na interpretação de si mesmo. *Quer-se* absolutamente despedir a autoridade de si e pô-la nas circunstâncias. - Na Alemanha, o apreço pelos críticos pertence à história da *virilidade* que desperta. Lessing etc. (Napoleão e Goethe). De fato, fez-se recuar novamente esse movimento por meio do romantismo alemão: e a *fama* da filosofia alemã relaciona-se com ele, como se, com ele, o perigo do ceticismo estivesse afastado e a *fé* pudesse ser *provada*. Em Hegel, ambas as tendências chegam ao ápice: no fundo, ele generalizou o fato da crítica alemã e o fato do romantismo alemão - uma espécie de fatalismo dialético, mas, para honra do espírito, com a submissão de fato do filósofo à realidade [*Wirklichkeit*]. - *O crítico prepara:* não mais!

Com Schopenhauer alvorece a tarefa do filósofo, que é a de uma determinação de *valor*: ainda sob o domínio do eudemonismo. O ideal do pessimismo.

Teoria e práxis. - Diferenciação fatal, como se houvesse uma *pulsão do conhecimento*, que, sem consideração da questão do útil e do prejudicial, se

arrojasse cegamente sobre a verdade: e depois, separado disso, o mundo inteiro dos interesses *práticos*...

Ao contrário, procuro mostrar quais instintos estiveram ativos por trás de todos esses teoréticos *puros*, - como, no conjunto, de forma fatalista, no fascínio de seus instintos arrojaram-se em busca de algo que era “verdade” *para eles*, para eles e *somente* para eles. A luta dos sistemas, junto com o escrúpulo dos teóricos do conhecimento, é uma luta de instintos bem definidos (formas da vitalidade, da derrocada, dos estamentos, das raças etc.).

A assim chamada *pulsão*¹⁸³ *do conhecimento* deve ser reconduzida a uma *pulsão da apropriação e do domínio*: seguindo essa pulsão desenvolveram-se os sentidos, a memória, os instintos etc... - a mais rápida redução dos fenômenos, a economia, a acumulação do tesouro adquirido no conhecimento (isto é, de um mundo adquirido e tornado manipulável)...

Por isso a moral é uma ciência tão curiosa, pois é prática no grau mais elevado: a posição pura do conhecimento, a retidão científica é imediatamente abandonada tão logo a moral exija respostas. - A moral diz: necessito de muitas respostas, - razões, argumentos. Escrúpulos podem vir a seguir, ou também não -

“Como se deve agir?” - Que se reflita que temos a ver com um tipo soberanamente desenvolvido, que “agiu” desde incontáveis milênios e em que tudo se tornou instinto, finalidade, automatismo, fatalidade, e então a *urgência* dessa questão moral parece mesmo muito cômica.

“Como se deve agir?” - Moral foi sempre um mal-entendido: na realidade, uma espécie, que tinha no corpo a fatalidade de agir de tal ou qual maneira, quis justificar-se, à medida que *quis decretar* sua norma como norma universal...

“Como se deve agir?” não é causa nenhuma, mas um *efeito*. A moral segue, o ideal vem no final.

Por outro lado, a entrada em cena dos escrúpulos morais, ou, expresso de outra maneira: o *tornar-se consciente dos valores*, de acordo com os quais se age, trai um *certo caráter doentio*; tempos e povos fortes não refletem sobre seu direito, sobre princípios do agir, sobre instinto e razão - o *tornar-se consciente* é um sinal de que a moralidade propriamente dita, isto é, a certeza de instinto do agir, foi para o diabo... Os moralistas são sinal de um prejuízo, de um empobrecimento e de uma desorganização, como cada vez que se cria um *novo mundo da consciência* - os *profundamente instintivos* têm uma timidez medonha em relação a tratar logicamente os deveres: entre eles, encontramos opositores pirronistas¹⁸⁴ da dialética e do cognoscível em geral... Uma virtude é *refutada* com um “por”...

Tese: a entrada em cena dos moralistas pertence aos tempos nos quais a moralidade chega ao fim.

Tese: o moralista é um desagregador dos instintos morais, tanto quanto acredita ser o seu restaurador.

Tese: o que impulsiona de fato os moralistas não são os instintos morais, mas antes os *instintos da décadence* traduzidos em fórmulas da moral: ele sente o tornar-se inseguro dos instintos como *uma corrupção*:

Tese: os *instintos da décadence*, que por meio dos moralistas querem assenhorar-se da moral instintiva de raças e tempos fortes, são:

1. os instintos dos débeis e malsucedidos;
2. os instintos das exceções, dos solitários, dos dissolutos, do *abortus* nos superiores e nos pequenos;
3. os instintos dos sofredores habituais, que precisam de uma nobre interpretação de seu estado e, por isso, estão tão pouco quanto possível autorizados a ser fisiólogos.

[Tartufaria¹⁸⁵ da *cientificidade*. -] Não se deve afetar cientificidade quando ainda não é tempo de ser científico; mas também o investigador verdadeiro tem de afastar a vaidade de si, afetar uma espécie de método que no fundo ainda não está em seu tempo. Da mesma maneira, não se deve “falsificar”, com um falso arranjo de dedução e dialética, coisas e pensamentos aos quais se chegou de outro modo. Assim, Kant falsifica em sua “moral” uma tendência psicológica íntima; um exemplo novo é a ética de Herbert Spencer. -

Não se deve dissimular nem danificar o *fato* de como nossos pensamentos vieram a nós. Os livros mais profundos e mais inesgotáveis terão provavelmente sempre algo de caráter aforístico e repentino do *Pensées*¹⁸⁶ de Pascal. As forças *propulsoras* e valorações estão muito abaixo da superfície; o que vem à luz é efeito.

Defendo-me contra toda tartufaria de científicidade:

1. em relação à exposição, quando ela não corresponde à *gênese* dos pensamentos,
2. nas reivindicações de *métodos*, que talvez não sejam absolutamente possíveis durante um determinado tempo da ciência,
3. nas reivindicações de *objetividade*, de fria ausência de personalidade, nas quais, como em todas as valorações, contamos com duas palavras sobre nós e nossas vivências interiores. Há ridículas espécies de vaidade, por exemplo, a de Saint-Beuve,¹⁸⁷ que se aborreceu durante toda a vida para ter tido, aqui e ali, calor e paixão no “pró” e no “contra”, e que teria de bom grado mentido, continuamente, sobre a sua vida.

“Objetividade” no filósofo: indiferença moral em relação a si mesmo, cegueira para as consequências boas e más: despreocupação no uso de meios perigosos; perversidade e multiplicidade do caráter, descobertos e aproveitados como privilégio -

Minha profunda indiferença em relação a mim mesmo: não quero vantagem alguma de meus conhecimentos e não me esquivo das desvantagens que acarretam - aqui se computa aquilo que se poderia chamar *corrupção* do caráter; essa perspectiva é extrínseca: manejo o meu caráter, mas não penso em entendê-lo nem mudá-lo - o cálculo pessoal da virtude não me veio à cabeça em nenhum momento. Quer parecer-me que fechamos os portões da ciência a nós mesmos, tão logo nos interessamos pelo nosso caso pessoal - ou mesmo pela “salvação” de nossa alma!... Não devemos dar muita importância à nossa moralidade e não devemos deixar de fazer uma modesta reivindicação do seu contrário...

Talvez aqui se pressuponha uma espécie de *riqueza hereditária* em *moralidade* : fareja-se que se pode desperdiçar muito nesse sentido e jogar pela janela, sem que se empobreça significativamente. Nunca se sentir tentado a admirar “belas almas”. Saber-se sempre superior a elas. Ir ao encontro dos monstros de virtude com um escárnio íntimo; *déniaiser la vertu*¹⁸⁸ - divertimento secreto.

Rolar em torno de si mesmo; nenhum desejo de tornar-se “melhor” ou, pelo menos, apenas “de outro modo”. Interessado demais em não lançar tentáculos ou redes de qualquer moralidade nas coisas -

Para a psicologia do *psicólogo*. Psicólogos, como só são possíveis do século XIX em diante: não mais aqueles vagabundos que olham somente três, quatro passos diante de si e quase já estão contentes de cavar em si mesmos.

Nós, os psicólogos do futuro - temos pouca boa vontade para a auto-observação e tomamos quase como um sinal de degeneração quando um instrumento procura “conhecer a si mesmo”: somos instrumentos do conhecimento e gostaríamos de possuir toda a ingenuidade e precisão de um instrumento, - consequentemente, não podemos analisar, “conhecer” a nós mesmos. Primeiro sinal do instinto de autoconservação do grande psicólogo: jamais ele procura a si mesmo, não tem olhos, interesse, curiosidade por si... O grande egoísmo de nossa vontade dominante quer o seguinte de nós: que belamente fechamos os olhos diante de nós, - que tenhamos que aparecer como “impessoais”, “désintéressés”,¹⁸⁹ “objetivos”! - oh, como somos o contrário disso! Só porque somos psicólogos em um grau excêntrico.

Não somos Pascal algum, não estamos especialmente interessados na “salvação da alma”, na própria felicidade, na própria virtude. Não temos nem tempo nem curiosidade o bastante para girar dessa maneira em torno de nós mesmos. Acontece, considerando-se mais profundamente, até *mesmo* de modo diverso: desconfiamos profundamente de todos os observadores de umbigo, pois, para nós, a auto-observação passa por uma *forma de degeneração* do gênio psicológico, como um ponto de interrogação em relação ao instinto do psicólogo: de maneira igual o olho de um pintor está degenerado se tem atrás de si a *vontade* de ver por ver.

[2. Para a crítica da filosofia grega]

427

A aparição dos filósofos gregos a partir de Sócrates é um sintoma de *décadence*; os instintos anti-helênicos assomam...

Ainda inteiramente helênico é o “sofista” - computados Anaxágoras, Demócrito, os grandes jônicos - mas como formas de transição: a *pólis* perde

a crença na singularidade de sua cultura, no seu direito senhorial sobre toda outra *pólis*...

Troca-se a cultura, isto é, os “deuses” - nisso, perde-se a crença no privilégio exclusivo do *deus autochthonus*... misturam-se o bem e o mal de diversas proveniências: apagam-se os limites entre bem e mal... Este é o “sofista” -

O “filósofo”, por outro lado, é a *reação*: ele quer a *antiga* virtude... - ele vê as razões [da decadência] na decadência das instituições - vê a decadência na decadência da autoridade: procura por novas autoridades (viagens ao estrangeiro, às literaturas estrangeiras, às religiões exóticas...) - ele quer a *pólis ideal*, depois que o conceito de “*pólis*” tinha caducado (mais ou menos como os judeus, que se firmaram como “povo” depois terem caído na servidão): interessam-se por todos os tiranos: querem restaurar a virtude com *force majeure*¹⁹⁰ -

Pouco a pouco, todo autenticamente helênico é responsabilizado pela *decadência* (e Platão é, nessa exata medida, ingrato em relação a Homero, à tragédia, à retórica, a Péricles, como os profetas em relação a David e Saul) - *a derrocada da Grécia* é entendida como *objeção aos fundamentos* da cultura *helênica*: *erro fundamental dos filósofos* - *conclusão*: o mundo grego sucumbe. *Causa*: Homero, o mito, os costumes antigos etc.

O desenvolvimento anti-helênico do juízo de valor dos filósofos: - o egípcio (“vida após a morte” como tribunal...); - o semita (a “dignidade do sábio”, o “xeque”); - os pitagóricos, os cultos subterrâneos, o calar-se, o além como meio de atemorizar; a *matemática*: apreciação religiosa, uma espécie de lida com a totalidade; - o sacerdotal, ascético, transcendente; - a *dialética*, - trata-se, penso, de uma abominável e pedante cata de conceitos, já em Platão? - derrocada do bom gosto espiritual: já não se sentem mais a feiura e o matraquear de toda dialética direta.

Ambos os extremos e movimentos-décadence caminham lado a lado: a) a *décadence* abundante, amável-maldosa, amante de pompa e artifício, b) e o obscurantismo do *páthos* religioso e moral, o autoendurecimento estoico, a difamação dos sentidos platônica, a preparação do solo para o cristianismo...

428

Como vai longe a corrupção dos psicólogos pelas idiossincrasias de caráter moral: - Entre os filósofos antigos, ninguém teve a coragem para a teoria da “vontade não livre” (isto é, para uma teoria que negasse a moral); - ninguém teve a coragem de definir os tipos de prazer, cada espécie de prazer (“felicidade”), como sentimento de poder: pois o prazer no poder passava por imoral; - ninguém teve a coragem de conceber a virtude como uma *consequência da imoralidade* (uma vontade de poder) a serviço da espécie (ou da raça, ou da *pólis*, - pois a vontade de poder passava por ser imoral).

Em todo desenvolvimento da moral não aparece nenhuma verdade: todos os elementos conceituais, com os quais se trabalha, são ficções; todos os *psicologica*, aos quais se procura ater-se, são falsificações; todas as formas da lógica, que se introduz nesse reino da mentira, são sofismas. O que distingue propriamente os filósofos morais: é a absoluta ausência de qualquer limpeza, de qualquer autocultivo do intelecto: consideram “belos sentimentos” como argumentos: seu “peito inflado” parece-lhes o fole da divindade... A filosofia moral é a parte escabrosa na história [*Geschichte*] do espírito.

O primeiro grande exemplo: sob o nome de moral, sob o patronato da moral, foi perpetrado um inaudito abuso, realmente uma *décadence* em todas as perspectivas.

Não se pode insistir com rigor suficiente no seguinte: que os grandes filósofos gregos representam a *décadence de toda a capacidade grega* e que a tornam contagiosa... Essa “virtude” tornada totalmente abstrata foi a maior sedução para fazer-se, a si próprio, abstrato: isto é, *para desprender-se de si...*

O momento é muito notável: os sofistas afloram a primeira *crítica da moral*, o primeiro entendimento intrínseco da moral... - eles põem lado a lado a maioria (os condicionamentos locais) dos juízos de valor morais - dão a entender que cada moral se [deixa] justificar dialeticamente, - isto é, decifram que toda fundamentação de uma moral há de ser necessariamente *sofística* - uma sentença que, em seguida, foi provada, em estilo grandioso, pelos filósofos antigos, de Platão em diante (até Kant) - eles estabelecem a primeira verdade: que uma “moral em si” e um “bem em si” não existem, que é um embuste falar de “verdade” nesse âmbito.

Onde estava então, pelo menos, a *honestidade intelectual*?

A cultura grega dos sofistas havia medrado a partir de todos os instintos gregos: pertence à cultura do tempo de Péricles, de modo tão necessário como Platão *não* pertence a ela: tem os seus precursores em Heráclito e em Demócrito,¹⁹¹ nos tipos científicos da filosofia antiga; tem a sua expressão na alta cultura de Tucídides,¹⁹² por exemplo - e, afinal, ela teve razão: cada progresso do conhecimento epistemológico e moral *restituiu* os sofistas... Nossa maneira de pensar de hoje é, em grau elevado, ao modo de Heráclito, Demócrito e Protágoras... seria suficiente dizer que ela [é] ao modo de Protágoras¹⁹³: pois Protágoras reuniu em si as duas peças: Heráclito e Demócrito.

Platão: um grande *Cagliostro*,¹⁹⁴ - que se pense em como Epicuro¹⁹⁵ o julgava; em como Timon, o amigo de Pirro, o julgava - Será que a honestidade de Platão encontra-se fora de qualquer dúvida?... Mas nós sabemos, pelo menos, que ele se pretendia *versado* na verdade absoluta, no que para ele nem ao menos passava por um modo condicionado de verdade: a saber, a existência particular e a imortalidade particular das “almas”.

Os *sofistas* não são nada mais do que realistas: formulam todos os valores e práticas usuais para hierarquização dos valores, - têm a coragem, própria a todos os espíritos fortes, de *saber* de sua imoralidade...

Pode-se realmente acreditar que essas pequenas cidades livres gregas, que de bom grado se teriam devorado por ódio e ciúmes, eram guiadas por princípios filantrópicos e honestos? Pode-se realmente reprovar Tucídides pelo discurso que pôs na boca dos embaixadores atenienses quando estes negociaram com os habitantes de Melos¹⁹⁶ sobre a derrota ou a submissão?

Em meio a essa terrível tensão, falar de virtude só era possível para um Tartufo consumado - ou para alguém *posto à parte*, um eremita, fugitivo e emigrante da realidade... todas as pessoas que a negaram, a fim de que elas mesmas pudessem viver -

Os sofistas eram gregos: quando Sócrates e Platão tomaram o partido da virtude e da justiça, eram *judeus* ou não sei o quê. A tática de *Grotius*¹⁹⁷ [*Grotes*] para a defesa dos sofistas é falsa: ele pretende que sejam homens honrados e tenham erguido estandartes da moral - mas a sua honra estava em não alimentar nenhum embuste com grandiloquência e virtudes...

430

A grande razão [*Vernunft*] em toda educação para a moral sempre foi a de que aqui se procurava alcançar a *segurança de um instinto*: de modo que nem as boas intenções nem os bons meios, como tais, surgiam primeiro na consciência. O homem devia aprender a agir do mesmo modo que o soldado exercita. De fato, essa inconsciência pertence a qualquer espécie de perfeição: mesmo o matemático maneja as suas combinações inconscientemente...

Ora, o que significa a *reação* de Sócrates, que recomendava a dialética como caminho para a virtude e ironizava o fato de a moral não saber

justificar-se logicamente?... Mas o mencionado por último pertence à sua *qualidade*, - sem inconsciência, a *moral não serve para nada!*...

Que se tenha anteposto a *comprobabilidade* como pressuposição da capacidade pessoal na virtude, isso significa exatamente a *dissolução dos instintos gregos*. Todos esses “virtuosos” e fabricantes de palavras são tipos da dissolução...

Na prática, isso significa que os juízos morais são arrancados de seu caráter condicional, a partir do qual cresceram e somente nele têm algum sentido, são arrancados de seu fundamento e solo grego e greco-político, e, sob a aparência de *sublimação*, são *desnaturalizados*. Os grandes conceitos “bom”, “justo” são destacados das pressuposições às quais pertencem e, como “ideias” que se *tornaram livres*, passam a ser objetos da dialética. Procura-se por trás deles uma verdade, são tomados como se fossem entidades ou como sinais de entidades: *inventa-se* um mundo onde estejam em casa e de onde provêm...

Em suma: o disparate está no auge já em Platão... E agora se tinha necessidade de inventar também, como acréscimo, o homem *abstratamente-perfeito*: - bom, justo, sábio, dialético - em resumo, o espantalho do filósofo antigo: uma planta solta de qualquer solo; uma humanidade sem quaisquer instintos reguladores determinados; uma virtude que “se demonstra” com razões. O “indivíduo” em si completamente *absurdo!* A *não natureza* em um grau supremo...

Em resumo, a desnaturalização dos valores morais teve como consequência criar um *tipo de homem* degenerado - “o bom”, “o feliz”, “o sábio”. - Sócrates é um momento da *mais profunda perversão* na história [*Geschichte*] do homem.

Sócrates - Essa mudança de gosto em favor da dialética é um grande ponto de interrogação. O que aconteceu propriamente? - Sócrates, o *roturie*¹⁹⁸ que a impôs, sobrepujou vitoriosamente um gosto mais nobre, o gosto *dos nobres* : - a plebe chegou à vitória com a dialética. Antes de Sócrates recusava-se o estilo dialético em toda boa sociedade; acreditava-se que ele expunha a perigos; advertia-se a juventude a seu respeito. Para que essa *éitalage*¹⁹⁹ de razões? Para que propriamente provar? Na relação com outros, tinha-se a autoridade. Ordenava-se: isso era suficiente. Entre si, *inter pares*²⁰⁰, tem-se a origem, *também* uma autoridade: e, em último caso, as partes “entendiam-se”! Não havia nenhum lugar para a dialética. Também se desconfiava de uma tal apresentação aberta de argumentos. Todas as coisas honestas não tinham razões tão ao alcance das mãos. Existe algo de indecente em mostrar todos os cinco dedos. O que se deixa “provar” é de pouco valor. - De resto, o instinto dos oradores de todos os partidos sabe que a dialética provoca desconfiança e persuade pouco. Nada é mais fácil de eliminar do que um efeito dialético. Dialética pode ser apenas um *último recurso*. Precisa-se estar em estado de necessidade, precisa-se ter de *obter por coação* o seu direito: antes disso, não se faz dela uso algum. Os judeus eram, por isso, dialéticos, Reineke Fuchs^{201 202} o era, Sócrates também. Tem-se um instrumento implacável nas mãos. Podesse, com ele, tiranizar. Põe-se a nu, enquanto se vence. Abandona-se à vítima a comprovação de que não é um idiota. Provoca-se a fúria e o desespero, enquanto se permanece com fria e triunfante razoabilidade, - *torna-se impotente* a inteligência do opositor. - A ironia do dialético é uma forma de vingança plebeia: os oprimidos têm a sua ferocidade nas frias estocadas do silogismo...

Em Platão, como em um homem de sensibilidade superestimulável e de exaltação, o encanto do conceito foi tão grande que, involuntariamente, venerou e divinizou o conceito como uma forma ideal. *Embriaguez-*

dialécticai: a consciência de, com ela [a dialética], exercer um domínio sobre si mesmo — como instrumento da vontade de poder.

432

O problema de Sócrates. - As duas posições contrárias: o modo de pensar trágico, o modo de pensar socrático - medidas pela lei da vida.

Em que medida o modo de pensar socrático é um fenômeno de *décadence*: em que medida, por outro lado, mostra-se ainda uma forte saúde e força em todo o hábito, na dialética, na habilidade e no rigor do homem científico? (- a saúde do *plebeu*; cuja malignidade, *esprit frondeur*,” cuja argúcia, *canaille au fond*,²⁰³ é mantida nas rédeas pela *inteligência*: “feio”).

Afeamento: o sarcasmo contra si, a aridez dialética, a inteligência como *tirano* contra “o tirano” (o instinto). Tudo em Sócrates é exagerado, excêntrico, caricatura, um *buffo*²⁰⁴ com os instintos de Voltaire no corpo; ele descobre uma nova espécie de *ágon* - é o primeiro mestre de esgrima nos círculos nobres de Atenas; representa a própria *inteligência suprema*: ele a nomeia “virtude” (- decifrou-a como *salvação*: não tinha a escolha de ser *inteligente*, era *de rigueur*) ;²⁰⁵ ter governo sobre si para ir à luta com razões, não com afetos - a *astúcia* de Spinoza - o desemaranhar dos erros do afeto... descobrir como se apanham todos aqueles que se leva ao afeto, descobrir que o afeto procede ilogicamente; exercício na autoironia para destruir na raiz o *sentimento de rancor*.

Procuro conceber de que estados parciais e idiossincráticos o problema socrático há de ser derivado: sua equalização de razão [*Vernunft*] = virtude = felicidade. Com essa absurda doutrina de identidade ele *enfeitiçou*: a filosofia antiga não conseguiu mais se libertar...

Absoluta falta de interesses objetivos: ódio contra a ciência: a idiossincrasia de sentir a si mesmo como problema. Alucinações acústicas

em Sócrates: elemento mórbido. Quando o espírito é rico e independente, resiste o mais possível a ocupar-se com moral. Como acontece que Sócrates seja um *monômano moral*? - Toda filosofia “prática” entra imediatamente em primeiro plano em situações de calamidade. Moral e religião como interesses principais são sinais de calamidade.

433

- Inteligência, clareza, dureza e logicidade como armas contra a *selvageria das pulsões*. As últimas têm de ser perigosas e ameaçar com a derrocada: caso contrário, não há sentido em desenvolver a *inteligência* até essa tirania. *Fazer* da inteligência *uma tirania*: - mas, *para tanto*, as pulsões têm de ser tiranas. Este é o problema. - Era muito oportuno, então. Razão [*Vernunft*] tornou-se = virtude = felicidade.

Solução: Os filósofos gregos estão no mesmo fato fundamental de suas experiências interiores que Sócrates: cinco passos afastados do excesso, da anarquia, da dissolução, todos homens da *décadence*. Eles o sentiram como médico: lógica como vontade de poder, de autodomínio, de “felicidade”. Em Sócrates, a selvageria e anarquia dos instintos é um *sintoma de décadence*. Da mesma maneira, o excesso de lógica e de razão-luminosidade. Ambos são anormalidades que se pertencem reciprocamente.

Crítica. A *décadence* trai-se nessa preocupação com a “felicidade” (isto é, com a “salvação da alma”, o que significa sentir o *seu estado* como um *perigo*). Seu fanatismo do interesse na “felicidade” mostra a patologia do subterrâneo: era um interesse na vida. Todos estavam diante da *alternativa* de ser *razoável* ou sucumbir. O moralismo dos filósofos gregos mostra que eles se sentiam *em perigo*...

434

Por que tudo descambou em um jogo de cena. - A psicologia rudimentar, que considerava causas somente os momentos *conscientes* do homem, que tomava a “consciência” como um atributo da alma, que procurava uma vontade (isto é, uma intenção) por trás de todo fazer: - tinha somente a necessidade de responder: em primeiro lugar, *o que quer o homem?* - Resposta: a *felicidade* (não se podia dizer “poder”: isso seria *imoral*) - por consequência, em toda ação do homem há uma intenção de com ela alcançar a felicidade - em segundo lugar: se, de fato, o homem não alcança a felicidade, por que isso acontece? Por causa dos erros em relação aos meios. - *Qual é o meio infalível para a felicidade?* - Resposta: a *virtude*. - Por que a virtude? Porque [é] a suprema racionalidade e porque a racionalidade torna impossível a falha de enganar-se nos meios; - como *razão* [*Vernunft*], a virtude é o caminho para a felicidade... - a dialética é o ofício permanente da virtude, pois ela exclui toda perturbação do intelecto, todos os afetos.

De fato, o homem *não quer a “felicidade”*... - prazer é um sentimento de poder: se se excluem os afetos, excluem-se os estados que, no mais alto grau, proporcionam o sentimento de poder e, consequentemente, de prazer. - A racionalidade mais elevada é um estado frio, claro, que está longe de proporcionar aquele sentimento de prazer que toda espécie de *embriaguez* traz consigo...

Os antigos filósofos combatiam tudo o que embriaga - que estorva a absoluta frieza e neutralidade da consciência... eram consequentes com base em sua falsa pressuposição: a de que a consciência seja um estado *elevado, superior*, a pressuposição da completude, - enquanto o contrário é *verdadeiro*

À medida que se quer, que se sabe, não há nenhuma completude em qualquer espécie de fazer. Os filósofos antigos eram os *maiores desajeitados em matéria de práxis*, pois se condenavam teoricamente à *falta de jeito*... Na

práxis tudo descambou em jogo de cena [*Schauspielerei*]: - e quem descobriu isso, Pirro, por exemplo, julgava como todos, a saber, que na bondade e na honestidade a “gente miúda” estava muito acima dos filósofos.

Todas as naturezas mais profundas da Antiguidade tiveram nojo dos filósofos da *virtude*: viam-se neles amantes de querelas e atores [*Schauspieler*]. - Juízo sobre Platão: por parte de Epicuro, por parte de Pirro.

Resultado: Na práxis da vida, na paciência, na bondade e no mútuo encorajamento a gente miúda é superior a eles: esse é aproximadamente o juízo que Dostoiévski ou Tolstoi reivindicam para os seus mujiques:²⁰⁶ eles são mais filosóficos na práxis, têm uma maneira mais corajosa de safar-se no necessário...

435

Para a crítica dos filósofos. - É um autoengano dos filósofos e moralistas, o de crerem escapar da *décadence* com o fato de que lutam *contra* ela. Isso não depende de sua vontade: e, mesmo que pouco o reconheçam, mais tarde se descobre que eles pertenceram aos mais vigorosos fomentadores da *décadence*.

Os filósofos da Grécia, por exemplo, Platão - ele dissolveu os instintos da pólis, da competição, da habilidade militar, da arte e da beleza, dos Mistérios, da crença na tradição e nos antepassados... foi o sedutor dos nobres: ele mesmo seduzido pelo *roturier* Sócrates... negava todos os pressupostos do “grego nobre” de boa cepa, admitiu a dialética na práxis do dia-a-dia, conspirou com os tiranos, fomentou a política do futuro e deu o exemplo da mais completa *dissolução do instinto do antigo*. É profundo, apaixonado em tudo que é *anti-helênico*...

Esses grandes filósofos representam, segundo a ordem, as formas *típicas* de *décadence*: a idiossincrasia moral religiosa, o anarquismo, o niilismo

ἀδιάφορα [adiáphora],²⁰⁷ o cinismo, o endurecimento, o hedonismo, o reacionarismo.

A questão da “felicidade”, da “virtude”, da “salvação da alma” é a expressão do *caráter fisiológico contraditório* nessas naturezas de declínio: falta nos instintos a *gravidade*, o “*para onde?*”

436

Em que medida a dialética e a crença na razão repousam ainda sobre preconceitos *morais*. Em Platão, como habitantes de outrora de um mundo inteligível do bem, ainda estamos de posse de um legado daquele tempo: a divina dialética, como se originando do bem, conduz a todo bem (- portanto, como que “de volta” -). Também Descartes considerava que em um modo de pensar fundamentalmente cristão-moral, que acredita em um Deus *bom* como criador das coisas, a veracidade de Deus *garante*, em primeiro lugar, os nossos juízos sensíveis. À parte de uma sanção e de uma garantia religiosa de nossos sentidos e racionalidade - de onde mais deveríamos ter um direito de confiança em relação à existência! Que o pensamento seja uma medida do real, - que o que não possa ser pensado não *exista* [*ist*], - é um grosseiro *non plus ultra*²⁰⁸ de uma bem-aventurança nascida da confiança moralista em um princípio essencial de verdade no fundo das coisas, em si uma afirmação desvairada, que nossa experiência contradiz a todo momento. Não podemos justamente pensar absolutamente nada na medida em que *exista* [*ist*, seja]...

437

Os *filósofos dos gregos* propriamente ditos foram aqueles antes de Sócrates: com Sócrates algo se modifica. São todos personagens nobres, pondo-se à parte do povo e do costume, viajados, sérios até a obscuridade, com olhos vagarosos, não estranhos aos negócios do Estado e da diplomacia.

Antecipam os sábios em todas as grandes concepções das coisas: eles mesmos as representam e levam-nas a um sistema. Nada fornece uma concepção mais alta do espírito grego do que essa repentina fertilidade em tipos, essa completeza não intencionada no estabelecimento das grandes possibilidades [do] ideal filosófico. - Vejo ainda a seguir somente *uma* figura original: um tardio, mas necessariamente o último... o niilista Pirro,... ele tem o instinto *contra* tudo o que entremes esteve predominando, os socráticos, Platão.

Pirro haure, para além de Protágoras, de Demócrito... o otimismo de artistas de Heráclito, - - -

O cansaço *sábio*: Pirro. Viver entre os inferiores de maneira inferior. Nenhum orgulho. Viver da maneira comum; honrar e acreditar naquilo em que todos acreditam. Em guarda contra ciência e espírito, também contra tudo que *infla*... Simples: indescritivelmente paciente, despreocupado, suave. ἀπάθεια [*apátheia*],²⁰⁹ mais ainda πραῦτης [*praietes*]²¹⁰ Um budista para a Grécia, que medrou em meio ao tumulto das escolas; vindo tarde demais; cansado; o protesto do cansado contra o zelo dos dialéticos; a descrença do cansado na importância de todas as coisas. Ele viu *Alexandre*, viu os *penitentes indianos*. Em tais tipos tardios e refinados tudo o que é baixo, pobre, idiota atua de forma sedutora. Isso narcotiza: faz espreguiçar: Pascal. Eles sentem, por outro lado, no meio do bulício e confundidos com cada um, um pouco de calor: têm necessidade de *calor*; esses cansados...

Superar a contradição; nenhuma competição; nenhuma vontade de distinção: negar os instintos *gregos*. - Pirro vivia junto com sua irmã, que era parteira. -

Disfarçar a sabedoria, de modo que ela não mais distinga; dar-lhe um manto de miséria e farrapos; entregar-se aos mais baixos afazeres: andar pelo mercado e vender leitões [*Milchschweine*]... Doçura; clareza;

indiferença; nenhuma virtude que necessite gestos. Pôr-se em igualdade também na virtude: última superação de si, última indiferença.

Pirro, igual a Epicuro, duas formas da *décadencegrega*: aparentados no ódio contra a dialética e contra todas as virtudes *de encenação* - ambas juntas denominavam-se então filosofia -; [considerando] intencionalmente o que eles amam como baixo; escolhendo para este os nomes habituais, mesmo desprezados; apresentando um estado em que não se está nem doente nem sadio, nem vivo nem morto...

Epicuro: mais ingênuo, mais idílico, mais grato; Pirro: mais viajado, mais vivido, mais niilista... Sua vida foi um protesto contra a grande *doutrina da identidade-* (*felicidade- = virtude = conhecimento*). A vida correta não se encontra pela ciência; sabedoria não torna “sábio”... A vida correta não quer felicidade, abstrai da felicidade...

438

A luta contra a “antiga crença”, como empreendida por Epicuro, foi, em sentido rigoroso, a luta contra o cristianismo preexistente - a luta contra o mundo antigo já obscurecido, moralizado, tornado amargo com sentimentos de culpa, envelhecido e adoecido.

Não foi a “corrupção dos costumes” da Antiguidade, mas justamente a moralização o pressuposto que permitiu ao cristianismo assenhorear-se dela. O fanatismo moral (em resumo: Platão) destruiu o paganismo, à medida que transvalorou os seus valores e deu para beber, à sua inocência, veneno. - Deveríamos compreender, afinal, que o que foi destruído era o *superior* em comparação com o que se tornou predominante! - O cristianismo medrou da corrupção psicológica, só deitou raízes em um solo corrompido...

439

Cientificidade: como adestramento ou como instinto. - Nos filósofos gregos vejo um *rebaixamento dos instintos*: de outro modo não poderiam enganarse a ponto de estabelecer o estado *consciente* como o mais *valioso*. - A *intensidade da consciência* está em proporção *inversa* em relação à facilidade e rapidez da transmissão cerebral. - Lá reinava a *opinião contrária* sobre o instinto: o que sempre é o sinal de instintos *debilitados*.

Precisamos, de fato, procurar a *vida perfeita* lá onde se torna minimamente mais consciente (isto é, onde ela minimamente apresenta a si mesma sua lógica, suas razões [*Gründe*], seus meios e intenções, sua *utilidade*). - O retorno ao fato do *bon sens*, do *bon homme*,²¹¹ da “gente miúda” de toda espécie

- *Honestidade e inteligência armazenadas* desde gerações, que nunca tiveram conscientes os seus princípios e que têm mesmo um pequeno arrepião diante de princípios

a exigência de uma *virtude raciocinante* é razoável... Um filósofo é corrompido com uma tal exigência.

440

Quando a moral foi como que armazenada por meio do exercício em toda uma série de gerações - portanto a sutileza, a circunspeção, a coragem, a justiça - então a força conjunta dessa virtude acumulada irradia mesmo até a esfera onde raramente chega a honestidade: até a esfera *espiritual*.

Em todo tornar consciente exprime-se um mal-estar do organismo: algo novo deve ser tentado, não se está suficientemente pronto para tal, há esforço, tensão, superexcitação - tudo isso é justamente tornar consciente... O gênio assenta-se no instinto; a bondade, do mesmo modo. Só se age perfeitamente enquanto se age por instinto. Também considerado moralmente, todo pensamento que transcorre conscientemente é mera

tentativa, na maioria das vezes o contraponto [*Widerspiel*] da moral. A honestidade científica é sempre desarticulada quando o pensador começa a raciocinar: tire-se a prova, ponham-se os mais sábios na balança de ouro enquanto se os faz falar sobre moral...

Tal é passível de ser provado: todo pensamento que transcorre conscientemente apresentará também um grau de moralidade muito mais baixo do que o pensamento conduzido pelos *instintos*.

441

A luta contra Sócrates, Platão e o conjunto das escolas socráticas parte do instinto profundo de que não se torna *melhor* o homem quando se lhe apresenta a virtude como passível de ser provada e como exigindo razões...

Por fim, existe o fato mesquinho de que o instinto agonístico forçou todos esses dialéticos de nascença a enaltecer sua *capacidade pessoal* como *propriedade superior* e a apresentar todos os outros bens como condicionados por ela. O espírito *anticientífico* de toda essa “filosofia”: *ela quer ter razão*.

442

É extraordinário. Desde o início da filosofia grega encontramos uma luta contra a ciência, com os recursos de uma teoria do conhecimento, a saber, o scepticismo: e para quê? Sempre a favor da *moral*...

O ódio contra os físicos²¹² e os médicos. - Sócrates, Aristipo, os megáricos, os cínicos,²¹³ Epicuro, Pirro - assalto geral contra o conhecimento a favor da *moral*... Ódio também contra a dialética... - Resta um problema: eles alimentam-se da sofistica para livrarem-se da ciência. - Por outro lado, todos os físicos estão amplamente subjugados à medida que aceitam um esquema da verdade, do ser verdadeiro em seus fundamentos: por exemplo, o átomo, os quatro elementos (*justaposição* dos entes - do que

é [Seienden] - para explicar a multiplicidade e a transformação -). - Desprezo erudito contra a *objetividade* do interesse: retorno ao interesse prático, à utilidade pessoal de todo conhecimento...

A luta contra a ciência dirige-se contra i. o seu *páthos* (objetividade), 2. os seus meios (isto é, contra a sua utilidade), 3. os seus resultados (como infantis).

Mais tarde, a mesma luta foi novamente conduzida pela *Igreja* em nome da piedade: ela herda todo o armamento antigo para a luta. - A teoria do conhecimento desempenha o mesmo papel, então, que em Kant, que nos indianos... - não se quer cuidar disso: quer-se conservar a mão livre para seu “caminho”.

Contra o que se defendem propriamente? Contra o comprometimento, contra a normatividade, contra a necessidade de andar de mãos dadas -: creio que se nomeia a *liberdade*...

Nisso exprime-se a *décadence*: o instinto de solidariedade está tão degenerado que a solidariedade é sentida como *tirania*: não querem nenhuma autoridade, nenhuma solidariedade, nenhuma ordenação em fila e na infinita lentidão do movimento. Odeiam o passo a passo, o ritmo da ciência, odeiam o não querer chegar, o grande fôlego, a indiferença pessoal do homem científico -.

No fundo, a moral tem uma disposição hostil em relação à ciência: já Sócrates era assim - e, em verdade, pelo fato de que a ciência considera importantes certas coisas que não têm nada a ver com “bem” e “mal”, e consequentemente *tiram peso* do sentimento de “bem” e de “mal”. A moral quer que o homem inteiro esteja a seu serviço, com toda a sua força: ela considera desperdício de alguém, que *não é rico o bastante* para desperdício, quando o homem preocupa-se seriamente com plantas e estrelas. Por isso,

na Grécia, a ciência ruiu rapidamente quando Sócrates trouxe para dentro dela a doença da moralização; uma elevação como a que havia no modo de pensar de um Demócrito, um Hipócrates²¹⁴ e um Tucídides não foi alcançada uma segunda vez.

444

Problema do *filósofo* e do homem *científico*. - Influência da idade; hábitos depressivos (o caráter caseiro à la Kant). Trabalho excessivo; alimentação insuficiente do cérebro; leitura. - Mais essencial: se já não é dado um *sintoma de décadenceno* direcionamento a uma tal *universalidade: objetividade como desagregação da vontade* (- poder ficar tão *distante...*). Isso supõe uma grande adiaforia²¹⁵ contra as pulsões fortes: uma espécie de isolamento, de posição de exceção, de resistência contra as pulsões normais.

Tipo: o desprendimento da *terra natal*, em círculos cada vez mais amplos, o crescente exotismo, o emudecer dos antigos imperativos — deveras, este constante interrogar “para onde?” (“felicidade”) é um sinal do desprender-se de formas de organização, despedaçamento [*Herausbruch*].

Problema: se o homem *científico* não é, antes do filósofo, um sintoma de *décadence* - ele não é solto como *todo*, somente uma *parte* dele é absolutamente consagrada ao conhecimento, adestrada para um ângulo e uma óptica [*Ecke und Optik*] -, ele tem aqui necessidade de saúde e de *todas* as virtudes de uma raça forte - de grande rigor, virilidade, inteligência. - Ele é mais um sintoma da grande multiplicidade da cultura do que de seu cansaço. O erudito-*décadence* é um *mau* erudito. Enquanto o *filósofo-décadence*, até agora, pelo menos, passou por ser o filósofo típico.

445

Nada é mais raro entre os filósofos do que *honestidade intelectual*: talvez eles digam o contrário, talvez até mesmo acreditem nisso. Mas o seu ofício,

por inteiro, comporta que só admitam certas verdades; sabem o que *precisam* provar, reconhecem-se quase como filósofos no fato de que são unânimes a respeito dessas “verdades”. Tais são, por exemplo, as verdades morais. Mas a crença na moral não é ainda nenhuma prova de moralidade. Há casos, e o caso dos filósofos está entre eles, em que uma tal crença é simplesmente uma *imoralidade*.

446

O que é, pois, retrógrado no filósofo? - O fato de que ele ensine suas qualidades como qualidades necessárias e únicas para que se chegue ao “supremo bem” (por exemplo, a dialética, como Platão). - O fato de que façam todas as espécies de homem ascender *gradativamente* até o seu tipo como o tipo supremo. - O fato de que desprezam o que de costume é apreciado - de que abrem um abismo entre os valores superiores *sacerdotais* e os *mundanos* - o fato de que *sabem* o que é verdadeiro, o que é Deus, qual é a meta, qual é o caminho... o filósofo típico é aqui o dogmático absoluto; - quando tem *necessidade* do ceticismo, é para poder falar dogmaticamente *do que, para ele, é o principal*.

447

O filósofo contra os *rivaís*, por exemplo, contra a ciência: então ele vira céptico; então reserva para si uma *forma de conhecimento* que nega ao homem científico; então vai de mãos dadas com o sacerdote, para [não] suscitar a suspeita de ateísmo, de materialismo; considera que um ataque contra si é um ataque contra a moral, a virtude, a religião, a ordem, - sabe difamar os opositores como “sedutores”, como “sabotadores” - então anda de mãos dadas com o poder.

O filósofo em luta com outros filósofos: - ele procura forçá-los a parecerem anarquistas, incréus, opositores da autoridade. - Em suma: à

medida que *luta*, luta como um sacerdote, como uma irmandade sacerdotal.

[3. Verdade e erro dos filósofos]

448

Filosofia definida por Kant como “*ciência dos limites da razão*”!!

449

Filosofia como a arte de descobrir a verdade: segundo Aristóteles. *Por outro lado*, os epicuristas, que se serviram da teoria do conhecimento sensualista de Aristóteles: totalmente irônicos e negadores quanto à procura da verdade; “filosofia como uma arte da *vida*”.

450

As três grandes ingenuidades:

Conhecimento como meio para a felicidade (como se...)
como meio para a virtude (como se...)
como meio para a “negação da vida” - à medida que ele é um meio para a desilusão - (como se...)

451

Que haja uma “verdade” da qual se possa, de algum modo, aproximar -!

452

O erro e a ignorância são fatais. - A afirmação de que a *verdade existe* e se pode acabar com a ignorância e o erro é uma das maiores seduções que há.

Posto que se acredite nela, então a vontade de examinar, de pesquisar, de acautelar-se, de experimentar fica paralisada: essa vontade pode passar até mesmo por reprovável, a saber, como *dúvida* a respeito da verdade...

A “verdade” é, por consequência, mais *plena* de fatalidade que o erro e a ignorância, pois impede as forças com as quais se trabalha no esclarecimento [*Aufklärung*] e no conhecimento.

O afeto da *preguiça* toma agora o partido da “verdade”; - “Pensar é uma necessidade, uma miséria!”, do mesmo modo a ordem, a regra, a felicidade da posse, o orgulho da sabedoria - a *vaidade*, em suma - é mais confortável *obedecer* que *examinar...* é mais lisonjeiro pensar “eu tenho a verdade” do que só ver escuridão em torno de si... - antes de tudo: isso acalma, dá confiança, facilita a vida - “melhora” o *caráter* à medida que *diminui a desconfiança...* “a paz da alma”, a “calma da consciência”: todas são invenções que só são possíveis sob o pressuposto de que a *verdade existe...* - “Em seus frutos deveis reconhecê-la... A “verdade” é verdade, *pois* faz os homens melhores... o processo prossegue: pôr todo bem, todo sucesso na conta da “verdade”...

Essa é a prova da força: a felicidade, o contentamento, a prosperidade da coletividade e do indivíduo são entendidos, de agora em diante, como consequências da *crença na moral...* - a inversão: o *malogro* deve ser deduzido da *falta de crença* -

As causas do erro devem-se tanto à *boa vontade* do homem quanto à má -: ele oculta de si a realidade em mil casos, a falseia, para não sofrer em sua boa vontade. - Deus, por exemplo, como condutor do destino humano: ou a interpretação de seu pequeno destino tal como se tudo fosse disposto e fosse pensado para a salvação da alma - falta de “filologia”, que, para um intelecto mais refinado, deve passar como imundície e engano, fez-se regular sob a inspiração da *boa vontade...* A boa vontade, os “sentimentos nobres”, os “estados elevados” são, em seus meios, tão engano e intrujice como os afetos negados e chamados de egoístas: amor, ódio, vingança.

Os erros são aquilo que a humanidade há de pagar com mais alto custo: e contando por alto, os erros da “boa vontade” são os que a prejudicaram mais profundamente. A ilusão que torna feliz é mais corruptora do que aquela que tem diretamente más consequências: a última aguça, torna desconfiado, purifica a razão [*Vernunft*], - a primeira a entorpece...

Os belos sentimentos, as “ondas sublimes” pertencem, dito psicologicamente, aos meios narcóticos: seu abuso tem a mesma consequência que o abuso de um outro ópio - a *debilitação dos nervos*...

454

O erro é o luxo mais custoso que o homem pode permitir-se; e quando o erro é um erro fisiológico, então se torna perigoso para a vida. Consequentemente, qual foi o erro mais caro para a humanidade até agora, qual ela expiou da pior maneira? Foram suas “verdades”: pois as mesmas eram erros *in physiologicis*²¹⁶...

455

As confusões psicológicas: - o *clamor de crença* - confundido com a “vontade de verdade” (como, por exemplo, em Carlyle).²¹⁷ Mas da mesma maneira o *clamor de descrença* foi confundido com a “vontade de verdade” (- uma necessidade de livrar-se de uma crença, por cem razões [*Gründe*], de ter razão contra alguns “crentes”). O que inspira os cépticos? O ódio contra os dogmáticos - ou uma necessidade de repouso, um cansaço, como em Pirro.

As vantagens que eram esperadas da verdade foram as vantagens da crença nela: - *em si mesma*, a verdade poderia ser absolutamente penosa, prejudicial, fatal - também, por sua vez, só se combateu a “verdade” quando se esperavam vantagens da vitória... por exemplo, liberdade em relação aos poderes dominantes.

A metódica da verdade *não* foi encontrada por motivos de verdade, mas *por motivos de poder, do querer ser superior.*

Com que se prova a verdade? Com o sentimento do poder acrescido - com a utilidade - com a imprescindibilidade - *em resumo, com vantagens* - a saber, com pressuposições de como a verdade *deveria* ser arranjada para ser reconhecida por nós. - Mas isso é um *preconceito*: um sinal de que não se trata absolutamente de *verdade...*

O que significa, por exemplo, a “vontade de verdade” nos Goncourts?²¹⁸ Nos *naturalistas*? Crítica da “objetividade”.

Por que conhecer? Por que não, de preferência, iludir-se?... - o que se quis foi sempre a crença - e *não* a verdade... - A crença foi produzida por meios *opostos* à metódica da investigação -: *ela exclui mesmo esta última* -

456

Um certo grau de crença nos é suficiente hoje como *objeção* contra aquilo em que se crê, ainda mais como ponto de interrogação em relação à saúde espiritual do crente.

457

Mártires. - Tudo o que se funda na veneração necessita, por parte dos que o atacam, de um certo modo de pensar destemido, sem consideração, mesmo desavergonhado... Ora, pondere-se que a humanidade, por milênios, só santificou erros em vez de verdades, que ela estigmatizou toda crítica dos mesmos como sinal de uma maneira de pensar pervertida: então é preciso reconhecer, com pesar, que uma boa quantidade de *imoralidade* foi necessária para dar iniciativa ao ataque, quer dizer, à *razão [Vernunft]*... Que esses imoralistas tenham sempre se arvorado, eles mesmos, em “mártires da verdade” deve ser-lhes perdoado: a dissolução, o ceticismo condenável, o prazer da aventura, e não a pulsão pela verdade, foram a pulsão a partir da

qual eles negavam -. Em outros casos, foram rancores pessoais que os impeliram ao âmbito dos problemas - lutaram contra problemas para ter razão contra pessoas. Antes de tudo, porém, foi a vingança que se tornou utilizável cientificamente, - a vingança dos oprimidos, daqueles que eram postos de lado pelas verdades *dominantes* e eram, eles mesmos, oprimidos...

A verdade, quer dizer, a metódica científica foi agarrada e fomentada por aqueles que decifraram nela um instrumento de luta - uma arma de *aniquilamento*... Para honrar a sua oposição precisaram, além de tudo, de um aparato segundo o modo daqueles que atacavam: - eles ostentaram o conceito de “verdade” de maneira tão incondicional quanto os seus opositores - tornaram-se fanáticos, ao menos na atitude, pois nenhuma outra atitude era levada a sério. O resto ficou a cargo da perseguição, da paixão e da insegurança dos perseguidos - o ódio cresceu e, consequentemente, diminuiu o pressuposto necessário para se permanecer no solo da ciência. Todos eles queriam, por fim, ter razão, de um modo tão absurdo quanto os seus opositores... A palavra “*convicção*”, “*crença*”, o orgulho do martírio - todos esses são estados desfavoráveis ao conhecimento. Os opositores das verdades, por fim, aceitaram por si mesmos, por sua vez, a maneira inteiramente subjetiva de decidir sobre a verdade, a saber, com atitudes, sacrifícios, decisões heroicas, - isto é, *estenderam o domínio* do método anticientífico.

- Como mártires, comprometeram o seu próprio ato.

Perigosa diferenciação entre “teórico” e “prático”, por exemplo, em Kant, mas também nos antigos: - eles agem como se a pura espiritualidade lhes propusesse os problemas do conhecimento e da metafísica; - agem como se, qualquer que fosse a resposta da teoria, a práxis devesse ser apreciada segundo um critério próprio.

Contra a primeira pressuposição eu dirijo a minha *psicologia dos filósofos*: seu cálculo o mais alienado e sua “espiritualidade” sempre permanecem apenas a última e mais pálida marca de um fato fisiológico; falta absolutamente a voluntariedade aí, tudo é instinto, tudo é dirigido, desde o princípio, por vias determinadas...

Contra a segunda, pergunto se conhecemos outro método para agir bem senão o de pensar bem: o último é um agir e o primeiro pressupõe o pensar. Temos, porventura, uma capacidade de avaliar de outro modo uma maneira de viver senão como avaliamos o valor de uma teoria, por meio de indução, de comparação?... Os ingênuos acreditam que, naquele caso, estaríamos em melhores condições, saberíamos o que é “bom” - os filósofos reiteram isso. Concluímos que aqui existe uma *crença*, nada além disso...

“Temos que agir; logo, faz-se necessária uma norma de conduta” - diziam mesmo os antigos célicos. A *urgência* de uma decisão como argumento para considerar algo como *verdadeiro!*...

“*Não temos que agir*” - diziam seus irmãos mais consequentes, os budistas, e inventaram uma norma de conduta de como se livrar do agir...

Enquadrar-se, viver como vive o “*homem comum*”, achar correto e bom o que ele acha correto: isso é a *submissão* ao *instinto de rebanho*. Há que se levar a coragem e o rigor longe o bastante para sentir como uma *vergonha* uma tal submissão. Não viver com duas medidas!... Não separar teoria e *práxis!* -

Que nada do que é verdadeiro era o que outrora passava por verdadeiro: o que outrora nos foi interditado como profano, proibido, desprezível, fatal - todas essas flores crescem hoje na mais querida senda da verdade.

Toda essa moral antiga não nos diz mais respeito: não há nenhum conceito nela que ainda mereça respeito. Nós sobrevivemos a ela, - não mais

somos grosseiros e ingênuos o bastante para termos de nos deixar enganar dessa maneira... Dito de modo mais educado: somos por demais virtuosos para tanto...

Se verdade, no sentido antigo, só era verdade pelo fato de que a antiga moral dizia-lhe sim, podia lhe dizer sim: então se segue disso que nós não temos mais nenhuma verdade de outrora... Nossa *critério* de verdade não é absolutamente a moralidade: *para refutarmos* uma afirmação basta que a demonstremos como dependente da moral, como inspirada por nobres sentimentos.

460

Todos esses valores são empíricos e condicionados. Mas aquele que acredita neles, que os venera, não *quer* reconhecer esse caráter... Todos os filósofos acreditam nesses valores, e uma forma de sua veneração foi o esforço para fazer deles *verdades a priori*. Caráter falsificador da *veneração*...

A veneração é a mais alta prova de *honestidade* intelectual: mas, em toda a história da filosofia, não há honestidade intelectual - mas sim “amor ao bem”...

A absoluta *falta de método* para testar a medida desses valores; *em segundo lugar*: a aversão contra o teste desses valores, e em geral contra considerá-los como condicionados. -

Nos valores morais, todos os instintos *anticientíficos* se congregaram para *excluir* daqui a ciência...

[4. Consideração conclusiva para a crítica da filosofia]

461

Por que os filósofos são difamadores? - A inimizade pérfida e cega dos filósofos contra os sentidos - ah, quanto de *plebeu e de homem*

mesquinhamente pudico [Biedermann] existe em todo esse ódio!

O povo considera um abuso, no qual ele pressente, apalpa más consequências, invariavelmente como uma *objeção* contra aquilo de que se abusou: todas as insurreições contra princípios, seja no domínio da política ou da economia, argumentam sempre dessa maneira, com o pensamento oculto de apresentar um *abusus* como sendo necessário ou inerente ao princípio.

Trata-se de uma história [*Geschichte*] lamentável: o homem procura por um princípio a partir do qual possa desprezar os homens - inventa um mundo para poder difamar e conspurcar este mundo de cá: na realidade, tenta agarrar o nada e constrói o nada como sendo “Deus”, “verdade”, e sempre como sendo juiz e condenatório *deste ser de cá...*

Se se quer ter uma prova de quão profunda e fundamentalmente as necessidades propriamente *bárbaras* do homem procuram satisfação mesmo em sua domesticação e “civilização”: que se considerem os “*Leitmottve*”²¹⁹ de todo o desenvolvimento da filosofia. Aqui há uma espécie de vingança contra a realidade, um pérfido arruinar da valoração, na qual o homem vive, uma alma *insatisfeita* que sente os estados da domesticação como uma tortura e destrinça de forma voluptuosa e doentia os laços que a ligam a ela.

A história da filosofia é uma *sanha secreta* contra os pressupostos da vida, contra os sentimentos de valor da vida, contra o tomar partido a favor da vida. Os filósofos nunca hesitaram em afirmar um mundo, contanto que ele contradisse este mundo, que ele desse um pretexto para falar mal deste mundo. Foram, até agora, a *grande escola da difamação-*, e esta impressionou de tal maneira que, hoje ainda, a nossa ciência, que se faz passar pela defensora da vida, *aceitou* a posição fundamental da difamação, e maneja este mundo e este encadeamento de causas, respectivamente, como aparente e puramente fenomenal. O *que*, odeia aí propriamente?...

Temo que tenha sido sempre a moral, a *Circe dos filósofos*, que lhes pregou esta peça: a de terem de ser, em todos os tempos, difamadores... Acreditaram nas “verdades” morais, encontraram aí os valores superiores, - o que lhes restou senão, à medida que compreenderam a existência, tanto mais lhe dizer não?... pois esta existência é *imoral*... E esta vida repousa em pressuposições imorais: e toda moral *nega* a vida -.

- Suprimamos o mundo verdadeiro: para poder fazê-lo temos de suprimir os valores até hoje superiores, a moral... - Basta demonstrar que mesmo a moral é *imoral*, no sentido em que o imoral foi condenado até agora. Se dessa maneira a tirania dos valores de até hoje for quebrada, teremos suprimido o mundo “verdadeiro” e então deverá seguir-se por si mesma uma *nova ordenação dos valores*.

O mundo aparente e o mundo *enganador* - eis a oposição: o último chamou-se, até agora, o “mundo verdadeiro”, a “verdade”, “Deus”. *Este é o mundo* que temos de suprimir.

Lógica de minha concepção:

1. *Moral como valor superior* (senhora de *todas* as fases da filosofia, mesmo a dos cépticos). *Resultado:* este mundo não serve para nada, ele não é o “mundo verdadeiro”.

2. *O que* determina aqui o valor superior? *O que* é propriamente a moral?

- O instinto da *décadence*, são os esgotados e deserdados que se *vingam* desse modo. Prova *histórica*: os filósofos são sempre *décadents*... a serviço das religiões *niilistas*.

3. O instinto da *décadence*, que surge como *vontade de poder*. Prova: a absoluta imoralidade dos meios em toda a história [*Geschichte*] da moral.

Visão de conjunto: os valores superiores de até hoje são um caso especial da vontade de poder; a própria moral é um caso especial da imoralidade.

[Inovações de princípio:] No lugar dos *valores morais*, valores *naturais* puros. Naturalização da moral.

No lugar da “sociologia”, uma *doutrina das configurações de domínio*.

No lugar da “sociedade”, o *complexo da cultura*, como *meu* interesse de preferência (tal como um todo em relação às suas partes).

No lugar da “teoria do conhecimento”, uma *doutrina das perspectivas dos afetos* (à qual pertence uma hierarquia dos afetos).

Os afetos *transfigurados*: sua *ordenação mais elevada*, sua “espiritualidade”.

No lugar de metafísica e religião, a *doutrina do eterno retorno* (esta como meio de disciplina e seleção).

463

Meu precursor: Schopenhauer -

Até que ponto aprofundei o pessimismo e pela invenção de sua suprema oposição o tornei, pela primeira vez, inteiramente sensível para mim.

Além deste: os artistas ideais, aquela nova geração oriunda do movimento napoleônico.

Além destes: os europeus superiores, precursores da *grande política*.

Além destes: os gregos e seu surgimento.

464

Nomeei os meus trabalhadores inconscientes e os meus preparadores. Onde, porém, poderia, com alguma esperança, procurar pela minha espécie de filósofos, pelo menos, onde poderia me orientar pela minha *necessidade de novos filósofos*? Somente lá onde domina um modo de pensar nobre, um modo de pensar que crê na escravidão e em muitos graus da servidão como pressuposto de toda cultura superior, lá onde domina um modo de pensar *criador*, que não põe como meta do mundo a felicidade da calma, o “sabá” de todos os “sabás”, e honra, mesmo na paz, o meio para novas guerras, uma

maneira de pensar que prescreve leis para o futuro, e que, por causa do futuro, trata dura e tiranicamente a si mesmo e a tudo o que é presente; uma maneira de pensar despreocupada, “imoral”, que quer cultivar para a grandeza, igualmente, as propriedades boas e más dos homens, pois se julga capaz da força que põe ambas as espécies de propriedades em seu devido lugar - no lugar em que uma necessita da outra. Mas quem, hoje, procura assim por filósofos, que perspectiva tem de achar o que procura? Não é provável que, procurando com a melhor lanterna de Diógenes, dê voltas em vão dia e noite? A época tem os instintos *inversos*: quer-se, antes de tudo e primeiramente, conforto; quer-se, em segundo lugar, publicidade e aquele grande rumor de espetáculo, aquele grande troar, que corresponde ao seu gosto de feira; quer-se, em terceiro lugar, que todos, com a mais profunda submissão, prosternem-se diante da maior de todas as mentiras - essa mentira chama-se “igualdade dos homens” - e honrem exclusivamente as mentiras que igualam, que equalizam. Com isso, barra-se, desde o princípio, o surgimento do filósofo, tal como eu o entendo, ainda que se creia, com toda a inocência, ser-lhe propício. De fato, todo mundo lamenta hoje o fato de que *outrora* os filósofos tenham estado tão mal, espremidos entre a fogueira, a má consciência e a arrogante sabedoria dos padres da Igreja: a verdade, porém, é que justamente nesse contexto eram dadas condições ainda *mais propícias* para a educação de uma espiritualidade poderosa, mais ampla, astuta e atrevendose com temeridade do que nas condições da vida de hoje. Hoje há condições propícias para surgir outra espécie de espírito, a saber, o espírito do demagogo, o espírito de ator, talvez também o espírito de castor e formiga do erudito. Mas a coisa está ainda pior com os artistas superiores: não sucumbem eles, quase todos, por falta de disciplina interior? Eles não são mais tiranizados a partir de fora pela tabela absoluta de valores de uma igreja ou de uma corte: então não aprendem mais a fazer crescer

seus “tiranos interiores”, sua *vontade*. O que vale para os artistas vale em um sentido mais alto e mais fatal para os filósofos. Onde *estão*, pois, hoje os espíritos livres? Que me mostrem hoje um espírito livre! -

465

Entendo por “*liberdade do espírito*” algo bem determinado: o ser cem vezes superior aos filósofos e aos outros filhos da “verdade” pelo rigor em relação a si, pela pureza e a coragem, pela vontade incondicional de dizer não quando o não é perigoso - trato os filósofos de até agora como *desprezíveis libertinos* sob o capuz da mulher “verdade”.

180 Em latim no original: “contradição na atribuição”, “contradição na ligação”. [N.T.]

181 Heráclito de Éfeso (*c. 544-504/501 a.C.*), filósofo pré-socrático, considerado por muitos historiadores da filosofia como o contraditor de Parmênides. Caracterizou-se por afastar-se da *pólis*, de sua cidade natal, Éfeso, mesmo pertencendo a uma das suas famílias mais nobres. Referiu-se à *pólis* como a multidão e o rebanho que expulsa de seu seio os seus melhores (no caso, seu amigo Hermodoro, que ele considerava um dos mais nobres caracteres de Éfeso). Ficou na tradição como “o Obscuro”, pois o seu pensamento exigia a entrega ao próprio pensar para que desvendasse o seu sentido - entrega de que somente poucos são capazes. A tradição atribui-lhe um livro intitulado *Da natureza*, que Heráclito teria depositado no famoso templo a Ártemis, próximo a Éfeso. Conhecemos apenas fragmentos da obra. O *Crátilo*, de Platão, oferece um resumo do pensamento de Heráclito (402 a): “Heráclito diz-nos que todas as coisas fluem e que nada permanece parado e, comparando as coisas existentes a uma correnteza de um rio, diz que ninguém pode mergulhar nele duas vezes.” O fogo seria, para Heráclito, o elemento que arde na pulsão do devir, e que com ele se acende e se extingue. Heráclito influenciou muitas escolas filosóficas e toda uma corrente da medicina antiga. [N.T.]

182 Hippolyte Taine (1828-1893), filósofo e historiador francês que abandonou o catolicismo e aderiu ao pensamento de Spinoza. Ganhou um prêmio da Academia Francesa pelo *Ensaio sobre Tito Lívio* em 1855. Em 1863 publicou *História da literatura inglesa*. A história da arte de Taine é marcada por um determinismo rigoroso. As artes seriam testemunhos da evolução intelectual e espiritual das sociedades. Taine foi o responsável pela redescoberta de Stendhal. Acreditou no valor da ciência acima de tudo. Tentou uma síntese dentre o positivismo e o idealismo alemão, projetando uma religião da ciência. [N.T.]

183 Traduzimos aqui a palavra alemã “*Trieb*” por “pulsão”, entendendo como “pulsão” o pulsar da vontade, segundo o pensamento de Nietzsche. Com isso, queremos ressalvar que nosso entendimento de “pulsão” não coincide exatamente com o sentido psicanalítico do termo. [N.T.]

184 Pirro (aproximadamente 360-270 a.C.), nascido em Elida, é considerado um dos grandes filósofos cépticos. Teria sido influenciado pelos megáricos (ver nota no aforismo 442), por Demócrito e Heráclito, pela sofistica e pela chamada Escola Cirenaica (hedonista). As doutrinas de Pirro foram resumidas por Sexto Empírico. Ele distingue entre o que é por natureza e o que é por convenção. Os nossos juízos sobre a realidade são convencionais e a sensação é a sua base. Como as sensações são mutáveis, há que se praticar uma abstenção do juízo, ou *epoché*. Não cabe optar por nada, nem cabe nenhuma decisão no nível dos juízos: o verdadeiro sábio teria de se encerrar em si mesmo e guardar silêncio, até alcançar a imperturbabilidade, a *ataraxia*, a única felicidade possível. [N.T.]

185 O termo refere-se a uma peça de Molière, *O Tartufo*, em que o personagem com esse nome apresenta-se como excessivamente religioso, piedoso, moralista e aproveita-se dessa fama para tentar satisfazer desejos carnais. Tartufo é o símbolo do indivíduo hipócrita e falso, principalmente em matéria religiosa e moral. [N.T.]

186 Em francês no original: “*Pensamentos*”. É a obra escrita por Pascal (1623-1662) com o título *Apologia da religião cristã*, cujas partes inacabadas foram publicadas postumamente com o título de *Pensamentos (sobre a religião e outros assuntos)*. Essa obra, no estado em que foi publicada, constitui-se de aforismos. [N.T.]

187 Charles-Augustin Saint-Beuve (1804-1869), escritor e crítico literário francês. Inicialmente foi um materialista e empirista. Aproximando-se de Vitor Hugo, e depois evoluindo para uma valorização da religião, começou um estudo do jansenismo e de toda a tradição de Port-Royal, o que misturava a matizes liberais. Tentou, em seguida, fazer uma crítica do romantismo e passou a valorizar os clássicos, sendo responsável pela redescoberta dos poetas da Pléiade, entre os quais se destacava Ronsard. [N.T.]

188 Em francês no original: “tornar a virtude não ingênua”. [N.T.]

189 Em francês no original: “desinteressados”. [N.T.]

190 Em francês no original: “força maior”. [N.T.]

191 Demócrito, natural de Abdera, na Calcídica, é considerado o pai do atomismo pré-socrático, sendo mencionado por Epicuro como seu antecessor. [N.T.]

192 Tucídides, natural de Atenas, foi autor de *História da Guerra do Peloponeso*. Nessa obra Tucídides mostra influência da sofistica, sobretudo da chamada sofistica política. [N.T.]

193 Protágoras é considerado o primeiro a autodenominar-se sofista. Segundo a tradição, teria sido discípulo de Demócrito, o que os filólogos contemporâneos consideraram improvável. [N.T.]

194 Giuseppe Belsamo, chamado de Alexandre, Conde de Cagliostro, um aventureiro famoso. Nasceu em Palermo, na Sicília, e fugiu de sua pátria porque foi acusado de furto. Migrou para a Polônia, a Rússia e a França, fingindo-se possuidor de ciências ocultas e maravilhosas, capaz de predizer o futuro. Foi admirado e teve muitos seguidores. Em Paris, fundou a Loja de Maçonaria Egípciana. Foi preso por dois anos, implicado no processo dito “do colar da rainha”. No ano de 1789, depois de retornar a Roma, foi preso novamente como franco-maçom e condenado à prisão perpétua. [N.T.]

195 Epicuro (c. 341-270 a.C.) nasceu em Samos, ilha da Jônia. Aos 35 anos estabeleceu-se em Atenas, onde fundou uma escola a que chamou *Jardim* (em 306 a.C.), onde era importante o cultivo da amizade, da qual participavam também as mulheres. Epicuro opôs-se à doutrina dos estoicos, dos platônicos e dos seguidores de Aristóteles, aproximando-se da escola cirenaica, hedonista, cujo fundador foi Aristípulo. Afirmou que os deuses estavam muito além da vida humana e do mundo humano, e, pela sua elevação, não poderiam interessar-se por assuntos humanos. A melhor maneira de passar a vida, a mais feliz, era evitar toda perturbação da tranquilidade, todo sofrimento ou inquietação que provocasse o desequilíbrio da vida tranquila. A vida política era desaconselhada, pois sempre comportava aflições e sofrimentos. A felicidade é alcançada com a autarquia, e a autarquia leva à *ataraxia*. O sábio deve evitar tudo o que se opõe ao que assim é concebido como felicidade e aproximar-se de tudo o que serve para aumentá-la, no que desempenha papel destacado a amizade. Tudo o que leva à tranquilidade deve ser cultivado - e afastado o que a perturba (mesmo a virtude e a beleza). [N.T.]

196 Ilha habitada por gregos de origem dórica, que foi incorporada à força pelos atenienses à Liga de Delos, um dos motivos para a retomada das hostilidades entre Atenas e Esparta na Guerra do Peloponeso, depois da paz de Nícias. A passagem a que Nietzsche se refere encontra-se em *A história da Guerra do Peloponeso*, V, 85-113. [N.T.]

197 Provavelmente Hugo Grotius (1583-1645), cujo nome holandês era Huig de Groot, considerado o fundador do direito internacional moderno. [N.T.]

198 Em francês no original: “plebeu”. [N.T.]

199 Em francês no original: “exposição”. [N.T.]

200 Em latim no original: “entre iguais”. [N.T.]

201 Trata-se da raposa, personagem que aparece nas famosas fábulas que foram reunidas sob o título *Le Roman de renard* [O romance da raposa], anônimo, cuja composição data do século XIII ao XIV. A raposa e os outros animais servem para caricaturar e velar críticas sociais e políticas. Em 1794, Goethe, inspirado nessas fábulas francesas, publicou canções em versos intituladas *Reineke Fuchs* (*Fuchs* significa raposa). Em resumo, a raposa (chamada por Goethe de Reineke Fuchs) aparece submetendo pela astúcia todos os animais, que são suas vítimas por seus defeitos, vícios ou tolice. [N.T.]

202 Em francês no original: “espírito de Fronda”. A Fronda foi uma revolta, entre 1648 e 1653, contra Mazarin e a monarquia, levada a cabo em grande parte pelos burgueses em reação ao aumento de impostos. [N.T.]

203 Em francês no original: “canalha no fundo”. [N.T.]

204 Em italiano no original: “bufão”. [N.T.]

205 Em francês no original: “por imposição”. [N.T.]

206 Camponeses russos que viviam em estado de semisservidão. [N.T.]

207 Em grego no original: “indiferente”. [N.T.]

208 Em latim no original: “não mais além, “que não pode ser ultrapassado”. [N.T.]

209 Em grego no original: “insensibilidade”, “indiferença”, “ausência de *páthos*”. [N.T.]

210 Em grego no original: “doçura”, “bondade”, “facilidade de caráter”. [N.T.]

211 Em francês no original: respectivamente, “bom senso” e “bom homem”. [N.T.]

212 “Físicos” aqui designa os filósofos pré-socráticos, os filósofos da *physis*, da natureza. [N.T.]

213 Aristipo (*c.* 435 a.C.) de Cirene foi um discípulo de Sócrates que afirmava que a felicidade era o prazer. Fundou a escola cirenaica, ou hedonista. Os megáricos foram uma das escolas chamadas socráticas (existiu aproximadamente entre 400-300 a.C., e deve o seu nome à *pólis* de Megara, vizinha de Atenas, onde surgiu) que sofreram influência dos eleatas, distinguindo radicalmente um mundo sensível e aparente e um mundo inteligível real. Os cínicos foram também uma escola socrática fundada por Antístenes, discípulo de Sócrates. O nome deve-se ao fato de que, em grego, *kynos* significa cão, e alguns estoicos teriam manifestado orgulho de serem chamados de cães por serem críticos mordazes e pela veemência com que falavam em público. Outra fonte da tradição diz que o nome de cínicos vem do fato de Antístenes dar seus ensinamentos junto ao ginásio chamado Cinosargo, próximo à concentração urbana de Atenas. Os cínicos caracterizavam-se por desprezar as convenções, pregar a igualdade social, a autarquia e a filantropia, e cultivar a dissertação crítica em relação a obras já escritas, o que os antigos chamavam de diatribe. Os cínicos existiram praticamente durante toda a Antiguidade. Os membros dessas escolas foram chamados pelos historiadores da filosofia de socráticos menores. [N.T.]

214 Hipócrates, natural da ilha de Cós, de uma família de asclepiádes (descendentes do herói Asclépio, filho de Apolo e difusor da medicina entre os homens), é considerado o pai da medicina. [N.T.]

215 Tem o mesmo significado de “acatalepsia”. É a disposição céтика adotada por Pirro, que nega toda verdade e permanece em uma indiferença tranquila em relação a qualquer pretensão nesse sentido. [N.T.]

216 Em latim no original: “no fisiológico”. [N.T.]

217 Thomas Carlyle (1795-1881), historiador, ensaísta e pensador inglês. Tornou-se um escritor germanista. Escreveu primeiramente *A vida de Schiller*. Sua obra mais famosa é *A Revolução Francesa*, onde interpreta a revolução como um castigo divino pelos pecados da França. Condenou o liberalismo econômico e pregou a volta ao passado medieval. Foi notoriamente conservador. Chegou a defender a escravidão nos Estados Unidos. [N.T.]

218 Os irmãos Edmond (1822-1896) e Jules Goncourt (1830-1870), escritores franceses. Dedicaram-se a projetos literários complementares, cada um conforme a sua maneira de ser, sendo o mais velho descrito como taciturno e reflexivo, o mais novo como entusiasta e apaixonado. Depois da morte prematura do mais novo, reuniu-se em torno de Edmond um grupo de naturalistas que fundou a Académie Goncourt, que a partir de 1903 passou a distribuir prêmios literários. [N.T.]

219 Termo derivado da música de Wagner: aproximadamente, “motivo condutor”. [N.T.]

TERCEIRO LIVRO

PRINCÍPIO DE UMA NOVA VALORAÇÃO

I. A VONTADE DE PODER COMO CONHECIMENTO

[a) *Método de investigação*]

466

O que distingue o nosso século XIX não é a vitória da ciência, mas sim a vitória do método científico sobre a ciência.

467

História do método científico, entendida por Auguste Comte quase como filosofia.

468

Os grandes *metodólogos*: Aristóteles, Bacon, Descartes, Auguste Comte.

469

As compreensões mais valiosas são achadas mais tarde: mas as compreensões mais valiosas são os *métodos*.

Todos os métodos, todas as pressuposições de nossa ciência de agora tiveram contra si, durante milênios, o mais profundo desprezo: por causa deles, foi-se excluído do trato com homens *de bem* - era-se considerado “inimigo de Deus”, desprezador dos supremos ideais, “possesso”.

Tivemos todo o *páthos* da humanidade contra nós - nosso conceito do que deve ser a “verdade”, do que deve ser o serviço da verdade, nossa objetividade, nosso método, nosso jeito calmo, prudente, desconfiado, era completamente *desprezível*... No fundo, foi um gosto estético o que tolheu a humanidade pelo tempo mais dilatado: ela acreditou no efeito pitoresco da

verdade e exigiу, daquele que conhecia, que atuasse fortemente sobre a fantasia.

É como se houvesse sido alcançado um *oposto*, como se fosse dado um *salto*: na verdade, aquele aprendizado por meio das hipérboles morais preparou, passo a passo, aquele *páthos de espécie mais terna* que foi corporificado como caráter científico...

A *conscienciosidade nas coisas pequenas*, o autocontrole do homem religioso, foi uma escola preparatória para o caráter científico: antes de tudo a mentalidade de *tomar problemas a sério*, abstraídos do fato de como afetarão alguém pessoalmente...

[b) *O ponto de partida da teoria do conhecimento*]

470

Profunda aversão a descansar de uma vez por todas em qualquer consideração de conjunto sobre o mundo; encanto das maneiras de pensar opostas; não deixar que nos tirem o atrativo do caráter enigmático.

471

A pressuposição de que, no fundo das coisas, tudo se passa de tal modo moralmente que a razão humana tem razão - é uma credulidade e uma pressuposição de bom homem, o efeito duradouro da fé na veracidade divina - Deus pensado como criador das coisas. - Os conceitos como uma herança de uma existência pregressa transcendente - -

472

Recusa dos pretensos “fatos da consciência”. A observação é mil vezes mais difícil, o erro é, talvez, condição da observação em geral.

473

O intelecto não pode, ele mesmo, criticar-se, justamente porque não pode ser comparado com intelectos diferentemente constituídos e porque sua capacidade de conhecer viria à luz somente em face da “verdadeira realidade” [*wahren Wirklichkeit*], isto é, porque, para criticar o intelecto, precisaríamos ser um ser mais elevado, com “conhecimento absoluto”. Isso já pressupõe que *haveria algo*, um “em si”, para além de todas as espécies de perspectivas de consideração e de apropriação sensível-espiritual. - Mas a dedução psicológica da crença em *coisas* nos proíbe falar de “coisas em si”.

474

Que entre sujeito e objeto exista uma espécie de relação adequada; que o objeto seja algo que, *visto a partir de dentro*, seria sujeito, é uma invenção bem-intencionada que, como penso, teve o seu tempo. A medida do que, em geral, nos chega à consciência depende absolutamente de uma grosseira utilidade do tornar-se consciente: como essa perspectiva estreita da consciência nos permitiria, de algum modo, formar asserções sobre “sujeito” e “objeto” com as quais se tocasse a realidade? -

475

Crítica da filosofia moderna: ponto de partida falho, como se houvesse “fatos de consciência” - e nenhum fenomenalismo na auto-observação.

476

“Consciência” - em que medida a representação representada, a vontade representada, o sentimento representado (*O único que nos é conhecido*) são totalmente superficiais! Também o nosso mundo *interior* é “manifestação”.

477

Mantendo a fenomenalidade também do mundo *interior*: tudo o que se nos torna *conscientes* é, completamente, primeiro preparado, simplificado, esquematizado, interpretado - o processo *real* [*wirklich*] da “percepção” interna, a *unidadecausal* entre pensamentos, sentimentos, desejos, como aquela entre sujeito e objeto, é completamente oculta para nós - e talvez seja uma pura ilusão. Esse “mundo *interior* aparente” é tratado com procedimentos e formas totalmente idênticos aos do mundo “exterior”. Não topamos com “fatos”: prazer e desprazer são fenômenos do intelecto, tardios e derivados...

A “causalidade” nos escapa; admitir uma ligação causal imediata entre pensamentos, como faz a lógica - é consequência da observação mais grosseira e mais desajeitada. *Entre* dois pensamentos entram em jogo *todos os afetos possíveis*: mas os movimentos são muito rápidos, por isso os *desconhecemos*, os *negamos*...

“Pensar”, tal como os teóricos do conhecimento supõem, não acontece absolutamente: é uma ficção arbitrária, alcançada pelo destaque de um elemento do processo e a subtração de todos os restantes; é uma preparação artificial para fins de inteligibilidade...

O “espírito”, *algo que pensa*: se possível, deveras, “o espírito absoluto, puro, singelo” - essa concepção é uma consequência secundária, decorrente da falsa auto-observação, que acredita no “pensar”: aqui, *em primeiro lugar*, imagina-se um ato que não acontece absolutamente, “o pensar”, e, *em segundo lugar*, imagina-se um sujeito-substrato, no qual, e em nenhuma outra parte, cada ato desse pensar tem sua origem: isto é, *tanto o fazer quanto o que faz são fictícios*.

Não há de buscar-se o fenomenalismo no lugar errado: nada é mais fenomenal (ou mais claro), nada é tão *ilusório* quanto esse mundo interno

que observamos com o famoso “sentido interno”.

Acreditamos na vontade como causa, até o ponto de termos projetado no acontecer uma causa segundo a nossa experiência pessoal em geral (isto é, intenção como causa do acontecer -).

Acreditamos que pensamento e pensamento, tais como eles se seguem um ao outro para nós, estão em um encadeamento causal qualquer: em especial o lógico, que fala de casos que nunca surgem na realidade [*Wirklichkeit*], acostumou-se ao preconceito de que pensamentos *causam* pensamentos -

Acreditamos - e mesmo os nossos filósofos ainda acreditam - que prazer e dor são causas de reações, que o sentido de prazer e dor é dar ensejo a reações. Durante milênios estabeleceu-se o prazer e o esquivar-se do desprazer, pura e simplesmente, como *motivos* para cada agir. Com alguma meditação pudemos reconhecer que tudo transcorreria do mesmo modo, segundo justamente o mesmo encadeamento de causas e efeitos, se estes estados “prazer e dor” faltassem: é simplesmente uma ilusão afirmar que eles causam alguma coisa: - são *manifestações concomitantes* com uma finalidade completamente diferente daquela que provoca reações; já são efeitos no interior do processo introduzido da reação...

In summa: tudo o que se torna consciente é uma manifestação final, uma conclusão - e não causa nada - toda sucessão na consciência é completamente atomística. E nós tentamos entender o mundo com a concepção *inversa*, - como se nada produzisse efeito e fosse real a não ser pensar, sentir, querer...

O fenomenalismo do “mundo interior”. A *inversão cronológica*, de modo que a causa venha à consciência mais tarde do que o efeito. - Aprendemos que a dor é projetada em uma parte do corpo sem ter lá o seu lugar -

aprendemos que a sensação do sentido, que se avalia ingenuamente como condicionada pelo mundo exterior, é antes condicionada pelo mundo interior: que cada ação própria do mundo exterior sempre decorre inconscientemente... O pedaço do mundo exterior, que se torna consciente para nós nasceu (e nasce) tardiamente, depois do efeito que é exercido de fora sobre nós, sendo ulteriormente projetado como sua [do efeito] “causa”...

No fenomenalismo do “mundo interior” invertemos a cronologia de causa e efeito. O fato fundamental da “experiência interior” é o de que a causa é imaginada depois de o efeito suceder-se...

O mesmo vale para a sequência dos pensamentos:... procuramos um motivo para um pensamento no que há antes de ele ser consciente para nós: e então vem primeiro o motivo e depois a sua consequência na consciência...
- Todo o nosso sonhar é a interpretação de conjuntos de sentimentos em relação a suas possíveis causas: e deveras de modo que um estado só se torna consciente quando a cadeia de causalidades inventada para ele vem à consciência...

Toda a “experiência interior” descansa sobre o fato de que para um estímulo dos centros nervosos procura-se e representa-se uma causa - e que primeiro venha à *consciência* a causa achada: quanto a isso, havemos de dizer que esta causa simplesmente não é adequada à causa real, - trata-se de um tatear pelo motivo de “experiências interiores” de outrora - isto é, da memória. A memória, porém, conserva também os hábitos das antigas interpretações, isto é, de suas causalidades errôneas... de modo que a “experiência interior” tem de trazer em si, ainda por cima, as consequências de todas as falsas causalidades-ficções de outrora; - nosso “mundo exterior”, tal como o projetamos em cada momento, está deslocado e ligado indissoluvelmente a antigos erros de motivo: nós o interpretamos com o esquematismo da “coisa” -

A “experiência interior” nos vem à consciência só depois de ter achado uma linguagem que o indivíduo *entende*... isto é, uma tradução de um estado em estados *mais conhecidos* para ele -

“entender” quer dizer, simples e ingenuamente: poder exprimir algo novo na linguagem de algo antigo, conhecido. - Por exemplo, “sinto-me mal” - um tal juízo supõe uma *grande e tardia neutralidade do observador* -: o homem ingênuo diz sempre: tal e tal coisa faz com que me sinta mal - ele só tem clareza sobre o seu sentir-se mal se vê um motivo para sentir-se mal...

Isso eu chamo de *falta de filologia*: poder-se ler um texto *como texto*, sem a mistura de uma interpretação, é a mais tardia forma da “experiência interior” - uma forma, talvez, que mal seja possível...

480

Não há “espírito”, nem razão, nem pensar, nem consciência, nem alma, nem vontade, nem verdade: tudo isso é ficção inútil. Não se trata de “sujeito e objeto”, mas sim de uma determinada espécie animal que medra somente sob uma certa *correção* relativa, antes de tudo sob a *regularidade* de suas percepções (de modo que ela possa capitalizar experiência)...

O conhecimento trabalha como *instrumento* do poder. Assim, torna-se claro que ele cresce com cada aumento de poder...

Sentido do “conhecimento”: aqui há de tomar-se o conceito rigorosa e estritamente como antropocêntrico e biológico, assim como em “bem” e “mal”. Para que uma determinada espécie se conserve - e cresça em seu poder - precisa compreender, em sua concepção de realidade [*Realitat*], uma porção de calculável e invariável suficiente para que, sobre ela, possa ser construído um esquema de seu proceder. A *utilidade da conservação*, não uma necessidade abstrata teórica qualquer de não ser enganado, é o motivo por trás do desenvolvimento dos órgãos do conhecimento... estes se desenvolvem de modo que a observação é suficiente para nos conservar. De

outro modo: a *medida* da vontade de conhecer depende da medida do crescimento da *vontade de poder* da espécie: uma espécie agarra tanto de realidade [*Realität*] quanto possa assenhorar-se dela, quanto possa tomá-la a seu serviço.

[c) *A crença no “Eu”. Sujeito*]

481

Contra o positivismo, que fica no fenômeno “só há fatos”, eu diria: não, justamente não há fatos, só interpretações [*Interpretationen*]. Não podemos verificar nenhum fato “em si”: talvez seja um absurdo querer uma tal coisa.

“Tudo é *subjetivo*”, dizeis: mas já isso é *interpretação* [*Auslegung*]. O “sujeito” não é nada de dado, mas sim algo a mais inventado, posto por trás.
- É afinal necessário pôr o intérprete por trás da interpretação? Isso já é poesia, hipótese.

Tanto quanto a palavra “conhecimento” tem sentido, o mundo é conhecível: mas ele é *interpretável* de outra maneira, ele não tem nenhum sentido atrás de si, mas sim inúmeros sentidos. “Perspectivismo”.

Nossas necessidades são *quem interpreta* [*auslegen*] o mundo-, nossas pulsões e seus prós e contras. Cada pulsão é uma espécie de ambição despótica [*Herrschsucht*], cada uma tem a sua perspectiva, perspectiva que a pulsão gostaria de impor como norma para todas as outras pulsões.

482

Pomos uma palavra onde começa a nossa incerteza - onde não podemos ver adiante, por exemplo, a palavra “eu”, a palavra “fazer”, a palavra “sofrer”: - tais são, talvez, linhas do horizonte do nosso conhecimento, mas não verdades.

483

por meio do pensar é posto o eu; mas até agora se acreditou, como o povo, que no “eu penso” jaz algo de imediatamente certo e que esse “eu” seria a *causa* dada do pensar, e por analogia com ela todos nós entenderíamos as outras relações causais. Por mais que essa ficção agora possa ser costumeira e indispensável - *isso*, somente, não prova nada contra o seu caráter fictício: uma crença pode ser condição da vida e, *apesar disso*, ser *falsa*.

484

“É pensado: consequentemente há pensante”: a isso chega a argumentação de Cartesius.²²⁰ Mas isso significa postular nossa crença no conceito de substância já como “verdadeira *a priori*” - que, quando seja pensado, deva haver alguma coisa “que pense” é, porém, apenas uma formulação de nosso hábito gramatical, que põe para um fazer [*Tun*] um agente [*Täter*]. Em resumo, aqui já se propõe um postulado lógico-metafísico - e *não somente* há constatação... Pelo caminho de Cartesius *não* se chega a algo absolutamente certo, mas só a um fato de uma crença muito forte.

Se se reduz a frase a “é pensado, logo há pensamentos”, então se tem uma mera tautologia: e justamente o que está em questão, a “*realidade* do pensamento” [“*Realität des Gedankens*”], não é tocado - desta forma não se pode repudiar a “aparência” do pensamento. Cartesius, porém, queria que o pensamento não tivesse apenas uma *realidade* [*Realität*] *aparente*, mas uma *em si*.

485

O *conceito-substância* é uma consequência do conceito *sujeito*: não o inverso! Se abandonarmos a alma, “o sujeito”, então falta a pressuposição para uma “substância” em geral. Obtém-se *graus do que é*, perde-se *o que é*.

Crítica da “*realidade*” [“*Wirklichkeit*”]: a que conduz o “*mais ou menos realidade-* [Wirklichkeit]”, a graduação do ser em que acreditamos?

Nosso grau de *sentimento de vida e de poder* (lógica e contexto do vivido) dá-nos a medida do “ser”, da “realidade” [“Realität”], do não aparente.

Sujeito: essa é a terminologia de nossa crença em uma unidade subjacente a todos os diferentes momentos do supremo sentimento de realidade [Realität]: entendemos essa crença como *efeito* de uma causa - acreditamos em nossa crença à medida que, por causa dela, imaginamos a “verdade”, a “realidade” [“Wirklichkeit”], a “substancialidade” em geral. - “Sujeito” é a ficção: como se, em nós, muitos estados *iguais* fossem o efeito de um substrato: mas *nós* primeiro *criamos* a “igualdade” desses estados; o *equalizar*, o *dispor* essa igualdade é o *fato*, *não* a igualdade (- esta deve antes ser negada -).

486

Precisava-se *saber* o que é *ser* para se *decidir* se isso ou aquilo é real (por exemplo, “os fatos da consciência”); do mesmo modo, precisávamos saber o que é *certeza*, o que é *conhecimento* e outros tais. - Como, porém, *não* sabemos, então uma crítica das capacidades de conhecimento é absurda: como o instrumento poderia criticar a si mesmo, se justamente só pode servir-se de *si mesmo* para a crítica? Ele nem sequer pode, ele mesmo, definir-se!

487

Afinal, toda filosofia não há de trazer à luz as pressuposições sobre as quais repousa o movimento da *razão*? Nossa *crença no eu* como crença em uma substância, como crença na única realidade [Realität] a partir da qual atribuímos, em geral, realidade [Realität] às coisas? O mais antigo “realismo” [“Realismus”] vem por fim à luz: ao mesmo tempo em que toda a história religiosa da humanidade se reconhece como história da superstição no que se refere às almas. *Aqui existe um limite*: nosso próprio pensar envolve

aquela crença (com a sua diferenciação entre substância-acidente, entre fazer [*Tun*] e agente [*Täter*] - etc.); deixá-la de lado significa: não-mais-poder-pensar.

Que, porém, uma crença, por mais necessária que seja para a conservação do ser em questão, não tenha nada a ver com a verdade, pode-se reconhecer, por exemplo, no fato de que *temos* que acreditar em tempo, espaço e movimento sem nos sentir forçados a reconhecer aqui uma realidade [*Realität*] absoluta.

488

A dedução psicológica de nossa crença na razão. - O conceito “realidade” [*Realität*], “ser” é tirado de nosso sentimento-“*sujeito*”.

“Sujeito”: interpretado por nós de modo que o eu, como sujeito, possa valer, como causa de todo fazer [*Tun*], como agente [*Täter*].

Os postulados lógico-metafísicos, a crença em substância, acidente, atributo etc. tem o seu poder de convencimento no hábito de considerar todo o nosso fazer como consequência da nossa vontade: - de modo que o eu, como substância, não entra na multiplicidade da mudança. - *Mas não há nenhuma vontade.* -

Não temos categorias, absolutamente, para poder separar um “mundo em si” e um mundo como fenômeno. Todas as nossas *categorias racionais* são de proveniência sensualista: extraídas do mundo empírico. “A alma”, “o eu” - a história desses conceitos mostra, também aqui, a mais antiga separação (“respiração”, “vida”)...

Se não há nada material, nada há também de imaterial. O conceito não contém nada mais.

Nenhuns “átomos”-sujeitos. A esfera de um sujeito *crescendo* constantemente ou *minguando* - o ponto médio do sistema *deslocando-se* constantemente -; no caso em que não possa organizar a massa que foi

apropriada, divide-se em dois. Por outro lado, um sujeito pode transformar um sujeito mais fraco em um funcionário, sem eliminá-lo, e, até um certo grau, formar junto com ele uma nova unidade. Nenhuma “substância”, antes algo que anseia em si por fortificação; e que apenas indiretamente quer-se “manter” (ele quer *ultrapassar-se* -).

489

Tudo o que entra na consciência como “unidade” é já imensamente complicado: temos sempre somente uma *aparéncia de unidade*.

O fenômeno do *corpo* é o fenômeno mais rico, mais claro, mais compreensível: deve ser posto metodicamente em primazia, sem que descubramos algo sobre seu significado último.

490

A suposição de *um sujeito* não é, talvez, necessária; do mesmo modo, seria talvez permitido supor uma multiplicidade de sujeitos, cujo jogo de conjunto e luta jaz como fundamento do nosso pensar e em geral de nossa consciência? Uma espécie de *aristocracia* de “células”, nas quais repousa o domínio? Certamente de *pares*²²¹ que estão acostumados uns aos outros no governar e são entendidos em dar ordens?

Minha hipótese: o sujeito como multiplicidade.

A dor é intelectual e depende do juízo “prejudicial”: é projetada.

O efeito é sempre “inconsciente”: a “causa” descoberta e representada é projetada, ela é *posterior* no tempo.

O prazer é uma espécie de dor.

A única *força* que há é da mesma espécie da vontade: é um comandar em relação a outros sujeitos, que, para tanto, se transformam.

A constante transitoriedade e fugacidade do sujeito “alma mortal”.

O *número* como forma perspectiva.

A crença no corpo é mais fundamental que a crença na *alma*: a última surgiu a partir da observação não científica das agonias do corpo (algo que o abandona. Crença na *verdade do sonho* -).

Ponto de partida do *corpo* e da fisiologia: por quê? - Ganhamos a correta representação da espécie de nosso sujeito-unidade, a saber, como regentes à frente de uma comunidade, não como “almas” ou “forças vitais”, bem como de sua dependência em relação aos que são regidos e em relação às condições hierárquicas e de divisão do trabalho como o que possibilita, simultaneamente, os indivíduos e o todo. Da mesma maneira, com essa representação entendemos como surgem e perecem continuamente unidades e como não cabe eternidade ao “sujeito”; do mesmo modo, também, a luta se exprime no mandar e no obedecer; uma determinação fluida das fronteiras do poder é própria da vida. A *ignorância* em que o regente é mantido a respeito das execuções particulares e mesmo das perturbações do ser comum pertence também às condições sob as quais pode reger. Em resumo, ganhamos uma apreciação também para o *não-saber*, para o ver em ponto grande e grosseiramente, para o simplificar e falsificar, para o perspectivo. O mais importante, porém, é: que entendamos o que domina e os seus subordinados como sendo da *mesma espécie*, todos sentindo, pensando, querendo - e que, por toda parte onde vemos e pressentimos movimento no corpo, como que aprendamos a concluir de acréscimo uma pertinente vida subjetiva e invisível. Movimento é uma simbólica para o olho; ela significa que algo é sentido, querido, pensado.

O interrogar direto do sujeito sobre o sujeito e toda autorreflexão do espírito tem seus perigos no fato de que: se interpretar falsamente poderia

ser útil e importante para sua atividade. Por isso, interrogamos o corpo e rechaçamos o testemunho dos sentidos incrementados em sua acuidade: se se prefere, cuidamos para que os subordinados não possam ter trato conosco.

[d) Biologia da pulsão do conhecimento. Perspectivismo]

493

Verdade é o tipo de erro sem o qual uma espécie de seres vivos não poderia viver. O valor para a vida decide em última instância.

494

É improvável que nosso “conhecer” devesse alcançar mais longe do que alcança estritamente para conservar a vida. A morfologia mostra-nos como os sentidos e os nervos, assim como o cérebro, desenvolvem-se em proporção com a dificuldade da alimentação.

495

“O sentido de verdade” precisa legitimar-se perante outro fórum, caso a moralidade do “tu não deves mentir” seja repudiada. Legitima-se como meio para a conservação do homem, *como vontade-poder*.

- Da mesma maneira, o nosso amor pelo belo é igualmente a *vontade formadora*. Ambos os sentidos estão juntos - o sentido para o real é o meio para receber o poder nas mãos, para formar as coisas segundo a nossa preferência. O prazer no formar e no transformar - um prazer originário! Podemos *conceber* somente um mundo, o que nós mesmos *fizemos*.

496

Da *multiplicidade das espécies* de conhecimento. Rastrear a sua relação com muitas outras coisas (ou a relação da espécie) - como deveria ser o

“conhecimento” do outro! A maneira de travar conhecimento e conhecer já está, ela mesma, sob as condições de existência: com isso, a conclusão de que não poderia haver outras espécies de intelecto (para nós mesmos), a não ser aquela que nos conserva, é uma precipitação: essa condição *factual* da existência é talvez somente *casual* e, talvez também, de modo algum necessária.

Nosso aparato de conhecimento não é *disposto* para “conhecimento”.

497

As “verdades” *a priori* que gozam da melhor crença são, para mim - *suposições até segunda ordem*; por exemplo, a lei da causalidade e outros hábitos muito exercitados da crença estão tão incorporados, que *não* acreditar *neles* seria fazer sucumbir o gênero. Por isso são verdades? Que conclusão! Como se a verdade fosse provada com o fato de que o homem permanece na existência!

498

Quanto também nosso *intelecto* é uma consequência das condições de existência - nós não o teríamos se não tivéssemos *necessidade* dele, e não o teríamos *assim* se não tivéssemos necessidade dele assim, se pudéssemos viver de outra maneira.

499

“Pensar”, no estado primitivo (pré-orgânico), é *impôr formas*, como nos cristais. - Em *nossa* pensar, o essencial é o organizar do material novo em antigos esquemas (= leito de Procrusto),²²² o *tornar igual o novo*.

500

As percepções sensíveis são projetadas para “fora”: “dentro” e “fora” - aí comanda o *corpo* -?

A mesma força equalizadora e ordenadora, que domina no idиoplasma, domina também na incorporação do mundo exterior: nossas percepções sensíveis são já o *resultado* dessa *assemelhação*, dessa *equalização* em relação a *todo* passado em nós; elas não se seguem imediatamente à “impressão” -

501

Todo pensar, julgar, perceber, como *comparar*, tem como pressuposição um “*equiparar*”, ou, antes, um “*tornar igual*”. O tornar igual é a mesma coisa que a incorporação de matéria apropriada na ameba.

Mais tarde, lembrança, à medida que aqui a pulsão que torna igual já aparece como *domada*, a diferença é guardada. Lembrar como [sendo] um colocar sob uma rubrica e encaixar, ativamente - quem?

502

Em relação à memória, temos que tornar a aprender: aqui está a tentação suprema de supor uma “alma”, que reproduz de modo atemporal, que reconhece etc. Mas o vivenciado continua vivendo “na memória”; que ele “venha”, quanto a isso não tenho nenhum poder, a vontade é, quanto a isso, inativa, como no vir de qualquer pensamento. Acontece algo de que me torno consciente: então vem algo semelhante - quem o chama? quem o desperta?

503

Todo o aparelho do conhecimento é um aparelho de abstração e simplificação - não voltado para o conhecimento, mas sim para o *apoderar-se* das coisas: “fim” e “meio” estão tão longe da essência como os “conceitos”. Com “fim” e “meio”, o aparelho do conhecimento apodera-se do processo (-

inventa-se um processo que é compreensível!); com “conceitos”, porém, apodera-se das “coisas” que constituem o processo.

504

A consciência - começando totalmente no exterior, como coordenação do tornar-se consciente das “impressões” - é, inicialmente, o mais distante possível do centro biológico do indivíduo; mas é um processo que se aprofunda, interioriza e, constantemente, aproxima-se daquele centro.

505

Nossas percepções, tal como as entendemos: isto é, a soma de todas *as* percepções cujo *tornar-se consciente* nos foi útil e essencial, a nós e a todo processo orgânico antes de nós: portanto, não se trata de todas as percepções em geral (por exemplo, não das elétricas). Isso quer dizer: temos *sentidos* somente para uma seleção de percepções - para uma seleção daquelas que mais importam para nos conservar. *Consciência só existe à medida que é útil*. Não há dúvida de que todas as percepções dos sentidos estão totalmente penetradas de *juízos de valor* (útil e prejudicial - consequentemente, agradável e desagradável). A cor individual exprime ao mesmo tempo um valor para nós (ainda que o reconheçamos raramente, ou só depois de longas e exclusivas impressões da mesma cor; por exemplo, no caso dos detentos em uma prisão ou dos loucos). Por isso, insetos reagem a cores diferentes de modo diferente: alguns as amam, por exemplo, formigas.

506

Primeiro, imagens - temos que explicar como as imagens surgem no espírito. Depois, *palavras* aplicadas às imagens. Por fim, conceitos, somente possíveis se há palavras - uma compreensão de muitas imagens sob algo não passível de intuição, mas sim audível (palavra). O poucochinho de emoção

que surge com a “palavra”, portanto no intuir de imagens semelhantes, para as quais existe uma palavra - essas fracas emoções são o comum, o fundamento do conceito. Que sensações fracas sejam postas como iguais e sejam sentidas *como as mesmas*, eis o fato fundamental. Daí a confusão de duas sensações muito avizinhadas na *constatação* dessas sensações - quem constata? A *crença* é o início primordial já em cada impressão dos sentidos: uma espécie de dizer-sim é a *primeira* atividade intelectual! Um “considerar verdadeiro” no início! Portanto, temos que explicar: como *surgiu* um “considerar verdadeiro”! Que espécie de sensação jaz *por trás* do “verdadeiro”?

507

A *apreciação* “eu acredito que isso ou aquilo é assim” como *essência* da “verdade”. Nas *apreciações* exprimem-se *condições de conservação e crescimento*. Todos os nossos *órgãos e sentidos do conhecimento* só se desenvolvem com referência às condições de conservação e crescimento. A *confiança* na razão e em suas categorias, na dialética, e assim o *apreço pela lógica* só provam, conforme a experiência, que elas são úteis para a vida: *não a sua “verdade”*.

Que uma porção de *crenças* tenha que existir; que se possa *julgar*; que *falte* a dúvida em relação a todos os valores essenciais: - isso é pressuposição de todo vivente e de sua vida. Portanto, que algo *tenha* de ser considerado verdadeiro, isso é necessário - *não* que algo *seja verdadeiro*.

“O mundo *verdadeiro* e o *aparente*” - essa oposição é reconduzida por mim a *relações de valor*. Projetamos as *nossas* condições de conservação como *predicados do ser* em geral. Que, para prosperar, tenhamos que ter crenças estáveis, disso fizemos o fato de que o mundo “verdadeiro” não é nenhum mundo mutável e submetido ao devir, mas, antes, um mundo *que é*.

[e) Surgimento de razão e lógica]

508

Originalmente, caos das representações. As representações que combinaram umas com as outras restaram, grande número sucumbiu - e sucumbe.

509

O reino terrestre dos apetites a partir do qual medrou a lógica: instinto-de-rebanho como pano de fundo. A suposição de casos iguais pressupõe a “alma igual”. *Para fins de entendimento e domínio.*

510

Para o *surgimento da lógica*. O pendor fundamental de *equalizar*, de *ver como igual*, modifica-se e é refreado por meio de vantagem e desvantagem, do *resultado*: forma-se um ajustamento, um grau mais brando no qual ele pode satisfazer-se, sem, ao mesmo tempo, negar a vida e pô-la em perigo. Esse processo é completamente correspondente àquele exterior, mecânico (que é o seu símbolo), àquele em que o *plasma*, continuamente, torna igual a si aquilo de que se apropria, ordenando-o em suas formas e séries.

511

Igualdade e semelhança.

1. O órgão mais grosso vê muitas igualdades aparentes;
2. o espírito *quer* igualdade, isto é, quer subsumir uma impressão sensível sob uma série existente: da mesma forma que o corpo *assimila* em si o inorgânico.

Para a compreensão da *lógica*:

a vontade de igualdade é a vontade de poder.

- a *crença* de que algo seja assim ou assim (a essência do *juízo*) é a consequência de uma vontade de que, tanto quanto possível, *deva* haver iguais.

512

A lógica está atada à condição *de que haja casos idênticos*. De fato, para que se pense e se conclua logicamente, essa condição há primeiro de ser simulada como tendo sido preenchida. Isso quer dizer: a vontade de *verdade lógica* só pode realizar-se depois de ter-se efetuado uma *falsificação* de todo acontecer. Do que resulta que aqui domina uma pulsão que é capaz de ambos os meios: primeiro da falsificação e depois da consecução de um ponto de vista: a lógica *não* provém da vontade de verdade.

513

A força engenhosa que inventou as categorias trabalhava a serviço da necessidade, a saber, da segurança, da comprehensibilidade rápida com fundamento em sinais e sons, em meios abreviativos: - “substância”, “sujeito”, “objeto”, “ser”, “devir” não implicam verdades metafísicas. - Foram os poderosos que tornaram lei os nomes das coisas: e entre os poderosos estão os maiores artífices de abstrações, aqueles que criaram as categorias.

514

Uma moral, um modo de viver *comprovado* por longa experiência e teste, vem à consciência, por fim, como lei, como *dominante*... e, com isso, entra nela todo o grupo de valores e estados aparentados: ela se torna honorável, inatacável, sagrada, verdadeira; pertence ao seu desenvolvimento o fato de que a sua proveniência seja *esquecida*... É um sinal de que ela tornou-se senhora...

O mesmo pode ter acontecido com as *categorias da razão*: elas podem ter sido comprovadas como de relativa utilidade com muito tatear e agarrar ao redor... Chegou-se a um ponto em que se as reuniu, se as trouxe à

consciência como um todo - e em que se lhes *deu ordens*... isto é, em que tinham o efeito de *dar ordens*... A partir de então, valiam como *a priori*..., como para além da experiência, como irrecusáveis... E, todavia, não exprimiam talvez nada mais do que uma determinada finalidade da raça e do gênero - sua utilidade é sua “verdade” -

515

Não “conhecer”, mas sim esquematizar, impor ao caos tanta regularidade e formas quantas sejam suficientes à nossa necessidade prática.

Na formação da razão, da lógica, das categorias, a necessidade foi normativa: a necessidade não de “conhecer”, mas antes de subsumir, de esquematizar para fins de compreensão, de computação... o preparar, o conformar ao semelhante, ao igual - o mesmo processo que perfaz cada impressão dos sentidos é o desenvolvimento da razão! - Aqui não trabalhou uma “ideia” preexistente: mas sim a utilidade de que só quando vemos as coisas grosseiramente e equalizadas elas se tornam, para nós, computáveis e à mão... a *finalidade* na razão é um efeito, nenhuma causa: em cada outra espécie de razão, na qual a vida faz continuamente os seus ensaios, ela malogra, - torna-se incapaz de uma visão de conjunto - por demais desigual

-
As categorias só são “verdades” no sentido de que condicionam a vida para nós: como o espaço euclidiano é uma tal “verdade” condicionante. (Dito sem rodeios: ninguém sustentará a necessidade de os homens existirem, por isso a razão é, assim como o espaço euclidiano, uma mera idiossincrasia de uma determinada espécie de animal, uma entre muitas outras...)

O constrangimento subjetivo de não se poder contradizer é um constrangimento biológico: o instinto da utilidade de concluir como concluímos está em nosso corpo, *somos* quase esse instinto... Que

ingenuidade, porém, querer extraír uma prova, a partir disso, de que possuiríamos, por tal motivo, uma “verdade em si”...

O não-poder-contradizer prova uma incapacidade, não uma “verdade”.

516

Afirmar e negar uma e mesma coisa não é possível para nós: esse é um princípio [*Satz*] de experiência subjetiva, nisso não se exprime nenhuma “necessidade”, *mas sim apenas um não-ser-capaz*.

Se, segundo Aristóteles, o princípio [*Satz*] da contradição é o mais certo de todos os princípios [*Grundsätze*], se ele é o último, o mais original, ao qual remontam todas as demonstrações, se nele jaz o princípio [*Prinzip*] de todos os outros axiomas: tanto mais rigorosamente dever-se-ia ponderar o que ele no fundo [*im Grunde*] já pressupõe como afirmações. Ou com ele é afirmado algo em relação ao real [*Wirklich*], ao que é²²³ [*Seienden*], como se ele já o conhecesse de qualquer outra parte, a saber, que a este real e ente [*Seienden*] não *podem* ser atribuídos predicados contrários. Ou o princípio quer dizer: que ao real e ao ente não *devem* ser atribuídos predicados contrários. Então a lógica seria um imperativo, *não* para o conhecimento do verdadeiro, mas para a colocação e preparação de um mundo *que deve ser chamado por nós de verdadeiro*.

Em resumo, a questão está aberta: os axiomas lógicos são adequados ao real ou são critérios e meios para *criar* para nós, em primeira instância, o real, o conceito “realidade” [“*Wirklichkeit*”]... Para poder-se afirmar o primeiro, precisar-se-ia, como foi dito, já conhecer o que é; o que, pura e simplesmente, não é o caso. O princípio não contém, portanto, nenhum critério de verdade, mas sim um imperativo sobre aquilo *que deve valer como verdadeiro*.

Posto que não houvesse absolutamente um tal A igual-a-si-mesmo, como cada princípio da lógica (e também da matemática) supõe, o A seria já uma *aparência* e então a lógica teria um mundo meramente *aparente* como pressuposição. De fato, cremos naquele princípio sob a impressão da infinita empiria, que parece *confirmá-lo* continuamente. A “coisa” - esse é o substrato apropriado para A; a *nossa crença em coisas* é a pressuposição para a crença na lógica. O A da lógica é, como o átomo, uma pós-construção da “coisa”... Enquanto não compreendermos isso e fizermos da lógica um critério do *ser verdadeiro*, estaremos já a caminho de pôr como realidades [*Realitaten*] todas aquelas hipóstases: substância, predicado, objeto, sujeito, ação etc.: isso significa conceber um mundo metafísico, isto é, um “mundo verdadeiro” (- esse é, porém, mais uma vez, o mundo *aparente*...).

Os atos de pensar mais originais, o afirmar e negar, o considerar verdadeiro e o não considerar verdadeiro, são já dominados por uma crença *de que existe conhecimento para nós*, de que *o julgar pode realmente alcançar a verdade*, à medida que supõem não somente um hábito, mas um *direito*, a saber, o de considerar verdadeiro e o de considerar não verdadeiro: - em resumo, a lógica não duvida de poder declarar algo do em-si-verdadeiro (a saber, que a este não *podem* convir predicados contrários).

Aqui *rege* o preconceito grosseiro sensualista de que as sensações nos ensinam *verdades* sobre as coisas - de que não posso, ao mesmo tempo, de uma e mesma coisa, dizer que é *dura e mole*. (A prova intuitiva “não posso ter ao mesmo tempo duas sensações contrárias” - é *totalmente grosseira e falsa*.)

A proibição da contradição conceitual parte da crença de que *podemos* formar conceitos, de que um conceito não apenas designa, mas antes encerra o verdadeiro de uma coisa... De fato, a *lógica* só é válida (como a geometria e a aritmética) para *verdades simuladas que nós criamos*. Lógica é

a tentativa *de conceber o mundo real* [*wirkliche*] segundo um esquema-de-ser posto por nós, mais exatamente, de torná-lo formulável e computável para nós...

517

A suposição do ente [do que é - *Seienden*] é necessária, para poder pensar e concluir: a lógica maneja somente fórmulas para o que permanece igual.

Por isso, essa suposição seria ainda sem força de prova para a realidade [*Realität*]: “o ente” pertence à nossa óptica. O “eu” como ente (- não tocado pelo devir e pelo desenvolvimento).

O mundo simulado de sujeito, substância, “razão” etc. é necessário -: existe em nós um poder ordenador, simplificador, falsificador, artificialmente separador. “Verdade” - vontade de tornar-se senhor da multiplicidade das sensações.

- *enfileirar* os fenômenos sob determinadas categorias
- Nisso partimos da crença no “em-si” das coisas (tomamos os fenômenos como *reais*).

O caráter do mundo que devém como *informulável*, como “falso”, como “se contradizendo”. *Conhecimento* e *devir* excluem-se. Consequentemente, “conhecimento” há de ser algo diverso: uma vontade de tornar conhecível há de preceder, uma espécie de devir há de criar a *ilusão do ente*.

518

Se nosso “eu” é para nós o único *ser* a partir do qual tudo fazemos e entendemos *ser*: muito bem! Então cabe bem a dúvida de se aqui não há uma *ilusão* perspectivista - a aparente unidade na qual, como em uma linha horizontal, tudo se encadeia. No fio condutor do corpo mostra-se uma imensa *multiplicidade*; é metodologicamente permitido utilizar o fenômeno que pode ser mais bem estudado e o *mais rico* como fio condutor para

entender o mais pobre. Por fim: posto que tudo é devir, então *o conhecimento só é possível tendo como fundamento a crença no ser.*

519

Se “somente há um ser, o eu”, a partir de sua imagem todos os outros “entes” são feitos - se, por conclusão, a crença no “eu” mantém-se de pé ou cai com a crença na lógica, isto é, na verdade metafísica das categorias da razão: se, por outro lado, o eu mostra-se como algo *em devir*: então -

520

As contínuas transformações não permitem falar de “indivíduo” etc.; o “número” dos seres é, ele mesmo, fluido. Não falaríamos do tempo e não saberíamos nada do movimento se não acreditássemos, de maneira grosseira, ver “algo em repouso” junto ao movido. Tampouco falaríamos de causa e efeito, e não teríamos chegado à concepção de espaço, sem a errônea concepção de “espaço vazio”. O princípio [Satz] da identidade tem como pano de fundo a “intuição” de que há coisas iguais. Um mundo em devir não poderia, no sentido rigoroso, ser “concebido”, ser “conhecido”: só à medida que o intelecto “que concebe” e “que conhece” encontra de antemão um mundo grosseiro já criado, armado a partir de meras aparências, mas tornado firme, à medida que essa espécie de aparência conservou a vida - só nessa medida há algo como “conhecimento”: isto é, um medir dos erros mais antigos e mais recentes uns pelos outros.

521

Quanto à “*aparência lógica*” - Os conceitos “indivíduo” e “gênero” são igualmente falsos e meramente aparentes. “Gênero” só exprime o fato de que uma quantidade de seres semelhantes surge ao mesmo tempo e que o compasso do contínuo medrar e modificar-se torna-se mais moroso: de

modo que as pequenas progressões e acréscimos, que de fato ocorram, não são mais levados em consideração (- uma fase de desenvolvimento na qual o desenvolver-se não é mais visível, de modo que um equilíbrio *parece* ter sido alcançado, e é possibilitada a representação falsa *de que aqui é alcançado um fim* - de que houve um fim no desenvolvimento...)

A *forma* passa por ser algo durável e, por isso, mais valioso; mas a forma é, simplesmente, algo inventado por nós; e por mais frequentemente que “a mesma forma seja alcançada”, isso não significa que *seja a mesma forma - mas, ao contrário, aparece sempre algo novo* - e somente nós, os que comparam, computamos esse novo à medida que o igualamos conjuntamente ao antigo na unidade da “forma”. Como se um *tipo* devesse ser alcançado e como se ele pairasse diante da formação e lhe fosse inerente.

A *forma*, o *gênero*, a *lei*, a *ideia*, a *meta* - aqui se comete, por toda parte, o mesmo erro de atribuir por sub-repção a uma ficção uma falsa realidade [*Realität*]: como se o acontecer comportasse qualquer obediência - faz-se uma separação artificial no acontecer entre aquilo *que faz* e aquilo *conforme o que* o fazer se dirige (mas o *que* e o *conforme o que* são postulados por nós tão somente em obediência à nossa dogmática metafísico-lógica: nenhuma “situação de fato”).

Não se deve entender esta *coerção* para formar conceitos, gêneros, formas, metas, leis (“*um mundo dos casos idênticos*”) como se, com isso, fôssemos capazes de fixar o *mundo verdadeiro*; mas sim como coerção de preparar para nós um mundo no qual *nossa existência* se torne possível - criamos com isso um mundo que é computável, simplificado, inteligível etc. para nós.

Essa mesma coerção existe na *atividade dos sentidos* que sustenta o entendimento - esse simplificar, tornar grosseiro, sublinhar e inventar sobre o qual repousa todo “reconhecer”, todo poder tornar para si comprehensível. Nossas *necessidades* precisaram de tal modo os nossos sentidos que “o

mesmo mundo fenomênico” sempre retorna, o qual, com isso, recebeu a aparência de *realidade* [*Wirklichkeit*].

Nossa coerção subjetiva para acreditarmos na lógica só exprime que, muito antes de a própria lógica nos vir à consciência, não fizemos nada mais do que *intrometer os seus postulados no acontecer*: agora os encontramos no acontecer - e não podia ser de outra maneira - e opinamos então que essa coerção garante algo sobre a “verdade”. Fomos nós que criamos “a coisa”, a “coisa igual”, o sujeito, o predicado, o fazer, o objeto, a substância, a forma, depois de termos empreendido durante muito tempo o *equalizar*, o *tornar* grosseiro e simplificado.

O mundo *aparece-nos* como lógico porque nós, antes, o *tornamos* lógico.

522

Solução fundamental. - Acreditamos na razão: esta é, porém, a filosofia dos *conceitos* cinzentos, a língua foi erguida sobre os preconceitos mais ingênuos.

Agora, nas coisas, lemos desarmonias e problemas, porque só *pensamos* na forma linguística - portanto, acreditamos na “eterna verdade” da “razão” (por exemplo, sujeito, predicado etc.).

Cessamos de pensar quando não o queremos fazer dentro da imposição linguística, chegamos mesmo à vacilação de ver aqui um limite como limite.

O pensar racional é um interpretar segundo um esquema que não podemos recusar.

[f) *Consciência*]

523

Nada é mais errôneo do que fazer dos fenômenos psíquicos e físicos as duas faces, as duas revelações de uma única e mesma substância. Com isso

não se esclarece nada: o conceito “*substância*” é completamente inútil se se quer esclarecer-lo.

A *consciência* está em um papel secundário, quase indiferente, é supérflua, destinada talvez a desaparecer e a dar lugar a um completo automatismo -

Se só observarmos os fenômenos internos, então somos comparáveis aos surdos-mudos que decifram as palavras, as quais não ouvem, a partir do movimento dos lábios. Concluímos, a partir dos fenômenos do sentido interno, fenômenos invisíveis e outros, os quais perceberíamos se nossos meios de observação, que chamamos de corrente nervosa, fossem suficientes.

Para esse mundo interno faltam-nos todos os órgãos mais refinados, de modo que percebemos mesmo uma *complexidade milenar* como unidade, e de tal maneira que inventamos em seu íntimo uma causalidade, em que cada motivo do movimento e da mudança permanece invisível para nós (a sequência de pensamentos, de sentimentos é deveras somente o tornar-se visível dos mesmos na consciência; é completamente inacreditável que essa série tenha algo a ver com um encadeamento causal: a consciência não nos fornece nunca um exemplo de causa e efeito) - - -

524

Papel da “consciência”. - É essencial que não nos enganemos a respeito do papel da “consciência”: ela é a nossa *relação com o “mundo exterior”, que ela desenvolveu*. Por outro lado, a *, respectivamente o resguardo e a cautela com respeito ao jogo conjunto das funções corporais, *não* nos vem à consciência; tampouco o *armazenamento* espiritual: que haja para isso uma função superior, não se pode pôr em dúvida: uma espécie de comitê diretor, onde os diferentes *desejos principais* fazem valer sua voz e poder. “Prazer”, “desprazer” são sinais a partir dessa esfera:... igualmente o *ato de vontade*. Igualmente as *ideias*.*

Em suma: aquilo que se torna consciente está sob relações causais que nos são inacessíveis - a sequência de pensamentos, sentimentos, ideias na consciência não exprime nada a respeito do fato de que essa sequência é uma sequência causal: mas aparentemente, e em grau superlativo, é assim. Sobre essa *aparência fundamos todas as nossas representações de espírito, razão, lógica* etc. (não há nada disso: são sínteses e unidades simuladas)... E estas, por sua vez, são projetadas nas coisas, *por trás* das coisas!

Habitualmente, toma-se a *consciência* mesma como *sensorium-geral* e instância superior: todavia, ela é apenas um *meio de comunicação*: ela desenvolveu-se nas relações e com respeito a interesses de relações... “Relações” são aqui entendidas também como as impressões do mundo externo e, de nossa parte, as reações necessárias no caso; da mesma maneira como são aqui entendidos os nossos efeitos *no exterior*. A consciência *não é* a condutora, mas um *órgão da condução*.

525

Minha tese [*Satz*], condensada em uma fórmula que cheira a antigo, a cristianismo, a escolástica e a outro almíscar: no conceito “Deus é espírito”, Deus é *negado* como perfeição...

526

Onde há uma certa unidade no agrupamento, sempre se postulou o *espírito* como causa dessa coordenação: sem razão alguma. Por que deveria ser a ideia de um fato complexo uma das condições desse fato? Ou por que haveria de preceder a um fato concreto a sua representação? -

Acautelar-nos-emos de explicar a *finalidade* pelo espírito: não há qualquer motivo para atribuir ao espírito a propriedade de organizar e sistematizar. - O sistema nervoso tem um domínio muito extenso: o mundo da consciência

é acrescentado. No conjunto do processo de adaptação e de sistematização, a consciência não desempenha nenhum papel.

527

Os fisiólogos acreditam, como os filósofos, que a *consciência*, à medida que *aumenta* em clareza, cresce em *valor*: que a consciência mais clara, o pensar mais lógico, mais frio, seja de *primeira ordem*. Todavia - esse valor se determina a partir de quê? - Em relação ao *desencadeamento da vontade*, o pensar mais superficial, *mais simplificado*, é o mais útil - por isso ele pôde tanto - etc. (porque deixa poucos motivos além).

A *precisão do agir* está em antagonismo com o *acautelamento* que *enxerga ao longe* e que, frequentemente, julga de maneira incerta: esse acautelamento é conduzido pelo instinto *mais profundo*.

528

Erro principal dos psicólogos : tomam a representação sem clareza na conta de uma *espécie* mais baixa de representação, computada em relação à representação clara: mas o que se afasta de nossa consciência, e por isso *torna obscuro, pode*, por isso, ser perfeitamente claro em si. O *tornar-se obscuro* é *questão da perspectiva da consciência*.

529

Os erros monstruosos:

1. a absurda *superestimação da consciência*; a partir dela foi feita uma unidade, um ser: “o espírito”, “a alma”, algo que sente, pensa, quer -
2. O espírito como *causa*, nomeadamente por toda parte onde aparecem finalidade, sistema, coordenação;
3. a consciência como a suprema forma alcançável, como espécie superior de ser, como “Deus”;

4. a vontade imiscuída em toda parte onde há efeito;
5. o “mundo verdadeiro” como mundo espiritual, como acessível pelos fatos-de-consciência;
6. o *conhecimento* entendido de maneira absoluta como capacidade da consciência, na qual em geral há conhecimento.

Conclusões:

cada progresso está no progresso para o tornar-se consciente; cada retrocesso, para o tornar-se inconsciente.

Aproximamo-nos da realidade [*Realität*], do “ser verdadeiro”, por meio da dialética; *afastamo-nos* dela por meio dos instintos, sentidos, mecanismos...

Resolver o homem em espírito quer dizer fazê-lo Deus: espírito, vontade, bondade - uma e mesma coisa;

Todo *bem* deve provir da espiritualidade, há de ser um fato-de-consciência;

O progresso para o *melhor* só pode ser um progresso no tornar-se *consciente*.

O tornar-se inconsciente passa por decadênci nos *desejos e sentidos* - por *bestialização*...

[g) Juízo. Verdadeiro - falso]

530

O preconceito teológico em Kant, seu dogmatismo inconsciente, sua perspectiva moral como dominante, condutora, imperativa.

O πρῶτον ψεῦδος:²²⁴ como o fato do conhecimento é possível? o conhecimento é, em geral, um fato? o que é conhecimento? Se não sabemos o que é conhecimento, é impossível responder à questão de se há conhecimento. Muito bonito! Mas se eu já não “sei” se há conhecimento, se

pode havê-lo, não posso propor absolutamente, de modo racional, a questão “o que é conhecimento”. Kant *acredita* no fato do conhecimento: é uma ingenuidade o que ele quer: *o conhecimento do conhecimento!*

“Conhecimento é juízo!” Mas juízo é uma *crença* de que algo é tal ou qual, e *não* conhecimento! “Todo conhecimento consiste em juízos sintéticos” com o caráter da universalidade (a questão dispõe-se, em todos os casos, assim e não de outra maneira), com o caráter da *necessidade* (o contrário dessa afirmação não pode dar-se jamais).

A *legitimidade* da crença no conhecimento é sempre pressuposta: assim como a legitimidade do sentimento do juízo de consciência. Aqui, o preconceito *dominante* é a *ontologia moral*.

Portanto, a conclusão é: 1. há afirmações que consideramos universalmente válidas e necessárias;

2. o caráter da necessidade e validade universal não pode provir da experiência;

3. consequentemente, ele há, sem experiência, de *fundamentar-se a partir de algum outro lugar* e de ter outra fonte de conhecimento!

Kant conclui i. há afirmações que só são válidas sob certa condição; 2. essa condição é que elas não provêm da experiência, mas da razão pura.

Portanto: a pergunta é *de onde nossa crença* na verdade dessas afirmações toma seus fundamentos? Não, de onde nossa crença obtém seus juízos! Mas o *surgimento de uma crença*, de uma forte convicção, é um problema psicológico: frequentemente, uma experiência *muito* limitada e estreita põe tal crença a caminho!

Ele já *pressupõe* que não há somente “*data a posteriori*”,²²⁵ mas antes também *data a priori*, “antes da experiência”. Pressupõe que necessidade e validade universal nunca possam ser dadas pela experiência: com o que, então, fica claro que elas existem sem experiência em geral?

Não há juízos isolados!

Um juízo isolado nunca é “verdadeiro”, nunca é conhecimento; somente de uma *conexão*, da *relação* de muitos juízos, resulta uma garantia.

O que diferencia a crença verdadeira e a falsa? O que é conhecimento? Ele “sabe”, isso é celestial!

Necessidade e universalidade jamais podem ser dadas por experiência! Portanto, são independentes da experiência, são *anteriores* a toda experiência! Aquele entendimento que ocorre *a priori*, portanto independentemente de toda experiência, *a partir da pura [blossen] razão*, é “um conhecimento puro [reine]”.

Os princípios fundamentais da lógica, o princípio da identidade e da contradição, são conhecimentos puros, pois antecedem toda experiência. - Mas não são conhecimentos absolutamente nenhuns! Mas sim *artigos de fé reguladores*!

Para fundamentar a aprioridade (a pura racionalidade) dos juízos matemáticos, o espaço *há de ser concebido como uma forma da razão pura*.

Hume havia explicado: “não há juízos *a priori*”. Kant diz: mas sim! os matemáticos! E se existem tais juízos, há também, talvez, metafísica, um conhecimento das coisas por meio da razão pura!

Matemática é possível sob condições tais que metafísica *nunca* é possível. Todo conhecimento humano é ou experiência ou matemática.

Um juízo é sintético: isto é, liga diversas representações.

Ele é *a priori*: isto é, aquela ligação é universal e necessária, a qual nunca pode ser dada pela percepção sensível, mas só pela razão pura.

Se deve haver juízos sintéticos *a priori*, então a razão deverá ser capaz de ligar: o ligar é uma forma. A razão há de *possuir capacidades que doam forma*.

O julgar é a nossa crença mais antiga, nosso mais habitual considerar verdadeiro ou não verdadeiro, um afirmar ou negar, uma certeza de que algo é assim e não de outra maneira, uma crença de ter, aqui, realmente “conhecido” - *o que* em todo julgar é tido como verdadeiro?

O que são *predicados*? - Não tomamos as alterações em nós como tais, mas sim como um “em-si” que nos é estranho, que só “percebemos”: e *não* as estabelecemos como um acontecer, mas sim como um ser, como “propriedade” - e inventamos, de acréscimo, uma essência na qual elas se prendem, isto é, postulamos o *efeito* como *efetivante* e o *efetivante* como *o que é* [*Seiende*]. Mas também ainda, nessa formulação, o conceito “efeito” é arbitrário: pois daquelas alterações que acontecem em nós e das quais acreditamos firmemente *não* sermos nós mesmos as causas concluímos que elas têm de ser efeitos: segundo a conclusão: “em cada alteração toma parte um autor”. - Mas essa conclusão é já mitologia: ela *separa* o efetivante e o efetivar. Se digo “o relâmpago brilha”, então estabeleci o brilhar, por um lado, como atividade e, por outro, como sujeito: portanto, supus um ser para o acontecer que não é um e o mesmo em relação ao acontecer, mas antes *permanece*, é, e não “*se torna*”. - *Postular o acontecer como efetivar: e o efeito como ser:* esse é o *duplo* erro, ou *interpretação*, do qual nos fazemos culpados.

O *juízo* - esta é a crença: “isso e aquilo são assim”. Portanto, finca-se no juízo a memória de ter-se encontrado “um caso idêntico”: o que, portanto, supõe comparação, com a ajuda da memória. O juízo não cria o fato de que pareça existir um caso idêntico. Antes, ele acredita perceber um tal caso; trabalha sob a pressuposição de que existem, em geral, casos idênticos. Ora, como se chama aquela função que há de ser muito mais *antiga*, que há de trabalhar antes e que compensa e assemelha os casos que não são iguais?

Como se chama aquela segunda que, com fundamento nessa primeira, etc. “O que provoca sensações iguais é igual”: como se chama isso que faz as sensações iguais, que as “toma” como iguais? - Não poderia haver nenhum juízo se, primeiro, no interior das sensações, não fosse exercida uma espécie de compensação: a memória só é possível com um enfatizar constante do já habitual, do já vivenciado. - *Antes* que haja julgamento, *o processo de assimilação há de estar já feito*: portanto, há também aqui uma atividade intelectual, que não chega à consciência, como na dor por causa de um ferimento. Provavelmente, a todas as funções orgânicas corresponde um acontecimento interno, portanto, um assimilar, um segregar, um crescer etc.

Essencial: partir do *corpo* e utilizá-lo como fio condutor. Ele é o fenômeno muito mais rico, que permite uma observação mais clara. A crença no corpo é mais bem estabelecida do que a crença no espírito.

“Por mais fortemente que uma coisa seja crida: aí não reside nenhum critério de verdade.” Mas o que é verdade? Talvez uma espécie de crença que se tornou uma condição da vida? Então, sem dúvida, a *força* seria um critério, por exemplo, em relação à causalidade.

533

A determinação lógica, a transparência como critério da verdade (“*omne illud est, quod clare et distincte percipitur*”,²²⁶ Descartes): com isso a hipótese de mundo mecânica torna-se bem-vinda e digna de crédito.

Mas isso é uma grosseira confusão: como *simplex sigillum veri*.²²⁷ A partir de onde se sabe que a verdadeira propriedade das coisas está *nesta* relação com o nosso intelecto? - Não seria de outra maneira? que as hipóteses que lhe dão em maior grau o sentimento de poder e de segurança são *privilegiadas, apreciadas e, consequentemente, designadas como verdadeiras?*

- O intelecto estabelece sua *capacidade e poder mais fortes* e mais livres como critério do mais valioso, consequentemente, do *verdadeiro...*

“Verdadeiro”: pelo ângulo do sentimento -: o que estimula mais fortemente o sentimento (“Eu”);

pelo ângulo do pensar -: o que dá ao pensamento o maior sentimento de força;

pelo ângulo do tatear, ver, ouvir: aquilo a que se há de oferecer resistência o mais fortemente possível.

Portanto, os *graus supremos de desempenho* despertam para o *objeto* a crença em sua “verdade”, isto é, em sua *realidade* [*Wirklichkeit*]. O sentimento da força, da luta, da resistência persuade no sentido de que há algo aqui a que se resiste.

534

O critério da verdade está no incremento do sentimento de poder.

535

“Verdade”: no interior de minha maneira de pensar, essa palavra não designa necessariamente uma oposição ao erro, mas sim, nos casos mais fundamentais, somente uma posição de diferentes erros, uns em relação aos outros: por exemplo, que um erro seja mais velho, mais profundo que outro, talvez mesmo inextirpável, à medida que um ser orgânico de nossa espécie não poderia viver sem ele: enquanto outros erros não nos tiranizam desse modo, como condições da vida, antes, comparados com tais “tiranos”, podem ser eliminados e “refutados”.

Uma suposição irrefutável, - por que deveria, só por isso, ser “*verdadeira*”? Essa tese revolta talvez os lógicos, que estabelecem os *seus* limites como limites das *coisas*: mas há muito declarei guerra a esse otimismo dos lógicos.

536

Tudo o que é simples é meramente imaginário, não é “verdadeiro”. O que, entretanto, é real [*wirklich*] é verdadeiro, não é único nem pode ser ao menos redutível ao um.

537

O que é verdade? (inertia, a hipótese com a qual surge algum contentamento, o menor consumo de força espiritual etc.).

538

Primeiro princípio. O modo de pensar *mais fácil* triunfa sobre o mais difícil - como *dogma: simplex sigillum veri*²²⁸ - *Dico: que a clareza deva atestar algo em favor da verdade, é uma perfeita criancice...*

Segundo princípio. A doutrina do ser, da coisa, de puras e firmes unidades é *cem vezes mais fácil* do que a *doutrina do devir*, do desenvolvimento...

Terceiro princípio. A lógica foi suposta como *facilitação: como meio de expressão - não como verdade...* Mais tarde *atuou como verdade...*

539

Parmênides disse “não se pensa o que não é” - estamos na outra extremidade e dizemos “o que pode ser pensado há de ser, seguramente, uma ficção”.

540

Há muitos olhos. Também a esfinge tem olhos: consequentemente, há muitas “verdades”; e, consequentemente, não há nenhuma verdade.

541

INSCRIÇÕES SOBRE UM MANICÔMIO MODERNO

“Necessidades do pensamento são necessidades morais.”

Herbert Spencer

“A última pedra de toque para a verdade de um princípio
é o fato de não se poder conceber a sua negação.”

Herbert Spencer

542

Se o caráter da existência devesse ser falso - e isso seria deveras possível - o que seria, então, a verdade, toda a nossa verdade?... Uma inconsciente falsificação do falso? Uma potência mais elevada do falso?...

543

Em um mundo que é essencialmente falso, a veracidade seria uma *tendência antinatural*: uma tal tendência só poderia ter sentido como meio para uma certa *potência mais alta de falsidade*: para que um mundo do verdadeiro, do ente [do que é, *Seienden*], pudesse ser simulado, haveria primeiro de ser criado o veraz (nisso incluso o cômputo de que um tal se creia “veraz”).

Simples, transparente, sem contradição consigo mesmo, durável, permanecendo igual a si mesmo, sem pregas, truques, cortina, forma: um homem dessa espécie concebe como “*Deus*”, segundo a sua imagem, um mundo do ser.

Para que a veracidade seja possível, toda a esfera humana há de ser muito limpa, pequena e respeitável: a vantagem há de estar sempre, em todos os sentidos, do lado da veracidade. - Mentira, perfídia, dissimulação hão de provocar espanto...

544

O incremento da “dissimulação” segundo a ascensão na *hierarquia* dos seres. No mundo inorgânico ela parece faltar, no orgânico começa a *astúcia*; as plantas são já mestras nesta. Os homens superiores, como César, Napoleão (o dito de Stendhal sobre ele), do mesmo modo as raças superiores (italianos), os gregos (Odisseu); a artimanha pertence à *essência* da elevação do homem... Problema do ator. Meu ideal de Dionísio... A óptica de todas as funções orgânicas, de todos os mais fortes instintos da vida: a força *que quer* o erro em toda vida; o erro como pressuposição do próprio pensar. Antes que seja “pensado”, há de ser já “inventado”; o *configurar* em casos idênticos, em *aparência* de igual, é mais original do que o *conhecer* o *igual*.

[A indicação do dito de Stendhal (linha 6) relaciona-se a uma passagem de sua *Vida de Napoleão* (*Préface* p. XV) que Nietzsche anotou em outro caderno e que tem o seguinte teor: “*Une croyance presque instinctive chez moi cest que touhomme puissant ment quand il parle et à plus forte raison quand il écrit.*”]²²⁹

[h) Contra o causalismo]

545

Acredo no espaço absoluto como substrato da força: esta limita e conforma. O tempo é eterno. Mas, em si, não há nem espaço nem tempo: “alterações” são apenas manifestações (ou processos dos sentidos, para nós); se postulamos para estes um retorno igualmente regular, então nada mais está *fundamentado* com isto, a não ser, justamente, o fato de que sempre aconteceu assim. O sentimento de que o *post hoc*²³⁰ é um *propter hoc*” é facilmente deduzido como mal-entendido; isso é compreensível. Mas manifestações não podem ser “causas”!

546

A interpretação de um acontecer como: *ou* fazer *ou* sofrer - portanto, cada fazer como correspondendo a um sofrer - quer dizer: cada alteração, cada tornar-se outro, pressupõe um autor e algo *em que* é “alterado”.

547

História psicológica do conceito “sujeito”. O corpo, a coisa, o “todo” construído pelo olho desperta a diferenciação entre um fazer e um que faz; o que faz, a causa do fazer, cada vez concebido com maior acuidade, deixou, por fim, como resultado, o “sujeito”.

548

Nosso mau costume de tomar como essência um símbolo da memória, uma fórmula abreviada, e, finalmente, tomá-lo como *causa*, por exemplo, dizer do relâmpago: “ele brilha”. Ou a palavrinha “eu”. Estabelecer uma espécie de perspectiva no ver, por sua vez, como *causa do próprio ver*: esse foi o passe de mágica na invenção do “sujeito”, do “eu”!

549

“Sujeito”, “objeto”, “predicado” - essas separações foram *feitas* e agora recobrem, como esquemas, todos os fatos que aparecem. A falsa observação fundamental é a de que creio que sou *eu* quem faz algo, quem sofre algo, quem “tem” algo, quem “tem” uma propriedade.

550

Em cada juízo finca-se a crença inteira, plena, profunda em sujeito e predicado ou em causa e efeito (como a afirmação de que cada efeito seja atividade e de que cada atividade pressuponha um agente); e esta última crença é até um caso particular da primeira, de modo que resta como crença

fundamental o seguinte: há sujeitos, tudo o que acontece comporta-se de modo predicativo em relação a algum sujeito.

Observo algo e procuro uma *razão* para esse algo: isso quer dizer originalmente: procuro uma *intenção* nisso, e, antes de tudo, alguém que tenha uma intenção, [procuro] um sujeito, um agente: todo acontecer é um fazer - outrora via-se em *todo* acontecer intenções, esse é o nosso hábito mais antigo.

O animal também o possui? Não está ele, como ser vivo, entregue à interpretação de acordo *consigo*? - A pergunta “*por quê?*” é sempre a pergunta pela *causa finalis*, por um “*para quê?*” Não temos nada de um “sentido da *causa efficiens*”: aqui *Hume* tem razão, o hábito (mas *não só* o do indivíduo!) faz-nos esperar que um certo evento, frequentemente observado, siga um outro: além disso, nada! O que nos dá a extraordinária firmeza da crença na causalidade *não* é o grande hábito da sequência de eventos, mas sim a nossa *incapacidade* de *interpretar* um acontecer de outra maneira a não ser como um acontecer a partir de *intenções*. Essa é a *crença* no vivente e pensante como o único *que produz efeitos* - a crença na vontade, na intenção -, essa é a crença em que todo acontecer seja um fazer, em que todo fazer pressuponha um agente; essa é a crença no “sujeito”. Não haveria de ser essa *crença* no conceito de sujeito e predicado uma grande tolice?

Pergunta: a intenção é causa de um acontecer? Ou isso é também ilusão? Não é ela o acontecer mesmo?

Crítica do conceito “causa”. - Não temos absolutamente nenhuma experiência de uma *causa*; computado psicologicamente, o conceito inteiro nasce da convicção subjetiva de que *nós* somos a causa, por exemplo, de que o braço se move... *Mas isso é um erro*: cindimo-nos, o agente do fazer, e fazemos uso desse esquema por toda parte - procuramos um agente para

cada acontecer... o que fizemos? *Cometemos o mal-entendido* de tomar como causa um sentimento de força, uma tensão, uma resistência, um sentimento muscular que já é o começo da ação -: ou compreendemos como causa a vontade de fazer isso ou aquilo porque a ação segue-se a essa vontade -

“Causa” não acontece, em absoluto: no tocante a alguns casos, em que nos pareceu dada, a partir dos quais a representamos como *compreensão do acontecer*, está provado o autoengano. Nossa “entendimento de um acontecer” consiste em que um sujeito inventado é responsabilizado pelo fato de que algo tenha acontecido e de como aconteceu. Congregamos no conceito “causa” o nosso sentimento de vontade, o nosso sentimento de “liberdade”, o nosso sentimento de responsabilidade e a nossa intenção de um fazer: *causa efficiens* e *finalis* são, em sua concepção fundamental, uma e mesma coisa.

Achávamos que um efeito seria explicado se fosse apontado um estado ao qual já fosse inerente. De fato, inventamos todas as causas segundo o esquema do efeito: conhecemos o último... Inversamente, somos incapazes de predizer de qualquer coisa o que ela “efetiva”. A coisa, o sujeito, a vontade, a intenção - tudo é inerente à concepção de “causa”. Buscamos coisas para esclarecer por que algo se modificou. Mesmo ainda o *átomo* é uma tal “coisa” e um “sujeito primordial” acrescentado pelo pensamento...

Por fim, compreendemos que coisas, consequentemente também átomos, nada efetivam: *pois eles não existem absolutamente...* compreendemos que o conceito causalidade é perfeitamente inútil. - A partir de uma sequência necessária de estados *não* se segue sua relação causal (- quer dizer, o fazer salta sua *capacidade efetiva* de i para 2, para 3, para 4, para 5). *Não há causas nem efeitos*. Linguisticamente, não sabemos nos libertar deles. Mas isso não tem importância. Se penso o *músculo* separado de seus “efeitos”, então o neguei...

Em suma: *um acontecer não é nem efetivado nem efetivante*. Causa é uma capacidade de efetivar inventada de acréscimo ao acontecer...

A interpretação da causalidade é uma ilusão... Uma “coisa” é a soma de seus efeitos ligados sinteticamente por meio de um conceito, de uma imagem... Na realidade, a ciência esvaziou o conceito causalidade de seu conteúdo e o conservou como uma fórmula-metáfora na qual tornou-se, no fundo, indiferente de qual lado está causa ou efeito. Afirma-se que nos dois complexos de estados (constelações de força) as quantidades de força permanecem iguais.

A calculabilidade de um acontecer não depende do fato de que uma regra seja seguida, ou uma necessidade seja obedecida, ou uma lei de causalidade seja projetada por nós em cada acontecer: - ela depende do *retorno dos casos idênticos*.

Não há, como Kant sugere, um sentido de causalidade. A gente se espanta, se inquieta, quer algo conhecido a que possa ater-se... Logo que, no novo, algo de antigo nos é apontado, ficamos tranquilizados. O pretenso instinto de causalidade é apenas um *temor diante do inabitual* e a tentativa de descobrir nele algo *conhecido* - uma procura não por causas, mas pelo conhecido...

Para o combate do determinismo. - Do fato de que algo se suceda regularmente e de maneira calculável não resulta que isso aconteça necessariamente. Que uma quantidade de força se determine e se comporte em cada caso determinado de um único e mesmo modo, isso não a torna “vontade não livre”. A “necessidade mecânica” não é nenhum fato: nós, primeiramente, a intrometemos pela interpretação no acontecer. Nós interpretamos o *prestar-se a ser formulado* do acontecer como consequência de uma necessidade dominante no acontecer. Mas do fato de que faça algo

determinado não se segue, de modo algum, que o faça coagido. A *coação* não é absolutamente demonstrável nas coisas: a regra só prova que um e mesmo acontecer não é também um outro acontecer. Somente pelo fato de termos intrometido nas coisas, pela interpretação, sujeitos, “agentes”, surge a aparência de que todo acontecer é a consequência de uma *coerção* exercida sobre sujeitos - exercida por quem? Por sua vez, por um “agente”. Causa e efeito - um conceito perigoso à medida que se pensa *algo* que *causa* e algo sobre o que se atua.

A) A necessidade não é nenhum fato, mas sim uma interpretação.

*

B) Quando se compreendeu que o “sujeito” não é nada que *efetiva*, é só uma ficção, então se seguem diversas coisas.

Somente segundo o modelo do sujeito é que inventamos o *caráter de coisa* e introduzimos a sua interpretação na confusão das sensações. Se não crermos mais no sujeito *efetivante*, então também cai a crença em coisas *efetivantes*, em efeito mútuo, em causa e efeito entre aqueles fenômenos a que chamamos coisas.

Com isso, naturalmente, cai também o mundo dos *átomos efetivantes*: cuja suposição sempre ocorreu sob a pressuposição de que se necessita de sujeitos.

Finalmente, cai também a “*coisa em si*”: pois esta, no fundo, nada mais é do que a concepção de um “sujeito em si”. Mas compreendemos que o sujeito é fictício. A oposição “*coisa em si*” e “manifestação”²³¹ é insustentável; com isso, cai por terra também o conceito de “manifestação”.

*

C) Abandonemos o sujeito efetivante, e assim também abandonaremos o objeto no qual se efetiva. A duração, a igualdade consigo mesmo, o ser não

são inerentes nem ao que é chamado de sujeito nem de objeto: são complexos do acontecer, aparentemente duráveis com referência a outros complexos - portanto, por exemplo, por uma diferença no ritmo do acontecer (quietude/movimento, firme-frouxo: todas essas são oposições que não existem em si e pelas quais, de fato, são expressas somente *diferenças de graus*, que aparecem, em uma certa escala óptica, como oposições. Não há oposições: somente a partir da lógica temos o conceito de oposições - e as transferimos, falsamente, às coisas.

*

D) Se abandonarmos os conceitos de “sujeito” e “objeto”, abandonamos também o de “*substância*” - e consequentemente também as suas diferentes modificações, por exemplo: “matéria” [“*Materie*”], “espírito” e outros seres hipotéticos, “eternidade e imutabilidade da matéria [*Stoff*]” etc. Estamos sem a *materialidade*-

*

Expresso moralmente: *o mundo é falso*. Mas, à medida que a moral, ela mesma, é um pedaço desse mundo, então a moral é falsa.

A vontade de verdade é um *tornar* firme, um *tornar* verdadeiro durável, é uma supressão daquele caráter *falso*, uma reinterpretação do mesmo no *ente* [no que é, *Seiende*].

Verdade, portanto, não é algo que existisse e que se houvesse de encontrar, de descobrir - mas algo *que se há de criar* e que dá o nome a um *processo*, mais ainda: a uma vontade de dominação que não tem nenhum fim em si: estabelecer a verdade como um *processus in infinitum*, um *determinar ativo*, *não* um tornar-se consciente de algo que fosse “em si” firme e determinado. Trata-se de uma palavra para a “vontade de poder”.

A vida está fundada na pressuposição de uma crença no durável e no retorno regular: quanto mais poderosa é a vida, tanto mais extenso há de ser o mundo previsível e como que *entificado* [conformado como o que é, *seiend gemachte*]. Logicização, racionalização, sistematização como meios auxiliares da vida.

O homem projeta sua pulsão para a verdade, seu “fim”, em um certo sentido, para fora de si, como mundo *que é* [*seiende*], como mundo metafísico, como “coisa em si”, como mundo já existente [*vorhandene*].

Sua necessidade como criador inventa já o mundo no qual trabalha, pressupõe-no: essa pressuposição, “essa crença” na verdade é o seu esteio.

*

Todo acontecer, todo movimento, todo devir como um verificar-se de proporções de graus e de força, como uma *luta*...

*

O “bem do indivíduo” é tão imaginário quanto o “bem da espécie”: o primeiro *não* é sacrificado ao último; espécie [*Gattung*], considerada à distância, é algo tão fluido quanto indivíduo. “*Conservação da espécie*” [*Gattung*] é apenas uma consequência do *crescimento* da espécie [*Gattung*], isto é, da *superação da espécie* [*Gattung*] a caminho de uma espécie [*Art*]²³² mais forte.

*

Tão logo *imaginemos* alguém que é responsável pelo fato de sermos de tal ou qual maneira etc. (Deus, natureza), tão logo atribuamos a ele, portanto, a nossa existência, nossa felicidade e miséria como *intenção*, estragamos para nós a *inocência do devir*. Temos, então, alguém que, por meio de nós e conosco, quer alcançar alguma coisa.

*

Que a aparente “*finalidade*” (“*a finalidade infinitamente superior a toda arte humana*”) é apenas a consequência daquela *vontade de poder* que transcorre em todo acontecer -

que o *tornar-se mais forte* traz consigo ordenações que parecem semelhantes a um projeto-finalidade -

que os fins aparentes não são intencionais; o que acontece é que tão logo a supremacia [*Übermacht*] sobre um poder [*Macht*] menor seja alcançada, e o último trabalhe em função do maior, uma ordenação da *hierarquia* [*des Rangs*], da organização, há de despertar a aparência de uma ordenação de meio e fim.

Contra a aparente “*necessidade*”:

- esta é somente uma *expressão* para o fato de que uma força não é também algo de outro.

Contra a aparente “*finalidade*”:

- esta é somente uma *expressão* para uma ordenação das esferas de poder e seu jogo articulado.

[i) *Coisa em si e manifestação*]

553

A mancha podre do criticismo kantiano tornou-se pouco a pouco visível aos olhos mais grosseiros: Kant não tinha mais direito algum a diferenciar “manifestação” e “coisa em si” - ele havia se privado do direito de ainda continuar nessa velha e habitual maneira de diferenciar, à medida que indeferiu, como ilícita, a conclusão, a partir da manifestação, de uma causa da manifestação - segundo sua concepção do conceito de causalidade e de sua validade *puramente-intrafenomenal*: tal concepção, por outro lado, já

pressupõe aquela diferenciação, como se a “coisa em si” não fosse apenas deduzida, mas sim *dada*.

554

É evidente que *nem* coisas em si podem estar umas com as outras na relação de causa e efeito *nem* manifestação com manifestação: disso resulta que o conceito de “causa e efeito” *não* é *empregável* no interior de uma filosofia que crê em coisas em si e em manifestações. Os erros de Kant - ... De fato, o conceito de “causa e efeito”, computado psicologicamente, decorre somente de uma maneira de pensar que, sempre e por toda parte, crê que uma vontade atua sobre outra - que só acredita em ser vivo e, no fundo, somente em “almas” (e *não* em coisas). Na visão de mundo mecanicista (que é lógica, como também o é sua aplicação a espaço e tempo) aquele conceito reduz-se à fórmula matemática - com a qual, como se há de sublinhar sempre, nunca algo é concebido, mas antes, porém, designado, *assinalado*.

555

- A maior fabulação é aquela do conhecimento. Gostar-se-ia de saber como *as coisas em si* são constituídas: mas veja, não há nenhuma coisas em si! E mesmo que houvesse um em si, um incondicionado, então, justamente por isso, ele *não poderia ser conhecido!* Algo incondicionado não pode ser conhecido: senão justamente *não* seria incondicionado! Conhecer, todavia, é sempre “colocar-se em uma condição para com alguma coisa” —; um tal conhecedor quer que aquilo que queira conhecer não lhe diga respeito em nada; e que o mesmo algo não diga respeito a ninguém em geral: no que, primeiramente, se dá uma contradição, a saber, no *querer-conhecer* e no exigir que nada deva dizer-lhe respeito (então, para que conhecer!), e, em segundo lugar, porque algo, que não diz respeito a ninguém em nada, absolutamente não é, e, portanto, também não pode ser conhecido. -

Conhecer quer dizer “colocar-se em uma condição em relação a algo”: sentir-se condicionado por algo e entre nós — é, portanto, sob todas as circunstâncias, um *estabelecer, designar, tornar-se consciente de condições* (*não* um *sonhar* as essências [*Wesen*], coisas, “em-si”)

556

Uma “coisa em si” é tão absurda quanto um “sentido em si”, um “significado em si”. Não há nenhum “fato em si”, mas antes *um sentido há de sempre ser primeiramente intrometido para que um fato possa haver.*

O “o que é isso?” é um *estabelecimento de sentido* visto a partir de algo outro. A “essência” [“Essenz”], a “essencialidade” [“Wesenheit”], é algo de perspectivo e já pressupõe uma multiplicidade. No fundo, jaz sempre “o que é isso para mim?” (para nós, para tudo que vive etc.).

Uma coisa seria designada se e somente se todos os seres [*Wesen*] nela tivessem questionado o seu “o que é isto?”, questionado e respondido. Posto que faltasse um único ser [*Wesen*], com suas próprias relações e perspectivas em relação a todas as coisas, a coisa permaneceria sempre ainda não “definida”.

Em resumo: a essência [*Wesen*] de uma coisa é também somente uma *opinião* sobre a “coisa”. Ou antes: o “*isto vale*” é o “*isto é*” propriamente dito, o único “*isto é*”.

Não cabe perguntar: “*quem interpreta?*”, mas sim se o interpretar mesmo tem existência (mas não como um “ser”: como um *processo*, um *devir*) como uma forma da vontade de poder, como um afeto.

O surgimento das “coisas” é, pura e simplesmente, a obra daquele que representa, que pensa, que quer, que inventa. O conceito “coisa”, ele mesmo, tanto quanto todas as propriedades. - Mesmo “o sujeito” é algo criado dessa maneira, uma “coisa”, como todas as outras: uma simplificação para designar como tal a *força* que estabelece, inventa, pensa, em contraposição a todo

estabelecer, inventar e mesmo pensar, tomados isoladamente. Portanto, designar a *capacidade* em contraposição a todo indivíduo: no fundo, o fazer reunido com referência a todo fazer que ainda se pode esperar (o fazer e a probabilidade de um fazer semelhante).

557

As propriedades de uma coisa são efeitos sobre outras “coisas”: se, pelo pensamento, se abstraem as outras “coisas”, então uma coisa não tem propriedades
isto é, *não há nenhuma coisa sem outras coisas*
isto é, não há nenhuma “coisa em si”.

558

A “coisa em si” é um contrassenso. Se deixo de pensar em todas as relações, em todas as “propriedades”, em todas as “atividades” de uma coisa, então *não* sobra a coisa: pois coisidade é primeiramente *simulada de acréscimo* por nós, por necessidades lógicas, portanto, para fins de designação, de entendimento (para ligação daquela multiplicidade de relações, propriedades, atividades).

559

“Coisas que têm uma constituição em si” - eis aí uma representação dogmática, com a qual se deve romper absolutamente.

560

Que as coisas tenham uma *constituição em si*, completamente abstraída da interpretação e da subjetividade, é uma *hipótese inteiramente ociosa*: seria pressupor que o *interpretar e o ser sujeito* não sejam essenciais, que uma coisa desligada de todas as relações ainda seja coisa.

Pelo contrário: o aparente caráter *objetivo* das coisas: ele não poderia decorrer simplesmente de uma *diferença de grau* no interior do subjetivo? - de modo, por exemplo, que o que muda lentamente se apresentasse para nós como durando “objetivamente”, como sendo, como “em si”?

- de modo que o objetivo fosse apenas uma falsa espécie de conceito e uma falsa oposição *no interior* do subjetivo?

561

Toda unidade só é unidade como *organização e combinação*: em nada diferente de como uma comunidade humana é uma unidade: *o contrário*, portanto, da *anarquia atomística*; por conseguinte, uma *configuração de domínio*, que *significa* um, mas não é um.

se toda unidade só fosse unidade como organização? Mas a “coisa”, na qual acreditamos, é tão somente *inventada de acréscimo* como fermento para diferentes predicados. Quando a coisa “atua”, isso significa que concebemos *todas as demais* propriedades, que de resto ainda existem aqui, e momentaneamente estão latentes, como causa de que agora uma única propriedade sobressaia: isto é, *tomamos a soma de suas propriedades - x - como causa da propriedade x*: o que é *inteiramente* tolo e aloprado!

562

“Era necessário que, no desenvolvimento do pensamento, surgisse o ponto em que viesse à consciência que isso que se designa como *propriedades das coisas* são sensações do sujeito senciente: com isso as propriedades cessaram de pertencer à coisa.” Restou “a coisa em si”. Para nós, a diferenciação entre coisa em si e coisa baseia-se na percepção mais antiga e ingênuia que atribuía energia à coisa: mas da análise resultou que também a força foi inventada, e do mesmo modo - a substância. “A coisa afeta um sujeito”? Raiz da

representação de substância na língua, não no que é fora de nós! A coisa em si não é absolutamente nenhum problema!

O que é [Seiende] haverá de ser pensado como sensação, à qual nada mais jaz como fundamento não sensível.

No movimento não é dado nenhum novo *conteúdo* da sensação. O que é [Seiende] não pode ser, em seu conteúdo, movimento: portanto, não há de ser *forma* do ser.

N.B. A *explicação* do acontecer pode ser tentada, em primeiro lugar: por meio de representações de imagens do acontecer que lhe *antecedem* (fins);

em segundo lugar: por meio de representações de imagens lhe são *decorrentes* (a explicação matemático-física).

Não há de misturarem-se os dois. Portanto, a explicação física, que é a configuração do mundo a partir da sensação e do pensar, não pode, ela mesma, por sua vez, fazer derivar e surgir o sentir e o pensar: antes a física há de construir também o mundo sensível, *de maneira consequente, como sendo sem sensação nem fim* - até o topo, no homem superior. A explicação teleológica é somente uma *história* [Geschichte] dos fins e nunca uma explicação física!

563

Nosso “conhecimento” limita-se a estipular quantidades, o que quer dizer que não podemos impedir, por nada, o sentir essas diferenças de quantidades como qualidades. A *qualidade* é uma verdade *perspectiva para nós*; nenhum “em si”.

Nossos sentidos têm uma determinada quantidade como média no interior da qual eles funcionam, isto é, sentimos como grande ou pequeno em relação às condições da nossa existência. Sucumbiríamos se aumentássemos ou diminuíssemos a acuidade dos nossos sentidos dez

vezes. Isto é, sentimos também *relações de grandeza*, com referência à possibilidade de nossa existência, como *qualidades*.

564

Não deveriam ser todas as *quantidades* sinais de *qualidades*? O poder maior corresponde a uma outra consciência, a um outro sentimento, a um outro desejo, a um outro olhar perspectivo; o crescimento é ansiar *ser mais*; a partir de um *quale* cresce o ansiar por um mais de *quantum*; em um mundo puramente quantitativo tudo estaria morto, inteiriçado, imóvel. - A redução de todas as qualidades a quantidades é um contrassenso: o que acontece é que um está junto ao outro, uma analogia -

565

As qualidades são nossos limites intransponíveis; não nos podemos por nada impedir de sentir que meras diferenças de quantidade sejam algo fundamentalmente diverso da quantidade, a saber, que sejam qualidades que não são mais redutíveis umas às outras. Mas a palavra “conhecimento” só tem sentido em relação ao reino em que se pode contar, pesar, medir e, assim, à quantidade -; enquanto, ao contrário, todas as nossas sensações de valores (isto é, justamente as nossas sensações) atêm-se às qualidades, isto é, às nossas “verdades” perspectivas que só pertencem a nós, as quais, pura e simplesmente, não podem ser “conhecidas”. É evidente que cada um de nós, sendo um ser diferente, sente outras qualidades e, consequentemente, vive em um outro mundo, diferente daquele em que vivemos. As qualidades são as nossas idiossincrasias propriamente humanas: exigir que essas nossas interpretações e valores humanos sejam valores universais, e talvez constitutivos, pertence às loucuras atávicas do orgulho humano.

566

O “mundo verdadeiro”, como o havemos concebido até agora - foi sempre a *reincidência* do mundo aparente.

567

O mundo aparente, isto é, um mundo considerado conforme valores; ordenado, selecionado conforme valores, isto é, neste caso, conforme o ponto de vista de utilidade para a conservação e ao aumento de poder de uma determinada espécie de *animal*.

O *perspectivo*, portanto, confere o caráter de “aparência”! Como se ainda restasse um mundo quando descontássemos o perspectivo! Com isso ter-seia descontado a *relatividade*...

Cada centro de força tem sua *perspectiva* para todo o *resto*, isto é, sua *valoração* inteiramente determinada, sua espécie de ação, sua espécie de resistência. O “mundo aparente” reduz-se, pois, a uma espécie determinada de ação sobre o mundo, partindo de um centro.

Ora, não há nenhuma outra espécie de ação: e o “mundo” é apenas uma palavra para o jogo conjunto dessas ações. A *realidade-* [Realität] consiste exatamente nessa ação particular e reação particular de cada indivíduo em relação ao todo...

Não resta mais nenhuma sombra de *direito* para se falar aqui de *aparência*...

A *maneira específica de reagir* é a única maneira do reagir: não sabemos quantas e quais maneiras há ao todo.

Mas não há nenhum “outro” ser, nenhum ser “verdadeiro”, nenhum ser essencial - com isso seria expresso um mundo sem ação e reação...

A oposição entre mundo aparente e verdadeiro reduz-se à oposição “mundo” e “nada” -

568

Crítica do conceito “mundo verdadeiro e aparente”. - Desses, o primeiro é pura ficção, formada a partir de coisas meramente simuladas.

A “aparência” pertence, ela mesma, à realidade [*Realität*]: é uma forma de seu ser; isto é, em um mundo em que não há nenhum ser, há de ser criado pelo *aparente*, primeiramente, um certo mundo computável de casos *idênticos*: um andamento no qual observação e comparação sejam possíveis etc.

“Aparência” é um mundo preparado e simplificado, no qual trabalharam nossos instintos *práticos*: ele é, para *nós*, perfeitamente adequado: a saber, *vivemos*, podemos viver nele: *prova* de sua verdade para nós...

o mundo, abstraído de nossa condição de vivermos nele, o mundo que não reduzimos ao nosso ser, à nossa lógica e aos nossos preconceitos psicológicos, *não* existe como mundo “em si”; ele é, essencialmente, mundo-relação: tem, segundo as circunstâncias, a partir de cada ponto, sua *face diferente*: o seu ser é essencialmente, em cada ponto, outro: ele pressiona em cada ponto, cada ponto lhe resiste - e essas somas são, em cada caso, inteiramente *incongruentes*.

A medida de poder determina que *essência* [*Wesen*] tem outra medida de poder: sob que forma, domínio e coação esse ser atua ou resiste.

Nosso caso particular é bastante interessante: fizemos uma concepção para podermos viver em um mundo, para perceber apenas o suficiente, o que *suportamos...*

Nossa óptica psicológica é determinada a partir do seguinte:

1. *que a comunicação* é necessária, e que, para comunicação, algo há de ser firmado, simplificado, passível de precisão (antes de tudo no caso *idêntico...*). Para que isso possa ser comunicável, há de ser sentido como *preparado*, como “*novamente conhecível*”. O material dos sentidos preparado pelo

entendimento, reduzido a grosseiros traços principais, tornado semelhante, subsumido ao que lhe é aparentado. Portanto: a falta de clareza e o caos da impressão do sentido tornam-se como que *logicizados*;

2. o mundo dos “fenômenos” é o mundo preparado que nós *sentimos como real*. A “realidade” [“Realität”] jaz no constante retorno de coisas semelhantes, conhecidas, aparentadas, no seu *caráter logicizado*, na crença de que aqui podemos contar, calcular;

3. o oposto desse mundo-fenomenal *não* é “o mundo verdadeiro”, mas sim o informulável mundo sem-forma do caos das sensações - portanto, *uma outra espécie* de mundo fenomenal, um mundo para nós “não conhecível”;

4. questões sobre como podem ser as “coisas em si”, totalmente abstraídas de nossa receptividade dos sentidos e de nossa atividade do entendimento, devem ser descartadas com a seguinte questão: de onde poderíamos saber *que há coisas*? A “coisidade” é primeiramente criada por nós. A questão é se não poderia haver muitas maneiras de criar um tal mundo *aparente* - e se esse criar, logicizar, preparar, falsificar não é a *realidade* [Realität] mesma garantida da melhor maneira: em resumo, se o que “estabelece coisas” não é o único real; e se o “efeito do mundo exterior sobre nós” não é também a consequência de tais sujeitos volitivos... Os outros “seres” [“Wesen”] agem sobre nós; nosso mundo aparente *preparado* é uma preparação e *domínio* de suas ações: uma espécie de *regra-defensiva*.

Só o sujeito é passível de prova: hipótese de que só há sujeitos - de que “objeto” é somente uma espécie de efeito de sujeito sobre sujeito... um *modus do sujeito*.

[j) A necessidade metafísica]

Se se é filósofo, como sempre se foi filósofo, então não se tem olhos nem para o que foi nem para o que vem a ser: - vê-se somente o que é [*Seiende*]. Porém, porque não há nada que é, então fica reservado ao filósofo, como o seu “mundo”, somente o imaginário.

571

A existência [*Dasein*], em sua totalidade, afirmada de coisas das quais não sabemos absolutamente nada, exatamente porque há uma vantagem no fato de não podermos saber nada sobre elas, foi uma ingenuidade de Kant, consequência de uma porção extra de necessidades, nomeadamente, de necessidades moral-metafísicas...

572

Um artista não suporta nenhuma realidade [*Wirklichkeit*], ele desvia o olhar, olha para trás: sua opinião séria é a de que o que uma coisa vale é aquele resto semelhante a uma sombra que se ganha das cores, da conformação, do som, dos pensamentos; ele acredita no fato de que quanto mais uma coisa ou um homem são usados, afinados, tornados fugazes, *tanto mais aumenta o seu valor: quanto menos real, tanto mais valor*. Isso é platonismo: o qual, todavia, ainda possuía uma ousadia a mais na inversão: - ele media o grau de realidade [*Realität*] segundo o grau de valor e dizia: quanto mais “ideia”, tanto mais ser. Ele torcia o conceito de “realidade” [“*Wirklichkeit*”] e dizia: “o que vós tendes por verdadeiro é um erro; chegamos mais perto da ‘verdade’ quanto mais nos aproximamos da ‘ideia’” - Entende-se isso? Essa foi a maior reviravolta na significação de palavras: e porque ela foi acolhida pelo cristianismo, não enxergamos a espantosa questão. Platão, no fundo, como artista que era, preferiu o aparente ao ser! Portanto, preferiu as mentiras e invenções à verdade, o irreal ao existente [*Vorhandenen*], - todavia, estava tão convencido do valor da aparência que

lhe conferiu os atributos “ser”, “causalidade” e “bondade”, verdade: em suma, conferiu-lhe todo o resto a que se atribui valor.

O conceito de valor pensado como causa: primeira compreensão.

O ideal contemplado com todos os atributos que emprestam honra: segunda compreensão.

573

A ideia do “mundo verdadeiro” ou de “Deus” como sendo absolutamente não sensível, espiritual, bondoso é uma *medida de emergência* em relação ao fato de que os instintos-*opostos* são ainda todo-poderosos...

A moderação e a humanidade alcançadas mostram-se exatamente na humanização dos deuses: os gregos da época mais tônica, que não tinham nenhum medo diante de si mesmos, mas antes tinham em si felicidade, aproximavam seus deuses de todos os seus afetos - ...

Por isso, a espiritualização da ideia de Deus está longe de significar um progresso: sente-se isso muito intensamente no contato com Goethe - como aí a volatização de Deus na virtude e no espírito torna-se sensível como um estágio *mais rude*...

574

Contrassenso de toda metafísica como uma dedução do condicionado a partir do incondicionado.

Pertence à natureza do pensar o fato de que ele *acresce pensando*, acresce inventando, ao condicionado, o incondicionado: assim como acresce pensando, inventando, o “eu” à multiplicidade de seus processos: ele mede o mundo a partir de grandezas estabelecidas pura e simplesmente por ele mesmo: em suas ficções fundamentais: “incondicionado”, “fim e meio”, coisas, “substâncias”, em leis lógicas, em números e figuras.

Não haveria nada que se houvesse de chamar de conhecimento se primeiro o pensar não *recriasse* o mundo dessa maneira, em “coisas”, em igual-a-simesmo.

Somente *com* o pensar há *inverdade-*.

O pensar *não* é *passível de dedução*, da mesma maneira as *sensações*: mas com isso *não* está provado, nem de longe, que eles sejam originários ou “em si”! Antes, só se verifica que não podemos ir *por trás* deles, pois não *temos* nada a não ser pensar e sentir.

575

“Conhecer” é um *reportar-se*: segundo sua essência [*Wesen*], um *regressus in infinitum*. O que detém (em uma pretensa *causa prima*, em um incondicionado etc.) é a *preguiça*, o cansaço - -

576

Para a *psicologia da metafísica*. - A influência do *amedrontamento*.

O que foi mais *temido*, a causa dos *sofrimentos mais poderosos* (ambição do domínio, volúpia etc.), foi tratado pelos homens com a maior inimizade e eliminado do mundo “verdadeiro”. Assim, *excluíram* passo a passo os *afetos*, - Deus postulado como oposição ao mal, isto é, a realidade [*Realität*] postulada na *negação dos desejos e afetos* (isto é, pura e simplesmente, no *nada*).

Do mesmo modo, o *irracional*, o arbitrário, o casual foi odiado por eles (como causa de inúmeros sofrimentos físicos). *Consequentemente*, negaram esse elemento no ente-em-si e o conceberam como “racionalidade” absoluta e “finalidade”.

Do mesmo modo, a *mudança*, a *transitoriedade* foram temidas: nisso se exprime uma alma oprimida, cheia de desconfiança e de má experiência

(caso Spinoza: uma espécie de homem inversa teria computado essa mudança como *estímulo*).

Uma espécie de ser sobrecarregada de força e *lúdica abençoaria* justamente os *afetos*, a *irracionalidade e a mudança* no sentido eu demonístico, junto com as suas consequências: perigo, contraste, derrocada etc.

577

Contra o *valor* do que permanece eternamente igual (v. a ingenuidade de Spinoza e de Descartes) o valor do mais breve e mais transitório, o sedutor lampejo áureo no ventre da serpente *vita* -

578

Os valores morais na teoria do conhecimento
a confiança na razão - por que não desconfiança?
o “mundo verdadeiro” dever ser o (mundo) bom - por quê?
a aparência, a mudança, a contradição, a luta avaliadas como imorais:
ânsia por um mundo em que tudo isso *esteja ausente*;
o mundo transcendente inventado *para que* reste um lugar para a
“liberdade moral” (em Kant);
a dialética como o caminho para a virtude (em Platão e Sócrates: ao que
tudo indica, porque a sofística passava por ser caminho para a imoralidade);
tempo e espaço ideais; consequentemente, “unidade” na essência das
coisas, consequentemente, nenhum “pecado”, nenhum mal, nenhuma
imperfeição - uma *justificação* de Deus;

Epicuro nega a possibilidade do conhecimento: para conservar os valores morais (respectivamente, hedonísticos) como os superiores. O mesmo faz Agostinho, mais tarde Pascal (“a razão corrompida”), em favor dos valores cristãos;

o desprezo de Descartes em relação a tudo que muda; do mesmo modo, o desprezo de Spinoza.

579

Para a psicologia da metafísica. - Este mundo é aparente - consequentemente, há um mundo verdadeiro. Este mundo é condicionado - consequentemente, há um mundo incondicionado. Este mundo é contraditório - consequentemente, há um mundo sem contradição. Este mundo está em devir - consequentemente-, há um mundo que é. Meras conclusões falsas (confiança cega na razão: se A é, então também o seu conceito-oposição B há de ser). O sofrimento inspira essas conclusões: no fundo, são *desejos* de que pudesse haver um tal mundo; do mesmo modo, no simples fato de que um outro mundo seja imaginado, um mundo mais *valioso*, exprime-se o ódio contra um mundo que faz sofrer: aqui, o *ressentimento* dos metafísicos contra o real [*Wirkliche*] é criativo.

Segunda série de questões: *para que* sofrer?... e aqui se dá uma conclusão quanto à relação do mundo verdadeiro com respeito ao nosso mundo aparente, mutável, sofredor e contraditório: i. Sofrimento como consequência do erro: como o erro é possível? 2. Sofrimento como consequência da culpa: como a culpa é possível? (- meras experiências da esfera da natureza ou da sociedade, universalizadas e projetadas no “em-si”). Se, porém, o mundo condicionado é condicionado causalmente pelo incondicionado, então há de ser também condicionada por ele a *liberdade para o erro e para a culpa*: de novo pergunta-se, *para quê?*... O mundo da aparência, do devir, da contradição, do sofrimento é, portanto, *querido: para quê?*

O erro dessas conclusões: dois conceitos opostos foram formados - *porque* a um deles corresponde uma realidade [*Realität*], “há” também de corresponder uma realidade [*Realität*] ao outro. “*De onde* mais se poderia

tirar, por acaso, o seu conceito contrário?" - *Razão*, portanto, como uma fonte de revelação sobre o-que-é-em-si.

Mas a *proveniência* daquelas oposições *não precisa necessariamente* remontar a uma fonte sobrenatural da razão: basta contrapor a *verdadeira gênese* do conceito - este se origina na esfera prática, na esfera da utilidade, e tem, justamente por isso, sua *forte crença* (*sucumbe-se pelo fato* de não se concluir conforme essa razão: mas, com isso, o que ela afirma não é "provado").

A *preocupação com o sofrimento* nos metafísicos: é inteiramente ingênuo. "Eterna bem-aventurança": contrassenso psicológico. Homens corajosos e criativos não concebem *jamais* prazer e dor como as últimas questões de valor - são estados acompanhantes: há de *querer-se* ambos se se quer *alcançar* algo. - Nisto se exprime algo de cansado e de doente nos metafísicos e religiosos: no fato de que veem em primeiro plano o problema do prazer e da dor. Também a *moral* tem, só por causa disso, tal importância para eles: pois ela passa por condição essencial na supressão da dor.

Do mesmo modo, a preocupação com aparência e erro: causa de sofrimento: a superstição de que a felicidade esteja ligada à verdade (confusão: a felicidade na "certeza", na "crença").

Em que medida as únicas *posições fundamentais da teoria do conhecimento* (materialismo, sensualismo, idealismo) são consequências de apreciações de valor: a fonte dos sentimentos de prazer superiores ("sentimentos de valor"), também decisiva para o problema da *realidade [Realität]*.

- A medida do *saber positivo* é inteiramente indiferente ou secundária: veja-se o desenvolvimento indiano.

A *negação budista da realidade [Realität]* em geral (aparência = sofrimento) é uma consequência perfeita: impossibilidade de ser provado,

inacessibilidade, falta de categorias não somente para um “mundo em si”, mas antes *entendimento* dos *procedimentos falhos* em virtude dos quais todo este conceito foi ganho. “Realidade absoluta” [“Absolute Realität”], “ser em si” são uma contradição. Em um mundo *que devém* a “realidade” [“Realität”], é sempre somente uma *simplificação* para fins práticos, ou uma *ilusão* por motivo de órgãos grosseiros, ou uma diferença no *andamento* do devir.

A negação do mundo e a niilização lógica decorrem do fato de precisarmos contrapor ser a não-ser e de que o conceito “devir” seja negado (“*algo devém*”).

581

Ser e devir. - “Razão” desenvolvida sobre fundamento sensualístico, sobre os *preconceitos dos sentidos*, isto é, com a crença na verdade dos juízos dos sentidos.

“Ser” como universalização do conceito “*vida*” (respirar), “ser animado”, “querer, atuar”, “devir”.

O oposto é: “não ser animado”, “não estar em devir”, “não estar querendo”. Portanto: ao “que é” [“Seienden”] não é oposto o que não é [*nicht Seiende*], o aparente, também não o morto (pois só o que pode viver pode também estar morto).

A “alma”, o “eu” postos como *fato originário*; e introduzidos onde quer que haja um *devir*.

582

O ser - não temos nenhuma outra representação disso, a não ser “*viver*” - Como pode, portanto, algo “ser” morto?

583

1.

Vejo com espanto que hoje a ciência se resigna a não poder prescindir do mundo aparente: quanto a um mundo verdadeiro - seja ele como for -, certamente não temos nenhum órgão de conhecimento que tenha relação com ele.

Aqui se poderia já perguntar: com qual órgão do conhecimento se postula essa oposição?...

Com o fato de que um mundo acessível a nossos órgãos também seja entendido como dependente desses órgãos, com o fato de [entendermos] um mundo como condicionado subjetivamente, com isso *não* se exprime que um mundo objetivo em geral [seja] *possível*. Quem nos impede de pensar que a subjetividade seja real, essencial?

O “em si” é mesmo um contrassenso de concepção: uma “qualidade em si” é uma insensatez: sempre temos os conceitos “ser”, “coisa” somente como conceitos de relação...

O mal é que, com a antiga oposição entre “aparente” e “verdadeiro”, o juízo de valor correlativo se propagou: “pequeno em valor” e absolutamente “valioso”.

Para nós, o mundo aparente passa por não ser um mundo “valioso”; a aparência deve ser uma instância contrária à validade superior. Somente um mundo “verdadeiro” pode ser valioso em si...

Preconceito dos preconceitos! Primeiro, seria em si possível que a constituição verdadeira das coisas fosse a tal ponto prejudicial e contrária às pressuposições da vida, que justamente o aparente se faria necessário para se poder viver... Esse é deveras o caso em muitas situações: por exemplo, no casamento.

Nosso mundo empírico seria condicionado pelos instintos de autoconservação também em relação aos limites do conhecimento:

consideraríamos verdadeiro, bom, valioso o que serve para a conservação da espécie...

a) Não temos categorias segundo as quais pudéssemos separar um mundo verdadeiro e um aparente. Poderia haver tão somente um mundo aparente, mas não apenas o *nossa* mundo aparente...

b) Suposto o mundo *verdadeiro*, ele poderia ser o *menos valioso* para nós: para nós, a quantidade de ilusão poderia ser de ordem superior, considerando o seu valor de conservação. A não ser que o *aparente* em si fundamentasse um juízo de condenação?

c) Que exista uma correlação entre os *graus dos valores* e os *graus de realidade* [*Realität*], de modo que os valores superiores também tivessem a realidade superior: isso é um postulado metafísico que parte da pressuposição de que *conhecemos* a hierarquia dos valores: a saber, que essa hierarquia é uma hierarquia *moral*... Somente nessa pressuposição a *verdade* é necessária para definir tudo o que tem um valor superior.

2.

É de uma importância cardeal que se suprima o *mundo verdadeiro*. Ele é o fator que mais amesquinha e põe em dúvida o *mundo que nós somos*: até agora, ele foi o nosso mais perigoso *atentado* contra a vida.

Guerra contra todas as pressuposições com as quais se simulou um mundo verdadeiro. A essas pressuposições pertence aquela de que os *valores morais são os superiores*.

A valoração moral como sendo a superior seria refutada se ela pudesse ser provada como a decorrência de uma valoração *imoral*: como um caso especial da real imoralidade: reduzir-se-ia, com isso, ela mesma a uma *aparência*, e, como *aparência*, não teria, a partir de si, nenhum direito mais a condenar o aparente.

3.

A “vontade de verdade”, portanto, só seria examinável psicologicamente: ela não é nenhum poder moral, mas sim uma forma da vontade de poder. Isso haveria de ser provado com o fato de que ela se serve de todos os meios *imorais*: os metafísicos antes de todos -

a *metódica da investigação* só é alcançada quando todos os *preconceitos morais* são superados... ela representaria uma vitória sobre a moral...

N.B. Estamos hoje diante da prova da afirmação de que os valores morais são os valores superiores.

584

A errância da filosofia repousa no fato de que, em vez de se ver na lógica e nas categorias da razão um meio de preparação do mundo para fins de utilidade (portanto, “no que concerne aos princípios”, para uma *falsificação útil*), acreditou-se ter nelas o critério da verdade, respectivamente da *realidade* [*Realitat*]. O “critério da verdade” foi de fato meramente a *utilidadebiológica de um tal sistema de falsificação de princípio*: e porque uma espécie de animal não conhece nada mais importante do que se conservar, então poderia, de fato, falar-se aqui de “verdade”. A ingenuidade foi tomar-se a idiossincrasia antropocêntrica como *medida das coisas*, como fio condutor sobre o “real” [“real ”] e “irreal” [“unreal ”]: em suma, absolutizar uma condicionalidade. E agora foi o próprio mundo que despencou, de uma só vez, cindido em um mundo verdadeiro e um “aparente”: e justamente o mundo no qual o homem havia inventado a razão, para habitá-lo e para nele instalar-se, justamente esse mundo tornou-se-lhe desacreditado. Em vez de usar as formas como oportunidade de fazer o mundo manuseável e calculável para si, a louca acuidade dos filósofos descobriu que nessas categorias estava dado o conceito daquele mundo, ao qual o outro mundo, este em que se vive, não corresponde... Os meios foram deturpados em medida de valor, e mesmo em condenação da intenção...

A intenção foi a de iludir-se de maneira útil: os meios para isso foram a invenção de fórmulas e sinais, com cuja ajuda se reduzia a embaralhada multiplicidade a um esquema conforme aos fins e manuseável.

Mas, oh!, punha-se agora em jogo uma *categoría-moral*: nenhum ser quer enganar-se, nenhum ser pode enganar - consequentemente, há apenas uma vontade de verdade. O que é “verdade”?

O princípio da não contradição deu o esquema: o mundo verdadeiro, para o qual se busca o caminho, não pode estar em contradição consigo, não pode mudar, não pode devir, não tem nenhuma origem e nenhum fim.

Este é o maior erro que foi cometido, a fatalidade propriamente dita do erro sobre a Terra: acreditava-se ter um critério da realidade [*Realität*] nas formas da razão, enquanto se as tinha para assenhorar-se da realidade, para *entender-se mal*, de uma forma astuta, a realidade [*Realität*]...

E, veja o que aconteceu: agora o mundo tornou-se falso, e exatamente em virtude das propriedades *que constituem sua realidade* [*Realität*]: mudança, devir, multiplicidade, oposição, contradição, guerra. - E agora estava aí toda a fatalidade:

1. Como libertar-se do mundo falso, do mundo meramente aparente? (- ele era o mundo real [*wirkliche*], o único);

2. como nós mesmos nos tornamos, o mais possível, a oposição ao caráter do mundo aparente? (conceito do ser perfeito como o de uma oposição a todo ser real [*real*], mais claramente, como *contradição em relação à vida...*)

3. toda a direção dos valores estava no sentido da *difamação da vida*;

4. criou-se uma confusão do dogmatismo ideal com o conhecimento em geral: de modo que o *partido contrário* sempre repudiava também a *ciência*.

O caminho para a ciência foi, assim, *duplamente obstruído*: uma vez pela crença no mundo verdadeiro e depois pelos opositores dessa crença.

A ciência da natureza e a psicologia foram i. condenadas em seus objetos;

2. despojadas de sua inocência...

No mundo real [*wirklich*], no qual absolutamente tudo está encadeado e condicionado, condenar alguma coisa e *eliminá-la pelo pensamento* quer dizer tudo eliminar pelo pensamento e tudo condenar.

O dito “isso não devia ser”, “isso não deveria ter havido” é uma farsa... se se pensarem até o fim as consequências, então se arruína a fonte da vida se se quer eliminar o que, em qualquer sentido, é *prejudicial, destrutivo*. Isso é *mais bem demonstrado pela fisiologia!*

Vemos como a *moral* a) *envenena* toda a concepção de mundo, b) corta o caminho para o conhecimento, para a *ciência*, c) dissolve e mina todos os instintos reais [*wirkliche*] (à medida que ensina a sentir suas raízes como *imorais*).

Vemos um terrível instrumento da *décadence* trabalhar diante de nós, o qual se mantém com os mais santos nomes e gestos.

585

Automeditação imensa: tornar-se consciente de si não como indivíduo, mas como humanidade. *Lembremo-nos* [*Besinnen wir uns*], *pensemos retroativamente: percorramos os caminhos pequenos e grandes!*

A. O homem procura “a verdade”: um mundo que não se contradiz, que não engana, que não muda, um mundo *verdadeiro* - um mundo no qual não se sofre: contradição, ilusão, mudança - causas do sofrimento! Ele não duvida de que haja um mundo tal como deveria ser; gostaria de procurar para si o caminho que leva até ele. (Crítica indiana: mesmo o “eu” como aparente, como *não real* [*nichtreal*].)

De onde o homem toma aqui o conceito de *realidade-* [*Realität*]? - Por que ele extraí justamente o *sofrimento* da mudança, da ilusão, da contradição? E por que não, antes, a sua felicidade?... -

O desprezo, o ódio contra tudo que passa, que muda, que se transforma: - de onde vem essa valoração do permanente? Evidentemente, a vontade de verdade é aqui apenas o ansiar por um *mundo do permanente*.

Os sentidos iludem, a razão corrige os erros: *consequentemente*-, concluiuse, a razão é o caminho para o permanente; as ideias *mais distantes da sensação* hão de estar mais próximas do “mundo verdadeiro”. - Dos sentidos provém a maioria das infelicidades - eles são enganadores, pasmosos, aniquiladores:

A *felicidadesó* pode ser garantida no que é [Seienden]: mudança e felicidade excluem-se. O desejo supremo tem em vista, de acordo com isso, o tornar-se um com o que é [Seienden]. Este é o *estrano caminho* para a felicidade suprema.

Em suma: o mundo, tal como *deveria* ser, existe; este mundo, no qual vivemos, é somente erro - este nosso mundo *não* deveria existir.

A *crença no que é* [Seiende] mostra ser somente uma consequência: o *primum mobile* propriamente dito é a descrença no que devém, a desconfiança em relação ao que devém, o menosprezo de todo devir...

Que espécie de homem reflete assim? Uma espécie *sofredora* e improdutiva; uma espécie cansada da vida. Imaginemos a espécie de homem contrária; ela não teria necessidade da crença no que é [Seiende]: mais ainda, desprezalo-ia como algo morto, aborrecido, indiferente...

A crença de que o mundo que deveria ser é, existe realmente [*wirklich*], é uma crença dos improdutivos, *que não querem criar um mundo* tal como deve ser. Eles o estabelecem como existente, procuram meios e caminhos de chegar a ele. - “Vontade de *verdade*” - *como impotência da vontade de criar*.

Reconhecer que algo é tal ou qual:
é fazer com que algo *se torne* tal ou qual:

{ Antagonismo
nos graus de força
das naturezas

Ficção de um mundo que corresponde aos nossos desejos, prestidigitação e interpretação psicológicas para atar, a esse *mundo verdadeiro*, tudo que nós honramos e sentimos como agradável.

“Vontade de verdade”, nessa escala, é essencialmente *arte de interpretação*; a qual pertence sempre também a força de interpretação.

A mesma espécie [*Spezies*] de homem - tornada ainda um grau *mais pobre*, que não mais dispõe da força de interpretar, do criar ficções - faz o *niilista*. Um niilista é o homem que ajuíza que o mundo que é *não* deveria ser e que o mundo que deveria ser não existe [*existiert*]. A partir disso, existir [*dasein*] (agir, sofrer, querer, sentir) não tem sentido algum: o *páthos* do “em vão” é o *páthos* do niilista - ao mesmo tempo, como *páthos*, é ainda uma *inconsequência* do niilista.

Quem não consegue pôr a sua vontade nas coisas, o sem força e sem vontade, este ainda lhes põe, pelo menos, um *sentido*: isto é, a crença de que já existe [*sei*] uma vontade nelas.

Há [*Es ist*] uma escala de *força da vontade*, que é a de até que ponto se pode dispensar o *sentido* nas coisas, até que ponto se suporta viver em um mundo sem sentido: *porque se organiza um pequeno pedaço dele mesmo*.

O *olhar filosófico que tematiza o objeto* pode ser, portanto, um sinal de indigência de vontade e de força. Pois a força organiza o próximo e o mais próximo; os “conhecedores”, que querem apenas *as-segurar-se* do que é, são aqueles que não podem estabelecer nada *tal como deve ser*.

Os *artistas* são uma espécie intermediária: estabelecem ao menos uma metáfora daquilo que deve ser - são produtivos à medida que realmente [*wirklich*] *alteram* e transformam; não são como os conhecedores, que deixam tudo como está.

Conexão dos filósofos com as religiões pessimistas : a mesma espécie [*Spezies*] de homem (- eles atribuem o *supremo grau de realidade-* [*Realität*]

às coisas mais altamente avaliadas -).

Conexão dos filósofos com os homens morais e suas medidas de valor (- a interpretação moral do mundo como sentido: depois da derrocada do sentido religioso -).

Superação dos filósofos pela aniquilação do mundo do que é [*des Seienden*]: período intermediário do niilismo: antes que surja a força de transmutar os valores e de divinizar e beatificar o que devém, o mundo aparente, como o único mundo.

B. O niilismo como fenômeno normal pode ser um sintoma de força crescente (*fortalecimento*) ou de crescente fraqueza:

ora a força de *criar*, de *querer* já cresceu tanto que não precisa mais dessa totalidade de interpretações e introduções de sentido (“tarefas mais próximas”, Estado etc.)

ora a força engendradora de criar sentido esmorece e a desilusão torna-se o estado predominante. A incapacidade de *crer* em um “sentido”, a “descrença”.

O que significa a ciência em relação a ambas as possibilidades?

1. Sinal de fortalecimento e domínio de si, o poder dispensar mundos de ilusão curativos, consoladores
2. solapadora, dissecadora, agente de desilusão, enfraquecedora.

C. A crença na verdade, a necessidade de ter um sustento em algo tido como verdadeiro, redução psicológica à parte dos sentimentos de valor que estiveram em vigor até agora. O medo, a preguiça.

- Do mesmo modo a descrença: redução. Em que medida aquela recebe um valor mais novo se não há absolutamente um mundo verdadeiro (com isso os sentimentos de valor tornam-se de novo livres, os quais até então foram desperdiçados no mundo que é - seiende).

O MUNDO VERDADEIRO E O APARENTE

A

As *seduções* que partem desse conceito são de três espécies:

um mundo *desconhecido*: - somos aventureiros, curiosos - o que é conhecido parece nos fatigar (- o perigo do conceito jaz em que insinua para nós “este” mundo como *conhecido*...);

um *outro* mundo em que tudo é de outra maneira: - algo calcula em nós, nossa calma resignação e nosso silêncio perdem nisso o seu valor - talvez tudo vá bem, não esperamos em vão... o mundo onde tudo é de outra maneira, onde nós mesmos - quem sabe? - somos de outra maneira...

um mundo *verdadeiro*: - esse é o mais esdrúxulo golpe e ataque que foi desferido contra nós; há tanta coisa incrustada na palavra “verdadeiro”! Involuntariamente presenteamos com tudo isso também o “mundo verdadeiro”: o mundo *verdadeiro* há de ser também um mundo *verídico*, um mundo tal que não nos engane, que não nos faça de tolo: acreditar nele é quase *haver* de acreditar (- por decência, tal como acontece entre seres que são dignos de confiança -).

O conceito “o mundo desconhecido” insinua para nós *este* mundo como já “conhecido” (- como aborrecido -)

o conceito “o outro mundo” insinua que o mundo *poderia ser de outra maneira* - suprime a necessidade e o fado (- é inútil *entregar-se, adequar-se* -) o conceito o “mundo verdadeiro” insinua este mundo como um mundo inverídico, enganador, desonesto, inautêntico, inessencial - *consequentemente*, também como um mundo não afeiçoado ao nosso uso (- é desaconselhável adaptar-se a ele; é *melhor*: repudiá-lo).

*

Portanto, nós nos *subtraímos* deste mundo de três maneiras:

com nossa *curiosidade*, - como se a parte interessante estivesse em qualquer outra parte, alhures;

com nossa *entrega*, - como se não fosse necessário entregar-se, - como se este mundo não fosse nenhuma necessidade última;

com nossa simpatia e respeito: como se este mundo não os merecesse, como se fosse impuro, como se não fosse leal em relação a nós...

Em suma: somos *revoltados* de três modos: *fizemos uma incógnita para a crítica* do “mundo conhecido”.

B

Primeiro passo da reflexão: compreender em que medida somos *seduzidos* - a saber, poderia ser, em si, exatamente o *inverso*:

- a) o mundo *desconhecido* poderia ser constituído de maneira a nos causar prazer “neste” mundo - como uma forma talvez estúpida e menor da existência [*Daseins*];
- b) o *outro* mundo, sem contar que trouxesse satisfação aos nossos desejos que aqui não encontrassem nenhuma solução, poderia estar em meio a tudo aquilo que faz *este* mundo possível para nós: conhecê-lo seria um meio de nos fazer contentes;
- c) o mundo *verdadeiro*: mas quem propriamente nos diz que o mundo aparente há de valer menos que o verdadeiro? Nosso instinto não contradiz esse juízo? O homem não cria sempre para si um mundo simulado porque quer ter um mundo melhor do que a realidade [*Realitat*]?... *Antes de tudo*: como chegamos a isso: que o *nossa* mundo *não* é o verdadeiro?... em primeiro lugar, poderia, ao contrário, o outro mundo ser o “aparente”... de fato, os gregos inventaram, por exemplo, um *reino de sombras*, uma *existência aparente*junto à *verdadeira* exis-

tência - . E, por fim: o que nos dá o direito de postular algo como *graus de realidade* [Realität]? Isso é algo diverso de um mundo desconhecido, isso é já *querer-saber-algo do desconhecido*. N.B. O “outro”, o mundo desconhecido - bem! Mas dizer “mundo verdadeiro” quer dizer “saber algo sobre ele” - isso é o oposto da suposição de um mundo incógnito...

Em suma: o mundo incógnito poderia ser em todos os sentidos mais aborrecido, mais desumano e mais indigno do que este mundo.

A coisa seria outra se se afirmasse que há mundos incógnitos, isto é, todo mundo possível além deste. Mas isso *jamais foi afirmado...*

C

Problema: por que a *representação do outro mundo* sempre resultou em uma desvantagem, em uma crítica deste mundo, - o que isso indica? -

A saber: um povo orgulhoso de si mesmo, que está na ascensão da vida, pensa o ser *outro* sempre como ser inferior, como ser sem valor; considera o mundo estranho e desconhecido como inimigo, como opositor, sente-se sem curiosidade, em plena rejeição em relação ao estrangeiro... Um povo não admitiria nunca que um outro povo fosse o “verdadeiro povo”...

já que uma tal diferença é possível - é sintomático que se tome este mundo pelo “aparente” e aquele pelo “verdadeiro”.

Os focos do surgimento da representação: “outro mundo”
o filósofo, que inventa um mundo-razão, em que a *razão* e as funções *lógicas* sejam adequadas: - daqui provém o “mundo verdadeiro”;
o homem religioso, que [inventa] um “mundo divino” - disso provém o mundo “desnaturado, antinatural”;
o homem moral, que simula um “mundo livre”: - daqui provém o mundo “bom, perfeito, justo, santo”.

O *comum* dos três focos de surgimento...

o erro *psicológico*... as confusões psicológicas

“o outro mundo”, tal como ele de fato aparece na história, com seus predicados, designado com os estigmas dos preconceitos filosófico, religioso, moral.

O outro mundo, tal como se ilumina a partir desses fatos, como um *sinônimo do não-ser*, do não-viver, do não-querer-viver...

Compreensão de conjunto: o instinto *do cansaço da vida*, e não o da vida, criou o outro mundo.

Consequência: filosofia, religião e moral são *sintomas da décadence*.

[k) Valor biológico do conhecimento]

587

Poderia parecer que eu tivesse me esquivado da questão da certeza. O contrário é o verdadeiro: à medida que questionava o critério de certeza, experimentei o peso segundo o qual se pesou até aqui - e que a questão da certeza mesma já seria uma questão *dependente*, uma questão de *segunda ordem*.

588

A questão dos valores é mais *fundamental* do que a questão da certeza: a última só alcança seriedade quando se pressupõe que a questão do valor foi respondida.

Ser e aparência, computados psicologicamente, não resultam em nenhum “ser em si”, não resultam em critérios para a “realidade” [“Realitat”], mas só para graus do caráter de aparente, medidos pela força da *participação* que conferimos a uma aparência.

As representações e as percepções não travam uma luta pela existência, mas sim pelo domínio: - a representação superada *não é aniquilada*, mas

somente *empurrada para trás* ou *subordinada*. Não há, no espiritual, nenhuma aniquilação...

589

“fim e meio”
“causa e efeito”
“sujeito e objeto”
“fazer e sofrer”
“coisa em si e manifestação”

} como interpretações (*não como fato*) e em que medida talvez como interpretações *necessárias?* (como “interpretações que conservam”) – todas no sentido de uma vontade de poder.

590

Nossos valores são introduzidos nas coisas pela interpretação.
Há, pois, um *sentido* no em-si?
Sentido não é, necessariamente, sentido *de relação* e perspectiva?
Todo sentido é vontade de poder (todos os sentidos de relação resolvem-se nele).

591

A exigência de “fatos bem estabelecidos” - teoria do conhecimento:
quanto pessimismo existe nisso!

592

O antagonismo entre o “mundo verdadeiro”, tal como o pessimismo o descobre, e um mundo em que é possível viver: - para tanto, há de experimentar-se o direito da *verdade*, é necessário medir o sentido de todas essas “pulsões ideais” com a *vida* para compreender o que é propriamente aquele antagonismo: a luta da *vida* doente, desesperada, agarrando-se no além, com a vida mais saudável, mais tola, mais dissimulada, mais rica, não solapada. Portanto, não “verdade” em luta com a vida, mas sim uma espécie de vida em luta com outra. - Mas ela quer ser a espécie *mais elevada*! - Aqui,

a condução da prova há de estabelecer que é necessária uma hierarquia, - que o primeiro problema é o da *hierarquia das espécies de vida*.

593

- A crença “isto é assim e assim” há de ser mudada na vontade “isto *deve* tornar-se *assim e assim*”.

[I) Ciência]

594

A ciência - foi até agora o afastamento da completa desordem das coisas por meio de hipóteses que “explicam” tudo, - portanto, partiu da repugnância do intelecto ao caos. - Essa mesma repugnância toma-me na consideração *de mim mesmo*: também gostaria de representar-me o mundo interior imaticamente por meio de um *esquema* e sair da desordem intelectual. A moral foi uma tal *simplificação*: ela apresentava uma doutrina do homem como se ele fosse *conhecido*, como se fosse *tornado conhecido*. - Agora, aniquilamos a moral - nós mesmos nos tornamos para nós, novamente, *completamente obscuros!* Sei que nada sei *de mim*. A *física* resulta em um *benefício* para o ânimo: a ciência (como o caminho para o conhecimento - *Kenntnis*) recebe um novo encanto depois do afastamento da moral - e *porque aqui só* encontramos coisas consequentes, então havemos de *dispor* nossa vida de maneira a *conservar* a ciência para nós. Isso resulta em uma espécie de *reflexão prática sobre nossas condições de existência* como condecorados.

595

Nossas pressuposições: nenhum Deus: nenhuns fins: finalmente força. Queremos nos *prevenir* de inventar e prescrever aos inferiores o modo de

pensar que lhes é necessário!!

596

Nenhuma “educação moral” do gênero humano: é necessário o reformatório dos erros, pois a “verdade” provoca desgosto e estraga a vida - pressuposto que o homem já não tenha sido impulsionado de forma inescapável em seu *caminho* e tome sobre si sua leal *compreensão* com um orgulho trágico.

597

A pressuposição do *trabalho científico*: uma crença na associação e continuidade do trabalho científico, de modo que o indivíduo possa trabalhar em todo lugar, por menor que seja, na confiança de *não estar trabalhando em vão*.

Há um único grande estorvo: trabalhar *em vão*, lutar *em vão*. —

Os tempos *acumuladores*, em que força, meios de poder são encontrados e dos quais, um dia, o futuro se servirá: *ciência como estação intermediária*, na qual os seres mais medianos, mais múltiplos, mais complicados têm a sua mais natural descarga e apaziguamento: *todos aos que a ação é desaconselhável*.

598

Um filósofo recupera-se de outra maneira e com outra coisa: recupera-se, por exemplo, no niilismo. A crença em que não haja absolutamente nenhuma verdade, a crença niilista, é um grande espreguiçamento dos membros para alguém que, como guerreiro do conhecimento, está em luta ininterrupta com muitas verdades feias. Pois a verdade é feia.

599

O “sem-sentido do acontecer”: a crença nisso é a consequência de se compreender a falsidade das interpretações até hoje, uma universalização do desencorajamento e da fraqueza - não é nenhuma crença *necessária*.

Imodéstia do homem -: onde ele não vê sentido, *negá-lo!*

600

Infinita possibilidade de interpretação do mundo: cada interpretação é um sintoma de crescimento ou de declínio.

A unidade (o monismo) é uma necessidade da *inertia*; a variedade interpretativa é sinal de força. *Não querer impugnar* o caráter inquietante e enigmático do mundo!

601

Contra o querer conciliar-se e a boa disposição para a paz. A isso pertence também toda tentativa de monismo.

602

Esse mundo perspectivo, esse mundo para o olho, tato e ouvido é muito falso, comparado com um aparato de sentidos muito mais fino. Mas seu entendimento, sua abrangência de visão, sua praticidade, sua beleza começam a *cessar* quando *refinamos* nossos sentidos: do mesmo modo, cessa a beleza no pensar a fundo os processos da história; a ordenação do *fim* é já uma ilusão. Isso é suficiente para afirmarmos que, quanto mais superficial e grosseiramente se forme uma composição, tanto mais *valioso*, determinado, belo, significativo *aparece* o mundo. Quanto mais profundamente se penetra com o olhar, tanto mais se dissipia nossa apreciação de valor - *o sem significação aproxima-se!* Nós criamos o mundo que tem valor! Reconhecendo isso, reconhecemos também que a veneração da verdade já é

a *consequência* de uma ilusão - e que há de apreciar-se, mais do que ela, a força simplificadora, conformadora, inventiva.

“Tudo é falso! Tudo é permitido!”

Somente com um certo embotamento do olhar, com uma vontade de simplicidade ganha foco o belo, o “valioso”: em si isso é, *não sei o quê*.

603

Sabemos que a destruição de uma ilusão ainda não traz como resultado nenhuma verdade, mas sim apenas um *bocado de ignorância* a mais, uma extensão de nosso “espaço vazio”, um acréscimo de nosso “deserto” -

604

O que pode, todavia, ser *conhecimento*? - “Interpretação”, intromissão de sentido - *não* “explicação” (na maioria dos casos, uma nova interpretação colocada sobre uma antiga que se tornou incompreensível, que agora é, ela mesma, apenas sinal). Não há nenhum fato, tudo é fluido, inconcebível, esquivo; o mais durável são ainda nossas opiniões.

605

O *verificar entre “verdadeiro” e “inverídico”*, o *verificar* em geral de fatos é fundamentalmente diferente do *estabelecer* criador, do configurar, formar, dominar, *querer*, tal como está na essência da *filosofia*. *Intrometer um sentido* - essa tarefa sempre ainda *resta* incondicionalmente, posto que *não haja nenhum sentido já intrometido*. Assim acontece com sons, mas também com os destinos dos povos: eles são *capazes* da interpretação e da orientação mais diversas para *fins diversos*.

O estágio ainda mais elevado é um *estabelecer fim* e, relativamente a isso, conformar o factual, portanto, a *interpretação do ato*, e não meramente a *transmutação conceitual*.

Afinal, o homem só reencontra, nas coisas, aquilo que ele mesmo fincou nelas: - o reencontrar chama-se ciência, o fincar - arte, religião, amor, orgulho. Em ambos, se isso devesse ser mesmo brincadeira de criança, dever-se-ia continuar e ter bom ânimo para os dois - uns para o reencontrar, outros - *nós* outros! - para o fincar!

A ciência, seus dois lados:
 em relação ao indivíduo
 em relação ao complexo de cultura (“níveis”)
 - valoração oposta segundo este e segundo aquele lado.

O desenvolvimento da ciência dissolve sempre mais o “conhecido” em um desconhecido: - ela *quer*, porém, justamente o *inverso* e parte do instinto de reconduzir o desconhecido ao conhecido.

Em suma, a ciência prepara uma *soberana ignorância*, um sentimento de que “conhecer” não ocorre absolutamente, de que foi uma espécie de petulância sonhar com isso, mais ainda, de que não guardamos de resto o menor conceito, mesmo que só para deixar valer “conhecer” como uma possibilidade - um sentimento de que “conhecer” é uma representação plena de contradição. *Traduzimos* uma mitologia e uma vaidade arcaicas do homem no duro fato: assim como “coisa em si”, tampouco é *permitido* “conhecimento em si” como conceito. A sedução por “número e lógica”, a sedução pelas “leis”.

“*Sabedoria*” como tentativa de *ultrapassar* a apreciação perspectiva (isto é, ultrapassar a “vontade de poder”): um princípio inimigo da vida e

dissolvente, sintoma, como nos indianos etc., de *enfraquecimento* da força de apropriação.

609

Não é suficiente que tu compreendas em que ignorância vivem homem e animal; ainda hás de ter e aprender, de acréscimo, a *vontade* de ignorância. É necessário para ti conceber que sem essa espécie de ignorância a vida mesma seria impossível, que ela é uma condição sob a qual somente o vivo se conserva e medra: um sino de ignorância grande e firme deve estar em torno de ti.

610

Ciência - transformação da natureza em conceito para fins de dominação da natureza - isso pertence à rubrica “*meio*”.

Mas o fim e a vontade do homem hão de *crescer* do mesmo modo, em intenção com relação ao todo.

611

Encontramos o *pensar* como o mais forte e mais continuamente exercido de todos os estágios da vida, mesmo ainda em cada perceber e aparente sofrer! Evidentemente ele torna-se, com isso, *o mais poderoso* e *o mais pleno de reivindicações*, e tiraniza, com o tempo, todas as outras forças. Ele se torna, afinal, a “paixão em si”.

612

O direito ao grande *afeto* - a reconquistar de volta para aquele que conhece! Depois de a abnegação e o culto do “*objetivo*” terem criado, também nessa esfera, uma falsa ordenação hierárquica. O erro chegou ao ápice quando Schopenhauer ensinou: que *justamente* *libertar-se do afeto*,

da vontade, jaz o único acesso ao “verdadeiro”, à ciência; que o intelecto livre da vontade só poderia ver a verdadeira essência das coisas, sua essência propriamente dita.

O mesmo erro na *arte*: como se tudo fosse *belo* tão logo fosse contemplado sem vontade.

613

Competição dos afetos e predomínio de um afeto sobre o intelecto.

614

“Humanizar” o mundo, isto é, sempre mais sentirmo-nos nele como senhores -

615

O conhecimento terá, em uma espécie superior de seres, também novas formas, que agora ainda não são necessárias.

616

Que o *valor do mundo* jaz em nossa interpretação (- que talvez em algum lugar outras interpretações sejam possíveis, além das meramente humanas -); que as interpretações até agora são apreciações perspectivas, em virtude das quais nos mantemos na vida, isto é, na vontade de poder, de crescimento do poder; que cada *elevação do homem* traz consigo a superação de interpretações mais estreitas; que cada fortalecimento e extensão de poder alcançados abre novas perspectivas e nos convoca a crer em novos horizontes - tudo isso vai pelos meus escritos. O mundo que *nos diz respeito em alguma coisa* é falso, isto é, não é nenhum fato, mas sim uma invenção e arredondamento em cima de uma soma mais magra de observações; esse mundo está “no rio”, como algo que devém, como uma falsidade que sempre

de novo se desloca, que nunca se aproxima da verdade: pois - não há “verdade” alguma.

617

[*Recapitulação:*]

Imprimir no devir o caráter de ser - essa é a *mais elevada vontade de poder*.

Dupla falsificação, a partir dos sentidos e a partir do espírito, para conservar um mundo do que é [*Seienden*], do que persiste, do que tem o mesmo valor etc.

Que tudo retorna é a mais extrema *aproximação de um mundo do devir ao mundo do ser: cume da consideração*.

Dos valores que são atribuídos ao que é decorrem a condenação e a insatisfação com o que devém: depois desse mundo do ser primeiro ter sido inventado.

As metamorfoses do que é [*Seiendes*] (corpo, Deus, ideias, leis da natureza, fórmulas etc.).

“O que é” como aparente; inversão dos valores: a aparência era *o que conferia valor* -.

Conhecimento em si no devir é impossível: como é, portanto, possível conhecimento? Como erro sobre si mesmo, como vontade de poder, como vontade de ilusão.

Devir como inventar, querer, negar a si mesmo, superar a si mesmo: nenhum sujeito, mas sim um criador fazer e estabelecer, “causas e efeitos” nenhuns.

Arte como vontade de superação do devir, como “eternizar”, mas míope, sempre segundo a perspectiva: como que repetindo, em pequena escala, a tendência do todo.

O que toda vida mostra *há* de ser considerado como fórmula reduzida para a tendência de conjunto: por isso uma nova fixação do conceito “vida”,

como vontade de poder.

Em vez de “causa e efeito” a luta dos que devêm uns com os outros, frequentemente com absorção do opositor; nenhum número constante no que devém.

Inutilidade dos antigos ideais para a interpretação de todo acontecer, depois que se reconheceram sua proveniência e sua utilidade animais; todos, além disso, contradizendo a vida.

Inutilidade da teoria mecanicista - dá a impressão de *falta de sentido*.

Todo o *idealismo* da humanidade, até agora, está prestes a transformarse em *niilismo*, - na crença na absoluta ausência de *valor*; isto é, na falta de *sentido*...

O aniquilamento dos ideais, o novo deserto; as novas artes para o suportarmos, nós os *anfíbios*.

Pressuposição: coragem, paciência, nenhum “recuo”, nenhum fervor em avançar. N.B. Zarathustra comportando-se, constantemente, por meio de paródias, em relação a todos os valores anteriores, a partir da plenitude.

220 Nome latino de Descartes. [N.T.]

221 Em latim no original: “iguais”. [N.T.]

222 Procrusto era o nome de um bandido que vivia na estrada que ligava Mégara a Atenas. Esse bandido tinha duas camas, uma pequena, outra grande. Abrigava os que passavam por essa estrada, obrigando-os a deitar-se em uma das camas: os grandes na pequena, os pequenos na grande. Aos primeiros, cortava os pés para ajustarem-se ao tamanho da cama; aos segundos, esticava-os com todas as forças até ficarem do tamanho da cama. Um dos feitos de Teseu, herói de Atenas, foi matar esse bandido. [N.T.]

223 Muitas vezes traduzimos a palavra alemã *Seiend* (por causa da declinação, a palavra consta no texto na forma *Seienden*), que é o particípio presente do verbo *Sein* (que significa “ser”), pela perífrase “o que é”. Na realidade, a palavra correspondente a *Seiend* em nossa língua é “ente”, que é o particípio presente do verbo latino *esse*, que por sua vez também significa “ser”. Como essa ligação da palavra “ente” com o verbo “ser” não é perceptível em português para aqueles que nunca

estudaram latim, frequentemente, quando Nietzsche escreve *Seiend*, optamos, para chamar atenção para o fato de que a palavra “ente” significa “a vigência do ser”, “ser em seu viger” (como significa todo particípio presente do respectivo verbo), por traduzir pela mencionada perífrase “o que é”. Na palavra *Seiend* (ente) o alemão facilmente percebe a vigência do ser. Como a tradição de nossa língua tem, em muito mais larga medida, raiz no latim, que é uma língua que a maioria dos que falam português não conhece, não vemos as raízes que ligam, frequentemente, as palavras do português entre si. [N.T.]

224 Em grego no original: aproximadamente, “a primeira falsidade”. [N.T.]

225 Em latim no original: “dados *a posteriori*”, ou seja, dados depois, em consequência da experiência. [N.T.]

226 Em latim no original: “tudo o que é percebido de forma clara e distinta é verdadeiro”. A passagem encontra-se no início da terceira meditação empreendida por Descartes em sua obra *Meditações sobre a filosofia primeira*. [N.T.]

227 Em latim no original: “simplicidade é a marca do verdadeiro”. [N.T.]

228 Em latim no original: “simplicidade é a marca do verdadeiro”. [N.T.]

229 A tradução do trecho em francês é: “Uma crença quase intuitiva em mim é a de que todo homem poderoso mente quando fala e, com uma razão mais forte ainda, quando escreve. [Nota de Peter Gast e Elizabeth Förster-Nietzsche].

230 Em latim no original: respectivamente, “depois deste momento” e “antes deste momento”. [N.T.]

231 A palavra alemã *Erscheinung* é traduzida, com um forte estreio tradicional, por “fenômeno”. Essa tradução é reforçada pelas excelentes traduções da obra de Kant, em que a palavra que é traduzida por “fenômeno”, em oposição a “coisa-em-si”, é justamente *Erscheinung*. No pensamento de Nietzsche, porém, a palavra *Erscheinung* comporta uma nuance de significação com relação à palavra *Phänomen*, que optamos por traduzir por “fenômeno”. [N.T.]

232 A palavra alemã *Gattung* tem, geralmente, um significado mais amplo do que espécie, aproximando-se mais de gênero, pois inclui várias espécies assemelhadas entre si (sendo “espécie” mais correntemente expressa por *Art*). Neste contexto específico, no entanto, *Gattung* significa espécie, tanto quanto *Art*. [N.T.]

[II. A VONTADE DE PODER NA NATUREZA]

[1. A interpretação de mundo mecanicista]

618

Das *interpretações de mundo* que foram tentadas até agora, a mecanicista parece estar em primeiro plano, vitoriosa. Visivelmente, ela tem a boa consciência do lado dela; e nenhuma ciência acredita de verdade em progresso e sucesso, a não ser que eles sejam conquistados com a ajuda de procedimentos mecanicistas. Todos conhecem esses procedimentos: deixam-se fora de jogo a “razão” e os “fins”, não importando aonde isso possa levar, mostra-se que, na duração de tempo conveniente, tudo pode decorrer de tudo, e não se esconde um sorriso malicioso quando de novo a “aparente intencionalidade no destino” de uma planta ou de uma gema de ovo é reduzida a pressão e choque: em suma, venera-se de todo coração - se se permite uma expressão jocosa em um assunto tão sério - o princípio da maior tolice possível. Entrementes, justamente nos espíritos mais seletos que estão nesse movimento, dáse um pressentimento, uma angústia de conhecer, como se a teoria tivesse um buraco que cedo ou tarde pudesse tornar-se o seu último buraco: refiro-me àquele buraco do qual se assobia quando se está na mais extrema necessidade. Não se pode “explicar” pressão e choque, eles mesmos, não se consegue ficar livre da *actio in distans*: - perdeu-se a crença no próprio poder explicar e reconhece-se, com cara azeda, que em breve o descrever, e não o explicar, terá poder sobre os físicos, juntamente com a interpretação dinâmica de mundo, com sua negação do “espaço vazio”, dos átomos de massas ínfimas: no que terá para a *dynamis* (força) ainda uma qualidade interna -

619

O conceito vitorioso, “força”, com o qual nossos físicos criaram Deus e o mundo, necessita ainda ser completado: há de ser-lhe atribuído um mundo interno que designo como “vontade de poder”, isto é, como insaciável ansiar por mostrar poder; ou emprego, exercício de poder, pulsão criadora etc. Os físicos não se libertarão, a partir de seus princípios, do “efeito à distância”: tampouco de uma força de repulsão (ou de atração). Isso não ajuda em nada: há de conceberem-se todos os movimentos, todas as “manifestações”, todas as “leis” somente como sintomas de um acontecimento interno, e por fim servir-se da analogia do homem. No animal, é possível derivar da vontade de poder todas as suas pulsões; da mesma maneira, todas as funções da vida orgânica podem ser derivadas dessa única fonte.

620

Alguma vez foi constatada uma força? Não, mas efeitos, traduzidos em uma linguagem completamente estranha. A sucessão regular, porém, acostumou-nos tão mal que nós *não nos admiramos [wundern] com o que nela há de espantoso [Wunderlich]*.

621

Uma força que não podemos representar é uma palavra vazia e não pode ter nenhum direito de cidadania na ciência: como as chamadas forças de atração e repulsão, puramente mecânicas, que *querem fazer o mundo representável* para nós, nada mais!

622

Pressão e choque são algo indizivelmente tardio, derivado, não original. Isso já pressupõe algo que se *entretém e pode* pressionar e entrar em choque! Mas a partir de onde se entretém?

Não há nada de *imutável* na química, isso é somente aparência, um mero preconceito de escola. Nós sempre *rebocamos* o imutável a partir da metafísica, meus senhores físicos. É completamente ingênuo, lendo-se da superfície, afirmar que o diamante, o grafite e o carvão são idênticos. Por quê? Apenas porque nenhuma perda de substância pode ser constatada pela balança! Ora bem, com isso eles têm algo em comum, mas o trabalho da molécula na transformação, que não podemos ver nem pesar, faz justamente de uma só matéria algo de outro - com outras propriedades específicas.

Contra o átomo físico. Para conceber o mundo havemos de poder calculá-lo; para poder calculá-lo, havemos de ter causas constantes; porque não encontramos na realidade [*Wirklichkeit*] tais causas constantes, nós as *inventamos* - os átomos. Essa é a origem da atomística.

A calculabilidade do mundo, a possibilidade de expressar todo acontecer em fórmulas - é isso realmente um “conceber”? O que, porém, seria concebido em uma música, se tudo o que nela é calculável e pode ser abreviado em fórmulas fosse calculado? - Do mesmo modo, as “causas constantes”, as coisas, substâncias, algo “incondicionado”, portanto; tudo *inventado* - o que se conseguiu?

O conceito mecanicista do *movimento* é já uma tradução do processo original na *língua cifrada do olho e do tato*.

O conceito “átomo”, a diferenciação entre uma “sede da força propulsora e ela própria”, é uma *língua cifrada tomada de nosso mundo lógico-psíquico*.

Não está no poder do nosso arbítrio mudar nosso meio de expressão: é possível conceber em que medida isso é mera semiótica. A exigência de um *modo de expressão adequado* é *insensata*: jaz na essência de uma língua, de um meio de expressão, expressar uma mera relação... O conceito “verdade” é um *contrassenso*... todo o império do “verdadeiro” e “falso” reporta-se apenas a relações entre seres, não ao “em-si”... *Insensatez*: não há nenhum “ser [Wesen] em si”, as *relações* constituem primeiro os seres, tampouco pode haver um “conhecimento em si”...

626

“A *sensação de força* não pode provir do movimento: sensação, em geral, não pode provir de movimento.

Também a favor disso só fala uma experiência aparente: em uma substância (cérebro) produz-se sensação por meio de movimento transmitido (estímulo). Mas, produz-se? Estaria, pois, provado que a sensação ainda *não* existe lá, absolutamente? De modo que seu surgimento *haveria* de ser concebido como *ato de criação* do movimento que irrompe? O estado sem sensação dessa substância é só uma hipótese! Nenhuma experiência! - Sensação, portanto, como *propriedade* da substância: há substâncias sensíveis.”

“Experimentamos de certas substâncias que elas *não* têm sensação? Não, somente não experimentamos *que* elas as tenham. É impossível derivar sensação de uma substância não senciente.” - Oh, quanta precipitação!

627

“Atrair” e “repelir”, em sentido puramente mecânico, são uma perfeita ficção: uma palavra. Não podemos imaginar um atrair sem uma intenção. - A vontade de apoderar-se de uma coisa, ou de defender-se de seu poder e de

repeli-la - isso “nós compreendemos”: essa seria uma interpretação que poderíamos usar.

Em resumo: o constrangimento psicológico a uma crença na causalidade jaz na *impossibilidade de representar um acontecer sem intenções*: com o que, naturalmente, nada se diz a respeito de verdade e inverdade (a respeito de uma autorização para uma tal crença). A crença em *causae* tomba com a crença em τέλη²³³ (contra Spinoza e seu causalismo).

628

Ilusão de que algo *seja conhecido* onde temos uma fórmula matemática para o acontecer: este é só *designado, descrito*: nada mais!

629

Se levo um acontecer regular a uma *fórmula*, então facilitei, abreviei etc. para mim a designação do fenômeno [*Phänomens*] em seu todo. Mas não constatei nenhuma “lei”, antes propus a questão: de onde provém o fato de que aqui algo se repita? É uma conjectura a de que à fórmula corresponda um complexo de forças, um desencadear-se-de-forças primeiramente desconhecidas: é mitologia pensar que, aqui, forças obedeçam a uma lei, de modo que, como consequência de sua obediência, tenhamos a cada vez o mesmo fenômeno [*gleiche Phänomen*].

630

Acautelo-me de falar de “*leis*” químicas: isso tem um sabor moral. Tratase antes de uma verificação absoluta de proporções de poder: o mais fortalecido torna-se senhor do mais fraco, à medida que este não pode impor justamente o seu grau de autonomia, - aqui não há nenhum compadecer-se, nenhuma preservação, ainda menos um respeito a “*leis*”!

A sequência imutável de certas manifestações não prova nenhuma “lei”, mas sim uma proporção de poder entre duas ou mais forças. Dizer: “mas justamente essa proporção permanece igual a si mesma!” não quer dizer nada, a não ser: “uma e mesma força não pode ser também uma outra força”. - Não se trata de um *seguir-se-ao-outro* - mas sim de um *um-no-outro*, um processo no qual os momentos isolados que se seguem *não* se condicionam como causas e efeitos...

A separação do “fazer” em relação ao “que faz”, do acontecer em relação a algo que *faz* acontecer, do processo em relação a um algo que não é processo, mas é substância durável, coisa, corpo, alma etc. - a tentativa de conceber o acontecer como uma espécie de transposição e mudança de posição do “que é” [“*Seiendem*”], do que permanece: essa velha mitologia firmou a crença em “causa e efeito”, depois de ela ter encontrado uma forma fixa nas funções linguístico-gramaticais. -

A “regularidade” da sucessão é somente uma expressão imagética *como se* aqui fosse seguida uma regra: não há nenhum fato. Do mesmo modo a “legalidade”. Encontramos uma fórmula para exprimir uma espécie de consequência que sempre retorna: com isso não *descobrimos nenhuma “lei”*, menos ainda uma força que é a causa do retorno das consequências. Que algo aconteça *sempre* tal e qual é aqui interpretado como se um ser [*Wesen*], em consequência de uma obediência a uma lei ou a um legislador, agisse sempre de tal e qual forma: enquanto, por outro lado, esse algo, abstraído da “lei”, tivesse liberdade para agir de outra maneira. Mas justamente aquele tal-enão-de-outra-maneira poderia provir do ser [*Wesen*] mesmo, que *não* se portaria assim com respeito somente a uma lei, mas como constituído de

tal e qual modo. Isso quer dizer somente: algo não pode ser também algo de outro, não pode fazer ora isso, ora aquilo, nem é livre, nem não livre, mas sim tal e qual. *O erro está na intromissão inventada de um sujeito.*

633

Dois estados que se sucedam, um sendo uma causa e o outro um efeito -: é falso. O primeiro estado não tem nada a efetuar, nada efetuou o segundo.

Trata-se de uma luta de dois elementos desiguais em poder: alcança-se um novo arranjo das forças, sempre segundo a medida de poder de cada um. O segundo estado é algo fundamentalmente diverso do primeiro (*não seu “efeito”*): o essencial é que os fatores que se encontram em luta saem com outras quantidades de poder.

634

Crítica do mecanismo. - Afastemos aqui os dois conceitos populares, “necessidade” e “lei”: o primeiro estabelece no mundo uma falsa coação, o segundo uma falsa liberdade. “As coisas” não se comportam regularmente, não se comportam segundo uma *regra*: não há coisas algumas (- essa é nossa ficção); elas não se comportam tampouco sob a coação de uma necessidade. Aqui não há ser obedecido: pois *que algo seja tal como é*, tão forte, tão fraco, não é consequência de um obedecer, ou de uma regra, ou de uma coação...

O grau de resistência e o grau de superioridade de poder - é disso que se trata em todo acontecer: se nós soubermos exprimir isso em fórmulas de leis para o nosso uso doméstico do cálculo, tanto melhor para nós! Mas, com isso, não pusemos nenhuma “moralidade” no mundo, pelo fato de o simularmos como obediente -.

Não há nenhuma lei: cada poder tira, em cada momento, sua última consequência. Justamente no fato de que isso não seja nenhum *mezzo termine* repousa a calculabilidade.

Indica-se uma quantidade de poder pelo efeito que ela exerce e ao qual ela resiste. Falta a adiaforia:²³⁴ que seria em si pensável. Ela é essencialmente uma vontade de domínio e de defender-se contra um domínio. Não há autoconservação: cada átomo atua sobre o ser em sua totalidade - ele é abstraído se se abstrai essa irradiação de vontade-poder. Chamo isso de uma quantidade de “*vontade de poder*”: com isso exprime-se o caráter que não pode ser abstraído da ordenação mecânica sem eliminar ela mesma.

Uma tradução desse mundo do efeito em um mundo *visível* - um mundo para o olho - é o conceito “movimento”. Aqui, sempre se subentende que *algo* seja movido - sempre ainda se pensa em uma coisa que atua, seja na ficção de um átomo-particulazinha ou mesmo na sua abstração, no átomo dinâmico - isto é, não saímos do hábito ao qual nos seduzem os sentidos e a língua. Sujeito, objeto, um agente para um fazer, o fazer e isso que ele faz, separados: não esqueçamos que isso designa uma mera semiótica e nada de real [*Reales*]. A mecânica como uma doutrina do *movimento* já é uma tradução para a linguagem dos sentidos do homem.

635

Precisamos de unidades para poder contar: não havemos de supor, por isso, que *há* tais unidades. Derivamos o conceito de unidade de nosso “eu”-conceito - nosso mais antigo artigo de fé. Se não considerássemos unidades, não teríamos formado jamais o conceito “coisa”. Agora, já bastante tarde, estamos fartamente convencidos de que nossa concepção do eu-conceito nada garante quanto a uma unidade real [*reale*]. Portanto, para manter de pé teoricamente o mecanicismo do mundo, havemos sempre de fazer uma reserva quanto ao fato de que levamos a cabo esse mundo com duas ficções: a do conceito de movimento (tomado da linguagem dos nossos sentidos) e a do conceito do átomo = unidade (provinda de nossa “experiência” psíquica):

- esse mundo tem como sua pressuposição um *preconceito dos sentidos* e um *preconceito psicológico*.

O mundo *mecanicista* é imaginado do modo como o olho e o tato representam um mundo (como “movido”) - de maneira que ele possa ser calculado, - e de modo que unidades causais sejam simuladas, “coisas” (átomos), cujo efeito permanece constante (- transfiguração do falso conceito-sujeito no conceito de átomo).

O *fenomenal* é, portanto: a mistura do conceito de número, do de sujeito e do de movimento: dele sempre fazem parte o nosso *olho* e a nossa *psicologia*.

Se eliminamos esses ingredientes, não resta coisa alguma, mas sim quantidades dinâmicas, em uma proporção de tensão em relação a todas as outras quantidades dinâmicas: seu ser [*Wesen*] consiste em sua proporção em relação a todas as outras quantidades, em seu “atuar” [“*Wirken*”] sobre as mesmas. A vontade de poder não é um ser, não é um devir, mas sim um *páthos* - esse é o fato mais elementar do qual, primeiramente, resulta um devir, um atuar...

a mecânica formula manifestações sucessivas, e, além disso, de maneira semiótica, com os meios de expressão sensíveis e psicológicos (que todo efeito é *movimento*; que onde existe movimento, *algo* é movido): ela não se refere à força causal...

Os físicos acreditam em um “mundo verdadeiro” à sua maneira: uma firme *sistematização de átomos* igual para todos os seres [*Wesen*] e com movimentos necessários, - de modo que, para eles, o “mundo aparente” se reduz ao lado acessível a cada ser [*Wesen*], segundo sua espécie, do ser [*Sein*] universal e universalmente necessário (acessível e também ainda preparado - feito “subjetivo”). Mas, com isso, enganam-se: o átomo, que postulam, é deduzido a partir da lógica daquele perspectivismo da

consciência, - também ele próprio é, portanto, uma ficção subjetiva. Essa imagem de mundo que eles projetam não é, em absoluto, essencialmente distinta da imagem de mundo subjetiva: ela só é construída com sentidos estendidos pelo pensar, mas absolutamente com *nossos* sentidos... Por fim, sem sabê-lo, omitiram algo da constelação: justamente o necessário *perspectivismo*, em virtude do qual cada centro de força - e não somente o homem - constrói *a partir de si* todo o mundo restante, isto é, mede, apalpa, forma pela sua força... Esqueceram de computar essa força *que põe* perspectivas no “ser verdadeiro” [“*wahre Sein*”]... Dito na linguagem da escola: o ser-sujeito. Eles acham que este foi “desenvolvido”, que veio de acréscimo - Mas o químico ainda o usa: tal é o *ser-específico* que determina o agir e reagir de tal e qual maneira, sempre de acordo.

O *perspectivismo* é só uma forma complexa de especificidade. - Meu modo de ver é que cada corpo específico anseia por tornar-se senhor de todo espaço, por estender sua força (- sua vontade de poder:) e repelir tudo que obsta à sua expansão. Mas ele se depara continuamente com o mesmo ansiar de outros corpos e termina por arranjar-se (“unificar”-se) com aqueles que lhe são parentados o bastante: - *assim eles conspiraram, então, juntos, pelo poder*. E o processo segue adiante...

637

Também no reino do inorgânico, um átomo de força só considera a sua vizinhança: as forças que estão longe se compensam. Aqui está fincado o núcleo do perspectivo, e o porquê de um ser [*Wesen*] vivo ser completamente “egoístico”.

638

Posto que o mundo dispusesse de uma quantidade de força, então é evidente que todo deslocamento de poder para qualquer lugar condiciona

todo o sistema - portanto, junto com a causalidade de um *após* o outro darse-ia uma dependência de *um junto ao outro* e de *um com o outro*.

639

A única possibilidade de conservar de pé um sentido para o conceito “Deus” seria considerar Deus *não* como uma força propulsora, mas sim como um *estado-máximo*, como uma *época...* Um ponto no desenvolvimento da *vontade de poder*, a partir da qual se explicaria tanto o desenvolvimento seguinte quanto o desenvolvimento anterior até ele...

- Considerada de modo mecanicista, a energia do conjunto do devir permanece constante; considerada economicamente, ela sobe até uma certa altura e desce a partir dela, de novo, num eterno circuito. Essa “vontade de poder” exprime-se na *interpretação*, na *espécie* do *consumo de força* - a transformação da energia em vida e a vida na mais alta potência aparecem, de acordo com isso, como meta. Em diferentes estágios do desenvolvimento, a mesma quantidade de energia significa algo diferente:

- aquilo que na vida constitui o crescimento é sempre a economia, que sempre economiza e torna a calcular, a qual alcança sempre mais com sempre menos força... Como ideal, o princípio da menor despesa possível...

- que o mundo *não* almeja um estado duradouro, isso é a única coisa *que está provada*. Consequentemente, há de pensar-se o estado mais elevado do mundo de modo que ele não seja nenhum estado de equilíbrio...

- a necessidade absoluta do mesmo acontecer em um curso de mundo, como em todos os outros na eternidade, *não* é um determinismo a respeito do acontecer, mas apenas a expressão do fato de que o impossível não é possível... que uma determinada força não pode ser nada de outro, a não ser esta determinada força; que ela não se libera de outro modo em uma força-resistência senão de acordo com sua força - acontecer e acontecer-necessariamente são uma *tautologia*.

[2. A vontade de poder como vida]

[a) O processo orgânico]

640

No surgimento dos organismos o homem pensa-se *presente*: o que houve nesse processo para ser percebido com olhos e tato? O que há para computar-se? Quais regras se mostram nos movimentos? Portanto: o homem quer dispor para si de todo acontecer como um *acontecer para olho e tato*, consequentemente, como movimentos: quer encontrar *fórmulas* para *simplificar* a imensa massa dessas experiências: *redução de todo acontecer* aos sentidos humanos e ao matemático. Trata-se de um *inventário das experiências humanas*: posto que o homem, ou antes, o *olho e a capacidade conceitual* humanos sempre foram as eternas testemunhas de todas as coisas.

641

Chamamos “vida” uma multiplicidade de forças ligadas por um processo [Vorgang] de alimentação comum. A esse processo [Vorgang] de alimentação, como meio de sua possibilidade, pertence todo o assim chamado sentir, representar, pensar, isto é, 1. um repelir todas as outras forças; 2. uma disposição das mesmas segundo formas e ritmos; 3. um avaliar em relação à incorporação ou à excreção.

642

A ligação do inorgânico com o orgânico há de jazer na força de repulsão que exerce cada átomo de força. “Vida” haveria de ser definida como uma forma duradoura de processo [Prozess] dos estabelecimentos de força, em que os diversos contendores crescem, de seu lado, de modos desiguais. Em que medida reside também um resistir no obedecer; o poder sobre si não é

absolutamente abandonado. Do mesmo modo, há, no mandar, um reconhecer de que o poder absoluto do opositor não está vencido, não está incorporado, liquidado. “Obedecer” e “mandar” são formas do jogo da luta.

643

A vontade de poder *interpreta-*, na formação de um órgão trata-se de uma interpretação; ele delimita, define graus, diferenças de poder. Meras diferenças de poder ainda não poderiam sentir a si mesmas como tais: há de existir um algo que quer crescer, que interpreta cada outro algo que quer crescer a partir de seu valor. *Nisso* são iguais - Na verdade, *interpretação* é *um meio próprio de assenhorar-se de algo*. (*O processo [Prozess] orgânico pressupõe um ininterrupto interpretar.*)

644

- A maior complexidade, a excreção apurada, a sintonia dos órgãos e funções configurados, com o desaparecimento dos membros intermediários - se há *completezai*, então resulta uma vontade de poder no processo [Prozess] orgânico, em virtude da qual forças *que dominam, formam, mandam* aumentam sempre o âmbito de seu poder, e no interior do mesmo sempre, por sua vez, simplificam: *crescendo* o imperativo.

O espírito é apenas um meio e instrumento a serviço da vida superior, da elevação da vida: e no que concerne ao bem, assim como Platão o entendeu (e, de acordo com ele, o cristianismo), parece-me, ele mesmo, um princípio perigoso para a vida, difamador e aniquilador da vida.

645

Que “herança”, sendo algo completamente não esclarecido, não pode ser usada para a explicação de um problema, mas sim somente para a sua designação e fixação. Exatamente o mesmo vale para a “capacidade de

adaptação". De fato, não se *explica* pela exposição morfológica, mesmo posto que tivesse chegado à completeza, mas se *descreve* uma imensa conjuntura de fatos. Como um órgão pode ser usado para qualquer fim, *tal* não é explicado. Não haveria explicação dessas coisas com a suposição de *causae finales*, tampouco com a de *causae eficientes*. O conceito "causa" é só um meio de expressão, não *mais*; um meio de designação.

646

Há analogias: por exemplo, em relação à nossa memória, uma outra memória que se faz notar na herança e no desenvolvimento em formas; em relação ao nosso inventar e experimentar, um inventar no emprego de instrumentos para novos fins etc.

O que chamamos nossa "consciência" não toma parte em todos os processos essenciais da nossa conservação e do nosso crescimento; e nenhuma cabeça seria tão fina a ponto de poder construir mais do que uma máquina - sendo que, nisso, todo processo orgânico está bem acima da máquina.

647

Contra o darwinismo. - A utilidade de um órgão *não explica* o seu surgimento, ao contrário! - No longo tempo durante o qual se forma uma propriedade, esta não mantém o indivíduo e não lhe é útil, muito menos na luta com circunstâncias e inimigos exteriores.

- O que é, afinal, "útil"? Há de se perguntar: "útil em relação a quê?" Por exemplo, o que é útil à *duração* do indivíduo poderia não ser propício ao seu fortalecimento e esplendor; o que conserva o indivíduo poderia, ao mesmo tempo, fixá-lo e mantê-lo parado em seu desenvolvimento. Por outro lado, uma *falta* e uma *degeneração* podem ser de suma utilidade, à medida que servem de estimulantes a outros órgãos. Do mesmo modo, uma *calamidade*

pode ser condição de existência, na proporção de quanto ela reduz um indivíduo àquela medida na qual ele se *entretém* e não se desperdiça.

- O indivíduo mesmo como luta das partes (por alimento, espaço etc.): seu desenvolvimento atado a um *vencer*, *dominar* partes isoladas, atado a um *estiolar-se*, a um “tornar-se órgão” de outras partes.

- A influência das “circunstâncias externas” é *supervalorizada* em Darwin até a insensatez; o essencial no processo de vida é justamente o poder [*Gewalt*] imensamente configurador, criador de formas a partir de dentro, o qual *explora, despoja* as “circunstâncias externas”...

Que as *novas* formas, configuradas a partir de dentro, *não* são formadas em relação a um fim; mas que, na luta das partes, uma nova forma não permanecerá por muito tempo *sem* uma relação com uma utilidade parcial, e depois, de acordo com o *uso*, conformar-se-á de forma cada vez mais acabada.

648

Útil em relação ao aumento da velocidade do compasso do desenvolvimento é um outro “útil” diferente daquele que se refere às maiores fixação e durabilidade possíveis do desenvolvido.

649

“Útil”, no sentido da biologia darwinista; isto é, na luta com outros, provar-se como propiciador. Mas parece-me que já o *sentimento de mais* [*Mehrgefühl*], o sentimento de tornar-se *mais fortalecido*, independentemente da vantagem na luta, é que constitui o *progresso* propriamente: desse sentimento origina-se primeiro a vontade de luta -

650

Antes de postular a pulsão de conservação como a pulsão cardeal de um ser [*Wesen*] orgânico, os fisiólogos deveriam pensar bem. Antes de tudo, algo vivo quer *dar vazão* à sua força: a “conservação” é somente uma das consequências disso. - Precaução com os princípios teleológicos *supérfluos!* E a isso pertence todo o conceito de “pulsão de conservação”.

651

Não se pode deduzir a atividade mais básica e original no protoplasma de uma vontade de autoconservação: pois ele absorve em si, de modo insensato, mais do que exigiria a sua conservação: antes de tudo, ele *não* “se conserva” com isso, mas *se arruína...* A pulsão aqui dominante há de explicar esse *não* querer conservar-se: “fome” já é uma interpretação segundo organismos desigualmente complicados (- fome é uma forma de pulsão especializada e mais tardia, uma expressão da divisão do trabalho, a serviço de uma pulsão superior que domina).

652

Não é possível tomar a *fome* como *primum mobile*: tampouco como autoconservação: a fome concebida como consequência da subalimentação, quer dizer: a fome como consequência de uma vontade de poder *que não está mais se assenhorando*. Não se trata absolutamente de reparar um prejuízo - somente mais tarde, em consequência da divisão do trabalho, depois que a vontade de poder aprende a trilhar caminhos inteiramente outros para apaziguar-se, a necessidade de apropriação do organismo é *reduzida* à fome, à necessidade de reposição do que foi perdido.

653

Pilhória sobre o falso “*altruísmo*” nos biólogos: a reprodução entre as amebas aparece como um deitar fora o peso morto, como pura vantagem. A

excreção das matérias inutilizáveis.

654

A divisão de um protoplasma em dois irrompe quando o poder não é mais suficiente para dominar a posse apropriada: o engendramento é consequência de uma impotênciā.

Quando os homenzinhos, por fome, procuram as mulherzinhas e aliviamse nelas, o engendramento é a consequência da fome.

655

O mais fraco assedia o mais forte por necessidade de alimento; ele quer ser absorvido e, possivelmente, tornar-se *um* com ele. O mais forte, ao contrário, repele de si, não quer sucumbir dessa maneira; antes, no crescimento, divide-se em dois ou vários. Quanto maior é a pressão pela unidade, tanto mais se pode concluir pela fraqueza; quanto maior a pressão por variedade, por diferença, por fragmentação interna, tanto mais força aí está.

A pulsão de aproximar-se - e a pulsão de repelir algo são a ligação tanto no mundo inorgânico quanto no orgânico. A completa separação é um preconceito.

A vontade de poder em cada combinação de força, *defendendo-se contra o mais forte, abatendo-se sobre o mais fraco, é mais exata.* N.B. Os processos [Prozesse] como “essência” [“Wesen”].

656

A vontade de poder só pode externar-se em *resistências*; ela procura, portanto, por aquilo que lhe resiste - essa é a tendência original do protoplasma quando estende pseudópodes e tateia em torno de si. A apropriação e a incorporação são, antes de tudo, um querer-dominar, um

formar, configurar e transfigurar, até que finalmente o dominado tenha passado inteiramente para o poder do agressor e o tenha aumentado. - Se essa incorporação não vingar, então provavelmente se arruína a configuração; e a *dualidade* aparece como consequência da vontade de poder: para não deixar perder-se o que foi dominado, a vontade de poder desvencilha-se em duas vontades (em certas circunstâncias, sem abandonar completamente a sua ligação uma com a outra).

“Fome” é somente uma adaptação mais estreita, depois que a pulsão fundamental por poder ganhou uma constituição mais espiritual.

657

O que é “passivo”? Ser *tolhido* no movimento que avança açambarcando: portanto, um agir da resistência e da reação.

O que é “ativo”? É o que açambarca poder, dirigindo-se para fora. “Alimentação” é só derivada; o original é: querer incluir tudo em si.

“Engendramento” é algo derivado; originalmente: onde não basta uma vontade para organizar o todo do apropriado toma força uma *contravontade* que efetua a dissolução, um novo centro de organização, depois de uma luta com a vontade original.

Prazer no sentimento de poder (pressupondo o desprazer).

658

1. As funções orgânicas retraduzidas na vontade fundamental, na vontade de poder - e (dela) separadas.

2. Pensar, sentir, querer em todo vivente - Que outra coisa é um prazer senão: um estímulo do sentimento de poder por meio de um obstáculo (ainda mais forte por causa de obstruções e resistências rítmicas) - de modo que, por isso, ele intumesce. Portanto, em todo prazer está compreendida

dor. - Quando o prazer deve tornar-se muito grande, as dores hão de ser muito longas e a tensão do arco torna-se imensa.

3. A vontade de poder especializando-se como vontade de nutrição, de propriedade, de *instrumentos*, de servidores - Obedecer e mandar: o corpo. - A vontade mais fortalecida dirige a mais fraca. Não há absolutamente nenhuma outra causalidade a não ser a de vontade de vontade. Não explicado pelo mecanismo.

4. As funções espirituais. A vontade de conformação, de assimilação etc.

[b) *O homem*]

659

Seguindo o fio condutor do corpo. - Posto que “a alma” foi um pensamento atraente e misterioso, do qual os filósofos, com razão, só se separaram a contragosto - talvez aquilo pelo que eles, a partir de então, a trocaram seja ainda mais atraente, ainda mais misterioso. O corpo humano, no qual tanto o passado mais longínquo quanto o mais próximo de todo o devir orgânico torna-se de novo vivo e corporal, por meio do qual, sobre o qual e para além do qual parece fluir uma torrente imensa e inaudível: o corpo é um pensamento mais espantoso do que a antiga “alma”.

Em todos os tempos, sempre se pôs mais fé no corpo - como em nossa posse mais própria, como em nosso ser [*Sein*] mais certo, em resumo, como *ego* - do que no espírito (ou na “alma”, ou no sujeito, como diz agora a linguagem da escola, em vez de alma). A ninguém ocorreu a ideia de entender o seu estômago como um estranho, como, por exemplo, um estômago divino: mas conceber seus pensamentos como “inspirados”, suas apreciações de valor como “insufladas por um deus”, seus instintos como atividade penumbrosa: para esse pendor e gosto do homem há testemunhos em todas as épocas da humanidade. Mesmo agora havemos de encontrar

fartamente, nomeadamente entre os artistas, uma espécie de admiração e uma exposição respeitosa do momento decisivo, quando se lhes apresenta a questão do que lhes proporcionou o maior sucesso e de qual mundo lhes veio o pensamento criativo: quando se questionam desse modo, eles têm algo como inocência e vergonha infantil e mal se atrevem a dizer “isso veio de mim, foi a minha mão que lançou o dado”. - Ao contrário, mesmo aqueles filósofos e religiosos que tiveram o motivo mais forçoso em sua lógica e piedade para tomar o seu ser corpóreo como ilusão, e deveras como ilusão vencida e eliminada, não puderam evitar reconhecer o tolo fato de que o corpo não havia desaparecido: de tal fato há de encontrarem-se os testemunhos mais estranhos, em parte em Paulo, em parte na filosofia dos Vedantas. Mas o que significa, afinal, *força da crença*? Só por isso ela poderia ser, sempre ainda, uma crença muito tola!

- Aqui há de refletir-se: -

Por fim, se a crença no corpo é somente a consequência de uma conclusão: posto que fosse uma falsa conclusão, como afirmam os idealistas: tal não seria um ponto de interrogação em relação à fidedignidade do próprio espírito: o fato de que ele, dessa maneira, seja a causa de falsas conclusões? Posto que multiplicidade, espaço, tempo, movimento (e tudo o que possam ser as pressuposições de uma crença no corporal) fossem erros - que desconfiança não será suscitada contra o espírito, que nos induziu a tais pressuposições! Basta, a crença no corpo sempre é, entremes, uma crença mais forte do que a crença no espírito: e quem a quer minar, mina, justamente com isso, o mais profundamente - também a crença na autoridade do espírito!

A escravidão e a divisão de trabalho: o tipo mais elevado só é possível pela *subjulação* de um tipo inferior ao desempenho de uma função.

Prazer e dor não se opõem. O sentimento do poder.

Nutrição é apenas uma consequência da apropriação não saciada, da vontade de poder.

A procriação é a ruína irrompendo pela impotência de as células dominantes organizarem o que foi apropriado.

A força *configuradora* é aquela que quer ter em reserva uma “matéria” sempre renovada (ainda mais “força”). A obra-prima na construção de um organismo a partir do ovo.

“Concepção mecanicista”: não quer nada a não ser quantidades: mas a força está na qualidade. A mecânica, portanto, pode descrever processos, mas não pode explicar.

O “fim”. Há de partir-se da “sagacidade” das plantas.

Conceito de “aperfeiçoamento”: *não* só maior complexidade, mas *poder* maior (- não necessita ser somente uma massa maior -).

Conclusão sobre o desenvolvimento da humanidade: o aperfeiçoamento consiste na produção dos indivíduos mais poderosos, para os quais a maior massa possível deve ser instrumento (e deveras o instrumento mais inteligente e mais móvel).

Por que toda *atividade*, e também aquela de um *sentido*, está ligada ao prazer? Porque antes existia um impedimento, uma opressão? Ou, antes, porque todo fazer é um superar, um tornar-se senhor, e proporciona um *aumento no sentimento de poder*? - O prazer no pensamento. - Por fim, não é somente o sentimento de poder, mas o prazer no criar e no *criado*: pois toda atividade nos vem à consciência como consciência de uma “obra”.

662

Criar - como *selecionar* e *aprontar* o escolhido. (Em cada ato da vontade *isso é o essencial*).

663

Todo acontecer *intencional* é redutível à *intenção do aumento de poder*.

664

Se fazemos algo, então surge um *sentimento de força*, frequentemente antes mesmo do fazer, já na representação do que há de fazer-se (como na visão de um inimigo, de um obstáculo, do qual nos consideramos *à altura*): acompanhando sempre. Achamos, instintivamente, que esse sentimento de força seja a causa da ação, seja “a força”. Nossa crença na causalidade é a crença na força e no seu efeito; uma tradução de nossa vivência: no que identificamos força e sentimento de força. - Mas em nenhum lugar a força move as coisas; a força sentida “não põe os músculos em movimento”. “Não temos nenhuma representação de um tal processo, nenhuma experiência”. - “Não experimentamos, como a força tampouco, como o que move, a *necessidade* de um movimento.” A força deve ser o que coage! “Só experimentamos que um se segue ao outro, - não experimentamos nem coação nem arbítrio no fato de um seguir-se ao outro.” A causalidade só foi criada pela introdução imaginativa da coação no processo sucessivo. Um certo “conceber” surge com disso, isto é, humanizamos para nós o processo, tornamo-lo “mais conhecido”: o conhecido o é pelo hábito do *conquistar coercitivo humano ligado ao sentimento de força*.

665

Tenho a intenção de estender o meu braço; supondo-se que saiba tão pouco de fisiologia do corpo humano e das leis mecânicas de seu

movimento quanto um homem do povo, o que há de mais vago, de mais pálido, de mais incerto do que essa intenção, em comparação com o que acontece em seguida? E posto que fosse o mecânico mais arguto, instruído especialmente sobre as fórmulas que são aqui empregadas, então não estenderia o meu braço de modo nenhum melhor ou pior. Nossa “saber” e nosso “fazer”, nesse caso, ficam friamente fora um do outro: como se estivessem em dois reinos distintos. - Por outro lado: Napoleão executa o plano de uma campanha - o que isso quer dizer? Aqui tudo o que é pertinente à execução do plano é *sabido*, pois tudo há de ser disposto por ordens: mas também aqui supõem-se subordinados que interpretem o universal e o adaptem à necessidade do momento, à medida de força etc.

666

Desde a Antiguidade, pusemos o valor de uma ação, de um caráter, de uma existência na intenção, no fim em virtude do qual se fez, viveu, agiu: essa arcaica idiossincrasia do gosto toma, por fim, um rumo periclitante - posto que, nomeadamente, a falta de intenção e de fim do acontecer venha, cada vez mais, para o primeiro plano da consciência. Com isso, parece preparar-se uma desvalorização universal: “Nada tem sentido” - essa melancólica sentença quer dizer que “todo sentido jaz na intenção e, como a intenção falta absolutamente, então falta, também absolutamente, o sentido”. Segundo aquela valoração, o valor da vida foi forçosamente deslocado para uma “vida depois da morte”; ou para o progressivo desenvolvimento das ideias, ou da humanidade, ou do povo, ou para além do homem; com isso chegou-se, no *progressus* do fim, ao *infinitum*; tinha-se, enfim, a necessidade de constituir para si um lugar no “mundo-processo” (com a perspectiva dessacralizante de que este talvez seja o processo em direção ao nada).

Diante disso, o “fim” necessita de uma crítica mais rigorosa: é preciso que se entenda que uma ação *nunca é causada por um fim*; que fim e meio são

interpretações, nas quais certos pontos de um acontecer são realçados e selecionados às expensas de outros e deveras da maioria; que toda vez que se faz algo com vistas a um fim, acontece algo fundamentalmente diferente e outro; que, em relação a cada ação-fim, a coisa está no mesmo pé da pretensa finalidade do calor que o Sol irradia: a grande maioria de sua massa é desperdiçada; uma parte, que mal pode ser computada, tem “fim”, “sentido” -; que um “fim”, com os seus “meios”, é um esboço indescritivelmente indefinido, o qual pode deveras comandar como prescrição, como “*vontade*”, mas pressupõe um sistema de instrumentos obedientes e intercalados, os quais, no lugar do indeterminado, põem muitas grandezas fixas (isto é, imaginamos um sistema de intelectos mais *astutos*, porém mais estreitos, que estipulam fim e meios, para podermos atribuir o papel de “causa de uma ação” apenas aos “fins” que nos são conhecidos: não temos nenhum direito de fazê-lo (isso quereria dizer: para resolver um problema, introduzir a solução do problema em um mundo inacessível à nossa observação -).

Afinal: por que “um fim” não poderia ser uma *manifestação acompanhante* na série de forças que efetuam modificações, as quais provocam a ação final - um sinal pálido lançado antecipadamente, que nos serve de orientação sobre o que acontece, como um sintoma mesmo do acontecer, *não* como sua causa? - Com isso, criticamos a *vontade mesma*: não é uma ilusão tomar como causa, como ato de vontade, o que emerge na consciência? Não são todas as manifestações da consciência apenas manifestações derradeiras, os últimos elos de uma cadeia, mas aparentemente condicionando-se em seu vir um depois do outro no interior de uma superfície de consciência? Isso poderia ser uma ilusão. -

A ciência *não* questiona o que nos impulsiona à vontade: ela *nega, antes, que se queira* e acha que algo inteiramente diverso tenha acontecido - em suma, acha que a crença em vontade e fins é uma ilusão. Não pergunta pelos *motivos* da ação como se estes houvessem existido em nossa consciência antes da ação: antes, decompõe primeiro a ação em um grupo mecânico de manifestações e procura a história anterior desse movimento mecânico - mas *não* no sentir, ter sensações, pensar. *Por isso* ela nunca pode ter a explicação: a sensação é justamente o seu material, que *deve ser explicado*. - Seu problema é justamente: explicar o mundo sem recorrer a sensações como causas: pois isso. A tarefa da ciência não está, de forma alguma, resolvida.

Portanto: ou nenhuma vontade - a hipótese da ciência - ou vontade livre. A última suposição é o sentimento dominante, do qual não podemos nos desvincilar mesmo se a referida hipótese for *provada*.

A crença popular em causa e efeito é construída sobre a pressuposição de que a vontade livre é *causa de todo efeito*: somente a partir disso temos o sentimento de causalidade. Portanto, nisso jaz também o sentimento de que toda causa *não* é efeito, mas sempre somente causa - se a vontade é a causa. “Nossos atos de vontade *não* são *necessários*” - isso jaz no conceito “*vontade*”. Necessariamente, o efeito está *depois* da causa - assim sentimos nós. - É uma *hipótese*, que também o nosso querer seja, em todo caso, um precisar.

“Querer” *não* é “desejar”, aspirar, ansiar: destes se destaca pelo *afeto do comando*.

Não há nenhum “querer”, mas sim somente um querer-*algo*: não há que desligar a *meta* e o estado - como o fazem os teóricos do conhecimento. “Querer”, como eles o entendem, não ocorre; tampouco “pensar”: trata-se de pura ficção.

Pertence ao querer que *algo seja mandado* (- com isso não se diz, naturalmente, que a vontade seja “efetuada”).

Aquele *estado de tensão* universal, em virtude do qual uma força aspira por desencadear-se, - não é nenhum “querer”.

669

Desprazer e prazer são os *meios de expressão* mais tolos do ajuizar: com isso, naturalmente, não se diz que os juízos, que aqui são pronunciados dessa maneira, houvessem que ser tolos. O abandono de toda fundamentação e logicidade, um sim ou não como redução a um querer ter ou um repudiar apaixonados, eis uma abreviação imperativa de inconfundível utilidade: isso é prazer e desprazer. Sua origem está na esfera central do intelecto: sua pressuposição é um perceber, ordenar, subsumir, computar, concluir infinitamente acelerados: prazer e desprazer são sempre fenômenos conclusivos, não são “causas”...

A decisão sobre o que deve provocar prazer e desprazer depende do grau de poder: o mesmo que aparece para uma pequena quantidade de poder como perigo, além de coerção para a mais rápida defesa, pode ter como consequência, em uma maior consciência de plenitude de poder, um voluptuoso estímulo, um sentimento de prazer.

Todo sentimento de prazer e desprazer já pressupõe um *medir segundo o total de utilidade e de dano*: portanto, é uma esfera em que ocorre o querer de uma meta (de um estado) e o selecionar dos meios para ela. Prazer e desprazer nunca são “fatos originais”.

Sentimento de prazer e desprazer são *reações da vontade (afetos)*, nas quais o centro intelectual fixa o valor de certas alterações súbitas em relação ao conjunto do valor, ao mesmo tempo em que introduz ações contrárias.

670

A crença em “afetos”. - Afetos são uma construção do intelecto, uma *invenção de causas* que não existem. Todo *sentimento comum* corporal que não entendemos é interpretado intelectualmente, isto é, procura-se um *motivo [Grund]* em pessoas, vivências etc. para sentir-se tal ou qual. Portanto, *estabelece-se* algo prejudicial, perigoso, estranho, como se isso fosse a causa de nossa indisposição: na realidade, isso *se acrescenta* à indisposição, para que nosso estado *possa ser pensado*. - Frequentes correntes sanguíneas afluindo ao cérebro, com o sentimento de falta de ar, são *interpretadas* como *cólera*: as pessoas e as coisas que nos provocam cólera são desencadeadores do estado psicológico. - Posteriormente, com um hábito mais longo, processos e sentimentos comuns ligaram-se tão regularmente que a visão de certos processos produz aquele estado de sentimento comum, especialmente aquela tal acumulação de sangue, produção de sêmen etc.: portanto, pela vizinhança: dizemos então que “o afeto é provocado”.

Em “prazer” e “desprazer” fixam-se já como *juízos*: os estímulos são diferenciados: se eles propiciam o sentimento de poder ou não.

A crença no querer. Colocar uma crença como causa de um movimento mecânico é crer em milagres. O ser *consequente* na *ciência* exige que, depois que tornamos o mundo *pensável* para nós em imagens, tornemos também os afetos, desejos, vontade etc. *pensáveis* para nós, isto é, que os *neguemos* e os tratemos como *erros do intelecto*.

Não liberdade ou liberdade da vontade? - Não há *nenhuma “vontade”*: essa é uma concepção simplificadora do entendimento, como “matéria”.

Todas as ações precisam primeiro ser preparadas mecanicamente como possíveis, antes de serem desejadas. Ou: o “fim” só entra em cena no cérebro,

na maioria das vezes, quando tudo está preparado para a sua execução. O fim é um “estímulo” “interno” - não *mais*.

672

A mais próxima história prévia de uma ação se parece com esta: mas *muito atrás* jaz uma história prévia que sinaliza para *muito além*: a ação isolada é, ao mesmo tempo, um elo de um fato muito mais avultado e *mais tardio*. Os processos *mais breves* e os *mais longos* não estão separados -

673

Teoria do *acaso*. A alma é um ser extremamente astuto e criativo, que seleciona e se alimenta *continuamente*- (esta força *criativa* é habitualmente negligenciada! Só é como algo “*passivo*”).

Reconheci a *força ativa*, o criativo em meio ao casual: - o acaso é tão somente *a colisão dos impulsos criativos*.

674

Na imensa multiplicidade do acontecer no interior de um organismo, a parte que se nos torna consciente é um mero cantinho: e o bocadinho de “virtude”, a “abnegação” e ficções semelhantes são desmentidas, de maneira perfeitamente radical, pelo restante total do acontecer. Fazemos bem em estudar nosso organismo em sua perfeita imoralidade...

As funções animais são, por princípio, milhões de vezes mais importantes do que todos os belos estados e alturas da consciência: estes últimos são um excedente à medida que não precisam ser instrumentos daquelas funções animais.

Toda a vida *consciente*, o espírito junto com a alma, junto com o coração, junto com a bondade, junto com a virtude: isso trabalha a serviço de quê?

No aperfeiçoamento maior possível dos meios (de nutrição, de incremento) das funções animais fundamentais: antes de tudo, no *incremento da vida*.

É indizivelmente mais importante isso que se chamou de “corpo” e “carne”: o resto é um pequeno acessório. A tarefa de continuar a tecer toda a cadeia da vida, de tal *maneira que o fio se torne sempre mais poderoso* - essa é a tarefa. Mas, então, olhe-se como coração, alma, virtude, espírito conjuramse formalmente para *inverter* essa tarefa principal: como se *eles* fossem as metas... A degeneração da vida é essencialmente condicionada pela extraordinária capacidade deturpadora da consciência: os instintos a mantêm nas rédeas o menos possível e, por isso, ela se *engana* pelo mais longo tempo possível e o mais fundamentalmente.

Usar *sentimentos agradáveis ou desagradáveis dessa consciência* para medir se a existência tem valor: poder-se-ia imaginar um mais louco delírio da vaidade? Ela, a consciência, é apenas um meio: e sentimentos agradáveis e desagradáveis também são somente meios! - Com que se mede objetivamente o *valor*? Somente com a quantidade de *poder incrementado e organizado*.

675

[Valor de todo *desvalorizar*. - Minha exigência é] que se ponha o *agente* [*Täter*] de novo no interior do fazer [*Tun*], depois de tê-lo extraído dele, conceitualmente, e de se ter, com isso, esvaziado o fazer; que se retomem o fazer-*algo*, a “meta”, a “intenção”, o “fim” novamente no fazer, depois de têlos artificialmente extraído dele e de se ter, com isso, esvaziado o fazer.

Que todos os “fins”, “metas”, “sentidos” são só modos de expressão e metamorfoses da única vontade, que é inerente a todo acontecer: a vontade de poder. Ter fins, metas, intenções, *querer* em geral, tal é como querer-tornarse-mais-fortalecido, querer crescer, e *para tal* também querer os *meios*.

Que o instinto mais universal e o mais ínfimo permaneceram em todo o fazer e querer, justamente por isso o mais desconhecido e o mais oculto, porque, *in praxi*, seguimos sempre o seu mandamento, pois *somos* esse mandamento... Todas as apreciações de valor são consequências e perspectivas mais estreitas a *serviço dessa única vontade*: o apreciar o valor *mesmo* é somente essa vontade de poder; uma crítica do ser a partir de qualquer um desses valores é algo como um contrassenso e um mal-entendido; posto mesmo que nisso se introduza um processo de sucumbência, então esse processo permanece, do mesmo modo, *a serviço dessa vontade de poder*.

Apreciar o ser mesmo: mas o apreciar mesmo é esse ser ainda -: e à medida que dizemos não, então fazemos sempre ainda o que *somos*... Precisa-se entender a *absurdidade* dessa atitude que corrige a existência; e depois procurar ainda decifrar *o que* se dá realmente com isso. É sintomático.

676

SOBRE A PROVENIÊNCIA DE NOSSAS APRECIAÇÕES DE VALOR

Podemos dissecar espacialmente o nosso corpo, e então obtemos dele uma representação que é em tudo idêntica à do sistema estelar, e a diferença entre orgânico e inorgânico não salta mais aos olhos.

Outrora se explicava o movimento das estrelas como efeitos de seres [*Wesen*] que tinham uma consciência final: não se necessita mais disso, e, desde há muito, nem em relação ao movimento do copo, quando ele se modifica, se crê mais que basta uma consciência que estabelece fim. A maior quantidade dos movimentos não tem nada a ver com consciência: *nem com sensação*. Sensações e pensamentos são algo *extremamente pequeno e raro* em relação ao inúmero acontecer em cada momento. Ao contrário, percebemos que uma finalidade domina os menores acontecimentos, dos quais o nosso melhor saber não está à altura, um cuidado, uma seleção, uma

reunião, um restabelecimento etc. Em resumo, encontramos uma atividade que se deveria atribuir a um *intelecto imensamente mais elevado* e supervisor do que aquele de que temos consciência. Aprendemos a *pensar menor* em relação a todo consciente: desaprendemos a nos fazer responsáveis por nosso ser-próprio [*Selbst*], pois *nós*, como seres [*Wesen*] conscientes que estabelecem fins, somos somente a menor parte. Das numerosas influências em cada momento, por exemplo: ar, eletricidade, não sentimos quase nada: poderia haver bastantes forças que nos influenciassem constantemente e que, não obstante, jamais nos chegassem à sensação. Prazer e dor são manifestações muito raras e econômicas em relação aos inumeráveis estímulos que uma célula ou um órgão exerce sobre outra célula ou outro órgão.

Essa é a fase da *modéstia da consciência*. Por fim, entendemos o eu consciente só como um instrumento a serviço daquele intelecto mais elevado e supervisor: e então podemos perguntar se todo *querer* consciente, todos os *fins conscientes*, todas as *apreciações de valor* não seriam talvez apenas *meios* com os quais deve *ser alcançado* algo essencialmente *diverso* do que aparece no interior da consciência. *Opinamos*: trata-se de nosso *prazer e desprazer* mas prazer e desprazer poderiam ser meios pelos quais *haveríamos de produzir* algo que está fora de nossa consciência. Há de mostrar-

se quanto todo consciente permanece *na superfície*: como ação e imagem da ação são *diferentes*, quão pouco se sabe sobre o que *precede* uma ação: como são fantasiosos os nossos sentimentos de “liberdade da vontade” e de “causa e efeito”: como pensamentos são somente imagens, e como palavras são somente sinais de pensamentos: a insondabilidade de cada ação: a superficialidade de todo louvar e reprovar: como são *essenciais a invenção* e a *imaginação*, dentro das quais vivemos conscientemente, como, em todas as

nossas palavras, falamos de invenções (afetos também), e como o *liame da humanidade* repousa sobre uma transmissão e uma contínua composição dessas invenções: enquanto, no fundo, o real liame (por meio da procriação) segue um curso desconhecido. A crença nas invenções comuns modifica realmente os homens? Ou todos os seres ideais e de apreciação de valor são apenas uma *expressão mesma* de desconhecidas modificações? Há, pois, realmente vontade, fins, pensamentos, valores? E se toda a vida consciente fosse só uma *imagem especular*? E se, no fundo, acontecesse algo totalmente diferente, mesmo que a apreciação de valor pareça *determinar* um homem? Em resumo: se se alcançasse explicar a finalidade na atividade da natureza sem a suposição de um eu que estabelece fins, não poderia, talvez, afinal, também o *nossa* estabelecer fim, o nosso querer etc., ser somente uma *linguagem cifrada* para algo essencialmente outro, a saber, algo que não-quer e é inconsciente? Somente a *finíssima aparência* daquela finalidade natural do orgânico, e nada diferente?

Dito sumariamente: em todo o desenvolvimento do espírito, trata-se, talvez, do *corpo*: é a *história [Geschichte]* tornando-se *sensível* para o fato de que um *corpo mais elevado se forma*. O orgânico galga escalas ainda mais elevadas. Nossa gana de conhecimento da natureza é um meio pelo qual o corpo quer aperfeiçoar-se. Ou antes: são feitas centenas de milhares de experimentos para modificar a nutrição, a maneira de morar, o modo de vida do corpo: a consciência e, nela, as apreciações de valor, todas as espécies de prazer e desprazer são *anúncios dessas modificações e experimentos*. Por fim, não se trata absolutamente do homem: ele deve ser superado.

A consideração de mundo *artística*: colocar-se diante da vida. Mas aqui falta a análise do intuir estético, sua redução ao horripilante, ao sentimento de segurança, de ser juiz e estar de fora etc. Há de tomar-se o próprio artista: e sua psicologia (a crítica da pulsão de representar como descarga de força, prazer na mudança, no impressionar a própria alma, o absoluto egoísmo do artista etc.). Que pulsões ele sublima.

A consideração de mundo *científica*: crítica da necessidade psicológica *de ciência*. O querer tornar concebível; o querer tornar prático, útil, explorável -: em que medida antiestético. O único valor é o que pode ser contado e computado. Em que medida uma espécie mediana de homem quer chegar aí à preponderância. É terrível que se tome posse da *história* [*Geschichte*] desse modo - o império do superior, do que julga. Que pulsões ele sublima!

A *consideração de mundo religiosa*: crítica do homem religioso. Não é necessário o homem moral, mas sim o de intensas elevações e profundas depressões, que interpreta as primeiras com gratidão ou com suspeita, e não as deriva de *si* (- as últimas também não -). Essencialmente, é o homem que se sente “não livre”, que sublima seus estados, os instintos de submissão.

A consideração de mundo *moral*. Os sentimentos de hierarquização social são transportados para o universo: a imobilidade, a lei, a unificação e equalização na ordenação também são *procuradas* na mais alta posição, pois são avaliadas como as mais elevadas - acima ou abaixo da totalidade dos entes

O que é *comum*: as pulsões dominantes também querem *ser consideradas* como as *mais altas instâncias de valor em geral*, como *potestades criadoras e governantes*. Entende-se que essas pulsões ou se hostilizem mutuamente ou se submetam umas às outras (e também se liguem sinteticamente, provavelmente) ou se alternem no poder. Seu profundo antagonismo é,

todavia, tão grande que quando todas querem apaziguamento há de pensar-se um homem de profunda *mediocridade*.

678

Não deveríamos procurar a origem do nosso aparente “conhecimento” em *apreciações de valor mais antigas*, as quais estão incorporadas tão firmemente que já pertencem à nossa existência? De maneira que só necessidades *mais jovens* se tornem ativas com o *resultado das mais antigas*?

O mundo visto, sentido, interpretado de tal e qual maneira, de modo que a vida orgânica se mantenha nessa perspectiva de interpretação. O homem *não* é somente um indivíduo, mas um todo orgânico que continua a viver em uma única linha determinada. Que *ele* tenha sucesso é a prova de que um gênero de interpretação (embora sempre em construção) também teve sucesso, que o sistema de interpretação não mudou. “Adaptação”.

Nossa “insuficiência”, nosso “ideal” etc. é talvez a *consequência* desse pedaço incorporado de interpretação, de nosso ponto de vista perspectivista; talvez a vida orgânica sucumba com isso - assim como a divisão do trabalho de organismos traz consigo, ao mesmo tempo, uma atrofia e um enfraquecimento das partes, e finalmente a *morte* para o todo. Para a sua forma mais elevada, há de ser importante a *sucumbência* da vida orgânica, assim como a sucumbência do indivíduo.

679

A *individuação*, ajuizada do ponto de vista da teoria da descendência, mostra o constante esfacelar-se do um em dois e o igualmente constante perecer dos indivíduos *em benefício de poucos* que continuam o desenvolvimento: a grande maioria da massa perece sempre (“o corpo”).

O fenômeno fundamental: *inúmeros indivíduos (são) sacrificados por causa de poucos*: para viabilizar a possibilidade deles. - É preciso não se

deixar enganar: é assim com os *povos* e com as *raças*: eles formam o “corpo” para engendrar *indivíduos* isolados *valiosos*, os quais continuam o grande processo.

680

Contra a teoria de que o indivíduo isolado tem em vista a vantagem da *espécie*, de sua descendência, à custa da vantagem própria: isso é só *aparência*.

A imensa importância que o indivíduo confere ao *instinto sexual* não é uma *consequência* de sua importância para a espécie; gerar é a função própria do indivíduo, e consequentemente é o seu mais elevado interesse, a *sua mais elevada manifestação de poder* (naturalmente, não ajuizado a partir da consciência, mas do centro de toda individuação).

681

Erros fundamentais dos biólogos até agora: *não* se trata da espécie, mas sim de indivíduos *que são mais fortemente atuantes*. (Os muitos são apenas meios.)

A vida *não* é adaptação de condições internas a externas, mas sim vontade de poder, a qual, a partir de dentro, submete a si e incorpora cada vez mais “exterior”.

Esses biólogos *proseguem* as apreciações de valor morais (- o “valor em si mais elevado do altruísmo”, a inimizade contra a ambição de poder, contra a guerra, contra a inutilidade, contra a ordenação hierárquica e de castas).

682

Na ciência da natureza, uma supervalorização da espécie anda de mãos dadas com a degradação moral do ego. Mas a espécie é algo tão ilusório quanto o *ego*: fez-se uma falsa distinção. O *ego* é cem vezes mais do que

meramente uma unidade na cadeia de elos; ele é, pura e simplesmente, a *cadeia* mesma; e a espécie é uma mera abstração a partir da multiplicidade dessas cadeias e de sua parcial semelhança. Que, como se afirma frequentemente, o indivíduo seja *sacrificado* à espécie não é absolutamente um fato: é somente a amostra de uma interpretação falsa.

683

Fórmula da *superstição do “progresso”* de um famoso fisiólogo das atividades cerebrais: “*L’animal ne fait jamais de progrès comme espèce; l’homme seul fait de progrès comme espèce.*”²³⁵

Não: - - -

684

Anti-Darwin. - A *domesticação do homem*: que valor definitivo ela pode ter? ou, em geral, uma domesticação tem valor definitivo? - Há razões para negar este último.

A escola de Darwin faz deveras um grande esforço para nos persuadir do contrário: ela quer que o *efeito da domesticação* possa tornar-se profundo, fundamental. No entanto, atenhamo-nos ao antigo: até agora, nada se provou a não ser um efeito inteiramente superficial da domesticação - ou então a degenerescência. E tudo o que escapa da mão e do cultivo humanos volta quase imediatamente para o seu estado natural. O tipo permanece constante: não se pode “*dénaturer la nature*”.²³⁶

Põe-se a morte dos seres [Wesen] fracos e a sobrevivência dos mais robustos e mais bem-dotados na conta da luta pela existência; consequentemente, imagina-se um *constante crescimento da perfeição dos seres*. Nós nos asseguramos do oposto, a saber: na luta pela vida, o acaso serve tão bem aos fracos quanto aos fortes, a astúcia compensa a força

frequentemente com vantagem, a *fertilidade* das espécies está em uma notável relação com as *chances de destruição*...

Atribuem-se à *seleção natural*, ao mesmo tempo, vagarosas e infinitas metamorfoses: quer-se crer que cada vantagem se transmite e se exprime, de modo cada vez mais forte, nas gerações que se seguem (enquanto a herança é tão caprichosa...); consideram-se as adaptações felizes de certos seres [*Wesen*] a condições de vida muito particulares e explica-se que foram obtidas com a *influência do meio*. - Não se encontram em parte alguma, porém, exemplos de *seleção inconsciente* (absolutamente, não). Os indivíduos mais díspares unem-se, os extremos misturam-se na massa. Tudo concorre para manter o tipo erguido; seres que têm sinais externos que os protegem contra certos perigos não os perdem quando chegam a circunstâncias em que vivem sem perigo... Quando habitam lugares em que a vestimenta cessa de escondê-los, não se aproximam do meio.

Exagerou-se de tal maneira a *seleção do mais belo*, que é como se ela ultrapassasse largamente a pulsão de beleza de nossa própria raça! De fato, o mais belo acasala-se com criaturas muito deserdadas, o maior com o menor. Quase sempre vemos homenzinhos e mulherzinhas lucrarem com cada encontro casual, e eles não se mostram exigentes na escolha. - Modificação pelo clima e a alimentação. Mas, em verdade, absolutamente indiferente.

Não há *formas de transição*...

Afirma-se o crescente desenvolvimento dos seres [*Wesen*]. Falta todo fundamento. Todo tipo tem seus *limites*: para além destes, não há desenvolvimento. Até lá, absoluta regularidade.

*

Minha visão global. - Primeiro princípio: como espécie, o homem *não* está em progresso. Tipos mais elevados são provavelmente alcançados, mas eles não se mantêm. O nível da espécie *não* se eleva.

Segundo princípio: como espécie, o homem não apresenta nenhum progresso em comparação com nenhum outro animal. O conjunto do mundo animal e vegetal não se desenvolve do mais baixo para o mais elevado... Mas, sim, tudo ao mesmo tempo, um sobre o outro, por meio do outro e contra o outro. - As formas mais ricas e mais complexas - pois as palavras “tipo mais elevado” não dizem mais do que isso - sucumbem mais facilmente: só as formas mais baixas conservam uma aparente imutabilidade. As primeiras raramente são alcançadas e mantêm-se por cima com dificuldade [Not]: as últimas têm uma desconcertante fertilidade a favor de si. - Também na humanidade os tipos superiores, os mais felizes casos de desenvolvimento, sucumbem mais facilmente sob cambiante favor e desfavor. - Estão expostos a toda espécie de *décadence*: são extremos e, com isso, eles mesmos já quase *décadents*... A curta duração da beleza, do gênio, do César, é *sui generis*: tal coisa não se lega como herança. O *tipo* é legado; um tipo não é nada de extremo, não é nenhum “caso feliz”... - Isso não se deve a nenhuma fatalidade particular ou à “má vontade” da natureza, mas antes, simplesmente, ao conceito de “tipo superior”: o tipo superior apresenta uma complexidade incomparavelmente maior - uma soma maior de elementos coordenados: com isso, também a desagregação torna-se incomparavelmente mais provável. - O “gênio” é a mais sublime máquina que há - consequentemente, a mais frágil.

Terceiro princípio: a domesticação (“a cultura”) do homem não alcança profundidade... Onde a alcança, é, imediatamente, degenerescência (tipo: o cristão). O homem “selvagem” (ou, expresso moralmente: o homem *mau*) é a volta à natureza - e, em certo sentido, - o restabelecimento, a *cura* da “cultura”...

Anti-Darwin. - O que mais me surpreende na visão sinóptica do grande destino do homem é ver, diante dos olhos, sempre o contrário daquilo que hoje Darwin, com sua escola, vê ou *quer* ver: a seleção em proveito dos mais fortes, dos mais afortunados, o progresso da espécie. O que é palpável é justamente o contrário: a eliminação dos casos mais felizes, a inutilidade dos tipos que galgaram a superioridade, a inevitável supremacia dos tipos medianos e mesmo dos que ficam *abaixo da média*. Posto que não se nos mostra o motivo pelo qual o homem seja a exceção entre as criaturas, inclino-me para o juízo preliminar de que a escola de Darwin iludiu-se por toda parte. Aquela vontade de poder, na qual reconheço a razão última e o caráter de toda alteração, dá-nos o meio pelo qual justamente a seleção não ocorre em proveito das exceções e dos casos mais felizes: os mais fortes e mais felizes são fracos se têm contra si instintos de rebanho organizados, se têm contra si o caráter terrível dos mais fracos, o número imenso. O aspecto de conjunto do mundo dos valores mostra que nos valores superiores, que estão pendurados sobre a humanidade atual, *não* [têm] predomínio os casos mais felizes, os tipos seletos: mas, antes, os tipos da *décadence* - talvez não haja nada de mais interessante no mundo do que esse espetáculo *indesejável...*

Isso soa deveras estranho: há de armarem-se sempre os fortes contra os fracos; os felizes contra os desafortunados; os sãos contra os deteriorados e desafortunados pela herança. Se se quer formular a realidade [*Realität*] como *moral*, então esta soa da seguinte maneira: os medianos são mais valiosos do que as exceções, as configurações da *décadence* valem mais do que as medianas, a vontade de nada prevalece sobre a vontade de vida - a meta de conjunto exprime-se, então, de maneira cristã, budista, schopenhauriana: “é melhor *não ser* do que *ser*”.

Indigno-me contra a formulação da realidade [Realität] em termos morais: por isso repugno o cristianismo com ódio mortal: pois ele criou as palavras e gestos sublimes para dar a uma realidade [Wirklichkeit] horripilante o manto do direito, da virtude, do divino...

Vejo todos os filósofos, vejo a ciência de joelhos diante da realidade [Realität] da luta *inversa* pela existência, em relação àquela que ensina a escola de Darwin - nomeadamente, vejo por toda parte o predomínio e a sobrevivência daqueles que comprometem o valor da vida. - O erro da escola de Darwin tornou-se-me um problema: como se pode ser cego de modo a justamente *aqui* se ver falsamente?... Que as *espécies* apresentem um progresso é a mais desarrazoada afirmação do mundo: *provisoriamente* elas apresentam um *nível*; e que os organismos mais elevados tenham se desenvolvido a partir dos inferiores não está atestado, até agora, por nenhum caso - vejo que os inferiores são preponderantes pela quantidade, esperteza, astúcia - não vejo como uma mudança casual resulte em uma vantagem, ao menos não por um tempo tão longo: isso seria, por sua vez, uma razão a mais para explicar por que uma alteração casual tornou-se forte dessa maneira - encontro a “terribilidade da natureza”, da qual tanto se fala, em um outro registro: ela é terrível contra seus filhos mais felizes, ela poupa, protege e ama *les humbles*²³⁷ -

Em suma: talvez o crescimento do *poder* de uma espécie seja menos garantido pela preponderância de seus filhos mais felizes, de seus fortes, do que pela preponderância de seus tipos medianos e mais ínfimos... Nos últimos está a grande fertilidade, a duração; com os primeiros cresce o perigo, a rápida devastação, a veloz diminuição do número.

O homem até agora - como que um embrião do homem do futuro; - encontram-se nele *todas* as forças configuradoras que visam a esse último: e porque elas são imensas, então surge, para o indivíduo de agora, *sofrimento, de maneira proporcional a quanto ele seja determinante para o futuro*. Esta é a mais profunda concepção do *sofrimento*: as forças configuradoras chocam-se. - O isolamento do indivíduo não pode iludir - na verdade, flui continuamente algo *entre* os indivíduos. Que ele se sinta isolado é o mais *poderoso aguilhão* no processo em direção à mais longínqua meta: a busca de *sua felicidade* é o meio que mantém unidas e educa as forças configuradoras, de modo que estas não destruam a si mesmas.

687

A força *supérflua* na *espiritualidade* colocando para si novas metas; *de modo algum meramente como força comandante e condutora para o mundo inferior ou para a conservação do organismo*, do “indivíduo”.

Somos mais do que o indivíduo: somos ainda a cadeia inteira, com as tarefas de todos os futuros da *cadeia*.

[3. Teoria da vontade de poder e dos valores]

688

Concepção unitária da psicologia. - Estamos habituados a manter em harmonia a configuração de uma imensa quantidade de formas com uma proveniência da unidade.

[Minha teoria seria: -] a *vontade de poder* é a forma de afeto primitiva, todos os outros afetos são apenas configurações suas:

Que há um significativo esclarecimento em pôr no lugar da “*felicidade*” individual, pela qual cada vivente há de ansiar, *poder*: “o vivente anseia por

poder, por mais poder” - prazer é somente um sintoma do sentimento do poder alcançado, uma consciência de diferença -

- o vivente não anseia por prazer, mas sim o prazer irrompe se alcança aquilo pelo que anseia: prazer acompanha, não move...

Que toda força pulsante é vontade de poder, que não há nenhuma força física, dinâmica, psíquica além daquela...

- em nossa ciência, em que o conceito de causa e efeito é reduzido a uma proporção “equacional”, com a ambição de provar que a mesma quantidade de força encontra-se de cada lado, *falta a força que impulsiona*: só consideramos resultados e os colocamos como *iguais* em relação ao conteúdo de força...

o fato de que a alteração *não cessa* é apenas uma questão de experiência: em si, não temos a menor razão para entender que a uma modificação há de seguir-se outra. Ao contrário: para mim, um *estado alcançado* parece precisar conservar a si mesmo, se não houver nele, precisamente, uma capacidade de *não querer se conservar...* O princípio da “autoconservação”, de Spinoza, precisaria suspender a alteração: mas o princípio é falso, o *contrário* é verdadeiro. Em todo vivente pode mostrar-se claramente que ele tudo faz para *não se conservar*, mas sim se tornar *mais...*

[“Vontade de poder” e causalidade. -] Computado psicologicamente: então o conceito “causa” [“ Ursache”] é o nosso sentimento de poder do assim denominado querer - nosso conceito “efeito” é a superstição de que o sentimento de poder seja o poder mesmo que move...

Um estado que acompanha um acontecer, e já é um efeito do acontecer, é projetado como “razão [*Grund*] suficiente” do mesmo; - a proporção de tensão de nosso sentimento de poder: o prazer como sentimento de poder: como sentimento da resistência superada - tais coisas são ilusões?

Traduzamos o conceito “causa” [“ Ursache”] de volta para a única esfera que conhecemos, da qual o tomamos: então nenhuma *alteração* na qual falte uma vontade de poder é representável para nós. Não sabemos deduzir uma alteração se não ocorre a expansão de um poder sobre outro poder.

A mecânica só nos mostra consequências, e ainda por cima em imagens (movimento é um discurso de imagens). A própria gravitação não tem causa mecânica alguma, pois ela é, primeiro, a razão para consequências mecânicas.

A vontade de acumulação de força como específica para o fenômeno [*Phänomen*] da vida, nutrição, geração, transmissão hereditária, - da sociedade, Estado, costume, autoridade. - Não deveríamos poder supor essa vontade como causa motora também na química? - e na ordem cósmica?

Não apenas energia constante: mas sim máxima economia do consumo: de modo que o *querer tornar-se mais forte* a partir de *cada centro de força* seja a única realidade [*Realität*] - não autoconservação, mas sim apropriação, querer tornar-se senhor, tornar-se mais, tornar-se mais forte.

Deve um princípio de causalidade ser *provado* pelo fato de que a ciência é possível? - “De causas iguais, efeitos iguais” - “Uma lei permanente das coisas” - “Uma ordenação invariável”? - Porque algo é computável, por isso já é necessário?

Se algo acontece de tal modo e não de outra maneira, então não existe nisso nenhum “princípio”, nenhuma “lei”, nenhuma “ordenação”, [e sim atuam efetivamente] quantidades de força, cujo ser [*Wesen*] consiste no fato de exercer poder sobre outras quantidades de força.

Podemos supor um *ansiar por poder* sem uma sensação de prazer e desprazer, isto é, sem um sentimento de aumento e diminuição de poder? - O mecanicismo é só uma linguagem cifrada para o mundo *interno* dos fatos de quantidades de vontade que lutam, superando-se? - Todas as

pressuposições do mecanicismo, matéria, átomo, peso, pressão e choque não são “fatos em si”, mas sim interpretações com ajuda de ficções *psíquicas*.

A *vida*, como a forma do ser [*Seins*] que é mais familiar para nós, é especificamente uma vontade de acumulação de força -: todos os processos da vida têm aqui a sua alavanca -: nada quer conservar-se, tudo deve ser somado e acumulado.

A vida como caso isolado: a partir dai, essa hipótese se estende sobre o caráter total da existência -: a vida anseia por um *sentimento maximal de poder* -: é essencial um ansiar por mais poder -: ansiar nada mais é do que ansiar por poder -: essa vontade permanece o mais elementar e interior: mecânica é meramente uma semiótica das consequências.

690

Não se pode encontrar a causa para o fato de *que*, em geral, há desenvolvimento, nem mesmo pelo caminho da investigação sobre o desenvolvimento; não se pode querer entender isso como “tornando-se”, muito menos como tornado... A “vontade de poder” não pode ter-se tornado.

691

Como o conjunto do processo orgânico comportou-se *em relação* à restante natureza? - Ai se desvenda sua *vontade fundamental*.

692

“Vontade de poder” é uma espécie de “vontade” ou é idêntica ao conceito “vontade”? Quer dizer desejar? Ou comandar? Ela é a “vontade” que Schopenhauer propõe ser o “em-si das coisas”?

Minha tese é a de que, até agora, a *vontade* da psicologia é uma injustificável generalização, que *não há absolutamente* essa vontade, que em

vez de conceber a configuração de uma *determinada* vontade em muitas formas, *eliminou-se* o caráter da vontade, à medida que se *subtraiu* o conteúdo, o “para onde?”, e esse é o caso, no mais alto grau, em Schopenhauer: o que ele chama de “vontade” é uma palavra vazia. Trata-se ainda menos de uma “vontade *de vida*”: pois a vida é apenas um *caso isolado* da vontade de poder, - é completamente arbitrário afirmar que tudo anseia converter-se nessa forma da vontade de poder.

693

Se a essência [*Wesen*] mais íntima do ser [*Seins*] é vontade de poder, se prazer é todo crescimento de poder, e desprazer todo sentimento de não resistir e de não se tornar senhor: não podemos então postular prazer e desprazer como fatos cardinais? Vontade é possível sem ambas essas oscilações do sim e do não? Mas *quem* sente prazer?... *Quem* quer poder?... Pergunta absurda: se a essência mesma é vontade de poder e, consequentemente, sentir prazer e desprazer. Apesar disso: são necessárias as oposições, as resistências e, portanto, relativamente, as *unidades que se apropriam de poder*...

694

Sempre de acordo com as resistências que uma força procura para se assenhorear delas, há de crescer a medida dos insucessos e fatalidades provocados por este fato: à medida que toda força só pode descarregar-se no que resiste, é necessário que em toda ação haja um *ingrediente de desprazer*. Todavia, esse desprazer age como estímulo da vida e fortalece a *vontade de poder!*

695

Se *prazer* e *desprazer* relacionam-se ao sentimento de poder, então a vida haveria de apresentar um crescimento de poder, de modo que a diferença do “mais” acedesse à consciência... Alcançado um nível de poder, o prazer haveria de ser medido apenas de acordo com diminuições do nível e estados de desprazer - *não* de acordo com estados de prazer... A vontade de mais está na essência [*Wesen*] do prazer: no fato de que o poder cresce, de que a diferença acede à consciência...

A partir de certo ponto, na *décadence*, acede à consciência a *diferença inversa*, o decréscimo: a memória dos momentos fortes de antes deprime o sentimento de prazer presente - a comparação *enfraquece* agora o prazer...

696

A causa do *prazer não* é o apaziguamento da vontade: quero combater especialmente essa teoria, que é uma das mais superficiais. A absurda falsificação psicológica das coisas mais próximas...

quero, antes, defender que a vontade quer ir adiante e sempre de novo se torna senhora daquilo que está em seu caminho: o sentimento de prazer jaz justamente no não apaziguamento da vontade, no fato de que ela, sem os limites e resistências, ainda não está satisfeita o bastante...

“O feliz”: ideal do rebanho...

697

O *não apaziguamento* normal de nossas pulsões - por exemplo, da fome, da pulsão sexual, da pulsão de movimento - ainda não contém em si nada de desalentador; atua, antes, irritando o sentimento de vida, assim como todo ritmo de estímulos pequenos e dolorosos o *fortalece*, o que também os pessimistas podem atestar: esse não apaziguamento, em vez de prejudicar a vida, é o grande *estimulante* da vida.

- Poder-se-ia, talvez, designar o prazer, em geral, como um ritmo de pequenos estímulos de desprazer...

698

Kant diz: essas frases do conde Verri (*Sull'indole del piacere e del dolore*,²³⁸ 1781) eu subscrevo com plena convicção: *Il solo principio motore dell'uomo è il dolore. Il dolore precede ogni piacere. Il piacere non è um essere positivo.*²³⁹

699

A dor é algo distinto do prazer - quero dizer, ela *não* é o seu oposto. Se a essência [Wesen] do prazer foi designada corretamente como um *sentimento a-mais* de poder (portanto, como um diferencial de sentimento, que pressupõe a comparação), então, com isso, a essência [Wesen] do desprazer ainda não está definida.

As oposições falsas, em que crê o povo, e *consequentemente* a língua, sempre foram grilhões atados a pés perigosos para o caminhar da verdade. Há mesmo casos em que uma espécie de prazer é condicionada por uma certa *sequência rítmica* de pequenos estímulos de desprazer: com isso se alcança um crescimento muito rápido do sentimento de poder, do sentimento de prazer. É o caso, por exemplo, da cócega, também da cócega sexual no ato do coito: assim, vemos o desprazer como um ingrediente ativo do prazer. Parece um pequeno obstáculo que é superado e ao qual se segue de novo, imediatamente, outro pequeno obstáculo, que, por sua vez, é superado - esse jogo de resistência e vitória provoca o mais fortemente aquele sentimento total de poder, excessivo e supérfluo, que constitui a essência do prazer. O oposto, uma elevação do sentimento de dor por meio de pequenos estímulos de prazer intercalados, não ocorre: prazer e dor não são inversos em nada.

A dor é um processo intelectual, no qual um juízo foi decididamente pronunciado - o juízo “danoso”, no qual uma longa experiência se encontra somada. Não há dor em si. *Não* é o ferimento que dói; é a experiência das más consequências que pode ter um ferimento para o todo do organismo, que se pronuncia na figura daquele abalo profundo, o qual se chama desprazer (em influências danosas, que permaneceram desconhecidas da humanidade mais antiga, por exemplo, por causa de novos combinados químicos venenosos, falta também a declaração de dor, - e nós estamos perdidos...).

Na dor, o específico é sempre o longo abalo, a tremedeira depois de um *choc* que provoca pavor no foco cerebral do sistema nervoso: - *não* se sofre propriamente pela causa da dor (qualquer ferida, por exemplo), mas sim pela longa perturbação do equilíbrio, que irrompe em consequência daquele *choc*. A dor é uma doença do foco nervoso cerebral - o prazer não é nenhuma doença...

Que a dor seja causa para movimentos contrários, tal tem deveras a aparência e até o preconceito dos filósofos a seu favor; mas, em casos repentinos, se se observar com exatidão, o movimento contrário vem visivelmente mais cedo do que a sensação de dor. Eu estaria mal se tivesse que esperar, em um passo em falso, até que se tocasse o sino da consciência e fosse telegrafado de volta um sinal do que se deve fazer. Antes, distingo, tão claramente quanto possível, que, primeiro, para prevenir a queda, segue o movimento contrário do pé e, depois, com uma distância mensurável de tempo, torna-se sensível uma espécie de onda dolorosa repentina na parte dianteira da cabeça. Reage-se, portanto, *não* à dor. A dor é depois projetada no lugar ferido: - apesar disso, o ser [*Wesen*] dessa dor local não permanece a expressão da espécie do ferimento local, ela é um mero sinal de lugar, cuja força e tonalidade estão de acordo com o ferimento que os centros nervosos

receberam. Que, em consequência daquele *choc*, a força muscular do organismo decaia de maneira mensurável não fornece sustentação para procurar-se a *essência [Wesen]* da dor em uma diminuição do sentimento de poder... Dito mais uma vez: *não* é à dor que se reage: o desprazer não é nenhuma “causa” de ações, a dor mesma é uma reação, o movimento contrário é uma outra e *anterior* reação, - ambas tomam de lugares diversos os seus pontos de partida. -

700

Intelectualidade da *dor*: esta não designa em si o que sofreu dano momentaneamente, mas sim que *valor* o dano tem em relação ao indivíduo em geral.

Se há dores nas quais é “a espécie” e *não* o indivíduo que sofre -?

701

“A soma de desprazer é preponderante em relação à soma de prazer: consequentemente, o não-ser do mundo seria melhor do que o seu ser” - “O mundo é algo que, segundo a razão, não seria, porque ele causa ao sujeito sensível mais desprazer que prazer”: tal tagarelice chama-se hoje pessimismo!

Prazer e desprazer são coisas secundárias, não são causas; são juízos de valor de segunda classe, que decorrem antes de um valor que governa; um valor que se pronuncia na forma do sentimento, “útil”, “danoso” e, consequentemente, absolutamente fugidio e dependente. Pois em cada “útil” e em cada “danoso” há de indagar-se sempre ainda cem diferentes “para quê?”.

Desprezo esse *pessimismo da sensibilidade*: ele é um sinal de um profundo empobrecimento da vida.

O homem *não* procura o prazer e *não* evita o desprazer: entende-se que famoso preconceito eu contradigo com isso. Prazer e desprazer são mera consequências, mera manifestações acompanhantes - o que o homem quer, o que cada mínimo pedaço de um organismo vivo quer é mais poder. No ansiar por isso, segue-se tanto prazer como desprazer; a partir daquela vontade ele procura resistência, necessita de alguma coisa que se oponha. Portanto, o desprazer, como obstáculo de sua vontade de poder, é um fato normal, o ingrediente normal de cada acontecer orgânico, o homem não se esquia desse obstáculo; tem, antes, necessidade constante dele: cada vitória, cada sentimento de prazer, cada acontecer pressupõe uma resistência superada.

Tomemos o caso mais simples, o da nutrição primitiva: o protoplasma estende seus pseudópodes para procurar algo que lhe resista - não por fome, mas sim por vontade de poder. Em seguida, faz a tentativa de vencer esse algo, de apropriar-se dele para si, de incorporá-lo em si: - isso que se chama "nutrição" é apenas uma manifestação consecutiva, um emprego utilitário daquela vontade original de tornar-se *mais fortalecido*.

Portanto, o desprazer não tem como consequência necessária uma *diminuição de nosso sentimento de poder*; comumente, essa diminuição atua como estímulo desse sentimento de poder, - o obstáculo é o *stimulus* dessa vontade de poder.

Confundiu-se o desprazer com uma espécie de desprazer, aquela do esgotamento: a última apresenta, de fato, uma profunda diminuição e desalento da vontade de poder, uma mensurável perda de força. Isso quer dizer: desprazer como meio estimulante para fortalecer o poder e desprazer

depois de um desperdício de poder; no primeiro caso um *stimulus*, no último a consequência de uma estimulação excessiva... A incapacidade para a resistência é própria do último desprazer: a provocação do que resiste pertence ao primeiro... O único prazer que ainda só se sente no estado de esgotamento é o adormecer; o prazer, no outro caso, é a vitória...

A grande confusão dos psicólogos consiste no fato de que eles não distinguiram essas duas *espécies de prazer* - a do *adormecer* e a da *vitória*. Os esgotados querem repouso, espreguiçar dos membros, paz, calma - é a *felicidade* das religiões e das filosofias niilistas; - os ricos e vivazes querem vitória, opositores superados, torrente faustosa de sentimento de poder sobre domínios mais vastos do que os de até então: todas as funções salutares do organismo têm essa necessidade, - e todo organismo é um tal complexo de sistemas lutando por crescimento de sentimentos de poder - - -

704

Como pode acontecer que os artigos de fé fundamentais na psicologia sejam todos as piores deturpações e falsificações? “*O homem anseia por felicidade*”, por exemplo - o que é verdadeiro nisso! Para que se compreenda o que é vida, que espécie de ansiar e tensão é vida, a mesma fórmula há de ser igualmente válida tanto para a árvore e a planta como para o animal: “Pelo que anseia a planta?” - mas aqui já inventamos uma falsa unidade que não há: o fato de um crescimento de milhões de vezes com iniciativas próprias e semipróprias é escondido e negado se antepusermos uma grosseira unidade “planta”. Que os últimos e menores indivíduos *não* sejam comprehensíveis no sentido de um “indivíduo metafísico” e do átomo, que sua esfera de poder constantemente se desloque - isso é o que é visível, antes de tudo: mas cada um deles anseia, se se altera desta maneira, *por felicidade*? - Mas todo propagar, incorporar, crescer é um ansiar por algo que resista; movimento é essencialmente algo ligado a estados de desprazer:

o que pulsa aqui há de sempre querer algo de outro, se dessa maneira quer e procura o desprazer continuamente. - Pelo que lutam as árvores de uma floresta primeva? Pela “felicidade”?

- *Por poder!...*

O homem que se tornou senhor sobre as potestades da natureza, que se tornou senhor sobre seu próprio caráter selvagem e sobre sua própria desmedida: os apetites aprenderam a seguir, aprenderam a ser úteis.

O homem, em comparação com o antecessor do homem, apresenta uma imensa quantidade de *poder* - *não* um mais de “felicidade”: como pode afirmar-se que ele tenha *ansiado* por felicidade?...

705

Enquanto digo isso, vejo brilhar sobre mim, entre as estrelas, a *enorme cauda de ratazana dos erros*, a qual valeu, até agora, como a mais elevada inspiração da humanidade: “Toda felicidade é consequência da virtude, toda virtude é consequência da vontade livre”!

Invertamos os valores: toda habilidade é consequência de uma feliz organização, toda liberdade é consequência da habilidade (- liberdade entendida aqui como facilidade no autodirecionamento; todo artista me entende).

706

“O valor da vida”: mas vida é um caso isolado, há de justificar-se *toda* a existência e *não* somente a vida - o princípio justificador é tal que, a partir dele, a vida *se explica*.

A vida mesma não é nenhum meio para algo; ela é a *expressão* de formas de crescimento do poder.

707

[O “mundo *consciente*” não pode valer como *ponto de partida de valor*:] Necessidade de uma avaliação “*objetiva*”.

Em relação ao imenso e múltiplo trabalhar um em favor do outro e um contra o outro, como mostra o todo da vida de cada organismo, seu mundo *consciente*, de sentimentos, intenções, apreciações de valor, é um pequeno recorte. Não temos nenhum direito de postular esse pequeno pedaço-consciência como fim - como “por quê?” - daquele fenômeno total da vida: evidentemente, o tornar-se consciente é só um meio a mais no desdobramento da vida e na sua extensão do poder. Por isso é uma ingenuidade postular como valor mais elevado o prazer, a espiritualidade, a moralidade ou qualquer outra particularidade da esfera da consciência: e talvez justificar “o mundo” a partir delas. - Esta é minha *objeção fundamental* contra toda cosmodiceia e toda teodiceia filosóficas e morais, contra todos os *porquês e valores mais elevados* na filosofia e na filosofia da religião até hoje. *Uma espécie dos meios foi mal-entendida como fim: a vida e seu aumento de poder foram invertidos*, rebaixados a meios.

Se quiséssemos estabelecer um fim para a vida com amplitude suficiente, então ele não poderia coincidir com nenhuma categoria da vida consciente; ele haveria, antes, de *explicar* cada uma delas *como meio para si...*

A “negação da vida” como meta da vida, como meta do desenvolvimento, a existência como grande tolice: uma tal *interpretação-desvairada* é somente o rebento de uma *medição* da vida por fatores da *consciência* (prazer e desprazer, bom e mau). Aqui, os meios são válidos contra o fim; os meios “profanos”, absurdos, antes de tudo *desagradáveis* - como pode o fim, que utiliza tais meios, servir para alguma coisa! Mas a falha está no fato de que nós, em vez de *procurarmos* o fim que explica a *necessidade* de tais meios, pressupomos de antemão um fim que justamente *exclui* tais meios: isto é, a falha está no fato de que tomamos como *norma* uma deseabilidade em

relação a certos meios (a saber, agradáveis, racionais, virtuosos), norma a partir da qual postulamos de saída qual *fim da totalidade* é desejável...

A *falha fundamental* está sempre no fato de que postulamos a consciência como critério, como o mais elevado estado de valor da vida, em vez de a considerarmos como instrumento e particularidade na totalidade da vida: em resumo, trata-se da falsa perspectiva do *a parte ad totum*.²⁴⁰ Por isso todos os filósofos estão sempre buscando imaginar, instintivamente, uma consciênciade-conjunto, um conviver e um querer-em-comunhão conscientes de tudo o que acontece, um “espírito”, um “Deus”. Havemos de dizer-lhes, todavia, que, *justamente com isso*, a *existência* torna-se um *monstro*; que um “Deus” e sensório da totalidade seria, pura e simplesmente, algo por cuja causa da existência haveria de ser *condenado*... Justamente no fato de que *eliminamos* a consciência-totalidade que estabelece fim e meio está o nosso *grande alívio* - com isso, deixamos de *precisar* ser pessimistas... *Nosso maior reproche* contra a existência era a *existência de Deus*...

708

[*Do valor do “devir”*. -] Se o movimento do mundo tivesse um estado final, então ele haveria de ter sido alcançado. O único fato fundamental é, porém, o de que ele não tem *nenhum* estado final: toda filosofia ou hipótese científica (por exemplo, a do mecanicismo) em que um tal estado se torna necessário é *refutada* tão somente pelos fatos... Procuro uma concepção de mundo que faça justiça a *esses* fatos: o devir deve ser explicado sem que se tome refúgio em tais intenções finais: o devir há de aparecer como justificado em cada momento (ou *não depreciável*: o que é a mesma coisa); não se pode tornar justificado o presente pelo futuro, ou o passado pelo presente. A “necessidade” não na forma de uma potestade da totalidade, abrangente, dominante, ou na de um primeiro motor; ainda menos como

necessária para condicionar algo valioso. Para tanto, é necessário negar uma consciência total do devir, negar um “Deus”, para não submeter o acontecer ao ponto de vista de um ser que sente em comunhão, que sabe em comunhão e *que*, todavia, nada *quer*: “Deus” é inútil se não se quer algo, e, por outro lado, estabelece-se com isso uma *soma de desprazer e de ilogicidade* que rebaixaria o valor total do “devir”: felizmente, *falta* um tal poder somador (- um Deus condutor e supervisor, um “sensório da totalidade” e “espírito do todo” - seria a *maior objeção contra o ser [Sein]*).

Mais rigorosamente: *não se pode admitir nada que é em geral [Seiendes]* - porque então o devir perde o seu valor e aparece, pura e simplesmente, como sem sentido e supérfluo.

Consequentemente, há de perguntar-se: como a ilusão do que é [Seienden] pôde surgir (houve de poder surgir);

do mesmo modo: como são desvalorizados todos os juízos de valor que repousam sobre a hipótese de que há o que é [Seiendes].

Com isso, porém, reconhece-se que essa *hipótese do que é [Seienden]* é a fonte de toda *difamação do mundo*

“o mundo melhor, o mundo verdadeiro, o mundo do além, a coisa em si”

1. O devir não tem *nenhum estado final*, não desemboca em um “ser” [“Sein”].
2. O devir não é *nenhum estado de aparência*; talvez o mundo *que é* seja uma aparência.
3. O devir é de valor igual em cada momento: a soma de seu valor permanece igual a si mesma: *expresso de outra maneira-, ele não tem valor absolutamente nenhum*, pois falta algo segundo o que ele fosse mensurável e em relação a que a palavra “valor” tivesse sentido.

O *valor total do mundo não é depreciável*, consequentemente o pessimismo filosófico pertence às coisas cômicas.

- Que nós não façamos mais de “desejabilidades” juízes do *ser*!

Que nós não ponhamos nossas formas finais de desenvolvimento (por exemplo, espírito), por sua vez, como um “em-si” *por trás* do desenvolvimento!

Nosso conhecimento tornou-se científico à medida que pôde empregar número e medida... A tentativa seria a de fazer uma ordenação científica dos valores, a qual seria construída, simplesmente, sobre uma *escala numérica de medida de força*... - todos os demais “valores” são preconceitos, ingenuidades, mal-entendidos... - são, por toda parte, redutíveis àquela escala numérica de medida de força - a *ascensão* nessa escala significa todo *crescimento em valor*: a descida nessa escala significa *diminuição do valor*.

Aqui se tem a aparência e o preconceito contra si. [Os valores morais são somente *valores aparentes*, comparados com os *fisiológicos*.]

[Onde o ponto de vista “valor” não é admissível: -]

- No fato de que, no “*processo do todo*”, o *trabalho da humanidade* não é *levado em consideração*, pois não há absolutamente um processo (este pensado como sistema -) da totalidade:

- de que não há nenhum “todo”, de que *toda depreciação da existência humana*, das metas humanas, não pode ser feita com referência a algo que não existe...

- de que a necessidade, a causalidade, a finalidade são *aparências úteis*

- de que a meta *não* é o aumento da consciência, mas sim o aumento do poder, em cujo aumento a utilidade da consciência é computada, do mesmo

modo que prazer e desprazer

- de que não se tomam os *meios* como medida de valor mais elevada (portanto, se a consciência é um meio, os estados da consciência, como prazer e dor, não podem ser tomados como medida de valor -)
- de que o mundo não é absolutamente nenhum organismo, mas sim o caos: que o desenvolvimento da “espiritualidade” é um meio para a relativa duração da organização...
- de que toda “desejabilidade” não tem nenhum sentido em relação ao caráter total do ser.

712

“Deus” como momento de culminação: a existência é uma eterna divinização e desdivinização. *Mas nisso não há nenhum valor como ponto culminante*, mas sim somente o ponto culminante de poder.

Absoluta *exclusão do mecanicismo* e da *matéria-*, ambos são apenas formas de expressão de estágios mais baixos, a forma mais despida de espiritualidade do afeto (“da vontade de poder”).

Apresentar o *recuo do ponto culminante no devir* (da mais elevada espiritualização do poder para a base mais escravocrata) como *consequência* dessa força suprema que, voltando-se *contra si*, depois que ela não tenha mais nada para organizar, emprega a sua força *para desorganizar...*

- a) A *vitória* sempre maior sobre as sociedades e a subjugação das mesmas sob um número menor, porém mais forte;
- b) a vitória sempre maior sobre os privilegiados e mais fortes e consequente ascensão da democracia, finalmente *anarquia* dos elementos.

713

Valor é a suprema quantidade de poder que o homem consegue incorporar em si - o homem: *não* a humanidade... A humanidade é antes um

meio do que um fim. Trata-se do tipo: a humanidade é meramente o material de ensaio, o imenso excesso de malogrados: um campo de ruínas...

714

As palavras do valor são bandeiras plantadas lá onde foi inventada uma *nova bem-aventurança* - um novo *sentimento*.

715

O ponto de vista do “valor” é o ponto de vista das *condições de conservação e incremento* com referência à complexa configuração da relativa duração da vida no interior do devir:

- não há unidades últimas duradouras, átomos, mônadas: também aqui “o que é” [“*das Seiende*”] é antes *introduzido* por nós (por motivos práticos, utilmente perspectivos).
- “*Configuração de domínio*”; a esfera dos dominadores continuamente crescendo, ou à mercê do favor e desfavor das circunstâncias (da alimentação -), periodicamente decrescendo e crescendo.
- “Valor” é essencialmente o ponto de vista para o crescimento ou decrescimento desses centros dominantes (“multiplicidades”, em todo caso, mas a “unidade” não é absolutamente existente na natureza do devir).
- Os meios de expressão da língua são inutilizáveis para exprimir o devir: pertence à nossa *indissolúvel necessidade de conservação* estabelecer constantemente o único mundo grosso do que permanece, de “coisas” etc. De maneira relativa, podemos falar de átomos e mônadas: e é certo que o *menor dos mundos seja o maior em duração...*
- não há vontade alguma: há pontuações de vontade, que constantemente aumentam o seu poder ou o perdem.

-
- 233 Em grego no original: “fins”. [N.T.]
- 234 No pirronismo, negação da possibilidade de se alcançar a verdade, gerando a indiferença tranquila e desapaixonada que caracteriza o filósofo céptico da Antiguidade. Em Bacon (1561-1626), dúvida permanente e incontornável na busca do conhecimento, contraposta a um procedimento dubitativo restrito e provisório, usado como instrumento heurístico. [N.T.]
- 235 Em francês no original: “O animal nunca progride como espécie; só o homem progride como espécie”. [N.T.]
- 236 Em francês no original: “desnaturar a natureza”. [N.T.]
- 237 Em francês no original: “os humildes”. [N.T.]
- 238 Em italiano no original: “Sobre a índole do prazer e da dor”. [N.T.]
- 239 Em italiano no original: “O único princípio motor do homem é a dor. A dor precede todo prazer. O prazer não é um ser positivo”. [N.T.]
- 240 Em latim no original: “da parte ao todo”. [N.T.]

[III. A VONTADE DE PODER COMO SOCIEDADE E INDIVÍDUO]

[1. Sociedade e Estado]

716

Princípio: somente os indivíduos se sentem *responsáveis*. As massas foram inventadas para fazer coisas que o indivíduo não se anima a fazer. - Precisamente por isso, todas as coletividades e sociedades são cem vezes mais *sinceras e instrutivas* sobre a essência [Wesen] do homem do que o indivíduo. Este é fraco demais para ter a coragem para os seus apetites...

Todo “altruísmo” é uma *prudência de homem privado*: as sociedades não são “altruistas” umas com as outras... O mandamento de amar o próximo jamais foi estendido a um mandamento de amar o vizinho. Antes vale ainda o que está no *Manu* :²⁴¹ [“Devemos pensar em todos os reinos que nos fazem fronteira, tanto quanto nos seus aliados, como nossos inimigos. Pelas mesmas razões, os vizinhos *destes* devem ser considerados nossos amigos.”]

É por isso que o estudo da sociedade é tão inestimável, pois o homem é muito mais *ingênuo* como sociedade do que como “unidade”. - A “sociedade” jamais enxergou a *virtude* de outra maneira, senão como meio dos fortes, do poder e da ordem.

Quão simples e digno soa o *Manu*: “Dificilmente a virtude poderia afirmar-se por sua própria força. No fundo, é apenas o medo da punição o que mantém os homens nos limites e deixa a cada um a posse tranquila do que é seu.”

717

O *Estado* ou a *imoralidade organizada...* *interior*: como polícia, direito penal, classes sociais, comércio, família; *exterior*: como vontade de poder, de guerra, de conquista, de vingança.

Como se pôde alcançar que ele realizasse uma *grande quantidade de coisas* das quais o *indivíduo* jamais seria capaz? - Mediante a divisão da responsabilidade - do comando e da execução - por meio da *interposição* da virtude da obediência, do dever, do amor à pátria e aos príncipes - pela manutenção do orgulho, da austeridade, da força, do ódio, da vingança, em suma: por meio de todos os traços típicos que *contradizem* o tipo-rebanho...

718

Vós todos não tendes a coragem de matar um homem, ou simplesmente de açoitar, ou mesmo de - mas a monstruosa loucura no Estado subjuga a tal ponto o indivíduo, que ele *rejeita* a responsabilidade pelo que faz (obediência, juramento etc.).

- Tudo o que um homem *faz* a serviço do Estado vai de encontro à sua natureza...

- da mesma forma, tudo o que ele *aprende* na perspectiva do futuro serviço do Estado contraria a sua natureza.

Isso foi alcançado com a *divisão do trabalho*: ninguém tem mais a responsabilidade total:

o legislador - e aquele que executa a lei: o professor de disciplina e aqueles que se tornaram duros e austeros na disciplina.

719

Uma *divisão do trabalho* dos *afetos* no interior da sociedade: de modo que os indivíduos e as classes cultivem aquela espécie de alma *incompleta*, mas, precisamente por isso, *a mais útil*. Em que medida alguns afetos se tornaram

quase *rudimentares* no interior da sociedade (para a mais forte preparação de um outro afeto).

Para a justificação da moral:

- a justificação econômica (a intenção do maior aproveitamento possível da força-individual contra o desperdício de toda exceção)
- a justificação *estética* (a conformação de tipos sólidos juntamente com a satisfação com o próprio tipo)
- a justificação *política* (como arte de resistir às pesadas situações de tensão de diferentes níveis de poder -)
- a justificação *psicológica* (como preponderância imaginária da estimação em favor daqueles que se saíram mal ou de modo medíocre - para a conservação dos fracos).

720

O mais terrível e profundo desejo do homem, sua pulsão [*Trieb*] para o poder - nomeia-se essa pulsão “liberdade” - deve ser durante muito tempo limitada. Por isso a ética se constituiu até aqui, com os seus instintos inconscientes de educação e cultivo, para manter nos limites o apetite de poder: ela difama o indivíduo tirânico e acentua o instinto de poder do rebanho, com a glorificação do cuidado e da assistência mútua, assim como do amor à pátria.

721

A *incapacidade para o poder*: sua *hipocrisia* e *esperteza*: como obediência (enquadramento, orgulho do dever, moralidade...); como submissão, abnegação, amor (idealização, endeusamento do mandante como compensação e autotransfiguração indireta); como fatalismo, resignação; como “objetividade”; como tirania para consigo mesmo (estoicismo, ascese, “autorrenúncia”, “santificação”); (por toda parte exprime-se a necessidade de

ainda exercer algum poder ou de produzir temporariamente, para si mesmo, a *aparência* de poder - como *embriaguez*) como crítica, pessimismo, indignação, tormento espiritual; como “bela alma”, “virtude”, “autoendeusamento”, “à margem”, “estar limpo do mundo” etc. (- o conhecimento da incapacidade para o poder disfarçando-se em *dédatn*).²⁴²

Os homens que querem o poder pelas *vantagens* e a felicidade que ele outorga: os partidos políticos.

Outros homens que querem o poder mesmo com visíveis *desvantagens* e *sacrifícios* da felicidade e do bem-estar: os ambiciosos.

Outros homens que querem o poder só porque, do contrário, cairiam em mãos daqueles de quem eles não querem depender.

722

Crítica da “justiça” e da “igualdade perante a lei”: o que com isso deve ser propriamente *eliminado*? A tensão, a inimizade, o ódio - mas é um erro acreditar que desse modo “*a felicidade* aumenta: os corsos fruem mais felicidade que os continentais.

723

- A “*reciprocidade*”, a intenção dissimulada de querer ser-recompensado, é uma das formas mais capciosas de degradação humana. Ela traz consigo aquela “igualdade” que deprecia como *imoral* o abismo da distância.

724

O que se chama de útil depende totalmente da *intenção*, do para quê?; a intenção, por sua vez, depende totalmente do grau de *poder*: por isso o utilitarismo não pode ser nenhum fundamento, mas antes uma doutrina de *consequências*, e não deve conduzir, em hipótese alguma, a uma *obrigatoriedade* para todos.

725

A *teoria* do Estado foi considerada outrora como uma utilidade calculista: *hoje se tem, além disso, a práxis!* - O tempo dos reis já passou, pois os povos já não são mais dignos deles: eles não *querem* ver no rei o modelo do seu ideal, mas antes um meio do seu proveito. - Esta é toda a verdade!

726

De minha parte, tento compreender a *absoluta racionalidade* do julgamento e da apreciação de valor sociais: naturalmente, livre da vontade de computar com isso resultados morais.

: o grau de *falsidade psicológica* e de opacidade, para *santificar* afetos essenciais para a conservação e para o aumento de poder (a fim de, por eles, produzir a *boa consciência*).

: o grau de *parvoíce* para que permaneçam possíveis uma regulação e uma valoração coletivas (para tanto, educação, vigilância dos elementos que entram na formação, adestramento).

: o grau de *inquisição, desconfiança e intolerância*, a fim de tratar as exceções como criminosos e reprimi-los, - a fim de dar a eles mesmos a má consciência, de tal modo que sejam internamente doentes de sua própria excepcionalidade.

727

Moral entendida essencialmente como *defesa*, como meio defensivo: sendo com isso um sinal distintivo do homem imaturo (encouraçado; estoico).

O homem maduro porta, antes de tudo, *armas*: ele é *agressivo*.

Transforma instrumentos de guerra em instrumentos da paz (de escamas e placas, faz plumas e fios de cabelo).

Pertence ao conceito de ser vivo o fato de que ele deve crescer, - o fato de que deve alargar seu poder e, consequentemente, incorporar forças alheias. Sob a névoa da narcose moral, fala-se de um direito do indivíduo de defender-se: no mesmo sentido dever-se-ia mencionar também o seu direito de atacar: pois *ambos* - e o segundo ainda mais que o primeiro - são necessidades para todo ser vivo; o egoísmo defensivo e o agressivo não são questões de escolha ou mesmo de “vontade livre”, mas antes a *fatalidade* da vida.

Nesse aspecto, é indiferente que se tenha em vista um indivíduo, um corpo vivo ou uma “sociedade” que anseia por ascensão. No fundo, o direito ao castigo (ou à autodefesa da sociedade) só é alcançado mediante um mau uso da palavra “direito”: um direito é adquirido por meio de tratados, - mas o proteger-se e o defender-se não repousam sobre nenhum tratado. Ao menos, com a mesma boa-fé, um povo deveria indicar, como um direito, sua necessidade de conquista, seu apetite de poder, seja por meio das armas ou do comércio, da comunicação ou da colonização, - algo como um direito de crescimento. Uma sociedade que renuncia definitivamente ao seu *instinto* de guerra e à conquista está em franca decadência: está madura para a democracia e para o regime dos pequeno-burgueses... Na maioria dos casos, sem dúvida, os esforços para assegurar a paz são meros meios de entorpecimento.

A manutenção do Estado-militar é o derradeiro recurso, seja para receber, seja para conservar a grande tradição referente ao tipo superior de homem, ao tipo forte. Por esse motivo, todos os conceitos que perpetuam a inimizade

e a hierarquia dos Estados poderiam parecer sancionados (por exemplo: nacionalismo, protecionismo).

730

Para que algo maior do que um indivíduo deva subsistir, para que, portanto, uma *obra*, feita talvez por um indivíduo, permaneça, para tanto deve ser imposta ao indivíduo toda espécie possível de restrições, de unilateralidades etc. Com que meio? O amor, a veneração, a gratidão em relação à pessoa que criou a obra é uma facilitação: ou o fato de que nossos avós lutaram por ela: ou o fato de que meus sucessores só estarão garantidos se eu garantir aquela *obra* (por exemplo: a πόλις).²⁴³ A *moral* é essencialmente o meio de fazer com que algo dure para além dos indivíduos, ou melhor, com uma *escravização* dos indivíduos. Compreende-se que a perspectiva de baixo para cima fornecerá expressões inteiramente diversas da de cima para baixo.

Como se pode *conservar* um complexo-de-poder? Fazendo com que muitas gerações se sacrificuem por ele.

731

O *continuum*: “matrimônio, propriedade, língua, tradição, estirpe, família, povo, Estado” são contínuos de ordem inferior e superior. A economia dos mesmos consiste no *excedente* das vantagens do trabalho ininterrupto, tanto quanto de sua multiplicação, sobre as *desvantagens*: os custos maiores da substituição das partes ou da sua durabilidade. (Multiplicação das partes atuantes, as quais permanecem, todavia, frequentemente desocupadas; portanto, maiores custos de aquisição e custos não insignificantes de manutenção.) A vantagem reside no fato de se evitarem as interrupções e de serem economizados os prejuízos decorrentes delas. *Nada é mais dispendioso do que novos começos.*

“Tanto maiores são as vantagens da existência, tanto maiores também são os custos de manutenção e produção (alimentação e reprodução); tanto maiores também são os perigos e a probabilidade de sucumbir diante da elevação da vida alcançada.”

732

Nos casamentos, no sentido *burguês* da palavra, bem entendido, no sentido mais respeitável da palavra “casamento”, não se trata absolutamente de amor, tampouco de dinheiro - com base no amor não se faz nenhuma instituição -: trata-se, antes, da autorização social que duas pessoas concedem uma à outra para a satisfação sexual, sob certas condições, naturalmente, mas condições tais que elas tenham em vista o *interesse da sociedade*. Pertence às pressuposições de um tal consórcio, evidentemente, que haja algum bem-estar entre os participantes e muita boa vontade - vontade de paciência, compatibilidade, preocupação de um com o outro; mas nem por isso se deveria abusar da palavra amor! Para dois amantes, no sentido pleno e forte da palavra, a satisfação sexual não é essencial, sendo propriamente apenas um símbolo: para uma parte, como foi dito, símbolo da submissão incondicional, para a outra, símbolo da anuêncià àquela, sinal do ato de tomar posse. - No casamento, no sentido nobre e venerável da palavra, trata-se do *cultivo* de uma raça (ainda hoje há nobreza? *Quaeritur*),²⁴⁴ - trata-se, portanto, da manutenção de um tipo firme e determinado de homens dominadores: homem e mulher sacrificar-se-iam a esse ponto de vista. Compreende-se que, até aqui, o amor *não* tenha sido a primeira exigência, pelo contrário! Nem sequer aquela medida de boa vontade de um pelo outro que requer o bom casamento burguês. Decisivo foi, de início, o interesse de uma família, e sobre ele - o estamento. Diante da frieza, do rigor e da clareza calculadora de um tal conceito de casamento

aristocrático, tal como ele dominou junto a toda aristocracia saudável, seja na antiga Atenas, seja ainda na Europa do século XVIII, nós, os animais de sangue quente e coração melindroso, nós, “modernos”, sentiríamos calafrios! Precisamente por isso, o amor como paixão, de acordo com o entendimento grande da palavra, foi *inventado* no mundo aristocrático e para ele, - ali onde a coação, a privação eram as maiores possíveis...

733

Para o futuro do casamento: - uma sobrecarga de impostos sobre a herança etc., assim como uma sobrecarga crescente de serviço militar para os solteiros a partir de determinada idade (no interior da comunidade);

benefícios de toda espécie para pais que trazem ao mundo muitos rapazinhos: talvez uma maioria de votos;

um *protocolo médico* precedendo todo casamento e assinado pelos dirigentes da comunidade: nele devem ser respondidas várias questões determinadas, da parte dos noivos e dos médicos (“história da família” -);

como antídoto contra a *prostituição* (ou como seu enobrecimento): casamentos por período de tempo, legalizados (por ano, por meses, por dias), com garantia para os filhos;

todo casamento autorizado e recomendado por um certo número de homens confiáveis de uma comunidade: como um assunto da comunidade.

734

Também um mandamento da filantropia. - Há casos em que um filho seria um crime: em doentes crônicos e neurastênicos de terceiro grau. O que se há de fazer, então? Poder-se-ia tentar incentivar tais doentes à castidade com a música de *Parsifal*:²⁴⁵ Parsifal, ele próprio, esse típico idiota, tinha razões de sobra para não se reproduzir. A calamidade consiste em que uma certa incapacidade de “dominar-se” (- de *não* reagir a estímulos, e mesmo a um

pequeno estímulo sexual) pertence às consequências mais regulares do esgotamento geral. Seria claramente um equívoco se se representasse, por exemplo, Leopardi como um casto. O sacerdote e o moralista jogam aí um jogo perdido; faz-se ainda melhor enviando-o à farmácia. Por fim, a sociedade deve aqui cumprir um *dever*: há poucas exigências de tal modo urgentes e fundamentais. A sociedade, como a grande mandatária da vida, deve responder, *perante* a própria vida, por toda vida falhada, - ela deve igualmente expiá-la: por conseguinte, *deve* impedi-la. A sociedade *deve* evitar, em inúmeros casos, a procriação: cabe-lhe, além disso, ter à disposição, sem consideração por origem, posição e espírito, as mais rigorosas medidas coercitivas, privações de liberdade e talvez mesmo castrações. A interdição-bíblica “não matarás!” é uma ingenuidade se comparada à seriedade da interdição vital aos *decadents* : “não deveis dar à luz!”... A vida não reconhece nenhuma solidariedade, nenhuma “igualdade de direitos” entre partes saudáveis e degeneradas de um organismo: deve-se, por fim, amputar as últimas - do contrário, é o todo que vem a sucumbir. - *Compaixão* pelos *décadents*, *direitos iguais* também para os falhados - isso seria a mais profunda imoralidade, isso seria a *contranatureza* como moral.

735

Existem naturezas dispostas de maneira tenra e doentia, os assim chamados idealistas, de modo que o máximo de altura que atingem é um crime, *cru, vert*. Tal crime é a grande justificação para a sua existência pequena e apagada, um pagamento por uma longa covardia e mentira, um *instante* ao menos de força: após o qual elas acabam por perecer.

736

Em nosso mundo civilizado, nós quase só topamos com criminosos raquíticos, esmagados pela maldição e o desdém da sociedade, que

desconfiam de si e que, frequentemente, diminuem seu feito e o caluniam, em suma: *um tipo infeliz de criminoso*; e resistimos à representação de que *todos os grandes homens foram criminosos* (criminosos em grande estilo, bem entendido, e não em estilo mesquinho), de que o crime pertence à grandeza (- é isso que, em sã consciência, têm declarado os examinadores de entradas e todos aqueles que *sondaram* mais profundamente as grandes almas). A “liberdade de pássaro” diante do que é tradicional, da consciência, do dever - todo grande homem conhece esse perigo. Mas ele também o *quer*: ele *quer* o grande alvo e, por isso, quer também o meio que leva até lá.

737

Os tempos nos quais se *governam* os homens com *recompensa e punição* têm em vista uma espécie inferior e ainda primitiva de homem: esta comporta-se como *crianças*...

Em meio à nossa cultura tardia, a fatalidade e a degenerescência *suprimiram* completamente o sentido de recompensa e punição...

A *determinação* efetiva da ação, segundo a perspectiva de recompensa e punição, pressupõe raças jovens, potentes e fortes. Nas raças mais antigas, os impulsos são de tal modo *irrefreáveis* que uma simples representação é absolutamente impotente...

não poder resistir quando se dá um estímulo, mas antes *ter de* segui-lo: essa extrema irritabilidade dos *décadents* torna sem sentido semelhante sistema de punição e *aprimoramento*...

*

O conceito “aprimoramento” [repousa] sobre a pressuposição de um homem forte e normal, cuja ação individual deve ser, de algum modo, novamente *compensada*, a fim de *não perdê-lo*, a fim de não tê-lo como um *inimigo*...

Efeito da *interdição*. - Todo poder que interdita, e que sabe perfeitamente suscitar o medo naquele a quem interdita algo, gera a “má consciência” (esta é a ânsia por algo, juntamente com a consciência da *periculosidade* de sua satisfação, com coação ao segredo, ao atalho furtivo, à precaução). Toda interdição envilece o caráter daqueles que não se submetem a ela de boa vontade, mas somente coagidos.

“Recompensa e punição”. - Ambos vivem juntos, e juntos também perecem. Hoje não se quer ser recompensado, assim como não se quer *admitir* ninguém que castiga...

Fica-se em pé de guerra: *quer-se* algo, tem-se com isso opositores, talvez se consiga isso da maneira a mais racional *fazendo-se as pazes*, - fechando um *contrato*.

Uma sociedade moderna é aquela na qual todo indivíduo fechou o seu “contrato”: o criminoso é um *rompedor de contrato*... Este seria um conceito mais claro. Então, anarquistas e opositores *por princípio* de uma forma de sociedade não poderiam ser tolerados no interior dela mesma...

O *crime* pertence ao conceito “rebelião contra a ordem social”. Não se “castiga” um revoltoso: faz-se com que ele *se dobre*. Um revoltoso pode ser um homem mesquinho e desprezível: em si, não há nada em uma rebelião para se desprezar - e ser revoltoso em relação à nossa espécie de sociedade ainda não rebaixa, em si, o valor de um homem. Há casos em que se deveria homenagear um tal revoltoso, pois ele sente, na sociedade, algo que se deve combater: casos em que ele nos desperta de nosso sono.

Daí que o criminoso que cometa algo isolado contra um indivíduo isolado não represente uma refutação de que todo o seu instinto esteja em estado de guerra contra a ordem global: o feito como um mero sintoma.

Deve-se reduzir o conceito de punição ao conceito: repressão de uma rebelião, normas de segurança contra os reprimidos (reclusão total ou parcial). Mas não se deve manifestar *desprezo* com a punição: um criminoso é, em todo caso, um homem que arriscou a vida, a honra, a liberdade - um homem de coragem. Também não se deve tomar a punição como uma penitência; ou como um pagamento, como se houvesse uma contrapartida entre culpa e punição - a punição não purifica, *pois* o crime não suja.

Não se deve fechar ao criminoso a possibilidade de fazer as pazes com a sociedade: desde que ele não pertença à *raça da criminalidade*. Neste último caso, deve-se fazer-lhe guerra, antes mesmo que ele tenha feito algo hostil (primeira operação, assim que se tenha em mãos esse tipo de criminoso: castrá-lo).

Não se deve creditar ao criminoso, como uma desvantagem, a sua má índole e o estágio inferior de sua inteligência. Nada é mais habitual do que ele se equivocar a seu próprio respeito: particularmente o seu instinto revoltado, o rancor do *déclassé*,²⁴⁶ frequentemente não chega à consciência, *faute de lecture*;²⁴⁷ nada é mais habitual que ele calunie e desonre a sua ação sob a impressão do medo e do insucesso: abstraindo ainda totalmente aqueles casos nos quais, verificado psicologicamente, o criminoso cede a uma propensão não compreendida e atribui à sua ação um falso motivo por meio de uma ação secundária (como um roubo, enquanto para ele o importante era o sangue...)

Deve-se guardar de determinar o valor de um homem por uma única ação. Já Napoleão alertou sobre isso. Nomeadamente, as ações alto-relevo são particularmente insignificantes. Se um de nós não tem na consciência

um crime, por exemplo, um assassinato - a que isso se deve? Ao fato de que nos faltaram algumas circunstâncias favoráveis. E se o perpetrássemos, o que isso indicaria acerca do nosso valor? Nos desprezariam, caso não nos julgassem capazes de matar um homem em certas circunstâncias. Em quase todos os crimes manifestam-se, ao mesmo tempo, características que não devem faltar a um homem. Não sem razão, Dostoiévski se referiu aos internos daquelas penitenciárias siberianas dizendo que eles formavam a parte mais forte e valorosa do povo russo. Se, entre nós, o criminoso é uma planta mal alimentada e estiolada, então é porque as nossas relações sociais não andam muito bem; no tempo do Renascimento, o criminoso brotava e adquiria a sua própria espécie de virtude, - virtude, bem entendido, ao estilo renascentista, *virtu*, virtude livre da moral [*moralinfreie*].

Só se podem elevar os homens que não tratamos com desprezo; o desprezo moral é um aviltamento e um prejuízo maior do que qualquer crime.

741

Somente à medida que certos castigos foram ligados a homens *desprezíveis* (escravos, por exemplo) é que o insultante adentrou a penalidade. Aqueles que, *na maioria das vezes*, foram castigados eram homens desprezíveis, e, *por fim*, já no próprio castigo havia algo insultante.

742

No antigo direito penal havia um conceito *religioso* poderoso: o da força expiatória da punição. A punição purifica: no mundo moderno, ela suja. A punição é um pagamento: está-se realmente quite com aquilo pelo que tanto se *quis* sofrer. Contanto que se acredite nessa força da punição, então há por trás dela um *alívio* e um *respirar fundo*, que realmente se aproximam de uma nova saúde e de um restabelecimento. Não se faz apenas as pazes com a

sociedade, ganha-se também novamente respeito próprio, - “pureza”... Hoje, a punição isola ainda mais do que o delito; a *fatalidade* por trás de um delito cresceu de tal modo que ele se tornou insanável. Da punição resulta um *inimigo* da sociedade... Há doravante um inimigo a mais...

O *jus talionis*²⁴⁸ pode ser ditado pelo espírito da retribuição (isto é, por uma espécie de moderação do instinto de vingança); mas no *Manu*, por exemplo, é necessário ter um equivalente para *expiar*, de modo a ser novamente “livre” do ponto de vista religioso.

743

Eis o meu ponto de interrogação, razoavelmente radical, em toda legislação penal moderna: as punições devem fazer doer proporcionalmente à magnitude do delito - e isso, no fundo, todos vós quereis! - assim, deveriam ser aplicadas a cada delinquente proporcionalmente à sua sensibilidade para a dor: - isto significa que não deveria *haver absolutamente* uma determinação *antecipada* da punição para um delito, um código penal! Mas, considerando que não seria nada fácil conseguir averiguar em um delinquente a escala-grau de seu prazer e desprazer, não se deveria então *in praxi* desistir da punição? Que prejuízo, não é mesmo? Por conseguinte —

744

Sim, a filosofia do direito! Trata-se de uma ciência que, assim como toda ciência moral, ainda está engatinhando!

Desconhece-se ainda, por exemplo, também entre juristas que se consideram livres, a *significação* mais antiga e mais valiosa de punição - não se a conhece em absoluto: enquanto a ciência do direito não se colocar sobre um novo solo, a saber, sobre a comparação de povos e histórias, ela permanecerá no combate inútil de abstrações fundamentalmente falsas, as quais se apresentam hoje como “filosofia do direito” e são subtraídas, no

conjunto, dos homens atuais. Porém, esse homem atual é uma barafunda tão complicada, também em relação à sua estimação jurídica, que ele permite as mais diversas *interpretações*.

745

Um velho chinês disse ter ouvido que um sinal manifesto de que os impérios devem sucumbir é o fato de possuírem muitas leis.

746

Schopenhauer deseja que os *patifes* sejam castrados e que as *tolas* sejam enclausuradas em conventos: de que ponto de vista isso poderia ser desejável? O patife tem diante dos medíocres a vantagem de que ele não é medíocre; e o tolo *nos* sobrepuja pelo fato de que ele não sofre diante da mediocridade...

Mais desejável seria que o abismo fosse maior, - portanto, que a patifaria e a tolice crescessem... Desse modo, *dilatar-se-ia* a natureza humana... Por fim, também isso, precisamente, é o necessário; acontece e não espera que o desejemos ou não. A tolice e a patifaria crescem: isso *faz parte* do “progresso”.

747

Difundiu-se na sociedade uma grande quantidade de consideração, de tato, de deferência e de boa vontade diante dos direitos dos estrangeiros, até mesmo diante das reivindicações estrangeiras; vigora, ainda mais, um certo instinto benévolos do valor humano em geral, que se dá a conhecer na confiança e no crédito de toda espécie; o *respeito* pelos homens - e não só pelos homens virtuosos - talvez seja o elemento que nos separa o mais fortemente possível de uma valoração cristã. Temos, em geral, uma boa dose

de ironia quando ainda ouvimos profecias morais; aos nossos olhos, alguém que prega a moral se rebaixa e se torna engraçado.

Esta *liberalidade em moral* pertence aos melhores indícios do nosso tempo. E sempre que encontramos casos onde ela está ausente, notamos isso como uma doença (o caso Carlyle na Inglaterra, o caso Ibsen na Noruega, o caso do pessimismo de Schopenhauer em toda a Europa). Se há algo que se filia ao nosso tempo é a grande quantidade de *imoralidade* que ele se permite, sem que, por isso, se julgue inferior. Pelo contrário! - Pois o que constitui a superioridade da cultura ante a incultura? Por exemplo, a superioridade do Renascimento ante a Idade Média? - Sempre apenas uma só coisa: a grande quantidade de imoralidade *confessada*. Disso se segue, com necessidade, que todos os *cimos* do desenvolvimento humano devem apresentar-se aos olhos do fanático-moral como um *non plus ultra* de corrupção (- pense-se no juízo de Savonarola sobre Florença, no juízo de Platão sobre a Atenas de Péricles, no juízo de Lutero sobre Roma, no juízo de Rousseau sobre a sociedade de Voltaire, no juízo alemão *contra*²⁴⁹ Goethe).

748

Um pouco de ar puro! Essa situação absurda da Europa não deve durar muito mais tempo! Há algum pensamento por trás desse nacionalismo tacanho? Que valor poderia haver agora, quando tudo alude a interesses maiores e comuns, em instigar esse desabrido sentimento próprio?... E isso em uma situação em que a *falta de autonomia espiritual* e a dissolução da nacionalidade saltam aos olhos, e o valor e o sentido próprios da cultura de agora jazem no fundir-se e fertilizar-se mútuos!... E o “novo império” funda-se novamente sobre os pensamentos mais gastos e mais desprezíveis: a igualdade de direitos e de votos...

A luta por primazia em um estado de coisas que não presta para nada: a cultura dos grandes centros urbanos, dos jornais, da febre e da “falta de finalidade”.

A unificação econômica da Europa chega com necessidade - e, do mesmo modo, como reação, os *partidos da paz*...

Um partido da *paz*, sem sentimentalidade, que proíbe a guerra a si e aos seus filhos; que proíbe servir-se de tribunais; que conjura contra si o combate, o protesto e a perseguição; um partido dos oprimidos, ao menos por um tempo; em breve, o *grande* partido. Adversário dos *sentimentos de vingança* e dos *ressentimentos*.

Um *partido da guerra*, com princípios e rigores iguais contra si, adiantando-se em direção inversa -

749

Os príncipes europeus deveriam realmente refletir sobre se eles podem prescindir do nosso apoio. Nós, imoralistas, somos hoje o único poder que não carece de aliados para triunfar: com isso, somos, de longe, os mais fortes entre os fortes. Não precisamos nem mesmo da mentira: que outro poder poderia renunciar a ela? Uma forte sedução combate por nós, talvez a mais forte que há - a sedução da verdade... Da verdade? Quem pôs a palavra em minha boca? Mas eu a retiro novamente; desdenho essa palavra imponente: não, também não temos necessidade dela, chegaríamos ao poder e triunfaríamos mesmo sem a verdade. O fascínio que combate por nós, o olho de Vênus, que torna cegos e cativa mesmo os nossos adversários, é a *magia do extremo*, a sedução exercida por tudo que é mais extremo: nós, imoralistas, somos os *mais extremistas*.

750

As classes dominantes apodrecidas perverteram a imagem do dominador. O “Estado”, como o que ministra a justiça, é uma covardia, pois falta o grande homem conforme o qual se pode medir. - Por fim, a insegurança torna-se tão grande que os homens se curvam diante de *toda* força de vontade que ordena.

751

“A vontade de poder” é de tal modo odiada nos períodos democráticos que toda a psicologia destes parece dirigida a diminuí-la e difamá-la... O tipo do grande ambicioso: tal deve ser Napoleão! E César! E Alexandre!... Como se estes não fossem justamente os maiores *desprezadores* da honra!...

E Helvétius²⁵⁰ nos revela que as pessoas aspiram ao poder a fim de obter os prazeres que estão à disposição do poderoso...: ele comprehende esse aspirar ao poder como vontade de prazer, como hedonismo...

752

Conforme um povo sente que “o direito, a visão, o dom da condução etc. estão com poucos” ou “com muitos” - dá-se um regime *oligárquico* ou um regime *democrático*.

A realeza *representa* a fé em alguém inteiramente superior, em um condutor, salvador, semideus.

A *aristocracia* representa a fé em uma elite da humanidade, em uma casta superior.

A *democracia* representa a *descrença* em grandes homens e na sociedade de elite: “cada um é igual a cada um”. “No fundo, todos juntos somos um gado e uma plebe que só têm olhos para si.”

753

Sou avesso i. ao socialismo, porque ele sonha, de modo totalmente ingênuo, com o “bom, belo e verdadeiro” e com direitos iguais: também o anarquismo quer o mesmo ideal, apenas de uma maneira mais brutal

2. ao parlamentarismo e à imprensa, pois ambos são meios pelos quais o animal de rebanho se torna senhor.

754

Armar o povo significa, pura e simplesmente, armar a plebe.

755

Como os socialistas me parecem ridículos com o seu otimismo idiota em relação ao “homem bom”, que aguarda atrás da moita, esperando pela abolição da ordem atual e pela liberação de todos os “impulsos naturais”.

E o partido contrário é igualmente ridículo, pois não admite a violência na lei, a dureza e o egoísmo em toda espécie de autoridade. “Eu e minha espécie” queremos dominar e restar: quem degenera é expelido ou aniquilado - este é o sentimento fundamental de toda antiga legislação.

Odeia-se mais a representação de uma *espécie superior* de homem do que os monarcas. Antiaristocrático: este apenas se mascara com o ódio aos monarcas -

756

Como todos os partidos são traiçoeiros! - eles trazem à luz algo de seus dirigentes, algo que estes, com grande arte, conseguem dissimular.

757

O socialismo moderno quer criar a forma mundana complementar do jesuitismo: *cada um* é um instrumento absoluto. Mas a finalidade até hoje não foi encontrada. Para quê!

758

A escravidão na atualidade-: uma barbárie! Onde estão aqueles para quem eles trabalham? Nem sempre se deve esperar a *simultaneidade* de ambas as castas complementares.

A utilidade e o divertimento são *teorias de escravos* sobre a vida: a “bênção do trabalho” é uma glorificação deles mesmos. - Incapacidade para o *otium*.²⁵¹

759

- Não se tem nenhum direito à existência, nem ao trabalho, nem mesmo à “felicidade”: o que se passa com o homem individual não difere em nada do que se passa com o verme mais insignificante.

760

Sobre as massas, devemos pensar tão sem consideração como o faz a natureza: com a mesma brutalidade: elas conservam a espécie.

761

Olhar para a penúria das massas com uma melancolia irônica: elas querem algo que *nós* podemos - ah!

762

A democracia europeia é, em tudo e por tudo, um desencadeamento de forças. Sobretudo um desencadeamento de indolências, cansaços e *fraquezas*.

763

[*Do futuro do trabalhador*. -] Trabalhadores deveriam aprender a sentir como *soldados*. Um honorário, um soldo, mas nenhum pagamento!

Nenhuma relação entre pagamento e *produção!* Mas antes se deve colocar o indivíduo, *sempre segundo a sua espécie*, de tal modo que ele possa *produzir o máximo* daquilo que reside em seu âmbito específico.

764

Os trabalhadores devem algum dia viver como agora vivem os burgueses [*Bürger*];²⁵² - mas *sobre* eles, destacando-se pela simplicidade, a *casta superior*: portanto, mais pobre e mais simples, mas de posse do poder.

Para os homens *inferiores* valem as estimações inversas; trata-se de saber plantar neles as “virtudes”. Os comandos absolutos; temíveis mestres da coação; eles arrancam da vida fácil. Os restantes devem obedecer: e sua vaidade exige que não apareçam como dependentes de grandes homens, mas antes de “*princípios*”.

765

“A REDENÇÃO DE TODA CULPA”

Fala-se da “profunda injustiça” do pacto social: como se o fato de alguém ter nascido sob condições favoráveis e um outro sob condições desfavoráveis fosse, por princípio, uma injustiça; o mesmo valendo para o fato de um ter nascido com tais características e outro com aquelas outras. Os mais sinceros entre esses opositores da sociedade chegaram a decretar: “Nós mesmos, com todas as nossas características criminosas, doentias e ruins, as quais confessamos, somos apenas as *consequências* inevitáveis de uma opressão secular dos fracos pelos fortes”; eles responsabilizam as classes dominantes pelo seu caráter. Ameaça-se, zanga-se, amaldiçoa-se; torna-se virtuoso por indignação -, não se admite ter-se tornado debalde um homem ruim, uma *canaille*... Essa atitude, uma invenção de nossos últimos decênios, chama-se também, tanto quanto pude ouvir, pessimismo, e na verdade pessimismo por indignação. Faz-se aqui a reivindicação de julgar a história,

de despi-la de sua fatalidade, de encontrar uma responsabilidade por trás dela, de encontrar nela *culpados*. Pois se trata do seguinte: precisa-se de um culpado. Os malsucedidos, os *décadents* de todo tipo estão em revolta e necessitam de sacrifício para não saciar em si mesmos a sua sede de aniquilação (o que, em si, talvez tivesse a razão a seu favor). Para isso, eles precisam de uma aparência de direito, isto é, de uma teoria, a partir da qual podem *descarregar* o fato de sua existência, o seu ser tais como são, em algum bode expiatório. Esse bode expiatório pode ser Deus - esses ateus por ressentimento pululam na Rússia - ou a ordem social, ou a educação e a instrução, ou os judeus, ou os nobres, ou em geral os *bem-sucedidos* de toda e qualquer extração. “É um crime ter nascido sob condições favoráveis: pois, desse modo, os outros são deserdados, marginalizados e condenados ao vício e mesmo ao *trabalho...* Que culpa tenho de ser um miserável! Mas alguém deve ser culpado disso, *do contrário isso não seria suportável!*”... Em suma, o pessimismo de indignação *inventa* responsabilidades, a fim de criar para si uma sensação *agradável* - a vingança... “doce como mel”, assim já a chamava o velho Homero.

*

Que uma tal teoria não encontre mais compreensão, quer dizer, que encontre *desprezo*, deve-se à porção *cristã* que todos ainda temos no sangue: somos tolerantes em relação às coisas simplesmente porque elas, mesmo de longe, cheiram a algo cristão... Os socialistas apelam para o instinto cristão, essa é a sua esperteza mais sutil... A partir do cristianismo estamos habituados a um conceito supersticioso de “alma”, à “alma imortal”, às almas mònadas, à alma que propriamente está em casa em outra parte e apenas casualmente nessas ou naquelas circunstâncias, às almas que estão como que decaídas no “terrestre” e se tornaram “carne”: sem que sua essência, todavia, seja maculada, e menos ainda *condicionada* por esse fato. As relações sociais,

de parentesco e históricas não passam de relações ocasionais para a alma, e talvez embaraçosas; não são, em todo caso, *obra* sua. Com essa representação faz-se do indivíduo algo transcendente; ele pode atribuir-se uma importância absurda. De fato, o cristianismo foi o primeiro que desafiou o indivíduo a arvorar-se em juiz acima de tudo e de todos, a megalomania tornou-se para ele praticamente um dever: ele deve fazer valer direitos *eternos* sobre tudo o que é temporal e condicionado! Qual Estado! Qual sociedade! Quais leis históricas! Qual fisiologia! Aqui se pronuncia um além do devir, um inalterável em toda história, aqui se pronuncia algo imortal, algo divino: uma *alma!* Um outro conceito cristão não menos extravagante imiscuiu-se de modo ainda mais profundo na carne da modernidade: o conceito da *igualdade das almas perante Deus*. Nele está dado o protótipo de todas as teorias dos *direitos iguais*: ensinou-se primeiro a humanidade a balbuciar o princípio de igualdade de modo religioso e mais tarde fez-se para ela uma moral a partir disso: é um milagre que o homem termine, com isso, por levá-lo a sério e se resolva a *praticá-lo!*, quer dizer, politicamente, democraticamente, socialisticamente, ao modo do pessimista por indignação...

*

Por toda parte onde se buscaram responsabilidades, era o *instinto de vingança* que então as procurava. Esse instinto de vingança tornou-se a tal ponto senhor da humanidade no último milênio, que ele marcou toda a metafísica, a psicologia, a representação histórica, mas, sobretudo, a *moral*. Também enquanto apenas pensou, o homem arrastou para as coisas o bacilo da vingança. Tornou, com isso, mesmo Deus doente, privou da inocência a existência em geral: a saber, pelo fato de que reduziu todo ser determinado à vontade, à intenção, a um ato da responsabilidade. Toda a doutrina da vontade, essa *falsificação* funesta na psicologia até agora, foi essencialmente

inventada para o propósito da vingança. Foi a *utilidade social* do castigo que garantiu a esse conceito a sua dignidade, o seu poder e a sua verdade. Deve-se procurar o autor da antiga psicologia - da psicologia da vontade - nas classes que detinham o direito de castigar, antes de tudo na classe dos sacerdotes que estava no cume da mais antiga comunidade: eles queriam criar para si um direito à vingança - ou queriam criar para *Deus* um tal direito. Para essa finalidade é que o homem foi pensado “livre”; para essa finalidade, toda ação devia ser pensada como querida e a origem da ação como residindo na consciência. Somente nessas sentenças acha-se conservada a antiga psicologia.

Hoje, quando a Europa parece ter entrado em um movimento contrário, quando nós, alciônicos,²⁵³ buscamos riscar e retirar do mundo novamente, com toda a força, os *conceitos* de *culpa* e de *castigo*, quando nossa maior seriedade está em limpar dessa sujeira a psicologia, a moral, a história, a natureza, as instituições e sanções sociais e até mesmo Deus - em quem devemos enxergar os nossos mais instintivos antagonistas? Precisamente naqueles apóstolos da vingança e do ressentimento, naqueles pessimistas por indignação *par excellence*, os quais tornam uma missão sacralizar a sua sujeira com o nome de “indignação”... Nós outros, que desejamos restituir ao devir a sua inocência, gostaríamos de ser os missionários de um pensamento mais puro, o de que ninguém conferiu ao homem as suas características, nem Deus, nem a sociedade, nem seus pais e antepassados, nem ele mesmo, - que ninguém tem *culpa* por ele ser como é... Falta um ser que possa ser responsabilizado pelo fato de alguém estar aí, ser de um determinado modo, ter nascido sob tais circunstâncias e em certa circunscrição. - *É um grande alívio que falte um tal ser...* Nós *não* somos o resultado de um desígnio eterno, de uma vontade, de um desejo: conosco *não* foi feita a tentativa de se alcançar um “ideal de perfeição” ou um “ideal de felicidade” ou um “ideal de

virtude", - não somos tampouco o erro de Deus, diante do qual ele mesmo devia angustiar-se (- o Antigo Testamento começa com este conhecido pensamento). Falta todo o sítio, todo o fim, todo o sentido aos quais pudéssemos atribuir o nosso ser, o nosso ser de determinado modo. Antes de tudo: ninguém *poderia* tal coisa: não se *pode* julgar, medir, comparar ou mesmo negar o todo! Por que não? - Por cinco razões, todas elas acessíveis mesmo a uma inteligência modesta: por exemplo, *porque não há nada fora do todo*. - E, dito mais uma vez, isso é um grande alívio; aí reside a inocência de toda existência.

[2. *O indivíduo*]

766

Erro fundamental: colocar os fins no rebanho e não nos indivíduos isolados! O rebanho é meio, nada mais! Mas agora se busca compreender *o rebanho como indivíduo* e atribuir-lhe uma posição mais elevada que a do indivíduo isolado, - tal é o mais profundo mal-entendido!! Do mesmo modo, tenta-se caracterizar aquilo que distingue o rebanho como tal, a *simpatia*, como o lado *mais valioso* da nossa natureza!

767

O indivíduo é algo inteiramente *novo e criador do novo*, algo absoluto, todas as ações dizem respeito inteiramente *a ele*.

Os valores para suas ações, o indivíduo as retira, em última instância, de si mesmo: pois ele também deve *interpretar* para si, *de modo inteiramente individual*, as palavras legadas pela tradição. Ao menos a *interpretação* das fórmulas é pessoal, mesmo que ele não *crie* também novas fórmulas: como *intérprete*, ele sempre cria.

768

O “Eu” subjuga e assassina: trabalha como uma célula do organismo: rouba e é brutal. Quer regenerar-se - gravidez. Ele quer parir seu Deus e ver toda a humanidade a seus pés.

769

Todo vivente arrebata tão longe em volta de si quanto a sua força o permite e submete a si o mais fraco: assim é que encontra prazer em si mesmo. A crescente “*humanização*” presente nessa tendência consiste no fato de que sempre se sente *com mais fineza* como é duro realmente *incorporar* o outro: mesmo que o dano grosseiro mostre o nosso poder sobre ele, ao mesmo tempo, porém, sua vontade nos *alheia* ainda mais, - torna-o, portanto, menos subjugável.

770

O grau de resistência que se deve superar constantemente para permanecer *por cima* é a medida da *liberdade*, seja para os indivíduos, seja para as sociedades: liberdade postulada, por sua vez, como poder positivo, como vontade de poder. A forma mais elevada de liberdade-individual, a soberania, cresceria, de acordo com isso, muito provavelmente, a menos de cinco passos de seu contrário, ali onde o perigo da escravidão pende sobre a existência como cem espadas de Damocles.²⁵⁴ ²⁵⁵ Vai-se, por esse ponto de vista, pela história: as épocas nas quais o “indivíduo” amadureceu até aquela perfeição, quer dizer, tornou-se *livre*, as épocas em que o tipo clássico de *homem soberano* foi alcançado: oh, não! Jamais essas épocas foram épocas humanas.

Não se deve ter nenhuma escolha: ou se está por cima - ou se está por baixo, como um verme, escarnecido, aniquilado, destroçado. Deve-se ter os tiranos contra si para torna-se tirano, quer dizer, *livre*. Não é nenhuma

pequena vantagem ter sobre si cem espadas de Damoclés: com isso aprende-se a dançar, com isso chega-se à “liberdade de movimento”.

771

O homem, mais do que todo animal, é originariamente *altruísta*: - daí o seu lento desenvolvimento (criança) e a sua alta preparação, daí também a espécie extraordinária e extremada de egoísmo que desenvolve. - Os animais de rapina são bem mais *individuais* do que o homem.

772

[Para a crítica do “egoísmo”. -] A ingenuidade involuntária de Larocheoucauld, que crê dizer algo de ousado, util e paradoxal - outrora a “verdade” nas coisas psicológicas era algo que fazia ficar pasmo - por exemplo: “*les grandes âmes ne sont pas celles qui ont moins de passions et plus de vertus que les âmes communes, mais seulement celles qui ont de plus grands dessems*.” Sem dúvida: John Stuart Mill (para quem Chamfort foi o *mais nobre* e o mais filosófico Larocheoucauld do século XVIII -) vê nele apenas o observador mais penetrante de tudo aquilo que, no peito humano, remonta e diz respeito ao “egoísmo habitual”, e acrescenta: “um espírito *nobre* não conseguirá impor-se a necessidade de uma observação prolongada da *vulgaridade* e da *baixeza*, a não ser para mostrar contra que influências perniciosas consegue afirmar triunfalmente um sentido mais elevado e a nobreza de caráter”.

773

MORFOLOGIA DOS SENTIMENTOS DE DIGNIDADE PRÓPRIA

Primeiro aspecto

A: em que medida os *sentimentos de simpatia e de comunhão* são os graus mais baixos e preparatórios para o tempo em que o sentimento de dignidade

própria pessoal e a iniciativa de valoração ainda não são possíveis no indivíduo.

B: em que medida a *altura do sentimento de dignidade própria coletiva*, o orgulho do clã pela distância, o sentir-se desigual, a aversão contra a mediação, contra a igualdade de direitos e a reconciliação são uma escola do *sentimento de dignidade própria individual*: nomeadamente, na medida em que eles obrigam os indivíduos a *representarem* o orgulho do todo... Ele deve dizer e agir com extrema consideração por si, à medida que representa em sua pessoa a comunidade... e do mesmo modo: se o indivíduo se sente como *instrumento e porta-voz da divindade*-

C: em que medida essas formas de *abnegação* [*Entselbstung*] proporcionam à pessoa, de fato, uma importância imensa: em que medida potestades superiores servem-se delas: medo religioso diante de si mesmo, estado do profeta, do poeta...

D: em que medida a responsabilidade pelo todo *inclusa* no indivíduo e *permite-lhe* uma vista larga, uma mão severa e temível, uma circunspeção e frieza, uma grandiosidade da atitude [e] do gesto, as quais ele não poderia conceder a si por sua própria causa.

Em suma: os sentimentos de dignidade própria coletivos são a grande pré-escola da soberania pessoal.

A classe nobre é aquela que recebe a herança desse exercício -

As espécies mascaradas da vontade de poder

1. Reclamação de *liberdade*, independência, também de equilíbrio, paz e *coordenação*. Também o eremita, a “liberdade espiritual”. Em sua forma mais baixa: vontade em geral de existir. “Pulsão de autoconservação”.

2. A *classificação*, a fim de satisfazer a sua vontade de poder no todo maior: a *sujeição*, o fazer-se imprescindível, o tornar-se útil para aquele que

detém o poder; o *amor*, como um atalho para o coração do mais poderoso, - a fim de dominar sobre ele.

3. O sentimento de dever, a consciência, o consolo imaginário de pertencer a uma posição *mais elevada* do que a dos reais detentores do poder; o reconhecimento de uma hierarquia que autoriza o *julgar*, mesmo acima dos poderosos; a autocondenação; a invenção *de uma nova tábua de valores* (o exemplo clássico dos judeus).

775

[*O elogio, a gratidão como vontade de poder.*]

Elogio e gratidão pela colheita, pelo bom tempo, pela vitória, pelas núpcias, pela paz: - as festas necessitam todas de um *sujeito* em relação ao qual se descarrega o sentimento. Quer-se que tudo o que acontece de bom a alguém seja algo *feito* a alguém: quer-se o autor do ato. O mesmo acontece diante de uma obra de arte: não se fica satisfeito com ela, louva-se o autor. - Mas o que significa *louvar*? Uma espécie de *compensação* em relação a um benefício recebido, uma *restituição*, um testemunho *do nosso* poder - pois quem louva diz sim, ajuíza, avalia, *julga*: atribui-se o direito de *poder* dizer sim, de *poder* honrar... O sentimento elevado de vida e felicidade também é um elevado *sentimento de poder*: é a partir dele que o homem *louva* (- a partir dele, ele inventa e busca *um autor do ato*, um “*sujeito*” -). A *gratidão* como a *boa vingança*: exercitada e exigida com o máximo rigor ali onde igualdade e orgulho devem ser mantidos simultaneamente, ali onde mais bem se exercita a vingança.

776

PARA O “MACHIAVELISMO” DO PODER

A *vontade de poder* aparece

- a) nos oprimidos, nos escravos de toda espécie, como vontade de “liberdade”: o mero *conseguir livrar-se* parece ser a meta (moral-religiosa: “responsável diante de sua própria consciência moral”; “liberdade evangélica” etc.);
- b) em uma espécie mais forte e que cresceu até o poder, como vontade de supremacia; quando ela não obtém sucesso de início, restringe-se então à vontade de “justiça”, isto é, à vontade da *mesma escala de direitos* que possui a espécie dominante;
- c) nos mais fortes, mais ricos, mais independentes, mais corajosos como “amor à humanidade”, ao “povo”, ao evangelho, à verdade, a Deus; como compaixão; “sacrifício de si” etc.; como dominar, arrebatar consigo, tomar a seu serviço; como um instintivo unificar-se com uma grande quantidade de poder, para a qual *se é capaz de dar um direcionamento-*, o herói, o profeta, o César, o salvador, o pastor (- também o amor sexual tem aqui o seu domicílio: ele *quer* o domínio, o tomar posse, e *aparece*, como um dedicarse... No fundo, [trata-se] apenas do amor a seu “instrumento”, a seu “cavalo”..., sua convicção de que isso e aquilo lhe *pertencem* na condição de alguém que está em condições de *fazer uso*).

“Liberdade”, “justiça” e “amor”!!!

777

Amor. - Veja bem: este amor, esta compaixão das mulheres - haveria algo de mais egoísta?... E quando elas se sacrificam, a sua honra, a sua reputação, a quem elas se sacrificam? Ao homem? Ou, antes, bem mais a uma necessidade desenfreada?

- tais são justamente desejos egoístas: mesmo se fazem bem a outros e plantam gratidão...

- até que ponto semelhante hiperfertilização de uma única avaliação pode *sacralizar* todas as demais!!

“Sentidos”, “paixões”. - O medo dos sentidos, dos desejos, das paixões, quando se chega ao ponto de *desaconselhá-los*, já é um sintoma de *fraqueza*: os meios extremos sempre caracterizam os estados anormais. O que falta aqui, e se encontra respectivamente *esfacelada*, é a força para *inibir* um impulso: quando se tem o instinto de ter que ceder, isto é, de *ter* que reagir, então se faz bem em evitar as ocasiões (“*seduções*”).

Um “estímulo dos sentidos” só é uma *sedução* à medida que se trata de um ser cujo sistema se deixa mover e determinar facilmente: no caso contrário, na grande lentidão e dureza do sistema, os estímulos fortes são necessários para pôr em andamento as funções...

O desregramento, para nós, só é uma objeção para aquele que não tem direito a ele; e quase todas as paixões são difamadas por causa daqueles que não são fortes o suficiente para *tirar proveito* delas -

Devemos entender que tipo de objeção se pode levantar contra *uma paixão*, o que se deve objetar contra *uma doença*: apesar disso - não poderíamos passar sem a doença e menos ainda sem as paixões... *Precisamos* do anormal, proporcionamos à vida um *choc* imenso com essas grandes enfermidades...

Deve-se distinguir no indivíduo:

1. a *paixão dominante*, a qual traz consigo até mesmo a suprema forma de saúde em geral: aqui é a coordenação dos sistemas internos e seus trabalhos para um único serviço que alcança o melhor resultado - mas esta é quase a definição de saúde!

2. o *mútuo contrapor-se* das paixões, a duplicidade, triplicidade, multiplicidade das “almas em um único peito”: muito doentio, ruína interna, ação dissolvente, que denuncia e faz aumentar uma discordia e um

anarquismo internos -: a menos que uma paixão finalmente chegue a prevalecer. *Retorno da saúde* —

3. o estar das paixões uma ao lado da outra, *sem* que sejam contra ou a favor umas das outras: muitas vezes é periódico e então, logo que se encontra uma ordem, também é saudável... Os homens mais interessantes residem aqui, os camaleões; não se acham em contradição consigo, são felizes e seguros, mas não têm nenhum desenvolvimento, - seus estados ficam um ao lado do outro, mesmo quando estão separados sete vezes. Eles mudam, mas não *se tornam*...

779

A *quantidade* inscrita na *finalidade* influencia a óptica da valoração: o *grande* e o *pequeno* criminoso. A quantidade inscrita na *finalidade* do que se quer influencia aquele que quer, caso tenha respeito por si ou se sinta desalentado e miserável. -

Além disso, o grau de *espiritualidade* nos meios influencia a óptica da valoração. Aqui, como em nenhuma outra parte, apresenta-se o inovador filosófico, o experimentador e o homem violento em contraposição ao bandido, ao bárbaro e ao aventureiro! - Aparência de “desinteresse”.

Por fim, atitude, valentia, autoconfiança e maneiras nobres - como elas modificam as valorações daquilo que se alcança dessa maneira!

*

Para a óptica da valoração:

Influência da *quantidade*- (grande, pequena) no *objetivo*.

Influência da *espiritualidade* nos *meios*.

Influência das *maneiras* na *ação*.

Influência do *sucesso* ou *fracasso*.

Influência das forças *contrárias* e de seu valor.

Influência do *lícito* e do *ilícito*.

780

Os *artifícios* para possibilitar ações, regulamentações, afetos, os quais, medidos individualmente, não são mais “admissíveis” - e também não são mais “saborosos” -

- a *arte* “que os torna saborosos para nós” e que nos deixa entrar em tais mundos “estranhos”

- o *historiador* mostra a sua espécie de direito e razão; as viagens; o exotismo; a psicologia; direito penal; hospício; criminoso; sociologia

- a “*impessoalidade*”: de modo que nós, como *termos médios* de um ser coletivo, nos permitimos esses afetos e essas ações (colégio de juízes, júri, cidadão, soldado, ministro, príncipe, sociedade, “crítico”)... assim, aquela nos dá o sentimento de *fazermos um sacrifício*.

781

A preocupação consigo mesmo e com sua “bem-aventurança eterna” *não* é a expressão de uma natureza rica e autoconfiante: pois esta [natureza] pergunta ao diabo se será bem-aventurada - ela não tem nenhum interesse em qualquer espécie de felicidade; é força, ação, desejo, - dispõe das coisas, *profana* as coisas... O cristianismo é uma hipocondria romântica daqueles que não se aguentam em pé - Onde quer que a perspectiva *hedonista* passe para o primeiro plano, pode-se deduzir sofrimento e um certo *fracasso*.

782

A “crescente autonomia do indivíduo”: disso falam esses filósofos parisienses, como Fouillée:²⁵⁶ deviam ter em vista apenas a raça *moutonnier*²⁵⁷ que eles mesmos são!...

Abram, porém, bem os olhos, senhores sociólogos do futuro!

O “indivíduo” tornou-se forte sob condições *inversas*: vós descreveis o enfraquecimento e o definhamento mais extremos do homem, vós quereis esse enfraquecimento e definhamento e, para tanto, precisais de todo o

aparato de mentiras do antigo ideal! Sois *de tal espécie* que sentis realmente como *ideal* as vossas necessidades de animal de rebanho!

Absoluta falta de retidão psicológica!

783

Os dois traços que caracterizam o europeu moderno encontram-se em aparente oposição: o *individualismo* e a *exigência de direitos iguais*: acabei compreendendo isso. A saber, que o indivíduo é uma vaidade extremamente vulnerável: - como ela sofre rapidamente, em sua consciência exige que todo outro indivíduo seja posto em pé de igualdade com ele e esteja somente *inter pares*.²⁵⁸ Com isso, caracteriza-se uma raça social na qual, realmente, os talentos e forças não se elevam uns em relação às outras. O orgulho, que quer solidão e poucos tesouros, acha-se totalmente fora de compreensão; os sucessos realmente “grandes” só existem com as massas; sim, mal se comprehende ainda que um sucesso de massa é sempre um *pequeno* sucesso: pois *pulchrum est paucorum hominum*.²⁵⁹

As morais nada sabem da “hierarquia” entre os homens; os professores de direito nada sabem da consciência-coletiva. O princípio-individual rejeita os homens *realmente grandes* e exige, entre os mais ou menos iguais, o olho mais util e o reconhecimento mais ágil de um talento; posto que cada um possui algum talento, em tais culturas civilizadas e tardias pode, portanto, esperar receber de volta a sua parte de distinção; por isso hoje tem lugar, como nunca antes, um realce dos pequenos méritos: - dá-se à época um verniz de *ilimitada modicidade*. Sua não modicidade reside em uma fúria sem limites *não* contra os tiranos e aduladores do povo, mesmo nas artes, mas antes contra os homens *nobres*, os quais desprezam a sorte de muitos. A exigência de igualdade de direitos (por exemplo, poder ter assento acima de todo e qualquer tribunal) é *antiaristocrática*.

Para o princípio individual, igualmente estranho é o indivíduo apagado, a submersão em um grande tipo, o não-querer-ser-pessoa: o que constituía outrora a distinção e o entusiasmo de muitos homens elevados (os grandes poetas estão entre eles); ou “ser-cidade”, como na Grécia; jesuitismo, corpo de oficiais e de servidores prussianos; ou ser discípulo e continuador de um grande mestre: para o que são necessárias disposições não sociais e a falta da *pequena vaidade*.

784

O *individualismo* é uma espécie modesta e ainda inconsciente da “vontade de poder”; aqui parece já ser suficiente ao indivíduo *conseguir livrar-se* do poder superior da sociedade (seja do Estado ou da Igreja). Ele *não* se coloca em oposição *como pessoa*, mas apenas como indivíduo; defende todos os indivíduos contra a coletividade. Quer dizer: põe-se instintivamente *em pé de igualdade com todo indivíduo-*; o que combate não combate para si como pessoa, mas antes para si como indivíduo, contra a coletividade.

O *socialismo* é tão somente um *meio de agitação do individualismo*: ele entende que a organização para uma ação coletiva, para um “poder”, é uma precondição para se alcançar algo. Mas o que ele quer não é a sociedade como fim do indivíduo, mas a sociedade como *um meio de possibilitar muitos indivíduos* : - esse é o instinto dos socialistas, sobre o qual eles frequentemente se equivocam (abstraindo de que eles, para se impor, precisam enganar constantemente). A pregação moral altruista a serviço do egoísmo-individual: uma das falsidades mais habituais do século *dezenove*.

O *anarquismo* é, também ele, apenas um *meio de agitação do socialismo*; com este ele suscita o medo, com o medo começa a fascinar e a aterrorizar: antes de tudo - atrai para o seu lado os corajosos e ousados, inclusive no espírito.

Apesar de tudo isso: o *individualismo* é o grau *mais modesto* da vontade de poder.

Tão logo se obtém uma certa independência, quer-se mais: destaca-se a *separação* segundo o grau de força: o indivíduo não se nivela mais, pura e simplesmente, mas antes *busca os seus iguais*, - distingue outros de si. Ao individualismo segue-se a *formação de membros e órgãos*: as tendências aparentadas compondo-se e ativando-se como poder, e entre esses centros de poder há atrito, guerra, conhecimento mútuo das forças, equiparação, aproximação, fixação do *intercâmbio de realizações*. Por fim: uma *hierarquia*.

[Recapitulação:]

1. Os indivíduos tornam-se livres
2. eles vão à luta, eles se põem de acordo sobre “igualdade de direitos” (- “justiça” como meta -);
3. sendo esta alcançada, então as *desigualdades reais de força* chegam a um *efeito ainda maior* (pois a paz reina no grande conjunto, e muitas pequenas quantidades de força já constituem diferenças, as quais eram antes praticamente nulas). Agora os indivíduos organizam-se em *grupos* ; os grupos ambicionam privilégios e preponderância. O combate, em sua forma mais branda, enfurece-se novamente.

Quer-se *liberdade* en quanto ainda não se tem o poder. Tendo-o, quer-se supremacia; não se a conquistando (sendo-se ainda fraco demais para ela), quer-se “*justiça*”, isto é, *poder igual*.

Correção do *conceito*

O *egoísmo*. - Quando se concebeu até que ponto o “indivíduo” é um erro, mas antes, precisamente, que todo ser isolado é, em linha direta, o *processo todo* (não só o “herdado”, mas antes ele mesmo...), então o ser isolado adquire uma *significação monstruosamente grande*. O *instinto* fala muito

corretamente a respeito disso. Onde esse instinto *esmorece* (- onde o indivíduo *busca* para si um valor unicamente no serviço que presta aos outros) pode-se deduzir com segurança cansaço e *degeneração*. O altruísmo no modo de pensar, radical e sem hipocrisia [*Tartüfferie*], é um instinto a favor de que se crie ao menos um *segundo valor*, a serviço de outros egoísmos. Mas, na maioria das vezes, ele é apenas *aparente*: um *rodeio* para a conservação do *próprio sentimento da vida, do próprio sentimento de valor*

-

786

HISTÓRIA DA MORALIZAÇÃO E DA DESMORALIZAÇÃO

Primeira tese: não há em absoluto ações morais: elas são perfeitamente ilusórias. Não se trata apenas de que não se possa comprová-las (o que Kant, por exemplo, admitiu, e também o cristianismo) - trata-se, antes, de que elas, *pura e simplesmente, não são possíveis*. Inventou-se uma *oposição* às forças propulsoras, mediante um mal-entendido psicológico, e acredita-se ter designado uma outra espécie delas; fingiu-se um *primum mobile*²⁶⁰ que, pura e simplesmente, não existe. Segundo o juízo que introduziu em geral a oposição “moral” e “imoral”, deve-se dizer: há apenas ações e intenções imorais.

Segunda tese: Toda essa diferenciação entre “moral” e “imoral” parte do pressuposto de que tanto as ações morais quanto as imorais são atos da livre espontaneidade, - em suma, do pressuposto de que há uma tal espontaneidade, ou, expresso de outro modo: do pressuposto de que o ajuizamento moral, em geral, diz respeito apenas a um gênero de intenções e ações, *as ações e intenções livres*.

Mas todo esse gênero de intenções e ações é puramente imaginário: o mundo no qual a norma moral está instalada simplesmente não existe

- não há ações morais nem tampouco ações imorais.

*

O erro psicológico a partir do qual surgiu o conceito de uma oposição “moral” e “imoral”: “desinteressado”, “não egoísta”, “abnegado” - tudo *irreal*, fictício.

Dogmatismo defeituoso em relação ao “ego”, tomado como atomístico, em uma falsa oposição ao “não-eu”; desligado igualmente do devir, como algo que é. A *falsa substancialização do eu*: esta (na crença da imortalidade individual), especialmente sob a pressão da cultura [Zucht] moral-religiosa, converte-se em artigo de fé. Depois desse desprendimento artificial e da explicação em-si-e-por-si do *ego*, teve-se diante de si uma oposição de valor que parecia não contraditória: o *ego-individualizado* e o imenso *não-eu*. Parecia evidente que o valor do *ego-individualizado* só podia residir no fato de ele referir-se ao imenso *não-eu*, respectivamente, no fato de subordinar-se a ele e existir por causa *dele*. - Aqui foram determinantes os *instintos-de-rebanho*: nada contraria mais esse instinto do que a soberania individual. Se o *ego* é concebido como um em-si-e-por-si, seu valor precisa residir na *autonegação*.

Portanto:

1. o falso tornar-se autônomo do “indivíduo”, como *átomo*;
2. a apreciação do rebanho, que abjura [*perhorresziert*] o querer-permanecer-átomo e o sente como hostil;
3. como consequência: a superação do indivíduo pelo deslocamento do seu objetivo;
4. parecia então haver ações *autonegadoras*: fantasiou-se em torno delas toda uma esfera de oposições;
5. perguntou-se: em que ações o homem *se afirma* o mais fortemente? Em torno destas (sexualidade, ganância, ambição de poder, crueldade etc.)

acumularam-se a proscrição, o ódio e o desprezo: *acreditou-se* que havia impulsos abnegados, *repudiaram-se* todos os impulsos a favor de si e *exigiram-se* os abnegados;

6. Consequências disso: o que se havia feito? Proscriveram-se as pulsões mais fortes, mais naturais, mais ainda, as *únicas pulsões reais*, - para encontrar uma ação louvável, de agora em diante era preciso *negar* nela a presença de tais pulsões: - *monstruosa falsificação in psychologicis*. Mesmo toda sorte de “satisfação consigo mesmo” só podia tornar-se novamente possível se mal interpretasse e explicasse a si mesmo *sub specie bom*.²⁶¹ Inversamente: aquela espécie que tivesse o seu proveito em *tomar* do homem a sua satisfação consigo mesmo (os representantes do instinto de rebanho, por exemplo, os sacerdotes e filósofos) tornava-se sutil e psicologicamente penetrante em mostrar como o egoísmo domina em toda parte, apesar de tudo. Conclusão cristã: “*Tudo* é pecado; mesmo nossas virtudes. Reprovação absoluta do homem. A ação desinteressada *não é possível*.” Pecado original. Em suma: depois de ter conduzido o seu instinto à contraposição em relação a um imaginário mundo do bem, o homem termina no autodesprezo, como *incapaz* de empreender “boas” ações.

N.B. O cristianismo marca com isso um *progresso* na penetração psicológica do olhar: Laroche Foucauld e Pascal. Ele concebe a *igualdade essencial das ações humanas* e sua igualdade de valor no que é principal (- todas são *imorais*).

*

Agora se tornou *algo sério* formar homens nos quais o egoísmo esteja morto: - os *sacerdotes*, os *santos*. E se havia dúvida sobre a possibilidade de tornar-se “perfeito”, *não* havia dúvida em saber o que é perfeito.

A psicologia do santo, do sacerdote, do “homem bom” devia resultar puramente fantasmagórica, sem dúvida. Os *reais* motivos da ação haviam sido qualificados de *maus*: para ainda poder agir em geral, para poder prescrever ações, era preciso descrever como possíveis e *santificar* ações que não são em absoluto possíveis. Com a mesma *falsidade* com a qual se havia difamado, daí em diante se honrou e idealizou.

O *enfurecer-se* contra os instintos da vida como “sagrado” e digno de veneração. A castidade absoluta, a obediência absoluta, a pobreza absoluta: ideal *sacerdotal*. Esmola, compaixão, sacrifício, abjuração do belo, da razão, da sensualidade, olhar moroso para todas as qualidades fortes que se tem: ideal-*laico*.

*

Vai-se adiante: os *instintos difamados* também procuram criar para si um direito (por exemplo: a Reforma de Lutero: a mais grosseira forma de mendacidade moral sob a “liberdade do evangelho”), - trocam-se esses instintos por nomes santos;

os *instintos difamados* procuram comprovar-se como *necessários*, a fim de que os *instintos virtuosos* sejam em geral possíveis; precisa-se *vivre, pour vivre pour autrui*:²⁶² egoísmo como *meio* para o fim;

vai-se mais além, busca-se conceder um direito de existência tanto às comoções egoístas [*egoistischen*] quanto às altruístas: *igualdade* de direitos para ambas (do ponto de vista da utilidade);

segue-se adiante, busca-se a *mais alta utilidade* na predileção do ponto de vista egoístico [*egoistischen*] em relação ao altruísta: mais útil em relação à felicidade da maioria ou em relação à promoção da humanidade etc. Portanto: uma preponderância dos direitos do egoísmo, mas sob uma perspectiva altruísta ao extremo (“proveito-comum da humanidade”);

busca-se reconciliar o modo de agir *altruísta* com a *naturalidade*; busca-se o *altruístico* com base na vida; busca-se o egoístico e o altruístico como igualmente fundamentados na essência da vida e da natureza;

sonha-se com um desaparecimento da oposição em um futuro qualquer indeterminado, no qual, mediante uma contínua acomodação, o egoístico [*Egoistische*] seja também, ao mesmo tempo, o altruístico;

finalmente, concebe-se que as ações altruístas são apenas uma *espécie particular* das ações egoístas [*egoistischen*], - e que o grau no qual se ama e se prodigaliza é uma prova a favor do fundamento de um *poder* e de uma *personalidade* individuais. Em suma, *que alguém, enquanto maltrata o homem, fazlhe o melhor*, - e que um não é sem o outro... Com isso, levanta-se a cortina que encobre a monstruosa *falsificação da psicologia do homem até hoje*.

*

Conclusões: há *apenas* ações e intenções imorais; - portanto, as pretensas ações e intenções morais devem ser demonstradas como *imoralidades*. A dedução de todos os afetos a partir de uma única vontade de poder: igualmente essencial. O conceito de vida: - em uma aparente oposição (de "bem e mal") expressam-se *graus de poder dos instintos*, uma hierarquia temporária, sob a qual certos instintos são refreados ou empregados. - *Justificação* da moral: justificação econômica etc.

*

Contra a segunda tese. O determinismo: tentativa de *salvar* o mundo moral mediante o seu *traslado* - ao desconhecido. O determinismo é apenas um *modus* pelo qual nos permitimos escamotear os nossos juízos de valor, uma vez que eles não têm nenhum lugar em um mundo mecanicamente pensado. Deve-se, por isso, *atacar* e *minar* o determinismo: do mesmo

modo se deve *contestar* o nosso direito a uma separação entre um mundo dos fenômenos e um mundo em-si.

787

Livrar inteiramente de fins a absoluta necessidade: aliás, também não estamos autorizados a tentar nos sacrificar e nos deixarmos ir! Somente a inocência do devir dá-nos a *suprema coragem* e a *suprema liberdade*!

788

Restituir ao homem mau a boa consciência - foi esse o meu esforço involuntário? E, a bem dizer, ao homem mau enquanto ele é o *homem forte*?

(Deve-se mencionar aqui o juízo de *Dostoiévski* sobre os criminosos do presídio.)²⁶³

789

[Nossa nova “liberdade”. -] Que sentimento de liberdade se pode sentir, como sentimos nós, espíritos libertos, no fato de *não* estarmos atrelados a um sistema de “fins”! No fato, igualmente, de os conceitos de “recompensa” e “castigo” não estarem sediados na essência da existência! No fato, inclusive, de boas e más ações não existirem em si, mas só deverem ser nomeadas como boas e más sob a perspectiva das tendências de conservação de certas espécies de comunidades humanas! E mesmo no fato de nossos balanços sobre prazer e dor não possuírem significação cósmica e menos ainda significação metafísica! - Aquele pessimismo, o pessimismo de Eduard von Hartmann, que se compromete a colocar o prazer e o desprazer da existência sobre os pratos da balança, com o seu encarceramento arbitrário na prisão e na visão pré-copernicanas, seria algo atrasado e recidivo, caso não fosse tão somente um mau gracejo de um berlinense.

Quando se está bem resolvido sobre o “por quê?” da vida, então adquierese facilmente o “como”. Já é um sinal de descrença no “por quê?”, no fim e no sentido, já é uma *falta de vontade* quando o valor do prazer e do desprazer passa ao primeiro plano e as doutrinas hedonistas pessimistas encontram eco; abnegação, resignação, virtude e “objetividade” *podem* ser, pelo menos, sinais de que o principal começa a faltar.

Ainda não houve nenhuma cultura alemã. Não é nenhuma refutação a essa sentença o fato de que houve na Alemanha grandes eremitas - Goethe, por exemplo: pois esses tinham sua própria cultura. Mas justamente em torno desses, como que em torno de rochas fortes, obstinadas e solitárias, ficou sempre a restante essência alemã *com sua oposição*, a saber: como um fundo mole, pantanoso e inseguro, sobre o qual cada passo e rastro do estrangeiro fazia “impressão” e criava “formas”: a “formação alemã” foi uma coisa sem caráter, uma transigênciia quase ilimitada.

A Alemanha, que é rica em eruditos habilidosos e muito bem informados, carece a tal ponto e há tanto tempo de grandes almas, de espíritos potentes, que parece ter desaprendido o que é uma *grande alma* e o que é um *espírito potente*: hoje em dia, quase com boa consciência e sem qualquer embaraço, apresentam-se no mercado homens medíocres e ainda por cima malsucedidos, que enaltecem a si mesmos como grandes homens e reformadores; como faz, por exemplo, Eugen Dühring, um erudito habilidoso e bem informado, mas que denuncia, quase em cada palavra, que abriga uma alminha insignificante e é esmagado por sentimentos estreitos e

invejosos; e também que não o impele um espírito potente, exuberante, generoso em pródiga profusão - mas antes a ambição! Nesta época, porém, ser avaro pela honra é ainda mais indigno de um filósofo do que em qualquer outra época anterior: agora, quando domina a plebe, quando é a plebe quem concede as honras!

793

Meu “futuro”: - uma robusta formação de politécnico.

Serviço militar: de modo que, medianamente, todo homem das classes superiores seja um oficial, seja ele o que for.

241 Ver nota da página 101. [N.T.]

242 Em francês no original: “desdém”. [N.T.]

243 Em grego no original: pólis, cidade-estado autônoma em torno da qual se organizava politicamente a sociedade grega. [N.T.]

244 Em latim no original: “procura-se”. [N.T.]

245 Último drama musical de Wagner. A obra prega um ascetismo cristão absoluto, encarnado pelo personagem principal, Parsifal. A música também é de uma sublimidade ascética. [N.T.]

246 Em francês no original: “desclassificado”. [N.T.]

247 Em francês no original: “por falta de leitura”. [N.T.]

248 Em latim no original: “direito do taliao”, isto é, direito à desforra. [N.T.]

249 Em latim no original. Nesse caso, portanto, significa “em face de”. [N.T.]

250 Claude Adrien Helvétius (1715-1771), filósofo sensualista e materialista, nascido em Paris. Colaborou na *Encyclopédia*. Suas obras principais, consideradas revolucionárias (sobretudo a segunda), foram: *Sobre o homem, suas faculdades intelectuais e sua educação* (que só foi publicada em 1772) e *Sobre o espírito* (1758).

251 Em latim no original: “ócio”. [N.T.]

252 “Bürger” pode significar, em alemão, tanto burguês como cidadão em geral (o que está de acordo com a origem da cidadania moderna). [N.T.]

253 O termo alcionismo deriva da mitológica Alcíone, mulher de Ceíx e filha de Éolo, o senhor dos ventos. Segundo Ovídio, em *Metamorfoses* (410-748), o marido de Alcíone teria morrido afogado durante uma viagem, e aquela, desconsolada, teria sido transformada por Zeus, que dela se compadeceu, em uma ave de canto plangente. Essa ave punha os ovos à beira ou sobre o mar, segundo as variações do mito. Por isso, Zeus ordenou uma calmaria dos ventos sete dias antes e sete dias depois do solstício de inverno. O alcionismo, de acordo com isso, é a concepção de uma calma feliz. Alguns martins-pescadores são chamados de alcíones, e seu canto é augúrio de um tempo bom sobre o mar. [N.T.]

254 Damoclés, entre os gregos, era o protótipo do adulador. Consta que ele teria proclamado Dionísios I, o tirano de Siracusa, o mais feliz dos homens. Dionísios então convidou-o a sentir a felicidade que um monarca sentia, oferecendo-lhe um banquete com todas as honras do tirano. Num dado momento, porém, Damoclés percebeu que, exatamente acima do lugar em que estava sentado, pendia uma espada desembainhada, presa somente por um fio de cabelo. [N.T.]

255 Em francês no original: “as maiores almas não são aquelas que têm menos paixão e mais virtudes do que as almas comuns, mas somente aquelas que têm os maiores projetos”. [N.T.]

256 Alfred Fouillée (1838-1912), filósofo francês. Quis conciliar espiritualismo e positivismo. Suas obras principais: *A filosofia de Platão*, *A filosofia de Sócrates*, *O evolucionismo das ideias-força* e *História da filosofia*.

257 Em francês no original: “a raça de carneiros”, “parva”, “tola” (“mouton”, em francês, significa “carneiro”).

258 Em latim no original: “entre iguais”. [N.T.]

259 Em latim no original: “a beleza é para poucos homens”. [N.T.]

260 Em latim no original: “primeiro motor”. [N.T.]

261 Em latim no original: “sob a rubrica do bem”. [N.T.]

262 Em francês no original: “viver, para viver para os outros”. [N.T.]

263 Na *Recordação da casa dos mortos*, Dostoiévski diz que o melhor da humanidade estava nas prisões na Sibéria, onde se encontrava o narrador desse romance-diário. [N.T.]

[IV. A VONTADE DE PODER COMO ARTE]

794

Nossa religião, moral e filosofia são formas de *decadence* do homem.

- O *contramovimento*: a *arte*.

795

O filósofo-*artista*. Conceito mais elevado da *arte*. Acaso poderia o homem colocar-se assim tão distante dos outros homens, *para plasmá-los*? (- Exercícios preliminares: i. o que se plasma a si mesmo, o eremita; 2. o artista *até hoje*, como o pequeno arrematador em uma matéria.)

796

A obra de arte, ali onde ela aparece *sem* artista, por exemplo: como corpo, como organização (corpo de oficiais prussiano, ordem jesuítica). Em que medida o artista é apenas um grau preliminar?

O mundo como uma obra de arte que dá à luz a si mesma —

797

O fenômeno “artista” é o que mais facilmente *transparece*: - cabe considerar a partir desse ponto os *instintos fundamentais do poder*, da natureza etc.! Também religião e moral!

“o jogo”, o inútil - como ideal do sobre carregado de força, como “infantil”.

A “infantilidade” de Deus, $\pi\alpha\tilde{\iota}\varsigma \pi\alpha\acute{\iota}\zeta\omega\nu$.²⁶⁴

798

Apolíneo, dionisíaco. - Há dois estados nos quais a arte, ela mesma, irrompe no homem como um poder da natureza, impondo-se, queira ele ou não: de um lado, como coação para a visão; de outro lado, como coação para o orgiástico. Ambos os estados também estão presentes na vida normal, apesar de mais atenuados, no sonho e na embriaguez - - -

Mas a mesma oposição ainda subsiste entre sonho e embriaguez: ambos desencadeiam em nós poderes artísticos, mas são diferentes: o sonho é o poder do ver, do combinar, do poetar; a embriaguez é o poder do gesto, da paixão, do canto, da dança.

799

Na embriaguez dionisíaca estão presentes a sexualidade e a volúpia: elas não faltam na apolínea. *Precisa* haver ainda uma diversidade de andamento em ambos os estados...

O *extremo repouso de certas sensações de embriaguez* (rigorosamente falando: o retardamento da sensação de tempo e espaço) reflete-se muito bem na visão dos gestos e de algumas espécies de almas extremamente serenos. O estilo clássico apresenta, essencialmente, esse repouso, essa simplificação, essa abreviação, essa concentração - o *mais alto sentimento de poder* está concentrado no tipo clássico. Reagir pesadamente: uma grande consciência: nenhum sentimento de luta.

800

O sentimento de embriaguez como correspondendo, de fato, a um *incremento de força*: o mais intensamente no momento de acasalamento sexual: novos órgãos, novas habilidades, cores, formas... O “embelezamento” é uma consequência da *elevação* da força. Embelezamento como expressão de uma vontade *triunfante*, de uma coordenação incrementada, de uma harmonização de todos os desejos fortes, de um peso perpendicular

infalível. A simplificação lógica e geométrica é uma consequência da elevação da força: inversamente, *perceber* tal simplificação eleva, por sua vez, o sentimento de força... Culminação do desenvolvimento: o grande estilo.

A feiura significa *décadence de um tipo*, contradição e falta de coordenação dos desejos mais íntimos - significa uma decadência na força *organizadora*, na “vontade”, psicologicamente falando...

O estado de prazer, que se nomeia *embriaguez*, é exatamente um elevado sentimento *de poder*... As sensações de espaço e de tempo se alteram: a vista alcança enormes distâncias, e elas se tornam *perceptíveis* pela primeira vez; a *dilatação* do olhar sobre grandes quantidades e amplidões; o *refinamento dos órgãos* para a percepção de muitos detalhes minúsculos e fugidios; a *adivinhação*, a força do entendimento direcionada às ajudas mais sutis, a cada sugestão: a *sensibilidade* “inteligente”... a *força* como sentimento de domínio nos músculos, como elasticidade e prazer no movimento, como dança, como desenvoltura e *presto*; a força como prazer na comprovação da força, como virtuosismo, aventura, destemor, ser indiferente... Todos esses picos da vida estimulam-se mutuamente; o mundo de imagens e representações de um é satisfatório para o outro como sugestão... Desse modo, finalmente, fundiram-se, um no outro, estados que talvez tivessem razão de permanecer estranhos. Por exemplo: o sentimento de *embriaguez religiosa* e a excitação sexual (dois sentimentos profundos, que estranhamente acabam quase coordenados. O que agrada a todas as beatas, velhas e jovens? Resposta: um santo com belas pernas, ainda jovem e idiota...). A crueldade na tragédia e a compaixão (- também normalmente coordenadas...). Primavera, dança, música, tudo isso é a competição dos sexos - e também aquela “infinitude no peito”, de Fausto...

Os artistas, se valem algo, são fortemente (também corporalmente) aplicados, excessivos, animais de tração, sensuais; não há como pensar em

um Rafael sem um certo superaquecimento do sistema sexual... Fazer música é também uma espécie de procriação [*Kindermachen*]; castidade é simplesmente a economia de um artista: - em todo caso, também a fecundidade, no artista, cessa junto com a força de procriação... Os artistas não devem ver nada assim como é, mas antes mais pleno, mais simples, mais forte do que é: para tanto, deve lhes ser própria uma espécie de juventude e primavera eternas, uma espécie de embriaguez habitual na vida.

801

Os estados nos quais colocamos e poetamos nas coisas uma *transfiguração* e uma *plenitude*, até que elas reflitam a nossa própria plenitude e prazer de viver, são: a pulsão sexual, a embriaguez, a refeição, a primavera; o triunfo sobre o inimigo; o escárnio; o virtuosismo; a crueldade; o êxtase do sentimento religioso. Três elementos principalmente: o impulso sexual, a embriaguez, a crueldade: todos pertencem à mais antiga *exultação* do homem, todos também preponderantes no “artista” iniciante.

Inversamente: se coisas que exibem essa transfiguração e plenitude nos vêm ao encontro, então a existência animal responde com uma *excitação daquelas esferas* nas quais todos aqueles estados de prazer têm assento: - e uma mistura dessas nuances extremamente delicadas de bem-estar e desejos animais é o *estado estético*. Este último sucede apenas em naturezas que, em geral, são capazes daquela plenitude pródiga e transbordante do *vigor* corporal, no qual está sempre o *primum mobile*. O sóbrio, o cansado, o esgotado, o ressequido (por exemplo: um erudito) não pode receber absolutamente nada da arte, pois não possui a força artística originária, a coação da riqueza: quem não pode dar também nada pode receber.

“Perfeição”: naqueles estados (particularmente no amor sexual etc.) denuncia-se ingenuamente o que, em geral, o instinto mais profundo reconhece como o mais elevado, mais desejável e mais valioso, o movimento

ascendente de seu tipo; igualmente *a que status* ele *aspira*. A perfeição é o alargamento extraordinário de seu sentimento de poder, a riqueza, a necessária efervescência transbordante por sobre todas as margens...

802

A arte nos recorda os estados do *vigor* animal; de um lado, é um excedente e uma exalação da corporeidade florescente no mundo das imagens e dos desejos; de outro lado, um estímulo às funções animais mediante imagens e desejos da vida ascendente; - uma elevação do sentimento de viver, um estimulante desse sentimento.

Até que ponto também o feio pode ter esse poder? À medida que ele ainda compartilha algo da energia triunfante do artista, o qual se assenhora desse feio e terrível; ou à medida que o feio estimula discretamente em nós o prazer da crueldade (sob certas circunstâncias, mesmo o prazer de nos causar dor, a autoviolação: e com isso o sentimento de poder sobre nós).

803

Por isso, para o artista, a “beleza” é algo que está além de toda hierarquia, pois na beleza são domadas as oposições, e nisso reside o supremo sinal de poder, a saber: o poder sobre o que se contrapõe; além disso, sem impaciência: - que mais nenhum poderio se faça necessário, que tudo *sigam e obedeçam* tão facilmente, e faça a cara mais gentil ao obedecer - isso deleita a vontade de poder do artista.

804

Para o surgimento do *belo* e do *feio*. O que, por instinto, nos *contraria* esteticamente comprovou-se, pela experiência mais antiga do homem, como prejudicial, perigoso e merecedor de desconfiança: o instinto estético que subitamente se pronuncia (no asco, por exemplo) contém um *juízo*. Nessa

medida, o *belo* está incluído na categoria geral dos valores biológicos do útil, benéfico e intensificador da vida: todavia, de modo tal que um sem-número de atrativos, que só muito de longe recordam e se referem a coisas e estados úteis, dá-nos o sentimento do belo, isto é, um acréscimo da sensação de poder (- não, portanto, meras coisas, mas antes também as sensações que acompanham tais coisas ou seus símbolos).

Com isso, o belo e o feio são reconhecidos como *condicionados*, a saber: pela perspectiva dos nossos mais baixos *valores de conservação*. É absurdo querer estipular um belo e um feio abstraindo disso. O belo existe tão pouco quanto *o bem* e *o verdadeiro*. Trata-se novamente, no indivíduo, das *condições de conservação* de uma determinada espécie de homem: assim, o *homem-rebanho* terá o *sentimento de valor do belo* junto a determinadas coisas, enquanto o homem *nobre* ou o super-homem terão tal sentimento junto a outras.

É uma *óptica de primeiro plano*, a qual só leva em consideração as *consequências mais próximas*, a partir das quais deriva o valor do belo (e também do bem e do verdadeiro).

Todos os juízos de instinto têm a *vista curta* em relação à cadeia das consequências: eles recomendam o que se deve fazer *em primeiro lugar*. O entendimento [*Verstand*] é essencialmente um *aparato de inibição* contra o reagir imediato baseado no juízo de instinto: ele detém, reflete adiante e vê mais distante e mais longamente a cadeia das consequências.

Os *juízos de beleza e de feiura* têm a *vista curta* - têm sempre *contra si* o entendimento -: mas são *persuasivos no mais alto grau*; apelam aos nossos instintos ali onde estes se decidem mais rapidamente e dizem o seu sim e o seu não *antes* que o entendimento tenha algo a dizer...

As mais habituais afirmações da beleza *excitam-se e irritam-se mutuamente* ; quando a pulsão estética está trabalhando, cristaliza-se em

torno do “belo singular” uma multidão de outras perfeições originárias de outras partes. Não é possível permanecer *objetivo*, quer dizer: pôr de lado a força que interpreta, acrescenta, preenche e compõe (- esta última é aquela concatenação das afirmações da própria beleza). A visão de uma “bela mulher”...

Portanto: i. o juízo de beleza tem *vista curta*, só enxerga as consequências mais próximas

2. *cobre* o objeto que o excita com um *encanto*, que é condicionado pela associação de diferentes juízos de beleza, - o qual, porém, é *totalmente estranho ao ser daquele objeto*. Sentir uma coisa como bela significa: senti-la, necessariamente, de modo falso... - eis por que, diga-se de passagem, o casamento por amor é, socialmente falando, a espécie mais irracional de casamento -

805

Para a gênese da arte. - Aquele *tornar-perfeito*, aquele *ver-perfeito*, o qual deve ser próprio do sistema cerebral sobrecarregado com forças sexuais (a noite com a amada, as menores insignificâncias transfiguradas, a vida como uma sequência de coisas sublimes, “a infelicidade do amante-infeliz como valendo mais do que qualquer outra coisa”): por outro lado, todo *perfeito* e *belo* atua como recordação inconsciente daquele estado apaixonado e faz ver de acordo com sua espécie de ver - toda a *perfeição*, toda a *beleza* das coisas desperta novamente, por pura *contiguity*, a bem-aventurança afrodisíaca. *Fisiologicamente*: o instinto criador do artista e a difusão do sêmen pelo sangue... A *ânsia de arte e de beleza* é uma exigência indireta dos arrebatamentos da pulsão sexual, os quais esta participa ao cérebro. O *mundo que se tornou perfeito*, pelo “amor”...

806

A *sensualidade* em seus disfarces: 1. como idealismo (“Platão”), próprio da juventude, criando a mesma espécie de imagem de espelho côncavo, como a amada aparece em particular, colocando em torno de cada coisa uma incrustação, uma amplificação, uma transfiguração e uma infinitude - 2. na religião do amor: “um belo jovem, uma bela mulher” são qualquer coisa de divino: um noivo, uma noiva da alma - 3. na *arte*, como poderio “que enfeita”: assim como o homem vê a mulher, fazendo-lhe presente de tudo quanto há de preferencial; assim a sensualidade do artista coloca em um único objeto o que ele, acima de tudo, respeita e louva - dessa maneira ele *aperfeiçoa* um objeto (o “idealiza”). A mulher, consciente do que o homem experimenta em relação a ela, *vai ao encontro de seu esforço de idealização*, à medida que se enfeita, se embeleza, dança e exterioriza pensamentos delicados: do mesmo modo, *exercita pudor*, discrição e distância - com o instinto de que, com isso, *cresce* a capacidade idealizadora do homem. (- Na imensa fineza do instinto feminino, o pudor não permanece, de modo algum, uma hipocrisia consciente: ela adivinha que justamente a *pureza realmente ingênua* é o que mais seduz o homem e o impele à superestimação. Por isso a mulher é ingênua - por fineza de instinto, o qual lhe aconselha a utilidade de ser inocente. Um deliberado fechar-os-olhos-sobre-si... Por toda parte onde a representação atua com mais força, se ela é inconsciente, *tornase inconsciente*.)

Que poder tem a embriaguez, esta que se chama amor e que é ainda algo distinto do amor! - Sobre isso, porém, cada um tem a sua ciência. A força muscular de uma jovem *cresce* tão logo um homem acerca-se dela; há instrumentos para medir isso. Em uma relação ainda mais próxima dos sexos, como, por exemplo, na dança e em outros costumes sociais, essa força aumenta ao ponto de habilitar verdadeiras *peças de força*: por fim, não se

acredita em seus próprios olhos - nem em seu relógio! Deve-se contar aqui com o fato de que a dança em si mesma, assim como todo movimento muito rápido, já traz consigo uma espécie de embriaguez para todo o sistema vascular, nervoso e muscular. Deve-se contar, nesse caso, com os efeitos combinados de uma dupla embriaguez. - E, às vezes, como é oportuno [weise] ter um pequeno acesso de loucura!... Há realidades que nunca podem ser admitidas; é-se mulher para tanto, para isso tem-se todos os *pudeurs*²⁶⁵ femininos... Essas jovens criaturas que ali estão dançando, manifestamente, estão além de toda a realidade: dançam apenas com puros ideais palpáveis, veem até mesmo, o que é mais ainda, ideais sentados ao redor de si: as mães!... Oportunidade para citar Fausto... Parecem incomparavelmente melhores quando têm a sua pequena loucura, essas belas criaturas, - oh, como também elas sabem perfeitamente disso! Tornam-se mesmo amáveis *porque* sabem disso! - Por fim, o seu adorno as inspira; seu adorno é, para elas, uma *terceira* pequena embriaguez: acreditam em seu alfaiate como acreditam no seu Deus: - e quem lhes faria renunciar a essa fé? Essa fé as torna felizes! E a admiração de si é saudável! - A admiração de si protege do resfriado. Alguma vez uma bela mulher que soubesse estar bem-vestida já apanhou resfriado? Nunca e jamais! Mesmo no caso em que estivesse pouco vestida...

808

Quer-se a prova mais admirável a favor de quão longe vai a força de transfiguração da embriaguez? O “amor” é essa prova: o que se chama amor em todas as línguas e em todos os mutismos do mundo. Aqui, a embriaguez subjuga a tal ponto a realidade, que na consciência do amante a causa é apagada e algo diverso parece encontrar-se em seu lugar - um tremor e um resplandecer de todos os espelhos sedutores de Circe... Aqui, homem e

animal não apresentam diferença; menos ainda espírito, bondade, retidão... Com elegância, o elegante é ridicularizado; com grosseria, o grosseiro: mas o amor, e mesmo o amor a Deus, o amor dos santos de “almas redimidas”, permanece idêntico em sua raiz: uma febre que [tem] razões para transfigurar-se, uma embriaguez que faz bem em mentir sobre si mesma... Quando se ama, sempre se mente bem diante de si e sobre si: parece-se transfigurado para si mesmo, mais forte, mais rico, mais perfeito e, de fato, é-se mais perfeito... Encontramos aqui a *arte* como função orgânica: encontramo-la embutida no mais angelical instinto da vida: encontramo-la como grande estimulante da vida, - a arte, portanto, é uma conveniência sublime, mesmo quando mente... Mas erraríamos se nos detivéssemos em sua força de mentir: ela faz mais do que meramente imaginar, ela desloca os valores. E não se trata apenas de que desloque o sentimento dos valores... o amante é mais valioso, é mais forte. Nos animais, esse estado exterioriza novos materiais, pigmentos, cores e formas: sobretudo novos movimentos, novos ritmos, novos sons atrativos e seduções. No homem, a coisa não é diferente. Sua economia total é mais rica do que nunca, mais poderosa e *mais completa* do que a do não amante. O amante torna-se pródigo: é bastante rico para isso. Agora ele ousa, tornase aventureiro, torna-se um asno em generosidade e inocência; crê novamente em Deus, crê na virtude, pois acredita no amor: por outro lado, nesse idiota da felicidade, crescem asas e novas capacidades, e, mesmo para a arte, as portas abrem-se para ele. Descontemos da lírica, em som e palavra, a sugestão daquela febre intestinal: o que resta da lírica e da música?... talvez *l'art pour l'art*:²⁶⁶ o virtuosístico gransnar de rãs frias, que desesperam em seu brejo... Quem criou *tudo o mais* foi o amor...

Toda arte atua como sugestão sobre os músculos e os sentidos, os quais, na origem, são ativos nos homens artisticamente ingênuos: ela fala sempre e somente aos artistas, - fala a essa espécie de delicada comoção do corpo. O conceito de “leigo” é um equívoco. O surdo não pode, de modo algum, ser bom ouvinte.

Toda arte produz um efeito *tônico*, aumenta a força, inflama o prazer (por exemplo, o sentimento de força), estimula todas as mais delicadas recordações da embriaguez, - há uma memória específica que faz baixar a tais estados: então retorna um mundo de sensações, distante e fugaz...

O feio, isto é, a contradição para a arte, aquilo que é *excluído* da arte, seu *não* - todas as vezes que a decadência, o depauperamento na vida, a impotência, a dissolução, a decomposição são estimulados, mesmo de longe, o homem estético reage com seu *não*. O feio produz efeito *depressivo*: é a expressão de uma depressão. Ele *rouba* força, empobrece, oprime... O feio *chama* o feio; nos estados de saúde pode-se experimentar como o mal-estar aumenta distintamente a capacidade de fantasia do feio. Muda a escolha de coisas, de interesses, de questões: há um estado muito proximamente aparentado ao feio também na lógica - pesadume, embrutecimento... Na mecânica, o que corresponde ao feio é a falta de centro de gravidade: o feio claudica, o feio tropeça: - o contrário da divina frivolidade do dançarino...

O estado estético tem uma profusão de *meios de participação*, ao mesmo tempo com uma extrema *receptividade* para estímulos e sinais. É o auge da expansividade e da transmissibilidade entre seres vivos, - é a fonte das línguas. As línguas têm aqui seu foco de nascimento: a língua sonora tanto quanto a linguagem gestual e a língua do olhar. O fenômeno mais pleno é sempre o começo: nossas capacidades de homens de cultura são subtraídas de capacidades mais plenas. Ainda hoje, porém, se ouve com os músculos e até mesmo lê-se ainda com os músculos.

Toda arte madura tem por base uma grande quantidade de convenções: à medida que é linguagem. A convenção é a condição da grande arte, *não* o seu impedimento... Toda elevação da vida aumenta a força de participação, assim como a força de compreensão do homem. O *viver dentro de uma outra alma* não é, originalmente, nada de moral, mas antes uma suscetibilidade psicológica à sugestão: a “simpatia” ou o que se chama “altruísmo” são meras conformações daquela referência psicomotora pertencente à espiritualidade (*induction psycho-motrice*, segundo Ch. Férey).²⁶⁷ Não se compartilham jamais pensamentos, compartilham-se movimentos, sinais mímicos, os quais são *lidos de volta*, por nós, como pensamentos.

810

Em *relação à música*, toda comunicação por meio de *palavras* é uma espécie de indecência; a palavra dilui e torna estúpido; a palavra despersonaliza: torna comum o incomum.

811

São estados excepcionais os que condicionam os artistas: todos são profundamente aparentados e próximos às manifestações de doença: tanto que não parece ser possível ser artista e não ser doente.

Os estados psicológicos, que são como que cultivados no artista para a “personagem”, os quais são em si, em qualquer nível, inerentes em geral ao homem:

1. a *embriaguez*: a elevada sensação de poder; a íntima necessidade de fazer, a partir das coisas, um reflexo da própria plenitude e perfeição -

2. a *extrema agudeza* de certos sentidos: de tal modo que eles compreendem uma língua de sinais completamente distinta - e criam... - a mesma que parece ligada a diversas doenças nervosas - a extrema desenvoltura, da qual se origina uma extrema comunicabilidade; o querer-

dizer tudo aquilo que se sabe traduzir em sinais... Uma necessidade de se libertar por sinais e gestos; uma capacidade de falar de si por meio de uma centena de meios linguísticos... um estado *explosivo* - deve-se pensar para si esse estado, em primeiro lugar, como compulsão e ímpeto para descarregar, com toda espécie de trabalho muscular e mobilidade, a exuberância da tensão interna: além disso, como *coordenação* involuntária *dessa movimentação* para os processos internos (imagens, pensamentos, desejos) - como uma espécie de automatismo de todo o sistema muscular sob o impulso de estímulos internos fortemente atuantes - incapacidade de *impedir* a reação; o aparato de inibição como que *posto fora dos gonzos*. Toda movimentação interna (sentimento, pensamento, afeto) é acompanhada de *alterações vasculares* e, consequentemente, de alterações de cores, de temperatura, de secreção; a força *sugestiva* da música, sua “*suggestion mentale*”; -

3. o ter-de-imitar: uma extrema irritabilidade, na qual se comunica, por contágio, um modelo, - adivinha-se e *representa-se* um estado apenas por indícios... Uma imagem, que aflora internamente, atua como movimento dos membros... uma certa suspensão *da vontade*... (Schopenhauer!!!) - Um modo de estar cego e surdo para fora, - o reino dos estímulos *admitidos* acha-se bem demarcado -

Isto é o que diferencia o artista e o leigo (que tem sensibilidade artística): o último tem no receber o seu ápice de excitabilidade; o primeiro, no dar - de tal modo que um antagonismo entre essas duas vocações não é apenas natural, mas até mesmo desejável. Cada um desses estados tem uma óptica inversa, - exigir do artista que exerça a óptica do ouvinte (do crítico, -) seria exigir que ele se *depauperasse* e que *empobrecesse* sua força criadora... O que se passa aqui é como a diferença de sexos: não se deve exigir do artista, que *dá*, que ele se torne mulher - que “*receba*”...

Como só os receptores formularam para a arte a sua experiência do belo, até aqui nossa estética foi uma estética de mulher. Em toda a filosofia, até hoje, o artista está ausente... Trata-se, conforme o indicado antes, de uma falta necessária; pois o artista que começasse a compreender-se *enganar-se-ia* - ele não tem que olhar para trás, não tem, em geral, que ver, tem que dar. - Honra um artista o fato de que ele seja incapacitado para a crítica... Do contrário, seria meio isso e meio aquilo, seria “moderno”...

812

Registro aqui uma série de estados psicológicos como sinais de uma vida plena e florescente, os quais são ajuizados hoje como *doentios*. Agora, entretanto, desaprendemos a falar de uma oposição entre saúde e doença: trata-se de níveis, - minha opinião, neste caso, é a de que o que hoje se chama “saudável” apresenta um nível inferior em relação àquilo que, sob circunstâncias favoráveis, *seria* saudável... nós estamos relativamente doentes... O artista pertence a uma raça ainda mais forte. O que em nós já é prejudicial, o que em nós seria doentio, nele é natureza Mas objetar-se-á que justamente

o *depauperamento* da máquina possibilita a extravagante força do entendimento sobre toda e qualquer sugestão: testemunho de nossas mulherzinhas histéricas.

A *superabundância* de sumos e de forças pode trazer consigo tanto sintomas da não liberdade parcial, de alucinações dos sentidos, de refinamentos de sugestão, quanto um depauperamento da vida... o estímulo é condicionado de outra maneira, o efeito permanece o mesmo... Sobretudo, o efeito *seguinte* não é o mesmo; o extremo relaxamento de todas as naturezas mórbidas, após as suas excentricidades dos nervos, não tem nada em comum com os estados do artista: este não tem que *expiar* os seus

melhores momentos... É rico o bastante para isso: pode esbanjar, sem com isso tornar-se pobre...

Como hoje se poderia julgar o “gênio” como uma forma de neurose, talvez o mesmo se passasse com a força sugestiva artística, - e, de fato, os nossos artistas são aparentados demais às mulherzinhas histéricas!!! Isso, porém, depõe contra o “hoje”, não contra os “artistas”...

Os estados não artísticos: os da *objetividade*, do que é refletido, da vontade em suspenso... o escandaloso mal-entendido de *Schopenhauer*, que toma a arte como uma ponte para a negação da vida...

Os estados não artísticos: os empobrecedores, dispersadores, displicentes, sob cujo olhar a vida sofre... o cristão...

813

Considerado como caráter, o artista *moderno*, o mais proximamente aparentado em sua fisiologia ao histerismo, também está marcado por essa doença. O histérico é falso: mente pelo prazer de mentir, sendo admirável em toda arte da dissimulação - a não ser que sua vaidade doentia lhe pregue uma peça. Tal vaidade é como uma febre persistente, a qual tem necessidade de narcótico e não recua diante de nenhum autoengano e de nenhuma farsa que prometa alívio momentâneo. *Incapacidade* para o orgulho e necessidade de uma vingança constante por um profundo e arraigado desprezo de si - esta é praticamente a definição dessa espécie de vaidade. A absurda suscetibilidade de seu sistema, que faz crises de todas as vivências e insinua o “dramático” nos menores acasos da vida, tira-lhe tudo o que poderia contar: ele não é mais pessoa alguma, quando muito um *rendez-vous*²⁶⁸ de pessoas, das quais ora essa, ora aquela irrompe com impudente segurança. Precisamente por isso, ele é grande como ator: toda essa pobre gente privada de vontade, que os médicos estudam bem de perto, provoca assombro por

sua virtuosidade da mímica, da transfiguração, do entrar em quase todo caráter *ansiado*.

814

- Artistas *não* são os homens da *grande* paixão, ao contrário do que eles gostam de nos proclamar, e também a si mesmos. Por duas razões: falta-lhes a vergonha diante de si mesmos (eles se veem *enquanto vivem*; eles se espionam, são por demais curiosos...) e falta-lhes também a vergonha diante da grande paixão (exploram-na como artistas...).

Em segundo lugar, porém, seu vampiro, seu talento, inveja-lhes, o mais das vezes, tal desperdício de força que se chama paixão. - Com um talento, é-se também a vítima do talento: vive-se sob o vampirismo do talento.

Não se é subjugado pela paixão pelo fato de representá-la: pelo contrário, nós é que a subjugamos *quando* a representamos. (Goethe ensina o contrário: ele *quis*, aqui, equivocar-se: um Goethe sentiu a indelicadeza)

815

Da razão da vida. - Uma castidade relativa, um cuidado fundamental e inteligente diante do *Eroticis*,²⁶⁹ mesmo em pensamento, pode pertencer à razão da vida, inclusive nas naturezas plenas e ricamente dotadas. A sentença vale especialmente para os *artistas*, ela pertence à sua melhor sabedoria da vida. Vozes insuspeitas já se pronunciaram abertamente nesse sentido: cito Stendhal, Th. Gautier, mesmo Flaubert. O artista é, necessariamente, talvez por sua espécie, um homem sensual, em geral suscetível, acessível a todo sentido, ao estímulo, à sugestão do estímulo, mesmo àquele que vem ao encontro de longe. Apesar disso, na média, sob a coação de sua tarefa, de sua vontade de maestria, ele é, de fato, um homem moderado e mesmo, frequentemente, casto. Seu instinto dominante *quer* isso dele: não lhe permite gastar-se desta ou daquela maneira. É a mesma

força que se gasta na concepção da arte e no ato sexual: há apenas uma espécie de força. É deplorável para o artista sucumbir *aqui*, dissipar-se *aqui*: isso denuncia a falta no instinto, na vontade em geral, pode ser um sinal de *décadence*, - em todo caso, isso desvaloriza sua arte, em um nível incalculável.

816

Comparado com o *artista*, o aparecimento do homem *de ciência* é, de fato, sinal de um certo represamento e diminuição do nível da vida - mas também de um *fortalecimento, rigor, dureza e força de vontade*.

Em que medida a falsidade, a indiferença quanto ao *útil e verdadeiro*, pode ser um sinal de juventude, de “criancice” no artista...: seu modo habitual, sua irracionalidade, sua ignorância a respeito de si, sua indiferença quanto aos valores eternos, quanto à seriedade no “jogo” - sua falta de dignidade; palhaço e deus avizinhados; o sagrado e a *canaille*...²⁷⁰ o *imitar* como instinto, comandando. - *Ascensão do artista - ocaso do artista: acaso não pertencem a todas as fases?*... Sim.

817

Faltaria um elo em toda a cadeia de arte e ciência caso faltassem a mulher e a *obra da mulher*? Admitamos a exceção - ela comprova a regra - de que a mulher, em tudo o que não seja uma obra, produz perfeição; na carta, nas memórias e mesmo em delicados trabalhos manuais, a saber: em tudo aquilo que não é um ofício, precisamente pelo fato de que nisso ela se aperfeiçoa a si mesma, pelo fato de obedecer àquele único impulso artístico que possui, - ela quer *agradar*... Mas o que tem a mulher a produzir com a indiferença passional do autêntico artista, que concede mais importância a um som, a um sopro, a uma exclamação do que a si mesmo? que com todos os cinco dedos agarra-se ao que lhe é mais íntimo e secreto? que só concede

uma obra a uma coisa desde que ela saiba tornar-se forma (- desde que ela se ofereça e se torne manifesta -). A arte, da maneira como o artista a exerce - compreendeis, pois, que ela é um atentado a todos os pudores?... Somente neste século a mulher ousou aquela conversão à literatura (- *vers la canaille plumière écrivassière*,²⁷¹ para falar como o velho Mirabeau): ela se torna escritora, artista, perde em instinto. Mas *para quê?* Caso nos seja permitido perguntar.

818

É-se artista de mão cheia contanto que se sinta aquilo que todo não artista chama de “forma” como *conteúdo*, como “a coisa mesma”. Com isso, sem dúvida, se pertence a um mundo *às avessas*:²⁷² pois doravante o conteúdo torna-se algo meramente formal, - mesmo nossa vida.

819

O sentido e o prazer no *detalhe* (- a *modernidade* propriamente dita), naquilo que *não* é geral, que corre em sentido contrário à pulsão, a qual tem o seu prazer e a sua força na apreensão do *típico*: o que também se verificou nos melhores momentos do gosto grego. Nessa pulsão, há uma dominação da plenitude do vivente, a medida torna-se senhor, aquela *serenidade* das almas fortes estende-se no fundo, move-se lentamente e possui uma má vontade diante do que é vivo em demasia. O caso geral, a lei é *venerada* e posta *em relevo*: a exceção é, pelo contrário, deixada de lado, o detalhe é varrido. O firme, poderoso, sólido, a vida que descansa ampla e poderosa, ocultando a sua força - isso “*agrada*”: isto é, corresponde àquilo que se pensa de si.

820

Naquilo que realmente importa, concedo ao artista mais razão do que a todos os filósofos até hoje: eles não esqueceram o grande veio no qual a vida corre; amaram as coisas “deste mundo”, - amaram os seus sentidos. Aspirar à dessensibilização: isso me parece um mal-entendido ou uma doença ou um tratamento, ali onde ele não é mera dissimulação ou mero autoengano. Desejo para mim mesmo, e para todos aqueles que vivem - *podem* viver - sem as angústias de uma consciência puritana, uma sempre crescente espiritualização e diversificação dos sentidos; sim, queremos ser gratos aos sentidos por sua fineza, plenitude e força, e [queremos] oferecer-lhes em compensação o melhor do nosso espírito. O que temos a ver com as excomunhões sacerdotais e metafísicas dos sentidos! Não temos mais necessidade dessas excomunhões: é um sinal de boa formação o fato de que alguém como Goethe, com prazer e cordialidade crescentes, se afeiçoe “às coisas do mundo”: - e desse modo mantenha a grande concepção do homem, a de que o homem se torna o *transfigurador da existência* quando aprende a transfigurar a si mesmo.

821

Pessimismo na arte? - O artista ama, gradualmente, por causa deles mesmos, os meios nos quais o estado de embriaguez se dá a conhecer: a extrema delicadeza e o extremo esplendor das cores, a clareza das linhas, o detalhe do som: o que se distingue ali onde, de ordinário, falta toda distinção -: todas as coisas que se distinguem, todos os detalhes, à medida que eles evocam as extremas intensificações de força que a embriaguez provoca, despertam de volta a sensação de embriaguez: - o efeito da obra de arte é a excitação do estado de criação artístico, a excitação, portanto, da embriaguez...

O essencial na arte permanece a *plenificação* da existência, a produção de perfeição e plenitude; arte é, essencialmente, *afirmação, bênção, divinização*

da existência... - O que significa uma arte pessimista?... Não é isso uma contradiction? - Sim. - Schopenhauer erra quando põe certas obras de arte a serviço do pessimismo. A tragédia não ensina “resignação”... - Representar as coisas temíveis e problemáticas já é um instinto de poder e uma magnificência no artista: ele não as teme... Não há nenhuma arte pessimista... A arte diz sim. Jó diz sim. - Mas e Zola? Mas e os Goncourt? - As coisas que eles mostram são feias: mas *que* eles as mostrem é por *prazer nesse feio*... - não ajuda nada, enganais a vós mesmos se afirmais o contrário! - Como Dostoiévski é redentor!

822

Se meus leitores estão suficientemente a par de que também “o homem bom” representa uma forma de *esgotamento* na grande comédia-total da vida, então honrarão a consequência do cristianismo, que concebeu os bons como *indignos*. O cristianismo teve razão nisso. -

Em um filósofo é uma indignidade dizer que o bom e o belo são um: se ainda acrescenta: “também o verdadeiro”, então se deve espancá-lo. A verdade é repulsiva: *nós temos a arte* para não sucumbirmos junto à verdade.

823

A moralização da arte. - Arte como estar livre do estreitamento moral e da óptica angular; ou como deboche a respeito deles. A fuga para a natureza, onde sua *beleza* faz par com a *terribilidade*. Concepção do grande homem.

- As almas-de-luxo, frágeis e inúteis, que se perturbam por nada, “*as belas almas*”.

- Os *ideais desbotados* despertam em suas brutalidades e durezas impiedosas, como os monstros mais magníficos que existem.

- Um prazer exultante com o conhecimento psicológico da sinuosidade e da hipocrisia, contra o saber em todos os artistas moralizados.

- A *falsidade* do artista, - pôr às claras a sua imoralidade.
- Pôr às claras os “poderes fundamentais de idealização” (sensualidade, embriaguez, animalidade abundante).

824

A moderna *moedagem falsa* nas artes: concebê-la como *necessária*, a saber: *adequada à necessidade mais própria da alma moderna*.

Preenchem-se as lacunas da *vocação*, mais ainda, as lacunas da *formação*, da *tradição*, da *instrução*.

Primeiro: procura-se para si um *pequeno* público *artístico*, que é incondicional em seu amor (- e que logo se ajoelha diante da *pessoa...*).

Para isso serve a superstição do nosso século, a superstição do *gênio*.

Segundo: arengam-se os instintos obscuros de uma época democrática, dos descontentes, dos ambiciosos, dos que se ocultam a si mesmos: importância da *atitude*.

Terceiro: tomam-se para uma arte os procedimentos da outra, misturam-se os propósitos da arte com os do conhecimento, os da Igreja, os dos interesses raciais (nacionalismo) ou os da filosofia - tocam-se de repente todos os sinos e suscita-se a suspeita obscura de que se é um “Deus”.

Quarto: lisonjeiam-se a mulher, os sofredores, os revoltados; faz-se com que predominem na arte os narcóticos e opiáceos. Adulam-se os “eruditos”, os leitores de poetas e de histórias antigas.

825

A diferença entre “público” e “sala de jantar”: no primeiro, hoje, é *necessário* ser charlatão, no segundo se *quer* ser virtuose e nada mais! Servindo-se dessa diferença, os nossos gênios específicos do século, grandes em ambos; grande charlatanice de Victor Hugo e Richard Wagner, mas

emparelhada com uma *virtuosidade* autêntica, que também satisfaz os mais refinados no sentido da arte.

Daí a *falta de grandeza*: eles têm uma óptica cambiante, ora em relação às necessidades mais grosseiras, ora em relação às mais refinadas.

826

O falso “fortalecimento”

no *romantismo*: esse constante *expressivo* não é nenhum sinal de força, mas antes de uma sensação de falta;

a música *pitoresca*, a assim chamada música dramática, é sobretudo uma música *mais fácil* (tanto quanto o transporte brutal e a coabitação de *faits* e *traits*²⁷³ no romance do naturalismo);

a “*paixão*” é uma questão de nervos e de almas cansadas; tanto quanto o gosto por altas montanhas, desertos, borrascas, orgias e atrocidades, - pelas grandes quantidades e pelas massas (por exemplo: nos historiadores)

Há, de fato, um culto ao excesso no sentimento. Como sucede que os tempos mais fortes tenham uma necessidade inversa na arte - de um além da paixão?

a preferência pela *matéria excitante* (erótica, socialista ou patológica): sinais para quem hoje trabalha, para os que *trabalham em excesso, distraídos* ou enfraquecidos.

- *É necessário tiranizar para, em geral, produzir algum efeito.*

827

A arte moderna como uma arte de *tiranizar*. - Uma *lógica de traços* grosseiros e fortemente pronunciados; o motivo simplificado até o formal, - o formal tiranizado. No interior das linhas de uma selvagem multiplicidade, uma massa dominadora, diante da qual os sentidos se confundem; a

brutalidade das cores, do material, dos desejos. Exemplos: Zola, Wagner; na ordem espiritual: Taine. Portanto, *lógica, massa e brutalidade...*

828

Em relação aos *pintores*: *tous ces modernes sont des poètes qui ont voulu être peintres. L'un a cherché des drames dans l'histoire, l'autre des scènes des moeurs, celui-ci traduit des religions, celui-là une philosophies.*²⁷⁴ Aquele imitou Rafael, um outro os primeiros mestres italianos; os paisagistas usam árvores e nuvens para fazer odes e elegias. *Nenhum deles* é simplesmente pintor; todos são arqueólogos, psicólogos, gente que encena alguma recordação ou teoria. Comprazem-se com a nossa erudição, com a nossa filosofia. São, como nós, repletos de ideias gerais. Amam uma forma não por aquilo que ela é, mas por aquilo que ela *exprime*. São os filhos de uma geração erudita, atormentada, reflexiva - a milhares de milhas dos antigos mestres, que não liam, só pensavam naquilo que lhes proporcionava uma festa aos olhos.

829

No fundo, também a música de Wagner ainda é literatura, nem mais nem menos do que todo o romantismo francês: o fascínio pelo exotismo, por tempos, locais e paisagens estranhos, exercido sobre ociosos sensíveis; o encanto de penetrar no país estrangeiro, antigo, imenso e distante, ao qual se tem acesso por meio de livros que pintaram todo o horizonte com novas cores e possibilidades... O pressentimento de mundos ainda mais distantes por descobrir; o *dédain*²⁷⁵ pelos bulevares... Não nos deixemos enganar: também o nacionalismo é uma forma de exotismo... Os músicos românticos narram o que os livros exóticos fizeram deles: desejar-se-ia vivenciar coisas exóticas, experimentar paisagens no gosto florentino e veneziano: por fim, dá-se por satisfeito com buscá-las em imagem... O essencial é a modalidade

de uma *nova* avidez, um querer-copiar, um querer-reviver o disfarce, a dissimulação da alma... A arte romântica é apenas um expediente para uma “realidade” que está faltando...

Napoleão, a paixão de novas possibilidades da alma... O alargamento de espaços da alma...

A tentativa de *fazer* algo novo: revolução, Napoleão...

Extenuação da vontade; tanto maior excesso na avidez de sonhar, representar e sentir o novo...

Consequência das coisas excessivas que haviam sido vivenciadas: apetite irresistível de sentimentos excessivos... As literaturas estrangeiras oferecem os mais fortes condimentos...

830

Gregos de Winckelmann e de Goethe, orientais de Victor Hugo, personagens do *Edda*²⁷⁶ de Wagner, ingleses do décimo terceiro século de Walter Scott - algum dia descobrir-se-á toda a comédia! Tudo isso foi, acima de toda medida, historicamente falso, *mas* - modernamente, verdadeiro!

831

Para a caracterização do *gênio nacional*, em relação ao estrangeiro e plagiado.

O gênio *inglês* torna grosseiro e naturaliza tudo o que recebe;
o gênio *francês* dilui, simplifica, logiciza, enfeita;
o gênio *alemão* borra, concilia, embaralha, moraliza;
o gênio *italiano* fez de longe o mais livre e mais fino uso do plágio e investiu cem vezes mais do que extraiu: como o gênio *mais rico* que justamente tinha mais a presentear.

832

Na esfera da arte, os judeus tocaram o gênio com Heinrich Heine e Offenbach. Este é um sátiro sumamente espirituoso e atrevido que, como músico, é fiel à grande tradição e representa, para aquele que não tem só orelhas, uma autêntica salvação dos músicos do romantismo alemão, cheios de sentimentos e, no fundo, *degenerados*.

833

Offenbach: música francesa com um espírito voltairiano, livre, atrevido, com um ligeiro sorriso sardônico, mas, claro, espirituoso até a banalidade (- ele não *se maquia*) e sem a *mignardise*²⁷⁷ doentia ou a sensualidade lourovienense.

834

Se se comprehende por gênio de um artista a suprema liberdade sob a lei, a divina desenvoltura e frivolidade no mais pesado e difícil, então Offenbach possui mais direito ao título de “gênio” do que Wagner. Wagner é pesado, canhestro: para ele, nada é mais estranho do que instantes da mais atrevida perfeição, como os consegue esse palhaço Offenbach cinco e mesmo seis vezes quase em cada uma de suas *bouffonneries*²⁷⁸ - Mas talvez se deva compreender por gênio algo diferente disso. -

835

Para o capítulo “música”. - Música italiana, francesa e alemã. (Nossos tempos, os mais baixos politicamente, são os *mais fecundos*. Os eslavos?) - O balé histórico-cultural superou a ópera. - Música de ator e música de músico. - É um erro supor que aquilo que Wagner criou seja uma *forma*: - trata-se de uma ausência de forma. A possibilidade da construção *dramática* ainda está por encontrar-se. - Rítmica. A “expressão” a todo preço. - Em honra de “Carmen”. - Em honra de Heinrich Schütz (e da “Sociedade-Liszt”

-) - Instrumentação de bordel. - Em honra de Mendelssohn: no qual há um elemento de Goethe e mais em nenhuma outra parte! (tanto quanto um outro elemento de Goethe chegou à perfeição em Rahel; e um terceiro em Heinrich Heine).

836

A *música descritiva*; a realidade [*Wirklichkeit*] deixa de atuar... Todas essas modalidades de música são *mais fáceis, mais imitáveis*; lançam mão delas os maldotados. Apelo aos instintos; arte *sugestiva*.

837

Sobre a nossa *música moderna*: a atrofia da melodia é o mesmo que a atrofia da “ideia”, da dialética, da liberdade de movimento espiritual, - uma deselegância e um entupimento que se desenvolvem em novas façanhas e princípios - tem-se, finalmente, apenas os princípios de seu talento, de sua *limitação de talento*.

“Música dramática”; absurdo! Trata-se, simplesmente, de má música... O “sentimento”, a “paixão” como sucedâneos, quando não se sabe mais alcançar a alta espiritualidade e a *felicidade* (por exemplo: Voltaire) da mesma. Expresso tecnicamente, o “sentimento”, a “paixão” são *mais fáceis* - eles pressupõem artistas bem mais pobres. A mudança para o drama denuncia que um artista se sabe ainda mais senhor dos meios *aparentes* do que dos meios genuínos. Temos *pintura dramática, lírica dramática* etc.

838

Em música, não carecemos de uma estética que se propusesse impor leis aos músicos e que criasse uma consciência; não carecemos, o que é uma consequência disso, de um combate propriamente dito em torno de “princípios” - pois, como músicos, nós rimos das veleidades de Herbart²⁷⁹

neste terreno, tanto quanto das de Schopenhauer. Com efeito, resulta disso uma grande dificuldade: não sabemos mais *fundamentar* os conceitos: “modelo”, “maestria” e “perfeição” - ao nosso redor, apalpamos às cegas o reino dos valores, com o instinto de um velho amor e de admiração, e estamos perto de acreditar que “seja bom o que *nos* agrade”... Desperta a minha desconfiança quando Beethoven é apontado, de modo inteiramente inocente, por toda parte como “clássico”: isso sustentaria rigorosamente que em outras artes se concebe como clássico um tipo inverso ao de Beethoven. Mas quando, ainda por cima, o estilo de decomposição acabada e manifesta de Wagner, o seu assim chamado estilo dramático, é honrado e ensinado como “exemplo”, “maestria” e “progresso”, então a minha impaciência chega ao auge. O estilo dramático na música, como Wagner o comprehende, significa a renúncia ao estilo em geral, sob a pressuposição de que alguma [outra] coisa é cem vezes mais importante do que a música, a saber: o drama. Wagner pode pintar, ele não emprega a música para a música, ele reforça atitudes, é poeta; afinal, recorreu, tal como fazem todos os artistas de teatro, aos “belos sentimentos” e ao “peito transbordante” - com tudo isso persuadiu em seu favor as mulheres e mesmo os carentes de formação: mas o que as mulheres e os carentes de formação têm a ver com música? Tudo isso não tem nenhuma consciência para a música; não sofre quando todas as primeiras e imprescindíveis virtudes de uma arte são pisoteadas e escarnecididas em prol de propósitos secundários, como *ancilla dramaturgical*²⁸⁰ Que importa toda a ampliação dos meios de expressão, se aquilo que aí se exprime, a própria arte, perdeu a lei para si mesma? O esplendor pictórico e a potência do som, o simbolismo de sonido, ritmo, colorações de harmonia e desarmonia, a significação sugestiva da música em relação às outras artes, toda a *sensualidade* da música, que com Wagner se tornou hegemônica - tudo isso Wagner reconheceu, destacou e desenvolveu

na música. Victor Hugo fez algo semelhante pela linguagem: mas já hoje se pergunta em França, no caso de Victor Hugo, se não para a ruína da linguagem... se, com o aumento da sensualidade na linguagem, a razão, a espiritualidade, a profunda legalidade não teriam sido reprimidos. O fato de que, na França, os poetas tenham se tornado artistas plásticos, e que, na Alemanha, os músicos tenham se tornado atores e pintores da cultura - não são sinais da *décadence* ?

839

Hoje, há também um pessimismo de músicos mesmo entre os não músicos. Quem não o padeceu ainda, quem nunca praguejou - diante do jovenzinho infeliz que tortura o seu piano até o grito de desespero e que do próprio punho revolve a lama das harmonias mais sombrias e plúmbeas? Com isso ése *reconhecido* como pessimista. - Porventura com isso também se é reconhecido como musical? Não saberia acreditar nisso. O wagneriano *pur sangé* não musical; sucumbe às forças elementares da música tal como, aproximadamente, a mulher sucumbe à vontade do hipnotizador - e para *poder* isso, não pode tornar-se desconfiado por meio de nenhuma consciência fina e rigorosa *in rebus musicis et musicantibus*.²⁸¹ Digo “tal como aproximadamente” -: mas talvez haja aqui algo mais do que uma metáfora. Pondere-se sobre os meios de produzir efeito, dos quais Wagner se serve com predileção (- meios que ele, em boa parte, teve que inventar): eles se assemelham, de modo surpreendente, aos meios pelos quais o hipnotizador consegue produzir efeito - escolha dos movimentos, das tonalidades de sua orquestra; o abominável esquivar-se diante da lógica e da quadratura do ritmo; o traço furtivo, escorregadio, cheio de segredos, o histerismo de sua “melodia infinita”. - E o estado ao qual, por exemplo, o prelúdio de *Lohengrin* transporta os ouvintes e, mais ainda, as ouvintes será

algo essencialmente distinto do êxtase sonambúlico? - Ouvi uma italiana dizer, depois da audição do referido prelúdio, com aqueles olhos belamente extasiados, na produção dos quais a wagneriana é entendida: “*come si dorme con questa musica!*” -

840

Religião na música. - Quanta satisfação inconfessável e incompreendida de todas as necessidades religiosas há na música de Wagner! Quanta oração, virtude, unção, “donzelice”, “redenção” pronuncia-se nela!... Que a música possa abstrair da palavra e do conceito - oh, como ela tira proveito disso, essa sagrada astuciosa, que reconduz, que *seduz novamente* a tudo em que um dia se acreditou!... Nossa consciência intelectual não precisa se envergonhar, - ela permanece do lado de fora - quando algum antigo instinto com lábios trêmulos bebe de um cálice *proibido*... Isso é inteligente, saudável e, à medida que denuncia o escrúpulo diante da satisfação do instinto religioso, é até mesmo um bom sinal... Pérfida cristandade: tipo de música do “último Wagner”.

841

Separo a coragem diante das pessoas, a coragem diante das coisas e a coragem diante do papel. Esta última foi a coragem de David Strauss. Separo ainda a coragem diante de testemunhas e a coragem sem testemunhas: a coragem de um cristão, de um crente em Deus em geral, jamais pode ser uma coragem sem testemunhas - só com isso ela já está degradada. Separo, finalmente, a coragem por temperamento e a coragem por medo diante do medo: um caso particular desta última espécie é a coragem moral. Junte-se a estas as coragens por desesperação.

Wagner tinha essa coragem. No que se refere à música, sua situação era, no fundo, desesperada. Faltaram-lhe aquelas duas coisas que qualificam o

bom músico: natureza e cultura, a predeterminação assim como o cultivo e a formação para a música. Ele tinha coragem: dessa falta criou um princípio, - inventou para si um gênero musical. A “música dramática”, como ele a inventou, era a música que ele *podia fazer...* seu conceito são os limites de Wagner.

E ele foi incompreendido - *foi* incompreendido?... Cinco sextos dos artistas modernos estão em seu caso. Wagner é o libertador desses artistas: cinco sextos são, de resto, o “número mais modesto”. Todas as vezes que a natureza mostra-se implacável e que, por outro lado, a cultura permanece um acaso, uma tentativa e um dilettantismo, o artista dirige-se agora com instinto, melhor dizendo, com entusiasmo a Wagner: “metade ele atraiu, metade ele afundou”, como diz o poeta.

842

“*Música*” - *e o grande estilo*. A grandeza de um artista não se mede pelos “belos sentimentos” que suscita: nisso podem crer as mulherzinhas, mas antes pelo grau em que ele se aproxima e é capaz do grande estilo. Esse estilo tem em comum com a grande paixão o fato de que desdenha agradar; o fato de que se esquece de persuadir; de que ordena; de que *quer...* tornar-se senhor do caos que se é; forçar seu caos a tornar-se forma: tornar-se lógico, simples, inequívoco, matemático, *lei* -: esta é aqui a grande ambição. Com ela se repele; nada desperta mais o amor a um tal homem poderoso - um deserto se estende ao seu redor, um silêncio, um temor, como diante de um grande sacrilégio... Todas as artes conhecem semelhantes ambiciosos do grande estilo: por que eles faltam na música? Nunca ainda um músico construiu como aquele mestre de obras que criou o *Palazzo Pitti*²⁸²... Há aqui um problema. Pertenceria talvez a música àquela cultura na qual o

reino de todo homem poderoso já chegou ao fim? O conceito do grande estilo já não contradiria a alma da música, - a “mulher” em nossa música?...

Refiro-me aqui a uma pergunta cardinal: a que pertence toda a nossa música? As épocas do gosto clássico não conhecem nada que lhe seja comparável: ela desabrochou quando o mundo do Renascimento alcançou o seu poente, quando a “liberdade” tinha desaparecido dos costumes e mesmo dos desejos: pertence ao seu caráter ser anti-Renascimento? Seria ela a irmã do estilo barroco, uma vez que, em todo caso, é sua contemporânea? Acaso já não seria música, música moderna, *décadence*?...

Já bem cedo eu havia colocado o dedo sobre esta pergunta: nossa música não é, na arte, um pedaço de anti-Renascimento? ela não é a parente mais próxima do estilo barroco? ela não cresceu em contradição com todo o gosto clássico, de tal modo que nela esteja vedada toda ambição de classicismo?

A resposta a essa questão de valor de primeira ordem não pode ser ambígua, a saber, se foi corretamente avaliado o fato de que a música alcança maturidade e plenitude como romantismo - mais uma vez como movimento de reação contra o classicismo...

Mozart - uma alma doce e apaixonada, mas toda século XVIII, mesmo no que tem de sério... Beethoven, o primeiro grande romântico, no sentido do conceito francês de romantismo, assim como Wagner é o último grande romântico... Ambos adversários instintivos do gosto clássico, do estilo rigoroso, - para não dizer do “grande” estilo...

O *romantismo*: uma questão ambígua, como todo moderno.

Os estados estéticos são duplos.

Os plenos e dadivosos em contraposição aos estados de busca ofegantes.

Um romântico é um artista que torna criativo o grande desprazer consigo mesmo - que desvia o olhar de si e de seus contemporâneos e olha para trás.

Seria a arte uma consequência da *insatisfação junto ao real*? Ou uma expressão da *gratidão por uma felicidade fruída*? No primeiro caso temos o *romantismo*; no segundo, brilho da glória e ditirambo (em suma: *arte-apoteose*): também Raffael pertence a esta última, embora tivesse que divinizar aquela falsidade: a *aparência* da interpretação de mundo cristã. Ele foi grato à existência, ali onde não se mostrou especificamente cristão.

Com a interpretação *moral*, o mundo torna-se insuportável. O cristianismo foi a tentativa de superar o mundo com essa interpretação, quer dizer, de negá-lo. *In praxi*, semelhante ataque de loucura - de uma louca autoelevação do homem em relação ao mundo - acabou em obscurecimento, aviltamento e empobrecimento do homem: só com isso a espécie de homem mais medíocre e inofensiva, a espécie homem de rebanho, encontrou, se se quer, o seu direito de ser e mesmo o seu *fomento*.

Homero como *artista-apoteose*; também Rubens. A música ainda não teve nenhum.

A idealização do *grande sacrílego* (o sentido para a sua *grandeza*) é grega; a depreciação, a difamação e o tornar desprezível o pecador são judaicocristãos.

O que é romantismo? - Sirvo-me agora, em relação a todos os valores estéticos, da seguinte diferenciação fundamental: pergunto em todos os casos singulares: “aqui é a fome ou a abundância que se tornou criadora?”

De antemão, uma outra diferenciação poderia parecer convir melhor - é, de longe, mais visível -, a saber, a diferenciação de se a causa do criar é a ânsia de tornar-se imóvel, eterno, de “ser”, ou, pelo contrário, a ânsia de demolição, de mudança, de *devir*. Ambas as modalidades de ânsia, porém, mostramse ainda ambíguas quando consideradas mais profundamente, e na verdade interpretáveis segundo aquele esquema antecipado e, a meu ver, com razão *preferido*.

A ânsia de demolição, mudança, devir *pode* ser a expressão da força plenamente prenhe de futuro (minha terminologia para isso é, como se sabe, a palavra “dionisíaco”); mas pode também ser o ódio dos falhados, dos carentes, dos malsucedidos, que destrói, *precisa* destruir, porque para ele o consistente, sim, todo consistir, todo ser mesmo, revolta e causa irritação.

Por outro lado, “eternizar” pode por vezes provir da gratidão e do amor: - uma arte dessa origem será sempre uma arte-apoteose, ditirâmbica, talvez, com Rubens, afortunada com Hafis, clara e benévolamente Goethe, e espalhar um brilho de glória homérico sobre todas as coisas; - mas também pode ser aquela vontade tirânica de um grave-sofredor que gostaria de selar como *lei* iniludível e coação o que há de mais pessoal, singular, estreito, a idiossincrasia propriamente dita de seu sofrimento, e que se vinga de todas as coisas imprimindo, coagindo, marcando sobre elas a sua imagem, a imagem de sua tortura, a ferro e fogo. O último é um pessimismo romântico em sua forma mais expressiva: seja como a filosofia da vontade de Schopenhauer, seja como a música de Wagner.

Acaso não se ocultaria por trás daquela oposição entre *clássico* e *romântico* a oposição entre *ativo* e *reativo*? -

Para ser *clássico* é necessário ter *todos* os dons e apetites fortes aparentemente cheios de contradição: mas de tal modo que eles andem juntos sob um único jugo: chegar no tempo *oportuno*, a fim de levar ao auge e apogeu um gênero de literatura, de arte ou de política (: não *depois* que este já aconteceu...) refletir um *estado total* (seja um povo ou uma cultura) em sua alma mais íntima e profunda, em um tempo em que ele ainda existe e ainda não foi tingido pela imitação do estrangeiro (ou ainda é independente...); nenhum espírito reativo, mas antes um espírito *que conclui* e conduz para diante, que diz *sim* em todos os casos, mesmo com seu ódio.

“Disso não faz parte o supremo valor pessoal?”... Considerar se talvez os preconceitos morais não jogam aqui o seu jogo e se a grande elevação *moral* não é talvez, em si mesma, uma *contradição* em relação ao *clássico*... Se os monstros morais não precisam ser necessariamente *românticos*, em palavras e atos... Uma tal preponderância de um único traço sobre os demais (como acontece no monstro moral) se contrapõe precisamente, com hostilidade, ao poder clássico no equilíbrio: suposto que se possuísse essa elevação e, apesar disso, se fosse clássico, então poderia ter-se concluído de maneira ousada, ter-se-ia a imoralidade na mesma altura: este talvez seja o caso de Shakespeare, caso ele seja realmente Lord Bacon:²⁸³ - - -

849

O que está por vir. - Contra o romantismo da grande “paixão”.

- A conceber como pertence a todo gosto “clássico” uma certa porção de frieza, lucidez e dureza: lógica sobretudo, alegria na espiritualidade, “três unidades”, concentração - ódio contra sentimento, ânimo, *esprit*, ódio contra o múltiplo, inseguro, errante, suspeitoso, tanto quanto contra o conciso, pinacular, belo, bondoso.

Não se deve jogar com fórmulas artísticas: deve-se recriar a vida de modo que ela *precise* mais tarde formular-se...

Trata-se de uma alegre comédia sobre a qual só agora aprendemos a rir, que só agora *vemos*: o fato de que os contemporâneos de Herder, Winckelmann, Goethe e Hegel pretendessem *ter descoberto novamente o ideal clássico...* e, ao mesmo tempo, Shakespeare! - e que a mesma geração tenha renegado, de modo impertinente, a escola clássica dos franceses! - como se o essencial não pudesse ser aprendido tão bem aqui como lá!... Mas se quis o “natural”, a “naturalidade”: quanta estupidez! Acreditou-se que o clássico fosse uma espécie de naturalidade!

Pensar até o fim, sem preconceito e moleza, sobre o solo no qual um gosto clássico pode crescer. Endurecimento, simplificação, fortalecimento, tornar-se maldoso por parte do homem: coisas que se coimplicam nesse terreno. A simplificação lógico-psicológica. O desprezo pelo detalhe, pelo complexo, pelo incerto -

Na Alemanha, os românticos *não* protestam contra o classicismo, mas contra a razão, o esclarecimento [*Aufklarung*],²⁸⁴ o gosto, o século dezoito.

A sensibilidade da música romântica de Wagner: contraposição à *sensibilidade clássica...*

a vontade de unidade (pois a unidade tiraíza, a saber: os ouvintes, os espectadores), mas a incapacidade de deixá-la tiraízar naquilo que é o principal, a saber: em relação à própria obra (em relação a renunciar, abreviar, clarificar, simplificar)

a subjugação pela massa (Wagner, Victor Hugo, Zola, Taine).

O niilismo dos artistas. - A natureza, cruel por sua serenidade; cínica, com suas auroras. Somos hostis para com as *comoções*. Fugimos para onde a

natureza move os nossos sentidos e a nossa imaginação; para onde não temos de amar coisa alguma, para onde não seremos lembados das aparências morais e das delicadezas dessas naturezas nórdicas; - e assim também nas artes. Preferimos o que não mais nos faz lembrar de “bem e mal”. Nossa suscetibilidade moral e nossa capacidade de sentir dor como que se resolveram em uma natureza terrível e feliz, no fatalismo dos sentidos e das forças. A vida sem bondade.

O alívio consiste na visão da magnânima *indiferença* da natureza em relação a bem e mal.

Nenhuma justiça na história, nenhuma bondade na natureza: por isso o pessimista, no caso de ser um artista, dirige-se *in historieis* para onde a ausência de justiça, ela mesma, ainda se mostra com magnânima ingenuidade, para ali onde justamente se exprime a *perfeição...* e, igualmente, na *natureza*, para onde o caráter mau e indiferente não se dissimula, para onde ela apresenta o caráter de *perfeição...*

O artista niilista se denuncia na predileção pela história cínica, pela natureza cínica.

O que é trágico? - Pus repetidamente o dedo no grande equívoco de Aristóteles, quando ele acreditou reconhecer os afetos trágicos em dois afetos *deprimentes*, no sobressalto e na compaixão. Tivesse ele razão, então a tragédia seria uma arte perigosa para a vida: ter-se-ia de fazer recomendações em relação a ela como em relação a algo suspeito e prejudicial à sociedade. A arte, de costume o grande estimulante da vida, uma embriaguez na vida, uma vontade de vida, tornar-se-ia aqui, a serviço de um movimento de descenso, *prejudicial à saúde*, uma servidora do pessimismo. (Pois simplesmente não é verdade, como Aristóteles parece acreditar, que pela excitação desses afetos eles sejam “purgados”.) Algo que

gera habitualmente sobressalto e compaixão desorganiza, enfraquece, desencoraja: - e posto que Schopenhauer tenha razão e se deva extrair da tragédia a resignação, isto é, um suave renunciar à felicidade, à esperança, à vontade de vida, então seria aqui concebida uma arte na qual a arte negaria a si mesma. Tragédia significaria um processo de dissolução, os instintos vitais aniquilando-se a si mesmos no instinto da arte. Cristianismo, niilismo, arte trágica, *decadencefisiológica*: tudo isso ficaria entrelaçado, chegaria na mesma hora à preponderância, se arrastaria reciprocamente adiante - *para baixo!*... Tragédia seria um sintoma da decadência.

Pode-se refutar essa teoria com o maior sangue-frio: basta medir no dinamômetro o efeito de uma emoção trágica. Então se obtém como resultado o que, em última instância, apenas a absoluta perfídia de algum construtor de sistemas pode desconhecer: - que a tragédia é um *tonicum*. Se Schopenhauer não *quis* aqui compreender, se ele postulou a depressão coletiva como um estado trágico, se deu a entender que os gregos (- que, para o seu desgosto, não eram “resignados”...) não estavam no topo da concepção do mundo, isso se deve ao *parti pris*, à lógica do sistema, à moedagem falsa do construtor de sistemas: uma daquelas piores moedagens falsas que arruinaram, passo a passo, para Schopenhauer, toda a sua psicologia (: ele que, de modo arbitrário e violento, entendeu tão mal o gênio, a arte mesma, a moral, a religião pagã, a beleza, o conhecimento e quase tudo).

[*O artista trágico*. -] É questão de *força* (de um indivíduo ou de um povo) *se e quando* o juízo “belo” é postulado. O sentimento da plenitude, da *força represada* (a partir do qual se tem licença para acolher de bom grado e corajosamente muitas coisas diante das quais o fracote *se arrepia*) - o sentimento de *poder* pronuncia ainda o juízo “belo” sobre coisas e estados

que o instinto da impotência apenas pode estimar como *odiosos* e “feios”. O faro para aquilo em relação a que estaríamos, a bem dizer, preparados se ele em pessoa se nos deparasse como perigo, problema, tentação, - esse faro também determina mesmo o nosso sim estético. (“Isto é belo” é uma *ratificação*).)²⁸⁵

Disso resulta que, no cômputo geral, a *predileção por coisas problemáticas e temíveis* é um sintoma de *força*: enquanto o gosto por *coisas bonitas e delicadamente agradáveis* pertence aos fracos e delicados. O *prazer* na tragédia assinala épocas e caracteres *fortes*: o seu *non plus ultra*²⁸⁶ talvez seja a *divina comédia*. São os espíritos *heroicos* que dizem sim a si mesmos na残酷的 trágica: são fortes o suficiente para sentir o sofrimento como *prazer...* Posto, por outro lado, que os *fracos* desejem prazer de uma arte que não foi concebida para eles, o que farão para tornar a tragédia aprazível? Introduzirão nela, interpretando, o *seu próprio sentimento de valor*: por exemplo, o “triunfo da ordem moral do mundo” ou a doutrina da “falta de valor da existência” ou a exortação à resignação (- ou também descargas de afetos meio médicas e meio morais, *à la* Aristóteles). Finalmente: a *arte do terrível*, à medida que excita os nervos, pode chegar a ser apreciada como estimulante nos fracos e esgotados: esta é hoje, por exemplo, a razão de a arte wagneriana ser *apreciada*.

É um sinal de *sentimento de bem-estar e de poder* quão amplamente alguém permite que pertença às coisas o caráter problemático e temível que lhes é inerente; e se ele em geral carece ao final de uma “solução”. -

- Essa espécie de *pessimismo de artista* é precisamente a *contrapartida ao pessimismo moral-religioso*, o qual se ressente do “arruinamento” do homem, do enigma da existência: este quer a todo custo uma solução, ao menos uma esperança de solução... Para suportar a existência, os sofredores, desesperados, os que desconfiam de si mesmos, em uma palavra, os doentes

tiveram necessidade, em todos os tempos, de *visões* encantadoras (o conceito de “bem-aventurança” tem *essa* origem).

- Um caso aparentado: os artistas da *décadence*, que no fundo se posicionam *de modo niilista* em relação à vida, *refugiam-se* na *beleza da forma...* nas coisas *eleitas*, nas quais a natureza alcançou a perfeição, nas quais ela é igualmente *grande e bela...* - Assim, o “amor ao belo” pode ser algo diverso da *capacidade-* [*Vermogen*] de *ver* uma coisa bela, de *criar o belo*: o referido “amor ao belo” pode ser justamente a expressão da *impotência-* [*Unvermogen*] para isso.

- Os artistas imponentes, que deixam soar em todo conflito um *tom harmônico*, são aqueles que ainda beneficiam as coisas com o seu próprio poderio e autorredenção: eles pronunciam a sua experiência mais íntima no simbolismo de cada obra de arte, - seu criar é gratidão por seu ser.

A *profundidade do artista trágico* reside no fato de que seu instinto estético abrange com a vista as consequências mais distantes, no fato de que não fica encegueirado pelo que está mais próximo, no fato de que ratifica a *economia mais ampla*, justifica o *terrível, mau e problemático*, e não apenas... justifica.

No fundo deste livro encontra-se uma concepção do mundo especialmente sombria e desagradável: parece que, entre os tipos de pessimismo que se conhecem até aqui, nenhum alcançou este nível de malignidade. Falta aqui a contraposição entre um mundo verdadeiro e um mundo aparente: há apenas um único mundo, e este é falso, cruel, contraditório, sedutor, sem sentido... Um mundo assim constituído é o

mundo verdadeiro... Temos necessidade da mentira para sobrepujarmos essa realidade, essa “verdade”, quer dizer, para vivermos... O fato de que a mentira seja necessária para viver pertence a esse caráter terrível e problemático da existência...

A metafísica, a moral, a religião, a ciência foram consideradas neste livro tão somente como diferentes formas da mentira: com seu auxílio, crê-se na vida. “A vida deve inspirar confiança”: a tarefa, posta dessa maneira, é imensa. Para resolvê-la, o homem precisa ser, já por natureza, um mentiroso, precisa ser, mais do que tudo, um *artista*. E ele é isto também: metafísica, religião, moral, ciência - todos são apenas rebentos de sua vontade de arte, de mentira, de fuga diante da “verdade”, de *negação* da “verdade”. A faculdade graças à qual ele domina a realidade com a mentira, essa capacidade artística do homem *par excellence* - ele a compartilha com tudo aquilo que é. Ele mesmo é deveras uma parte de realidade, de verdade, de natureza: como não deveria ser também uma parte de *gênio da mentira!*...

Que o caráter da existência seja *desconhecido* - eis o mais profundo e elevado intento secreto por trás de tudo o que é virtude, ciência, piedade e criação artística. Jamais ver muitas coisas,vê-las falsamente, ver além: oh, quão inteligente se é nos estados em que se está o mais distante possível de tomarse por inteligente! O amor, o entusiasmo, “deus” - puras sutilezas do autoengano derradeiro, puras seduções para a vida, puras crenças na vida! Nos instantes em que o homem foi enganado, em que ludibriou a si mesmo, em que acreditou na vida: oh, como então esta cresceu nele! Que encanto! Que sentimento de poder! Quanto triunfo de artista no sentimento de poder!... O homem tornou-se, uma vez mais, senhor da “matéria” - senhor da verdade!... E sempre que o homem se alegra, é sempre o mesmo em sua alegria: alegra-se como artista, saboreia-se como poder, saboreia a mentira como seu poder...

2.

A arte e nada como a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande sedutora para a vida, o grande estimulante da vida...

A arte como única força contrária superior, em oposição a toda vontade de negação da vida; anticristã, antibudista e antiniilista *par excellence*.

A arte como a *redenção de quem conhece*, - daquele que vê e quer ver o caráter temível e problemático da existência, do conheededor [-] trágico.

A arte como a *redenção do homem de ação*, - daquele que não apenas vê o caráter terrível e problemático da existência, mas antes o vive e quer vivê-lo, do homem que é guerreiro trágico, do herói.

A arte como a *redenção do sofredor*, - como caminho para estados nos quais o sofrer é querido, transfigurado, divinizado; nos quais o sofrer é uma forma do grande arrebatamento.

3.

Vê-se que neste livro o pessimismo, falemos mais claramente: o niilismo, vale como a verdade. Mas a verdade não vale como a mais elevada medida de valor, menos ainda como poder supremo. A vontade de aparência, de ilusão, de ludibrio, de devir e mudança (de ludibrio objetivo) vale aqui como mais profunda, mais originária, mais metafísica do que a vontade de verdade, de realidade, de ser: - esta última é apenas uma forma da vontade de ilusão. Igualmente, o prazer vale como algo mais originário que a dor: a dor só vale como algo condicionado, como um fenômeno derivado da vontade de prazer (da vontade de vir a ser, de crescer, de configurar, isto é, *de criar*: mas no criar está incluído o destruir). Concebe-se um estado mais elevado de afirmação da existência, do qual até mesmo a suprema dor não pode ser descontada: o estado dionisíaco-trágico.

4.

Este livro é, desse modo, até mesmo antipessimista: a saber, no sentido de que ensina algo que é mais forte que o pessimismo, que é “mais divino” que a verdade. Ao que parece, ninguém mais do que o autor deste livro outorgaria tão seriamente a palavra a uma radical negação da vida, a um negar *em ação* a vida, mais do que em palavras. Ele sabe muito bem - ele o vivenciou, e talvez não tenha vivenciado senão isto! - que a arte tem *mais valor* do que a verdade.

No prefácio, com o qual Richard Wagner é como que convidado para um diálogo, aparece esta profissão de fé, este evangelho de artistas “a arte como a tarefa propriamente dita da vida, a arte como sua atividade *metafísica...*”

264 Em grego no original: “criança jogando, criando”. Trata-se, provavelmente, de uma referência ao fragmento 53 de Heráclito de Éfeso, pela numeração de Diels-Kranz, que diz: “*O tempo é uma criança, criando, jogando o jogo de pedras; vigência da criança*” (tradução de Emmanuel Carneiro Leão, *Os pensadores originários*. Petrópolis: Vozes, 1991).

265 Em francês no original: “pudores”. [N.T.]

266 Em francês no original: “a arte pela arte”. [N.T.]

267 Charles O. M. Férey (1815-1875), que nasceu em Tours e morreu em Paris. Foi autor de romances, entre os quais contam-se *Os cavaleiros errantes* e *O doutor vampiro*. [N.T.]

268 Em francês no original: “lugar de reunião”. [N.T.]

269 Palavra cunhada por Nietzsche. Significa algo como “erótico”, “erotismo”. [N.T.]

270 Em francês no original: “vulgo”, “povinho”. [N.T.]

271 Em francês no original: “ao vulgo pluminoso escritivinhador”. [N.T.]

272 Trata-se, muito provavelmente, de uma referência à conhecida caracterização de Hegel da filosofia como um “mundo às avessas”. [N.T.]

273 Em francês no original: “fatos e traços”. [N.T.]

274 Em francês no original: “todos esses modernos são poetas que quiseram ser pintores. Um procurou dramas na história, o outro, cenas de costumes; este representa uma religião, aquele outro uma filosofia”. [N.T.]

- 275 Em francês no original: “desdém”. [N.T.]
- 276 Coletânea de antigas sagas nórdicas. [N.T.]
- 277 Em francês no original: “afetaçao”. [N.T.]
- 278 Em francês no original: “palhaçadas”. [N.T.]
- 279 Johann Friedrich Herbart (1776 |8/|H, filósofo e pedagogo alemão. Sua obra destacou-se pela antecipação dos princípios das teorias contemporâneas da educação e dos conceitos e doutrinas da psicologia, que surgiria mais tarde como ciência. Escreveu *Tratado introdutório à filosofia, Psicologia como ciência, Metafísica geral e Esboço de lições de pedagogia*. Para Herbart, a filosofia tem como principal objetivo explicar o universo a partir da experiência. O segundo objetivo da filosofia seria o de resolver as contradições da experiência. Para isso, construiu um método, que constituía a primeira parte de sua metafísica, que entendia como a arte de compreender corretamente a experiência. É a esse método, aplicado à música, que Nietzsche se refere na presente passagem. [N.T.]
- 280 Em latim no original: “servas do drama”. [N.T.]
- 281 Em latim no original: “nas coisas da música e dos músicos”. [N.T.]
- 282 Grande palácio renascentista de Florença, projetado por Brunelleschi em 1458 como residência urbana do banqueiro Luca Pitti. Em 1539 foi comprado pela família Médici para servir de residência oficial dos grandes duques da Toscana. A última ampliação data do século XVII. No século XIX foi usado por Napoleão e, em seguida, serviu como residência oficial dos reis da Itália. [N.T.]
- 283 Referência à hipótese, defendida por alguns até o século XIX, de que a dramaturgia de Shakespeare teria sido escrita, na verdade, pelo filósofo Francis Bacon (1561-1626). [N.T.]
- 284 Esta palavra alemã significa também “Iluminismo”. [N.T.]
- 285 Nietzsche faz aqui um jogo de palavras entre “*Ja*” e “*Bejahung*”, que em alemão significa afirmação. Preferimos traduzir *Bejahung* por “ratificação” a fim de apontar o caráter de confirmação presente em toda afirmação, que é, parece-nos, o que Nietzsche pretende mostrar com esse jogo de palavras. [N.T.]
- 286 Em latim no original: “apogeu”, “auge”. [N.T.]

QUARTO LIVRO

CULTURA E CULTIVO²⁸⁷

287 Traduzimos por “cultura e cultivo” as palavras “*Zucht und Züchtung*”, que significam, respectivamente, “*Zucht*”, “criação, em se tratando de animais e vegetais, disciplinamento, educação etc.”, e “*Züchtung*”, a substantivação do verbo “*züchten*”, que, por sua vez, exprime a ação do que é indicado no substantivo “*Zucht*”. Registre-se que a palavra “cultura” é correntemente traduzida, no alemão, por “*Kultur*”. [N.T.]

I. HIERARQUIA

[I. A doutrina da hierarquia]

854

Na época do *suffrage universel*, isto é, quando cada um está autorizado a ajuizar sobre tudo e todos, sou impelido a estabelecer novamente a *hierarquia*.

855

Somente quantidades de poder estão conferindo e retirando distinção: nada senão isso.

856

A vontade de poder. - Como os homens, que procedem a essa inversão de valores, haveriam de estar constituídos? A hierarquia como ordenação de poder: guerra e perigo são as pressuposições que estabelecem as condições de uma distinção. O modelo grandioso: o homem na natureza - o ser mais fraco e mais inteligente se tornando senhor, os poderes mais estúpidos se submetendo.

857

Diferencio um tipo de vida ascendente e um outro da decadência, da desagregação, da fraqueza. Dever-se-ia crer que a questão da distinção entre os dois tipos em geral ainda está por colocar-se?...

858

A quantidade de poder que tu és decide sobre a distinção; o resto é covardia.

859

[Vantagem de se estar à parte de seu tempo. -] Estar à parte em relação a ambos os movimentos, a moral individualista e a coletivista, - pois também a primeira não conhece a hierarquia e quer dar a todos a mesma liberdade. Meus pensamentos não giram em torno do grau de liberdade que se deve conferir a este, àquele ou a todos, mas antes em torno do grau de *poder* que este ou aquele devem exercer sobre o outro ou sobre todos; a saber, em que medida um sacrifício de liberdade, mesmo uma escravização, confere a base para a produção de um *tipo superior*. Pensando de forma mais grandiosa: *como se poderia sacrificar o desenvolvimento da humanidade* a fim de contribuir para a existência de uma espécie mais elevada do que o homem?

860

Da distinção. A consequência assustadora da “igualdade” - finalmente cada um acredita que tem o direito a todo e qualquer problema. Isso significa o desaparecimento de toda hierarquia.

861

Faz-se necessário que o *homem superior* declare guerra às massas! Por toda parte o medíocre se congrega para tornar-se senhor! Tudo aquilo que amolece, abranda, faz valer o “povo” ou o “feminil” opera em defesa do *suffrage universel*, isto é, da dominação exercida pelo homem *inferior*. Nós, porém, queremos praticar represálias e trazer à luz e perante o tribunal toda essa economia (que o cristianismo impulsionou na Europa).

862

Precisa-se de uma doutrina forte o suficiente para atuar *cultivando*: que seja fortalecedora para os fortes, paralisante e destruidora para os cansados do mundo.

A aniquilação das raças decadentes. Decadência da Europa. - A aniquilação dos apreços de escravos. - A dominação sobre a Terra como meio para o engendramento de um tipo superior. - A aniquilação da tartufaria que responde pelo nome de “moral” (nisso, a cristandade como uma modalidade histérica de honradez: Agostinho, Bunyan).²⁸⁸ - A aniquilação do *suffrage universel*: isto é, do sistema em virtude do qual as naturezas inferiores prescrevem a si mesmas como lei às superiores. - A aniquilação da mediocridade e de seu valor. (Os unilaterais, povos-indivíduos, por exemplo, o aspirar à plenitude inglesa da natureza por uma equiparação de contrários: misturar raças para isso). - A nova coragem - nenhuma verdade apriorística (*tais verdades* buscavam os que estavam habituados a crer!), mas antes *livre* subordinação a um pensamento dominante que tem o seu tempo; o pensamento, por exemplo, do tempo como propriedade do espaço etc.

[2. Os fortes e os fracos]

863

O conceito de “homem forte e homem fraco” reduz-se ao fato de que no primeiro caso herda-se muita força - ele é uma soma: no outro caso, *pouca força ainda* —

- herança *insuficiente*, fragmentação do herdado. A fraqueza pode ser um fenômeno-*inicial*: “*ainda pouco*”; ou um fenômeno-*terminal*: “*não mais*”.

O ponto de partida está ali onde há uma grande força, onde se deve gastar força: a massa, como a soma dos fracos, reage *com lentidão...* - defende-se de

muitas coisas para as quais é fraca demais... das quais não pode tirar nenhum proveito; *não cria, não vai adiante...*

Isso contra a teoria que nega o indivíduo forte e supõe que “a massa faz acontecer”. Trata-se de uma diferença como aquela que existe entre gerações separadas: pode haver quatro, cinco gerações entre o *homem atuante* e a massa - uma diferença *cronológica...*

Os *valores dos fracos* estão em primeiro lugar, pois os fortes os assumiram para, com isso, *conduzir...*

864

Por que os fracos vencem. — Em suma: os doentes e os fracos despertam mais *simpatia*, são “mais humanos” -: os doentes e os fracos têm mais *espírito*, são mais cambiantes, plurais, divertidos, - mais maldosos: os doentes, e ninguém senão eles, inventaram a *maldade*. (Uma precocidade doentia é frequente nos raquíticos, escrofulosos e tuberculosos.) O *esprit*: característica de raças mais antigas (judeus, franceses, chineses. Os antisemitas não perdoam o fato de que os judeus tenham “espírito” - e dinheiro: o antisemitismo, um nome dos “malsucedidos”).

Os doentes e os fracos têm o *fascínio* a seu favor; são *mais interessantes* que os saudáveis: o louco e o santo - as duas espécies mais interessantes de homem... em estreito parentesco com o “gênio”. Os grandes “aventureiros e criminosos” e todos os homens, com os mais saudáveis à frente, foram *doentes* durante certo período da vida: - os grandes movimentos do ânimo, a paixão do poder, o amor, a vingança são acompanhados de profundos distúrbios... E quanto à *décadence*: todo homem que não morre muito cedo a representa em quase todos os sentidos: - portanto, ele também conhece, por experiência, os instintos que pertencem a ela: - durante *a metade de quase toda vida humana* o homem é *décadent*.

Por fim: a *mulher!* *Uma metade da humanidade* é fraca, tipicamente doente, cambiante, inconstante - a mulher precisa de força para agarrar-se a ela, - e de uma religião da fraqueza, que magnifique, como algo divino, o ser *fraco*, o amar, o ser humilde... - ou melhor, ela enfraquece os fortes, - ela *domina* quando consegue subjugar os fortes... - a mulher, em conluio com os tipos da *decadence*-: os sacerdotes, sempre conspiraram contra os “poderosos”, os “fortes”, os *homens* - a mulher leva consigo as crianças para o culto à piedade, à compaixão, ao amor - a *mãe* representa o altruísmo *convincente*...

Por fim: a crescente civilização, que ao mesmo tempo traz consigo, necessariamente, o aumento dos elementos mórbidos, dos *neuróticos* e dos *criminosos*... - surge uma *espécie-intermédia*, o *artista*, separado da criminalidade da ação pela fraqueza da vontade e pela timidez social, que, ao mesmo tempo, ainda não está maduro para o manicômio, mas já insinua suas antenas em ambas as esferas, curioso: essa planta cultural característica, o artista moderno, pintor, músico, sobretudo romancista, que emprega para o seu modo de ser a palavra por demais inadequada de “naturalismo”... - Aumentam os desorientados, os criminosos e os “naturalistas”: sinais de uma cultura crescente e que repentinamente *avança* - isto é, a escória, o dejeto, o lixo ganham importância, - o descenso *marca passo*...

Por fim: a *miscelânea social*, consequência da revolução, da produção dos direitos iguais, da crença injustificada na existência de “homens iguais”. Nisso misturam-se em todo o sangue de todas as classes os portadores dos instintos de decadência (do ressentimento, da insatisfação, da pulsão aniquiladora, do anarquismo e niilismo), incluindo os portadores dos instintos escravos, dos instintos de covardia, dos instintos de astúcia, dos instintos da *canaille* da parte das camadas *longamente mantidas por baixo*: duas ou três gerações depois disso e a raça já não é reconhecível - tudo está

plebeizado. Disso resulta um instinto coletivo contra a *escolha*, contra o *privilégio* de qualquer espécie, um instinto de um poder e segurança, dureza, crueldade da práxis, de modo que a ele se submetem imediatamente mesmo os *privilegiados*: - o que ainda quer assegurar poder adula a plebe, *precisa* ter a plebe ao seu lado - os “gênios” antes de todos: eles se tornam os *arautos* dos sentimentos, daqueles sentimentos com os quais a massa se entusiasma - o tom da compaixão e mesmo de veneração diante de tudo o que viveu sofrendo, por baixo, desprezado, perseguido ressalta sobre todos os outros tons (tipos: Victor Hugo e Richard Wagner). - A ascensão da plebe significa mais uma vez a ascensão dos *antigos valores*...

Em uma tal movimentação extrema no que concerne ao andamento e aos meios, assim como nossa civilização a manifesta, desloca-se o peso dos homens: dos homens para os quais importa o máximo - que têm a seu encargo - compensar todo o grande perigo de uma tal movimentação doentia; - esses serão os procrastinadores *par excellence*, que lentamente admitem e dificilmente abandonam, os relativamente duráveis em meio a essa monstruosa mudança e mistura de elementos. Em tais circunstâncias, o peso das coisas cabe necessariamente aos *medióciros*: contra o domínio da plebe e dos excêntricos (na maioria das vezes, ambos estão ligados) consolida-se a *mediocridade*, como a fiadora e portadora do futuro. Disso resulta para os *homens de exceção* um novo oponente - ou ainda uma nova sedução. Contanto que eles não se amoldem à plebe e entoem louvores em homenagem ao instinto dos “deserdados”, terão de ser, necessariamente, “medióciros” e “firmes”. Eles sabem que também a *mediocritas* é áurea, - ela só dispõe até mesmo sobre dinheiro e ouro (- sobre tudo que *brilha*...)... E mais uma vez a antiga virtude, e em geral todo o *carcomido* mundo do ideal, consegue para si intercessores de talento... Resultado: a mediocridade recebe espírito, graça, gênio, - prende a atenção, seduz...

*

Resultado. - [Uma alta cultura] só pode permanecer de pé sobre um solo amplo, sobre uma mediocridade forte e saudavelmente consolidada. A seu serviço e servida por ela trabalha a *ciência* - e mesmo a arte. A ciência não pode desejar para si nada melhor do que isto: ela pertence, como tal, a uma espécie mediana de homem, - entre homens de exceção estaria deslocada, - não tem nada de aristocrático e menos ainda algo de anarquista em seus instintos. - O poder do meio é mantido de pé pelo comércio, mormente pelo comércio de dinheiro: o instinto dos grandes financistas reage a tudo quanto é extremo, - os judeus são por isso, hoje em dia, o poder *mais conservador* em nossa Europa tão ameaçada e insegura. Eles podem dispensar as revoluções, o socialismo ou ainda o militarismo: se querem e precisam ter poder também sobre o partido revolucionário, isso representa apenas uma consequência do que foi dito antes, não uma contradição. Eles têm necessidade, contra outras tendências extremas, de suscitar oportunamente temor - o que fazem mostrando tudo *o que* está em suas mãos. Mas seu instinto é invariavelmente conservador - e “medíocre”... Onde quer que haja poder, sabem ser poderosos: mas o usufruto de seu poder segue sempre uma única direção. A palavra honorífica para o *medíocre* é, reconhecidamente, a palavra “*liberal*”...

*

Meditação. - É absurdo supor que todo esse *triunfo de valores* seja antibiológico: precisa-se buscar esclarecê-lo a partir de um interesse da *vida* - a *manutenção* do tipo “homem” mesmo com essa metodologia da *supremacia* dos fracos e malsucedidos -: caso contrário o homem não mais existiria? - Problema

O *melhoramento* do tipo seria fatídico para a *conservação da espécie*? Por quê? -

As experiências da *História*: as raças fortes se *dizimaram* *umas às outras*: guerra, avidez de poder, aventura; os afetos fortes: a *dilapidação* - não se capitaliza mais força... surgem perturbações espirituais pela tensão excessiva; sua existência é dispendiosa, em suma - consomem-se *uns aos outros* -; sucedem períodos de *profundo abatimento* e frouxidão: todos os grandes tempos são *pagos*... Os fortes tornam-se em seguida mais fracos, mais abúlicos, mais absurdos do que os medianamente fracos.

São raças *esbanjadoras*. - A “*duração*” em si não teria nenhum valor: preferir-se-ia antes uma existência da espécie mais curta, porém *mais* valorosa. - Restaria demonstrar que, mesmo assim, seria obtida uma carga de valor mais rica do que no caso da existência curta; isto é, que o homem, como uma concentração de força, obtém uma quantidade de domínio muito superior sobre as coisas, se tudo transcorre como é esperado... Estamos diante de um problema de economia - - -

865

Um modo de pensar que se chama “idealismo”, o qual não quer permitir que a mediocridade seja medíocre e que a mulher seja mulher. Não uniformizar! Esclarecer-nos sobre *como custa caro estabelecer-se uma virtude*: e que a virtude não é nada comumente desejável, mas antes uma *nobre extravagância*, uma bela exceção, com a prerrogativa de tornar-se disposto *de modo forte*...

866

A *necessidade* de demonstrar que um *contramovimento* é inerente a um consumo cada vez mais econômico de homem e humanidade, a uma “maquinaria” de interesses e produções sempre mais firmemente imbricados

uns nos outros. Caracterizo o mesmo como *secreção de um luxo-excedente da humanidade* : nela deve vir à luz uma espécie *mais forte*, um tipo superior, que possui condições de surgimento e de conservação distintas da do homem mediano. Meu conceito, minha *metáfora* para esse tipo é, como se sabe, a palavra “super-homem”.

Naquele primeiro caminho, que agora podemos visualizar perfeitamente, surge a acomodação, o nivelamento, a maior chinesice, a modéstia de instinto, a satisfação no apequenamento do homem - uma espécie de *paralisia no nível do homem*. Desde que tenhamos aquela iminente e inevitável administração econômica e coletiva da terra, então a humanidade *pode* encontrar o seu melhor sentido na condição de maquinaria posta a serviço dela [da administração]: como uma descomunal engrenagem de rodas sempre menores e sempre mais finamente “ajustadas”; como um sempre crescente tornar-se supérfluo de todos os elementos que dominam e comandam; como um todo de uma força descomunal, cujos fatores individuais apresentam *valores e forças mínimos*. Em contraposição a esse apequenamento e a essa acomodação do homem em uma utilidade especializada, carece-se do movimento inverso - ou seja, do engendramento do homem *realizador de síntese, somador, justificador*, para quem aquele ajuste maquinal da humanidade é uma condição prévia da existência, como uma estrutura subjacente sobre a qual ele pode inventar para si a sua *mais elevada forma de ser...*

Ele necessita, tanto quanto dessa estrutura, do *antagonismo* do grande número, dos “nivelados”, do sentimento de distância em relação a eles; está sobre eles, vive deles. Essa forma superior do *aristocratismo* é a do futuro. - Moralmente falando, aquela maquinaria coletiva, a solidariedade de todas as engrenagens, representa um ponto máximo na *exploração do homem*: mas esta pressupõe homens em virtude dos quais essa exploração tem *sentido*.

Caso contrário, ela seria, de fato, só a diminuição coletiva, a depreciação do tipo homem, - um *fenômeno-retrógrado* no maior estilo.

- Vê-se que o que eu combato é o otimismo *econômico*: como se com a crescente despesa de todos, também o proveito de todos tivesse necessariamente de crescer. Parece-me que o contrário é o caso: *a despesa de todos somase a um prejuízo coletivo*: o homem torna-se menor, a ponto de não se saber mais *para que*, em geral, serviu esse processo descomunal. Um para quê? Um novo “para quê”? - eis aquilo de que a humanidade tem necessidade...

867

Visão acerca do *aumento do poder coletivo*: calcular até que ponto também o ir a pique de indivíduos, classes, épocas e povos está *incluído* nesse crescimento.

Deslocamento do *peso* de uma cultura. As *despesas* de todo grande crescimento: quem as suporta! *Em que medida precisam ser agora descomunais*.

868

Visão de conjunto sobre o futuro europeu: como a mais inteligente besta de carga, muito trabalhador, no fundo muito modesto, curioso até não mais poder, plural, mimado, fraco de vontade - um caos de afeto cosmopolita e de inteligências. Como se poderia tirar dele uma espécie *mais forte*? Uma espécie com gosto *clássico*? O gosto clássico é a vontade de simplificação, de fortalecimento, de visibilidade da felicidade, de terribilidade, de coragem para a *nudez psicológica* (- a simplificação é uma consequência da vontade de fortalecimento; por sua vez, o deixar transparecer a felicidade, igualmente a nudez, é uma consequência da vontade de terribilidade...). Para ascender a partir daquele caos a essa *configuração* é preciso uma

coação: é necessário escolher entre ir a pique ou *impor-se*. Uma raça dominadora só pode desenvolver-se a partir de começos terríveis e violentos. Problema: onde se encontram os *bárbaros* do século vinte? Manifestamente, eles só despontarão e se consolidarão depois das descomunais crises socialistas, - serão os elementos capazes da *maior dureza contra si mesmo* e que podem garantir a *vontade mais longa...*

869

As paixões mais poderosas e perigosas do homem, às quais ele mais facilmente sucumbe, estão tão fundamentalmente proscritas, que com isso os próprios homens poderosos se tornaram impossíveis ou precisam sentir-se *maus*, “nocivos e ilícitos”. Esse prejuízo é grande, mas foi até aqui necessário: agora, quando muitas forças contrárias foram grandemente cultivadas por uma repressão temporária daquelas paixões (de busca de domínio, prazer na transformação e na ilusão), seu desencadeamento é novamente possível: elas não terão mais a antiga ferocidade. Nós nos permitimos os bárbaros domesticados: observem-se nossos artistas e políticos.

870

A raiz de todo o mal: o fato de ter *triunfado* uma moral escrava da humildade, castidade, altruísmo, obediência absoluta - as naturezas dominadoras por isso 1. descambaram para a hipocrisia, 2. foram condenadas ao tormento de consciência, - as naturezas criadoras sentiram-se como revoltosos contra Deus, inseguros, tolhidos pelos valores eternos.

- Os bárbaros mostraram que não estavam familiarizados com o *poderconter-se*: temiam e difamavam as paixões e impulsos da natureza: - assim como a visão dos césares e das classes dominantes.

- Surgiu, por outro lado, a suspeita de que toda *moderação* seja uma fraqueza ou um tornar-se velho e cansado (- assim La Rochefoucauld tem a suspeita de que “virtude” seja uma bela palavra naqueles a quem o vício já não causa mais nenhum prazer). O próprio moderar-se foi descrito como coisa de obstinados, como autodominação e ascese, como luta contra o diabo etc. O *bem-estar* natural da natureza estética junto à medida, a *satisfação* junto à *beleza da medida* foi *desconsiderada* ou *renegada*, pois se queria uma moral *antieudemonista*.

Faltou até aqui a crença no *prazer* em *moderar-se* - esse prazer do cavaleiro montado em cavalo fogoso! - A moderação das naturezas fracas confundida com a das naturezas fortes!

Em suma: as melhores coisas foram *difamadas* (porque os fracos ou os porcos lascivos lançaram sobre elas uma luz ruim) - e os melhores homens *permaneceram ocultos* e frequentemente se *desconheceram* a si mesmos.

871

Os *viciosos* e *desenfreados*: sua influência depressiva sobre o *valor dos desejos*. Uma horrível barbárie dos costumes, particularmente na Idade Média, forçou a uma verdadeira “união da virtude” - junto com um igualmente horrível exagero sobre aquilo que constitui o *valor* do homem. A “civilização” combatente (domesticação) carece de toda espécie de ferro e tortura, para conservar-se contra a terribilidade e a natureza-rapinante.

Aqui uma confusão é absolutamente natural, não obstante ter a influência mais nociva: aquilo que *homens de poder e de vontade* podem exigir *de si* fornece também uma medida para aquilo que podem conceder a si. Tais naturezas são o *oposto* dos viciosos e desenfreados: não obstante, em certas circunstâncias, fazem coisas pelas quais um homem pequeno seria culpado de vício e imoderação.

Aqui o conceito de “*igualdade de valor* dos homens *perante Deus*” causa um prejuízo extraordinário: proibiram-se ações e modos de pensar que, em si, pertencem às prerrogativas dos fortemente constituídos, - como se fossem, em si, indignas do homem. Difamou-se toda a tendência do homem forte, enquanto se erigia como norma de valor os recursos defensivos dos mais fracos (mais fracos também em relação a si mesmos).

A confusão vai tão longe que se estigmatizam diretamente, com os nomes mais ofensivos, os grandes *virtuoses* da vida (cujo autodomínio oferece a oposição mais aguda ao vício e à “falta de freio”). Ainda agora se crê necessário censurar um César Borgia: isso é simplesmente de fazer rir. A Igreja excomungou imperadores alemães por vício: como se um monge ou um sacerdote pudessem discutir sobre aquilo que um Frederico II pode exigir de si. Um Dom Juan foi mandado ao inferno: isso é por demais ingênuo. Já se reparou que todos os homens interessantes não estão no céu?... Que isto sirva de aviso às mulherzinhas sobre onde podem encontrar a sua melhor salvação... Pense-se de modo um pouco consequente e, além disso, com uma visão mais aprofundada naquilo que é um “grande homem”, então não resta a menor dúvida de que a Igreja envia todo “grande homem” para o inferno -, ela luta *contra* toda “grandezza do homem”...

872

Os direitos que um homem toma para si são proporcionais aos deveres que estabelece para si, às tarefas em relação às quais se *sente* à altura. A maior parte dos homens não tem direito à existência, sendo antes uma infelicidade para os homens superiores.

873

Incompreensão do egoísmo por parte das naturezas *comuns*, as quais não conhecem absolutamente nada do prazer da conquista e da insaciabilidade

do grande amor, assim como nada sabem dos transbordantes sentimentos de força que subjugam, constrangem a si e querem instalar-se no coração - a pulsão do artista para o seu material. Frequentemente, também o sentido da atividade apenas busca o seu terreno. - No “egoísmo” habitual é justamente o “não-ego”, o *ser profundamente mediano*, o homem-espécie que quer a sua conservação - isso revolta, caso seja percebido pelos mais raros, mais refinados e pouco medianos, pois estes ajuízam: “nós *somos os mais nobres!* Importa *mais a nossa conservação* do que a conservação daquele gado!”

874

A *degeneração dos soberanos e das classes dominantes* provocou a maior desordem na História! Sem os césares romanos e a sociedade romana, a loucura do cristianismo não teria chegado ao poder.

Se os homens mais insignificantes passam a duvidar de que há homens superiores, então o perigo é grande! Termina-se por descobrir que também há *virtudes* nos homens pequenos, submissos e pobres de espírito e que, *diante de Deus*, os homens se equivalem: o que foi o *non plus ultra* de estultice até hoje sobre a Terra! É que os homens superiores terminaram por medir-se, eles mesmos, pelo padrão de virtude dos escravos - acusaram a si mesmos de “soberbos” etc. e censuraram todas as suas características *mais elevadas!*

- No tempo de Nero e Caracalla, surgiu o paradoxo de que o homem que está mais por baixo tem *mais valor* do que aquele que está por cima! Abriu o caminho uma *imagem de Deus* que se encontrava o mais *distante* possível da imagem dos mais poderosos - o Deus na cruz!

875

O *homem superior* e o *homem-rebanho*. Se faltam os grandes homens, formam-se então semideuses e mesmo deuses a partir dos grandes homens

do passado: o irromper da religião demonstra que o homem *já* não sente mais *prazer* no homem (- “e tampouco na mulher”, com Hamlet). Ou: ajuntamse muitos homens, na forma de parlamentos, e deseja-se que atuem imediatamente de modo tirânico.

O “tiranizar” diz respeito aos grandes homens: eles *embrutecem* os menores.

876

Até que nível chega a incapacidade, por parte de um agitador plebeu das massas, de tornar claro para si o conceito de “natureza superior”, eis do que nos dá o melhor exemplo Buckle.²⁸⁹ Ele compreendeu mal, instintivamente, a opinião que *combatia* de modo tão apaixonado - a de que “grandes homens”, indivíduos, príncipes, chefes de estado, gênios, capitães são as *causas* e a alavanca de todo grande movimento -, como se ela afirmasse que o essencial e valioso em um tal “homem superior” estivesse precisamente na capacidade de pôr as massas em movimento, em suma, em seu efeito... Mas a “natureza superior” do grande homem reside no ser distinto, na incomunicabilidade, na distância hierárquica - *não* nos efeitos, quaisquer que sejam: mesmo se tivessem abalado o globo terrestre. -

877

A Revolução possibilitou Napoleão: esta é a sua²⁹⁰ justificação. Por um preço semelhante seria de desejar-se a demolição anarquista de toda a nossa civilização. Napoleão possibilitou o nacionalismo: este é o seu senão.

O valor de um homem (abstraindo-se, como é justo, de moralidade e imoralidade: pois com esses conceitos não se tocou sequer uma vez o *valor* de um homem) não reside em sua utilidade: pois ele persistiria mesmo se não houvesse ninguém a quem soubesse ser útil. E por que o homem do qual partiram os efeitos mais perniciosos não poderia ser, afinal, o cume de

toda a espécie humana, tão alto, tão superior que diante dele todos pereceriam de inveja?

878

Avaliar o valor de um homem por aquilo que ele fez de útil aos homens ou por quanto os prejudicou ou lhes custou não significa nem mais nem menos do que avaliar uma obra de arte pelos efeitos que ela produziu. Mas *com isso o valor de um homem em comparação com outros homens* não é absolutamente tocado. A “estimação moral”, tanto mais se ela é uma estimação social, mede o homem apenas por seus efeitos. Um homem, com seu próprio gosto sobre a língua, encerrado e protegido por sua solidão, incomunicável - um homem *fora de série*, portanto, um homem de uma espécie superior ou, em todo caso, de outra espécie: como pretendes poder depreciá-lo se não podeis conhecê-lo nem compará-lo?

A *depreciação moral* teve por consequência o supremo embotamento do juízo: o valor de um homem em si foi subestimado, quase *despercebido*, quase *negado*.

Resto da *teleologia* ingênua: estimar o *valor* de um homem *apenas no que diz respeito aos homens*.

879

A *preocupação moral* rebaixa muito um espírito na hierarquia: falta-lhe, com isso, o instinto do privilégio, o *a parte*, o sentimento de liberdade das naturezas criadoras, das “crianças de Deus” (ou do diabo -). E é indiferente se ele prega uma moral dominante ou estabelece seu ideal como *crítica* da moral dominante: ele pertence, com isso, ao rebanho - por mais que lhe seja sumamente necessário, como “pastor”...

880

Substituição da moral pela vontade de nossa finalidade, e, consequentemente, dos meios que nos levam a ela.

881

Da hierarquia: - O que é *medíocre* homem típico? O fato de não compreender o *reverso das coisas* como necessário; o fato de combater as situações adversas como se fosse possível passar sem elas; o fato de não querer suportar conjuntamente ambas as situações: as favoráveis e as desfavoráveis, - o fato de gostar de confundir e apagar o *caráter típico de uma coisa*, de um estado de alma, de um tempo, de uma pessoa, à medida que gostaria de aprovar apenas uma parte de suas características, *suprimindo* as demais. A “desejabilidade” dos medíocres é aquilo que combatemos: o *ideal* apreendido como algo em que não deve sobrar nada de nocivo, mau, perigoso, problemático, aniquilador. Nossa visão é a inversa: em todo crescimento do homem também seu reverso precisa crescer, o homem *sumamente elevado*, se é que podemos falar de um tal conceito, seria o homem que apresentasse, o mais fortemente possível, o *caráter oposto da existência* como sua glória e singular justificação... Os homens normais só apresentam um cantinho e um ângulo insignificantes desse caráter natural: vão a pique assim que cresce a multiplicidade dos elementos e a tensão dos contrários, ou seja, as precondições para a *grandeza do homem*. Que o homem precisa tornar-se melhor e pior, eis a minha fórmula para essa inevitabilidade...

A maioria dos homens é a representação do homem em forma de peças e particularidades: é preciso somá-las para se chegar a um homem. Tempos inteiros, povos inteiros possuem, nesse sentido, algo de fragmentário; pertence quiçá à economia do desenvolvimento humano que o homem se desenvolva de modo fragmentado. Por isso não se deve desconhecer absolutamente que, a despeito de tudo isso, trata-se apenas do realizar-se do

homem sintético, que os homens inferiores, que representam a imensa maioria, são meramente prelúdios e ensaios a partir de cuja combinação surge, aqui e ali, o *homem integral*, o homem pedra miliária,²⁹¹ o qual indica quão longe a humanidade se adiantou até aqui. Ela *não* avança em um passo único; frequentemente o tipo já alcançado se perde de novo...

- com todo o esforço dos últimos três séculos, por exemplo, ainda não alcançamos novamente o *homem do Renascimento*; por sua vez, o homem do Renascimento permaneceu aquém do *homem antigo*...

882

Reconhece-se a *superioridade* do homem grego, do homem do Renascimento - mas gostar-se-ia de possuí-la sem as suas causas e condições.

883

A “*limpeza do gosto*” só pode ser a consequência de um *fortalecimento* do tipo. Nossa sociedade de hoje *representa*, apenas, a formação; *falta* o homem educado. Falta o grande *homem sintético*, no qual as diferentes forças confluem naturalmente para um único objetivo. O que temos é o homem *plural*, o caos mais interessante que talvez tenha existido até hoje: *não* o caos *anterior* à criação do mundo, mas o que veio depois dela: *Goethe* como a mais bela expressão do tipo (- *de maneira nenhuma um olímpico!*)

884

Handel, Leibniz, Goethe, Bismarck - característicos do *modo forte de ser alemão*. Vivendo de bom grado entre oposições, repletos daquela força plástica que se acautela diante de convicções e doutrinas, enquanto as emprega umas contra as outras e reserva para si mesma a liberdade.

Até onde pude compreender, se o surgimento de homens raros e grandes dependesse do consentimento dos muitos (admitindo inclusive que estes *soubessem* que características pertencem à grandeza e, igualmente, a que custo toda grandeza se desenvolve) - então jamais teria havido um único homem significativo! -

Do fato de que o curso das coisas tome o seu caminho, *independentemente* do consentimento da grande maioria, decorre que algo de admirável soube insinuar-se sobre a Terra.

A hierarquia dos valores humanos.

a) Não se deve avaliar um homem por obras isoladas. *Ações-epidérmicas*. Nada é mais raro do que uma *ação-pessoal*. Uma classe, uma posição hierárquica, uma raça popular, os círculos de companhia, um acaso - antes, tudo isso, de preferência a uma “pessoa”, se expressa em uma obra ou fazer.

b) Não se deve em geral pressupor que muitos homens sejam “pessoas”. Muitos são também *muitas* pessoas, e a maioria não é *nenhuma*. Por toda parte onde preponderam as características medianas, em virtude das quais importa que um tipo persista, ser-pessoa seria um desperdício, um luxo, e não faria sentido algum reclamar por uma “pessoa”. Tais características são portadoras, instrumentos de transmissão.

c) A “pessoa” é um fato relativamente *isolado*; em relação à importância bem maior do fluxo contínuo e da medianidade, é até mesmo algo *antinatural*. Para o surgimento da pessoa convém um isolamento temporário, uma coação a uma existência defensiva e belicosa, algo como um enclausuramento, uma grande força de reclusão; sobretudo, uma

impressionabilidade muito menor do que a que possui o homem médio, cuja humanidade é *contagiosa*.

Primeira questão atinente à *hierarquia*: quão solitário ou quão gregário alguém é. (No último caso, seu valor está nas características que asseguram a subsistência do rebanho, do tipo; já no outro caso, está naquilo que o destaca, isola, defende e *possibilita ser solitário*.)

Consequência: não se deve avaliar o tipo solitário segundo o gregário, *nem o gregário pelo solitário*.

Considerados do alto, ambos são necessários; igualmente necessário é o seu antagonismo, - e nada é mais digno de ser afastado do que aquela “desejabilidade” que gostaria de desenvolver um *terceiro* a partir de ambos (“virtude” como hermafroditismo). Isso é tão pouco “desejável” quanto a aproximação e a conciliação dos sexos. *Desenvolver ainda mais o que é típico, cavar sempre mais fundo o abismo...*

Conceito de *degeneração* em ambos os casos: se o rebanho se aproxima das características do ser solitário e este das características do rebanho, - em suma, se eles se *aproximam*. Esse conceito de degeneração nada tem a ver com o ajuizamento moral.

Onde se devem buscar as naturezas mais fortes. - O perecimento e a degeneração das espécies *solitárias* são bem maiores e mais terríveis; elas têm contra si o instinto do rebanho, a tradição dos valores; seus instrumentos de defesa, seus instintos-de-proteção, por princípio, não são fortes, ou pelo menos não são seguros o bastante, - é preciso muito favor do acaso para que *prosperem* (- prosperam amiúde nos elementos mais baixos e socialmente mais abandonados; se se procura uma *pessoa*, é bem mais seguro encontrá-la aí do que nas classes médias!)

A luta de classes e estamentos que tem em vista a “igualdade de direitos”. Quando ela está praticamente resolvida, começa a *luta contra a pessoa-solitária*. Em certo sentido, *a mesma pode se desenvolver e se manter com mais facilidade em uma sociedade democrática*: quando os meios de defesa mais rudimentares já não são mais necessários e quando um certo hábito de ordem, honradez, justiça e confiança pertence às condições medianas.

Os *mais fortes* precisam ser atados, vigiados, acorrentados e controlados o mais firmemente possível: assim quer o instinto do rebanho. Para eles, um regime de autossubjugação, de exílio ascético ou da “obrigação” em um trabalho desgastante, no qual não se pode mais vir a si mesmo.

888

Ensaio uma justificação *econômica* da virtude. - A tarefa é tornar o homem o máximo possível utilizável e aproximá-lo, enquanto isso tenha algum interesse, da máquina infalível: para esse objetivo ele deve ser equipado com *virtudes-de-máquina* (- precisa aprender a sentir os estados nos quais ele trabalha útil e maquinalmente como os estados sumamente valiosos: para tanto faz-se preciso que os *outros estados* sejam o mais possível estragados e se tornem o mais possível perigosos e infames).

Aqui, o primeiro escândalo é a *monotonia*, a *uniformidade* que toda atividade maquinal traz consigo. Aprender a suportá-la e não apenas a suportá-la, aprender a ver a monotonia envolta em um atrativo superior: essa foi, até aqui, a tarefa de toda escolaridade superior. Aprender algo que não nos diz respeito em nada; e sentir precisamente nisso, nesse estar ativo “objetivo”, o seu “dever”; aprender a estimar que prazer e dever estejam separados um do outro - esta é a tarefa inestimável e a realização da escolaridade superior. Precisamente por isso, a filologia foi até aqui o educador *em si*: pois sua atividade oferece o modelo de uma monotonia da atividade que vai até o grandioso: sob a sua batuta o jovem aprende a

“estudar como uma besta de carga”: primeira precondição para a antiga capacidade de preencher maquinalmente o dever (como funcionário público, marido, escrutinário, leitor de jornal e soldado). Mais ainda do que qualquer outra, tal existência carece talvez de justificação e de esclarecimento filosóficos: as sensações *agradáveis* precisam ser depreciadas em geral, desde uma instância infalível, como sendo de nível inferior; o “dever em si”, talvez até mesmo o *páthos* da veneração em relação a tudo o que é desagradável - e essa exigência pronuncia-se além de toda utilidade, divertimento, conveniência, de modo imperativo... A forma de existência maquinal adorando a si mesma como a forma de existência suprema e mais venerável (- tipo: Kant como fanático do conceito formal “tu deves”).

889

A avaliação *econômica* dos ideais de até aqui.

O legislador (ou o instinto da sociedade) elege um número de estados e afetos, com a atividade dos quais está garantida uma produção regular (um maquinismo, como consequência das necessidades regulares daqueles afetos e estados).

Posto que esses estados e afetos contêm ingredientes penosos, então precisa ser encontrado um meio de superar esse penoso por uma representação valorativa que faça sentir o desprazer como valioso, como algo pleno de prazer em sentido superior. Apreendido numa fórmula: “*como tornar agradável algo desagradável?*” Por exemplo, enquanto pode servir de prova de força, poder e autossuperação. Ou se nele se honra a nossa obediência, o nosso enquadramento na lei. Igualmente solidariedade, sentido do próximo e de pátria como prova de nossa “humanização”, como prova de “altruísmo” e “heroísmo”.

Que se façam de bom grado as coisas desagradáveis - *esse é o intento dos ideais.*

890

O *apequenamento* do homem precisa valer durante muito tempo como único fim: pois primeiro se deve criar um fundamento amplo, a fim de que uma espécie *mais forte* de homem possa firmar-se sobre ele. (Em que medida até aqui *toda espécie fortalecida* de homem *ergueu-se sobre um nível da espécie inferior* - - -)

891

Uma espécie absurda e desprezível de idealismo é aquela que quer ter a mediocridade *não medíocre* e, em vez de sentir um trunfo no ser-exceção, fica *indignada* com a covardia, a falsidade, a pequenez e a miserabilidade. *Não se deve querer que isso seja diferente!* Deve-se aprofundar *ainda mais* o fosso! - *Deve-se obrigar a espécie superior a separar-se* pelo sacrifício que ela deve prestar ao seu ser.

Ponto de vista principal: aprofundar as *distâncias*, mas sem *criar nenhuma oposição*. Substituir os *medianamente formados* e reduzir a sua influência: meio principal de conservar as distâncias.

892

Como se poderia fazer com que os medíocres perdessem o gosto por sua mediocridade?! Faço visivelmente o contrário: todo caminho que se aparta dela conduz - assim eu ensino - ao *imoral*...

893

O ódio à mediocridade é indigno de um filósofo: representa quase um ponto de interrogação em seu *direito à “filosofia”*. Justamente pelo fato de ser exceção, ele deve tomar a regra sob sua guarda e deve conservar em todo medíocre a boa disposição para consigo mesmo.

Contra o que *eu* luto: que uma espécie-de-exceção faça guerra à regra, em vez de compreender que a persistência da regra é o pressuposto para o valor da exceção. Por exemplo: as mulheres ordinárias, que, em vez de sentir a distinção de sua necessidade anormal de erudição, gostariam de modificar a posição da mulher em geral...

O aumento da força, apesar da derrocada temporária do indivíduo:

- fundar um *novo nível*
- um método de reunião de forças para a conservação de pequenas realizações, em oposição à dissipação não econômica
- a natureza destruidora de outrora subjugada como *instrumento* dessa economia do futuro
- a conservação dos fracos, pois uma imensa quantidade de trabalho *pequeno* precisa ser feita
- a conservação do modo de pensar no qual a existência de fracos e sofredores é *possível*
- plantar a *solidariedade* como instinto contra o instinto do temor e do servilismo
- a luta com o acaso, também com o acaso do “grande homem”.

A luta contra os *grandes* homens justificada por razões econômicas. Os mesmos são perigosos, acasos, exceções, tempestades, fortes o bastante para pôr em questão o que foi lentamente construído e fundado. Não apenas descarregar o explosivo sem causar dano, mas antes, quando possível, *prevenir* a sua descarga... Instinto fundamental de toda sociedade civilizada.

Quem reflete sobre a maneira pela qual o tipo homem pode ser elevado ao seu supremo poderio e magnificência compreenderá, antes de tudo, que ele precisa pôr-se fora da moral: pois a moral teve em vista essencialmente o contrário, a saber: aniquilar ou travar aquele desenvolvimento magnífico onde quer que ele estivesse em marcha, pois, de fato, um tal desenvolvimento consome uma quantidade de homens tão descomunal a seu serviço, que um movimento *em sentido inverso* é por demais natural: as existências mais fracas, frágeis e medíocres têm necessariamente que formar um partido *contra* aquela glória de vida e força, e para isso precisam receber uma nova estimação de si mesmas, graças à qual, quando possível, condenem e destruam essa suprema plenitude. Por isso, uma tendência inimiga da vida é própria da moral, à medida que quer dominar os tipos da vida.

Os fortes do futuro. - As condições para a produção de uma *espécie mais forte* foram alcançadas, aqui e ali, em parte pela necessidade, em parte pelo acaso. Hoje podemos conceber e *querer* sabidamente tal fato; podemos criar as condições sob as quais uma tal elevação é possível.

Até agora a “educação” tinha em vista o proveito da sociedade: *não* o maior proveito possível do futuro, mas antes o proveito da sociedade tal como está constituída. Desejavam-se “instrumentos” para ela. Posto que a *riqueza em força fosse maior*, seria possível pensar um *extrato de forças* cujo objetivo *não* seria o proveito da sociedade, mas antes um proveito futuro. -

Tal tarefa haveria de ser colocada, tanto mais se se concebesse em que medida a forma atual da sociedade passa por uma forte transformação, a fim

de, em algum momento no futuro, *poder querer existir não mais em função de si mesma*, mas antes apenas como *meio* nas mãos de uma raça mais forte.

O crescente apequenamento do homem é a força impulsionadora que leva a pensar no cultivo de uma *raça mais forte*, a qual teria o seu excedente justamente quando a espécie enfraquecida se tornasse ainda mais fraca (vontade, responsabilidade, autoconfiança, poder colocar-se metas).

Os *meios* seriam aqueles que a História ensina: o *isolamento* com interesses de conservação opostos aos medíocres interesses de conservação que existem hoje em dia; o exercitar-se em estimações opostas; a distância como *páthos*; a livre consciência naquilo que hoje é o mais subestimado e interditado.

O *nivelamento* do homem europeu é o grande processo que não deve ser detido: dever-se-ia acelerá-lo ainda mais.

Com isso está dada a necessidade de um *aprofundamento do fosso, de distância e hierarquia*: não a necessidade de retardar aquele processo.

Essa espécie *nivelada*, tão logo seja alcançada, necessita de uma *justificação*: ela está a serviço de uma espécie mais elevada e mais soberana, a qual está sobre ela, e somente sobre ela pode elevar-se à sua tarefa.

Não apenas uma raça de senhores cuja tarefa se esgotasse em reger; mas, antes, uma raça com *uma esfera de vida própria*, com um excedente de força para beleza, valentia, cultura, maneiras, mesmo no que há de mais espiritual; uma raça *afirmadora*, que pode permitir-se todo grande luxo..., forte o bastante para não precisar da tirania dos imperativos da virtude, rica o bastante para não precisar de economia e pedanteria, para além de bem e mal; uma estufa para plantas estranhas e selecionadas.

contra o espírito. Veem-se sempre apenas os efeitos debilitantes, de abrandamento e adoecimento do caráter: mas chegam agora

novos
bárbaros: { os cínicos
os experimentadores
os conquistadores } União da superioridade espiritual com bem-estar e excedente de forças.

900

Aponto para algo novo: certamente, para um tal ser democrático, há o perigo do bárbaro, mas se busca esse perigo apenas nas profundezas. Há também *bárbaros de outra espécie*; estes chegam de cima: uma espécie constituída de naturezas conquistadoras e dominadoras, as quais procuram uma matéria que possam moldar. Prometeu foi um tal bárbaro. - - -

901

Ponto de vista principal: que não se veja a *condução* da espécie inferior como a *tarefa* da espécie superior (como faz, por exemplo, Comte -); vejase, antes, a espécie inferior como *base* sobre a qual uma espécie superior vive a sua tarefa *própria*, - como base sobre a qual *pode erguer-se*.

As condições sob as quais se obtém a espécie *forte e nobre* (com respeito à cultura espiritual) são opostas àquelas sob as quais se obtêm as “massas industriais”, a arraia-miúda à la Spencer.

Aquilo que só as naturezas *sumamente fortes e fecundas* liberam para a possibilidade de *sua* existência - ócio, aventura, incredulidade, mesmo o desregramento - necessariamente levaria à ruína as naturezas medíocres, caso se liberasse também para elas. Aqui a laboriosidade, a regra, a moderação, a firme “convicção” encontram-se em seu devido lugar, - em suma, as virtudes do rebanho: sob tais virtudes essa espécie de homem mediano torna-se perfeito.

902

Dos tipos dominadores. - O “pastor” em contraposição ao “senhor” (- o primeiro é um *meio* de conservação do rebanho; o último, uma *meta* em função da qual o rebanho existe).

903

(Preponderância temporária útil e comprehensível dos sentimentos sociais de valor: trata-se da produção de uma *infraestrutura* sobre a qual, finalmente, se torne possível um *gênero* superior.) Critério da força: poder viver sob as estimações *opostas* e desejá-las novamente pela eternidade. Estado e sociedade como infraestrutura: ponto de vista da economia mundial, educação como *cultivo*.

904

Visão que *falta* aos “espíritos fracos”: a mesma disciplina que fortalece ainda mais uma natureza forte e a capacita para grandes empreendimentos *despedaça e estiola as naturezas medíocres*: - a dúvida, - *la largeur de coeur*,²⁹² - o experimento, - a independência.

905

O martelo. *Como* precisam ser constituídos os homens que estimam de modo inverso? - Homens que possuam *todas* as características da alma moderna, mas sejam suficientemente fortes para transformá-la em pura saúde? - Seu meio para a tarefa.

906

O homem forte, poderoso nos instintos de uma forte saúde, digere seus feitos quase como digere as refeições; não recusa mesmo uma comida pesada: mas, no principal, é um instinto incólume e rigoroso que o conduz a

não fazer nada que o contradiga, assim como não come algo que não o agrade.

907

Poderíamos prever as condições mais favoráveis sob as quais surgem seres do mais alto valor! Isso é por demais complicado, e a probabilidade de algo dar errado é *grande demais*: esforçar-se por isso não entusiasma! - Ceticismo. - Pelo contrário: podemos aumentar coragem, entendimento, dureza, independência, sentimento de irresponsabilidade, refinar a acuidade da balança e aguardar que acasos favoráveis venham em nosso auxílio. -

908

Um trabalho infinito há de ser feito antes de podermos pensar no agir. Porém, no principal, o *esgotamento inteligente com a utilização* da situação dada é a nossa melhor e mais conveniente atividade. O *criar* efetivo de semelhantes condições, como se o acaso as criasse, pressupõe homens *de ferro*, homens que ainda não viveram. Primeiramente, *impor e desenvolver* o ideal pessoal!

Quem *compreendeu* a natureza do homem, o *surgimento do que nele é o mais elevado, sente calafrios diante do homem e foge de toda ação*: consequência das estimações herdadas!!

Meu consolo é que a natureza do homem é *maligna*: isso garante a *força*!

909

As autoconfigurações típicas. Ou: as oito questões decisivas.

1. Se o objetivo é ser mais complicado ou mais simples.
2. Se o objetivo é ser mais feliz ou mais indiferente em relação a felicidade e infelicidade.

3. Se o objetivo é tornar-se mais satisfeito consigo mesmo ou mais exigente e mais implacável?

4. Se o objetivo é tornar-se mais mole, mais compreensivo, mais humano ou mais “inumano”.

5. Se o objetivo é tornar-se mais precavido ou mais descuidado.

6. Se o objetivo é alcançar uma meta ou desviar-se de todas elas (- como faz, por exemplo, o filósofo que fareja em toda meta um limite, um recanto, uma prisão, uma estultice...)

7. Se o objetivo é tornar-se mais considerado ou mais temido? Ou *mais desprezado!*

8. Se o objetivo é tornar-se tirano ou sedutor ou pastor ou animal de rebanho?

910

A semelhantes homens, *que me interessam*, desejo sofrimento, abandono, doença, maus-tratos, degradação, - desejo que não lhes permaneça desconhecido o profundo autodesprezo, o martírio da desconfiança contra si, a miséria do vencido: não tenho nenhuma compaixão deles, pois lhes desejo aquela única coisa que demonstra hoje se alguém possui ou não possui *valor*, - *que se mantenha firme...*

911

Felicidade e autossatisfação de Lazzaroni²⁹³ ou “bem-aventurança” nas “belas almas”²⁹⁴ ou um amor de tísico nos pietistas morávios²⁹⁵ não provam nada em relação à *hierarquia* do homem. Precisar-se-ia, como grande educador, precipitar na infelicidade, de modo implacável, uma raça de tais “homens bem-aventurados”. O perigo do apequenamento, do descanso está bem aí: - *contra a felicidade spinozista ou epicurista e contra todo descanso*

em estados contemplativos. Mas se a virtude é o meio para uma tal felicidade, então *devemos também tornar-nos senhores da virtude*.

912

Não vejo como alguém que, no tempo certo, deixou de ir a uma *boa escola* pode adiante fazer algo de bom. Uma tal pessoa não se conhece; passa pela vida sem ter aprendido a andar; o músculo frouxo denuncia-se a cada passo. Por vezes a vida é misericordiosa a ponto de reparar essa dura escola: uma doença que dura talvez anos a fio provoca a mais manifesta força de vontade e a autossuficiência; ou uma calamidade que sobrevém de repente, simultaneamente para mulher e filho, a qual força uma atividade que dá nova energia às fibras afrouxadas e *recupera a tenacidade*, para a vontade de viver... O mais desejável permanece, em todas as circunstâncias, uma dura disciplina *no tempo certo*, isto é, naquela idade em que ainda se sente orgulho de ver que se exige muito de nós. Pois isso distingue a dura escola, como boa escola, de todas as outras: o fato de que se exige muito; o fato de que se exige com rigor; o fato de exigir-se como norma o excelente [*das Gute*], o que é distinto mesmo; o fato de que o elogio seja raro e falte a indulgência; o fato de a repreensão ser incisiva, objetiva, sem consideração por talento e origem. Uma tal escola é inquestionavelmente necessária, tanto no que se refere ao mais corporal quanto ao mais espiritual: seria funesto querer aqui separar! A mesma disciplina capacita o militar e o erudito: e, visto mais de perto, não há nenhum erudito capaz que não tenha no corpo os instintos de um militar capaz... Poder mandar e, por sua vez, de uma maneira altiva, obedecer; permanecer em fila, mas também ser capaz de, a qualquer momento, comandar; preferir o perigo ao confortável; não pesar o permitido e o interditado em uma balança viciada; ser mais inimigo do mesquinho, astucioso, parasitário do que do perverso... - O que se *aprende* em uma escola dura? Aprende-se a *obedecer* e a *mandar*.

913

- *Negar* o mérito, mas fazer aquilo que está acima de todo elogio, sim, acima de toda compreensão.

914

Nova forma de moralidade: *voto de fidelidade* unificado sobre aquilo que se quer fazer e deixar, renúncia categórica ao *muito*. Provar que se está *maduro* para isso.

915

Quero também *naturalizar* novamente o *ascetismo*; em lugar da intenção de negação, a intenção de *fortalecimento*; uma ginástica da vontade; uma privação e uma abstenção de toda espécie, também nas coisas mais espirituais; uma casuística da ação em relação ao entendimento de nossas próprias forças: uma tentativa com aventuras e perigos aleatórios. (*Diners chez Magny*:²⁹⁶ glutão altamente espiritual com estômago estragado.) - Também para os fortes dever-se-ia inventar *provações* no poder-sustentar-a-palavra.

916

O que está *arruinado* pelo mau uso perpetrado pela Igreja:

1. a *ascese*: mal se tem ainda coragem de explicitar a sua utilidade natural e a sua indispensabilidade no serviço da *educação da vontade*. Nosso absurdo mundo educador (que imagina o “servidor público útil” como um esquema regulamentar) acredita poder contentar-se com “lição” e adestramento cerebral; falta-lhe até a noção de que *primeiramente* se faz necessário algo diverso - educação da *força de vontade*; fazem-se *provas* para tudo, menos para o principal: se se pode *querer*, se se pode *prometer*: o

homem jovem torna-se pronto, sem ter sequer uma única questão, sequer uma curiosidade para esse problema superior do valor de sua natureza

2. o *jejum*: em todos os sentidos, - também como meio de conservar intacta a fina capacidade de gozar todas as coisas boas (por exemplo, não ler por algum tempo; não ouvir mais nenhuma música; não ser mais amável; há que se ter também um dia de jejum para a virtude)

3. o “*mosteiro*”: o isolamento temporário com uma rigorosa recusa, por exemplo: das cartas; uma espécie da mais profunda automeditação e reunião consigo mesmo, a qual não quer desviar das “tentações”, mas dos “deveres”: um sair do ritmo compassado do meio, um sair da tirania dos estímulos e das influências, as quais nos condenam a gastar nossa força apenas em reações e não mais permitem que ela se *acumule* até a *atividade espontânea*. Observem-se de perto os nossos eruditos: eles ainda pensam apenas *de modo reativo*, isto é, precisam primeiro ler para então pensar

4. as *festas*. Precisa-se ser muito grosseiro para não sentir a presença dos cristãos e dos valores cristãos como uma *opressão* sob a qual se trata como coisa do diabo toda genuína disposição para a festa. Da festa fazem parte: orgulho, atrevimento, animação; loucura; a ironia sobre toda espécie de seriedade e sobriedade; um divino dizer sim a si mesmo a partir da plenitude e da perfeição animal - estados puros aos quais o cristão não pode, sinceramente, dizer sim.

A festa é paganismo par excellence.

5. o *desencorajamento diante da própria natureza*: o *disfarce em “moral”* - o fato de que não se tenha necessidade de nenhuma *fórmula-moral* para *acolher* um afeto: medida de quão longe alguém pode dizer sim à natureza em si mesmo, - do muito ou do pouco que ele precisa recorrer à moral...

6. a *morte*. - Precisa-se converter o fato fisiológico estúpido em uma necessidade moral. Viver *de tal modo* que também se tenha, *no tempo certo*,

a sua vontade de morte!

917

Sentir-se mais forte - ou, expresso de outro modo: a alegria - pressupõe sempre uma comparação (*não necessariamente com os outros, mas antes consigo mesmo, em meio a um estado de crescimento, sem que se saiba até que ponto se compara* -)

- o fortalecimento *artificial*: seja por meio de produtos químicos excitantes, seja por erros excitantes (“alucinações”)

por exemplo: o sentimento de *segurança*, tal como o cristão o possui. Ele se sente forte, em seu ser capaz de confiar, em seu poder ser paciente e senhor de si: ele deve esse fortalecimento artificial à ilusão de ser amparado por um deus;

por exemplo: o sentimento de *superioridade*; quando, por exemplo, ao califa de Marrocos é dado ver apenas globos terrestres sobre os quais os seus três reinos reunidos cobrem quatro quintos da superfície;

por exemplo: o sentimento de *unicidade*; quando, por exemplo, o europeu presume que o curso da cultura passa-se na Europa e quando ele aparece para si mesmo como um processo mundial em miniatura; ou o cristão que faz toda a existência girar em torno da “salvação do homem” -

- Trata-se de saber onde se sente a opressão e a falta de liberdade: sempre conforme se produz um outro sentimento do *ser forte*. Um filósofo, por exemplo, está bem-disposto em meio à mais fria ginástica de abstração assim como um peixe está na água: cores e sons o oprimem, para não falar dos desejos abafados - daquilo que os outros chamam de “ideal”.

918

Um garotinho sagaz olhará com ironia caso se lhe pergunte: queres ser virtuoso? Mas arregala os olhos quando se lhe pergunta: queres ser mais

forte que teus camaradas? -

Como se chega a ser mais forte? -

Decidir-se lentamente; e manter-se tenazmente junto àquilo que se decidiu. Tudo o mais se segue disso.

Os *repentinos* e os *mutáveis*: as duas espécies de fracos. Não se confundir com eles, sentir a distância - no devido tempo!

Cautela diante dos bondosos! O trato com eles afrouxa. -

É bom todo trato no qual são exercitadas as defesas e as armas que temos em nossos instintos. Toda a inventividade está em colocar à prova a nossa força de vontade... Ver *aqui*, e *não* no saber, na perspicácia ou no gracejo, o traço distintivo...

Precisa-se aprender a mandar, quando é preciso -, tanto quanto obedecer.

- Precisa-se aprender modéstia, *compasso* na modéstia, a saber: a distinguir, a honrar, onde se é modesto...

tanto quanto saber, com confiança - distinguir, honrar...

O que é pior de expiar-se? A modéstia; não ter prestado nenhuma atenção às necessidades mais próprias; confundir-se; tomar-se por baixo; perder a fineza do ouvido para seus instintos; - esse *deixar de prestar honra* a si vingase, mesmo com todo tipo de *exiação*, saúde, amizade, bem-estar, orgulho, serenidade, liberdade, firmeza, coragem. Não se perdoa jamais, mais tarde, essa falta de autêntico egoísmo: ela é tomada como objeção, como dúvida com respeito a um ego efetivo...

Queria que se começasse por *respeitar* a si mesmo: tudo o mais se segue disso. Sem dúvida, precisamente *com isso* deixa-se de ser para os outros: pois isso é justamente a última coisa que eles perdoam. Como? Um homem que se respeita?

Isso não é o mesmo que o impulso cego de *amar* a si mesmo: nada é mais habitual, no amor dos sexos como na duplicidade que se chama “eu”, do que o *desprezo* em relação àquilo que se ama, o fatalismo no amor -

920

“Quero isso e aquilo”; “queria que isso e aquilo fossem assim”; “sei que isso e aquilo são assim” - os graus de força: o homem da *vontade*, o homem da *reclamação*, o homem da *fé*.

921

Os meios graças aos quais uma espécie mais forte se conserva.

Conceder-se um direito a ações excepcionais; como tentativa de autossuperação e de liberdade.

Expor-se a situações nas quais não é permitido *não* ser bárbaro.

Proporcionar-se, por meio de toda espécie de ascese, uma supremacia e certeza em relação à sua força de vontade.

Não se comunicar; o silenciar; a cautela diante da gentileza.

Aprender a obedecer, nas ocasiões em que isso oferece uma prova de autocontrole. A maneira mais fina de praticar a casuística do ponto de honra.

Não concluir nunca: “o que para um é conveniente, para outro é justo” - mas antes o contrário!

Tratar como privilégio e considerar como distinção o pagar na mesma moeda, o *poder* restituir -

Não ambicionar a virtude dos *outros*.

922

Com que tipo de meios se devem tratar povos rudes e o fato de que a “barbárie” dos meios não é nada de arbitrário e caprichoso, é o que se pode

pegar com as mãos, *in praxi*, se se é levado uma vez, com todo o enterneциamento europeu, à necessidade de ter que manter o domínio sobre bárbaros no Congo ou em alguma outra parte.

923

Os belicosos e os pacifistas. - És um homem que possui no corpo os instintos da guerra? Nesse caso, restaria uma segunda questão: és, por instinto, um guerreiro agressor ou um que resiste?

- Todo o restante dos homens, que *não* é belicoso por instinto, quer paz, concórdia, “liberdade”, “direitos iguais” -: estes são apenas nomes e graus para uma e mesma coisa. - Dirigem-se para onde não se tem necessidade de defender-se. Tais homens tornam-se *insatisfeitos* consigo mesmos se precisam opor resistência.

- Criar situações em que não haja mais, em geral, nenhuma guerra. - Na pior das hipóteses, sujeitar-se, obedecer, enquadrar-se. Isso ainda é sempre melhor do que fazer guerra. Assim, por exemplo, aconselha o instinto ao cristão. - Nos guerreiros de berço há algo como um armamento no caráter, na escolha das situações, na formação de cada característica: a “arma” está mais desenvolvida no primeiro tipo e a armadura no segundo.

Os desarmados e desprotegidos: de quais recursos e virtudes têm necessidade para aguentar, - e mesmo para vencer?

924

O que se pode esperar de um homem que não tem mais razão para defender-se e para atacar? O que resta dos afetos, se ele perde aqueles nos quais possui as armas e as defesas?

925

*Nota marginal a uma naiserie anglaise.*²⁹⁷ - “Não deves fazer às pessoas o que não queres que elas te façam”. Isso passa por sabedoria; por sageza; por fundamento da moral - por “regra de ouro”. John Stuart Mill e todos os ingleses acreditam nisso... Mas a regra não resiste ao mais leve ataque. O cálculo “não faças nada que não deve ser feito a ti” interdita certas ações por causa de suas consequências nefastas: na suposição de que uma ação é sempre *retribuída*. Como seria então se alguém, com o *Príncipe* nas mãos, dissesse “há de praticar-se justamente tais ações, a fim de que outros não se antecipem a nós - a fim de incapacitarmos os outros de praticá-las *conosco*”? - Dizendo de outro modo: pensemos em um corso cuja honra comanda uma *vendetta*.²⁹⁸ Também ele não deseja uma bala de espingarda no corpo: mas essa perspectiva, a probabilidade de uma bala, *não o impede de satisfazer sua honra...* Nós mesmos não somos propositalmente indiferentes, em toda ação *respeitável*, em relação àquilo que dela resultará para nós? Evitar uma ação que tivesse consequências nefastas para nós - isso seria uma *interdição* para as ações dignas em geral...

Por outro lado, a regra é valiosa, pois *denuncia* um *tipo de homem*: é o *instinto de rebanho* que se formula com ela - é-se igual, toma-se a si mesmo por igual: como eu estou para você, assim você está para mim. - Aqui se acredita, realmente, em uma *equivalência das ações*, a qual simplesmente não acontece nas relações reais. Toda ação simplesmente não *comporta restituição*: entre “indivíduos” reais *não há ações iguais*, e, em consequência, também não há “desforra”... Se faço algo, nem sequer considero que o mesmo seja possível a um homem em geral: tal ação *me cabe...* Não se pode restituir-me coisa alguma, pois sempre se cometeria comigo uma “*outra*” ação -

Contra Stuart Mill: abomino [perhorresziere] sua vulgaridade, que diz “o que é conveniente para um é justo para outro; o que não queres etc., também não deves infligir a nenhum outro”; que quer fundar toda correspondência humana em uma *reciprocidade de rendimento*, de modo que toda ação aparece como uma espécie de pagamento por algo que nos foi prestado. Aqui a *pressuposição* é *não nobre* na mais baixa acepção: pressupõe-se, em mim e em ti, a *equivalência do valor das ações*; aqui o valor pessoal de uma ação é simplesmente anulado (isso que não pode ser pago ou compensado por coisa alguma -). A “reciprocidade” é uma grande vulgaridade; justamente que algo que *eu* faça *não possa nem deva* ser feito por um outro, que não possa haver *nenhuma compensação* - a não ser na *esfera seletíssima* de “meus iguais”, *inter pares* -; que jamais, em um sentido mais profundo, se restitua, pois se é algo *único* e só se *faz algo único* - essa convicção fundamental contém a causa da *separação aristocrática em relação às massas*, pois as massas creem em “igualdade” e, *consequentemente*, em equiparação e “reciprocidade”.

927

O provincianismo e o achamento da depreciação moral, e de seu “útil” e “prejudicial”, têm seu sentido positivo; é a perspectiva necessária da sociedade, que só pode perceber o que está próximo na *perspectiva das consequências*. Por sua vez, o Estado, o político tem necessidade de uma maneira de pensar mais *supramoral*: pois leva em conta um complexo bem maior de efeitos. Seria possível até mesmo uma economia mundial de perspectivas tão distantes que todas as exigências isoladas para o momento apareceriam como arbitrárias e injustas.

928

“Seguir seu sentimento?” - Tem pouco valor o fato de que se coloque a vida em risco, *cedendo* a um sentimento generoso e sob o impulso de um instante... isso nunca produz distinção... todos são igualmente capazes disso - e na decisão por isso o criminoso, o bandido, o *corso* certamente nos superam, aos homens honestos...

O grau superior é: também superar em si esse ímpeto e *não* cometer a ação heroica por impulso, - mas antes friamente, de modo *raisonnable*, sem o transbordamento impetuoso de sentimentos prazerosos...

O mesmo vale para a compaixão: é preciso primeiro ser *perpassado*, habitualmente, pela *raison*; caso contrário, ela é tão perigosa como qualquer afeto...

A *transigência cega* para com um afeto, seja ele um afeto generoso e compassivo ou hostil, é a causa do *maior dos males*...

A grandeza de caráter não consiste no fato de que não se possuam esses afetos - pelo contrário, tem-se-os no grau mais assustador: mas no fato de que se os conduz pelas rédeas... e mesmo sem prazer nessa sujeição, mas antes por...

929

Entregar sua vida por uma causa - grande efeito. Mas se estraga a vida por muitas causas: os afetos em conjunto querem ser satisfeitos. A compaixão, a cólera ou a vingança - não modificam seu valor pelo fato de termos posto nisso a vida. Quantos não sacrificaram a vida por uma linda mulherzinha - e mesmo, o que é pior, a saúde. Se se tem o temperamento, então se escolhem, por instinto, as coisas mais perigosas; por exemplo: sendo-se filósofo, a aventura da especulação; ou sendo-se virtuoso, a aventura da imoralidade. Uma espécie de homem não quer arriscar nada, enquanto outra quer arriscar. Nós outros somos desprezadores da vida? Pelo contrário! Buscamos, instintivamente, uma vida *potencializada*, a vida em perigo...

com isso, dito mais uma vez, não queremos ser mais virtuosos que os outros. Pascal, por exemplo, não quis arriscar e permaneceu cristão:²⁹⁹ isso foi, talvez, virtuoso. - Sacrifica-se sempre...

930

Quanta *vantagem* o homem sacrifica, quão pouco “egoísta” ele é! Todos os seus afetos e paixões querem ter o seu direito - e como o afeto encontrase *distante* do proveito inteligente do egoísmo!

Não se quer a sua “felicidade”; precisa-se ser inglês para poder acreditar que o homem busque sempre vantagem. Nossos desejos querem violar as coisas em uma longa paixão, - sua força concentrada procura resistências.

931

Os afetos, em conjunto, são *úteis*, uns de modo direto e outros indiretamente; em relação à utilidade, é impossível estipular qualquer sequência de valor, - por mais que, medidas economicamente, as forças na natureza sejam em conjunto boas, quer dizer, úteis, delas também parte um destino terrível e irrevogável. Quando muito, poder-se-ia dizer que os afetos mais poderosos são os mais valiosos: desde que não haja maiores fontes de força.

932

As maneiras de pensar benévolas, solícitas e bondosas *não* são honradas por causa da utilidade que parte delas, mas, antes, porque são estados de *alma ricos*, que podem ser pródigos e portam seu valor como sentimento de plenitude da vida. Observem-se os olhos dos benfeiteiros! Trata-se do contrário da autonegação, do ódio em relação ao *moi*, do “pascalismo”. -

933

Em suma: o domínio sobre as paixões, não seu enfraquecimento ou extermínio! - Tanto maior é a força-senhorial da vontade, tanto mais liberdade deve ser dada às paixões.

- O “grande homem” é grande pelo livre trânsito de seus desejos e pelo poder ainda maior, que sabe tomar a seu serviço esse monstro suntuoso.

O “homem bom” é, em toda fase da civilização, *ao mesmo tempo inofensivo e útil*: uma espécie de *média*; a expressão, na consciência comum, daquilo *diante de que não se deve temer e que, apesar disso, não se pode desprezar...*

Educação é, na essência, o meio de *arruinar* a exceção em favor da regra. Formação é, essencialmente, o meio de dirigir o gosto contra a exceção e em favor do mediano.

Somente se uma cultura deve dominar um excesso de forças então pode ser também uma estufa para o culto luxuoso da exceção, da tentativa, do perigo, da nuança: - *toda* cultura aristocrática tende *para isso*.

934

Puras questões de *força*: até onde se consegue impor-se contra as condições de conservação da sociedade e seus preconceitos? - até onde se podem desatar *suas características terríveis*, diante das quais a maioria vem a perecer? - até onde se pode ir de encontro à *verdade* e tomar a peito os lados mais problemáticos dela? - até onde se pode fazer frente ao *sofrimento*, ao autodesprezo, à compaixão, à doença, ao vício, com o ponto de interrogação de se conseguir dominá-las? ... (o que não nos elimina nos torna *mais fortes...*) - por fim: até onde conferir direito em si mesmo à regra, ao comum, à pequenez, bondade e honradez da natureza-média, sem com isso deixar-se vulgarizar?... A mais forte prova de caráter: não se deixar arruinar pela sedução da bondade. A *bondade* como luxo, como refinamento, como *vício...*

[3. *O homem nobre*]

935

Tipo: A verdadeira bondade, nobreza, grandeza de alma que procede da riqueza: a qual não dá para tomar de volta, - a qual não quer *sublinhar* que é bondosa; - a *dissipação* como tipo da verdadeira bondade, da riqueza na *pessoa* como pressuposição.

936

[*Aristocratismo.*] Os ideais de animal de rebanho - chegando ao auge, agora, como *suprema valorização* da “sociedade”: tentativa de dar a ela um valor cósmico e até mesmo metafísico - contra esses, defendo o *aristocratismo*.

Uma sociedade que conserva em si aquela *consideração* e *delicadeza* em relação à liberdade há de sentir-se nobre e ter contra si um poder, contra o qual se ergue, é hostil e olha de cima.

- Tanto mais renuncio ao direito e nivelo-me, tanto mais justamente me coloco sob o jugo dos mais medíocres e, finalmente, dos mais numerosos. - A pressuposição que uma sociedade aristocrática tem em si para conservar o elevado nível de liberdade entre seus membros é a extrema tensão que advém da pulsão *oposta* entre todos os membros: da vontade de ser senhor...

Se quereis eliminar as fortes oposições das diferenças hierárquicas, suprimi então, ao mesmo tempo, o amor intenso, a disposição altiva, o sentimento de ser-por-si.

*

Da psicologia *efetiva* da sociedade da liberdade e da igualdade: - o que *decresce*?

A vontade de *autorresponsabilização* - sinal de decadência da autonomia; a *habilidade de defender-se e de armar-se*, mesmo no mais espiritual - a força de comandar; o sentido do *respeito*, da subordinação, do poder calar; a *grande paixão*, a grande tarefa, a tragédia, a serenidade.

937

Em 1814, Augustin Thierry³⁰⁰ leu aquilo que de Montlosier havia dito em sua obra *De la Monarchie française*: ele respondeu com um grito de indignação e partiu para sua própria obra. Aquele emigrante teria dito: “*Race d'afranchis, race d'esclaves arrachés de nos mains, peuple tributaire, peuple nouveau, licence vous fut octroyée d'être libres, et non pas à nous d'être nobles; pour nous tout est de droit, pour vous tout est de grâce, nous ne sommes point de votre communauté; nous sommes un tout par nous-mêmes.*”³⁰¹

938

Como o mundo aristocrático sempre mais se esfola a si mesmo e se torna fraco! Em virtude de seus nobres instintos, lança fora as suas prerrogativas e, em virtude de sua cultura refinada e superior, interessa-se pelo povo, pelos fracos, pelos pobres, pela poesia dos pequenos etc.

939

Há uma negligência nobre e perigosa que consente em uma conclusão e uma visão profundas: a negligência da alma exuberante, que jamais *procurou angariar* amigos, apenas conhece a hospitalidade, sempre apenas exercita e entende exercitar a hospitalidade - coração e casa abertos para qualquer um que queira entrar, seja um mendigo, um aleijado ou um rei. Eis a genuína civilidade: quem a possui, possui uma centena de “amigos”, mas provavelmente nenhum amigo.

A doutrina μηδὲν ἄγαν [medèn ágan]³⁰² dirige-se a homens com uma força transbordante, - e não aos medíocres. A ἐγκράτεια [enkráteia] e a ἄσκησις [áskesis]³⁰³ são apenas um degrau da grandeza: mais elevada é a “natureza de ouro”.

“*Tu deves*” - obediência incondicional nos estoicos, nas ordens do cristianismo e dos árabes, na filosofia de Kant (é indiferente se a obediência se relaciona a um superior ou a um conceito).

Mais elevado do que o “tu deves” é “eu quero” (os heróis); mais elevado do que o “eu quero” é “eu sou” (os deuses gregos).

Os deuses bárbaros não exprimem o prazer na *medida* - não são nem simples, nem leves, nem comedidos.

O sentido de nossos jardins e palácios (e nesse ponto também o sentido de todo desejo de riqueza) é o seguinte: *tirar do alcance dos olhos a desordem e a baixeza e erigir uma pátria para a nobreza da alma*.

Sem dúvida, muitos acreditam ser *naturezas mais elevadas*, quando aqueles objetos belos e serenos influem sobre eles: daí a caçada à Itália, a ânsia por viajar etc., toda leitura e visita ao teatro. *Querem fazer-se educar* - esse é o sentido de seu trabalho-cultural! Mas os fortes e poderosos querem *educar e não ter nada de estranho ao redor de si!*

Assim também os homens se dirigem à grande natureza, não para se encontrarem, mas para nela se perderem e se esquecerem. O “estar fora de si” como um desejo de todos os fracos e insatisfeitos consigo mesmos.

Só há nobreza de nascimento, nobreza de sangue. (Não me refiro aqui à palavrinha “de” e ao almanaque Gotha:³⁰⁴ intervenção para burros.) Onde se fala de “aristocratas do espírito” não faltam razões, na maioria das vezes, para ocultar algo; trata-se, reconhecidamente, de uma palavra cara aos judeus ambiciosos. Sozinho, o espírito não enobrece; precisa-se, antes, de algo *que enobreça o espírito*. - De que se precisa, pois, para isso? Do sangue.

943

O que é *nobre*?

- o zelo naquilo que é mais exterior, mesmo a aparência frívola na palavra, vestimenta, postura, à medida que esse zelo delimita, mantém afastado, protege da confusão.
- o gesto lento, o olhar lento. Não há muitíssimas coisas valiosas: e estas valem e querem valer por si mesmas. Dificilmente admiramos.
- o suportar a pobreza e as privações, bem como as doenças.
- o evitar as pequenas honrarias e desconfiar daqueles que louvam com facilidade: pois aquele que louva acredita que comprehende o que louva: mas comprehender - Balzac, esse típico ambicioso, deixou passar isso - *comprendre c'est égaler*.³⁰⁵
- Nossa dúvida quanto à comunicabilidade do coração tem razão de ser; a solidão como não deliberada, mas antes como dada,
- a convicção de que só se tem deveres em relação aos iguais e se tem total liberdade em relação aos outros: apenas *inter pares* deve-se esperar por justiça (com o que, infelizmente, não se pode contar).
- A ironia em relação aos “homens de talento”; a fé na nobreza de nascimento mesmo no campo ético.
- sentir-se sempre como aquele que deve *conferir* as honras: ao passo que não se encontra facilmente alguém que poderia honrá-lo.

- sempre disfarçado: quanto mais elevada é a espécie de um homem, mais ele precisa passar incógnito. Deus, caso houvesse um, precisaria, em função de sua dignidade, dar-se a conhecer apenas como homem no mundo.

- A capacidade para o *otium*,³⁰⁶ a convicção incondicional de que, se um trabalho manual nem sempre avulta, seguramente desenobrece. Não à “diligência” em sentido burguês, por mais que saibamos também honrá-la, ou como aqueles artistas insaciáveis e cacarejantes, que fazem como as galinhas: cacarejam, põem ovos e de novo cacarejam.

- *protegemos* artistas e poetas e quem é mestre em alguma coisa: mas, com seres que *são* de uma espécie superior, com estes que apenas *sabem* algo, com os “homens produtivos” apenas, não nos misturamos.

- o prazer nas *formalidades*: defender tudo quanto seja formal, a convicção de que a cortesia é uma das grandes virtudes; a desconfiança em relação a todas as espécies do deixar-se ir, inclusive contra toda liberdade de pensamento e de imprensa, pois sob elas o espírito torna-se acomodado e grosseiro, e os membros amolecem.

- o sentir-se bem junto às *mulheres*, como junto a uma espécie de seres talvez menores, porém mais fina e mais leve. Que felicidade encontrar seres que têm sempre dança, tolices e adereços na cabeça! Elas têm sido o encanto de muitas almas masculinas profundas e tensas em demasia, cuja vida está sobre carregada com grandes responsabilidades.

- o sentir-se bem junto a príncipes e sacerdotes, pois eles mantêm, ao menos *simbolicamente* e, em larga medida, também realmente, a fé na diversidade dos valores humanos, e mesmo, ainda, na apreciação do passado.

- o poder calar: mas sobre isso nenhuma palavra diante de ouvintes.

- o suportar longas inimizades: a falta de um pendor para a conciliação.

- o nojo do demagógico, do “esclarecimento”, do “ser agradável”, da intimidade plebeia.
- o reunir coisas preciosas, as necessidades de uma alma elevada e seletiva; não querer ter nada em comum. *Seus* livros, *sus* paisagens.
- insurgimo-nos contra experiências boas e más, não generalizamos tão rapidamente. O caso singular: como somos irônicos em relação ao caso singular quando ele tem o péssimo gosto de dar-se ares de regra.
- amamos a ingenuidade e os ingênuos, mas, como espectadores e seres superiores; achamos Fausto tão ingênuo quanto sua Gretchen.³⁰⁷
- Estimamos pouco os bons, consideramo-los animais de rebanho: sabemos como entre os homens mais duros, malévolos e perversos mantém-se oculto, frequentemente, um inestimável veio de ouro de bondade, que prepondera sobre toda mera benignidade e alma de leite.
- sustentamos que um homem de nossa espécie não é refutado nem por seus vícios e nem por seus disparates. Sabemos que dificilmente somos reconhecíveis e que todos temos razões para nos outorgar o primeiro plano.

944

O que é nobre? - Ter de representar constantemente a si mesmo. Buscar situações nas quais se tenha constante necessidade de gestos. Abandonar a felicidade ao *grande número*: felicidade como paz da alma, virtude, *comfort*³⁰⁸ (a candidez inglesa à la Spencer). Buscar para si, instintivamente, responsabilidades difíceis. Saber criar inimigos por toda parte, e, no pior dos casos, tornar-se inimigo de si mesmo. Refutar constantemente o *grande número*, não por meio de palavras, mas por meio de ações.

945

A virtude, por exemplo: como veracidade, como o *nossa* luxo mais distinto e perigoso; precisamos não declinar das desvantagens que ela traz

consigo.

946

Não queremos receber nenhum *elogio*: faz-se o que é útil ou o que diverte ou o que se *há de fazer*.

947

O que é castidade no homem? O fato de seu gosto sexual ter permanecido nobre; o fato de que ele, *in eroticis*, não goste do brutal, nem do doentio, nem ainda do calculado.

948

O “*conceito-de-honra*”: reposando sobre a crença na “boa sociedade”, nas principais qualidades cavalheirescas, no dever de representar-se continuamente a si mesmo. Essencial: que não se tome sua vida por importante; importar-se, de modo incondicional, com as deferências por parte de todos aqueles com os quais se entra em contato (ao menos enquanto não pertencem *aos nossos meios*); que não se seja nem familiar, nem benévolos, nem divertido, nem modesto, a não ser *inter pares*; que *sempre se busque representar a si mesmo...*

949

Pôr em jogo a vida, a saúde, a honra é a consequência da petulância e de uma vontade transbordante e pródiga: não por amor dos homens, mas antes porque todo grande perigo desafia a nossa curiosidade sobre a medida de nossa força e de nossa coragem.

950

“As águias arremetem diretamente.” - A nobreza da alma deixa-se perfeitamente reconhecer na magnífica e imponente estupidez com a qual ataca, - “diretamente”.

951

Guerra contra a concepção amolecida da “nobreza” - não se deve dispensar uma certa quantidade de brutalidade, nem tampouco uma vizinhança com o crime. Também a “satisfação consigo mesmo” *não* reside na nobreza; deve-se ser aventureiro, tentador e corruptor também em relação a si mesmo - nada de beatice - “bela alma” -. Quero arejar um *ideal mais robusto*.

952

“O paraíso está sob a sombra das espadas” - isso é também um símbolo e uma palavra-chave na qual se denunciam e se pressentem almas de ascendência nobre e belicosa. -

953

Um momento em que o homem tem a seu serviço *força* em demasia: a ciência está em busca de produzir essa *escravidão da natureza*.

Então o homem adquire *ócio*: *prepara-se*, ele mesmo, para algo novo, superior. *Nova aristocracia*. Então uma profusão de *virtudes* é superada e agora elas se tornam *condições de existência*. -

Certas características já não são mais necessárias e, *em consequência*, se perdem.

Não temos mais *necessidade* das virtudes: *em consequência*, perdemos-las: tanto a moral do “único necessário”, da salvação da alma, quanto a moral da imortalidade: um meio de *possibilitar* ao homem uma imensa *autodominação* (mediante a experiência de um *temor descomunal*:::)

As diferentes espécies de *necessidade*, mediante as quais se formou uma cultura [Zucht] humana: a necessidade ensina a trabalhar, a pensar, a conter-se.

*

A purificação e fortalecimento *psicológicos*. A *nova aristocracia* necessita de um antagonismo contra o qual ela combata: ela deve ter uma urgência terrível de autoconservação.

Os dois futuros da humanidade-: i. a consequência da mediocrização; 2. o destaque consciente, o configurar-se.

Uma doutrina que cria um *abismo*: ela conserva a espécie *mais inferior* e a *mais elevada* (e destrói a intermediária).

Os aristocratas que existiram até hoje, fossem do espírito ou do mundo, não provam nada *contra* a necessidade de uma nova aristocracia.

[4. Os senhores da Terra]

954

Uma pergunta sempre de novo se coloca, pergunta quiçá tentadora e perversa: que seja sussurrada nos ouvidos daqueles que possuem um direito a semelhantes questões problemáticas, às almas fortes de hoje, que melhor sabem dominar-se a si mesmas: não haveria chegado o tempo, tanto mais que o tipo “animal de rebanho” está desenvolvido agora na Europa, de experimentar um *cultivo* consciente e fundamentalmente artificial do tipo contrário e de sua virtude? E não seria para o movimento democrático, ele mesmo, uma espécie de meta, solução e justificação se houvesse alguém que se *servisse* dele - e, com isso, aquela espécie superior e cesarista de espíritos dominadores alcançasse, finalmente, a sua nova e sublime configuração da escravidão (- que deve ser, no fim, a democracia europeia)? Qual espécie

superior se estabeleceria sobre ela, vincular-se-ia a ela e por meio dela se elevaria? Para novos e até aqui impossíveis panoramas: os *seus*? Para suas tarefas?

955

A visão do europeu atual enche-me de esperanças: está em formação uma raça audaz e dominadora, sobre a extensão de uma massa-rebanho inteligente ao extremo. De fato, já é quase uma realidade que os movimentos de compactação desses últimos não estejam mais sozinhos no primeiro plano.

956

As mesmas condições que fazem progredir o desenvolvimento do animal de rebanho fazem também progredir o desenvolvimento do animal dirigente.

957

Aproxima-se, inevitavelmente, hesitante, terrível como o destino, a grande tarefa e questão: como a Terra, em seu todo, deve ser regida? E *para que* “o homem” como um todo - e não mais um povo, uma raça - deve ser educado e cultivado?

As morais legisladoras são o principal meio com o qual se pode configurar, a partir do homem, o que agrada a uma vontade profunda e criadora: admitindo-se que uma tal vontade de artista de nível superior tenha o poder nas mãos e sua vontade criadora possa impor-se sobre longos espaços de tempo, na forma de legislações, religiões e costumes. Tais homens do grande criar, que são propriamente os grandes homens, tais como eu os entendo, não são encontráveis hoje e, ao que tudo indica, tampouco o serão ainda por muito tempo: eles *faltam*; até que, finalmente,

depois de muitas desilusões, se tenha de começar a conceber por que eles faltam e que nada estorva com maior hostilidade o seu surgimento e desenvolvimento, agora e por muito tempo, do que aquilo que até agora se chamou diretamente na Europa de “*a moral*”: como se não houvesse e não pudesse haver nenhuma outra - aquela moral de rebanho há pouco designada, que ambiciona com todas as forças a felicidade de uma pastagem verde estendendo-se universalmente sobre a Terra, a saber: segurança, ausência de periculosidade, satisfação, leviandade no viver e, por fim, quando “tudo correr bem”, espera ainda também se ver livre de toda espécie de pastores e condutores. Suas duas doutrinas mais insistentemente pregadas chamam-se: “igualdade de direitos” e “compaixão por todos os sofredores” - e o próprio sofrimento é tomado por eles como algo que se deve, pura e simplesmente, suprimir. O fato de que tais “ideias” possam ser sempre modernas só faz por rebaixar o conceito dessa modernidade. Porém, quem quer que tenha refletido a fundo sobre onde e como a planta-homem se desenvolveu mais firmemente até hoje precisa reconhecer que isso aconteceu sob as condições *inversas*: que, para isso, a periculosidade de sua situação teve de crescer imensamente, sua força de invenção e de representação teve de se expandir sob uma longa opressão e constrangimento, sua vontade de viver teve de ser incrementada até uma incondicional vontade de poder e de supremacia, e que perigo, dureza, violência, perigo na rua e no coração, desigualdade de direitos, ocultação, estoicismo, arte da sedução, diabruras de toda espécie, em suma: para a elevação do homem, é necessário o contrário de tudo a que aspira o rebanho. Uma moral com tais propósitos invertidos, que quer cultivar o homem para as alturas em vez de para o cômodo e mediano, uma moral com o propósito de cultivar uma casta regente - os futuros *senhores da Terra* -, para poder ser ensinada, precisa introduzir-se em aliança com a lei moral

existente e sob suas palavras e aparências; para isso, porém, devem ser inventados muitos meios de transição e de ilusão; e, pelo fato de a duração da vida de um homem ser praticamente insignificante em relação à efetivação de tarefas e propósitos tão morosos, deve ser cultivada, antes de tudo, *uma nova espécie*, na qual seja garantida à mesma vontade e ao mesmo instinto uma duração por muitas gerações: uma nova casta e espécie de senhores - isso se comprehende tão bem quanto o prolongamento, extenso e nada fácil de ser expresso, desse pensamento. Preparar uma *inversão dos valores* para uma determinada espécie forte de homem, de uma força de vontade e espiritualidade supremas e, para esse fim, desencadear nele, com cuidado e lentamente, uma profusão de instintos contidos e difamados: quem reflete sobre isso pertence a nós: os espíritos livres - sem dúvida, a uma nova espécie de “espíritos livres”, diferente da que existiu até hoje: pois essa desejava praticamente o contrário disso. Desta aqui fazem parte, parece-me, antes de tudo, os pessimistas da Europa, os poetas e pensadores de um idealismo inflamado, à medida que sua insatisfação com o conjunto da existência os força também, pelo menos *logicamente*, à insatisfação com os homens atuais; igualmente, certos artistas insaciáveis e ambiciosos, que despreocupadamente e de modo absoluto combatem pelos privilégios do homem superior e contra o “animal de rebanho”, e com os meios de sedução da arte adormecem nos espíritos mais seletos todos os propósitos e instintos de rebanho; em terceiro lugar, finalmente, todos os críticos e historiadores que corajosamente *continuaram* a descoberta do antigo mundo, felizmente iniciada - esta é a obra do *novo Colombo*, do espírito alemão -, pois nos encontramos ainda nos primórdios dessa conquista. No mundo antigo predominava uma outra moral, uma moral mais dominadora do que a atual; e o homem antigo, sob o fascínio educativo de sua moral, era um homem mais forte e mais profundo do que o homem de hoje, - ele foi o único

homem até aqui “bem-sucedido”. Mas a sedução exercida pela Antiguidade sobre as almas bem-sucedidas, quer dizer, sobre as almas fortes e capazes de iniciativa, é também, ainda hoje, a mais fina e atuante de todas as seduções antidemocráticas e anticristãs: como já foram no tempo do Renascimento.

958

Escrevo para um gênero de homem que ainda não existe: para os “senhores da Terra”.

As religiões como consolações e desatrelamentos *perigosos*: o homem agora crê que está autorizado a *descansar*.

No *Teages*³⁰⁹ de Platão está escrito: “cada um de nós gostaria, se possível, de ser senhor de todos os homens, de preferência *Deus*”. Esse pensamento precisa retornar.

Ingleses, americanos e russos - - -

959

A vegetação de floresta virgem “homem” sempre aparece onde se conduziu por mais longo tempo a luta pelo poder. Os *grandes* homens.

Os *romanos* foram animais de floresta virgem.

960

Haverá doravante precondições favoráveis para configurações de domínio mais amplas, que não possuem paralelo no passado. E isso ainda não é o mais importante; torna-se possível o surgimento de uniões internacionais de raças, que se atribuirão a tarefa de cultivar uma raça de senhores que serão, futuramente, os “senhores da Terra”; - uma nova e descomunal aristocracia, edificada sobre a mais dura autolegislação, na qual se concede uma duração de séculos à vontade de homens filosóficos poderosos e de tiranos artistas: - uma espécie de homem superior, que graças à sua preponderância de

vontade, saber, riqueza e influência se servirá da Europa democrática como de seu instrumento mais dócil e maleável, a fim de ter em mãos o destino da Terra, a fim de configurar, como artista, o próprio “homem”. Basta, chega enfim o tempo em que se é reorientado sobre política.

[5. *O grande homem*]

961

Minha atenção dirige-se para em quais pontos da História surgem os grandes homens. A significação de *morais despóticas* prolongadas: elas tencionam o arco, se não chegam a rompê-lo.

962

Um grande homem, um homem que a natureza inventou e erigiu em grande estilo - o que é um tal homem? Ele possui, em primeiro lugar, uma lógica duradoura em todo o seu agir que, por causa de sua duração, dificilmente deixa-se apanhar com a vista, sendo, por consequência, desorientadora; uma capacidade de distender sua vontade sobre grandes porções de sua vida e de desprezar e repudiar toda questão pequena em si, mesmo que entre elas também se encontrem as coisas mais belas e “divinas” do mundo. *Em segundo lugar*: ele é *mais frio, mais duro, mais despreocupado* e sem *temor diante da “opinião”*; faltam-lhe as virtudes que se relacionam com a “consideração” e o ser-considerado, tudo em geral que pertence à “virtude do rebanho”. Se não pode *conduzir*, anda sozinho; ocorre-lhe, então, muitas vezes, rosnar para o que encontra pelo caminho. *Em terceiro lugar*: ele não quer nenhum coração “solidário”, mas servidores, instrumentos; na relação com os homens está sempre buscando *fazer algo* deles. Sabe-se incomunicável: acha de mau gosto usar de familiaridades e não está habituado a que se tome o seu partido. Quando não fala consigo põe a sua

máscara. Prefere mentir a falar a verdade: tal custa mais espírito e *vontade*. Há nele uma solidão que nenhum louvor ou repreensão alcança, um tribunal que não tem nenhuma instância acima de si.

963

O grande homem é, necessariamente, cético (com isso não se está dizendo que ele precise parecê-lo), supondo que a grandeza consista em *querer* algo grande e os meios para isso. A liberdade de toda espécie de convicção pertence à *força de sua vontade*. Isso está de acordo com aquele “despotismo esclarecido” que exerce toda grande paixão. Uma tal paixão coloca o intelecto a seu serviço; ela tem a coragem também para meios inescrupulosos; atua despreocupadamente; ela permite-se convicções, *servesse* mesmo delas, mas não se sujeita a elas. A necessidade de crenças, de qualquer coisa incondicionada no sim e no não, é uma prova de fraqueza; toda fraqueza é fraca de vontade. O homem da crença, o crente, é necessariamente uma espécie inferior de homem. Disso se segue que “liberdade do espírito”, isto é, descrença como instinto, seja uma precondição da grandeza.

964

O grande homem sente seu *poder* sobre um povo, sua coincidência temporal com um povo ou com um século: esse *aumento* no sentimento de si mesmo como *causa e voluntas* é *mal compreendido* como “altruísmo” -

- isso o impele para algum *meio* de comunicação: todos os grandes homens são *engenhosos* em tais *meios*. Querem conformar-se no interior de grandes comunidades; querem dar Uma Forma ao que é variegado e desordenado. Ver o caos irrita-os e incita-os.

- Má compreensão do amor. Há um amor *escravo*, que se subjuga e abandona: que idealiza e se ilude - há um amor *divino*, que ama e despreza, e

que *recria, eleva* o amado. -

Obter aquela imensa *energia da grandeza*, para, por meio do cultivo e, por outro lado, da aniquilação de milhões de malconformados, formar o homem futuro e *não sucumbir* à dor que se *produz* e à qual jamais houve ainda outra igual! -

965

A revolução, a confusão e a necessidade do povo têm menos importância para mim *do que a necessidade* dos grandes indivíduos em seu desenvolvimento. Não se deve deixar enganar: as muitas necessidades de todos esses *pequenos* não formam juntas nenhuma *soma* a não ser no sentimento de homens *poderosos*.

Pensar em si em momentos de grande perigo: extrair o seu útil da desvantagem de muitos: - em um grau muito elevado de anomalia, isso pode ser um sinal de *grande* caráter, que se torna senhor de seus sentimentos de compaixão e de justiça.

966

O homem, ao contrário dos animais, cultivou em si um grande número de propensões e pulsões *contrárias*: por causa dessa síntese, ele é o senhor da Terra. - As morais são a expressão de *hierarquias* localmente delimitadas nesse mundo multifacetado de pulsões: de modo que o homem não sucumba a suas *contradições*. Portanto, uma pulsão como senhor debilita e refina sua pulsão contrária como impulso que fornece o *estímulo* para a atividade da pulsão principal.

O homem superior teria a maior pluralidade de pulsões, também nas forças relativamente gigantescas que ele ainda se permite suportar. De fato, onde quer que a planta-homem se mostre forte encontram-se os instintos que pulsam poderosamente um *contra* o outro (Shakespeare), mas domados.

Se não se tem o direito de contar entre os *maus* todos os *grandes* homens? Nem sempre se pode assinalar isso no detalhe. Frequentemente, tornou-se-lhes possível um magistral jogo de dissimulação, de modo que adotaram os gestos e exterioridades das grandes virtudes. Frequentemente, veneraram seriamente as virtudes e com uma dureza apaixonada contra si mesmos, mas por crueldade - vista de longe, tal atitude engana. Muitos compreenderam falsamente a si mesmos; não é raro que uma grande tarefa exija grandes qualidades, por exemplo: a justiça. O essencial é o seguinte: talvez os maiores entre os grandes também possuam grandes virtudes, mas justamente então com seus contrários. Creio que o grande homem, *o arco com a grande tensão*, surge justamente da existência de contrários e de seus sentimentos.

No *grande homem* encontram-se, em mais alto grau, as propriedades específicas da vida - injustiça, mentira, exploração. Mas, enquanto elas atuaram *dominando*, sua essência foi mal compreendida e interpretada como bem. Tipo Carlyle como intérprete.

De modo geral, *cada coisa vale aquilo que se pagou por ela*. Sem dúvida, isso não vale caso se tome o indivíduo isolado; as supremas capacidades do indivíduo permanecem fora de toda relação àquilo que ele fez, sacrificou ou padeceu por elas. Mas quando se repara na pré-história de sua estirpe descobre-se nela a história de uma imensa economia e acúmulo de capital de força, por meio de toda espécie de renúncias, lutas, trabalhos e imposições. Porque o grande homem *custou* tanto, precisamente por isso ele é grande, e

não porque ele represente um milagre, uma dádiva do céu ou “do acaso”. “Herança” é um falso conceito. Os antepassados pagaram as despesas por aquilo que alguém é.

970

Perigo na modéstia. - Adequar-se cedo demais a um certo meio, a tarefas, sociedades, regulamentos de cotidiano e de trabalho nos quais o acaso nos põe temporariamente, os quais nem nossa força nem nossa meta nos prescreveram à consciência; a segurança de consciência, agradabilidade, comunidade, esse prematuro conformar-se, que se insinua ao sentimento como um desembaraçar-se das inquietações interiores e exteriores, nos dá demasiado mimo e nos deprime da maneira mais perigosa; o aprender a considerar à maneira de “seus iguais”, como se nós mesmos não tivéssemos em nós nenhuma medida e direito para estabelecer valores; o esforço de estimar igual *contra* a voz íntima do gosto, que também é uma consciência, torna-se uma prisão a um só tempo terrível e util: se não há, finalmente, nenhuma explosão, com estilhaçamento de todo laço de amor e moral de uma só vez, então um tal espírito se estiola, se apequena, torna-se afeminado e se sedimenta. - O caso contrário é bastante grave, mas sempre ainda preferível: sofrer dos que circundam, tanto com o elogio quanto com a reprovação, estar magoado e desonrado com isso, sem demonstrá-lo; defender-se, a contragosto e desconfiado, do amor dos circundantes, aprender a calar, talvez enquanto se protege o silêncio com discursos, criar para si recantos e solidões insondáveis para os momentos dos suspiros de alívio, de choro e de sublime consolação - até finalmente se estar forte o bastante para dizer: “o que teria eu em comum *convosco?*” e seguir o caminho.

971

Homens que são destinos, que, enquanto portam a si mesmos, portam destinos, toda espécie de *heroicos* portadores de fardo: como gostariam de descansar alguma vez de si mesmos! Como estão sedentos de corações e nucas fortes para, ao menos por horas, livrarem-se daquilo que os oprime! E é em vão que têm sede!... Esperam; reparam em tudo o que passa: ninguém vem ao seu encontro com a milésima parte de sofrimentos e paixão, ninguém adivinha *até que ponto* esperam... Por fim, e mais uma vez por fim, aprendem a sua primeira sabedoria de vida: *não* mais esperar; e então, logo em seguida, também a sua segunda: ser sociável, ser modesto, aturar doravante tudo e todos - em suma: *aturar ainda um pouco mais* do que até hoje já aturaram...

[6. *O homem superior como legislador do futuro*]

972

Legislador do futuro. - Após ter procurado, por muito tempo e em vão, ligar à palavra “filósofo” um conceito determinado - pois encontrei muitas características opostas -, reconheci finalmente que há duas espécies distintas de filósofos:

de um lado, aqueles que têm de apegar-se a uma grande tábua de estimações (lógicas ou morais),

de outro, aqueles que são, eles mesmos, legisladores de estimações.

Os primeiros buscam apoderar-se do mundo dado e passado, à medida que abreviam e reúnem, por meio de símbolos, o que acontece de forma multifacetada: cabe a esses pesquisadores tornar disponível, apreensível, pensável e visualizável toda a história pregressa, - servem à tarefa do homem de empregar todas as coisas passadas em prol do futuro.

Os segundos, porém, são *comandantes*; eles dizem: “assim deve ser!” Determinam primeiramente o “para onde” e “para quê”, o útil, *aquilo* que é

útil aos homens; dispõem do trabalho preparatório dos homens científicos, e todo saber representa para eles apenas um meio de criação. Essa segunda espécie de filósofos só raramente prospera; sua situação e perigo são extremos. Quantas vezes não fecharam os olhos intencionalmente só para não precisar ver o espaço estreito que os separava do abismo e da queda! Por exemplo, Platão, quando se convence de que o “bem”, tal como ele o queria, não seria o bem de Platão, mas antes o bem em si, o tesouro imperecível que apenas um certo homem, de nome Platão, encontrou em seu caminho! Em formas bem mais rudimentares, essa mesma vontade de cegueira vigora entre os fundadores de religiões: seu “tu deves” não pode, em absoluto, soar a seus ouvidos como “eu quero”, - só ousam cumprir sua tarefa como o mandamento de um deus, só como “inspiração” a sua fixação de valores representa uma carga *suportável*, sob a qual sua consciência *não* se quebra.

Assim que aqueles dois meios de consolo, o de Platão e o de Maomé, se desfazem, e nenhum pensador pode mais aliviar sua consciência na hipótese de um “deus” ou de “valores eternos”, eleva-se a pretensão do legislador de novos valores a uma nova e ainda não alcançada terribilidade. Doravante aqueles eleitos, diante dos quais começa a alvorecer o pressentimento de um tal dever, tentarão escapar dele, “oportunamente”, por meio de um esgueirar-se para o lado com um pulo, como de seu maior perigo: por exemplo, enquanto metem na cabeça que a tarefa já está resolvida, ou que seja insolúvel, ou que não teriam costas bastante largas para tais fardos, ou que já estariam sobre carregados com outras tarefas mais próximas, ou mesmo que esse novo e distante dever seria uma tentação e uma sedução, um desvio de todos os deveres, uma doença, uma espécie de loucura. Isso, de fato, consegue afastar a muitos: por toda a História passa o rastro de tais desertores e de sua má consciência. Geralmente, porém, chega a tais homens do destino aquela hora redentora, aquela hora outonal da maturidade, na

qual precisam fazer o que nunca “quiseram”: - e o fato perante o qual mais haviam se amedrontado lhes cai da árvore, facilmente e de maneira involuntária, como um fato sem arbítrio, quase como um presente. -

973

O horizonte humano. - Podem-se conceber os filósofos, particularmente Platão, como aqueles que fazem o esforço mais extremo para *experimentar* até que ponto se poderia *elevar* o homem: até *onde* vai sua força. Mas fazem isso como indivíduos; talvez o instinto dos Césares, dos fundadores de Estado etc. tenha sido maior; eles pensam em até onde o homem poderia ser impelido, em um *desenvolvimento* sob “condições favoráveis”. Mas não compreenderam bem o que são condições favoráveis. Grande questão: onde, até aqui, a planta “homem” cresceu exemplarmente? Para tanto, é preciso um estudo comparativo da História.

974

Um fato, uma obra apresenta uma *nova* eloquência para cada novo tempo e para cada nova espécie de homem. A História pronuncia sempre *novas verdades*.

975

Permanecer objetivo, duro, firme, rigoroso na imposição de um pensamento - os artistas levam isso quase à perfeição. Mas se, para isso, alguém tem necessidade de homens (como professores, estadistas etc.) então a tranquilidade, a frieza e a dureza logo desaparecem. Em naturezas como César e Napoleão, pode-se suspeitar algo de um trabalho “desinteressado” em seu mármore, mesmo com o sacrifício de tantos homens quanto tenha sido possível. Desse lado reside o futuro dos homens superiores: suportar a *suprema responsabilidade e não despedaçar-se nela*. - Até aqui foram quase

sempre necessárias ilusões de inspiração para que não se perdesse a *fé em seu direito e em sua mão*.

976

Por que razão o filósofo só *raramente prospera*? Suas condições têm propriedades que geralmente levam um homem à ruína:

1. uma pluralidade imensa de propriedades; ele deve ser uma abreviatura do homem, de todos os seus desejos, elevados ou mesquinhos: perigo das oposições e também do nojo de si mesmo
2. ele deve ser curioso em relação aos lados mais diversos - perigo do estilhaçamento
3. precisa ser justo em sentido superior, mas também profundo no amor e no ódio (e na injustiça)
4. precisa não ser apenas espectador, mas antes legislador - juiz e julgado (à medida que é uma abreviatura do mundo);
5. extremamente variegado e, todavia, firme e duro. Flexível.

977

A profissão verdadeiramente *régia* do filósofo (no dizer do anglo-saxão Alcuíno): *prava corrigere, et recta corroborare, et sancta sublimare*.³¹⁰

978

O novo filósofo só pode despontar em aliança com uma casta dirigente, como sua suprema espiritualização. A grande política, o governo da Terra aproximando-se; *falta* absoluta de *princípios* para isso.

979

Pensamento fundamental: os novos valores precisam ser primeiramente criados - não seremos *poupados* disso! O filósofo precisa ser como um

legislador. Novas espécies. (Como até agora foram cultivadas as espécies superiores [por exemplo: os gregos]: *querer conscientemente* essa espécie de “acaso”.)

980

Desde que se pense um filósofo como grande educador, suficientemente poderoso para, de uma altura solitária, alçar até ele uma longa cadeia de gerações, então também devem lhe convir os imensos privilégios dos grandes educadores. Um educador nunca diz o que ele mesmo pensa: mas, antes, sempre o que pensa acerca de um assunto relativamente ao interesse daquele a quem educa. Mas não pode deixar-se apanhar nessa dissimulação; pertence à sua maestria que se creia em sua sinceridade. Ele deve ser capaz de todos os meios de cultura [*Zucht*] e cultivo: muitas naturezas ele só faz progredir com os golpes de açoite da ironia; já outras, preguiçosas, indecisas, covardes e vaidosas, talvez com um louvor exagerado. Um tal educador está além de bem e mal; mas ninguém pode sabê-lo.

981

Não tornar os homens “melhores”, *não* lhes falar sobre alguma espécie de moral, como se fosse dada em geral uma “moral em si” ou uma espécie ideal de homem: antes, *criar situações* nas quais *são necessários homens mais fortes*, os quais, por seu turno, têm necessidade de uma *moral que torna forte* (dito mais claramente: de uma *disciplina corporal-espiritual*); por conseguinte, a *terão!*

Não se deixar seduzir por olhos azuis ou peitos inchados: *a grandeza da alma não tem em si nada de romântico*. E, lamentavelmente, *nada de amável!*

982

Deve-se aprender dos guerreiros: 1. a trazer a morte para a cercania dos interesses pelos quais se combate - isso *nos* torna veneráveis; 2. deve-se aprender a levar *muitos* ao sacrifício e conferir bastante importância à sua causa, para não poupar os homens; 3. a disciplina férrea e, na guerra, conceder a si mesmo poder e astúcia.

983

A *educação* para aquelas virtudes senhoriais, que também se assenhoram de sua benevolência e compaixão, e que são as grandes virtudes de quem cultiva (“perdoar os inimigos” é, ao contrário, mera brincadeira), *cumular o afeto do criador* - não mais talhar mármore! - A posição de poder e privilégio daqueles seres, comparada com a dos príncipes até aqui existentes: o César romano em comparação com a alma dos cristãos.

984

Não separar a grandeza da alma e a grandeza do espírito, pois ela, a grandeza da alma, envolve independência; mas, sem grandeza espiritual, a grandeza de alma não é permitida; senão esta promove a sandice, até mesmo pelo seu querer beneficiar, como pelo seu exercer a “justiça”. Os espíritos menores têm de *obedecer* - portanto, não podem ter *grandeza*.

985

O homem filosófico superior, que tem a solidão ao redor de si, não porque queira estar sozinho, mas antes porque é algo sem paralelo: que perigos e novos sofrimentos lhe estão reservados justamente hoje, quando se perdeu a fé na hierarquia e, por conseguinte, não se sabe honrar e compreender essa solidão! Outrora o sábio era quase sacralizado pela consciência popular por um tal pôr-se à parte, - hoje se vê o eremita tal como se estivesse rodeado de uma nuvem carregada de dúvidas confusas e de suspeitas. E não somente da

parte dos invejosos e mesquinhos: ele deve sentir falta de reconhecimento, de negligência e de superficialidade mesmo em toda simpatia que experimenta; conhece aquela perfídia da compaixão limitada, que se sente boa e santificada quando tenta “salvá-lo” de si mesmo por meio, por exemplo, de situações mais confortáveis e de uma sociedade mais ordenada e mais respeitável, - sim, ele terá de admirar a inconsciente pulsão de aniquilação com a qual todos os medíocres de espírito atuam contra ele e, na verdade, com a perfeita convicção de seu direito para tanto! Para homens desse isolamento incompreensível faz-se necessário envolver-se hábil e corajosamente no manto da solidão exterior e espacial: isso pertence à sua inteligência. Mesmo astúcia e disfarce se fazem hoje necessários para que um tal homem conserve a si mesmo, e se conserve *por cima*, em meio às perigosas corredeiras da época que o impelem para baixo. Toda tentativa de suportar isso *no* presente, *com* o presente, toda aproximação em relação a esses homens e aos objetivos de hoje, ele deve expiar como o seu pecado propriamente dito: e pode olhar, admirado, a sabedoria oculta de sua natureza, que, em todas as tentativas semelhantes, o convoca novamente para si mesmo, por meio da doença e dos piores incidentes.

986

“Maledetto colui -
che contrista un spirto immortal!”³¹¹
Manzoni³¹² (*Conte di Carmagnola*, Ato II).

987

A forma de homem mais difícil e elevada raramente prosperará: assim, a história da filosofia apresenta uma multidão de malsucedidos e desafortunados, e uma caminhada extremamente lenta; milênios inteiros se interpõem, sufocam o que foi alcançado, e a conexão sempre de novo se interrompe. É mesmo uma história horripilante - a história do homem

superior, do *sábio*. - Na maioria das vezes, prejudica-se justamente a memória dos grandes, pois os fracassados e os semifracassados não os reconhecem e os vencem por meio de “sucesso”. Todas as vezes que se mostra “o efeito”, uma populaça sobe ao palco; o fato de que os pequenos e os pobres de espírito façam-se ouvir é um suplício terrível para os ouvidos daquele que sabe, com calafrio, *que o destino da humanidade reside na prosperidade de seu tipo superior*. - Muito jovem ainda, pus-me a refletir sobre as condições de existência do sábio; e minha alegre convicção não quer calar que ele agora, na Europa, torna-se novamente *possível* - talvez apenas por um breve tempo.

988

Mas nós, filósofos novos, começamos não apenas com uma apresentação da hierarquia efetiva e da diferença de valor entre os homens, mas antes queremos justamente o contrário de uma assemelhação e de uma equiparação: ensinamos o estranhamento em todos os sentidos, escancaramos o abismo como nunca antes, queremos que o homem se torne ainda pior do que jamais foi. Por enquanto, ainda vivemos como estranhos e desconhecidos uns dos outros. Ser-nos-á necessário, por muitas razões, ser eremitas e mesmo pôr máscaras, - seremos quase incapazes de buscar nossos iguais. Viveremos sozinhos e, provavelmente, conheceremos os martírios de todas as sete solidões. Mas se corrermos sobre o caminho, por um acaso, então é de apostarse que nos desconheçamos ou nos enganemos mutuamente.

989

Les philosophes ne sont pas faits pour s'aimer. Les aigles ne volent point en compagnie. Il faut laisser cela aux perdrix, aux étourneaux... Planer au-dessus et avoir des grffes, voilà le lot des grands génies³¹³

Galiani.

990

Esqueci de dizer que tais filósofos são serenos e gostam de assentar-se no abismo de um céu perfeitamente claro: - eles necessitam de outros meios, diferentes dos outros homens, para suportar a vida; pois sofrem de modo diferente (a saber: tanto na profundidade de seu desprezo pelos homens quanto de seu amor a eles). - O animal que mais sofre sobre a Terra inventou para si - o *riso*.

991

Sobre a má compreensão da “serenidade”. Solução temporária de uma longa tensão; a animação transbordante, as saturnais de um espírito que se consagra e se prepara para longas e terríveis decisões. *O “louco” na forma da “ciência”.*

992

Nova hierarquia dos espíritos: as naturezas trágicas não estão mais à frente.

993

Sobre a fumaça e a sujeira da decadência humana há uma humanidade mais clara e elevada, que, segundo o número, será uma humanidade pequena - pois tudo o que sobressai é raro por sua própria essência -: pertence-se a essa humanidade não porque se tenha mais talento, mais virtude, mais heroísmo ou mais afeto do que os homens de baixo, mas antes porque se é *mais frio, mais claro, mais previdente e mais solitário*, porque se suporta, prefere e exige a solidão como felicidade, privilégio e mesmo como condição da existência, porque se vive entre nuvens e raios como entre

iguais, mas também entre raios de sol, gotas de orvalho, flocos de neve e tudo aquilo que chega necessariamente do alto e, quando se move, move-se eternamente apenas na direção *de cima para baixo*. As aspirações endereçadas *para* o alto não são as nossas. - Os heróis, mártires, gênios e entusiastas não nos parecem calmos, pacientes, finos, frios e lentos o bastante.

994

Convicção absoluta: os sentimentos de valor superiores e inferiores são *diferentes*; um sem-número de *experiências falta* aos de baixo, de baixo para cima o mal-entendido é *necessário*.

995

Como os homens chegam a uma grande força e a uma grande tarefa? - Toda virtude e habilidade no corpo e na alma foram adquiridas com esforço e minuciosamente, com muita diligência, autodomínio e limitação ao pouco, com uma repetição tenaz e fiel dos mesmos trabalhos, das mesmas renúncias: mas há homens que são os herdeiros e senhores dessa riqueza múltipla, vagarosamente amealhada, de virtudes e capacidades - pois, em razão de matrimônios felizes e racionais, e também de felizes acasos, as forças amealhadas e acumuladas de muitas gerações não se dissiparam e estilhaçaram, mas antes foram reunidas por uma aliança e por uma vontade muito firmes. Por fim, desponta um homem, uma imensidão de força, que anseia por uma tarefa imensa, pois é nossa força que dispõe de nós: e o jogo espiritual e lamentável de metas, intenções e motivos é apenas um primeiro plano - por mais que olhos fracos vejam aqui a coisa mesma.

996

O homem sublime possui o valor supremo, mesmo se ele é totalmente frágil e quebradiço, pois uma multidão de coisas muito difíceis e raras foi reunida e cultivada por muitas gerações.

997

Ensino o seguinte: há homens superiores e inferiores, e um único indivíduo, em certas circunstâncias, pode justificar a existência de milênios inteiros - quer dizer, um homem mais pleno, mais rico, maior e mais completo em relação a um sem-número de homens-fragmento incompletos.

998

Para além dos dominadores, desprendidos de todos os vínculos, assim vivem os homens superiores: e encontram nos dominadores os seus instrumentos.

999

Hierarquia: aquele que *determina* os valores e governa a vontade de milênios, pelo fato de que dirige as naturezas superiores, é o *homem superior*.

1000

Creio que *adivinhei* algo da alma do homem superior - talvez todo aquele que o adivinhe pereça, mas quem quer que o tenha visto deve ajudar a torná-lo possível.

Pensamento fundamental: precisamos tomar o futuro como *critério* para todas as nossas estimativas - e não buscar *atrás* de nós as leis de nossa ação!

1001

Não a “humanidade”, mas antes o *super-homem* é a meta!

*Come l'uom s'eterna*³¹⁴...

Inf. XV. 85³¹⁵

- 288 John Bunyan (1628-1688), pregador anabatista inglês, autor de *Viagem do peregrino*, que mostrava em alegorias as provações da alma em luta contra o pecado. O livro foi traduzido para muitas línguas. [N.T.]
- 289 Henry Thomas Buckle (1821-1862), historiador inglês. Escreveu *A história da civilização na Inglaterra*, cujo primeiro volume foi publicado em 1857 e fez grande sucesso (o segundo volume saiu em 1861). Ambos os volumes eram apenas introdução. Buckle não pôde concluir a obra, pois morreu pouco depois. Esse seu trabalho foi uma tentativa de aplicar o método científico à História, relacionando as condições naturais ao progresso humano. O pensamento de Buckle pode ser resumido no seguinte: o desenvolvimento dos povos seria regulado pelos mesmos princípios que regulam o mundo físico; a religião e a superstição deveriam ser combatidas; o progresso da civilização corresponderia ao aumento do conhecimento; a diminuição da influência da natureza na Europa predisporia a população à pesquisa racional. [N.T.]
- 290 Em alemão fica claro, pelo possessivo usado [*ihre*], que aqui se trata da justificativa da Revolução Francesa. Ou seja, Nietzsche afirma que a Revolução Francesa se justifica pelo fato de ter dado oportunidade ao surgimento de Napoleão, o tipo do grande homem. [N.T.]
- 291 Significa a pedra que marca a extensão de uma milha. Em sentido figurado, significa todo e qualquer marco significativo. [N.T.]
- 292 Em francês no original: “largeza de coraçao”. [N.T.]
- 293 Massa excluída e marginalizada pela sociedade e pela Igreja na cidade de Nápoles. [N.T.]
- 294 Termo irônico formulado por Hegel para designar aqueles que se deixam facilmente escandalizar, os assim chamados paladinos da moral e dos bons costumes. [N.T.]
- 295 Seita religiosa precursora do protestantismo, caracterizada pelo abandono de todo amor-próprio. No século XVIII foram acolhidos, fugindo da Guerra dos Trinta Anos, por um rico conde alemão chamado Zinzendorf. O termo alemão “*Herrnhut*”, do qual deriva o adjetivo “*herrnhuterischen*”, significa algo como “redil do Senhor”. São também conhecidos por morávios por serem originários da região da Morávia. [N.T.]
- 296 Em francês no original: “jantares em casa de Magny” (no estabelecimento Magny). Trata-se de encontros de escritores organizados no restaurante Magny, na rua Mazet, em Paris. Os mais assíduos foram Flaubert, Sainte-Beuve, George Sand, Renan, Gautier e Taine. Os irmãos Goncourt fizeram relatos desses encontros nos seus *Diários*, sob o título “Diners chez Magny”. [N.T.]
- 297 Em francês no original: “parvoíce inglesa”. [N.T.]

298 Em italiano no original: “vingança”. [N.T.]

299 Referência à famosa “aposta” proposta por Pascal para se decidir entre crer e não crer em Deus. Se se crê em Deus e Ele não existe, ambas as decisões - crer e não crer - têm o mesmo efeito. Mas se não se crê em Deus e Ele existe, perde-se a possibilidade de salvação. Logo, segundo Pascal, a decisão “Deus existe” é mais racional do que a decisão contrária. [N.T.]

300 Augustin Thierry (1795-1856) foi secretário de Saint-Simon, jornalista e político, antes de se consagrar à História. Baseou seus pontos de vista em uma concepção que foi muito contestada: existia o conflito de duas raças: a dos vencedores (os normandos, no caso da Inglaterra, os francos, no caso da França) e a dos vencidos (os saxões e os gauleses, respectivamente); os primeiros tornaram-se senhores, a nobreza guerreira; os segundos foram oprimidos e subjugados. Essas teses foram expostas de maneira mais acabada em *História da conquista da Inglaterra pelos normandos*, de 1825, e em *Relatos do tempo merovíngio*, de 1840. [N.T.]

301 Em francês no original: “Raça de libertos, raça de escravos arrancados de nossas mãos, povo tributário, povo novo; foi-lhes outorgada licença para ser livres, e não a nós para ser nobres; para nós tudo é de direito, para vós tudo é concedido, não pertencemos à vossa comunidade; somos um todo por nós mesmos.”[N.T.]

302 Dito oracular muito difundido entre os gregos: “nada em excesso”. [N.T.]

303 Em grego no original: respectivamente, “moderação” e “prática de exercícios físicos”. [N.T.]

304 Almanaque genealógico da nobreza. [N.T.]

305 Em francês no original: “compreender é igualar”. [N.T.]

306 Em latim no original: “ócio”. [N.T.]

307 Gretchen é a heroína do *Fausto*, de Goethe, que é seduzida por Fausto com a ajuda de Mefistofeles. [N.T.]

308 Em inglês no original. [N.T.]

309 Diálogo que foi legado como sendo de autoria de Platão, mas considerado inautêntico pela maioria dos críticos modernos. [N.T.]

310 Em latim no original: “corrigir as deformações, corroborar o que está correto e exaltar as coisas sagradas”. [N.T.]

311 Em italiano no original: “Maldito aquele que aflige um espírito imortal!” [N.T.]

312 Alessandro Manzoni (1785-1873), escritor italiano. Inicialmente, foi adepto do sensualismo materialista francês do século XVIII. Influenciado também por padres jansenistas, experimentou em 1810 uma conversão mística, tornando-se católico convicto. Nos meios parisienses, entrou em contato com os pré-românticos, abandonou a estética classicista e estudou intensamente a obra de Shakespeare. Com essa influência, escreveu duas tragédias históricas: *O Conde de Carmagnola* (1820) e *Adelchi* (1822). [N.T.]

313 Em francês no original: “Os filósofos não foram feitos para se amar. As águias não voam em companhia. É preciso deixar isso para as perdizes e os pardais... Planar por cima e ter garras, eis o lote dos grandes gênios.” [N.T.]

314 Em italiano no original: “Como o homem se eterniza...” [N.T.]

315 Trata-se do trecho de um verso da *Divina comédia*, de Dante. A referência significa “Inferno”, Canto XV, verso 85. [N.T.]

II. DIONISOS

1003

Que este livro seja consagrado *ao afortunado* que beneficia o meu coração,
que é talhado de uma só peça de madeira, a qual é dura, terna e aromática -
junto à qual até o nariz tem alegria.

A ele apraz o que lhe é proveitoso;
seu gosto por alguma coisa cessa onde a medida do proveitoso é
ultrapassada;
ele adivinha os remédios contra os danos parciais, tem doenças como
grandes estimulantes da vida;
é entendido em aproveitar os maus acasos;
torna-se mais forte com os casos de infelicidade que ameaçam aniquilá-lo;
recolhe instintivamente de tudo que vê, ouve, vivencia em proveito de sua
questão principal - segue um princípio *de seleção* -, deixa muita coisa
fracassar;
reage com um vagar cultivado por uma duradoura prudência e por um
orgulho deliberado - experimenta o atrativo de sua proveniência, de seu
projeto, não se submete;
está sempre em *sua* companhia, seja o caso de lidar com livros, homens
ou paisagens: honra à medida que *escolhe*, à medida que *permite*, à medida
que *confia*...

1004

Ganhar uma altitude e visão de pássaro em sua consideração, no que se
compreende como tudo decorre exatamente assim *como deveria decorrer*:

como cada espécie de “imperfeição” e o sofrimento com ela pertencem, juntos, ao *sumamente desejável*...

1005

Em torno de 1876³¹⁶ tive o pavor de ver *comprometido* todo o meu querer até então, quando comprehendi onde ele queria chegar com Wagner: eu estava muito firmemente ligado a ele, por todos os laços da profunda unidade das necessidades, por gratidão, pela impossibilidade de ser substituído e pelo absoluto despojamento que via diante de mim.

Nessa mesma época, parecia a mim mesmo como indissoluvelmente *encarcerado* em minha filologia e atividade docente - em um acaso e sucedâneo de minha vida -: não sabia mais como escapar, estava cansado, consumido, desgastado.

Na mesma época, comprehendi que meu instinto queria partir para o oposto do de Schopenhauer: para uma justificativa da vida, mesmo no que tem de mais terrível, mais dúvida e mais falso: - para tanto, tinha em mãos a fórmula “dionisíaca”.

- Que um em-si das coisas haveria de ser necessariamente bom, bemaventurado, verdadeiro, uno: contra isso a interpretação de Schopenhauer do em-si como vontade foi um passo essencial: mas ele não soube *divinizar* essa vontade: ficou pendurado nos ideais moralmente cristãos. Schopenhauer continuava a tal ponto sob o domínio dos valores cristãos, que então, depois que, para ele, a coisa em si não era mais “Deus”, ela havia de ser má, tola, absolutamente reprovável. Não comprehendeu que pode haver infinitos modos de ser-outro, mesmo do poder-ser-Deus.

1006

Até agora, os valores morais foram os valores supremos: alguém quer pôr isso em dúvida?... Se afastarmos tais valores dessa posição, então

modificamos todos os valores: até hoje, com isso, o princípio de sua *hierarquia* é derrubado...

1007

Transvalorar valores - o que seria isso? Teriam de já estar presentes todos os movimentos *espontâneos*, novos, futuros, mais fortes: todavia, eles ainda estão sob falsos nomes e apreciações, e ainda não se *tornaram conscientes* de si mesmos.

Um corajoso tornar-se consciente e *dizer-sim* ao que é *alcançado*.

Um fazer-se livre da mole rotina de velhas avaliações que nos tiram a dignidade no melhor e mais forte que alcançamos.

1008

É superficial toda doutrina para a qual tudo ainda está pronto em forças acumuladas e matérias explosivas. Só se alcança uma transvaloração dos valores se existe uma tensão de novas necessidades, de novos-necessitados, que sofrem com os antigos valores sem chegar à consciência disso, - - -

1009

Pontos de vista para *meus* valores: se são a partir da plenitude ou do desejo ardente... se se olha ou se põe a mão... ou se desvia a vista, saindo pela tangente... se se é comovido, estimulado pela força represada “espontaneamente” ou meramente de maneira *reativa*... se é *simplesmente* por escassez dos elementos *ou* pelo imenso domínio sobre muitos, de modo que este tome os mesmos a seu serviço, caso tenha necessidade deles... se se é *problema* ou *solução*... se se é *perfeito* na pequenez da tarefa ou *imperfeito* no extraordinário de uma meta... se se é *autêntico* ou somente *ator*, se se é autêntico como ator ou somente um ator imitado, se se é “representante” ou o representado mesmo - se se é pessoa ou um *rendez-vous* de pessoas... se se

está *doente* de doença ou de *esplêndida* saúde... se se vai à frente como pastor ou como “exceção” (terceira espécie: como fugitivo)... se se tem necessidade de *dignidade* - ou do “arlequim”? Se se procura a resistência ou se sai do caminho desta? se se é imperfeito como “demasiadamente cedo” ou “demasiadamente tarde”... se se diz por natureza sim ou não, ou se é uma cauda de pavão de coisas variegadas? se se é orgulhoso o bastante para não se ter vergonha da própria vaidade? se ainda se é capaz de um remorso [*Gewissenbisses*] (a espécie será raramente capaz disso: antes a consciência [*Gewissen*] tinha demasiadamente o que morder [*beissen*]):³¹⁷ parece, agora, que ela não tem dentes suficientes para tanto)? se ainda se é capaz de um “dever”? (- há alguns que roubariam de si o resto de prazer na vida se deixassem que lhes *roubassem* o “dever”... especialmente os femininos, os nascidos submissos...).

1010

Supondo-se que nossa concepção de mundo em exercício fosse um *malentendido*: poderia ser concebida uma *perfeição* dentro da qual mesmo tais *mal-entendidos* fossem *sancionados*?

Concepção de uma nova perfeição: aquilo que *não* corresponde à nossa lógica, ao nosso “belo”, ao nosso “bom”, ao nosso “verdadeiro” poderia ser perfeito em um sentido mais elevado do que o nosso ideal mesmo o é.

1011

Nossa grande modéstia: não divinizar o desconhecido; começamos, justamente, a saber pouco. Os esforços falsos e desperdiçados.

Nosso “novo mundo”: precisamos reconhecer até que grau somos os *criadores* de nosso sentimento de valor - portanto, precisamos *poder* pôr “sentido” na História. Essa crença na verdade chega em nós à sua última consequência - vós sabeis como esta se exprime -: se há algo para ser

adorado é a *aparência*, ela há de ser adorada, a crença de que a mentira - e não a verdade - é divina!

1012

Quem faz progredir a racionalidade impulsiona também, com isso, por sua vez, o poder oposto a uma nova força, a mística e a tolice de toda espécie.

Em *cada movimento* há de diferenciar-se 1. que ele *em parte* é cansaço de um movimento anterior (saciedade dele, maldade da fraqueza em relação a ele, doença); 2. que ele é, *em parte*, força recentemente despertada, há muito adormecida e acumulada, alegre, entusiástica, violenta: saúde.

1013

Saúde e doença: sejamos cautelosos! O critério permanece a florescência do corpo, a força do salto, a coragem e alegria do espírito - mas, naturalmente também, *quanto de doentio este pode tomar sobre si e levar de vencida* - quanto pode *tornar* saudável. Aquilo em que os homens mais brandos sucumbiriam conta-se entre os meios estimulantes da *grande* saúde.

1014

É só uma questão de força: o ter todos os traços doentios do século, mas compensar além das medidas com uma opulenta força plástica reproduutora. *O homem forte.*

1015

Para o fortalecimento do século XIX. - Somos *mais medievais* do que o século XVIII; não somente mais curiosos ou mais excitáveis pelo estranho e raro. Nos revoltamos contra a *revolução*... Nos emancipamos do *medo diante da raison*, diante do fantasma do século XVIII: nos atrevemos a ser

novamente absurdos, infantis, líricos... em uma palavra: “somos músicos”. - Não nos *amedrontamos* diante do *ridículo*, tampouco diante do *absurdo*. - O *diabo* encontra a tolerância de Deus a seu favor: mais ainda, tem um interesse, na condição de desconhecido, de difamado desde antigamente - somos os salvadores da honra do diabo.

- Não separamos mais a grandeza e o terrível. - Contamos as coisas *boas* em sua complexidade junto com as *piores*: *superamos* a absurda “desejabilidade” de outrora (que queria o crescimento do bem sem o crescimento do mal -). - A *covardia* diante do ideal do Renascimento cedeu, - nos atrevemos a aspirar aos *seus costumes*. - A *intolerância* em relação aos sacerdotes e à Igreja recebeu, ao mesmo tempo, um fim; “é imoral acreditar em Deus”, mas justamente isso vale para nós como a melhor forma da justificativa dessa crença.

Demos a tudo isso um *direito* em nós. Não tememos mais o *reverso* das “coisas boas” (- nós as procuramos... somos mais corajosos e bastante curiosos para tanto), por exemplo, na cultura grega, na moral, na razão, no bom gosto (- computamos as expiações feitas com todas essas preciosidades: *quase se empobrece* com uma tal preciosidade -). Tampouco dissimulamos o reverso das coisas *más*...

1016

O que nos faz honra. - Se algo nos faz honra, então é isso: pusemos a *seriedade* em qualquer outra parte: tomamos como importantes as coisas *baixas* desprezadas por todas as épocas e deixadas de lado - achamos banais, por outro lado, os “belos sentimentos”...

Há algum engano mais perigoso do que o desprezo do corpo? Como se, com ele, toda a espiritualidade não fosse condenada a tornar-se doentia, não fosse condenada aos *vapeurs³¹⁸* do “idealismo”!

Não tem pé nem cabeça tudo o que foi ideado pelos cristãos e os idealistas: somos mais radicais. Descobrimos o “mundo menor” como o decisivo em toda parte.

O calçamento das ruas, o bom ar no quarto, a comida, todos compreendidos em seu valor; fomos sérios com todas as *necessidades* [*Necessitaten*] da existência e *desprezamos* tudo “o que concerne à bela alma” como uma espécie de “leviandade e frivolidade”. - O que foi até agora mais desprezado foi posto em primeira linha.

1017

Em vez do “homem natural” de Rousseau, o século XIX descobriu uma *imagem mais verdadeira* do “homem” - esse século teve *coragem* para tanto... No todo, com isso coube ao conceito cristão “homem” uma restauração. Aquilo para o que *não* se teve coragem foi justamente aprovar *esse* “homem em si” e ver nele garantido o futuro do homem. Do mesmo modo, *não* se ousou compreender o *crescimento do caráter terrível* do homem como manifestação concomitante a todo crescimento da cultura; nisso, permanece-se submisso ainda ao ideal cristão e toma-se o *seu* partido contra o paganismo, do mesmo modo contra o conceito renascentista da *virtu*. Assim, não se tem a chave para a cultura: e *in praxi*³¹⁹ fica-se na falsificação da história em favor do “homem bom” (como se somente ele fosse o *progresso* do homem) e ficase no *ideal socialista* (isto é, fica-se num *resíduo* do cristianismo e de Rousseau no mundo deschristianizado).

A *luta contra o século XVIII*: sua *suprema superação* por *Goethe* e *Napoleão*. Também *Schopenhauer* luta contra o mesmo; mas, involuntariamente, volta para o século XVII - é um *Pascal* moderno, com juízos de valor pascalianos, *sem* cristianismo... *Schopenhauer* não foi forte o bastante para um novo *sim*.

Napoleão: é compreendida a pertinência mútua entre o homem mais elevado e o mais terrível. O “homem no sentido masculino”³²⁰ [“Mann”] restaurado; à mulher cabe de volta o devido tributo de desprezo e medo. A “totalidade” como saúde e suprema atividade; a linha reta, o grande estilo no agir redescoberto; o mais poderoso instinto afirmado: o instinto da própria vida, a ambição pelo domínio.

1018

(*Revue des deux mondes*,³²¹ 15 de fevereiro de 1887. *Taine*) “Repentinamente desdobra-se a *faculté maîtresse*:³²² o *artista*, incluído no político, sai de *sa gaine*;³²³ cria *dans l'ideal et l'impossible*.³²⁴ Este é novamente reconhecido como aquilo que é: o irmão póstumo de Dante e de Michelangelo: na verdade, em relação aos mais firmes contornos da visão, em relação à intensidade, coerência e lógica interna do sonho, em relação à profundidade da meditação, à grandeza sobre-humana da concepção: assim ele lhes é semelhante *et leur égal*: *son génie a la même taille et la même structure*; *il est un des trois esprits souverains de la renaissance italienne*.³²⁵

Nota bene — Dante, Michelangelo, Napoleão - -

1019

[*Para o pessimismo dos fortes*. -] Na mais íntima disposição doméstica da alma do homem *primitivo* prepondera o *medo* diante do *mal*. *O que é o mal?* Três coisas: o acaso, o incerto, o repentino. Como o homem primitivo combate o mal? - Ele o concebe como razão, como poder, como pessoa mesmo. Com isso, ganha a possibilidade de contrair com eles uma espécie de contrato e, em geral, de exercer previamente influência efetiva sobre eles - de prevenir.

- Outro recurso é afirmar a mera aparência de sua maldade e de seu caráter danoso: interpretam-se as consequências do acaso, do incerto, do

repentino como de *boa intenção*, como plenas de sentido...

- Um terceiro meio: interpreta-se, antes de tudo, o mal como “merecido”: justifica-se o mal como castigo...

- *In summa: fica-se submetido a ele*: toda a interpretação moral-religiosa é somente uma forma de submissão ao mal. - A crença de que no mal há um sentido bom significa renunciar a combatê-lo.

Ora, toda a história da cultura apresenta um decréscimo daquele *medo diante do acaso*, diante do incerto, diante do repentino. Cultura quer dizer, justamente, aprender a *calcular*, aprender a pensar de maneira causal, aprender a prevenir, aprender a crer na necessidade. Com o crescimento da cultura, aquela *primitiva* forma de submissão ao mal (chamada religião ou moral), aquela “justificação do mal”, torna-se dispensável para o homem. Agora ele faz guerra contra o “mal” - ele o elimina. Sim, existe um estado de sentimento de segurança, de crença na lei e na calculabilidade, em que aquele vem à consciência como *fastio* - em que o *prazer no acaso, no incerto e no repentino* sobressaem como comichão...

Demoremo-nos por um momento nesse sintoma da cultura *a mais elevada* - eu o chamo de *pessimismo da força*.

O homem *não precisa mais*, agora, de uma “justificativa do mal”, ele tem aversão justamente ao “justificar”: saboreia o mal *pur, cru*,³²⁶ acha o *mal sem sentido* o mais interessante. Se antes teve necessidade de um Deus, do mesmo modo agora o arrebata uma desordem do mundo sem Deus, um mundo do acaso, no qual o terrível, o dúvida, o sedutor pertencem ao ser [*Wesen*]...

Em um tal estado, justamente *o bem* necessita de uma “justificativa”, isto é, precisa ter um subterrâneo mal e perigoso ou encerrar uma grande tolice em si: *então ele ainda agrada*.

Agora, a animalidade não provoca mais terror; em tais tempos, a forma mais triunfal da espiritualidade é um entusiasmo cheio de espírito e feliz a favor do animal no homem.

De agora em diante, o homem é forte o bastante para poder envergonharse de uma *crença em Deus*: - agora ele pode, de novo, representar o *advocatus diaboli*³²⁷

Se ele *in praxi* opta por manter a virtude, então o faz por causa dos motivos que deixam reconhecer na virtude uma fineza, uma astúcia e uma forma da ambição pelo ganho e pelo poder.

Também esse *pessimismo da força* acaba com uma *teodiceia*, isto é, com um absoluto dizer sim ao mundo, mas pelas razões em virtude das quais se lhe disse “não” outrora: e da mesma maneira em relação à concepção deste mundo como a do *ideal mais elevado possível de fato alcançado...*

1020

As principais espécies de pessimismo:

O pessimismo da *sensibilidade* (a superexcitabilidade com uma preponderância dos sentimentos de desprazer)

O pessimismo da “*vontade não livre*” (dito de outra maneira: a falta de forças bloqueadoras contra os estímulos)

O pessimismo da *dúvida* (: o temor diante de tudo que é firme, diante de todo pegar e tocar)

podemos, todos, observar nos manicômios, ainda que com um certo exagero, os estados psicológicos que concernem a cada espécie de pessimismo. Do mesmo modo o “*niilismo*” (o sentimento perfurante do “nada”)

A que pertence o *pessimismo moral* de Pascal? o *pessimismo metafísico* da filosofia vedanta? o *pessimismo social* dos anarquistas (ou de Shelley)?³²⁸ o

pessimismo da *compaixão* (como o de Tolstoi, o de Alfred de Vigny)?³²⁹

- Todos esses fenômenos não são de decadência e de adoecimento, também?... A excessiva importância dada a valores morais ou a ficções do “alémmundo”, ou a calamidades sociais, ou a *sofrimentos* em geral: todo *exagero* como esse de *um único* ponto de vista já é, em si, um sinal de adoecimento. Do mesmo modo, a preponderância do *não* sobre o *sim*!

O que não há, aqui, de confundir-se: o prazer no dizer não e no não-fazer a partir de uma imensa força e tensão do dizer sim - característica de todos os homens e tempos ricos e poderosos. Como que um luxo; do mesmo modo, uma forma de coragem que se contrapõe ao terrível; uma simpatia pelo assustador e problemático, porque se é, entre outras coisas, assustador e problemático: o *dionisiaco* em vontade, espírito, gosto.

1021

MEUS CINCO “NÃOS”

1. Minha luta contra o *sentimento de culpa* e contra a intromissão do conceito de *castigo* no mundo físico e metafísico, bem como na psicologia e na interpretação histórica. Compreensão da *moralização* empreendida por toda filosofia e apreciação de valor até agora.

2. Meu reconhecimento e destaque do ideal *transmitido*, do ideal cristão, mesmo onde se foi arruinado pela forma dogmática do cristianismo. O *perigo do ideal cristão* está em seu sentimento de valores, naquilo que pode prescindir da expressão conceitual: minha luta contra o *cristianismo latente* (por exemplo, na música, no socialismo).

3. Minha luta contra o século XVIII *de Rousseau*, contra sua “natureza”, seu “homem bom”, sua crença no domínio do sentimento - contra o amolecimento, a fraqueza, a moralização do homem: um ideal que nasceu do ódio *contra a cultura aristocrática* e é, *in praxi*, o domínio do sentimento

de ressentimento sem rédeas, inventado como estandarte para a luta - o sentimento de culpa e a moralidade do cristão, a moralidade do ressentimento (uma atitude da plebe).

4. Minha luta contra o *romantismo*, no qual confluem ideais cristãos e ideais de Rousseau, ao mesmo tempo, todavia, que uma nostalgia dos *tempos antigos* da cultura sacerdotal e aristocrática, da *virtú*, do “homem forte” - algo extremamente híbrido; um tipo falso e imitado de humanidade *mais forte*, a qual aprecia os estados extremos em geral e vê neles o sintoma da força (“culto da paixão”)

- um imitar das formas mais expressivas, *furore expressivo*,³³⁰ não a partir da plenitude, mas da *falta* - o mesmo que relativamente nasceu a partir da plenitude no século XIX, com a *satisfação*: música alegre etc.; - entre os poetas foram, por exemplo, Stifter³³¹ e Gottfried Keller³³² sinais de mais força, de íntimo bem-estar, como —. A grande técnica e inventividade, as ciências da natureza, a história (?): produtos relativos da força, da confiança em si do século XIX.

5. Minha luta contra a *supremacia dos instintos de rebanho* depois de a ciência fazer com eles causa comum; contra o ódio íntimo com o qual toda espécie de hierarquia e distância são tratadas.

A partir da pressão da plenitude, a partir da tensão das forças que crescem constantemente em nós e ainda não sabem descarregar-se, surge um estado como o que antecede uma tempestade: a natureza que somos *se ensombrece*. Também isso é pessimismo... Uma doutrina que põe cobro a um tal estado, à medida que *manda* qualquer coisa, uma transvaloração dos valores, em virtude da qual um caminho, um sentido é mostrado às forças acumuladas, de modo que elas explodem em relâmpagos e atos - uma tal doutrina não

necessita ser absolutamente nenhuma doutrina da felicidade: *ela traz felicidade* à medida que libera uma força que estava comprimida e represada até o tormento.

1023

O prazer irrompe onde há sentimento de poder.

A felicidade na consciência - que se tornou dominante - do poder e da vitória.

O progresso: o fortalecimento do tipo, a capacidade do grande querer: todo outro progresso é mal-entendido, perigo.

1024

Um período em que as velhas mascaradas e os adornos morais dos afetos causam repulsa: *a natureza nua*, em que as *quantidades de poder* são simplesmente reconhecidas como *decisivas* (como *determinantes da hierarquia*), em que o *grande estilo* irrompe novamente como consequência da *grande paixão*.

1025

Tomar a seu serviço todo o terrível, isoladamente, passo a passo, às tentativas: assim quer a tarefa da cultura; mas, até onde ela é *forte o bastante* para isso, há de combater o terrível, moderá-lo, velá-lo e mesmo maldizê-lo...

- Por toda parte em que uma cultura *postula o mal*, ela exprime, com isso, uma relação de *medo*, portanto, uma *fraqueza*...

Tese: todo bem é um mal de outrora que fizemos servir-nos. *Critério:* quanto maiores e mais terríveis são as paixões que uma época, um povo, um indivíduo podem permitir-se, porque eles são capazes de usá-las *como meios, tanto mais elevada é sua cultura*. Quanto mais medíocre, fraco,

submisso e covarde é um homem, tanto mais coisas ele postulará como *males*: nele o império do mal é o mais avultado; o homem mais baixo verá o império do mal (isto é, o império do que lhe é proibido, do que é seu inimigo) por toda parte.

1026

Não “a felicidade segue a virtude”, - o mais poderoso determina *primeiro o seu estado feliz como virtude*.

As más ações pertencem aos poderosos e virtuosos: as ruins, baixas, pertencem aos submissos.

O homem mais poderoso, o criador haveria de ser o pior, à medida que ele impõe seu ideal a todos os homens *contra* todos os ideais deles, transformando-os em sua imagem. Mau se chama aqui: duro, doloroso, imposto.

Tais homens, como Napoleão, hão sempre de vir novamente e firmar a crença na automagnificência do indivíduo: ele mesmo, porém, foi corrompido pelos meios que *precisou* empregar e *perdeu* a *noblesse*³³³ de caráter. Se houvesse de impor-se a uma outra espécie de homens, poderia empregar outros meios; e então não haveria de ser *necessário* que um César *precisasse tornar-se ruim*.

1027

O homem é o *animal monstruoso* [*Untier*] e o *além-do-animal* [*Übertier*]; o homem mais elevado é o desumano [*Unmensch*] e o super-homem [*Übermensch*]: com cada crescimento do homem em grandeza e altura, ele cresce também em baixeza e terribilidade: não se deve querer um sem o outro - ou, antes: quanto mais fundamentalmente se quer um, tanto mais fundamentalmente se alcança justamente o outro.

1028

À grandeza pertence a terribilidade: que não se deixe enganar a esse respeito.

1029

Pus o conhecimento diante de imagens tão terríveis que qualquer “satisfação epicurista” com ele é impossível. Somente o prazer dionisíaco basta - *fui o primeiro a descobrir o trágico*. Nos gregos, este era mal entendido, graças à sua superficialidade moral. Também a resignação *não* é um ensinamento da tragédia! - mas sim um mau entendimento da mesma! Nostalgia do nada é *negação* da sabedoria trágica, o seu oposto!

1030

Uma alma plena e poderosa não se prepara somente com danos dolorosos, mesmo terríveis, com privações, despojamentos, desprezos: ela sai desses infernos com maior plenitude e poderio: e, para dizer o mais essencial, com um novo crescimento na ventura do amor. Aquele que decifrou algo das condições mais baixas de todo crescimento no amor compreenderá Dante quando escreveu sobre o portão de seu inferno: “também me criou o amor eterno”.

1031

Ter percorrido todo o circuito da alma moderna, ter sentado em cada um de seus cantos - minha ambição, minha tortura e minha felicidade.

Superar realmente o pessimismo -; um olhar goethiano cheio de amor e de boa vontade como resultado.

1032

A questão de se estamos contentes conosco não é absolutamente a primeira, mas sim a de se estamos contentes com alguma coisa em geral. Se dissermos sim em um único instante, então teremos dito sim não só a nós mesmos, mas à existência como um todo. Pois nada se sustenta por si, nem em nós mesmos, nem nas coisas: e se só por uma única vez nossa alma vibrou e soou de felicidade como uma corda de um instrumento, então todas as eternidades foram necessárias para condicionar esse único acontecer - e toda eternidade foi abençoada, libertada, justificada e assentida nesse único momento do nosso dizer sim.

1033

Os afetos *que dizem sim*: - o orgulho, a alegria, a saúde, o amor do sexo, a inimizade e a guerra, a veneração, os belos gestos, maneiras, a vontade forte, o cultivo da alta espiritualidade, a vontade de poder, a gratidão à terra e à vida - tudo o que é rico e que quer doar, e que presenteia, doura, eterniza e diviniza a vida - toda a potestade das virtudes *transfigradoras*... tudo o que abençoa, que diz sim, que afirma fazendo -.

1034

Nós, poucos ou muitos, que, pelo nosso lado, nos atrevemos a viver em um mundo *desmoralizado* [*entmoralisierten*], nós, pagãos de profissão de fé: provavelmente, somos também os primeiros que concebemos o que é uma fé pagã: haver de representar para si seres mais elevados do que o homem, mas tais seres como estando para além de bem e mal; haver de apreciar todo ser mais elevado também como ser sem moral. Acreditamos no Olimpo - e *não* no “crucificado”...

1035

O homem moderno exerceu sua força idealizadora em relação a um *Deus*, sobretudo em uma crescente *moralização* - o que isso significa? Nada de bom, um decréscimo de força no homem.

Em si, seria possível, nomeadamente, o contrário: e há sinal disso. Deus pensado como o ter se tornado livre da moral, pensado como comprimindo em si a plenitude das oposições da vida e *libertando, justificando* aquela plenitude em um tormento divino: - Deus como o além, o acima da lamentável moral de “bem e mal” dos desocupados.

1036

A partir do mundo conhecido para nós, o Deus humanitário não pode ser *demonstrado*: a tanto se pode hoje vos coagir e impelir: - Mas que conclusão tirais vós? “Ele não é demonstrável *para nós*”: ceticismo do conhecimento. Mas vós todos *temeis* a conclusão “a partir do mundo que nos é conhecido, um deus completamente outro seria *demonstrável*, um que *não* é minimamente humanitário” - - e, para resumir, isso quer dizer que vós segurais vosso Deus e inventais para Ele um mundo que *não conhecemos*.

1037

Afastemos o bem supremo do conceito de Deus: ele é indigno de um deus. Afastemos, do mesmo modo, a suprema sabedoria: - a vaidade dos filósofos foi culpada dessa loucura de Deus como um monstro de sabedoria: Ele devia ser-lhes o mais possível semelhante. Não! Deus é o *supremo poder* - isso é suficiente! Desse poder segue-se tudo, desse poder segue-se - “o mundo”!

1038

- E quantos novos deuses são ainda possíveis! Mesmo em mim o instinto religioso, isto é, o instinto *formador* de Deus quer às vezes tornar-se vivo

novamente: quão distinta e diversamente o divino manifestou-se a mim cada vez!... Tantas estranhezas já passaram por mim, naqueles momentos atemporais, que entram na vida como caídos da Lua, em que, pura e simplesmente, não se sabe mais que idade se tem e quanto tornar-se-á jovem... Não duvidaria de que há muitas espécies de deuses... Não há falta daqueles deuses sobre os quais não se pode afastar o pensamento de um certo alcionismo³³⁴ e leviandade... Os pés leves pertencem, talvez, ao conceito “deus”... É necessário expor que um deus sempre sabe se manter além de todo racional e de todo carolismo? Além, também, dito de passagem, de bem e mal? Ele tem a perspectiva *livre* - para dizer como Goethe. - E para invocar a autoridade de Zaratustra, que nesse caso nunca se pode avaliar suficientemente: Zaratustra vai tão longe a ponto de testemunhar sobre si mesmo “eu acreditaria somente em um deus que fosse entendido em *dançar*”...

Dito mais uma vez: quantos deuses são ainda possíveis! - Zaratustra mesmo, claro, é meramente um velho ateísta. Que se o entenda bem! Zaratustra diz, deveras, que ele *acreditaria* -; mas Zaratustra não *acredita*...

Tipo de deus segundo o tipo dos espíritos criadores, dos “grandes homens”.

[E quantos novos *ideais* são, no fundo, ainda possíveis! -] Eis aqui um ideal que apanho uma vez a cada cinco semanas em um passeio selvagem e solitário, no momento azul-celeste de uma felicidade criminosa. Passar a sua vida entre coisas ternas e absurdas; alheio à realidade [*Realität*]; meio artista, meio pássaro e metafísico; sem sim e não para a realidade [*Realität*], a não ser o fato de que se a reconhece às vezes no modo de um bom dançarino, nas pontas dos pés; sempre acariciado por um raio de sol da felicidade;

divertido e animado, mesmo pela aflição - pois aflição *entretém* o feliz -; uma pequena cauda de farsa pendendo também do mais sagrado - isso, como se dá a entender por si, é o ideal de um espírito pesado, tremendamente pesado, um *espírito dos pesos...*

1040

Da escola de guerra da alma. Consagrados o corajoso, o alegre, o temperante.

Não gostaria de subestimar as virtudes mais dignas de predileção; mas a grandeza da alma não se concilia com elas. Também nas artes o grande estilo exclui o agradável.

*

Em tempos de dolorosa tensão e vulnerabilidades, escolha a guerra: ela endurece, forma músculos.

*

Os profundamente feridos têm o riso olímpico: só se possui aquilo de que se tem necessidade.

*

Já dura dez anos: nenhum som me *atinge* mais - uma terra sem chuva. Temos que ter de sobra muita humanidade para não sucumbirmos à *aridez*.

1041

[*Meu novo caminho para o “sim”.*] - Filosofia, tal como até agora a entendi e vivi, é a procura voluntária também dos lados malditos e condenados da existência. A partir da longa experiência que me deu uma tal peregrinação pelo gelo e pelo deserto, aprendi a considerar de outra maneira tudo o que

foi filosofado até agora: - a história *oculta* da filosofia, a psicologia dos seus grandes nomes veio à luz para mim. “Quanto de verdade *suporta*, a quanta verdade *atreve-se* um espírito?” - isso foi para mim a medida propriamente dita. O erro é uma *covardia*... cada aquisição do conhecimento é *consequência* da coragem, da dureza contra si, da limpeza em relação a si mesmo... Uma filosofia experimental assim, tal como a vivo, toma de antemão como ensaio mesmo as possibilidades do niilismo fundamental: sem que com isso fosse dito que ela estacionasse em uma negação, em um não, em uma vontade de não. Ela quer, antes, atravessar até o inverso - até um *dizer sim dionisíaco* ao mundo tal como ele é, sem subtrações, exceções e seleções - ela quer o eterno circuito - as mesmas coisas, a mesma lógica e não lógica dos nós. O estado supremo que um filósofo pode alcançar: permanecer dionisíaco em relação à existência -: minha fórmula para tanto é *amor fati*³³⁵...

- A isso pertence conceber não só como *necessários* os lados da existência até agora *negados*, mas também como tendo valor bastante para serem desejados: e não só como tendo valor bastante para serem desejados em relação aos lados afirmados até então (por exemplo, como seus complementos ou condições prévias), mas sim por eles mesmos como sendo os mais poderosos, os mais férteis, os *mais verdadeiros* lados da existência, nos quais a sua vontade se exprime o mais claramente. Do mesmo modo, pertence a isso apreciar os lados da existência unicamente *afirmados* até agora; conceber de onde provém essa avaliação e quão pouco é compromissiva para uma medida de valor dionisíaca da existência: eu extraí e comprehendi *o que* aqui propriamente diz sim (o instinto do sofredor, por outro lado, o instinto do rebanho, e aquele terceiro, o *instinto da maioria* em contradição com as exceções -). Adivinhei, com isso, em que medida uma outra espécie mais forte de homem haveria de conceber a elevação e o

incremento do homem a partir de um outro lado: *seres mais elevados*, para além do bem e do mal, para além daqueles valores que não podem negar que se originam da esfera do sofrimento, do rebanho e da maioria - procurei na História pelos começos dessas formações ideais invertidas (os conceitos “pagão”, “clássico”, “nobre” novamente descobertos e estabelecidos -)

1042

Demonstrar como a religião grega era *mais elevada* que a judaico-cristã. A última venceu porque a religião grega, ela mesma, havia degenerado (*retrocedido*).

1043

Não é de admirar-se que sejam necessários alguns milênios para reencontrar-se o elo perdido - alguns milênios têm pouca importância!

1044

É preciso haver aqueles que santificam todas as atividades, não somente comer e beber: - e não somente na sua lembrança ou no unificar-se com elas, *mas sim sempre de novo e de um novo modo* este mundo deve ser transfigurado.

1045

Os homens mais espirituais sentem a atração e o encanto das coisas sensíveis de tal modo que os outros homens, os que têm os “corações de carne”, não podem absolutamente representar-se - e também não teriam permissão para tal: - eles são sensualistas de boníssima fé, pois reconhecem nos sentidos um valor mais fundamental do que naquela fina peneira, no aparelho de refinar, de diminuir, ou o que possa chamar-se o que, na linguagem do povo, é nomeado “espírito”. A força e poder dos sentidos - isso

é o mais essencial em um homem bem aquinhoadão e inteiro: o magnífico “animal” precisa primeiro ser dado - o que importa, de resto, toda “humanização”!

1046

1. Queremos manter nossos sentidos e a fé neles - e pensá-los até o fim! O contrassenso da filosofia, até agora, como o maior contrassenso do homem.

2. O mundo existente, sobre o qual todo terrestre vivo cultivou para que ele assim pareça (durável e *lentamente* movido), queremos *transpassar* o seu cultivo - não afastá-lo pela crítica como falso!

3. Edificar nele nossas apreciações de valor, realçá-lo e sublinhá-lo. Que significado tem quando religiões inteiras dizem: “tudo é ruim, falso e mau”! Essa condenação de todo o processo só pode ser um juízo de malfadados!

4. Claro, os malfadados podem ser os mais sofredores e os mais finos? Os contentes poderiam ser de pouco valor?

5. Há de entender-se o fenômeno *artístico* [*künstlerische*] fundamental que se chama vida, - o *espírito edificante* que edifica sob as mais ingratas circunstâncias: do modo mais lento Em primeiro lugar, há de *comprovarem-se*

novamente todas as combinações da vida: *a vida conserva-se*.

1047

A sexualidade, a ambição pelo poder, o prazer na aparência e no engano, a grande e alegre gratidão pela vida e seus estados típicos - isso é essencial no culto pagão e tem a boa consciência ao seu lado. - A *desnaturalidade*- (já na Antiguidade grega) luta contra o pagão, como moral, dialética.

1048

Uma concepção de mundo antimetafísica - sim, mas uma concepção de mundo artística [*artistische*].

1049

A ilusão de *Apolo*: a *eternidade* da bela forma; a legislação aristocrática “*assim deve ser sempre!*”

Dionisos: sensibilidade e pavor. A transitoriedade poderia ser interpretada como gozo da força engendradora e destruidora, como criação constante.

1050

Com a palavra “dionisíaco” exprime-se: um ímpeto de unidade, um açambarcar de pessoa, quotidiano, sociedade, realidade, como abismo do esquecimento, o transbordar apaixonado e doloroso em estados mais escuros, mais plenos, mais esvoaçantes: um arrebatado dizer sim ao caráter total da vida, como àquilo que é igual em toda mudança, igualmente poderoso, igualmente bem-aventurado; o grande compartilhamento da alegria e a grande compaixão panteísta, que santificam e abençoam inclusive as mais terríveis e mais problemáticas propriedades da vida a partir de uma eterna vontade de engendramento, de fertilidade, de eternidade: como sentimento de unidade da necessidade do criar e do aniquilar... Com a palavra apolíneo exprime-se: o ímpeto para o perfeito ser-para-si, para o “indivíduo” típico, para tudo que torna simples, destacado, claro, inequívoco, típico: a liberdade sob a lei.

Ao seu antagonismo está ligada a continuidade do desenvolvimento da arte, de forma tão necessária quanto a continuidade do desenvolvimento da humanidade está ligada ao antagonismo dos sexos. A plenitude do poder e a moderação, a suprema forma de autoafirmação em uma beleza fresca, nobre, recatada: o apolinismo da vontade helênica.

Essa oposição entre dionisíaco e apolíneo no interior da alma grega é um dos grandes enigmas pelo qual me senti atraído diante da essência grega. No fundo, me esforço para desvendar por que justamente o apolinismo grego haveria de medrar a partir de um subsolo dionisíaco: o grego dionisíaco tinha necessidade de tornar-se apolíneo: isto é, tinha necessidade de quebrar a sua vontade de monstruoso, múltiplo, incerto e horrível com uma vontade de medida, simplicidade, ordenamento pela regra e o conceito. O sem medida, selvagem [*Wüste*], asiático jaz em seu fundo: a coragem do grego consiste na luta com o seu asiatismo: a beleza não lhe é presenteada, tampouco como a lógica e a naturalidade do costume - ela é dominada, querida, conquistada com luta - ela é a sua *vitória*...

1051

Somente os mais raros de todos e os mais bem aquinhoados chegam, como é justo, às supremas e mais iluminadas alegrias do homem, àquelas nas quais a existência celebra a sua própria transfiguração: e, também, somente depois de eles mesmos e de seus ascendentes terem vivido uma longa vida preparatória dirigida a esse fim, sem nem ao menos saber sobre esse fim. Então, habitam, amorosamente, um junto ao outro, em um único homem, uma riqueza transbordante das mais variadas forças e, ao mesmo tempo, o poder mais bem-sucedido de uma “vontade livre” e de um dispor senhorial; o espírito está, então, mesmo nos sentidos, à vontade e em casa, como os sentidos estão em casa e à vontade no espírito; e tudo o que acontece neste há de também desencadear naqueles uma felicidade e um jogo finos e extraordinários. E do mesmo modo o inverso! - que se pense sobre essa inversão na situação de Hafiz;³³⁶ mesmo Goethe, por mais que tenha sido em uma imagem mais enfraquecida, dá um pressentimento desse processo. É provável que em tais homens completos e bem aquinhoados as

atividades mais sensíveis sejam transfiguradas por uma metáfora de embriaguez da suprema espiritualidade; eles sentem em si uma espécie de *divinização do corpo* e estão no extremo oposto da filosofia de ascetas da sentença “Deus é um espírito”: no que vem à luz claramente que o asceta é o “homem malfadado” que chama de *bom* somente um algo em si, e justamente o algo que julga e condena - a isso ele chama “Deus”. Daquela altura da alegria, em que o homem sente a si mesmo e sente-se absolutamente como uma forma divinizada, como a autojustificação da natureza, até embaixo, até a alegria do camponês saudável e do saudável animal semi-humano: toda essa longa, imensa escala de luz e cores da *felicidade* o grego chamava, não sem o grato arrepião daquele que é iniciado em um mistério, e não sem muita prudência e piedoso silenciar - com o nome divino de: Dionisos. - O que *sabem* todos os homens modernos - os filhos de uma mãe frágil, múltipla, doente, estranha - da *magnitudo* da felicidade grega, o que eles poderiam saber a respeito! De onde os escravos das “ideias modernas” tomariam um direito a celebrações dionisíacas!

Quando o corpo grego e a alma grega “floresciam”, e não, por exemplo, em estados de doentio entusiasmo e loucura, surgiu aquele símbolo rico em mistério da afirmação do mundo e da transfiguração da existência, as mais elevadas alcançadas até hoje sobre a Terra. Aqui é dado um *critério* segundo o qual tudo o que cresceu desde então será achado curto demais, pobre demais, estreito demais: - que se pronuncie a palavra “Dionisos” diante dos melhores dentre nomes e coisas modernos, diante de Goethe, por exemplo, ou diante de Beethoven, ou diante de Shakespeare, ou diante de Raffael: e de uma só vez sentimos nossas melhores coisas e momentos *jugados*. Dionisos é um *juiz!* - Compreenderam-me bem? - Não há dúvida de que os gregos procuravam interpretar, a partir de suas experiências dionisíacas, os últimos mistérios “do destino da alma” e tudo o que sabiam sobre a educação e a

depuração, antes de tudo sobre a hierarquia irremovível e a bem conhecida desigualdade de valor dos homens entre si: aqui está o que, para tudo o que é grego, é a grande profundezza, o grande silenciar - *não se conhecem os gregos* enquanto o acesso subterrâneo e oculto permanecer aqui obstruído. Olhos importunos de eruditos nunca verão nada nessas coisas, por mais que se aplique erudição a serviço daquela escavação -; mesmo o zelo nobre dos tais amigos da Antiguidade, como o de Goethe e o de Winckelmann, tem justamente aqui algo de não permitido, quase de impertinente. Esperar e preparar-se; aguardar o jorrar de novas fontes, preparar-se na solidão para rostos e vozes estranhos; fazer sempre crescer sua alma purificada do rumor e da poeira de feira deste tempo; *superar* todo cristão por um supracristão, e não só eliminá-lo de si - pois a doutrina cristã foi a contradoutrina em relação à dionisíaca -; descobrir de novo o *Sul* em si e estender sobre si um céu do Sul claro, brilhante, repleto de mistérios; conquistar de novo para si a saúde sulina e a potestade oculta da alma; passo a passo, tornar-se mais avultado, mais supranacional, mais europeu, mais supraeuropeu, mais oriental, finalmente, *mais grego* - pois o grego foi o primeiro grande enfeixamento e síntese de todo o oriental e, justamente com isso, foi o *começo* da alma europeia, a *descoberta de nosso “mundo moderno”* -: quem vive sob tais imperativos, quem sabe o que *lhe* virá ao encontro um dia? Talvez, justamente - um *novo dia!*

1052

Os dois tipos: *Dionisos* e o *Crucificado*. - Há de verificar-se: o homem *religioso* típico - se é uma forma de *décadence*? Todos os grandes modernos são doentes ou epiléticos -: mas não deixamos então de fora um tipo de homem religioso, o *pagão*? Não é o culto pagão uma forma de agradecimento e de afirmação da vida? Não haveria de ser o seu supremo representante uma apologia e divinização da vida? O tipo de um espírito

bem-aquinhoado, arrebatado e transbordante... o tipo de um tipo que recolhe em si e *redime* as contradições e tudo o que é problemático na existência?

- Aqui ponho o *Dionisos* dos gregos: a afirmação religiosa da vida, da vida inteira, não negada ou dividida; - é típico: que o ato sexual desperte profundezas, mistério, veneração.

Dionisos contra o “Crucificado”: aí tendes vós a oposição. *Não* é uma diferença no que toca ao martírio - o martírio tem um outro sentido. A vida mesma, a sua eterna fertilidade e o seu eterno retorno, condiciona o tormento, a destruição, a vontade de aniquilamento... No outro caso, o sofrimento, o “Crucificado como o inocente”, vale como objeção contra esta vida, como fórmula de sua condenação. - Adivinha-se: o problema é o sentido do sofrimento: se é um sentido cristão ou se é um sentido trágico... No primeiro caso, ele deve ser o caminho para um ser bem-aventurado; no último, o *ser* vale como *bem-aventurado o bastante* para justificar ainda uma imensidão de sofrimento. - O homem trágico afirma o mais acre sofrimento: é forte, pleno, divinizante o bastante para tanto. - O cristão nega até a sorte mais feliz sobre a Terra: é fraco, pobre, deserdado o bastante para sofrer de toda forma na vida... “o Deus na cruz” é uma maldição contra a vida, um dedo indicador para libertar-se dela; - o Dionisos posto em pedaços é uma *promessa* para a vida: saindo da destruição, ele voltará sempre ao lar, renascido.

316 Época do acabamento e da publicação da última (quarta) das *Considerações intempestivas*, intitulada “Richard Wagner em Bayreuth”. [N.T.]

317 O verbo *beissen*, que significa “morder”, dá origem à palavra *Bissen*, “mordida”, que entra na composição da palavra *Gewissenbissen*, a qual significa “remorso”. “Remorso”, portanto, em alemão,

é “mordida da consciência” (consciência sendo a tradução da palavra *Gewissen*) - o que remete, afinal, ao sentido etimológico da nossa palavra “remorso”. Nessa passagem, Nietzsche decompõe a palavra alemã *Gewissenbissen* em seu significado original. [N.T.]

318 Em francês no original: “vapores”. [N.T.]

319 Em latim no original: “na prática”. [N.T.]

320 Quando Nietzsche se refere a “homem” acima, ele usa a palavra “*Mensch*”, que significa “homem” no sentido de “espécie humana”. Agora, o que pusemos entre aspas traduz a palavra “*Mann*”, que significa “homem” como “o gênero masculino humano”. [N.T.]

321 Em francês no original: “Revista dos dois mundos”, título de uma revista francesa da época romântica. [N.T.]

322 Em francês no original: “faculdade mestra”. [N.T.]

323 Em francês no original: “de sua bainha”. [N.T.]

324 Em francês no original: “no ideal e impossível”. [N.T.]

325 Em francês no original: “(...) e seu par: seu gênio tem a mesma estatura e a mesma estrutura; ele é um dos três espíritos soberanos do Renascimento italiano.” [N.T.]

326 Em francês no original: “puro, cru”. [N.T.]

327 Em latim no original: “advogado do diabo”. [N.T.]

328 Percy Bysshe Shelley (1792-1822), poeta inglês da segunda geração romântica, junto com Byron e Keats. Em sua peça *Rainha Mab* (1813) voltou-se contra as injustiças sociais com um ideário revolucionário. Foi considerado revolucionário pelos socialistas; era utopista, e o seu pensamento tinha, também, laivos de anarquismo. [N.T.]

329 Alfred de Vigny (1797-1863), poeta romântico francês. Manifesta seu pessimismo em *La Mort du loup* (1843), *La Maison du berger* (1844), *Le Mont des oliviers* (1844) e *La Bouteille à la mer* (1854), poemas longos, narrativos e filosóficos, publicados na *Revue des Deux Mondes* e depois, em 1864, reunidos em um volume intitulado *Les Destinées*. [N.T.]

330 Em italiano e grifado por Nietzsche: “furor expressivo”. [N.T.]

331 Adalbert Stifter (1805-1868), escritor austríaco. Dizia que as coisas tranquilas, quietas e cotidianas lhe pareciam mais importantes que as grandiosas. Em 1850 foi nomeado inspetor-geral das escolas primárias da Alta Áustria. Escreveu, de acordo com isso, um romance do tipo chamado “romance de formação”, intitulado *Nachsommer* (1857), considerado uma obra de um humanismo nobre e quietista, na qual podemos verificar os reflexos das ideias de veltice de Goethe. Foi admirado por Nietzsche e Thomas Mann. [N.T.]

332 Gottfried Keller (1819-1890), escritor suíço de língua alemã, considerado pós-romântico. Escreveu um romance de formação, *Der grüne Heinrich* (1855), em que relata sua própria vida, para mostrar as etapas da infância e da formação de um artista. Escreveu poemas intitulados *Gedichte* (1846) e *Neue Gedichte* (1851), considerados pós-românticos. Entre 1848 e 1850, estudou filosofia em Heidelberg. Foi influenciado pelo materialismo de Feuerbach. [N.T.]

333 Em francês e grifado por Nietzsche: “nobreza”. [N.T.]

334 O termo alcionismo vem da mitológica Alcíone, mulher de Ceíx e filha de Éolo, o senhor dos ventos. Segundo Ovídio, em *Metamorfose* (410-748), o marido de Alcíone teria morrido afogado durante uma viagem, e aquela, desconsolada, teria sido transformada por Zeus, que dela se compadeceu, em uma ave de canto plangente. Essa ave punha os ovos à beira ou sobre o mar, segundo as variações do mito. Por isso, Zeus ordenou uma calmaria dos ventos sete dias antes e sete dias depois do solstício de inverno. O alcionismo, de acordo com isso, é a concepção de uma calma feliz. Alguns martins-pescadores são chamados de alcíones, e seu canto é augúrio de um tempo bom sobre o mar. [N.T.]

335 Em latim no original. *Fati* é genitivo de *fatum*. *Fatum* significa “fatalidade, destino”. *Amor fati* significa, portanto, “amor ao destino”. [N.T.]

336 Hafiz, ou Chams al-Din Muhammed (1325-1389/1390), é considerado o maior poeta lírico da Pérsia. Lecionou teologia e, segundo consta, aprendeu de cor o Corão. De suas obras conhecemos a coletânea chamada *Diwan* [Divã], que mistura o misticismo com exaltações do vinho e do amor, porém não em um sentido propriamente erótico. Sobre Hafiz, Goethe escreveu uma série de poemas intitulada *West-Osterlich Diwan* [Divã ocidental-oriental]. [N.T.]

III. O ETERNO RETORNO

1053

Minha filosofia traz o pensamento vitorioso, com o qual, finalmente, sucumbe todo outro modo de pensar. É o grande pensamento *cultivador*: as raças que não o suportam são condenadas; as que o sentem como um grande benefício são selecionadas para o domínio.

1054

A luta *suprema*: para tanto é necessária uma nova *arma*.

O martelo: evocar uma decisão terrível: pôr a Europa diante da *consequência* de se sua vontade “quer” sucumbir.

Impedimento da mediocrização. Muito melhor ainda é sucumbir!

1055

Um modo de pensar e uma doutrina pessimistas, um niilismo extático, sob certas circunstâncias, pode ser indispensável justamente ao filósofo: como uma pressão poderosa e como um martelo com os quais ele despedeça e tira do caminho raças que degeneram e estão agonizantes, para abrir passagem para uma nova ordenação da vida ou para inspirar, naquele que quer degenerar e agonizar, um ansiar pelo fim.

1056

Quero ensinar o pensamento que dará a muitos o direito de eliminar-se, - o grande pensamento *cultivador*.

1057

O eterno retorno. Um livro de profecia.

1. Apresentação da doutrina, de seus pressupostos *teoréticos* e de suas consequências.
2. Prova da doutrina.
3. Prováveis consequências do fato de que ela *tenha fé* (ela conduz tudo ao *arrebentar*)
 - a) Meios de suportá-la
 - b) Meios de afastá-la
4. Seu lugar na História, como um *ponto intermediário*.

Tempo do supremo perigo.

Fundação de uma oligarquia *sobre* os povos e seus interesses: educação para uma política de todos os homens.

Contrapartida do jesuitismo.

1058

Os dois maiores pontos de vista filosóficos (achados pelos alemães): aquele do *devir* e o do *desenvolvimento*; aquele de acordo com o *valor da existência* (mas há de primeiro superar-se a deplorável forma do pessimismo alemão!) - reunido por mim de forma *decisiva*.

Tudo vem a ser e eternamente retorna - *escafeder-se* não é possível! - Posto que *pudéssemos* ajuizar o valor, o que se segue disso? O pensamento do retorno como princípio *de seleção*, a serviço da *força* (e da barbárie!!).

Maturidade do homem para *esse* pensamento.

1059

1. O pensamento do eterno retorno: suas pressuposições, que haveriam de ser verdadeiras se ele fosse verdadeiro. O que se segue dele.

2. Como o pensamento *mais pesado*: seu provável efeito caso não se tome precaução, isto é, caso todos os valores não sejam transvalorados.

3. Meios de *suportá-lo*: a transvaloração de todos os valores: não mais o prazer na certeza, mas na incerteza; não mais “causa e efeito”, mas o constante criativo; não mais vontade de conservar-se, mas antes vontade de poder etc., não mais o modo de dizer humilde “tudo é *somente* subjetivo”, mas sim “isso é também *nossa obra!*”, fiquemos orgulhosos com isso!

1060

Para *suportar-se* o pensamento do retorno é necessário: liberdade em relação à moral; - novos meios contra o fato da *dor* (dor concebida como instrumento, como pai do prazer; não há nenhuma consciência *somadora* do desprazer); - o gozo em toda espécie de incerteza, em toda tentativa, como contrapeso àquele extremo fatalismo; - afastamento do conceito de *necessidade*; - afastamento da “vontade”; - afastamento do “conhecimento em si”.

Suprema elevação da consciência de força do homem, como aquilo a partir do que se cria o super-homem.

1061

Ambos os modos de pensar extremos - o mecanicista e o platônico - entram em acordo no *eterno retorno*: ambos como ideais.

1062

Se o mundo tivesse um fim, ele haveria de já ter sido alcançado. Se houvesse para ele um estado final não intencional, então este haveria de já ter sido, do mesmo modo, alcançado. Se ele fosse capaz, em geral, de um persistir, de um tornar-se petrificado, de um “ser”, tivesse ele, em todo o seu devir, somente por um momento, essa capacidade do “ser”, então ele teria

chegado, mais uma vez, há muito tempo, ao fim do devir, também ao fim do pensar, ao fim do “espírito”. O fato do “espírito” *como um devir* prova que o mundo não tem nenhum fim, nenhum estado final e é incapaz de ser. - O antigo hábito, porém, de em todo acontecimento pensar em fins e de, para o mundo, pensar em um Deus condutor e criador é tão poderoso que, ao pensador, custa esforço não pensar para si próprio a falta de finalidade do mundo, por sua vez, como uma intenção. Nessa inspiração - que, portanto, o mundo intencionalmente se *esquiva* de um fim e sabe até prevenir artificialmente o cair em um circuito - haverão de incorrer todos aqueles que gostariam de decretar para o mundo a capacidade da *eterna novidade*, isto é, gostariam de decretar tal coisa com relação a uma força final, determinada, imutavelmente da mesma grandeza, tal como é “o mundo” - a capacidade maravilhosa da *infinita* reconfiguração de suas formas e situações. O mundo, ainda que não tenha mais nenhum Deus, deve ser capaz da força criadora divina, da força de transformação infinita; ele deve *proibir-se* arbitrariamente de voltar para uma de suas antigas formas; não deve ter tão só a intenção, mas também os *meios* de *guardar-se* de toda repetição; deve *controlar*, portanto, em cada momento, cada um de seus movimentos para evitar fins, estados finais, repetições - e todas as demais consequências de um tal modo imperdoável e louco de pensar e querer. Esse é sempre ainda o velho modo religioso de pensar e querer, uma espécie de nostalgia de acreditar que *em qualquer parte* o mundo é igual ao velho Deus, querido, infinito, criador ilimitado - que em alguma parte, todavia, “o velho Deus ainda viva” - aquela nostalgia de Spinoza, que se exprime nas palavras “*deus sive natura*”³³⁷ (ele sentiu mesmo “*natura sive deus*” -). Qual é, pois, o princípio ou fé com o qual se formula, o mais determinadamente, a virada decisiva, a *preponderância* alcançada agora pelo espírito científico sobre o espírito religioso inventor de deuses? Não é ele:

o mundo, como força, não pode ser pensado como ilimitado? Pois ele não pode ser pensado assim - proibimo-nos o conceito de uma força *infinita* como sendo inconciliável com o conceito “força”. Portanto - falta ao mundo também a capacidade para a eterna novidade.

1063

O princípio da conservação da energia exige o *eterno retorno*.

1064

Que uma situação de equilíbrio nunca tenha sido alcançada prova que ela não é possível. Mas, em um espaço indeterminado, haveria de ter sido alcançada. Do mesmo modo em um espaço esférico. A configuração do espaço há de ser a causa do movimento eterno, por fim, de toda “incompleteza”.

Prova de que “força”, “repouso”, “o permanecer igual a si mesmo” são coisas antagônicas. A medida da força (como grandeza) como fixa; sua essência [*Wesen*], porém, fluida.

Há que se despedir o “atemporal”. Em um momento determinado da força é dada a absoluta condicionalidade de uma nova repartição de todas as suas forças: ela não pode permanecer plácida. A “mudança” pertence intimamente à essência,³³⁸ portanto, também a temporalidade: com o que, porém, mais uma vez, somente a necessidade de mudança é estabelecida conceitualmente.

1065

Aquele imperador teve sempre presente a perecibilidade de todas as coisas para nunca tomá-las como demasiadamente *importantes* e para permanecer tranquilo em meio a elas. A mim parece, inversamente, que tudo é valioso demais para que pudesse ser assim tão fugaz: procuro uma eternidade para

cada coisa: poder-se-ia despejar no mar os mais preciosos unguentos e vinhos? - Meu consolo é que tudo o que foi é eterno: - o mar o arroja de novo.

1066

A nova concepção de mundo. - 1. O mundo persiste; ele não é nada que se torne, nada que passe. Ou antes: ele torna-se, passa, mas nunca começou a tornar-se e nunca cessou de passar - ele *mantém-se* em ambos... Vive de si mesmo: seus excrementos são o seu alimento.

2. A hipótese de um *mundo criado* não deve nos preocupar nem por um momento. O conceito “criar” é hoje completamente indefinível, inexequível; é só uma palavra, ainda, uma palavra rudimentar do tempo da superstição; com uma palavra não se explica nada. A última tentativa de conceber um mundo que *começa* foi feita há pouco, de variadas maneiras, com ajuda de um procedimento lógico - sobretudo, como é de se adivinhar, com uma intenção teológica dissimulada.

3. Quis-se, há pouco, de várias maneiras, encontrar uma contradição no conceito da infinitude temporal do mundo para *trás*: encontrou-se essa tal contradição, ao preço, claro, de confundir-se [a] cabeça com o rabo. A partir deste momento, nada pode me impedir de dizer, contando para trás, “nunca chegarei a um fim”: assim como posso contar, a partir do mesmo momento, para a frente, até o infinito. Somente se quisesse cometer o erro - prevenir-me-ei de fazê-lo - de igualar esse correto conceito de *regressus in infinitum* com um conceito, que *não é absolutamente realizável*, de um infinito *progressus* até agora, somente se estabelecesse a *direção* (para a frente ou para trás) como logicamente indiferente, iria poder agarrar a cabeça, este momento, como sendo o rabo: isso é coisa sua, senhor Dühring!³³⁹ ...

4. Nesse pensamento topei com pensadores anteriores: cada vez ele era determinado por outros pensamentos sub-reptícios (- na maioria das vezes teológicos, em favor do *creator spiritus*). Se o mundo, em geral, pudesse petrificar-se, secar, finar, tornar-se *nada*, ou se pudesse alcançar o estado de equilíbrio, ou se tivesse qualquer fim que encerrasse em si a duração, a imutabilidade, o uma-vez-por-todas (resumindo, dito metafisicamente: se o devir *pudesse* desembocar no ser ou no nada), então esse estado haveria de já ter sido alcançado. Mas ele não foi alcançado: donde se segue... Essa é a nossa única certeza, a que temos em mãos para servir de corretivo contra uma grande quantidade de hipóteses de mundo em si possíveis. Se, por exemplo, o mecanicismo não pode escapar da consequência de um estado final, que Thomson³⁴⁰ deduziu dele, então, com isso, o mecanicismo é *refutado*.

5. Se o mundo *pode* ser pensado como grandeza determinada de força e como número determinado de centros de força - e toda outra representação permanece indeterminada e, consequentemente, *inutilizável* -, segue-se disso que ele há de perfazer um número de combinações computáveis no grande jogo de dados da sua existência. Em um tempo infinito, cada combinação possível haveria de ser alcançada em qualquer altura por uma vez; mais ainda: ela haveria de ser alcançada infinitas vezes. E então, entre cada “combinação” e seu próximo “retorno”, todas as combinações possíveis haveriam de ter decorrido, e cada uma dessas combinações condiciona toda a sequência das combinações na mesma série, e assim seria, com isso, provado um circuito de séries absolutamente idênticas: o mundo como circuito que já se repetiu com infinita frequência e que joga seu jogo *in infinitum*. - Essa concepção não é, sem mais, uma concepção mecanicista: pois se ela fosse tal, então não condicionaría um infinito retorno de casos idênticos, mas sim um estado final. *Porque* o mundo não alcançou esse

estado, o mecanismo há de valer, para nós, como uma hipótese incompleta e somente provisória.

1067

Sabeis vós também o que é para mim “o mundo”? Devo mostrá-lo em meu espelho? Este mundo: uma imensidão de força, sem começo, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, não se torna menor, não se consome, só se transforma e, como um todo, é de imutável grandeza, um orçamento doméstico sem gastos e sem perdas, mas, do mesmo modo, sem crescimento, sem ganhos, encerrado pelo “nada” como por seu limite, nada que se desvaneça, nada desperdiçado, nada infinitamente extenso, mas sim, como força determinada, posto em um determinado espaço, não em um lugar que fosse algures “vazio”, antes como força em toda parte, como jogo de forças e ondas de força, ao mesmo tempo uno eário, acumulando-se aqui e ao mesmo tempo diminuindo acolá, um mar em forças tempestuosas e afluentes em si mesmas, sempre se modificando, sempre refluindo, com anos imensos de retorno, com vazante e montante de suas configurações, expelindo das mais simples às mais complexas, do mais calmo, mais inteiiriçado, mais frio ao mais incandescente, mais selvagem, para o que mais contradiz a si mesmo e depois, de novo, da plenitude voltando ao lar do mais simples, a partir do jogo das contradições de volta até o prazer da harmonia, afirmando a si mesmo ainda nessa igualdade de suas vias e anos, abençoando a si mesmo como aquilo que há de voltar eternamente, como um devir que não conhece nenhum tornar-se satisfeito, nenhum fastio, nenhum cansaço -: este meu mundo *dionisíaco* do criar eternamente a si mesmo, do destruir eternamente a si mesmo, este mundo misterioso da dupla volúpia, este meu “além de bem e mal”, sem fim, se não há um fim na felicidade do círculo, sem vontade, se não há boa vontade no anel que torna a si mesmo - vós quereis um nome

para este mundo? Uma *solução* para todos os seus enigmas? Uma *luz* também para vós, ó mais esconsos, mais fortes, mais desassombrados, mais ínsitos à meia-noite? *Este mundo é a vontade de poder - e nada além disso!* E também vós mesmos sois essa vontade de poder - e nada além disso!

337 Em latim no original: “Deus ou natureza”. [N.T.]

338 “Essência” traduz “*Wesen*” e significa movimento e articulaçao mais íntimos do ser (*esse*, em latim) e do vir-a-ser. [N.T.]

339 Karl Eugen Dühring (1833-1921) foi um filósofo, pesquisador da natureza e economista alemão que adotou um nacionalismo considerado simplista. Por causa de seus ataques contra certos professores, perdeu a licença de ensinar. Sua doutrina, em geral, era a de que todo o real seria definível por uma quantidade determinável e finita. A filosofia deveria conduzir a uma configuração racional da realidade. Dühring combatia toda religião do além, particularmente o judaísmo e o cristianismo, assim como a ordem social de sua época. Combateu especialmente o marxismo. Suas principais obras foram: *Dialética natural* (1865), *Crítica da história da economia nacional e do socialismo* (1871), *Crítica da história dos princípios universais da mecânica* (1872), *Lógica e teoria da ciência* (1878), *Autoexposição: questões, vida e inimigos* (1882). [N.T.]

340 William Thomson (1824-1907), conhecido como lorde Kelvin, influente físico inglês que contribuiu na criação da moderna termodinâmica, entre outros tópicos. [N.T.]

1^a reimpressão, março de 2011

Impressão: Imprinta, RJ

Papel da capa: Cartão supremo 250g/m²

Papel do miolo: Pólen bold 70g/m²

Tipografia: Minion, 11/13,5